

Tecendo

sentidos

investigações em estudos linguísticos, textuais e discursivos

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo
Célia Regina Arães
Gabriel Isola-Lanzoni
Larissa Vieira de Cerqueira
Lucas Pereira da Silva
Nathalia Akemi Sato Mitsunari
Sandra Gomes Rasquel
(organizadores)



FFLCH/USP

Tecendo sentidos: investigações em estudos linguísticos, textuais e discursivos

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Célia Regina Araes

Gabriel Isola-Lanzoni

Larissa Vieira de Cerqueira

Lucas Pereira da Silva

Nathalia Akemi Sato Mitsunari

Sandra Gomes Rasquel

(organizadores)

Tecendo sentidos: investigações em estudos linguísticos, textuais e discursivos

FFLCH/USP

São Paulo, 2024

DOI: 10.11606/9788575064986

Tecendo sentidos: investigações em estudos linguísticos, textuais e discursivos

Copyright © 2024 FFLCH/USP

Revisão técnica

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo
Célia Regina Araes
Gabriel Isola-Lanzoni
Larissa Vieira de Cerqueira
Lucas Pereira da Silva
Nathalia Akemi Sato Mitsunari
Sandra Gomes Rasquel

Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Reitor

Profa. Dra. Maria Armanda do Nascimento Arruda
Vice-Reitora

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul
Diretor

Profa. Dra. Silvana de Souza Nascimento
Vice-Diretora

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Prof. Dr. Ricardo da Cunha Lima
Chefe

Profa. Dra. Paola Poma
Vice-Chefe

Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto
Coordenador

Profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo
Vice-Coordenadora

Comissão Científica

Alexandre Marques Silva <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Kelly Cristina de Oliveira <i>Instituto Federal de São Paulo, Brasil</i>
Alvaro Magalhães Pereira da Silva <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Lucimar Regina Rodrigues Santana <i>Faculdade Flamingo, Brasil</i>
Andreia Honório da Cunha <i>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>	Manoel Luiz Gonçalves Corrêa <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Angela Correa Ferreira Baalbaki <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Marcus Vinícius Pereira das Dores <i>Universidade de Évora, Portugal</i>
Atauan Soares de Queiroz <i>Instituto Federal da Bahia, Brasil</i>	Maria Lúcia da C. V. O. Andrade <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Caio César Esteves Souza <i>Harvard University, Estados Unidos da América</i>	Maria Otília Guimarães Ninin <i>Universidade Federal de Pernambuco, Brasil</i> <i>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>
Carolina Lindenberg Lemos <i>Universidade Federal do Ceará, Brasil</i>	Maurício Beck <i>Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil</i>
Cibélia Renata da Silva Pires <i>NEAC/Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Michel Luis da Cruz Ramos Leandro <i>Centro Universitário Barão de Mauá, Brasil</i>
Cristian Henrique Imbruniz <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Michele Siqueira <i>Instituto Federal de Goiás, Brasil</i>
Cristina Lopomo Defendi <i>Instituto Federal de São Paulo, Brasil</i>	Naira de Almeida Velozo <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>
Daniel Mello Ferraz <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Renata Palumbo <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Edilson de Souza Soares <i>Universidade Federal de Sergipe, Brasil</i> <i>Secretaria Municipal de Educação de Manaus, Brasil</i>	Soraya Maria Romano Pacífico <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Eduardo Glück <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>	Sueli Maria Ramos da Silva <i>Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil</i>
Fabiane de Oliveira Alves <i>Universidade Federal do ABC, Brasil</i>	Sueli Pinheiro da Silva <i>Universidade do Estado do Pará, Brasil</i>
Fabio Fernando Lima <i>Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Tania Regina Lobato <i>Universidade Federal do Pará, Brasil</i>
Filipe Mantovani Ferreira <i>Instituto Federal de São Paulo, Brasil</i>	Thiago Jorge Ferreira Santos <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Gabriele Cristine Carvalho <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i> <i>Instituto Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Vanessa Gomes Teixeira Anachoreta <i>Universidade do Porto, Portugal</i>
Giovani Tridapalli Kurz <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Vanessa Fonseca Barbosa <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Hélson Sobrinho <i>Universidade Federal de Alagoas, Brasil</i>	Vivian Mannheimer <i>Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil</i>
	Yuri Andrei Batista Santos <i>Université Grenoble Alpes, França</i>

Os textos que compõem este livro foram aprovados pelo sistema de avaliação duplo-cega em um processo editorial que transcorreu ao longo do primeiro semestre de 2024.

Copyright Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Autorizada a sua reprodução total ou parcial para quaisquer fins acadêmico-científicos, desde que citada a fonte. A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação. A responsabilidade pela utilização de imagens é inteiramente dos autores presentes nesta publicação.

Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br>

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Charles Pereira Campos – CRB-8/8057

T255 Tecendo sentidos [recurso eletrônico] : investigações em estudos linguísticos, textuais e discursivos / Organizadores: Paulo Roberto Gonçalves-Segundo ... [et al.]. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2024.
8.300 Kb; PDF.

Vários autores.

ISBN 978-85-7506-498-6

DOI 10.11606/9788575064986

1. Análise do discurso. 2. Linguística aplicada – ensino e aprendizagem.
3. Língua Portuguesa – aspectos gramaticais. I. Gonçalves-Segundo, Paulo Roberto, coord. II. Araes, Célia Regina, coord. III. Isola-Lanzoni, Gabriel, coord. IV. Cerqueira, Larissa Vieira de, coord. V. Da Silva, Lucas Pereira, coord. VI. Mitsunari, Nathalia Akemi Sato, coord. VII. Rasquel, Sandra Gomes, coord.

CDD 401.41

Serviços de Editoração e Distribuição

Revisão

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo
Célia Regina Araes
Gabriel Isola-Lanzoni
Larissa Vieira de Cerqueira
Lucas Pereira da Silva
Nathalia Akemi Sato Mitsunari
Sandra Gomes Rasquel

Projeto Gráfico de Capa

Gabriel Isola-Lanzoni
Foto de fundo: Studentenkarzer, Heidelberg, Alemanha.
Acervo pessoal do capista.

Projeto Gráfico de Diagramação

Gabriel Isola-Lanzoni

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença *Creative Commons* indicada.



Os artigos publicados nesta obra são de inteira responsabilidade de seus autores.

Sumário

O político e o científico nos estudos da linguagem: uma apresentação ao livro	8
Nathalia Akemi Sato Mitsunari Larissa Vieira de Cerqueira Lucas Pereira da Silva Gabriel Isola-Lanzoni	
Impolidez, desacordo e avaliatividade: por um procedimento de análise para caracterizar a violência verbal	29
Adelmo Cordeiro Galindo Paulo Roberto Gonçalves-Segundo	
Nova geração: a representação do Brasil na trilogia de jogos <i>Street Fighter III</i>	51
André de Oliveira Matumoto	
Identidades de gênero e identidades discursivas: estudo sobre a construção do <i>ethos</i> das pessoas trans	79
Camille Guichard-Libersac	
Estratégias argumentativas da publicidade veiculada em mídias digitais: o caso da marca <i>quem disse, berenice?</i>	94
Denise Durante	
Linguagem Inclusiva de Gênero: fundamentos e manifestações	115
Iran Ferreira de Melo	
A campanha lado b do iFood e a complexidade nas relações no trabalho digital: desvelando outras revascularizações?	129
Jackelin Wertheimer Cavalcante Renata de Oliveira Carreon	

Perspectivas sobre a autoria na comunidade discursiva universitária	157
Juliana Chaves Farias Ferreira	
A voz imortal de Maria: análise da construção do auditório de Castro Alves e do discurso de uma mulher negra em um poema do autor	177
Kelly Rufino	
Discurso presidencial do Dia da Mulher de 2022: uma análise dialógica	201
Larissa Vieira de Cerqueira	
Museu digital e Museu físico: uma abordagem discursiva	231
Leonardo Gonçalves de Lima	
Semiótica e big data: o valor da ‘textualização’ na lógica capitalista da cultura dataficada.....	252
Letícia Moraes	
A construção do <i>ethos</i> discursivo na transmissão de <i>Quincas Borba</i> em apostilas de Português.....	273
Lilian Barros de Abreu Silva	
A representação do professor na discursividade do Escola Sem Partido: uma proposta analítica.....	304
Lucas Pereira da Silva	
Uma análise discursiva crítica e dialógica de notícias sobre o “ <i>Brazil</i> ” na Copa do Mundo de 2022	325
Marcos Luis Gomes Maciel	
Deize Crespim Pereira	
Reescrita, estilo e autoria	343
Raquel Lima Silva Costa	

Notas sobre inscri(ssurei)ções de movimentos sociais: ressignificação e revascularização discursivas	362
Roberto Leiser Baronas Marilena Inácio de Souza	
As reações críticas em uma interação polilocal no Reddit: um debate sobre a contratação de pessoas não vacinadas contra a Covid-19	377
Sandra Gomes Rasquel	
Discursos sobre educação: a saúde socioemocional como mercadoria	402
Thais Rosa Viveiros	
O signo ideológico “refugiado” nas esferas literária e jornalística	420
Viviane Mendes Leite	
Racismo, mídia e futebol: efeitos do discurso antirracista no caso Vini Jr.....	437
Viviane de Melo Resende Sinara Bertholdo	
“YOUTUBER SÓ FALA MERDA NA INTERNET?": considerações sobre a legitimação do ativismo digital no campo da esquerda	459
Winola Weiss	
Sobre os/as organizadores/as	491
Sobre os/as autores/as	494

O político e o científico nos estudos da linguagem: uma apresentação ao livro

Nathalia Akemi Sato Mitsunari
Universidade de São Paulo, Brasil

Larissa Vieira de Cerqueira
Universidade de São Paulo, Brasil

Lucas Pereira da Silva
Universidade de São Paulo, Brasil

Gabriel Isola-Lanzoni
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

De tempos em tempos, somos levados, enquanto atores que ocupam distintas funções nas práticas nas esferas política e científica, a refletir sobre eventos que são perspectivados como emblemáticos, em face de sua ancoragem sócio-histórica. Um desses exemplos é a entrega da faixa presidencial de 01 jan. 2023 ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, uma vez que, em decorrência da ruptura de protocolos causada pelo presidente anterior, promove a inserção de distintos indivíduos representantes de setores sociais em um espaço anteriormente marcado pela admiração distanciada.

Figura 1. Entrega da faixa presidencial a Luiz Inácio Lula da Silva em 01 jan. 2023



Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/01/crianca-negra-indigena-mulher-e-pessoa-com-deficiencia-entregam-faixa-presidencial-a-lula.ghtml>. Acesso em: 29 mai. 2024

Para tratar da imagem, esmiucemos a sua composição. Em primeiro lugar, são convidados a subir na rampa do Planalto 8 pessoas, “representativas da sociedade brasileira”¹ (Agência Brasil, 2023): Francisco Carlos Nascimento, criança negra moradora do Itaquera; Aline Sousa, terceira geração de catadores de recicláveis de sua família; Raoni Metuktire, cacique Kraitompyyaka; Ivan Baron, referência na luta anticapacitista; Wesley Viesba Rodrigues Rocha, metalúrgico do ABC Paulista; Murilo de Quadros Jesus, professor de Português e Inglês formado, integralmente, na rede pública de ensino; Jucimara Fausto dos Santos, cozinheira que participou da Vigília Lula Livre pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); e Flávio Pereira, artesão que também participou da Vigília Lula Livre.

No entanto, no contexto de tensões político-sociais, essas 8 pessoas não representam, apenas, 8 movimentos sociais brasileiros. Também são como uma resposta de Lula à ausência de Jair Bolsonaro – tanto na cerimônia de entrega da faixa presidencial, quanto em seus 4 anos de mandato, em relação às demandas dos 8 movimentos sociais presentes no palanque e de tantos outros. Nesse sentido, Francisco Carlos Nascimento representaria uma oposição às diversas declarações de cunho racista do ex-presidente². Aline Sousa seria a retomada de programas voltados para as associações e cooperativas de trabalhadores³. Raoni Metuktire seria todos os indígenas que tornariam a ter seus territórios, recursos minerais e hídricos respeitados no novo governo⁴, e Ivan Baron seria a revogação de políticas capacitistas estabelecidas por Bolsonaro⁵. Wesley Viesba Rodrigues Rocha consistiria na reaproximação do governo federal e dos sindicatos⁶, enquanto Murilo de Quadros Jesus seria

¹ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-01/saiba-quem-sao-pessoas-que-entregaram-faixa-presidencial-lula>. Acesso em: 29 mai. 2024

² Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-diz-na-tv-que-seus-filhos-nao-correm-risco-de-namorar-negras-ou-virar-gays-porque-foram-muito-bem-educados-2804755> e <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-repete-ofensa-que-fez-contranegros-e-quilombolas-tu-pesa-mais-de-7-arrobas-ne/>. Acesso em: 29 mai. 2024.

³ Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/lula-retoma-programa-para-catadores-de-reciclaveis-extinto-por-bolsonaro/>. Acesso em: 29 mai. 2024.

⁴ Cf. <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2236765&fichaAmigavel=nao>. Acesso em: 29 mai. 2024.

⁵ Cf. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10502.htm. Acesso em: 29 mai. 2024.

⁶ Cf. <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/03/05/governo-proibe-desconto-imposto-sindical-o-que-muda.htm>. Acesso em: 29 mai. 2024.

a revalorização da educação pública⁷. Por fim, Jucimara Fausto dos Santos e Flávio Pereira seriam uma reafirmação do Lula Livre⁸ frente aos ataques à elegibilidade e à legitimidade da autoridade política do atual presidente.

Em segundo lugar, a imagem é significativa ao retratar a aliança de Lula e Geraldo Alckmin em uma só chapa. Filiado, até 2021, ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), do qual foi presidente em 2017, Alckmin representava, antes, a chapa de maior oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT). De 1994 a 2014, os candidatos desse partido disputaram o favoritismo com os candidatos do PSDB nas corridas à presidência. PT e PSDB firmaram-se, ao longo de duas décadas, como “os dois maiores partidos a competir não somente pelo Executivo Federal, mas também com claros impactos nos demais âmbitos da federação (governos estaduais e municipais)” (Madeira; Vieira; Tarouco, 2017, p. 257).

A imagem congrega essas junções - dos movimentos sociais com o político e das figuras políticas outrora em oposição -, jogando luz sobre os diversos desvios, associações e composições que marcam a movimentação do social. Localizada em um tempo e em um espaço, a imagem responde a outros enunciados⁹, revelando a interseccionalidade de movimentos sociais, de seus valores e de suas (re)organizações. Evidencia, assim, a problemática da relação entre as dimensões da vida social, perspectivadas ora como autônomas, essencializadas, ora como codependentes, indissociáveis.

Frente a essas convergências e divergências, as ciências da linguagem se voltam para os diversos textos produzidos - como este em discussão -, para

⁷ Cf. <https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/75466-conhecamos-7-desastres-do-governo-bolsonaro-na-educacao-publica-no-brasil>. Acesso em: 29 maio 2024.

⁸ Disponível em: <https://lulalivre.org.br/>. Acesso em: 29 maio 2024.

⁹ A título de exemplificação, podemos retomar a discussão acerca da do acirramento de posicionamentos políticos e ideológicos que marca a contemporaneidade do país. Nesse contexto, o sufixo -ista ganha notoriedade, em produções como *petista* e *bolsonarista*, com sentido de “maneira de pensar, doutrina que alguém segue” (Bechara, 2015, p. 378). Os dados apresentados pela Datafolha em dezembro de 2023 (<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2023/12/20/ngddsuzgayofwhutaxzvj3iyd2va9vfbko-kt3y9unsaglycrdyb.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024) e em março de 2024 (<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2024/03/25/hxnnvpz2mvs5msosj0is3osfvijylucqhw-7mtjnjswq2pszj2h8pheveugt49u-qbzd6uncy5idru2kwegu1a.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024) ilustram como esses grupos têm sido compreendidos em uma dicotomização (petistas e bolsonaristas), o que tem sido objeto de investigação nas humanidades (cf. Oliveira, 2021; Oliveira, Golzio e Souza, 2023).

compreender os posicionamentos, suas relações e suas funções em nossa democracia. Os movimentos sociais, entretanto, não nos são, apenas, objetos de estudo. Eles nos levam a (re)pensar e a (re)avaliar funções retóricas, argumentativas e discursivas do consenso e do dissenso, em diferentes entrecruzamentos entre o formal e o social, o estético e o ético, sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

Neste capítulo, propomo-nos a discutir a relação entre a ciência e o político no âmbito dos estudos da linguagem, buscando sustentar a sua codependência não apenas no âmbito de objetos em investigação, mas também na preocupação de algumas abordagens. Para tanto, endereçamos, na primeira seção, a problemática da essencialização e da indissociação entre a ciência e o político, valendo-nos das reflexões propostas por Latour (2024). Em seguida, discutimos as preocupações sociais de três abordagens dos estudos da linguagem. Na seção final, apresentamos os capítulos que compõem este livro. Encerramos com as referências.

1 A problemática da essencialização e da indissociação da ciência e do político

Ao discutir a indissociação entre a ciência e o político, Bruno Latour (2014) problematiza a característica moderna atribuída à humanidade: a essencialização - e consequente dissociação - das diversas esferas da vida. O autor afirma que “é moderno quem pensa que, em um futuro próximo, a Ciência finalmente vai se apartar, de forma completa, da confusão arcaica com o mundo da política, dos sentimentos, das emoções, das paixões” (Latour, 2014, p. 111). Para o autor, paira uma dúvida - ou uma certeza do contraditório - sobre a possibilidade de se alcançar tal almejada essencialização, entendendo que a separação entre ciência e política seria fruto de apagamentos das redes de dependência do desenvolvimento científico com processos políticos com vistas à promoção do “espírito científico”, nos termos de Bachelard (1996 [1938]), ou à consolidação da individualidade do *cogito*, nos termos de Descartes (2001 [1989]).

Para exemplificar a impossibilidade dessa essencialização, Latour (2014) discute o caso de Arquimedes, apresentado, inicialmente, por Plutarco e

reapresentado pelo estudioso francês: o físico, Arquimedes, queria dedicar-se aos seus estudos em geometria e foi buscar o apoio do rei Hierão. Para tentar convencê-lo a lhe dar o suporte, mostrou-lhe como, com uma corda que acionava roldanas, era capaz de arrastar um barco com três mastros repleto de soldados, sem sacudi-los. Hierão, impressionado com a inversão da relação de forças - o ancião conseguira ser mais forte que o barco - questionou-se se Arquimedes também não conseguiria inverter, com a ciência, a relação de forças entre romanos e Siracusa, em guerra. Com o princípio da alavanca, então, mudou-se a escala das máquinas utilizadas em batalha, e a poliorcética permitiu que Arquimedes “sozinho defende[sse] Siracusa de todos os romanos” (Latour, 2014, p. 21).

Eis a grande questão: a técnica dos cercos militares ocupou os engenheiros por dois mil anos depois desse episódio. Isso porque, naquele momento, não interessava a ninguém, nem mesmo a Arquimedes, registrar a invenção militar. A Arquimedes interessava, apenas, o patrocínio do rei para o desenvolvimento puro da ciência - e a poliorcética representava, para ele, apenas um *meio* para conseguir isso. Ao rei interessava defender Siracusa dos romanos, e esses foram, de fato, derrotados. Passado esse confronto, Arquimedes voltou-se para seu interesse “pela ciência pura, aquela cuja demonstração se apoia somente em si própria e que pode ser chamada de sobrenatural” (Latour, 2014, p. 23). Mas ora, por mais que se compreenda uma ciência autônoma e, em sua relação com a política, a última faça usos pontuais da primeira, não se desenvolveu uma ciência prática nessa situação, ou seja, não se inventou a poliorcética sem o apoio do rei, tampouco se pôde fazer ciência pura sem o interesse político. Por outro lado, não haveria êxito militar - não se cumpririam os interesses políticos - sem o interesse da ciência. Disso decorre a defesa de indissociabilidade de Latour (2014, p. 62-63):

[...] atualmente não há agricultura que não passe em demasia por um laboratório de genética ou, ao menos, pelo filtro de um seletor de grãos; nenhum vereador decide uma ação sem receber a influência do parecer de um sociólogo ou de um urbanista; nenhuma jovem mãe faz um gesto que não esteja influenciado por um tratado de pediatria ou pela opinião de um psicólogo; não há disputa amorosa que possa prescindir Freud. [...] quanto mais avançamos no tempo, menos fica possível distinguir a ação humana, o uso das técnicas, a passagem pelas ciências e a invasão da política.

Embora o exemplo enfoque a área que, posteriormente, ficou conhecida como Física, podemos expandir essa reflexão para a área de estudos da linguagem, uma vez que reconhece a influência - ou, poderíamos dizer, codependência - do social sob o científico na proposição de abordagens ou teorias. A título de exemplificação, podemos tratar brevemente dos casos dos estudos bakhtinianos da linguagem e dos estudos críticos do discurso.

Os interesses de Mikhail Bakhtin encontraram os interesses da colônia russa de Vilno, onde residiu entre 1905 e 1912. A despeito dos interesses centralizadores e silenciadores do governo russo - que impunha o russo como a língua oficial e a ortodoxia russa como religião oficial -, a capital da Lituânia tinha, então, uma vivência heterogênea no cotidiano: sua população era formada por poloneses, lituanos católicos e alguns judeus que falavam o ídiche. A cidade era como “um museu de culturas contrastantes tanto no que diz respeito à variada arquitetura, como à mistura de línguas, culturas, grupos étnicos” (Brait, 1998, p. 166). Daí a importância dos conceitos da *heteroglossia* e do *plurilinguismo* em sua filosofia da linguagem. Por isso, para Bakhtin (2017), a morte absoluta é o estado de não ser ouvido, de não ser lembrado, de não ter seu centro de valores reconhecido pelo outro.

No âmbito dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), Wodak e Meyer (2016) reconhecem que o endereçamento de problemas sociais são o ponto de partida de investigações de qualquer abordagem da perspectiva, o que as tornam interdisciplinares e ecléticas. Os autores especificam ao afirmar que

as abordagens dos ECD são caracterizadas pelo interesse comum de desconstruir ideologias e poderes por meio da investigação sistemática e abdução de dados semióticos (escritos, falados ou visuais). Os pesquisadores da ECD também procuram tornar explícitas suas próprias posições e interesses, ao mesmo tempo que mantêm suas respectivas metodologias científicas e permanecem autorreflexivos em relação ao seu próprio processo de pesquisa (Wodak; Meyer, 2016, p. 4).

Nesse sentido, os interesses políticos encontram-se diretamente associados aos interesses da investigação científica.

Sobre isso, torna-se produtivo retomarmos Latour (2014, p. 30) no que se refere à discussão, a partir dos estudos etimológicos, do sentido de *interesse*: “o interesse é o que se situa entre duas coisas [ou mais]: *inter-esse*”. Para o

autor, o *inter-esse* das ciências da linguagem e da política, bem como dos movimentos sociais, têm valor epistemológico: determinam que, em cada etapa do desenvolvimento social, tenha havido um destaque a um conjunto específico de objetos - e não de outros -, ao qual se fazem determinadas perguntas - e não outras -, a serem respondidas pelo aporte teórico-metodológico que se julgar, então, mais adequado ou conveniente.

A escolha, aqui, pelos dois adjetivos - *adequado* e *conveniente* - se deve ao fato de que, nos estudos do texto e do discurso, compreende-se, cada vez mais, que o percurso da construção do conhecimento não é unidirecional, ao longo do qual se acumulam progressivamente resultados e se provam as técnicas. Ao contrário, compreende-se que o desenvolvimento do conhecimento científico resulta de constantes controvérsias e remodelações - características do fazer científico¹⁰ - em face de novas reflexões, em face de novas reflexões sociais. Admitir que a construção do conhecimento se faz por *inter-esses* de sujeitos que promovem desvios e, por vezes, cisões com o percurso, como no caso de Arquimedes, possibilita abrir-se para (re)definições de objetos, de métodos, a partir do contato com outros olhares - tão legítimos e necessários quanto o nosso.

A proficuidade do encontro entre olhares - entre *inter-esses* distintos - se expressa nos 21 capítulos que compõem este livro. São diversas as abordagens - teóricas e metodológicas - que conduzem as discussões promovidas. Destacaremos, contudo, apenas 3 na seção seguinte, para ilustrar a indissociabilidade de perspectivas científicas com o social.

2 A relevância do social nos estudos discursivos

Mais do que assumir questões sociais como objetos de pesquisa, perspectivas discursivas apresentam forte impacto do social em seu cerne, sinalizando a indissociabilidade entre o social e o científico.

No caso de Bakhtin e o Círculo, podemos citar três obras em que fica claro como sua proposta teórico metodológica fundamenta-se em uma concepção

¹⁰ Para uma discussão acerca de visões sobre o fazer científico, cf. Gil et al. (2001) - sobretudo, a discussão acerca da *visão acumulativa de crescimento linear* dos conhecimentos científicos - e Isola-Lanzoni & Gonçalves-Segundo (2024).

de língua/linguagem essencialmente social: i. *Problemas da obra de Dostoiévski* (Bakhtin, 2022[1929]); ii. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem* (Volóchinov, 2017[1929]); e iii. *O método formal nos estudos literários: introdução à crítica de uma poética sociológica* (Medviédev, 2019[1928]).

Na primeira obra, Bakhtin (2022[1929], p. 183-184) afirma: “A palavra é social por natureza. A palavra não é um objeto, mas um meio de comunicação social em eterno movimento [...] Em qualquer época, todo grupo social possui sua percepção da palavra e seu diapasão de possibilidades verbais”. As dinâmicas sociais são, portanto, complexamente construídas pela/na linguagem. Por isso o registro linguístico flagra as constantes mudanças da vida. Ao aspecto social, estão concatenadas as condições históricas e econômicas, de onde nascem os diversos estilos linguísticos. Bakhtin explica que “[...] a principal questão à qual deve responder a sociologia do estilo é sobre as condições históricas e socioeconômicas do nascimento desse estilo” (Bakhtin, 2022[1929], p. 272).

Na segunda obra, um dos conceitos fundantes é o de signo ideológico. Volóchinov (2017[1929]) questiona o dualismo entre o interior e o exterior, entre o individual e o social, e a primazia dos primeiros, na perspectiva do subjetivismo individualista, representado por Humboldt; e dos segundos, na perspectiva do objetivismo abstrato, representado por Saussure e Bally. Por um lado, o linguista russo compreende que a vivência expressa e a sua objetivação exterior são criadas a partir do mesmo material, o signo, cujo centro organizador e formador não se encontra dentro do indivíduo, mas no exterior. A compreensão de signos, desse modo, ocorre apenas na relação de um signo com outros signos já conhecidos, isto é, a compreensão responde ao signo e se faz por meio de signos. Por outro lado, a consciência, enquanto expressão material organizada em signos ideológicos, não está acima da existência – como no objetivismo abstrato do estruturalismo de Saussure, que a compreende como leis linguísticas inatas a um sistema estável e imutável de formas normativas e idênticas; tampouco permanece na cabeça do sujeito que pensa – como no subjetivismo individualista de Humboldt, que a entende como leis de criação individuais e psicológicas. Ela é parte da existência, é constituída

por signos ideológicos – signos da existência – e tem a capacidade de desempenhar um papel *na* existência.

Na terceira obra, Medviédev (2019[1928], p. 44) propõe “um estudo sociológico elaborado sobre as particularidades específicas do material, das formas e dos propósitos de cada campo da criação ideológica”. Ele esclarece que esses campos são, por exemplo, “da arte, da ciência, da moral, da religião” (Medviédev, 2019[1928], p. 44) e que cada um deles tem sua linguagem, marcando a diversidade de que se constitui a sociedade. O posicionamento ideológico desses grupos se realiza por meio da linguagem. Medviédev (2019[1928], p. 48) defende que “as concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras”.

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD), enquanto abordagem interdisciplinar, recorre a e se baseia em investigações de diversas e variadas áreas do conhecimento, como linguística, sociologia, estudos culturais, dentre outras, assumindo em seu bojo, enquanto princípio norteador, o compromisso com a mudança social. Seu objetivo, portanto, consiste em buscar jogar luz sobre discursos que contribuem para a construção e, mais importante, reprodução de estruturas de poder, de ideologias e de relações de desigualdade, para, então, criar subsídios para a mudança social.

Torna-se saliente, dessa forma, o quanto os ECD se preocupam com um *problema de natureza social*. Podemos retomar a citação de Wodak e Meyer (2016, p. 4) que tratamos na seção anterior:

[...] os Estudos Críticos do Discurso (ECD) como escola ou paradigma são caracterizados por um conjunto de princípios: todas as abordagens dos ECD são caracterizadas pelo interesse comum de desconstruir ideologias e poderes por meio da investigação sistemática e abdução de dados semióticos (escritos, falados ou visuais). Os pesquisadores da ECD também procuram tornar explícitas suas próprias posições e interesses, ao mesmo tempo que mantêm suas respectivas metodologias científicas e permanecem autorreflexivos em relação ao seu próprio processo de pesquisa.

Nessa esteira, lançando mão de recursos que permitem a análise de relações de poder que circundam a dinâmica social e que, por sua vez, podem ser acessadas por meio de pistas linguísticas nas diversas materialidades

textuais, a Análise Crítica do Discurso (ACD), tendo como expoentes teóricos Norman Fairclough, Teun van Dijk e Ruth Wodak, volta-se, especialmente, para a textualidade, que nos permite flagrar situações de injustiça, que se calcam numa dinâmica de desigualdade e que, portanto, possibilitam a interconexão com movimentos sociais.

A organização, a manutenção e, mais importante, a motivação por detrás de movimentos sociais, na busca por mudanças concretas das dinâmicas que sustentam nossa organização social, acabam sendo observáveis por meio de elementos constitutivos desses modos de organização textual e discursiva, tais como a formação de uma identidade coletiva, o reconhecimento da necessidade de resposta a injustiças observáveis ou ainda a experiências de opressão, a mobilização de recursos – humanos, tecnológicos, financeiros, dentre outros, necessários para o engajamento, organização e financiamento de indivíduos e entidades em prol de determinada causa –, o desenvolvimento de estratégias necessárias à concretização dos objetivos defendidos em suas pautas e a identificação e caracterização do contexto social e político que circunscreve a dinâmica das relações.

Valendo-nos, pois, especificamente, do modelo tridimensional de Fairclough, torna-se saliente a contribuição da ACD no processo de representação, (inter)ação e identificação – modos sociossemióticos relativamente estáveis de representar, agir e ser, respectivamente, noções estas constitutivas das Ordens do discurso. Ordens do discurso são, por seu turno, um dos elementos que constituem as Práticas Sociais, entendidas como “modos rotinizados, ligados a espaços e tempos particulares, por meio dos quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir conjuntamente no mundo” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 21) e que têm uma relação dialética constitutiva com as Estruturas Sociais, entendidas como as “condições de fundo duráveis que sustentam a vida social, mas que podem ser transformadas vagarosamente por ela” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 22).

Longe de incorrermos no equívoco da hipergeneralização de que a Estrutura seria apenas restritiva – afinal, enquanto elemento sistematizante acaba sendo, também, facilitadora –, salta-nos aos olhos, porém, que, diante das diversas e ricas pautas levantadas em nossa sociedade contemporânea, a

exemplo das apontadas no início de nosso capítulo, a ACD, na articulação com movimentos sociais, propicia a identificação de espaços de agenciamento nas mais diversas Práticas, a fim de valer-se de brechas e de possibilidades de mudança das Estruturas¹¹.

Referenciando, novamente, os movimentos sociais representativos e representados pela figura dos atores sociais elencados no início deste capítulo introdutório, junto deles se torna inevitável rememorar momentos em nossa história recente em que tais movimentos foram colocados à margem das prioridades das figuras responsáveis por representar a presença do Estado. Um movimento de resposta a essa articulação de marginalização, não raro, joga luz sobre desacordos que atravessam a disputa entre a tentativa de manutenção e o movimento ativo de mudança que, dialeticamente, constituem a tensão entre a perpetuação hegemônica e a resistência, o que nos aproxima dos Estudos Argumentativos.

Os Estudos Argumentativos, que datam desde os clássicos, mas que ressurgem em meados da década de 1950 com a publicação do *Tratado da argumentação: A Nova Retórica* (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002[1958]) e *Os usos do argumento* (Toulmin, 2006[1958]) - ambos publicados em 1958 -, se concentram sobre o estudo do conflitual. Baseada, originalmente, na tríade da retórica, lógica e dialética, os estudos da Argumentação se preocupam ora com eficácia persuasiva e de suas estratégias (com destaque aos acordos), ora com a estrutura dos raciocínios e a consistência de suas fundamentações, ou ainda, com o contato de pontos de vista e a resolução das diferenças de opiniões. Mais recentemente, tem ganhado notoriedade a relevância da propriedade sociosemiótica, propriedade essa que se ocupa das modalidades semióticas do ato de argumentar, sendo influenciadas pelos modos de representar, agir e ser, que são características da coerção discursiva, elemento constitutivo do processo argumentativo (Gonçalves-Segundo, 2023).

A interconexão constitutiva das propriedades argumentativas nos permite entender o rico aparato passível de mobilização quando em face do desacordo, especialmente aquele de visada mais explicitamente social, como

¹¹ Sobre isso, destacam-se os trabalhos de Viviane de Melo Resende, cf. Resende e Rodrigues (2024) e Ventura, Tavares e Resende (2022).

o que temos mencionado, remetido a e referenciando ao longo deste capítulo. Em face de situações de desigualdade, que estão no seio de movimentos sociais, a Argumentação se torna uma importante ferramenta de aproximação intercultural¹², assim como de exercício da cidadania, na medida em que se constitui enquanto um mecanismo de defesa da plausibilidade de posições alternativas no arena pública, o que traz para a superfície a presunção importante de que o desacordo precisa, antes de qualquer coisa, do pano de fundo da democracia para que possa comportar vozes dissonantes. Isso, por seu turno, contribui, significativamente, para a formação de uma educação cívica consciente, para uma sociedade efetivamente engajada e para a concretização de uma consciência crítica dos direitos e deveres que derivam de e que constituem o jogo das sociedades.

3 Apresentação dos capítulos deste livro

Este livro é composto - para além deste capítulo introdutório - por 21 capítulos que refratam investigações levadas a cabo por pesquisadores vinculados a variadas instituições nacionais e internacionais, dos mais variados níveis de formação de pós-graduação. Os capítulos resultam das apresentações realizadas no âmbito da décima quarta edição do Encontro de Pós-Graduandos em Estudos Discursivos da USP. Para compor este livro, contudo, os capítulos foram submetidos a um processo editorial de avaliação duplo-cega por pares. Apenas aqueles aprovados e modificados pelas autorias foram integrados ao livro.

Apresentamos, a seguir, cada capítulo do livro.

Neste livro, Adelmo Cordeiro Galindo e Paulo Roberto Gonçalves-Segundo se debruçam sobre a investigação em torno do aborto - um tema social capaz de suscitar debates em diversos meios -, tomando como objeto um artigo de opinião que aborda um caso de gravidez fruto de violência. No capítulo “Impolidez, desacordo e avaliatividade: por um procedimento de análise para caracterizar a violência verbal”, Galindo e Gonçalves Segundo

¹² Para uma discussão acerca do papel da argumentação na interculturalidade, cf. Isola-Lanzoni & Da Silva (2024).

elencam a polemicidade, a gestão de desacordos e a violência verbal como critérios a partir dos quais lançam seus olhares analíticos sobre uma sequência de comentários a serem analisados, lançando mão de conceitos caros aos estudos da polêmica, do desacordo, da impolidez e da avaliatividade. Seu empreendimento analítico permitiu examinar as condições interacionais que facilitam o surgimento da violência verbal, as estratégias de sua manifestação nos comentários analisados, além das suas conexões com os desacordos subjacentes, os quais estruturam dinâmicas identitárias e vínculos discursivos.

Em “Nova geração: a representação do Brasil na trilogia de jogos Street Fighter III”, André de Oliveira Matumoto discute a representação do país, ancorando-se na Semiótica Social (Hodge; Kress, 1988; Van Leeuwen, 2005) e nos estudos críticos do discurso (Machin; Mayr, 2012; Van Leeuwen, 2008). Desse modo, explicita representações presentes nos três jogos, que ora conectam-se a jogos anteriores, ora apresentam inovações na construção do Brasil nos videogames. Especificamente, Matumoto nota a transição da Amazônia como sinônimo do Brasil para um Brasil urbanizado na virada do século.

Camille Guinchard-Libersac realiza um estudo comparativo em torno de representações sociais da população *trans* no Brasil e na França em “Identidades de gênero e identidades discursivas: estudo sobre a construção do ethos das pessoas trans”. A partir de discussões desenvolvidas por Haraway, Maingueneau, Charaudeau, Bucholtz e Goffman, analisa elementos do discurso endógenos (relativos a como a comunidade trans se percebe) e exógenos (relativos a como a comunidade trans é percebida) na construção do *eu* em entrevistas semi-dirigidas que abordam o histórico familiar, educacional, profissional e social de mulheres *trans*. Como resultado, explicita diferentes recursos multissemióticos pelos quais essas mulheres, tão enfraquecidas pela sua marginalização sistemática nas sociedades, requerem a validação do *passing* pelo seu interlocutor. Lança-se luz, desse modo, sobre o processo de materialização de uma fala em tensão, entre diferentes imaginários e representações sociais.

Em “Estratégias argumentativas da publicidade veiculada em mídias digitais: o caso da marca quem disse, berenice?”, Denise Durante direciona seu olhar analítico para a dimensão publicitária da dinâmica que se dá na sessão de

comentários de uma postagem do perfil da marca de cosméticos no Instagram. A pesquisadora lança luz sobre os elementos lexicais a fim de identificar estratégias de interação mobilizadas pela marca em seu perfil na rede social e, para isso, mobiliza conceitos pertinentes à Análise Crítica do Discurso, em especial, a perspectiva anglo, a partir dos estudos faircloughianos. Sua contribuição nos apresenta uma dinâmica por meio da qual é possível observar efeitos persuasivos de vinculação afetiva dos consumidores com a marca diversamente do que se observa na publicidade das mídias tradicionais.

Iran Ferreira de Melo, no capítulo “Linguagem Inclusiva de Gênero: fundamentos e manifestações”, propõe-se a discutir os fundamentos da LIG (Linguagem Inclusiva de Gênero), ora denominada também como Linguagem Altruísta de Gênero e como Linguagem Disruptiva de Gênero. Para a discussão, Melo reflete sobre o que é gênero, assim como linguagem não-binária e não binariedade para endereçar a problemática de discursos glotofóbicos e o impacto na vida de pessoas trans (transexuais e travestis). Melo defende que a criação de alternativas ao masculino genérico não apenas promove a visibilidade para parte da população, mas também cria visões de mundo mais diversificadas.

Em “A campanha lado B do Ifood e a complexidade nas relações no trabalho digital: desvelando outras revascularizações”, Jackelin Wertheimer Cavalcante e Renata de Oliveira Carreon refletem sobre discursos que permeiam as relações entre trabalhadores do novo proletariado de serviços na era digital. Nas perspectivas da Análise do Discurso Digital (Paveau, 2019, 2021; Dias, 2018, 2019) e da Linguística Popular (Preston, 2021), desvelam como a linguagem no material coletado pela reportagem realizada pela apublica.org (04.04.2022) se relaciona com uma construção ideológica propulsora de metadiscursos. Por se inscreverem em situação de obstruções discursivas de diferentes naturezas, os discursos depreendidos da reportagem permitem acessar vozes e entrever processos de revascularização discursiva (Baronas; Lourenço, 2022) simples, complexas e até mesmo de outras naturezas, segundo as autoras.

Juliana Chaves Farias Ferreira debruça-se, no capítulo intitulado “Perspectivas sobre a autoria na comunidade discursiva universitária”, sobre o processo de construção de autoria de alunos de graduação na elaboração de

TCCs por meio da contraposição de versões distintas de elaboração dos trabalhos. Enfocando na primeira versão de três TCCs, Ferreira identifica fenômenos de substituição, supressão e acréscimo por parte dos/as graduandos/as em relação a outras vozes trazidas por meio de citações. A autora defende que esses fenômenos consistem em sinais da função-autor em criação na elaboração dos TCCs.

No capítulo “A voz imortal de Maria: análise da construção do auditório de Castro Alves e do discurso de uma mulher negra em um poema do autor”, Kelly Rufino parte da Nova Retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca para analisar o poema “A Cascata de Paulo-Affonso”, de Castro Alves. Rufino defende a existência de um auditório específico constituído senhores de escravos, que eram homens brancos da elite social e econômica brasileira do século XIX. Além disso, afirma que a construção do eu-lírico feminino por Castro Alves, sendo homem, poeta romântico, branco, heterossexual e religioso é a de uma mulher escravizada que seguia valores cristãos como a honra, o temor a Deus, a castidade e o medo da vingança.

Em “Discurso presidencial do Dia da Mulher de 2022: uma análise dialógica”, Larissa Vieira de Cerqueira investiga marcas linguístico-ideológicas presentes no tratamento dado à mulher no discurso presidencial de Jair Bolsonaro em 8 de março de 2022. Apoiando-se teórico-metodologicamente nos conceitos de discurso alheio, de Volóchinov, e de verbo-visualidade, conforme Brait, evidencia tensões presentes nesse discurso: ainda que se tratasse de uma homenagem ao dia das mulheres, o ex-presidente dirige-se, especificamente, aos seus pares, militares e demais apoiadores de seu governo presentes na plateia. Apesar do caráter oficial, Bolsonaro trata de sua vivência individual em família e evoca a particularidade de sua religião. Como resultado, Cerqueira explicita as relações de poder presentes na representação ideal da mulher cisgênero, religiosa, mãe, esposa, trabalhadora, romântica, ingênua, pura e nacionalista.

Leonardo Gonçalves de Lima, no capítulo “Museu digital e Museu físico: uma abordagem discursiva”, apoia-se no conceito de deriva de Michel Pêcheux, da Análise do Discurso (AD) francesa, e no conceito de distância de Dragos Simandan, da geografia humana, para analisar duas interações entre visitantes e objetos museológicos: i. no Museu da Pessoa (MuPe), em seu

espaço digital, a história “A saga das mulheres de Jesus”, criada por uma das visitantes-internautas, se torna acervo; ii. na Galeria Nacional de Londres, em seu espaço físico, o grupo *Just Stop Oil* se manifesta diante de uma pintura da série “Os Girassóis”, de Van Gogh. Lima defende que a distância entre os museus e visitantes não é medida apenas de forma física, mas o é a partir do ponto zero da enunciação segundo Benveniste, o que, segundo ele, mostra que a experiência da distância é uma experiência da linguagem. Além disso, conclui que, seja digital, seja fisicamente, a obra museológica remete ao invisível, pelo fato de ser enunciado, cuja/o interpretação/sentido é vária/o.

Em “Semiótica e big data: o valor da ‘textualização’ na lógica capitalista da cultura dataficação”, Letícia Moraes promove um debate teórico acerca da textualidade em contexto do *big data* a partir do arcabouço teórico da semiótica discursiva. Colocando em diálogo os estudos das ciências da computação e os estudos de semiótica, Moraes defende que a característica marcante do *big data* é o seu caráter (multi)semiótico, por textualizar práticas sociais que requerem suportes estáveis para que análises de comportamento possam ser realizadas.

No capítulo “A construção do ethos discursivo na transmissão de Quincas Borba em apostilas de Português”, Lilian Barros de Abreu Silva propõe-se a analisar formas de construção do *ethos* discursivo de sistemas educacionais que ofertam cursos de preparação para provas de vestibulares. Para tanto, Silva enfoca as formas como os sistemas educacionais transmitem a obra *Quincas Borba* nas apostilas. Valendo-se dos estudos de *ethos* discursivo, fortemente inspirados em Dominique Maingueneau, e dos estudos de Crítica Textual, a autora conclui que as transmissões da obra são marcadas por supressões e descontextualizações, o que levaria a um ensino de literatura acrítico.

Lucas Pereira da Silva, no capítulo “A representação do professor na discursividade do Escola Sem Partido: uma proposta analítica”, se dedica à análise dos recursos mobilizados para a representação da figura do professor em um artigo de opinião. Para isso, vale-se do conceito de Posicionamento Epistêmico como recurso pertinente à análise argumentativa e discursiva. Nesse sentido, o autor se debruça sobre o mapeamento da analogia que estrutura o texto que versa sobre a disputa em torno do Escola Sem Partido, atentando-se à pertinência da mobilização dos recursos de evidencialidade e

de modalidade epistêmica, bem como se voltando para os recursos mobilizados à representação do professor por parte do articulista, observando as flutuações terminológicas típicas dessa discursividade à qual se filia.

Em “Uma análise discursiva crítica e dialógica de notícias sobre o “Brasil” na Copa do Mundo de 2022”, Marcos Luis Gomes Maciel e Deize Crespim Pereira se debruçam sobre o processo de construção de representações do Brasil por meio da perspectiva de meios de comunicação jornalísticos de outros países de língua inglesa, mais especificamente, jornais britânicos e estadunidenses. Partindo de conceitos como os de heterogeneidade, hibridismo, metáfora e metonímia, calcados no arcabouço da Análise Crítica do Discurso de Fairclough, do Dialogismo de Bakhtin e da Teoria das Metáforas de Lakoff, os autores apresentam uma análise que joga luz sobre a detalhada relação metonímica entre a figura do país e a seleção brasileira presente no Campeonato Mundial de Futebol da FIFA no Catar.

Em “Reescrita, estilo e autoria”, Raquel Lima Silva Costa busca compreender como estratégias linguísticas referentes à reescrita - acréscimo, supressão, deslocamento e substituição - atrelam-se às noções de estilo e de autoria. Ancorando-se no paradigma indiciário de Ginzburg, analisa dois textos de estudantes do ensino médio técnico de uma instituição federal de ensino vinculados ao projeto Clube da Escrita. A autora contribui, desse modo, com as discussões em torno da escrita como ato singular, em que os sujeitos implicam-se em atividades de natureza epilinguística.

Roberto Leiser Baronas e Marilena Inácio de Souza, em “Notas sobre inscri(ssurei)ções de movimentos sociais: ressignificação e revascularização discursivas”, visam apresentar como alguns grupos sociais minoritários, especificamente, coletivos de alunos, praticamente invisíveis à opinião pública, por não estarem vinculados a uma instituição de classe como a União Nacional dos Estudantes - UNE, constroem, por meio de práticas discursivas, estratégias discursivas de ressignificação e de revascularização dos insultos e dos diferentes ataques que recebem de boa parte das instituições e da sociedade brasileira. Trata-se de uma proposta teórico metodológica para a compreensão de inscri(ssurei)ções, lugares em que a memória deixa as suas marcas, falando de feridas abertas e lidando com essas feridas, buscando curá-las e cicatrizá-las.

No capítulo “As reações críticas em uma interação polilocal no Reddit: um debate sobre a contratação de pessoas não vacinadas contra a COVID-19”, Sandra Gomes Rasquel discute como participantes da rede social Reddit, subreddit r/brasilivre, reagem criticamente aos argumentos em uma interação polilocal, buscando compreender o papel das reações críticas na negociação de pontos de vista sobre um tema em debate. O *corpus* consiste em uma interação polilocal que coloca em discussão a pertinência e a desejabilidade da contratação ou não de pessoas não vacinadas contra a COVID-19. Ancorando-se no debate sobre reações críticas (Krabbe; van Laar, 2011), polílogos (Kerbrat-Orecchioni, 2004; Lewiński, 2013; Gonçalves-Segundo, *no prelo*) e argumentação prática (Fairclough; Fairclough, 2012; Gonçalves-Segundo, 2021; 2023), Rasquel demonstra que há um desacordo sobre as Circunstâncias negativas vigentes que resultaram na emergência de um problema prático e sobre o Objetivo a ser atingido, bem como sobre os valores e suas hierarquias.

Thais Rosa Viveiros tem como foco os eventos de linguagem que materializam uma concepção de saúde socioemocional em um texto publicado no *Blog dos Colégios*, disponibilizado no site do Estadão. Ancorando-se teórico-metodologicamente em Maingueneau, Foucault, Dardot e Laval, realiza uma leitura interpretativo-analítica desse texto que desvela como a saúde socioemocional pode ser compreendida como uma mercadoria - consequência da dinâmica neoliberal e do cruzamento de formações discursivas. “Discursos sobre educação: a saúde socioemocional como mercadoria” localiza-se, desse modo, entre pesquisas que investigam o instanciamento da novidade e da tradição em educação, em suas convergências e divergências.

Viviane Mendes Leite, no capítulo “O signo ideológico “refugiado” nas esferas literária e jornalística”, baseia-se no conceito volóchinoviano de signo ideológico para analisar a obra *Dois meninos de Kakuma* de Marie Ange Bordas, que se passa no campo de refugiados em Kakuma, localizado no noroeste do Quênia, e uma notícia de primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* sobre refugiados do mesmo país. Leite considera as particularidades das diferentes esferas: a literária, com a subjetividade, e a jornalística, que pretende a objetividade, mas destaca que, em ambas, o posicionamento valorativo e

ideológico está marcado verbo-visualmente. Ela conclui que, enquanto na narrativa, os refugiados Gedi e Deng são protagonistas, corporificam-se, têm sentimentos, lembranças e ganham humanidade, estabelecendo conexão com o leitor, na notícia, a refugiada Salado dorme passivamente, sem voz, enquanto sua humanidade está no mesmo patamar das moscas que ocupam seu rosto.

Viviane de Melo Resende e Sinara Bertholdo, em “Racismo, mídia e futebol: efeitos do discurso antirracista no caso Vini Jr.”, enfocam o ataque racista sofrido pelo jogador brasileiro de futebol José Paixão de Oliveira Júnior, mais conhecido como Vini Jr., e a resposta do jogador nos dias que seguiram ao ataque. As autoras propõem-se a discutir potenciais efeitos da inovação da resposta de Vini Jr. na prática, o que tornaram o caso distinto de episódios anteriores. Para tanto, Resende e Bertholdo mapeiam, a partir dos estudos da Análise de Discurso Crítica (ADC), relações entre a prática reiterada de racismo contra Vini Jr., a reação do jogador nas redes sociais e as possíveis articulações de sua reação com discursos do movimento antirracista. As autoras atribuem, centralmente, à posição insubmissa do jogador e à alta distribuição de sua reação nas redes sociais a responsabilização da repercussão internacional e política do ataque, o que promoveu uma série de medidas adotadas por distintas instituições, com vistas a evitar a emergência de novos casos. Isso ilustra o que as autoras destacam ao final do capítulo: a relação dialética entre linguagem e sociedade no enfrentamento de injustiças sociais.

Por fim, no capítulo “‘YOUTUBER SÓ FALA MERDA NA INTERNET?’: considerações sobre a legitimação do ativismo digital no campo da esquerda”, Winola Weiss discute a militância em ambientes digitais. Para isso, vale-se de um olhar analítico minucioso, mobilizando conceitos pertinentes da Linguística Cognitiva, da Argumentação, da Análise Crítica do Discurso e de sua vertente cognitivamente orientada, com especial foco à noção de Proximização, cara ao desenvolvimento da noção de Movimentação Epistêmico-Axiológica enquanto estratégia discursiva multidimensional e como metodologia de análise, proposta pela autora. Em seu empreendimento analítico, a pesquisadora nos conduz no sentido de evidenciar a estratégia de refutação de uma visão cética a respeito do ativismo digital, com especial objetivo de assumir uma posição de responsabilidade por divulgar discursos e pautas dos movimentos

feministas, negros e LGBTQIAPN+, posição essa assumida pelas figuras militantes do vídeo que analisa.

Os 21 capítulos deste livro, desse modo, demonstram como, na construção do conhecimento sobre práticas sociais, práticas de linguagem, cruzam-se diferentes inter-esses *de* propostas teórico metodológicas de fazer científico e *de* outros campos ideológicos, expressões sociais que abarcam distintas ações e estados da atividade humana – convergentes ou divergentes – dando-lhes distintas ênfases valorativas. Na não existência de verdades ontológicas – científicas e sociais – que antecipam e fundam verdades ônticas, encontra-se a importância dos capítulos que compõem este livro: estão em relação de mútua influência com os diversos campos do mundo verboideológico. São, ao mesmo tempo, constituídos por diferentes inter-esses *da* existência e têm a capacidade de desempenhar um papel *na* existência, lançando um outro olhar para antigos inter-esses ou lançando luz sobre novos inter-esses sociais.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuições para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996 [1938].

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro&João, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da obra de Dostoiévski**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório e prefácio de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2022 [1929].

BECHARA, Evanildo. Sufixos. In: BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 375-383.

BRAIT, Beth. Mikhail Bakhtin: movimentos de reconstituição da história de um pensamento. **Revista USP**, n. 39, p. 158-173, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35080>. Acesso em: 06 jun. 2024.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh University Press, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1515/9780748610839>.

DESCARTES, René. Discurso sobre o Método. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1989].

GIL, Daniel et al. Para uma imagem não deformada do trabalho científico. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 7, n. 2, p. 125-153, 2001. DOI: <http://doi.org/10.1590/S1516-73132001000200001>.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Argumentação prática**: teoria, método e análise. 2023. 395p. Tese de Livre-docência - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

ISOLA-LANZONI, Gabriel; DA SILVA, Lucas Pereira. O lugar da argumentação na interculturalidade: reflexões a partir do curso *Problems in the Anthropology of Argument*. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes (Orgs.). **Argumentação e discurso na multidisciplinaridade**. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 89-116.

ISOLA-LANZONI, Gabriel; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Os discursos sobre ciência na polêmica em torno da segurança das vacinas: explorando as propriedades lógica, retórica, dialética e sociosemiótica da argumentação. In AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; SEIXAS, Rodrigo. **Argumentação e conflito: polêmicas em sociedade**. Campinas: Pontes Editores, 2024.

LATOUR, Bruno. **Cogitamus**. Seis cartas sobre as humanidades científicas. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: 34, 2014.

MADEIRA, Rafael; VIEIRA, Soraia; TAROUÇO, Gabriela. Agendas, preferências, competição: PT e PSDB em disputas presidenciais. **Caderno CRH**, v. 30, n. 80, p. 257-273, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792017000200004>.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **Método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Editora Contexto, 2019[1928].

OLIVEIRA, Hélio. O "Gabinete das Sombras" e a ascensão do discurso negacionista no Brasil. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. e427, 2021. DOI: <http://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id427>.

OLIVEIRA, Diogo Lopes de; GOLZIO, Derval Gomes; DE SOUZA, João Pedro Israel. Fake News y pseudociencia: la politización de los discursos sobre Covid-19 en Twitter de Brasil. Chasqui. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, v. 1, n. 153, p. 271-290, 2023. DOI: <http://doi.org/10.16921/chasqui.v1i153.4678>.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: A nova retórica. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002[1958].

RESENDE, Viviane de Melo; RODRIGUES, Cintia de Freitas. Intersectionality in human rights: a discursive critique to understand clashes between the extreme right and political resistance in Brazil. *Journal of Gender Studies*, p. 1-21, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/09589236.2024.2394549>.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. Tradução Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

VENTURA, Kárin Giselle Ferreira; TAVARES, Raylton Carlos de Lima; RESENDE, Viviane de Melo. Estratégias discursivas de legitimação: experiências em pesquisas sobre feminicídio e ativismo LGBT no Brasil. **MOARA**, v. 60, p. 203-227, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v0i60.12968>.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017[1929].

WODAK, Ruth; MEYER, Michel. Critical discourse studies: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel (Orgs.). **Methods of discourse studies**. Introducing Qualitative Methods series. Los Angeles, Londres, Nova Deli, Singapura e Washington: SAGE, 2015. p. 1-21. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284725923_Methods_of_Critical_Discourse_Studies_3rd_edition. Acesso em: 30 mar. 2024.

Impolidez, desacordo e avaliatividade: por um procedimento de análise para caracterizar a violência verbal

Adelmo Cordeiro Galindo
Universidade de São Paulo, Brasil

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Este capítulo tem como objetivo geral investigar as relações entre polemicidade, gestão de desacordos e violência verbal em comentários conversacionais em sites de jornais. O presente trabalho foca na discussão sobre um procedimento metodológico multidisciplinar que busca articular conceitos retóricos, interacionais e linguísticos para descrever e explicar os atos de violência verbal em ambientes on-line. Para debater a pertinência da proposta, analisa-se especificamente uma cadeia de comentários extraídos em resposta a um artigo publicado pelo jornal Gazeta do Povo sobre o caso de aborto de uma criança de 10 anos, vítima de estupro.

O aparato teórico-metodológico que fundamenta a análise que apresentamos neste trabalho está centrada nos conceitos de polêmica (Kerbrat-Orecchioni, 1980; Amossy, 2017; Neves, 2017), desacordo (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2020[1958]), impolidez (Culpeper, 1996, 2005) e avaliatividade (Martin; White, 2005; Gonçalves-Segundo, 2011). A partir dessa articulação, a análise buscará evidenciar as correlações entre os aspectos interacionais da polêmica e do desacordo com as estratégias de impolidez e avaliações negativas que materializam essa violência nos comentários.

Este capítulo encontra-se organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos o aparato teórico que embasa o procedimento de análise a partir do qual desenvolvemos nosso estudo da violência verbal; na segunda

seção, descrevemos o *corpus* analisado neste trabalho e, na terceira seção, desenvolvemos nossa análise dos comentários de internautas a um artigo do jornal Gazeta do Povo sobre o aborto. Ao final, tecemos nossas considerações acerca da produtividade e da pertinência do aparato teórico e do procedimento de análise que apresentamos para o estudo da violência verbal.

1 Aparato teórico-metodológico

A constituição do *corpus* que analisamos neste capítulo tem como base o conceito de polêmica na perspectiva de Kerbrat-Orecchioni (1980), Amossy (2017) e Neves (2017). Os comentários de leitores da plataforma jornalística analisados neste trabalho foram selecionados por ocorrerem em um contexto de polêmica acerca do aborto. Por esse motivo, consideramos relevante situar esse conceito em nosso aparato teórico.

Na perspectiva dos referidos autores, a interação polêmica remete ao contexto de combate, de guerra, trazendo para a argumentação atitudes inerentes a esse cenário bélico em que o principal objetivo é vencer a batalha e eliminar o adversário. Nesse sentido, Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 12) afirma que “o discurso polêmico é um discurso desqualificador. Isso significa que ele ataca um alvo [...] e investe todo arsenal de procedimentos retóricos e argumentativos no objetivo pragmático dominante de desacreditar o oponente e o discurso que ele sustenta”.

Nessa mesma perspectiva, Amossy (2017) salienta que a polêmica opera pela dicotomização de posições em torno de uma questão como a legitimidade do aborto, e por um movimento de polarização não apenas entre indivíduos, mas também entre grupos que defendem ideias divergentes e conflitantes, que não raro desemboca na desqualificação do outro como estratégia de afirmação do próprio argumento. Neves (2017) acrescenta, além disso, que é importante levar em consideração a repercussão pública e a difusão ampla e plausível do assunto em debate como fenômenos característicos da polêmica. Segundo Amossy (2017, p. 58):

É preciso ver que a polarização não provoca apenas um movimento de reagrupamento por identificação, ela trabalha também para “consolidar a identidade do grupo apresentando pejorativamente os outros” (Orkibi, 2008). Ela supõe a existência de um inimigo comum a tal ponto que à estratégia de afirmação positiva se acrescente “uma estratégia de subversão” que vem depreciar “o *ethos* de grupos, de ideologias e de instituições concorrentes” (King; Floyd, 1971, p. 244; tradução da autora).

A discussão acerca do aborto suscita uma tomada de posição por parte dos leitores do jornal não só em relação ao conteúdo do artigo, no caso de nosso trabalho, como também posicionamentos entre os próprios leitores, que podem ser pensados em termos de acordos e desacordos argumentativos. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020[1958]) salientam que a dinâmica argumentativa pressupõe a existência de um orador e um auditório, o que ocorre mesmo que essa interação seja mediada por plataformas e recursos digitais. Segundo os autores:

tanto o desenvolvimento como o ponto de partida da argumentação pressupõem acordo do auditório. Esse acordo tem por objeto ora o conteúdo das premissas explícitas, ora as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se dessas ligações; do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2020[1958], p. 73).

Como os autores salientam, os ouvintes (ou leitores quando se trata de textos) podem recusar as proposições do orador (ou autor do texto), gerando assim um desacordo, seja por não aderirem às premissas, seja por seu carácter unilateral, seja por elas lhes soarem tendenciosas (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2020[1958], p. 73). É importante notar que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020[1958]), o acordo é o ponto de partida, a base sobre a qual o orador constrói sua argumentação. Nesse sentido, se não houver acordo algum entre o orador e o auditório, a argumentação torna-se inviável, não há base de sustentação. Nos comentários analisados neste trabalho, como apresentamos na análise do *corpus*, é possível notar que a violência verbal tende a emergir em um contexto de polêmica e de desacordo entre os interlocutores que discutem o caso de aborto, objeto do artigo comentado por eles.

É importante ressaltar que entendemos a violência verbal numa perspectiva mais ampla em relação à impolidez, da qual tratamos a seguir, no sentido de que a violência verbal inclui outros aspectos como *flaming* (Kayany,

1998), discurso de ódio (Melo, 2020) etc. Nesse sentido, para este trabalho, focamos nossa análise em atos de violência verbal que coincidem com atos de impolidez nas interações entre os comentaristas. Como salienta Culpeper (1996, p. 359), a percepção de que “o comportamento de polidez envolve, entre outras coisas, o reconhecimento de que o interlocutor é uma pessoa como você; o comportamento de impolidez nega esse reconhecimento”.

Conforme essa perspectiva, os atos de violência verbal se expressam mediante os atos de impolidez: estratégias de impolidez e subestratégias de impolidez positiva e negativa (Culpeper, 1996; 2005). Culpeper (1996) propõe duas listas de subestratégias de impolidez (positiva e negativa) e de agressão à face, dispostas a seguir. Nessas listas, o autor põe em evidência ações como o insulto a pessoas próximas, o ataque a crenças, papéis sociais, o descrédito em relação à veracidade do que se está dizendo, a negação da possibilidade de contra-argumentar, dentre outras.

Quadro 1. Estratégias de Impolidez

Estratégias de impolidez
▪ Impolidez direta (<i>Bald on record impoliteness</i>): o ato ameaçador da face (FTA) é realizado de forma direta, clara, inequívoca e concisa em circunstâncias em que a face não é irrelevante ou minimizada. ▪ Impolidez positiva: o uso de estratégias pensadas para causar danos à face positiva do destinatário. ▪ Impolidez negativa: o uso de estratégias pensadas para causar danos à face negativa do destinatário. ▪ Impolidez indireta (<i>Off-record impoliteness</i>): o FTA é realizado por meio de uma implicatura, mas de tal forma que uma intenção possivelmente atribuída supera claramente qualquer outra. ▪ Retenção de polidez (<i>Withhold politeness</i>): ausência de estratégia de polidez quando ela seria esperada.

Fonte: Culpeper (2005, p. 41-44)

Quadro 2. Subestratégias de impolidez

Subestratégias impolidez positiva	Subestratégias impolidez negativa
▪ Ignore, despreze o outro: não reconheça a presença do outro. ▪ Exclua o outro de uma atividade. ▪ Desassocie-se do outro: por exemplo, negue associação ou espaço comum com o outro; evite sentar-se junto. ▪ Demonstre desinteresse, desconhecimento, antipatia. ▪ Use marcadores de identidade inadequados: por exemplo, use título e sobrenome quando um relacionamento próximo é pertinente, ou um apelido quando um relacionamento distante é pertinente. ▪ Use linguagem obscura ou sigilosa: por exemplo, mistifique o outro com jargão, ou use um código conhecido por outros no grupo, mas não pela pessoa-alvo. ▪ Busque discordância: selecione um tópico sensível. ▪ Faça o outro se sentir desconfortável: por exemplo, não evite o silêncio, faça piada, ou puxe uma conversa fiada. ▪ Use palavras tabu: xingue, use linguagem abusiva, ou profana. ▪ Chame o outro por apelidos: use nomes depreciativos.	▪ Gere medo: fomenta a crença de que uma ação prejudicial ao outro vai acontecer. ▪ Seja intransigente, despreze ou ridicularize: enfatize seu poder em relação ao outro. Seja desrespeitoso. Não trate o outro com seriedade. Desvalorize o outro (por exemplo, use diminutivos). ▪ Invada o espaço do outro: literalmente (por exemplo, posicionar-se mais próximo do outro do que o relacionamento permite) ou metaforicamente (por exemplo, pedir ou falar sobre informações que são demasiado íntimas dado o relacionamento). ▪ Associe explicitamente o outro a um aspecto negativo: personalize, use os pronomes “eu” e “você”. ▪ Evidencie o estado de devedor do outro.

Fonte: Culpeper (1996, p. 357-358)

Como é possível depreender das estratégias e das subestratégias de impolidez (positiva e negativa), Culpeper busca demonstrar como elas podem ser observadas nas interações sociodiscursivas como formas de não reconhecimento do outro enquanto semelhante, e, nesse sentido, como expressões de violência verbal. As subestratégias indicam como a impolidez pode ser sistematicamente orientada a atacar a face do interlocutor. As listas, ainda que provisórias, como salienta Culpeper (1996, p. 357), fornecem um ponto de partida para investigar mais profundamente a impolidez sem perder de vista a dimensão contextual. Ao propô-las, o autor ressalta a importância de se levar em consideração o contexto, para se proceder a uma análise adequada das estratégias discursivas que podem, ou não, ser impolidas. As listas também ressaltam que a impolidez não é aleatória; ela é estrategicamente empregada na interação (Culpeper, 2005).

Como muitas dessas estratégias envolvem avaliações sobre o outro e seus comportamentos, apreciações sobre o que se está em discussão e construções afetivas em torno de dados gatilhos, considerou-se relevante agregar ao procedimento analítico um aparato linguístico que permitisse dar conta, de forma detida, dessa diversidade. Logo, o sistema de AVALIATIVIDADE, proposto por Martin e White (2005) demonstrou ser uma ferramenta propícia.

Segundo Martin e White (2005, p. 1, tradução nossa), o Sistema de AVALIATIVIDADE analisa “como os falantes/escritores aprovam e desaprovam, valorizam e desvalorizam, concordam e discordam, por meio da linguagem”. Conforme Gonçalves-Segundo (2011), ele está associado aos Significados Identificacionais e Acionais, na medida em que a identidade se manifesta discursivamente por estilos que se relacionam com a rede de recursos interpessoais, como as avaliações instanciadas, o grau de comprometimento do ator social e as estratégias de construção de poder e solidariedade. Dessa forma, o Sistema de Avaliatividade visa a compreender esse processo intersubjetivo por meio do qual os falantes se alinham ou se distanciam de determinados sistemas de valor em dados contextos sociointeracionais. Segundo Fuzer e Cabral (2014), o foco do Sistema de AVALIATIVIDADE consiste em examinar os recursos linguísticos utilizados para expressar atitudes, construir alinhamentos e negociar relações interpessoais.

Martin e White (2005) descrevem o sistema de AVALIATIVIDADE a partir de três eixos de análise: ATITUDE, ENGAJAMENTO e GRADAÇÃO. Na pesquisa do doutorado, trabalhamos com os subsistemas de ATITUDE e GRADAÇÃO, que se mostraram mais relevantes para análise do *corpus* de nosso estudo.

O subsistema da ATITUDE é subdividido em quatro eixos de análise: **o tipo de atitude**, que consiste no caráter qualitativo da avaliação; **a polaridade**, que se subdivide em positivo ou negativo, a partir da cultura e dos significados construídos em um dado texto; **a responsabilidade**, ou seja, quem assume ou a quem é atribuído o papel de avaliador, se ao próprio enunciador, ou se ele atribui esse papel a outra voz; e **a manifestação**, que está relacionada à presença de um elemento léxico-gramatical na avaliação – caso que caracterizaria uma manifestação inscrita – ou à sua ausência, quando a avaliação se dá de forma implícita – caso em que se constataria uma manifestação invoca.

A ATITUDE consiste em um sistema semântico-discursivo da metafunção interpessoal da linguagem (Halliday, 2004), ou seja, em uma rede de opções linguísticas que permitem a expressão de **emoções** (afeto), de **juízos** (julgamento) sobre os comportamentos e de **avaliações** (apreciação) estéticas. Conforme Gonçalves-Segundo (2011, p. 171), os afetos se subdividem em eixos de *inclinação* – “avaliações acerca da desejabilidade de algo” –, *felicidade* – “rede de significados ligados, grosso modo, à alegria/tristeza e à afeição/antipatia” –, *segurança* – “sentimentos de paz/ansiedade e confiança/desconfiança em relação ao ambiente [...], o que inclui os indivíduos e as ações com os quais os agentes se envolvem” – e *satisfação* – “valorações de interesse/tédio e prazer/descontentamento em relação às atividades em que os atores sociais estão engajados”.

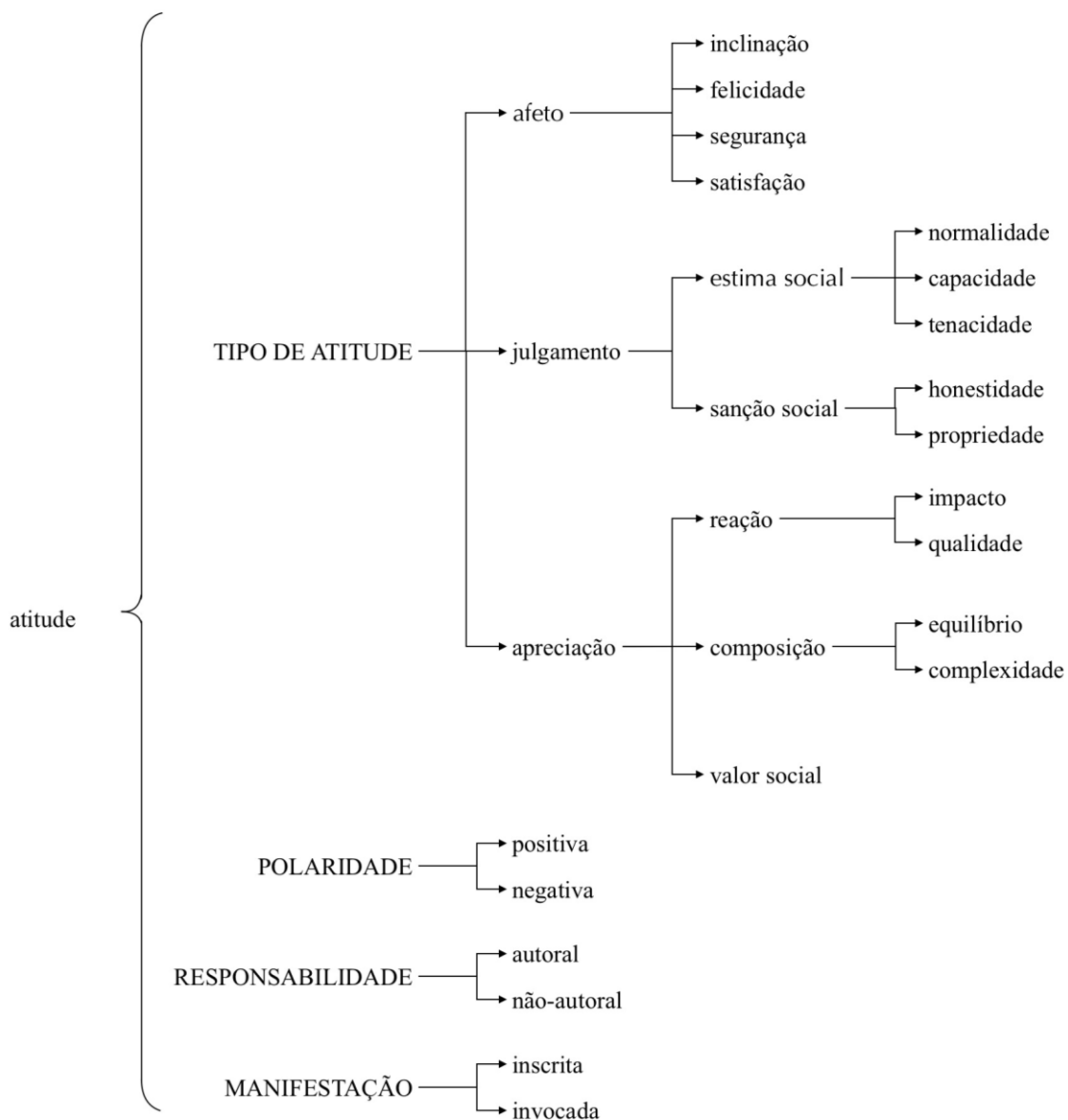
Segundo Martin e White (2005, p. 52), os **julgamentos**:

[...] podem ser divididos entre aqueles que tratam da “estima social” e aqueles orientados à “sanção social”. Os julgamentos de estima social têm a ver com “normalidade” (como alguém é incomum), “capacidade” (como são capazes) e “tenacidade” (como são resolutos); os julgamentos de sanção social têm a ver com “honestidade” (como alguém é verdadeiro) e “propriedade” (como alguém é ético).

Quanto à **apreciação**, os autores as distribuem em três categorias: *reação* (avaliação estética baseada na afeição emotiva ou desiderativa), *composição* (avaliação estética relacionada à percepção e à organização) e *valor social* (avaliação baseada na utilidade, importância, eficácia ou risco para os indivíduos).

Com base no que foi discutido e apresentado acima, temos o quadro da ATITUDE, disposto a seguir.

Quadro 3. O subsistema de ATITUDE



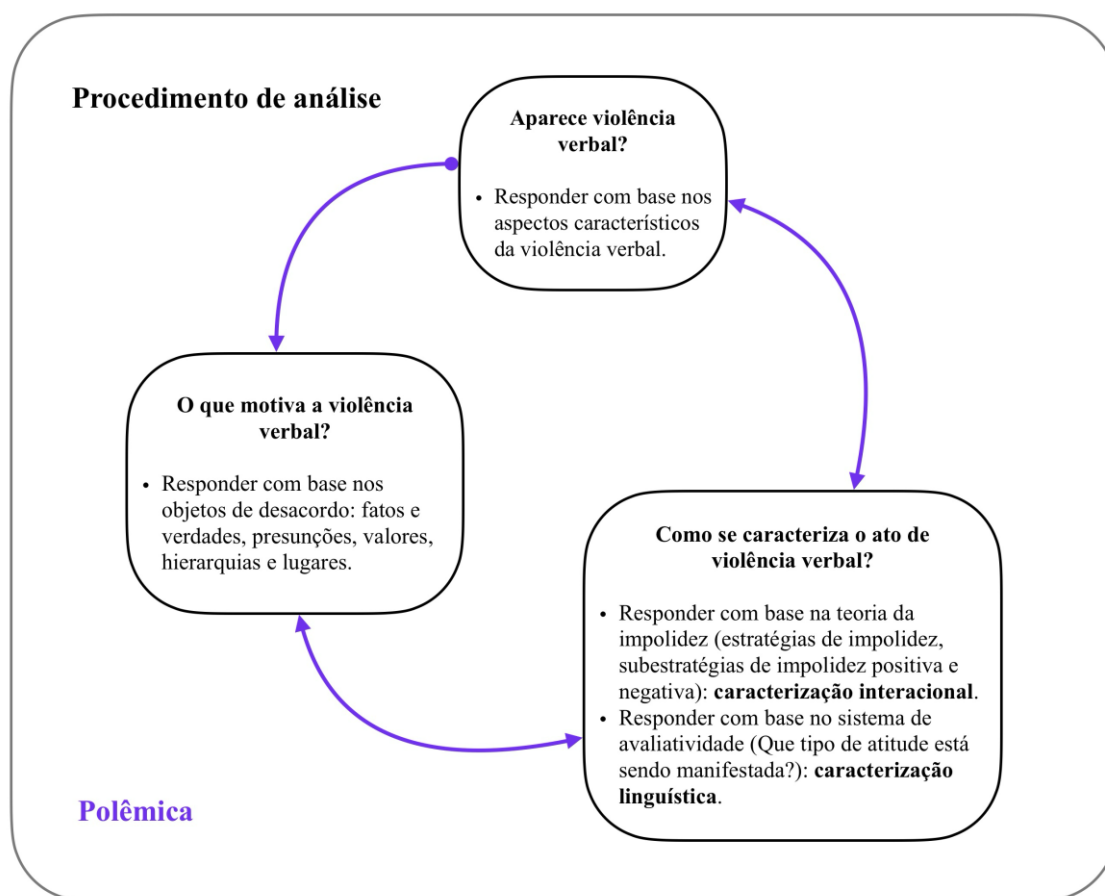
Fonte: Elaboração nossa, com base em Gonçalves-Segundo (2011)

A gradação, no Sistema de AVALIATIVIDADE proposto por Martin e White (2005), consiste na análise da intensificação ou quantificação (força) e da acentuação ou ofuscamento (foco) atribuídos ao objeto avaliado. A força está relacionada à intensidade ou quantidade com que se avalia algo e pode ser graduada por meio de recursos como repetição, uso de prefixos e sufixos, advérbios etc. O foco define em que medida o objeto avaliado corresponde a um núcleo ou instância prototípica de uma categoria semântica e pode ser

acentuado por meio de elementos como “verdadeiro”, “real”, “genuíno”; ou ofuscado mediante expressões como “do tipo”, “uma espécie de” etc.

Com base no aparato teórico que discutimos acima, desenvolvemos um procedimento para análise do *corpus* da pesquisa de doutorado e que aplicamos à análise do polílogo que apresentamos na **Seção 3**.

Quadro 4. Procedimento de análise



Fonte: Elaboração nossa

No procedimento de análise, partimos do *corpus* que foi selecionado por constituir uma interação que se dá em um contexto de **polêmica** (Kerbrat-Orecchioni, 1980; Amossy, 2017; Neves, 2017) e nos questionamos se aparece violência verbal nos comentários que estamos analisando. Considerando a manifestação da violência verbal na interação em análise, questionamo-nos o que a motiva e como ela se caracteriza. A resposta a esse último questionamento se dá com base na teoria da impolidez (nas estratégias e

subestratégias de impolidez), que permite interpretar o ato de violência verbal, e o sistema de AVALIATIVIDADE, que permite descrever sua realização linguística.

2 Descrição do *corpus*

Os comentários analisados a seguir integram o *corpus* da pesquisa de doutorado do primeiro autor, que investiga a violência verbal em comentários de leitores on-line nas plataformas de dois jornais: Folha de São Paulo (FSP) e Gazeta do Povo (GP). Em termos de contextualização, o *corpus* da referida pesquisa é constituído de 172 comentários feitos a um artigo da FSP e de 54 comentários feitos a um artigo da GP. Ambos os artigos tratam do mesmo caso de aborto de uma criança¹ de 10 anos, que tinha engravidado após um longo período de abusos sexuais praticados por parte do tio, em uma cidade interiorana do Estado do Espírito Santo. O aborto foi autorizado judicialmente e ocorreu no Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (Cisam-UPE), em Recife (PE), em 16 de agosto de 2020. Após as primeiras leituras feitas do *corpus* citado acima, selecionamos 16 cadeias de comentários (oito cadeias de comentários de cada um dos artigos) com atos de violência verbal. A primeira cadeia de comentários ao artigo da GP², composta por um conjunto de seis enunciados dispostos em ordem cronológica, constitui o *corpus* que analisamos neste capítulo.

3 Análise do *corpus*

Antes de iniciarmos a análise do *corpus*, apresentamos uma breve descrição dos níveis de interação na cadeia de comentários analisados, de modo a deixar mais claro como seus autores interagem (**Quadro 3**). A descrição dos níveis a seguir tem como base o trabalho de Azevedo, Gonçalves-Segundo e Piris (2021, p. 2302), bem como a conceituação desenvolvida sobre o termo comentário on-line em Paveau (2021) e a especificidade do *corpus* desta pesquisa.

¹ De acordo com o artigo 2º do **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei 8.069/1990), considera-se criança a pessoa com 12 anos de idade incompletos.

² Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/como-conflito-barbarie-bocalidade-nao-salva-crianca>. Acesso em: 29 ago. 2022.

- **Nível 1:** texto primeiro que suscita os demais comentários, no caso de nosso *corpus*, o artigo a respeito do aborto.
- **Nível 2:** comentário-resposta ao artigo (texto primeiro).
- **Nível 3:** comentário-resposta que interage com um comentário-resposta do **nível 2**.
- **Nível 4:** comentário-resposta que tem como comentário-alvo um comentário do **nível 3**.
- **Nível 5:** comentário-resposta que tem como comentário-alvo o comentário de **nível 4** e assim sucessivamente.

Embora todo conteúdo do *corpus* esteja disponível no portal do jornal Gazeta do Povo on-line, para qualquer usuário que acesse esse site, optamos por trabalhar com nomes fictícios, com as iniciais do nome registrado no perfil da plataforma, para preservar o sigilo e a identidade dos autores dos comentários.

Quadro 5. Polílogo de comentários do artigo da Gazeta do Povo

GP S IG VLD M EO E Nível 1 Nível 2 Nível 3 Nível 4 Nível 5		
Comentário	Nível	Reação
Comentador: S Esses baderneiros fizeram manifestações contra o aborto sem se importar com a vida. Só queriam se aparecer. Vai lá e dão apoio em dinheiro e moral para a mãe até completar 18 anos. O resto é resto. O que iam fazer? abandonos, como muitas crianças na rua...	2	👍 15 👎 12
Comentador: IG gostou do modo que o bebê foi morto?	3	👍 6 👎 13
Comentador: VLD Realmente é uma situação muito triste!!!!	4	👍 7
Comentador: M [IG]: os sentimentos da criança estuprada não valem nada, só do feto?	4	👍 5 👎 5
Comentador: EO [IG]: bebê não, feto.	4	👍 3 👎 7
Comentador: E [EO]: nada como usar eufemismos para justificar as coisas né? Vida é vida. Duas vidas destruídas, uma por um homem canalha e monstruoso, outra pela nossa sociedade baseada em sentimentalismo.	5	👍 4 👎 2

Fonte: Elaboração nossa

O comentário inicial de S (nível 2) apresenta, no primeiro complexo oracional, uma expressão agressiva, “Esses baderneiros”, uma ameaça direta à face positiva daqueles que foram ao Centro Integrado de Saúde Amauri de Medeiros (Cisam), em Recife, onde ocorreria o aborto tratado no artigo da GP, manifestar repúdio ao médico que realizaria o procedimento, bem como àqueles que defendiam a iniciativa dos manifestantes, ou, por algum motivo, se identificavam com as ações deles. Chamar os manifestantes de “baderneiros” constitui uma impolidez negativa, pois atenta contra a reputação social de defensores da vida que os membros do grupo esperam ter. Essa forma de se referir ao grupo constitui também uma subestratégia de impolidez positiva, no sentido de “usar nomes depreciativos” (Culpeper, 1996, p. 358) em relação ao outro, com o intuito de desqualificar sua reputação.

Em termos de avaliatividade, essa atitude de S manifesta um julgamento negativo de sanção social relativo à propriedade, no sentido de que “baderneiros” sugere uma conduta antiética ou ilegal, contrária às normas sociais, por parte dos manifestantes. Como afirma Gonçalves-Segundo (2011, p. 172), “a sanção social abarca avaliações usualmente codificadas pela cultura da escrituralidade, por meio de decretos, regras, regulamentos e leis”.

Ainda neste mesmo segmento, S acusa os manifestantes de serem incoerentes e inconsequentes: “fizeram manifestações contra o aborto sem se importar com a vida”. Tal acusação constitui, por sua vez, uma ameaça à face positiva desses ativistas. Esse ataque de S é direcionado ao mote central do grupo que se posiciona contra o aborto, de modo geral e também nesse caso específico: a defesa da vida. Esses manifestantes se posicionam, discursivamente, como integrantes de um movimento pró-vida. Tal posicionamento constitui, como mencionamos acima, também uma das “convicções” editoriais do próprio jornal no qual foi publicado o artigo, a convicção 4: “Defesa da vida desde a concepção” (*As convicções editoriais da Gazeta do Povo em resumo* [01/02/2019]). Nesse sentido, S efetua um segundo ataque à face positiva dos integrantes do grupo, à expectativa de aprovação que eles podem ter para justificar suas ações que buscam impedir a efetuação do aborto da gestante de 10 anos. É possível notar que o ataque de S também se estende a todos aqueles que se sentem representados por essa defesa da vida desde a concepção expressa pelo jornal e a defendem mesmo em

situações limítrofes como demonstra ser esse caso específico. S não faz uma crítica específica às ideias dos manifestantes pró-vida, mas um ataque genérico ao grupo de pessoas que se manifestavam contra o aborto, chamando-os de "baderneiros". S generaliza de forma maniqueísta a identidade e os motivos do grupo do qual ele discorda. Sua visão da manifestação como mera encenação descredibiliza a perspectiva pró-vida, reforçando a fronteira entre um "nós" (os sensatos) e um "eles". Constitui-se, portanto, na perspectiva de Amossy (2017), uma retórica de polarização por meio da qual se consolidam identidades coletivas antagônicas. A complexidade do tema do aborto se perde, e o debate se torna uma arena em que grupos rivalizados disputam poder simbólico. Como defende a autora, essa dinâmica tanto dificulta o debate sobre temas de interesse público quanto intensifica a dicotomização.

A expressão contida nessa primeira sentença, "sem se importar com a vida", constitui ainda um julgamento que nos parece significativo em termos de caracterização da violência verbal expressa no comentário de S. Trata-se de um julgamento negativo de estima social associado à [falta de] tenacidade, no sentido de não comprometimento efetivo do grupo com a defesa da vida.

Esse julgamento negativo é intensificado com a próxima sentença: "Só queriam se aparecer". Notamos que esse julgamento negativo e de sanção social ocorre também de forma inscrita e é relativo à honestidade, uma vez que sugere um comportamento hipócrita ou mentiroso por parte dos manifestantes, que teriam interesses incoerentes com a defesa da vida, segundo S, ao se manifestarem contra a realização do aborto no caso em análise.

Notamos ainda, nessa mesma expressão, mais uma estratégia de impolidez positiva que visa a causar mais danos à face positiva do grupo. Ao atacar um dos valores mais caros ao grupo, afirmando que os manifestantes não se importavam com a vida e só queriam aparecer – o que, segundo Culpeper (1996, p. 358), constitui uma subestratégia de impolidez positiva: busque discordância, selecione um tópico sensível –, S fere também a sensibilidade dos leitores do jornal que compartilham de sua "convicção" de defesa da vida desde a gestação.

Na sequência do comentário de S - “Vai lá e dão apoio em dinheiro e moral para a mãe até completar 18 anos. O resto é resto. O que iam fazer? abandonos, como muitas crianças na rua...” -, observamos uma divergência entre ele e os manifestantes anti-aborto que está centrada em valores. Enquanto para os manifestantes o valor a ser defendido, preservado, é o feto em desenvolvimento no útero da criança de 10 anos, para S o que importa é garantir dignidade e condições adequadas de vida à gestante até o nascituro completar 18 anos. Como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020[1958], p. 85), em uma discussão - no domínio da argumentação - é possível que um valor seja desqualificado, subordinado a outros, ou interpretado.

Partindo dessa perspectiva, é possível inferir que o desacordo entre S e os manifestantes se dá com base na própria concepção de defesa da vida. Defender a vida equivale, para os manifestantes, a evitar o aborto e, para S, a auxiliar financeiramente e moralmente a gestante e o bebê até os 18 anos de idade. Nesse contexto de desacordo com base em valores, a violência verbal emerge e se materializa em atitudes de julgamentos negativos e atos de impolidez positiva da parte de S em relação aos manifestantes anti-aborto e àqueles que se sensibilizam em favor da causa que o grupo diz defender.

Nesse sentido, embora curta, a primeira resposta ao comentário de S é perspicaz e impactante, como podemos observar a seguir.

Comentador: IG gostou do modo que o bebê foi morto?	3	 6  13
---	----------	---

Não há resposta simples (sim/não) para esse comentário de IG que evite pôr em risco a face positiva de S, a quem IG se dirige no comentário. É importante mencionar que o artigo da Gazeta do Povo, além de expor uma foto chocante de um aborto em primeiro plano³, traz também uma descrição do procedimento médico do aborto feita por uma profissional especialista da área, em outras palavras, uma autoridade no assunto, em termos argumentativos:

³ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/como-conflito-barbarie-bocalidade-nao-salva-crianca>. Acesso em: 29 ago. 2022.

A ginecologista e obstetra Elizabeth Kipman, coordenadora nacional de Bioética do Movimento da Cidadania pela Vida - Brasil sem Aborto, explica que o aborto provocado se torna mais complicado quanto maior o tempo de gestação.

O procedimento, segundo ela, começa com a morte do bebê dentro do útero. "Primeiro se mata o nenê atravessando uma agulha comprida pela barriga da mãe. Atravessa o útero até chegar ao coração do nenê. O nenê foi morto com uma injeção de cloreto de potássio", diz. (Jornal Gazeta do Povo)

A pergunta de IG a S parte desse conhecimento compartilhado, que é reforçado pela foto destacada pelo jornal no início do artigo. Nesse caso, entendemos que ocorre uma impolidez positiva e que IG recorre a uma subestratégia de impolidez descrita por Culpeper (1996, p. 358): "Faça o outro se sentir desconfortável". Não se trata de "gostar" ou não de um procedimento de aborto. A pergunta feita por IG coloca S em uma situação de não resposta, de desconforto, ao mesmo tempo em que constitui um julgamento negativo de sanção social de propriedade em relação a S. Ao perguntar se S "gostou do modo que o bebê foi morto", IG faz uma insinuação de que S apoiaria o sofrimento e a crueldade praticada contra o feto, visto que ele é a favor do aborto no caso em análise, o que violaria valores éticos fundamentais como o respeito à vida e à integridade física. Nesse sentido, o comentário de IG configura um julgamento negativo sobre o caráter moral e a personalidade de S, mediante uma acusação velada de que ele seria uma pessoa sem sentimentos e sem empatia.

Na perspectiva da pergunta de IG, concordar com o aborto equivaleria a concordar com a crueldade do procedimento descrito no artigo e/ou mostrado na foto, ao que ele reage agressivamente. Evidencia-se assim o desacordo entre ele e S no que se refere ao aborto da criança gestante. A subestratégia de impolidez positiva e o julgamento negativo de sanção social de propriedade constituem dessa forma uma motivação para a resposta violenta ao comentário de S, em uma tentativa de deslegitimar o posicionamento dele, atacando seu caráter moral.

Sobre os demais comentários, tecemos algumas considerações gerais, mas antes os reportamos para uma releitura.

Comentador: VLD Realmente é uma situação muito triste!!!!	4	 7
Comentador: M [IG]: os sentimentos da criança estuprada não valem nada, só do feto?	4	 5  5
Comentador: EO [IG]: bebê não, feto.	4	 3  7
Comentador: E [EO]: nada como usar eufemismos para justificar as coisas né? Vida é vida. Duas vidas destruídas, uma por um homem canalha e monstruoso, outra pela nossa sociedade baseada em sentimentalismo.	5	 4  2

O comentário de VLD introduz o quarto nível de interação e expressa empatia em relação ao apelo feito por IG ao sofrimento do bebê, solidarizando-se com a situação dolorosa. O comentário de M, no mesmo nível de interação (4), confronta diretamente a defesa de IG que, segundo M, desconsidera os sentimentos da gestante, o que pode ser entendido como uma estratégia de impolidez indireta – conforme Culpeper (1996), uma impolidez *off-record*. Ao fazer a pergunta retórica, M insinua que IG menospreza os sentimentos da gestante vítima de um estupro.

Dessa forma, M traz à tona uma contradição no posicionamento de IG: no afã de atacar o procedimento do aborto, ele estaria negligenciando a vítima de uma violência grave (a “criança estuprada”). Na perspectiva de Culpeper (1996), podemos notar ainda que o comentário de M tende a associar IG a algo negativo, a uma defesa incoerente, que olha para o feto esquecendo-se da gestante. Essa ação é classificada como uma subestratégia de impolidez negativa pelo autor: “associe explicitamente o outro a um aspecto negativo” (Culpeper, 1996, p. 358).

Essa associação constitui um julgamento negativo de sanção social que indica, ao mesmo tempo, uma atitude de hipocrisia (falta de honestidade) e imoralidade (falta de moral, de propriedade) – no sentido que é contraditória e indefensável –, da parte de IG, em relação aos sentimentos da “criança estuprada”. Tal atitude remete ao desacordo entre M e IG no que se refere à abordagem do caso em discussão. Não é possível afirmar, a partir do *corpus*, que M esteja fazendo uma defesa do aborto, mas é possível notar que ele

discorda da postura de IG, que se opõe ao aborto, chama a atenção para o feto e negligencia a gestante.

EO interpela IG precisando que não se trata de “bebê”, mas de “feto”. Essa mesma escolha vocabular e semântico-discursiva também se nota no comentário de M, embora ele não a reivindique, como faz EO. Dessa forma, ele traz à tona um ponto central da polemicidade e do desacordo acerca do aborto e, com isso, realimenta o conflito.

A escolha entre as palavras “bebê” (IG) e “feto” (M e EO) – inclusive destacada por EO – para se referir à gestação evidencia vinculações a diferentes discursos, visões de mundo e posicionamentos dicotômicos a esse respeito. Falar em “bebê” vincula-se a uma posição pró-vida, que atribui personalidade, direitos e status moral ao embrião/feto. Enquanto a palavra “feto” carrega uma visão distinta, que faz o oposto. Essas oposições terminológicas, portanto, manifestam e reforçam dicotomias pré-existentes sobre quando a vida humana se inicia, seu valor moral e seus direitos – questões que estão na raiz das controvérsias relacionadas ao aborto e dos desacordos entre os comentadores do artigo. Dessa forma, escolher uma ou outra palavra constitui uma forma de demarcar a adesão do locutor a uma das posições antagônicas nesse debate complexo. Nesse sentido, os termos em si mesmos operam como marcadores discursivos de proximidade e antagonismo em relação a certas visões de mundo, conforme salienta Amossy (2017), ao elucidar como as polarizações que ordenam um debate também se manifestam, sutil, mas poderosamente, nas escolhas lexicais dos participantes de um debate.

Segundo Culpeper (1996), buscar a discordância, trazendo ao debate tópicos sensíveis, constitui uma subestratégia de impolidez positiva, nesse caso em relação a IG e àqueles que se sensibilizam à sua defesa contra o aborto. De fato, nota-se no comentário de E uma reação contrária à construção semântico-discursiva de EO. Com certo sarcasmo – “nada como usar eufemismos para justificar as coisas né?” –, E acusa EO de justificar o aborto – entendido por E como uma destruição da vida – por meio de estratégias de elocução, figuras de linguagem, que visariam esconder argumentos inconsistentes.

A análise desenvolvida nessa primeira cadeia de comentários do artigo publicado pela Gazeta do Povo nos permite depreender, inicialmente, que a

violência verbal, nesses comentários, se relaciona fortemente com o desacordo entre posicionamentos distintos sobre o aborto. Com base na teoria da impolidez (Culpeper, 1996; 2005), da avaliatividade (Martin; White, 2005; Gonçalves-Segundo, 2011) e do acordo (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2020[1958]), foi possível evidenciar como julgamentos negativos, estratégias e subestratégias de impolidez são mobilizados pelos participantes da discussão para deslegitimar visões divergentes e atacar valores importantes para o grupo oposto. As escolhas linguísticas dos comentadores expressam avaliações que sancionam socialmente ou diminuem a estima do oponente, gerando atritos e hostilidade. Dessa forma, o confronto de sistemas de valores em torno de uma questão moralmente sensível como o aborto motiva atos verbais ofensivos e agressivos, caracterizando a violência verbal observada no polílogo analisado, como podemos observar no quadro abaixo (Quadro 6).

Quadro 6. Síntese da análise

	S N 2		
COMENTÁRIO	Esses baderneiros...	...fizeram manifestações contra o aborto sem se importar com a vida.	Só queriam se aparecer. Vai lá e dão apoio em dinheiro e moral para a mãe até completar 18 anos. O resto é resto. O que iam fazer? abandonos, como muitas crianças na rua...
DESACORDO	• Suposto desacordo em relação à atitude dos manifestantes.	• Suposto desacordo em relação à atitude dos manifestantes.	• Evidencia-se um desacordo acerca da própria aceção de "defesa da vida", que constitui o valor central do grupo de manifestantes
IMPOLIDEZ	• Ameaça à face positiva dos manifestantes • Impolidez positiva • Subestratégias de impolidez: "use nomes depreciativos"	• Ameaças à face positiva dos manifestantes • Impolidez positiva	• Subestratégias de impolidez positiva, que visa a causar danos à reputação dos manifestantes: "Só queriam se aparecer."
AVALIATIVIDADE	• Julgamento negativo de sanção social que sugere uma conduta antiética ou ilegal, contrária às normas sociais, por parte dos manifestantes	• Julgamento negativo de estima social (sem se importar com a vida) associado à [falta de] tenacidade, no sentido de não comprometimento com a defesa da vida	• Julgamento negativo, nesse caso de sanção social relativo à honestidade: "Só queriam se aparecer."
	IG N 3	M N 4	EO N 4
COMENTÁRIO	gostou do modo que o bebê foi morto?	os sentimentos da criança estuprada não valem nada, só do feto?	bebê não, feto.
DESACORDO	• Desacordo em relação ao aborto da criança grávida, do caso em questão	• Desacordo entre M e IG no que se refere a abordagem do caso em discussão	• Desacordo em relação a IG quanto à visão sobre o feto/bebê
IMPOLIDEZ	• Impolidez positiva • Subestratégias de impolidez: "faça outro se sentir desconfortável"	• Estratégia de impolidez indireta: com a pergunta retórica, M insinua que e IG menospreza os sentimentos da gestante • Subestratégia de impolidez negativa: associe o outro a um aspecto negativo	• Subestratégias de impolidez positiva em relação a IG e àqueles que se sensibilizam a sua defesa contra o aborto
AVALIATIVIDADE	• Julgamento negativo de sanção social de propriedade, iniciando que S apoiaria a curiosidade praticada contra o feto, que S seria uma pessoa sem empatia/sentimento	• Julgamento negativo de sanção social em relação aos sentimentos da "criança estuprada": hipocrisia (falta de honestidade) e imoralidade (propriedade)	• Não evidenciado

Fonte: Elaboração nossa

Considerações finais

A análise desenvolvida neste capítulo buscou investigar a emergência da violência verbal em uma cadeia de comentários online sobre a temática polêmica do aborto. Partindo de um arcabouço teórico-metodológico focado nos conceitos de polêmica, impolidez e avaliatividade, acordo e desacordo, elaboramos um procedimento de análise que busca examinar a manifestação de atos de violência verbal nas interações entre os autores de comentários feitos a um artigo de um jornal on-line, caracterizar essa violência verbal e depreender suas vinculações subjacentes com acordos e/ou desacordos.

Com base na análise desenvolvida neste capítulo, entendemos que foi possível demonstrar a produtividade desse aparato teórico, bem como do procedimento de análise elaborado com base nele, para descrever as condições interacionais propícias ao surgimento da violência verbal, suas estratégias de manifestação nos comentários e suas conexões com desacordos subjacentes, em torno dos quais se constroem dinâmicas identitárias e vinculações discursivas antagônicas e polarizantes. Contudo, entendemos que esse procedimento de análise precisa ser aplicado a corpora mais extensos e diversificados de interações polêmicas e de desacordo para ser mais consolidado.

Isso possibilitaria consolidar e possivelmente refinar o procedimento de análise proposto neste capítulo, conferindo-lhe maior consistência descritiva e explicativa. Nesse sentido, pretendemos dar continuidade à aplicação do procedimento analítico no estudo dos comentários. Entendemos que esse percurso é promissor, no intuito de aprofundar o entendimento dos complexos processos interacionais e discursivos subjacentes à violência verbal em meio digital.

Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. La coexistence dans le dissensus. La polémique dans les forums de discussion. **SEMEN Révue de sémio-linguistique des textes et discours**, Toulouse, v. 31, p. 25-42, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.9051>.

AMOSSY, Ruth. O intercâmbio polêmico em fóruns de discussão online: o exemplo dos debates sobre as opções de ações e bônus no jornal Libération. **Comunicação e Sociedade**, v. 19, p. 319-335, 2011. DOI: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.19\(2011\).914](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.19(2011).914).

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes. Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 29, n. 4, p. 2289-2333, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.29.4.2289-1333>

CULPEPER, Jonathan. Impoliteness and entertainment in the television quiz show: The Weakest Link. **Journal of Politeness Research**, v. 1, n. 1, p. 35-72, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>.

CULPEPER, Jonathan. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas**: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. In: SEARA, Isabel Roboredo (ed). **Cortesias**: olhares e (re) invenções. Lisboa: Chiado Editora, 2014, p.47-82.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. La polémique et ses définitions. In: GELAS, Nicole; KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. (org.). **Le discours polémique**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon. 1980. p. 3-40.

MARTIN, James; WHITE, Peter. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MELO, Mônica Santos de Souza. Da polêmica aos discursos de ódio: um estudo da recepção no twitter sob a perspectiva semiolinguística. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1959-1982, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.28.4.1959-1982>.

NEVES, Daniel Monteiro. **Debates orais no Supremo Tribunal Federal**: um modelo de interação polêmica. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AV5N4J>.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 2020[1958].

Nova geração: a representação do Brasil na trilogia de jogos *Street Fighter III*

André de Oliveira Matumoto

Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Nos últimos anos, os videogames gozam de crescente interesse na academia (Egenfeldt-Nielsen; Smith; Tosca, 2024; Mäyrä, 2008). Dentre as diversas abordagens por meio das quais podemos compreender estes objetos, notamos que estudos em abordagem multimodal ainda são raros (Stamenković; Jaćević, 2019, P. 277; Stamenković; Wildfeuer, 2021, p. 262). Isto não significa, porém, que a abordagem é incompatível com o objeto. De acordo com Bateman, Wildfeuer e Hiippala (2017):

[...] a abordagem dos jogos a partir de uma perspectiva analítica clara – por exemplo, a perspectiva analítica do discurso ou qualquer outra perspectiva – se beneficiará da capacidade de lidar com sua multimodalidade. Isso pode ser considerado igualmente benéfico para os estudos de jogos, nos quais a multimodalidade pode ser considerada do ponto de vista da interação humano-computador (Bateman; Wildfeuer; Hiippala, 2017, p. 366, tradução nossa¹).

Dentre os movimentos atuais, podemos apontar os trabalhos de Pérez-Latorre, Oliva, Besalú (2017), que delineia métodos para a análise de jogos por meio da semiótica social; de Hawreliak (2018), que propõe a compreensão da interação lúdica como uma modalidade semiótica (modalidade processual); e, por fim, de Toh (2019), que analisa o caráter multimodal da interação entre jogadores.

¹ No original: “we propose that approaching games from a clear analytical perspective – as, for example, the discourse analytical perspective or any other perspective for that matter – will benefit from being able to handle their multimodality. This may be considered equally beneficial for game studies, in which multimodality may be considered from the viewpoint of human-computer interaction” (Bateman; Wildfeuer; Hiippala, 2017, p. 366).

Em trabalhos anteriores (Matumoto; Gonçalves-Segundo, 2022a, b), discutimos formas de analisar jogos bidimensionais em perspectiva multimodal voltando-nos especialmente para o entrelace entre semiose e discurso. Mantendo-nos neste sentido, o presente capítulo realiza uma análise verbo-imagética da representação – entendida, aqui, como o processo de transformação de práticas e referentes na e por meio da semiose (Hall, 1997, p. 1; Kress; Van Leeuwen, 2021, p. 9) – do Brasil nos estágios de *Street Fighter III*. Por meio da discussão das escolhas semióticas verbais e imagéticas, depreenderemos como os recursos semióticos empregados apontam para determinadas construções do país, e analisaremos como estas compreensões conectam-se a outras representações do Brasil nos videogames da década de 1990.

1 Street Fighter III em contexto

A série *Street Fighter* abarca um conjunto de jogos de luta (*fighting games* em inglês) desenvolvidos e publicados pela empresa japonesa Capcom. Dentre outras características, estes jogos consistem em combates um contra um, nos quais o jogador seleciona um dos personagens, que deverá derrotar os demais lutadores do elenco. Estes embates se passam em espaços específicos – chamados de estágios. O embate se encerra quando um dos lados é nocauteado (K.O., *Knock out*) – ou seja, o lutador recebe golpes o suficiente para que sua Barra de vida (*health/energy bar*) seja drenada – ou quando o tempo limite – em geral, 99 segundos – se exaure. No segundo caso, o lutador com mais energia é declarado o vencedor (Begy, 2021, p. 336).

A série *Street Fighter* teve início com o jogo homônimo no ano de 1987, seguido de *Street Fighter II: the World Warrior*, em 1991. *World Warrior* não só é relevante do ponto de vista econômico², como também cultural, uma vez que codificou inúmeras convenções nos jogos de luta, influenciando, portanto, jogos posteriores (Begy, 2021, p. 339). Para nossos fins, o jogo é especialmente

² A versão (*port*) de Super Nintendo de *Street Fighter II* (Capcom, 1992) é o 12º jogo mais vendido na história da Capcom, com 6,3 milhões de cópias (Capcom, 2023).

relevante por codificar o Brasil como espaço passível de representação nos jogos de luta por meio da Amazônia e do lutador Blanka (Matumoto, 2022a).

Por sua vez, apesar da alcunha *III*, *Street Fighter III: New Generation* não é estritamente o terceiro jogo da série. Entre o lançamento de *II* e *III*, temos as subséries *spin-offs*³ *Alpha* (Zero no Japão), iniciada com o jogo *Street Fighter Alpha: Warriors' Dream* (Capcom, 1995), e *EX*, iniciada com o jogo *Street Fighter EX* (Capcom, 1996). Além disso, cabe apontar que tanto *II* quanto *III* receberam *ports*⁴ e *updated re-releases*, ou seja, versões atualizadas, com novos golpes, personagens e estágios (Matumoto, 2022a). Assim, *Street Fighter III* pode se referir a três jogos: *New Generation* (Capcom, 1997a), *2nd Impact – Giant Attack* (Capcom, 1997b) e *3rd Strike – Fight for the Future* (Capcom, 1999). Para fins de clareza, utilizaremos *III* para nos referirmos aos três jogos, tomando-os como uma trilogia, ou subsérie, enquanto cada versão individual será nomeada por meio do subtítulo (*New Generation*, *2nd Impact* e *3rd Strike*).

2 O Brasil em *III*

Sean e Oro (Figura 1) são os dois personagens que representam o Brasil na subsérie *III*. Sean é um jovem brasileiro que deseja ser aprendiz de Ken Masters, deuteragonista da série (Studio Bent Stuff, 1997a, p. 242). Por sua vez, Oro é um lutador de origem desconhecida que habita uma caverna na Amazônia brasileira. O lutador se tornou um eremita para amplificar suas capacidades de luta, objetivo no qual foi bem-sucedido. Agora, Oro busca um discípulo capaz de herdar seu estilo de luta (Studio Bent Stuff, 1997b, p. 76)

³ *Spin-off*, no caso dos videogames, é um termo geralmente utilizado para se referir a jogos que se distinguem, de alguma maneira, da série que os deu origem. Estas mudanças podem envolver a narrativa, a jogabilidade e até o gênero nos quais os *spin-offs* se enquadram.

⁴ *Ports* são versões de um mesmo jogo para plataformas que não a original (Fernández-Vara, 2015, p. 251). Plataforma é um termo genérico para referir-se a computadores (PCs), *consoles* – computadores, como o PlayStation 5 e Nintendo Switch, que são voltados especificamente para jogar jogos – e fliperamas (ou Arcades).

Figura 1. Sean e Oro



Fonte: Capcom (1999).

3 Metodologia

O quadro teórico que informa nossa análise é a semiótica social (Hodge; Kress, 1988; Van Leeuwen, 2005). Esta abordagem busca compreender como a construção de significados molda e é moldada por indivíduos e grupos. Neste processo, a semiótica social enfatiza a importância da natureza multimodal, histórica e material dos artefatos semióticos que produzimos (Jewitt; Bezemer; O'halloran, 2016, p. 160). Aqui, voltar-nos-emos em especial para a natureza multimodal e sócio-histórica da semiose. De um lado, descreveremos e analisaremos como as modalidades verbal e imagética são motivadas pelos criadores de modo a construir representações do Brasil. De outro, localizaremos estas representações no contexto sócio-histórico do final da década de 1990 de modo a analisar quais são as implicações discursivas das escolhas semióticas presentes em *Street Fighter III*. Então, valer-nos-emos, também, dos estudos críticos do discurso (Machin; Mayr, 2012; Van Leeuwen, 2008; Van Leeuwen; Wodak, 1999), área com a qual a semiótica social tem especial contato (Catalano; Waugh, 2020, p. 45).

Dentre os movimentos na semiótica social, destacaremos a *Gramática do Design Visual* (ou GDV) (Kress; Van Leeuwen, 2021), abordagem que propõe categorias de análise para a modalidade visual/imagética. Das categorias presentes na GDV, utilizaremos, em especial, o conceito de *Composição*. A Composição provê estrutura e coerência para modalidades semióticas que se desenrolam no espaço, por exemplo, as imagens. Análoga à metafunção textual na modalidade verbal (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 30), a Composição organiza os significados representacionais (Ideacionais) e

interativos (Interpessoais) a partir de sistemas⁵, neste caso, três: VALOR INFORMACIONAL, SALIÊNCIA e ENQUADRAMENTO, dos quais destacaremos os dois primeiros (Kress; Van Leeuwen, 2021, p. 181-2; Van Leeuwen, 2005, p. 274).

O VALOR INFORMACIONAL refere-se ao potencial de significação do posicionamento de um determinado elemento na Composição. Em outras palavras, podemos dividir a imagem em “zonas”, tais como central e marginal, ou esquerda e direita, e, a depender da região que um elemento ocupa, diferentes potenciais de significações podem emergir (Kress; Van Leeuwen, 2021, p. 181-2; Van Leeuwen, 2005, p. 198-218). Por exemplo, os autores propõem que a região superior pode ser analisada como “ideal”, enquanto a região inferior pode ser “real”. Em outras palavras, eles observam que, em muitos casos, elementos abstratos (‘ideal’) são alocados acima de elementos concretos (‘real’).

Por sua vez, a SALIÊNCIA refere-se à sobreposição de recursos semióticos de modo a tornar um determinado participante mais “pesado” e, portanto, mais saliente na Composição. Recursos como tamanho relativo, detalhamento, textura, cores e perspectiva (Kress; Van Leeuwen, 2021, p. 182; Van Leeuwen, 2005, p. 198) podem, portanto, ser motivados para destacar algum participante em detrimento de outros.

Ademais, também utilizaremos o conceito de *Provenance* (*Proveniência*, em tradução livre), que aponta para a origem dos signos. Isto é, podemos “importar” signos de contextos outros para (re)significá-los em um determinado texto (Kress; Van Leeuwen, 2001, p. 10). Por exemplo, roupas são, comumente, elementos socioculturais altamente carregados, logo, ao representarmos determinadas roupas, estamos inevitavelmente trazendo junto da representação significados e concepções acerca do contexto da qual ela deriva (seja um país, cultura, contexto social etc.). Neste sentido, a Proveniência liga-se ao conceito de *Conotadores*, retirado da Análise crítica do discurso aplicada à multimodalidade (Machin; Mayr, 2012). Este conceito parte da compreensão

⁵ Sistema é um termo utilizado na linguística sistêmico-funcional para descrever como escolhas (paradigma) são mapeadas na estrutura (sintagma). Em outras palavras, esta noção nos permite compreender a linguagem em termos de potenciais de significação, que são fixados pelos criadores de signos (Jewitt; Bezemer; O'halloran, 2016, p. 160). Assim, temos, nos sistemas, relações de “o que poderia estar no lugar de quê” (“*what could go instead of what*”). Um sistema básico exige, então, uma condição de entrada e quais são as opções disponíveis (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 22).

de que as imagens têm natureza dual (Machin, 2007, p. 23; Machin; Mayr, 2012, p. 51): ao mesmo tempo que elas denotam algo, ou seja, constroem algo efetivamente, elas também conotam, isto é, constroem relações associativas. Portanto, enquanto a Proveniência aponta para o *processo* de importação, os *conotadores* apontam para os *objetos* que foram efetivamente importados. Por meio da análise do potencial associativo das imagens, podemos traçar o modo por meio dos quais os elementos foram importados e a quais contextos pertencem, para, assim determinar a quais discursos o jogo se conecta.

4 Análise dos estágios brasileiros na subsérie III

Em *New Generation*, o estágio de Sean se passa em Nova Iorque (Figura 2), enquanto o estágio de Oro se passa na Amazônia brasileira (Figura 4). No primeiro caso, apesar de não se tratar de um espaço no Brasil, analisá-lo é relevante para compreender quais significados são atribuídos (ou excluídos) na construção do Brasil.

Figura 2. Estágio de Sean, em Nova Iorque



Fonte: Capcom (1997b).

Destacamos, primeiramente, que o efeito de distorção – similar àquele gerado pelas lentes olho de peixe na fotografia – é uma escolha estilística

presente também nos estágios londrino (Dudley), mediterrâneo (Gill) e nova-iorquino (Alex) (Figura 3). Deste modo, a deformação do espaço de modo a *salientar* as características urbanas não são exclusivas ao estágio de Sean. É relevante observar, porém, a dicotomia entre o espaço de luta e o horizonte. A luta em si se passa em uma parte pequena da cidade, especialmente quando comparada aos edifícios ao fundo.

Figura 3. Estágios de Dudley, Gill e Alex



Fonte: Capcom (1997b).

No que tange à brasilidade do lutador, o contraste entre Brasil e EUA é salientado por meio de escolhas imagéticas, tais como a construção do Brasil na série *Street Fighter* até então – a Floresta Amazônica (Matumoto, 2022a) – que se opõe à cidade de Nova Iorque, altamente urbanizada. Ademais, a presença da bandeira estadunidense é relevante, uma vez que a bandeira brasileira não é um conotador encontrado nas representações do Brasil na série até então. Assim, por meio da conexão do lutador a outro país que não o seu de origem, temos um relativo apagamento da origem brasileira de Sean.

Como dito, o estágio de Oro em *New Generation* se passa na Amazônia brasileira (Figura 4):

Figura 4. Estágio de Oro, na Amazônia



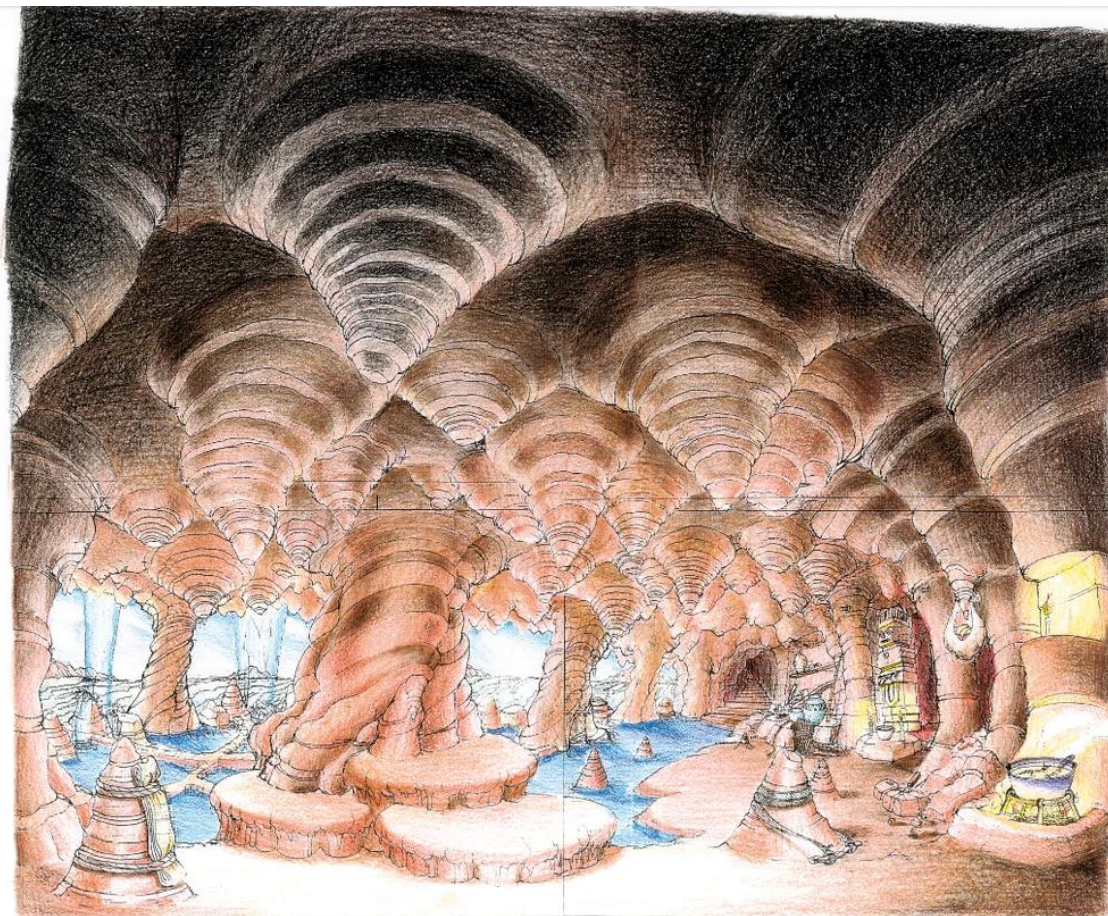
Fonte: Capcom (1997b).

O estágio amazônico é construído como uma galeria de cavernas embaixo de uma cachoeira (queda d'água no canto esquerdo, ao fundo), com diversas estalactites e pilares rochosos. Na Amazônia, existe um número de cavernas próximas a redes hidrográficas (Freire *et al.*, 2017, p. 1834), o que aproxima o estágio da geografia local.

Ainda na descrição do estágio, próximo ao primeiro plano, onde o combate acontece, há um grupo de morcegos no teto da caverna e, embaixo, um cachorro, alguns gatos e um papagaio. Há, também, no canto esquerdo, um saco de pancadas e, no direito, um forno improvisado, além de um saco com um pedaço de carne. Por fim, no fundo direito, há duas estátuas, que se confundem com a caverna devido a sua coloração.

Para nossos fins, a análise das estátuas é relevante para compreender a quais discursos o jogo filia o Brasil. Na arte conceitual (*concept art*) do estágio, podemos ver estes artefatos com mais detalhes (Figura 5):

Figura 5. *Concept art* do estágio amazônico em comparação ao estágio final





Fonte: Studio Bent Stuff (1997, p. 90-1)

A estátua maior é inspirada diretamente nas Figuras Atlantes (*Atlantean Figures*) (Figura 6): quatro estátuas construídas pelos Toltecas, povo da Mesoamérica pré-colombiana. Outros povos mesoamericanos, como os Maias e os Astecas, também construíram figuras similares, entretanto, as estátuas do estágio mais proximamente se associam às figuras toltecas, especialmente pela

parte quadrada diretamente abaixo da cabeça, que é saliente nas figuras desse povo (Aguilar-Moreno, 2006, p. 17, 202; Evans, 2008, p. 42, 400).

Figura 6. Figuras Atlantes em Tula, sítio arqueológico em Hidalgo, México



Fonte: Luidger (2004).

Para além da aproximação entre dois países distintos da América Latina, notamos que o processo de importação de iconografia americana não-brasileira é um processo comum nas representações do Brasil nos jogos da década de 1980 e 1990 (Matumoto, 2022a, 2023, 2022b). Por exemplo, as Figuras Atlantes são utilizadas no jogo *Ducktales* (1989), também publicado pela Capcom, para construir o Brasil (Matumoto; Gonçalves-Segundo, 2022b). Por sua vez, em relação à estátua menor, propomos duas possibilidades: a primeira são as estátuas *Moai* (ou Cabeças da Ilha de Páscoa) e a segunda são os *Haniwa*, figuras de terracota produzidas no Japão.

As estátuas *Moai* (ou *Mo'ai*) (Figura 7) encontram-se na Ilha de Páscoa, Chile, e foram construídas pelo Povo Rapa Nui entre os séculos XII e XV d.C. (Fischer, 2005, p. 31). Das características marcantes dessas estátuas, apontamos

a proeminência do nariz e relativa protuberância na região da testa, que cobre a parte dos olhos de sombra, similar à estátua no estágio.

Por sua vez, *Haniwa* (Figura 7) são figuras tubulares de terracota produzidas no Japão provavelmente entre os séculos V e VII d.C. (Frédéric, 2002, p. 286). Os primeiros *Haniwa* não representavam humanos ou objetos, enquanto figuras posteriores apresentavam maior ornamentação, representando pessoas, animais e objetos (Frédéric, 2002, p. 286-7). Dos *Haniwa* humanoides, algumas são mais simples, figuras cilíndricas com olhos e boca compostas por furos e nariz proeminente. Para mais, os *Haniwa* são marcados pela coloração alaranjada dado o material utilizado, a terracota.

Figura 7. Moai e Haniwa



Fonte: Daderot (2018); Jastrow (2006)

Podemos propor que uma característica geral que conecta estes elementos culturais – as Figuras Atlantes, os *Moai* e os *Haniwa* – é o fato de que se trata de artefatos produzidos séculos atrás. No caso dos dois primeiros, há também o fato de que são artefatos de origem latino-americana. A implicação no processo de importação destes conotadores é dual: por um lado, a origem (ou proveniência) destes conotadores conecta-os por uma questão geográfica (e possivelmente cultural). Assim, o Brasil torna-se um espaço para a *pan-americanidade*, ou seja, um lugar capaz de comportar toda a cultura material de povos originários de diversos países latino-americano, curiosamente, ao

mesmo tempo que se excluem os elementos humanos autóctones, incluindo traços dos povos originários do Brasil. Por outro lado, a importação de conotadores externos implica a projeção do Brasil como um país exótico e arcaico.

Portanto, em *New Generation*, se, por um lado, os EUA são tomados como um espaço no qual Sean pode avançar seu sonho de se tornar um lutador renomado, o Brasil é tomado como local próprio para a reclusão de um eremita. Ainda que Oro seja, canonicamente, um dos personagens mais fortes no universo *Street Fighter*, tanto em Sean quanto em Blanka projeta-se um discurso do Brasil como mundo “de dentro”, que priva e esconde. No caso de Blanka, em *Street Fighter Alpha 3* (Capcom, 1998), o lutador vê-se cativado pelo “mundo de fora”, ou seja, fora do país⁶.

Em 2nd *Impact*, diferentemente de *New Generation*, o estágio de Sean se passa no Brasil, especificamente na Cidade de São Paulo (Figura 8). Por sua vez, o estágio de Oro é uma versão alterada de *New Generation*⁷, logo, não o analisaremos aqui.

Figura 8. Estágio de Sean, em São Paulo



Fonte: Capcom (1997a).

⁶ Em jogos de luta, em geral, a narrativa é esparsa. Em grande parte dos casos, somos informados sobre as motivações do lutador e, depois de concluir o jogo, um breve encerramento apresenta o paradeiro do lutador. No caso de Blanka em *Alpha 3*, sua presença nos eventos do jogo é acidental, mas, ao final, o jogo nos informa que “Blanka corre em direção ao horizonte, livre como o vento... o mundo de fora ainda tem muito a oferecer a sua curiosidade!” (“Blanka ran off to the horizon, as free as the wind.... The outside world still has much to offer his curiosity!”). Projeta-se, então, a Amazônia, e possivelmente o Brasil como um todo, como o espaço “interno”, que constrange, afastando-se da vastidão do espaço “externo”, fora do país.

⁷ A principal diferença é a mudança nas cores. Logo, não se modificam elementos relevantes para a construção do Brasil.

O estágio de Sean retrata um acidente de carro: uma caminhonete com melancias e caixas de laranjas acertou uma palmeira, causando um congestionamento. Na pista, a carga do veículo está esparramada e três pessoas estão encolhidas no canto direito. Em um edifício identificado como “Casa do São Paulo”, temos duas bandeiras do Brasil próximas à fachada, um homem no balcão e, na sacada, pessoas observam o acidente. Ademais, temos dois macacos, um em uma caixa no canto esquerdo e outro dependurado no edifício supracitado. Ao fundo, à esquerda, há um *outdoor* com um futebolista e a palavra “Futebol” (Sic.). Também temos um número de prédios e três placas verdes: a da extremidade esquerda está obscurecida pelas palmeiras; as outras duas não apresentam texto completamente legível, mas propomos que na placa central lê-se “Avenida Paulista” (podemos identificar Ave**** e Pa****ta), enquanto na da extremidade direita temos “(algo) de → São Paulo” (ku*** d* → *ao P****o).

Na Figura 9, destacamos os elementos a serem analisados no Quadro 1, no qual discutiremos as implicações presentes nas escolhas semióticas utilizadas na construção do Brasil em *2nd Impact*.

Figura 9. Elementos analisados



Fonte: Capcom (1997a), com alterações.

Quadro 1. Análise do estágio paulistano

Imagem	Descrição
	O estabelecimento “Casa do São Paulo” introduz dois conotadores ainda inéditos nos estágios da série <i>Street Fighter</i> : a utilização da língua portuguesa e a bandeira do Brasil. Ademais, o estabelecimento ao lado da “Casa do São Paulo” apresenta um letreiro escrito “Bahia.”
	Verifica-se que o jogo utiliza a placa brasileira para indicar “Proibido Estacionar”, outro indício de que a construção do país, neste jogo, conecta-se mais proximamente ao Brasil sensível.
	A relação entre o Brasil e o Futebol é explicitada por meio do <i>Outdoor</i> , ainda que o jogador não vista as cores verde e amarela, que destacam a seleção brasileira. É relevante destacar que a relação, para os criadores japoneses, deriva, provavelmente, não só das quatro Copas que a seleção brasileira venceu até 1997 (1958, 1962, 1970 e 1994) como também do fato de que o futebol se profissionalizou no Japão na década de 1990, especificamente em 1993, quando aconteceu o primeiro campeonato profissional, a <i>J. League</i> , que contou com jogadores e técnicos brasileiros (Prado, 1995, p. 170-2). Ou seja, o esporte ganhava novos contornos no Japão da década de 1990.

	Dois macacos aproveitam-se da confusão para consumir algumas das frutas. Destacamos que o macaco é um conotador comum às representações do Brasil (<i>The King of Fighters '94</i> [SNK, 1994]; <i>Fight Fever</i> [Viccom, 1994]), que podem se associar a significados como “primitivo”, “não civilizado”. Neste caso, há uma composição curiosa, então: apesar de urbanizado, o estágio conta com estes animais. Podemos interpretar, então, que o jogo considera a urbanização de São Paulo (ou do Brasil como todo) como incompleta: ecos do Brasil como “floresta” ainda se fazem presentes.
	As melancias e laranjas ocupam o centro da Composição, logo, elas são colocadas em proeminência, de modo a salientar o acidente (Kress; Van Leeuwen, 2021, p. 181-2). A proeminência, especialmente da melancia, é notável também na representação do Brasil em <i>Street Fighter Alpha 3</i>, lançado no ano seguinte (Capcom, 1998). Propomos que a escolha se conecta ao fato de que a melancia e a laranja eram frutas relevantes nas exportações brasileiras no ano de 1997 (Bueno; Baccarin, 2012, p. 428). Com base nisso, podemos interpretar a dimensão conotativa destas frutas: assim como os macacos, a presença das frutas – um produto natural e de baixo valor agregado – indicia, novamente, que, apesar do suposto desenvolvimento do país, o Brasil ainda se apresenta como ligado eminentemente à natureza.
	No capô do carro, temos outra instância da língua portuguesa no nome “Sao Paulo”, que liga o estágio à cidade e ao estado. Quanto à palavra Seaza, trata-se de uma transliteração possível para CEASA. CEASA, ou Centrais Estaduais de Abastecimento, são empresas de comercialização de hortifrúti. Especificamente no caso de São Paulo, temos a CEAGESP, que surgiu em 1969 da fusão das empresas CEASA (Centro Estadual de Abastecimento) e CAGESP (Companhia de Armazéns Gerais do Estado de São Paulo) (Laface, 2018, p. 3). A sigla CEASA, em japonês, seria transliterada como セアザ (Seaza), grafia observada no capô. A hipótese de que se trata, de fato, do CEASA é favorecida pela carga do veículo, frutas, ou seja, hortifrúti e pelo fato de que existem instâncias da palavra “Seaza” se referindo ao Centro, tal como no site japonês Arukikata, no qual o título de um dos artigos é “ブラジルのお花マーケット～CEAGESP (セアザ)でお買い物～”, ou “Fazendo compras no Mercado Brasileiro de flores – CEAGESP (CEASA/SEAZA)”, em tradução livre (Mineyama, 2013). Assim, há um possível vínculo explícito ao Estado de São Paulo no estágio para além do nome no capô, bem como às frutas, proeminentes na representação.



Por fim, o estágio apresenta palmeiras ao lado da via e alguns prédios, ao fundo. Quanto às palmeiras, notamos que, o Estado de São Paulo conta com 60 espécies de palmeiras (*Arecaceae*) (Instituto De Pesquisas Jardim Botânico Do Rio De Janeiro, 2023). Na cidade de São Paulo, notamos, dentre outras espécies, a presença da *Syagrus romanzoffiana* (Jerivá) (2023) e da *Roystonea oleracea* (Palmeira-imperial), esta última trazida para a Cidade de São Paulo no início do século XX, durante as reformas urbanas (D'elboux, 2006, p. 194).

Os prédios, por sua vez, filiam-se ao *Art Deco*. O *Art Deco* é um movimento inspirado em ideias que surgiram em Paris em 1925 e no gênero *Streamlining* da década de 1930 (Striner, 1990, p. 21). Esta estética é encontrada na arquitetura brasileira (Correia, 2008, 2017), o que inclui a Cidade de São Paulo (Oliveira, 2009).

Portanto, ambas as escolhas se conectam à Cidade de São Paulo sensível. Há a possibilidade, porém, de que estas escolhas se liguem à cidade de Miami, Flórida. As praias e palmeiras à beira da estrada são duas iconografias associadas à cidade estadunidense dadas suas condições climático-geográficas (Diamond *et al.*, 2020). Além disso, o prédio branco destacado se assemelha ao prédio Cardozo (1939) e ao prédio Carlyle (1941), no *Miami Art Deco District* (Distrito de Art Deco de Miami). Podemos justificar esta hipótese partindo do fato de que parte das representações do Brasil pode ocupar a mesma constelação de significados de Miami, especificamente, a imagem da praia. Logo, há uma relação plausível entre estes dois espaços.

Fonte: autoria própria. Imagens de Capcom (1997a).

Na última iteração da subsérie *III*, tanto Sean quanto Oro receberam estágios novos, ambos no Brasil (Figura 10). Os estágios se passam no *mesmo espaço*, mas em *horários diferentes* (Sean de dia, Oro à tarde), portanto, eles serão analisados conjuntamente.

Figura 10. Estágios brasileiros em 3rd Strike



Fonte: Capcom (1999).

Os estágios, intitulados *Santos' Harbor* ('Porto de Santos', estilizado como *Santos Harbos* no jogo), como o nome indica, passam-se na cidade de Santos, São Paulo. Na versão de Sean, no canto direito, vemos um grande cargueiro azul no qual se lê "Obrigado Eldorad[o] Brasil", seguido da bandeira brasileira. À esquerda da embarcação, ao centro, há um caminhão azul no qual um estivador descarrega sacas de café. No canto esquerdo há outro caminhão azul; no seu baú, está escrito "*Brazilian Café*" (Café brasileiro) e uma gravura de uma cachoeira, alguns vestígios de mata e um arco-íris. Ao fundo, no canto esquerdo, há o que parece ser um galpão de número 14. No primeiro plano, onde a batalha ocorre, há um número de sacos amarelos. Dada a resolução,

não é possível ler o que está escrito, porém, podemos reconhecer um "é" ao final da palavra, o que nos leva a induzir que se trata de café.

Já a versão de Oro se passa à tarde: o navio cargueiro já se foi, permitindo uma visão clara do horizonte. Nele, vemos guindastes, áreas montanhosas e arborizadas, e, mais próximo do primeiro plano, temos, também, uma torre de igreja. Na Figura 11, destacamos os componentes relevantes do estágio, cuja análise será realizada no Quadro 2:

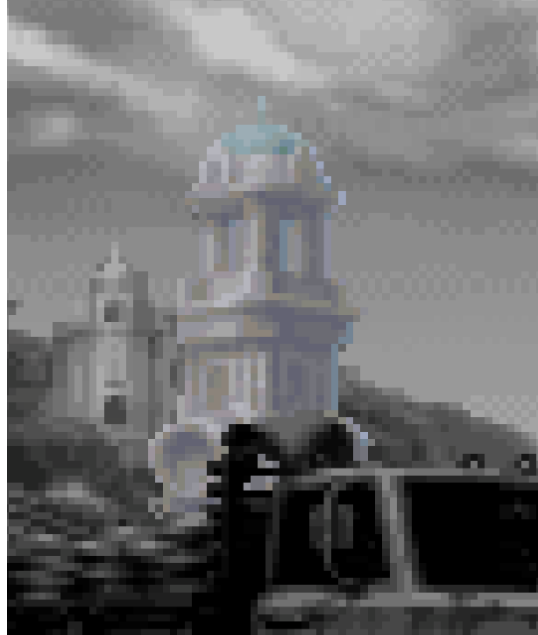
Figura 11. Componentes relevantes para a análise de 3rd Strike



Fonte: Capcom (1999), com alterações.

Quadro 2. Análise do estágio de Santos em 3rd Strike

Imagem	Descrição
	Assim como no estágio anterior, temos a utilização tanto da língua portuguesa quanto da bandeira do Brasil. Cabe destacar que, na primeira imagem, temos a palavra “Eldorado”, de origem espanhola (o dourado) e, na segunda, há a junção de inglês (<i>Brazilian</i>) com português (Café). O segundo caso pode ser justificado pelo espaço em que se encontra: em se tratando de um porto, logo, um lugar voltado à exportação, a utilização do inglês, uma língua franca, justifica-se.
	A estrutura do porto, do navio e do cargueiro assemelha-se ao porto de Santos (Ministério Da Economia, 2021). Ainda que as estruturas portuárias sejam relativamente “genéricas”, é relevante que o jogo represente o Brasil com capacidades econômicas e tecnológicas correspondentes ao país real. Ainda que possamos argumentar que a utilização de um produto primário (o café) e a preponderância do trabalho braçal (na figura dos estivadores) vinculam o estágio às imagens do “Brasil como subdesenvolvido”, apontamos que (i) o Porto de Santos era, à época, um importante ponto para a exportação de café (Bartholomeu; Caixeta-Filho, 2000, p. 9, 11) e (ii) a modalidade rodoviária somava 58,7% da matriz de transporte de carga no Brasil em 1993 e 56,06% em 1994 (Geipot, 1995, s.p. <i>apud</i> Schroeder; De Castro, 1996, p. 176) Estes dados, portanto, justificam a ambientação do porto com as sacas de café e os caminhões.

	Os morros arborizados visíveis no estágio de Oro estão presentes também nas proximidades do Porto de Santos. Portanto, ainda que se possa argumentar que o porto seja relativamente “genérico”, a utilização dos morros de fato remete à cidade paulistana.
	A igreja visível ao fundo se assemelha à Igreja Imaculado Coração de Maria, em Santos (Rossi, 2018). A igreja é relativamente próxima à região portuária da cidade (1,35km, de acordo com o Google Maps), mas é improvável que fosse visível da região portuária. Dada a relativa proximidade, porém, a inclusão da igreja é relevante não só por se assemelhar à arquitetura local como também pelo fato Brasil ser um país de maioria católica⁸.

Fonte: autoria própria. Imagens de Capcom (1997a).

Por fim, no que tange às diferenças entre os estágios, a imagem da passagem do tempo conecta-se aos personagens aos quais os espaços se ligam: Sean é o lutador mais jovem em *III*, enquanto Oro é o mais velho. Além disso, podemos analisar o porto como um espaço transitório ou limítrofe. Esta temática liga-se ao desenvolvimento narrativo de ambos os personagens: Sean como pupilo de Ken, lutador estadunidense, e Oro, que está em busca de um aprendiz.

⁸ De acordo com o Censo do IBGE de 2000, o Brasil contava com 169.872.859 habitantes, dos quais 124.980.131 eram Católicos, ou aproximadamente 73,5% (IBGE, 2000).

5 Análise discursiva

Para sistematizar os resultados, podemos nos valer da anatomia dos discursos, proposta por van Leeuwen (2008, 2005). Na semiótica social, discurso é concebido como as maneiras particulares de representação do mundo (Machin; Van Leeuwen, 2005, p. 136). Logo, toda representação é uma recontextualização (Van Leeuwen; Wodak, 1999) por meio da semiose. Ao concebermos um referente ou prática, nós inevitavelmente os transformamos por meio de, dentre outras estratégias, exclusões e adições. Estas transformações, então, têm implicações ideológicas, pois a seleção de determinados recursos, bem como a exclusão de recursos e referentes, para a criação de determinados significados atende aos interesses dos criadores⁹ que, em menor ou maior grau, podem valer-se de signos previamente estabelecidos. No Quadro 3, analisamos a subsérie *III* do ponto de vista discursivo¹⁰:

Quadro 3. Transformações na representação do Brasil em *Street Fighter III*

Transformações aditivas	Realização no jogo
Adição de participantes	Nos três jogos da subsérie <i>III</i> , verificamos que alguns participantes externos são selecionados para construção do Brasil: as Figuras Atlantes e a estátua desconhecida na Amazônia de Oro; e, possivelmente, a arquitetura <i>Art Deco</i> e as palmeiras em São Paulo. Estes participantes são concebidos como pertencentes de uma mesma constelação de significados, que é tomada como apta a significar o "Brasil". No caso da Figura Atlante, a iconografia mesoamericana é notável na construção do Brasil (Matumoto; Gonçalves-Segundo, 2022a, b). No caso do <i>Art Deco</i> e palmeiras, a escolha pode derivar da aproximação entre as praias de Miami com as praias brasileiras, principalmente do Rio de Janeiro. Portanto, a adição destes participantes atende, por um lado, à figuração <i>panamericana</i> do Brasil; de outro, à possível associação do Brasil a outras constelações de significado, por exemplo, o Brasil como país paradisíaco.

⁹ "Termo utilizado [...] para se referir a uma condensação momentânea de todas as experiências sociais que moldaram a subjetividade de um indivíduo – uma condensação solicitada pelo ambiente social (do qual as modalidades disponíveis são um elemento significativo) no qual um signo é criado. O interesse de uma pessoa conecta a escolha de um recurso em vez de outro com o contexto social da produção do signo" (Bezemer; Jewitt; O'halloran, 2016, p. 156-7, tradução minha).

¹⁰ Para uma discussão extensiva sobre o discurso nos videogames, cf. Matumoto, André De Oliveira; Gonçalves-Segundo (2022b, a).

Legitimações	Das legitimações, temos a de modelo (Van Leeuwen, 2008, p. 107) e a de tradição (2008, p. 108), ou seja, o jogo se vale de representações já estabelecidas do Brasil, recorrendo a, por exemplo, iconografias mesoamericanas e da Amazônia com um espaço natural e isolado, concepções já consolidadas nos videogames da década de 1990 (Matumoto, 2022b). Ao longo do desenvolvimento da subsérie <i>III</i> , verificamos que o Brasil ganha novos contornos, que o afastam das representações já estabelecidas do país. Neste sentido, é possível que a legitimação de especialistas (2008, p. 107) ganhe proeminência, visto que as escolhas semióticas analisadas, ao se aproximarem do Brasil sensível, implicam um grau maior de conhecimento acerca do país, conhecimento este que pode ser derivado de fontes como livros ou jornais.
Avaliações	Podemos propor que as avaliações (Van Leeuwen, 2008, p. 21) acerca do Brasil têm três momentos na subsérie <i>III</i> : no primeiro, em <i>New Generation</i> , o Brasil é representado apenas pela caverna Amazônia, que segue na esteira de outras representações primitivizantes do Brasil; em <i>2nd Impact</i> , a caverna divide espaço com a cidade de São Paulo que, diferentemente do padrão representacional do Brasil até então, é um espaço urbanizado, ainda que esta urbanização não seja plena; por fim, em <i>3rd Strike</i> , o Brasil é o porto de Santos, que é caracterizado de maneira muito próxima ao Porto real. Podemos analisar, deste modo, que o Brasil passa de um lugar isolado para um lugar que é capaz de se comunicar com outros lugares, ou seja, passa da caverna (fechado) para o porto (aberto). Esta mudança pode se conectar a uma série de fatores, desde a proeminência do Brasil na exportação quanto às mudanças sociopolíticas que o Brasil sofreu ao longo da década de 1990. Por exemplo, o afastamento temporal do período da ditadura civil-militar e subsequente mudança das imagens do Brasil vendidas para o exterior (Fino; Queiroz, 2017). É relevante, também, apontar que os discursos ambientalistas estavam em voga durante o início da década, que coincide com o lançamento de <i>Street Fighter II</i> e a criação do personagem Blanka.
Exclusões	Podemos, em especial no estágio amazônico de <i>New Generation</i> , notar a exclusão (Van Leeuwen, 2008, p. 18) do povo e da cultura brasileira na representação do país, que é suplantado pela iconografia de outros povos mesoamericanos e, possivelmente, latino-americanos. Este processo duplo de exclusão e substituição é recorrente nas representações do Brasil nos videogames da década de 1990, tornando o país em um espaço "panamericano". No decorrer da subsérie <i>III</i> , notamos que a exclusão se torna um processo menos determinante, visto que, em <i>2nd Impact</i> e <i>3rd Strike</i> , ocorre o processo de <i>importação</i> de referentes propriamente brasileiros para popular os estágios.

Conclusões

Neste capítulo, buscamos descrever e analisar as escolhas semióticas imagéticas e verbais operadas na construção do Brasil na trilogia *Street Fighter III*. Se, por um lado, estes jogos ainda ancoram a representação do Brasil em

uma *pan-americanidade*, que implica, ao mesmo tempo, a construção de um país exótico e florestal, notamos, com decorrer da subsérie, que o Brasil ganha novos contornos, recobrando suas paisagens e Povo em localidades que não a Amazônia.

Sobre isto, podemos analisar que o binômio Brasil-Amazônia no início da década de 1990 liga-se aos discursos ambientalistas em voga - em especial devido ao evento Eco-92 (Folha De São Paulo, 2002), no Rio de Janeiro, e a concepções como "Amazônia pulmão do mundo" (Oliveira, 1991). Depois, notamos que, ao final dessa década, o Brasil torna-se multifacetado não só por meio da representação de outros espaços, mas também por meio da importação de outros discursos, econômicos - em especial no que tange à exportação - e culturais - como o futebol.

Apesar disto, estas representações ainda se valem de estereótipos, internos ou externos ao Brasil, para concebê-lo. Em jogos posteriores, em especial nos anos 2000, notamos uma nova mudança no paradigma representacional do Brasil, que passa a ser conectado proeminentemente às comunidades do Rio de Janeiro e à imagem do Carnaval. Isto demonstra que, apesar de notarmos mudanças substanciais nas imagens do Brasil com o passar do tempo, a estereotipação e o exotismo ainda são recursos proeminentes para construí-lo.

Por fim, em consonância com trabalhos anteriores (Matumoto, 2022a, 2023), aqui, desnudamos como os videogames funcionam como (re)produtores de discursos, isto é, ao mesmo tempo que realizam discursos externos aos videogames, os videogames também constroem tradições representacionais em si. Para este fim, os quadros teóricos motivados nos permitiram a descrição dos recursos multimodais e a análise de seus nos contextos em que se inserem.

Agradecimentos

André de Oliveira Matumoto agradece à FAPESP pelo financiamento da pesquisa "A construção multimodal do Brasil nos videogames: diálogos entre a sociossemiótica e a ludologia" (processo nº 2020/13090-1).

Referências

AGUILAR-MORENO, Manuel. **Handbook to life in the Aztec world**. New York, NY: Facts On File, Inc., 2006.

BARTHOLOMEU, Daniela B.; CAIXETA-FILHO, José V. Caracterização de logística do transporte do café brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 2000. **Anais do Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural** [...]. Rio de Janeiro, RJ: UNICAMP/IRSA/SOBER, 2000. Disponível em: <https://esalqlog.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/2015/05/ART6.4.16.pdf>. Acesso em: 24 out. 2023.

BATEMAN, John A.; WILDFEUER, Janina; HIIPALA, Tuomo. **Multimodality: foundations, research and analysis a problem-oriented introduction**. Boston, MA/ Berlin, DE: De Gruyter Mouton, 2017.

BEGY, Jason Scott. Fighting games. In: WOLF, Mark J. P. (org.). **Encyclopedia of Video Games: The culture, technology, and art of gaming**. 2. ed. Santa Barbara, CA/ Denver, CO: Greenwood Press, 2021. p. 336-340.

BUENO, Gabriel; BACCARIN, José Giacomo. Participação das principais frutas brasileiras no comércio internacional: 1997 a 2008. **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 34, n. 2, p. 424-434, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0100-29452012000200015>.

CAPCOM. **Street Fighter III: New Generation**. Osaka, JP: Capcom, fev. 1997a.

CAPCOM. **Street Fighter III: 2nd Impact**. Osaka, JP: Capcom, out. 1997b.

CAPCOM. **Street Fighter III: 3rd Strike**. Osaka, JP: Capcom, 1999.

CAPCOM. **Street Fighter**. Osaka, JP: Capcom, 1987.

CAPCOM. **Street Fighter II: The World Warriors**. Osaka, JP: Capcom, 1991.

CAPCOM. **Street Fighter II: The World Warriors**. Osaka, JP: Capcom, 1992.

CAPCOM. Platinum Titles. 2023. Disponível em: <https://www.capcom.co.jp/ir/english/business/million.html>. Acesso em: 21 out. 2023.

CAPCOM. **Street Fighter Alpha: Warriors' Dreams**. Osaka, JP: Capcom, 1995.

CAPCOM. **Street Fighter EX**. Osaka, JP: Capcom, 1996.

CAPCOM. **Ducktales**. Osaka, JP: Capcom, 1989.

CAPCOM. **Street Fighter Alpha 3**. Osaka, JP: Capcom, 1998.

CATALANO, Theresa; WAUGH, Linda R. **Critical Discourse Analysis, Critical Discourse Studies and Beyond**. Cham, CH: Springer International Publishing, 2020.

CORREIA, Telma de Barros. Art déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, SP, v. 16, p. 47-104, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142008000200003>.

CORREIA, Telma de Barros. O art déco na arquitetura brasileira. *Revista UFG*, Goiânia, GO, vol. 12, no. 8, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48295>. Acesso em: 26 out. 2023.

DADEROT. *Haniwa in dancing form, excavated from Nohara Tumulus, Kumagaya-shi, Saitama, Kofun period, 500s AD, ceramic - Tokyo National Museum - Tokyo, Japan - DSC09381.jpg*. 2018. **Wikimedia Commons**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Haniwa_in_dancing_form_excavated_from_Nohara_Tumulus_Kumagaya-shi_Saitama_Kofun_period_500s_AD_ceramic_-_Tokyo_National_Museum_-_Tokyo_Japan_-_DSC09381.jpg. Acesso em: 26 out. 2023.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. Uma promenade nos trópicos: os barões do café sob as palmeiras-imperiais, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, SP, v. 14, n. 2, p. 193-250, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142006000200007>.

DIAMOND, Joshua M.; ROSS, Michael S.; LIU, Hong; HEINEN, Joel T. Palm snags are a critical nesting resource for woodpeckers in an urbanized tropical region. **Urban Ecosystems**, v. 23, n. 1, p. 67-78, 2020. <https://doi.org/10.1007/s11252-019-00899-x>.

EGENFELDT-NIELSEN, Simon; SMITH, Jonas Heide; TOSCA, Susana Pajares. **Understanding video games: the essential information**. 5. ed. New York, NY/ Abingdon, UK: Routledge, 2024.

EVANS, Susan Toby. **Ancient Mexico & Central America: archaeology and culture history**. 2. ed. New York, NY: Thames & Hudson, 2008.

FERNÁNDEZ-VARA, Clara. **Introduction to Game Analysis**. New York, NY/ Abingdon, UK: Routledge, 2015.

FINO, Patrícia; QUEIROZ, Odaléia. O uso dos estereótipos turísticos durante o regime militar brasileiro. **Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal**, v. 30, p. 97-111, 2017. <https://doi.org/10.18089/DAMeJ.2017.30.8>.

FISCHER, Steven Roger. **Island at the End of the World: The Turbulent History of Easter Island**. London, UK: Reaktion Books Ltd, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Saiba o que foi a Eco-92. **Folha Online**, 2002. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/riomais10/o_que_e-2.shtml. Acesso em: 14 dez. 2023.

FRÉDÉRIC, Louis. **Japan Encyclopedia**. trad. Kâthe Roth. Cambridge, MA/ London, UK: Harvard university press, 2002.

FREIRE, Luciana Martins; LIMA, Joselito Santiago; VERÍSSIMO, Cesar Ulisses Vieira; SILVA, Edson Vicente. Carste em Rochas Não Carbonáticas: contribuição ao estudo geomorfológico em cavernas de arenito da Amazônia Paraense. **Revista Brasileira de Geografia Física**, Recife, PE, v. 10, n. 6, p. 1829-1845, 2017. <https://doi.org/10.26848/rbgf.v10.6.p1829-1845>.

HALL, Stuart (Org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London, UK/ Thousand Oaks, CA/ New Delhi, IN: SAGE Publications Ltd, 1997.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4. ed. Abingdon, UK/ New York, NY: Routledge, 2014.

HAWRELIAK, Jason. **Multimodal Semiotics and Rhetoric in Videogames**. New York, NY/ Abingdon, UK: Routledge, 2018.

HODGE, Robert; KRESS, Gunther. **Social Semiotics**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1988.

IBGE. Tabela 2.1.2 - População residente, por religião, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação. 2000. **IBGE**. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2000/Primeiros_Resultados_Amostra/Tabelas_pdf/grandes_regioes/tabela_2_1_2.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISAS JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. Flora e Funga do Brasil: busca por "Arecaceae". 2023. **Reflora**. Disponível em: https://floradobrasil.jbrj.gov.br/consulta/?grupo=6&familia=53&genero=&especie=&autor=&nomeVernaculo=&nomeCompleto=&formaVida=null&substrato=null&ocorreBrasil=SIM&ocorrencia=OCORRE&endemismo=TODOS&origem=TODOS®iao=SUDESTE&ilhaOceanica=32767&estado=SP&domFitogeograficos=QUALQUER&vegetacao=TODOS&mostrarAte=SUBESP_VAR&opcoesBusca=TODOS_OS_NOMES&loginUsuario=Visitante&senhaUsuario=&contexto=consulta-publica&pagina=1#CondicaoTaxonCP. Acesso em: 30 out. 2023.

JASTROW. Moai Easter Island InvMH-35-61-1.jpg. 2006. **Wikimedia Commons**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moai_Easter_Island_InvMH-35-61-1.jpg. Acesso em: 26 out. 2023.

JEWITT, Carey; BEZEMER, Josephus Johannes; O'HALLORAN, Kay L. **Introducing multimodality**. Abingdon, UK/ New York, NY: Routledge, 2016.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. 3. ed. Abingdon, UK/ New York, NY: Routledge, 2021.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London, UK/ New York, NY: Arnold; Oxford University Press, 2001.

LAFACE, Francisco. CEAGESP. 2018. **gov.br**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-tematicas/infraestrutura-e-logistica/2018/59aro/apresentacao-na-ctlog.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

LUIDGER. Telamones, Tula, Mexico. 2004. **Wikimedia Commons**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Telamones_Tula.jpg. Acesso em: 26 out. 2023.

MACHIN, David. **Introduction to Multimodal Analysis**. 1. ed. London, UK: Bloomsbury Academic, 2007.

MACHIN, David; MAYR, Andrea. **How to do Critical Discourse Analysis: a Multimodal introduction**. London, UK/ Thousand Oaks, CA/ New Delhi, IN: SAGE Publications Ltd, 2012.

MACHIN, David; VAN LEEUWEN, Theo. Computer games as political discourse: The case of Black Hawk Down. **Journal of Language and Politics**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 119-141, 2005. <https://doi.org/10.1075/bct.3.07mac>.

MATUMOTO, André de Oliveira. A construção brasilidade em Street Fighter II: uma perspectiva sociossemiótica. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; ARAES, Célia Regina; CASTANHEIRA, Claudia; ISOLA-LANZONI, Gabriel; SILVA, Lucas Pereira da; MITSUNARI, Nathalia Akemi Sato; DOMINGUES, Taciane (orgs.). **Estudos do texto e do discurso: perspectivas contemporâneas**. São Paulo, SP: FFLCH/USP, 2022a. p. 109-133. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/935>. Acesso em: 26 out. 2023.

MATUMOTO, André de Oliveira. O Brasil nas telas: Wrath of the black manta, videogames e brasilidade. In: SANTIAGO, Márcio Sales; BON, Gabriela (orgs.). **Anais da IV Semana de Letras do Seridó**. Natal, RN: EDUFRRN, 2023. p. 193-209. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/51934/1/IVSemanaDeLetrasdoSerid%C3%B3_SantiagoBon_2023.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.

MATUMOTO, André de Oliveira. Sobrevoando a Amazônia: a construção verbo-imagética do Brasil em três jogos shmup. **Entrepalavras**, Fortaleza, CE, v. 12, n. 3, p. 92-122, 2022b. <https://doi.org/10.22168/2237-6321-32512>.

MATUMOTO, André de Oliveira; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Towards a social-semiotic approach to visual analysis of two-dimensional games: a toolkit. **Texto Livre**, Belo Horizonte, MG, v. 15, n. 1, p. e39398, 2022a. <https://doi.org/10.35699/1983-3652.2022.39398>.

MATUMOTO, André de Oliveira; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Uma Proposta Sociossemiótica para a Análise Visual de Jogos Bidimensionais: a construção de significado em Ducktales. **Entreletras**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 344-369, 2022b. <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p344-369>.

MÄYRÄ, Frans. **An introduction to game studies: games in culture**. London, UK/ Thousand Oaks, CA/ New Delhi, IN: SAGE Publications Ltd, 2008.

MINEYAMA Fujiko. Mercado brasileiro de flores - compras no CEAGESP (CEASA) (ブラジルのお花マーケット ～ CEAGESP [セアザ] でお買い物～). 2013. **Arukikata**. Disponível em: <https://www.arukikata.co.jp/web/article/item/2121686/>. Acesso em: 23 out. 2023.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. ANTAQ prorroga consulta pública para licitação da área STS53 no Porto de Santos. 2021. **Ministério da Economia**. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/orgaos/seppi/noticias-1/antag-prorroga-consulta-publica-para-licitacao-da-area-sts53-no-porto-de-santos>. Acesso em: 24 out. 2023.

OLIVEIRA, Marcel Steiner Giglio de. **Arquitetura em São Paulo na Era Vargas - o art déco e a arquitetura fascista nos edifícios públicos (1930 -1945)**. 2009. text - Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-16032010-093020/>. Acesso em: 30 out. 2023.

OLIVEIRA, Ney Coe De. Amazônia, pulmão do mundo. **Revista Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, RJ, v. 45, n. 12, p. 14, 1991..

PÉREZ-LATORRE, Óliver; OLIVA, Mercè; BESALÚ, Reinald. Videogame analysis: a social-semiotic approach. **Social Semiotics**, v. 27, n. 5, p. 586-603, 2017. <https://doi.org/10.1080/10350330.2016.1191146>.

PRADO, Flávio. Breve nota sobre o futebol brasileiro no Japão. **Revista USP**, [S. l.], n. 27, p. 170-172, 1995. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i27p170-172>.

ROSSI, Ludmilla. Igrejas católicas de Santos. 2018. **Juicy Santos**. Disponível em: <https://www.juicysantos.com.br/diversao/o-que-fazer-em-santos/igrejas-catolicas-de-santos-e-a-historia-da-cidade/>. Acesso em: 24 out. 2023.

SCHROEDER, Élcio Mario; DE CASTRO, José Carlos. Transporte Rodoviário de Carga no Brasil: Situação Atual e Perspectivas. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 6, p. 173-188, 1996.

SNK. **The King of Fighters '94**. Osaka, JP: SNK, 1994.

STAMENKOVIĆ, Dušan; JAČEVIĆ, Milan. Video Games and Multimodality: Exploring Interfaces and Analyzing Video Screens Using the GeM Model. In: WILDFEUER, Janina; PFLAEGING, Jana; BATEMAN, John A.; SEIZOV, Ognyan; TSENG, Chiao-I (orgs.). **Multimodality: Disciplinary Thoughts and the Challenge of Diversity**. Berlin, DE/ Boston, MA: De Gruyter, 2019. p. 277-294.

STAMENKOVIĆ, Dušan; WILDFEUER, Janina. An Empirical Multimodal Approach to Open-World Video Games. In: PFLAEGING, Jana; WILDFEUER, Janina; BATEMAN, John A. (orgs.). **Empirical Multimodality Research: Methods, Evaluations, Implications**. Berlin, DE/ Boston, MA: De Gruyter, 2021. p. 259-279.

STRINER, Richard. Art Deco: Polemics and Synthesis. **Winterthur Portfolio**, v. 25, n. 1, p. 21-34, 1990. <https://doi.org/10.1086/496460>.

STUDIO BENT STUFF. **All About Street Fighter III New Generation, The Fighting Bible**. Tokyo, JP: Studio Bent Stuff, 1997a.

STUDIO BENT STUFF. **All About Street Fighter III the Characters**. Tokyo, JP: Studio Bent Stuff, 1997b.

TOH, Weimin. **A multimodal approach to video games and the player experience**. New York, NY/ Abingdon, UK: Routledge, 2019.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing Social Semiotics**. Abingdon, UK/ New York, NY: Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2008.

VAN LEEUWEN, Theo; WODAK, Ruth. Legitimizing Immigration Control: A Discourse-Historical Analysis. **Discourse Studies**, London, UK/ Thousand Oaks, CA/ New Delhi, IN, v. 1, n. 1, p. 83-118, 1999. <https://doi.org/10.1177/1461445699001001005>.

VICCOM. **Fight Fever**. Osaka, JP: SNK, 1994.

Identidades de gênero e identidades discursivas: estudo sobre a construção do *ethos* das pessoas trans

Camille Guichard-Libersac
Université Bordeaux Montaigne, França
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

O presente artigo tem por objetivo estudar as representações sociais (endógenas e exógenas) das pessoas que se identificam como trans e, mais especificamente, o impacto social da afirmação (*coming out*) de uma identidade trans nesses indivíduos.

Percebidos e colocados no discurso como "fora" das normas sociais de gênero - da cisnormatividade¹ -, esses indivíduos tentam fazer com que os seus direitos de ser e de evoluir sejam respeitados através do contradiscurso dentro das nossas sociedades, que se esforçam para uniformizar os indivíduos, padronizando as suas identidades. A atribuição da identidade de gênero funciona como um modelo que pré-constrói a nossa identidade antes mesmo de nascermos e que, por isso, não poderia ser alterado:

Quando o médico ou a parteira olham para a ecografia e dizem "é um rapaz" ou "é uma rapariga", estão a enunciar e, portanto, a produzir uma realidade anatômica que desencadeia expectativas normativas e possíveis cursos de ação (escolha do nome, cor do quarto, roupas, etc.). É, portanto, através da linguagem que as crianças se constituem como sujeitos de gênero, e é sempre através e na linguagem que se faz uma leitura normativa da inteligibilidade dos corpos (Greco, 2012, p. 1, tradução nossa)².

¹ Sistema baseado na presunção de que todos os indivíduos são cisgêneros, ou seja, de que sua identidade de gênero corresponde ao gênero atribuído ao nascimento.

² No original: "Quand le médecin ou la sage-femme disent en regardant l'échographie "c'est un garçon" ou "c'est une fille", ils énoncent et, ainsi, produisent une réalité anatomique qui déclenche des attentes

Essa "leitura normalizada da inteligibilidade dos corpos" evocada por Greco (2012) nos impede de conceber o gênero fora do modelo binário (masculino ou feminino) e hierarquizante, definido pelo sexo biológico do indivíduo. A transidentidade, que se refere à não identificação com o gênero atribuído no nascimento, afeta o sistema cisnormativo, pois reúne tanto os indivíduos que se identificam com o gênero oposto ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento (e que, portanto, se identificam com a norma binária, mas não com o cisgênero), quanto os indivíduos que não se identificam com nenhum dos gêneros (identidades não binárias)³.

Isto posto, interessa-nos entender como a identidade discursiva de um indivíduo é formada quando ele afirma sua identidade trans – particularmente, durante a transição de gênero – em relação a diferentes contextos enunciativos.

Para constituição do corpus, foram realizadas entrevistas semidirecionadas em duas cidades: São Paulo (Brasil) e Bordeaux (França). Mais do que uma abordagem comparativa, este estudo qualitativo tem como objetivo documentar possíveis representações de identidade.

Partimos do ponto de vista da Linguística para o Desenvolvimento Social (Zougbo, 2022), para realizar um levantamento – por meio da linguagem, da memória e da identidade cultural – de representações sociais de comunidades vulneráveis, visando melhorar as condições de vida dos indivíduos, concebendo a linguagem não como "objeto de ações de desenvolvimento", mas como um "instrumento para intervir na sociedade" (Agresti, 2022, p. 41).

Desse modo, investigamos os mecanismos de inclusão e de exclusão que as pessoas trans enfrentam por meio de sua experiência de vida, a fim de avaliar o impacto das normas sociais de gênero em sua autodefinição por meio da análise de elementos endógenos (a comunidade trans como ela se percebe) e exógenos (a comunidade trans como ela é percebida).

Para aprofundar nossa reflexão sobre a construção da identidade e do pertencimento, concentrar-nos-emos, neste artigo, em dois pontos de conflito, a fim de trazer à tona essa dinâmica em diferentes níveis:

normatives et des trajectoires d'actions possibles (choix du prénom, de la couleur de la chambre, des vêtements, etc.). C'est donc grâce au langage que l'enfant est constitué-e en tant que sujet genré-e et c'est toujours par et dans le langage qu'une lecture normée de l'intelligibilité des corps est effectuée."

³ Fluidos, agêneros etc. Existe uma lista não exaustiva dessas identidades.

- Sociedade cisnormativa;
- Pessoas que se identificam com o grupo trans (T).

Este artigo foi dividido em duas partes. Primeiro, apresentamos nossa metodologia de pesquisa e suas limitações, usando a noção de "saberes localizados" de Haraway (1988) para contextualizar os resultados de nossa análise. Em seguida, em nossa análise das variações diafásicas e diacrônicas, trabalhamos com as noções de *ethos* de Auchlin (2001) e de Maingueneau (2002), com a apropriação de recursos multissemióticos de Goffman (1973), da formação de identidades sociais e discursivas de Charaudeau (2009) e da identidade polifônica de Barrett (1999).

1 Metodologia de pesquisa e limitações do estudo

Nosso corpus de análise é composto por narrativas de vida contadas durante entrevistas semidirigidas, realizadas como parte do trabalho de pesquisa de doutorado. Realizamos 12 entrevistas (com 6 mulheres, 3 homens, e 3 não binários) e optamos por selecionar exemplos que são particularmente representativos para este artigo. As pessoas entrevistadas são adultos (com idades entre 18 e 73 anos) que se identificam como trans (masculino, feminino e não binário) e que já passaram por várias mudanças em suas relações interpessoais desde o início da transição ou do *coming out*.

Todas nasceram e foram criadas nos países onde a entrevista foi realizada, e sua língua materna corresponde ao idioma oficial desses países: português no Brasil e francês na França "hexagonale"⁴. Desse modo, as entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora em suas línguas maternas.

Os macro temas do guia de entrevista foram definidos de modo a manter uma certa cronologia nos relatos, começando com o início da vida (relacionamentos familiares e amizades, personalidade e destaques da infância) antes de passar para a descoberta e para a afirmação da identidade de gênero:

⁴ Estamos nos referindo aqui à parte continental da França, sem incluir os territórios e departamentos ultramarinos.

1. Apresentação de si mesmo;
2. infância;
3. identidade de gênero;
4. experiência escolar;
5. mundo profissional;
6. transidentidade na sociedade brasileira/francesa;
7. perguntas ou comentários.

O objetivo é focar o discurso do sujeito em suas experiências familiares e pessoais (interações privadas) antes de abordar o confronto com órgãos normativos (carreira escolar, mundo profissional, transidentidade na sociedade).

Essa metodologia apresenta certas limitações na coleta do corpus, bem como na análise dos dados.

Partimos da premissa de que, como discutiu a bióloga Donna Haraway (1988), não existe objetividade científica absoluta, mas é possível otimizar o nível de objetividade da pesquisa levando em conta "saberes localizados", ou seja, a situação e as circunstâncias em que o conhecimento foi produzido. Isso significa questionar os recursos materiais e conceituais mobilizados; o contexto social, econômico, cultural e histórico no qual a pesquisa está enraizada; e também a posição da pesquisadora e os limites de sua visão como observadora.

Haraway (1988, p. 589, tradução nossa) critica o modo objetivo de observação do pesquisador, que se forja como uma "visão de cima, vinda de lugar nenhum"⁵, supostamente, mais legítima e mais "neutra", mas que torna o sujeito totalmente invisível. Essa invisibilidade, por sua vez, não é objetiva e impede que o pesquisador questione o impacto e os vieses de sua própria visão, que não podem ser ignorados ou totalmente apagados. Dessa forma, esta pesquisadora defende o que chama de "perspectiva parcial"⁶, uma visão que o pesquisador sabe ser incompleta, porque está ciente de suas próprias

⁵ No original: "view from above, from nowhere"

⁶ No original: "partial perspective"

limitações e das relações de poder que entram em jogo tanto em sua abordagem de campo quanto na análise de seus dados.

Dialogamos com Haraway (1988) para definir, no contexto deste estudo, como o perfil da pesquisadora interage com o do público escolhido.

Para tanto, é preciso determinar os níveis em que as relações de poder podem operar, a fim de entender nosso trabalho de uma perspectiva parcial e estar ciente do impacto de nosso posicionamento (aceitando, ao mesmo tempo, que certos vieses podem não nos ser perceptíveis).

A primeira fonte de assimetria na análise de nosso corpus decorre da identidade de gênero das pessoas entrevistadas: sejam elas trans binários ou não binários, elas não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento. Como esta pesquisa está sendo realizada por uma mulher cisgênero, não se pode ignorar que os impactos sociais e os mecanismos de identidade envolvidos nunca foram vivenciados e não podem ser vivenciados pela pesquisadora.

Em segundo lugar, podemos destacar o impacto da dinâmica comunitária desse grupo, ligada à comunidade LGBTQIAPN+ (adesão materializada pela letra T na sigla), que agrupa de forma mais ampla todos os indivíduos cuja identidade de gênero ou orientação sexual não é cisnormativa nem heteronormativa. Pertencer a essa comunidade representa, pelo menos simbolicamente, uma luta comum pelo respeito e pelo reconhecimento dos direitos desses indivíduos, que são discriminados por sua identidade de gênero ou orientação sexual. O fato de não pertencermos a essa comunidade limita nossa compreensão e interpretação de alguns dos fenômenos que estamos estudando.

Esse também é o caso de nossas entrevistas com minorias raciais. Como a discriminação racial se desenvolve na interseccionalidade com o gênero e com a sexualidade, ela desempenha um papel importante na dinâmica de inclusão e de exclusão das pessoas envolvidas.

Ao coletar nosso corpus no Brasil, tivemos que levar em conta dois elementos adicionais: a cultura de origem e o idioma da comunicação.

Como pesquisadora francesa cuja língua materna não é o português, a percepção das pessoas entrevistadas sobre o nosso perfil é particularmente

relevante. Apesar de possíveis mal-entendidos ou imprecisões nas trocas devido a diferenças culturais e linguísticas, encontramos, nessas, algumas vantagens também.

A antecipação de mal-entendidos levou-lhes a serem mais explícitas sobre o que estavam dizendo (definições, contexto cultural, político e social, etc.), revertendo a relação de poder⁷ que geralmente existe, em que a pesquisadora se posiciona como detentora do conhecimento e considera a pessoa entrevistada como um mero informante.

Podemos exemplificar esse tipo de explicação com B.1, que contextualiza uma classificação socioeconômica específica do Brasil:

Nasci numa família [...] classe média baixa que a gente chama aqui no Brasil, hoje em dia seria a classe D seria nem classe C, mas seria classe D.

B.5 também é um exemplo, que perguntou explicitamente à pesquisadora se ela conhecia o nome da pessoa que acabara de mencionar:

[...] por exemplo aqui no Brasil a gente tem uma atriz famosa que a Fernanda Montenegro /... você já ouviu falar dela /... é uma atriz de cinema da televisão teatro enfim o nome dela não é Fernanda Montenegro o nome dela é outro ela inventou este nome.

Por fim, nessa última entrevista, B.5, embora supondo que o contexto francês possa ser semelhante ao brasileiro, faz uma descrição detalhada de sua visão das diferentes representações e imaginários que cercam as pessoas trans e travestis no Brasil:

Tem uma imagem aqui no Brasil não sei como é na França mas imagino que não seja muito diferente da pessoa trans como alguém que é ao mesmo tempo sexual então a travesti a travesti a prostituta não é ou seja alguém que é que tem uma potência sexual muito grande porque ela pode ser mulher e ser homem nas relações sexuais então ela é um monstro potente no sentido sexual mas ela também é agressiva se você fizer alguma coisa com ela te bate ela xinga ela grita ela fala alto ela roda a baiana ela roda bolsinha essa imagem é uma imagem que cria sobre nós um estereótipo de violência e de marginalidade.

Nota-se que as pessoas entrevistadas pressupõem que possuem um determinado tipo de conhecimento que a pesquisadora não tem e, por isso, dedicam tempo para esclarecer o que estão dizendo à entrevistadora. Essa

⁷ As relações de poder nunca são completamente revertidas, mas podem ser parcialmente reduzidas.

atenção em definir e contextualizar suas declarações também contribui para a construção de um *ethos* específico nas entrevistas de pesquisa.

Desse modo, analisamos a construção desse *ethos* partindo da concepção aristotélica desse conceito, que diz respeito à credibilidade, à confiança e à reputação do orador como garantia de competência e de integridade para o ouvinte. Nossa fundamentação teórico-metodológica segue Maingueneau (2002) e Auchlin (2001) para explorar as estratégias discursivas utilizadas pelo sujeito para se posicionar, concentrando-se, primeiro, nas variações diafásicas e diacrônicas.

2 Estratégias para a construção do *ethos*: variações diafásicas e diacrônicas das transidentidades

Primeiramente, é preciso definir a noção de *ethos* na qual baseamos este trabalho:

Não se trata de uma representação estática e bem definida, mas de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento do discurso do orador. O *ethos* não opera em primeiro plano, mas lateralmente; ele implica uma experiência sensível do discurso e mobiliza a afetividade do destinatário (Maingueneau, 2002, p. 56, tradução nossa)⁸.

Os critérios de "dinamismo" e de "movimento" nos permitem conceber o *ethos* como uma construção em constante evolução, uma vez que ele se refere não só ao interlocutor em transição - de gênero - mas também (e principalmente) ao interlocutor.

Também nos interessa, neste trabalho, a definição de Auchlin de *ethos*, que destaca o papel e os modos de tratamento do destinatário:

Podemos supor que o *ethos* é construído com base em dois mecanismos de processamento distintos: um baseado na decodificação linguística e no processamento inferencial de declarações; o outro no agrupamento de fatos em sintomas, uma operação do tipo diagnóstico que mobiliza recursos cognitivos da ordem empática (Auchlin, 2001, p. 92, tradução nossa)⁹.

⁸ No original: "Il ne s'agit pas d'une représentation statique et bien délimitée, mais plutôt d'une forme dynamique, construite par le destinataire à travers le mouvement même de la parole du locuteur. L'*ethos* n'agit pas au premier plan, mais de manière latérale, il implique une expérience sensible du discours, il mobilise l'affectivité du destinataire".

⁹ No original: "On peut supposer que l'*ethos* se construit sur la base de deux mécanismes de traitement distincts : l'un reposant sur le décodage linguistique et le traitement inférentiel des énoncés ; l'autre sur le

O sujeito deve, dessa forma, dominar a "(re)interpretação" dos códigos atribuídos aos gêneros feminino e masculino para minimizar o efeito de dissonância que poderia ser criado durante a interação. Esses "códigos" não são apenas linguísticos; eles reúnem toda uma gama de recursos multissemióticos (tom de voz, velocidade da fala, escolha de palavras e argumentos, gestos, expressões faciais, olhar, postura, roupas etc.) específicos do discurso masculino ou feminino ao se apresentarem (Goffman, 1973).

A noção de variabilidade, que depende do conteúdo do "diagnóstico" feito pelo interlocutor, é também primordial em nossa análise do *ethos*, pois condiciona o reconhecimento do orador pelo interlocutor, que valida ou invalida o critério de "passabilidade".

'Passar', conforme usado no contexto de raça e gênero, descreve uma situação de inteligibilidade na qual a percepção da raça ou do gênero do sujeito que passa é, na verdade, uma leitura equivocada. Para passar efetivamente, um sujeito é (mal) lido como "real". No caso de uma mulher que passa¹⁰, ela é lida como genuinamente masculina. A passabilidade de raça e de gênero exige marcadores legíveis estáveis para que o sujeito que passa possa adquirir, dominar e executar a aparência e as nuances da raça ou do gênero apropriados. A passabilidade é uma questão de legibilidade pública (e às vezes privada) e requer um espectador para legitimar a passagem. A passabilidade é performativa no sentido de que depende de um espectador para ser válida e exige a construção de uma inscrição visível e inteligível no corpo, contrária ao corpo racializado predeterminado ou ao corpo biologicamente sexuado do sujeito. Isso não quer dizer que um sujeito que passa não sinta o passar como essencial, integral ou 'real' (Maltz, 1998, p. 277-278, tradução nossa)¹¹.

Em outras palavras, o fato de ser reconhecido pelo interlocutor (por meio do uso do nome social e do pronome correto, por exemplo) atesta um *passing* "bem-sucedido" e confirma a identidade do sujeito trans. Isso nos remete à

regroupement de faits en symptômes, opération de type diagnostic, qui mobilise des ressources cognitives de l'ordre de l'empathie".

¹⁰ Precisamos enfatizar aqui que o uso de "mulher" e do pronome feminino para se referir a homens trans é indicativo de uma visão particularmente cisnormativa.

¹¹ No original: 'Passing', as used in the context of both race and gender, describes a situation of intelligibility in which the perception of the race or gender of the passing subject is actually a misreading. To pass effectively, a subject is (mis)read as 'real'. In the case of a passing female, as genuinely male. Race and gender passing require stable legible markers so that the passing subject can acquire, master, and perform the appearance and nuances of the appropriated race or gender. Passing is a question of public (and sometimes private) legibility and requires a spectator in order to legitimate the pass. Passing is performative in the sense that it relies on a spectator for validity and requires the construction of a visible, intelligible inscribed on the body counter to the predetermined racialized body or the biologically sexed body of the subject. This is not to suggest that a passing subject does not feel the pass as essential, integral, or 'real'".

noção de "performatividade" de Butler (2006, p. 13, tradução nossa), "É uma prática de improvisação que se desenvolve no interior de uma cena de coerção"¹², para explicar o equilíbrio e o controle da imagem projetada para os outros, que fazem parte das estratégias implementadas para contrabalançar os efeitos de uma possível dissonância, dependendo do contexto da enunciação.

Essa performatividade é vital para se compreender o contexto de uma transição de gênero, porque condiciona a vida cotidiana e o status social do indivíduo como um todo: autoestima, realização pessoal, educação, carreira etc.

Uma transição de gênero não implica um ponto de partida "nítido" do gênero designado para o gênero sentido; a expressão *transidentidade* indica um processo, um posicionamento marginal e limítrofe no espaço social. Esse espaço de identidade também é o local de experimentação e de confronto do sujeito com os vários critérios de validação do *passing*, com base nas normas binárias de gênero. O relato de B.2 nos dá um exemplo concreto dessa experiência:

Hoje em dia graças a muita luta uma mulher pode sair na rua de suvaco peludo pode sair na rua com pernas sem depilar ainda bem mas as pessoas agora podem fazer isso as mulheres podem muito bom mas se eu faço isso eu não existo eu não posso então é se você quer ser mulher ser mulher dói você tem que fazer depilação você tem que [...] fazer peeling fazer sabe procedimentos estéticos para se tornar mulher então você precisa virar a Vênus de Milo com braços é né é isso você tem que ser a mulher perfeita e padrão.

Nesse trecho, ela começa descrevendo o que considera um desenvolvimento positivo para as mulheres ("uma mulher pode sair na rua de suvaco peludo pode sair na rua com pernas sem depilar"; "ainda bem"; "muito bom"), alcançado por meio de luta ("graças a muita luta"). Ela apresenta seus argumentos como uma série de injunções ("uma mulher pode"; "as mulheres podem"; "para ser mulher você tem que"; "ser mulher"; "fazer peeling [...] procedimentos estéticos"; "você precisa virar"; "ser a mulher") em torno da depilação, uma injunção da qual as mulheres conseguiram se liberar. Ela também faz um paralelo entre a condição feminina e a depilação ("ser mulher dói você tem que fazer depilação"), o que significa que você precisa sofrer para ser reconhecida como mulher. Esse argumento nos chama atenção, porque a

¹² No original: "Le genre est une pratique d'improvisation qui se déploie à l'intérieur d'une scène de contraintes".

participante contrasta o desenvolvimento positivo descrito inicialmente – o fim da injunção de que as mulheres precisam se depilar – com uma obrigação que ainda parece relevante para ela (“mas se eu faço isso eu não existo eu não posso”): ela, portanto, destaca duas “categorias” de mulheres, as mulheres em geral e aquelas que “querem se tornar” mulheres. Essa categorização é visível em seu discurso a partir do momento em que ela deixa de falar sobre “mulheres” e o que elas “podem” fazer e passa a falar sobre o que precisa ser feito para ser uma mulher “perfeita e padrão”.

Esse exemplo nos permite destacar uma posição marginal na sociedade, na medida em que revela uma identidade social diferente da identidade feminina¹³.

Propomo-nos, assim, a analisar essa noção de identidade social para afinar nossa compreensão da construção do *ethos*, utilizando a definição de Charaudeau:

A identidade social precisa ser apoiada, fortalecida, recriada ou, ao contrário, ocultada pelo comportamento linguístico do sujeito falante, e a identidade discursiva, para ser construída, precisa de uma base de identidade social. Portanto, será assumido que há uma diferença entre esses dois tipos de identidade e que é por meio de sua combinação que o poder de influência do sujeito falante é construído (Charaudeau, 2009, p. 19, tradução nossa)¹⁴.

Entendemos que a identidade social representa a base da identidade discursiva. No caso de nosso estudo, essa identidade social não é fixa, pois o *passing* do indivíduo trans precisa ser validado por seu interlocutor para que seja reforçado. Quando a passagem não é validada e o indivíduo se encontra em uma situação de rejeição, em que é tratado de acordo com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, a tentativa de recriar a identidade é “ocultada”, impede-se que a identidade social reivindicada se enraíze. Em outras palavras, a identidade discursiva do sujeito só pode se desenvolver em um contexto discursivo favorável.

¹³ “feminina” no contexto desse exemplo.

¹⁴ No original: “L’identité sociale a besoin d’être confortée, renforcée, recréée ou, au contraire, occultée par le comportement langagier du sujet parlant, et l’identité discursive, pour se construire a besoin d’un socle d’identité sociale. On posera donc qu’existe une différence entre ces deux types d’identité, et que c’est du fait de leur combinaison que se construit le pouvoir d’influence du sujet parlant”.

Durante nossas entrevistas, perguntamos às pessoas entrevistadas se percebiam uma diferença na forma como a sociedade reconhece as mulheres trans, homens trans e pessoas não binárias. Responderam unanimemente que há, de fato, diferenças, e cada uma delas expôs seus argumentos. Quando o foco estava nas mulheres, todas as brasileiras entrevistadas mencionaram outra identidade dentro do grupo: as travestis. Originalmente apresentadas como uma identidade distinta das mulheres trans, elas não são necessariamente incompatíveis em alguns casos¹⁵, como explicou B.2:

B.2 51:53

talvez é uma questão de performance assim né então e aí faz sentido [...] eu não tenho essa performance por isso que eu também [...] às vezes até tenho vergonha de falar eu sou travesti mas eu só falo isso quando estou com uma confiança muito grande então numa performance XYZ assim então aquilo lá eu sou travesti [...] vou fazer isso vou fazer aquilo então você se sente mais poderosa assim porque [...] são poderosas né o pessoal vai falar inglês né *fierce* então porque elas são incríveis assim não abaixa a cabeça assim

C. 52:35

Pessoas que lutam

B.2 52:37

Lutam muito exato então [...] às vezes eu entro nessa diferenciação às vezes

C. 52:44

Então depende do contexto

B.2 52:45

É eu uso não uso [...] mas eu me identifico sempre como mulher trans ao me perguntar assim informalmente [...] mas às vezes eu adiciono então eu sou mulher trans travesti etc mulher [...] eu tento manter qualquer referência isso não não é mau porque eu entendo a questão da diferença entre travesti e mulher trans no meu ambiente no meu trabalho é uma coisa muito é classe média classe média alta a palavra travesti pode até chocar [...] como chocou minha amiga

Aqui, a identidade travesti é apresentada como uma identidade singular que se relaciona com:

¹⁵ no contexto brasileiro.

- a noção de "performance": uma performance específica apresentada como um critério constitutivo dessa identidade ("é uma questão de performance"; "numa performance XYZ");
- um certo poder: um caráter forte, combativo e inspirador ("são poderosas"; "*fierce*"; "elas são incríveis"; "não abaixa a cabeça assim"; "lutam muito").

Essa identidade parece fazer parte de um contexto específico no qual não se está sistematicamente envolvida ("eu não tenho essa performance"; "eu só falo isso quando estou com uma confiança muito grande"; "eu entro nessa diferenciação às vezes"). Sente-se que só se encaixa nesse desempenho em uma determinada situação ("quando estou com uma confiança muito grande então numa performance XYZ assim então aquilo lá eu sou travesti"). Por um lado, essa identificação parece dar uma sensação de poder e confiança ("você se sente mais poderosa"). Por outro lado, na ausência dessa performance, não se sente legitimada a se identificar com travestis ("eu não tenho essa performance por isso que eu também [...] às vezes até tenho vergonha de falar eu sou travesti"). Poderíamos, dessa forma, traçar um paralelo entre a identidade social como base da identidade discursiva: a performance representa a base da identidade travesti (identidade social) e fornece acesso ao poder e à confiança necessários para se definir como travesti (identidade discursiva).

Nesse relato de B.2, também podemos destacar o fenômeno de identidades sociais sobrepostas, no qual os modos de expressão não são estáticos, estão ativamente sujeitos a mudanças, pois é possível que um indivíduo se envolva em várias práticas de identidade simultaneamente. Passando-se de uma identidade para outra, a depender da situação de comunicação, há variações diafásicas, que constituem o que Barrett chama de "identidade polifônica" (1999, p. 313, tradução nossa)¹⁶, ou seja, uma identidade híbrida e mista em que os discursos e as percepções podem se sobrepor ("às vezes eu adiciono então eu sou mulher trans travesti etc. mulher").

¹⁶ No original: "polyphonous identity".

Para essa noção de identidade, damos o exemplo de uma participante trans não binária (F.3), que, tendo um gênero fluido, alterna e sobrepõe suas identidades sociais e, portanto, discursivas:

[...] eu uso o pronome neutro e feminino [...] porque sou daquelas pessoas que têm um gênero que varia ao longo do tempo, por isso *genderfluid*, mas na verdade abrange todo o espectro de gênero, por isso é uma subcategoria que tem ainda outra subcategoria, por isso temos a primeira subcategoria que tem realmente o lado feminino que passa de agênero para feminino, por isso *genderfaer* [...], que varia entre agênero e feminino, mas com períodos masculinos ocasionais e eu ainda estou sob isso, estou apenas do lado agênero para o feminino ou isso varia ao longo do tempo e, por isso, o que chamamos de *genderfae* [...] e que é apenas agênero para feminino com 100% feminino às vezes (tradução nossa)¹⁷.

A participante relata o uso alternado de pronomes femininos e neutros sobre si mesma, definindo-se como *genderfae*, indicando que ela se envolve em, pelo menos, duas identidades discursivas distintas (em uma situação ideal com um diagnóstico positivo do interlocutor).

Além disso, o fato de ela mencionar "de agênero a feminino" e "100% feminino" sugere que há nuances entre as duas categorias e, portanto, há identidades misturadas e matizadas, principalmente, quando ela se refere à noção de "espectro de gênero".

Ela também menciona outra categoria de pessoas com gênero fluido denominada *genderfaer*, que, como a *genderfae*, usa, predominantemente, pronomes femininos e neutros, mas também passa por "períodos masculinos". Isso pressupõe que o sujeito também pode se identificar com o gênero masculino, tornando difícil medir um número de identidades discursivas - e sociais - nas quais ele pode estar envolvido.

A alternância no uso de pronomes pessoais entre pessoas não binárias de gênero fluido, desse modo, não é apresentada como uma variável fixa e predeterminada, mas como uma variação diacrônica, ligada a variações ao

¹⁷ [...] j'utilise le pronom neutre et féminin [...] parce que je fais partie de ces gens qui ont un genre qui varie dans le temps donc *genderfluid*, mais en fait ça prend tout le spectre du genre en fait c'est une sous-catégorie qui a encore une sous-catégorie donc on a la première sous-catégorie en fait qui a du côté féminin qui s'arrête de agenre jusqu'à féminin donc *genderfaer* [...] donc en fait ça varie entre agenre et féminin mais avec quand même de temps en temps des périodes masculines pour celui-là et moi du coup je suis encore en dessous je suis juste en fait du côté agenre à féminin ou ça varie dans le temps également et du coup ce qu'on appelle du coup *genderfae* [...] et ça bah c'est juste agenre à féminin avec quand même féminin à 100 % des fois.

longo do tempo ("um gênero que varia ao longo do tempo; varia ao longo do tempo; períodos").

Considerações finais

Em conjunto, os trechos de entrevistas analisados neste trabalho nos permitem destacar certos mecanismos-chave na construção do *ethos* das transidentidades (binárias e não binárias), em particular, as variações diafásicas e diacrônicas que podem consolidar ou enfraquecer a identidade social e discursiva do indivíduo. Ocupando um espaço limítrofe e marginal na esfera social, a validação do *passing* pelo interlocutor - obtido pela apropriação de recursos multissemióticos - requer o conhecimento do imaginário do receptor para poder adequar seu *ethos* ao momento da interação e, assim, minimizar situações de rejeição.

Ao cruzar as identidades de gênero e as identidades discursivas, pretendemos lançar luz sobre o processo de materialização de uma fala em tensão, em que a identidade do sujeito pode ser diluída, colocando-o facilmente em uma posição de inferioridade, como excluído, banido, ignorado ou desqualificado. A partir desta análise, seria interessante investigar a formação desses imaginários e representações (endógenos e exógenos) em trabalhos futuros, particularmente, por meio da contribuição de Pêcheux (1997, p. 84), que considera que "todo processo discursivo supunha, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso" e que, assim, permite-nos aprofundar no processo de antecipação para observar os efeitos de sentido produzidos sob diferentes condições de produção.

Referências

AGRESTI, Giovanni. Une linguistique pour le développement social. In: ZOUOGBO, Jean-Philippe Claver; MÉTANGMO-TATOU, Léonie (Orgs.). **Linguistique pour le développement. Concepts, contextes et empiries**. Paris: Editions des archives contemporaines, 2022, p. 31-45.

AUCLIN, Antoine. Ethos et expérience du discours : quelques remarques. In: WAUTHION, Michel; SIMON, Anne-Catherine (Éds.). **Politesse et idéologie**. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelle. Louvain: Peeters, 2001, p. 77-95.

BARRETT, Rusty. Indexing polyphonous identity in the speech of African American drag queens. In : BUCHOLTZ, Mary; LIANG, A. C; SUTTON, Laurel A. (Éd.). **Reinventing identities: the gendered self in discourse**. New York Oxford : Oxford University Press. Studies in language and gender, p. 313-331, 1999. ISBN 978-0-19-512630-3.

BUTLER, Judith. Agir de concert In: BUTLER, Judith. **Défaire le genre**. Paris: Amsterdam, 2006, p. 13-30.

CHARAUDEAU, Patrick. **Identités sociales et discursives du sujet parlant**. Paris: l'Harmattan, 2009.

GOFFMAN, Erwing. **La présentation de soi**. Paris: Ed. de Minuit, 1996.

CHETCUTI, Natacha; GRECO, Luca. Théories féministes, théories linguistiques et enjeux catégoriels. In: CHETCUTI, Natacha; GRECO, Luca. (Éds.). **La face cachée du genre**. Paris : Presses Sorbonne Nouvelle, 2012, p. 9-19.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

MAINGUENEAU, Dominique. Problèmes d'ethos. **Pratiques**, v. 113, n. 1, p. 55-67, 2002.

PÊCHEUX, Michel, Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61-105.

MALTZ, Robin. Real butch: The performance/performativity of male impersonation, drag kings, passing as male, and stone butch realness. **Journal of Gender Studies**, Informa UK Limited, nov. 1998. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/09589236.1998.9960721>.

ZOUOGBO, Jean-Philippe Claver; MÉTANGMO-TATOU, Léonie (Orgs.). **Linguistique pour le développement. Concepts, contextes et empiries**. Paris: Editions des archives contemporaines, 2022.

Estratégias argumentativas da publicidade veiculada em mídias digitais: o caso da marca *quem disse, berenice?*

Denise Durante

Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo, Brasil

Introdução

Nas sociedades capitalistas, é frequente a exposição dos indivíduos a mensagens publicitárias. Todavia, dedicamos pouco tempo à reflexão crítica sobre as propagandas (Marcuse, 2012, p. 16) que buscam captar nossa atenção, seja na televisão, no rádio, nas revistas e jornais, nos meios de transporte urbano, nos *busdoors* e *outdoors*, *displays* de lojas e na Internet, por exemplo. A publicidade tradicionalmente se apresenta como uma intrusa ou um “elemento intersticial” (Moles, 1974, p. 65) nos meios de comunicação, visto que normalmente não os utilizamos para consumir anúncios comerciais. Ao usarmos esses meios, nossa atenção se volta essencialmente para conteúdos de notícias, telenovelas, filmes, canções (McLuhan, 1995, p. 257), dentro outros, e não para a mensagem publicitária, presente amiúde como um obstáculo entre a audiência e os conteúdos midiáticos que interessam primeiramente ao público. Justificam-se, assim, em parte, variados esforços criativos dos publicitários para captar e manter a atenção dos potenciais consumidores, com a exploração de recursos diversos da multimodalidade discursiva.

Na contemporaneidade, com o acesso à Internet por meio de computadores pessoais, *tablets*, *smartphones* e outros tantos suportes, em que se utilizam as chamadas “redes sociais”, a mensagem publicitária parece desempenhar um novo papel. Ela deixa, por vezes, de se apresentar como uma intrusa e passa a desfrutar da possibilidade de se tornar o conteúdo principal em que se concentram as atenções dos internautas. Em redes sociais como

Instagram, por exemplo, são muitas as páginas digitais dedicadas à informação sobre e à divulgação de produtos e serviços. Nessas páginas, os usuários ou seguidores podem manter-se em contato direto com as marcas por meio de postagens que os atualizam sobre as novidades relacionadas aos produtos e serviços com os quais se identificam, apreciam e/ou consomem. Ademais, por meio dessas páginas, é possível estar em contato com outros consumidores dos mesmos produtos e serviços, de forma que se criam grupos ou redes de contatos que permitem aos usuários das redes trocar informações e opiniões sobre as vantagens ou eventuais desvantagens relacionadas aos produtos e serviços ofertados. Os seguidores das páginas das marcas comerciais podem enviar elogios, sugestões, fazer solicitações, queixas e comprar produtos nas páginas comerciais.

Deve-se notar que os seguidores das *fanpages* comerciais acessam essas páginas espontaneamente. Sendo assim, eles buscam a mensagem comercial, e não o contrário, como ocorre com os tradicionais comerciais de televisão ou os anúncios de revistas impressas, em que é o anunciante quem busca a atenção do potencial comprador. Esse aspecto altera as relações entre os (potenciais) clientes e a publicidade. Diante desse contexto, pode-se supor que as páginas comerciais em redes sociais sejam capazes de potencializar o processo de fidelização dos internautas às marcas dos produtos e aos serviços divulgados. A publicidade se traveste de entretenimento e obtém possibilidades de ampliação do tempo de exposição dos anúncios ao público.

A cultura participativa típica das sociedades hodiernas, conforme apontado por Lévy (1999), exige que os estudiosos da linguagem se dediquem à compreensão sobre como se caracterizam as novas formas de consumo no contexto das Tecnologias da Informação e Comunicação (doravante TICs). Sendo assim, propõe-se, neste capítulo, uma reflexão sobre dinâmicas interacionais e discursivas que se manifestam no consumo da mensagem publicitária em redes sociais. Para a consecução desse objetivo, voltamo-nos para a análise de aspectos linguísticos e discursivos presentes em uma página comercial na rede social Instagram.

Adotaremos alguns dos pressupostos da Análise Crítica de Discurso (ACD), em particular os estudos de Norman Fairclough na obra *Discurso e Mudança Social* (2001). Para a obtenção de conceitos sobre as novas TICs,

retomaremos como teorias secundárias os estudos de Tofler (1980), Jenkins (2009), Lévy (1999; 2011), cujos trabalhos são indispensáveis para se compreender as mídias digitais.

Descrevem-se e analisam-se neste estudo aspectos da publicidade da marca brasileira de produtos cosméticos chamada *quem disse, berenice?*. Enfocaremos anúncios postados na página da marca no Instagram, bem como comentários dos internautas sobre as referidas postagens. Conforme indica o site SEBRAE Digital, o Brasil é o segundo país que mais lança produtos de beleza e o quarto no ranking de gastos com cosméticos¹. O consumo expressivo de produtos de estética e cosmética em nosso país é estimulado pela veiculação massiva de publicidades pelos mais variados suportes, nos quais esses bens supérfluos parecem assumir a função de bens essenciais. Justifica-se, portanto, a relevância de os estudos da linguagem se voltarem para a compreensão das características do discurso da propaganda comercial dessa área.

Adota-se, neste trabalho, o método indutivo, visto que se considera que os dados obtidos por meio da amostra de anúncios poderão ser aplicados e entendidos como válidos para um universo maior de mensagens publicitárias veiculadas em redes sociais. Trata-se de pesquisa teórica, qualitativa, bibliográfica e documental. Selecionaram-se para este artigo apenas as postagens e comentários presentes na *fanpage* da marca *quem disse, berenice?* que pudessem exemplificar os dados levantados no que concerne a estratégias discursivas e interacionais manifestadas no ambiente da rede social Instagram. Procedeu-se ao estabelecimento de relações entre a fundamentação teórica adotada, ou seja, a Análise Crítica de Discurso como teoria primária, e o *corpus* coletado.

¹ No site SEBRAE Digital, informa-se que: "De acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec), o Brasil ocupa a 2ª posição entre os países que mais lançam produtos na área e está em 4º lugar entre os países que mais consomem produtos de beleza no mundo. Segundo um relatório especial da McKinsey, a previsão é que o setor atinja o faturamento de US\$ 580 bilhões até 2027". Trecho disponível em: <https://digital.sebraers.com.br/blog/estrategia/tendencias-para-o-setor-de-beleza-em-2024/>. Acesso em: 8 jan. 24.

1 Linguagem e poder: alguns pressupostos da Análise Crítica de Discurso

Iniciada nos anos 1990, a ACD busca entender as mudanças sociais originárias das relações entre discurso e poder nas sociedades contemporâneas. Entre os principais autores cujas pesquisas se incluem nessa vertente de estudos da linguagem, incluem-se Blommaert (2005), Fairclough (2001), van Leeuwen (2008), van Dijk (1989) e Wodak (1996).

Nessa perspectiva interdisciplinar, considera-se a ideologia manifestada nos textos como elemento inerente ao discurso e almeja-se elucidar recursos discursivos que possam conduzir à manutenção ou à modificação das relações históricas de poder e dominação nas sociedades. A ACD busca compreender como se relacionam as práticas discursivas no contexto das “estruturas e lutas sociais” (Fairclough, 2001, p. 100). Entende-se, assim, que as reflexões dessa vertente de estudo da linguagem podem se adequar à análise das interações comumente estabelecidas em redes sociais, constituídas como ambientes capazes de potencializar a disseminação de ideias e de influenciar comportamentos.

Fairclough (2001) apresenta conceitos e pressupostos para a descrição e a análise discursivas. O autor explica que a ACD visa compreender como as relações de poder podem ser influenciadas pelas práticas discursivas, bem como de que modo as relações de poder também são capazes de influenciar e modificar as práticas discursivas sociais e institucionais, ou seja, estabelece-se uma relação dialética entre prática discursiva e estrutura social. Nesse sentido, ao retomarem os estudos da ACD, Vieira e Resende (2016, p. 15) elucidam: “Na perspectiva sociodiscursiva da ACD, a linguagem é parte irreduzível da vida social, o que pressupõe relação interna e dialética de *linguagem-sociedade*, em que ‘questões sociais são em parte, questões de discurso’, e vice-versa (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 7)”.

Para atingir seu objetivo, a ACD se contrapõe à abordagem estruturalista de tradição saussuriana, em que se dá primazia ao estudo da língua (*langue*, componente social) em detrimento da fala (*parole*, componente individual). A reflexão sobre a ideologia, expressa nos discursos veiculados pelos textos, e as mudanças históricas e sociais envolvem a consideração do uso da linguagem,

isto é, do discurso como “forma de prática social” (Fairclough, 2001, p. 90). Por consequência, Fairclough considera o discurso como forma de representação da realidade e forma de ação social, com que é possível modificar o mundo e influenciar as pessoas. O autor afirma: “O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (Fairclough, 2001, p. 91).

A citada relação dialética entre prática discursiva e estrutura social, considerada por Fairclough (2001), exprime a capacidade exercida pela prática discursiva de espelhar a sociedade e, concomitantemente, agir no sentido de modificá-la. Esse aspecto nos remete às características dos usos da linguagem na publicidade: ao mesmo tempo em que pode ser entendida como um reflexo dos valores predominantes em uma sociedade, o discurso publicitário tende a contribuir para afirmar e catalisar esses valores. Sendo assim, observa-se que, frequentemente, termos utilizados em anúncios comerciais passam a fazer parte do vocabulário cotidiano das sociedades. No caso da publicidade brasileira, podemos recordar o uso de expressões como “Não é uma Brastemp”, utilizada nos anúncios da marca de refrigeradores Brastemp, a qual foi incorporada, durante a década de 1990, às conversas cotidianas para expressar o sentido de que algo ou alguém não era o melhor. De modo semelhante, valores sociais associados à beleza e ao sucesso, por exemplo, são refletidos pela publicidade, ao mesmo tempo em que ela os consolida e os reafirma por meio da divulgação e exposição intensa e repetitiva de seus anúncios frente ao público, sejam eles consumidores dos produtos e serviços ou não.

Fairclough (2001, p. 94) identifica três efeitos do discurso, considerando-o como prática política e ideológica. O primeiro deles se refere à influência do discurso sobre a constituição das identidades sociais, influência relacionada à designada “função identitária” da linguagem. O segundo efeito se relaciona com a influência que o discurso exerce sobre as relações sociais entre os indivíduos, correspondente à “função relacional” da linguagem. O poder do discurso para constituir “sistemas de conhecimentos e crenças” corresponde ao terceiro efeito do discurso elencado por Fairclough. Esse terceiro efeito se relaciona com a função ideacional da linguagem. Para complementar as funções da linguagem apresentadas, o autor menciona a “função textual”, em

que se considera de que maneira as informações podem ou não ser apresentadas em um texto. Elas podem, por exemplo ser destacadas ou omitidas de acordo com os objetivos dos enunciadores das mensagens.

Outro aspecto ressaltado por Fairclough (2001) diz respeito à consideração do interdiscurso (noção retomada pelo autor por meio dos estudos dos analistas de discurso franceses) como elemento importante para a compreensão da mudança discursiva, tendo-se em vista uma perspectiva histórica para a compreensão das relações entre linguagem e sociedade. Nos termos de Fairclough (2001, p. 96), “o interdiscurso é a entidade que subjaz aos eventos discursivos e não à formação individual ou o código”. Todavia, o pesquisador britânico resalta sua escolha pelo emprego da expressão “ordens de discurso” (locais e societárias) em vez de “interdiscurso”. Entende-se a atividade discursiva como heterogênea, resultante do acionamento de variadas ordens de discurso. Desse modo, é retomado o pensamento filosófico de Foucault, um dos autores que fundamenta grande parte dos estudos em análise discursiva.

Fairclough (2001) adota uma concepção tridimensional do discurso. Nela, há a prática social, ou seja, atividades sociais relativamente estáveis em sua execução como é o caso de uma aula expositiva escolar, uma refeição em família e uma consulta médica, por exemplo. A prática social envolve a prática discursiva, relacionada aos modos de “produção, distribuição e [...] consumo dos textos” (Fairclough, 2001, p. 101) e caracterizada como prática política e ideológica. Por fim, a prática discursiva envolve o texto, analisado pela ACD nos seus planos formal e semântico. No texto, materializa-se o discurso, sempre permeado pela ideologia e condicionado pelas práticas sociais.

Deve-se notar que o autor emprega o termo “texto” para se referir a textos escritos, falados e multimodais. A análise dos textos na ACD considera os seguintes elementos da língua: o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual, conforme explica Fairclough (2001). Para analisar a prática discursiva, o autor se volta para os tipos de atos de fala, a coerência e a intertextualidade. Sobre a análise da linguagem dos textos, Fairclough (2003, p. 133) considera que a diferenciação dos discursos se manifesta em elementos gramaticais e lexicais (vocabulário), de modo que se enfatiza o estudo dos

componentes verbais do texto como forma de compreender a materialização do discurso.

O quadro tridimensional exposto por Fairclough e as características da ACD consideradas pelo autor em perspectiva multidisciplinar, ora brevemente retomadas, servirão de base para a análise textual-discursiva desenvolvida neste trabalho. Apresentam-se, a seguir, algumas ideias desenvolvidas por Tofler (1980), Lévy (2009) e Jenkins (1999; 2011) que poderão complementar nossa reflexão voltada para o contexto de usos da linguagem em interações nos ambientes virtuais.

2 O novo consumidor nas mídias digitais

Já em 1980, no livro *A terceira onda*, Alvin Tofler identificava o fenômeno designado “prossumerização”. Com esse termo, o autor descrevia o consumidor da chamada pós-modernidade, ou seja, o consumidor atuante como *prosumer*: o indivíduo que consome e produz conteúdo. Com a entrada massiva dos computadores pessoais na vida cotidiana dos cidadãos e o acesso progressivamente amplo à Internet, na década de 1990, iniciou-se o processo de intensificação da interação direta entre consumidores e anunciantes, de modo a se confirmar a chamada “prossumerização” (Tofler, 1980).

Atualmente, essa interação se mostra amplificada pelas possibilidades viabilizadas pelas mídias digitais. Assim, o consumidor se mantém em contato direto e imediato com os anunciantes na Internet para elogiar e estar fidelizado às marcas ou para expressar e divulgar reclamações e críticas negativas em relação a elas. Podemos considerar o pensamento de Jenkins (2009) em consonância com aquele expresso por Tofler em 1980. Ao refletir sobre a abrangência das novas mídias, Jenkins considera que vivemos na chamada “cultura da convergência”. Nela, “[...] as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (Jenkins, 2009, p. 31). A imprevisibilidade constante na referida “cultura da convergência” de mídias, apesar de colocar riscos aos anunciantes, favorece as práticas discursivas (nos termos de Fairclough) desenvolvidas pela propaganda comercial. Isso porque seus discursos se espalham com rapidez e

concomitantemente por redes sociais, blogues, aplicativos, portais de notícias, vídeos promocionais no YouTube, e emergem, por exemplo, em espaços de entretenimento, como *reality shows* (acompanhados pelo público por meio da mídia tradicional em formato tradicional, como a televisão, e, ao mesmo tempo, pelas mídias digitais).

No contexto, de “prossumerização” e de “cultura da convergência”, vale retomarmos o que afirma Lévy ao se referir à atuação dos indivíduos na Internet: “Os participantes da nova esfera pública não são apenas autores, eles também são potenciais editores, bibliotecários, curadores e críticos. Por meio de cada uma de suas ações *online*, eles contribuem para a orientação dos outros participantes” (Lévy, 2011, p. 45). O autor confirma a percepção de que o consumidor contemporâneo não é somente um receptor de conteúdos na Internet, mas também um criador e divulgador de conteúdos, de modo que pode remeter ao que dizia Tofler. O *prosumer* atual pode direcionar as ações dos demais indivíduos nos ambientes virtuais.

Lévy (1999) menciona a necessidade de haver uma “alfabetização da inteligência coletiva” no contexto da atuação social na Internet, visto que a ampliada liberdade de expressão no mundo virtual exige novas habilidades como a acurada capacidade dos indivíduos para identificarem o que são fontes confiáveis de informação, por exemplo. O pesquisador aponta para o fenômeno da “comunicação estigmérgica multidimensional”. O termo “estigmergia” designa “[...] um mecanismo de coordenação espontâneo, indireto, em que marcas feitas pelos agentes, no ambiente, estimulam o desempenho de uma ação subsequente, seja para um agente diferente ou para o próprio”, conforme esclarecem Rodriguez e Santos (2011, p. 35). O conceito utilizado para se compreender os comportamentos das formigas e dos cupins poderia, portanto, ser empregado para entendermos comportamentos sociais em outros contextos, como ocorre na Internet, conforme aponta Lévy (2021, s.p.):

[...] no *medium* algorítmico, esta comunicação ocorre principalmente no modo estigmático, ou seja, as pessoas se comunicam umas com as outras modificando seu ambiente comum: os dados digitais online. Cada link que criamos, cada tag que colocamos em informações, cada ato de avaliação ou aprovação, cada “like”, cada pedido, cada compra, cada comentário, cada re-tweet, todas essas operações modificam sutilmente a memória comum, ou seja, a massa inextricável

de relações entre os dados. Nosso comportamento on-line emite um fluxo contínuo de mensagens e pistas que contribuem – às vezes diretamente, mas na maioria das vezes indiretamente – para orientar e informar outros internautas. Este é obviamente o caso porque as informações que produzimos individualmente são processadas por algoritmos para serem transformadas em informações úteis para a coletividade.

Poderemos refletir sobre alguns dos aspectos teóricos acima apontados por meio da análise do *corpus* de enunciados veiculados em mídias sociais. A análise de *corpora* extraídos dessas mídias pode proporcionar uma reflexão sobre como a publicidade se adaptou ao contexto do marketing digital e gerou novas formas de relacionamento com os consumidores.

3 Análise de anúncios

Com base na fundamentação teórica acima apresentada, enfocaremos alguns dos anúncios veiculados pela marca de produtos de estética e cosmética *quem disse, berenice?*. Criada em 2012 pelo grupo *O Boticário*, a marca tem como público-alvo mulheres com idade entre 15 e 35 anos, pertencentes às classes sociais B e C. Em agosto de 2023 (período em que foram coletados os anúncios analisados a seguir), a marca possuía 3 milhões de seguidores no Instagram² e continha 1478 publicações. Na página da marca³ na referida rede, *quem disse, berenice?* se apresenta como “A marca das indisciplinadas. Make para causar e skincare pra compensar! Inspirada em vontades reais. As suas.”. A identidade da marca visa atrair um público feminino jovem associado à aceitação de ruptura com padrões tradicionais de comportamento (“as indisciplinadas”) e que teria sua individualidade ou “suas vontades reais” atendidas por meio do consumo dos produtos de beleza ofertados. O nome *quem disse, berenice?*, longo e rimado (o que pode facilitar a sua memorização), alia-se ao sentido contestador que se deseja atribuir à marca: trata-se de um enunciado interrogativo e com tom desafiador. O nome da marca pode remeter ao questionamento “quem disse que a mulher não

² A rede social Instagram foi criada em 2012 pelo Grupo Meta. Ela conta com cerca de 113,5 milhões de contas no Brasil. Dados sobre o Instagram podem ser obtidos por meio do Relatório de Tendências do Instagram em 2023 (“The 2023 Instagram Trend Report”), disponível no link: <https://about.instagram.com/blog/announcements/instagram-trends-2023>. Acesso em: 21 dez. 23.

³ A página oficial da marca pode ser acessada por meio do link a seguir: <https://www.instagram.com/quemdisseberenice/>. Acesso em: 7 ago. 2023.

pode fazer o que deseja?”. Cabe observar também que se trata de um nome comercial dotado de estrutura proverbial, semelhante à composição de provérbios como “quem ama o feio, bonito lhe parece”, “quem avisa, amigo é”, “quem casa, quer casa” ou “quem cala, consente”, entre muitos outros, com o emprego do pronome indefinido “quem”. O nome ecoa, portanto, usos da oralidade e da linguagem popular.

Apresentamos, a seguir, a transcrição dos textos⁴ relacionados a uma postagem inserida na página da *quem disse, berenice?*:

Quadro 1. Transcrição de comentários n. 1

Seguidora 1	Pra deixar bem claro: AMO o conceito da marca de vocês, me identifico demais, AMO o batom volumão de vocês, sou consumidora compulsiva da Goiabalê há anos. Mas não posso concordar com a mudança para pior que o produto tem sofrido. A fixação dele era maravilhosa, agora vocês modificaram o produto, que não chega a durar nem duas horas, ainda que você não faça a ingestão de nem comida, nem de bebida e muito menos beije, né? Vocês comprometeram meus beijos. Além de tudo, mudar de marca mesmo curtindo o conceito como eu curto, dói demais. Mas acho desrespeitoso alterar um produto como vocês fizeram #decepçãoforte. Voltem a ser como eram! Quero continuar consumindo MUITO vocês!! AMO vocês, mas tá impossível esse relacionamento. Vou ter que separar.
Resposta do anunciante <i>quem disse, berenice?</i>	Saiba que não é essa a experiência que desejo para você! Envie uma mensagem no privado para que a gente possa conversar, combinado? Te espero!

Fonte: <https://www.instagram.com/quemdisseberenice/>

O comentário da Seguidora 1 expressa seu descontentamento com a qualidade do produto adquirido. Identificada publicamente por nome e fotografia, a consumidora se dirige à *quem disse, berenice?*, que lhe responde por meio do chamado administrador de página. Desse modo, o indivíduo consumidor se comunica com a marca e não com um destinatário identificado por nome ou fotografia pessoal. Essa comunicação se caracteriza por aspectos da conversação espontânea e informal entre “eu-consumidora” e “vocês ou responsáveis pela marca”, uma marca conhecida há muito tempo: “sou consumidora da Goiabalê há anos”. A expressão emocional da consumidora se dá pelo uso do verbo “amar”, destacado por letras maiúsculas: “AMO o

⁴ A reprodução por meio de *prints* das postagens analisadas está na seção de Anexos deste capítulo. Optou-se por apresentar um quadro com os textos do *corpus* com vistas a garantir a legibilidade das mensagens escritas. Os nomes das seguidoras da página foram ocultados por respeito à ética e à proteção de dados pessoais.

conceito da marca de vocês”, “AMO o batom” e “AMO vocês”, ou seja, o relacionamento da consumidora com a marca se apresenta no texto como a manifestação de uma relação de afetividade. As mudanças no produto são expressas como “#decepçãoforte” e há o tom de confissão pessoal: “Vocês comprometeram meus beijos”. O objeto de consumo passa a ser designado como algo amado. Há no texto a simulação de um relacionamento amoroso passível de rompimento por consequência da alteração na qualidade do produto de beleza: “AMO vocês, mas tá impossível esse relacionamento. Vou ter que separar”.

Os enunciados da Seguidora 1 podem ser lidos à luz do que explica Fairclough (2001, p. 104):

Toda oração é multifuncional e, assim, toda oração é uma combinação de significados ideacionais e interpessoais (identitários e relacionais) e textuais [...]. As pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença.

Nos enunciados da seguidora 1, observa-se uma relação entre cliente e marca comercial em que a consumidora comunica enfaticamente sua insatisfação por meio de orações declarativas (“acho desrespeitoso alterar um produto como vocês fizeram”), mas também por meio de uma oração imperativa (“Voltem a ser como eram!”) com o uso da função conativa da linguagem (Jakobson, 1969). Lembremos que essa função, focada no destinatário, é característica da mensagem publicitária (Sandmann, 1999). Ao considerar o uso do modo imperativo na publicidade, Carvalho (1996, p. 13) afirma que a linguagem da publicidade é autoritária e que o “receptor obedece a ordens categóricas sem protestar: ‘Compre na Mesbla’, ‘Abuse e use C&A’”. Porém, vemos que nos ambientes de redes sociais contemporâneos é a consumidora quem se utiliza de um enunciado exclamativo com a função conativa e emite uma ordem ou solicitação à marca comercial. Podem-se ilustrar assim aspectos da mudança nas relações entre consumidores e anunciantes no contexto da publicidade e do marketing na era digital. As relações de poder entre sujeitos consumidores e empresas se apresentam modificadas em relação ao que ocorre nas mídias tradicionais.

Após o comentário com queixas da consumidora, o comentário com a resposta da marca *quem disse, berenice?* se adapta à informalidade característica das interações em redes sociais. Dirigem-se à consumidora como se fosse alguém conhecido e próximo. Trata-se da enunciação de um “eu”⁵ que se dirige a um “você”, alguém querido para quem não se deseja uma experiência desagradável e com quem se combina uma conversa em contato privado, remetendo a uma conversa entre amigas.

Verificam-se na página da marca outras respostas semelhantes às consumidoras. Observe-se, por exemplo, a resposta enviada à cliente na transcrição a seguir:

Quadro 2. Transcrição de comentários n. 2

Seguidora 2	Eu também comprei uma base, e enviaram me uma usada quando reclamei, enviaram outra usada. Muito mau serviço, roubam e enganam os clientes.
Resposta do anunciante <i>quem disse, berenice?</i>	Oi, [transcrição do nome da consumidora]! Estou aqui para te ajudar, por isso pode me contar mais detalhes do que está acontecendo via direct? Te espero por lá!

Fonte: <https://www.instagram.com/quemdisseberenice/>

A consumidora envia uma queixa grave à marca ao afirmar que prestam “mau serviço” e “enganam os clientes”. Apesar da gravidade da mensagem da cliente, a marca registra uma resposta em estilo informal, similar a um bate-papo entre pessoas em relações de familiaridade: “Estou aqui para te ajudar, por isso pode me contar mais detalhes do que está acontecendo via direct? Te espero por lá”. A seleção lexical do texto gera uma interação marcada pela casualidade. Emprega-se o estilo familiar ao se optar pelo emprego do pronome oblíquo átono “te”, associado à segunda pessoa do singular “tu” em língua portuguesa, ou seja, um pronome pessoal para tratamento informal. Enunciados como “estou aqui para te ajudar” e “pode me contar” revestem a mensagem com a expressão de que a marca é uma auxiliar e amiga da consumidora. Constrói-se, desse modo, uma prática discursiva que busca gerar efeitos de proximidade e familiaridade entre a consumidora e a marca comercial, o que pode ser entendido como uma estratégia discursiva para

⁵ Adam e Bonhomme (2012) consideram que o uso da primeira pessoa do singular é um dos recursos argumentativos da publicidade para obter a persuasão do público.

atenuar a insatisfação da cliente com o produto adquirido. Nesse sentido, cabe retomarmos o que afirma Fairclough (2001, p. 129) acerca da mudança social associada à mudança discursiva:

Ilustrarei as questões que poderiam ser investigadas dentro dos estudos de mudança nas ordens de discurso referindo-me a dois tipos relacionados de mudança que afetam atualmente a ordem de discurso societária. [...] Uma é a aparente democratização do discurso, envolvendo a redução de marcadores explícitos de assimetria de poder entre pessoas com poder institucional desigual – professores e alunos, gerentes e trabalhadores, pais e filhos, médicos e pacientes – que é evidente numa diversidade de domínios institucionais. A outra é o que venho chamando de ‘personalização sintética’ (Fairclough, 1989a), a simulação de discurso privado face a face em discurso público para audiência em massa (imprensa, rádio, televisão). Ambas as tendências podem ser ligadas à influência do discurso conversacional do domínio privado do “mundo da vida” nos domínios institucionais. Essas tendências sociais e discursivas são estabelecidas mediante luta e, além disso, são estabelecidas com estabilidade apenas limitada, com a perspectiva de que seus próprios elementos heterogêneos sejam considerados contraditórios, levando a posterior luta e mudança.

Nos enunciados das clientes e do anunciante na página da marca *quem disse, berenice?*, manifesta-se a referida aparente democratização do discurso e a simulação de discurso face a face privado como características relacionadas, com vistas à promoção da venda dos produtos anunciados. Apagam-se marcadores de assimetria de poder entre as consumidoras e a empresa comercial por meio da seleção da linguagem informal, predominante nas mensagens e nos comentários. Concomitantemente, são estabelecidas relações de amizade simulada com as seguidoras por meio do discurso em suas funções identitária e relacional.

Nessas relações estabelecidas na página da marca, há publicações com queixas das consumidoras, mas também há inúmeras postagens com elogios aos produtos, como se observa no quadro a seguir:

Quadro 3. Transcrição de comentários n. 3

Seguidora 3	Gente... o que é essa base????? Comprei e tipo... não sei usar outra. Cobertura ma.ra.vi.lho.sa e efeito matte que dura o dia inteiro. Nota mil!
Resposta do anunciante <i>quem disse, berenice?</i>	Usou e se apaixonou de primeira, [nome completo da seguidora]! Agora que já é fã, arrase no make sem a culpa de acabar esquecendo de tirar pra dormir, afinal, ela tem ativos que ajudam a cuidar da pele enquanto você descansa!

Fonte: <https://www.instagram.com/quemdisseberenice/>

Nos comentários transcritos no Quadro 3, mantém-se a expressividade da linguagem coloquial, adaptada ao contexto de entretenimento da página comercial. A escolha lexical de expressões como “gente”, “tipo”, “nota mil”, “de primeira” e “arrase” atribui às mensagens o tom de informalidade da linguagem dos jovens (lembremos que o público-alvo são mulheres com idade entre 15 e 35 anos). A seguidora 3 manifesta sua admiração e seu entusiasmo pelo produto com recursos gráficos como, por exemplo, o emprego de pontos de interrogação repetidos (“Gente... o que é essa base?????”), de ponto de exclamação (“Nota mil!”) e da divisão das sílabas da palavra “maravilhosa” com pontos (“ma.ra.vi.lho.sa”) para ampliar o efeito expressivo da palavra. Observe, assim, o esforço das enunciantoras/seguidoras para, por meio de recursos gráficos, utilizarem uma linguagem próxima de elementos característicos da conversação oral espontânea e da proximidade comunicativa no tempo e no espaço.

A resposta do anunciante visa estimular o vínculo emocional da cliente com o produto de consumo: “usou e se apaixonou de primeira”. Além disso, adota-se o discurso de proteção e cuidado com a consumidora. O produto é apresentado como um auxiliar para os cuidados com a pele mesmo durante os períodos de descanso: “arrase no make sem a culpa de acabar esquecendo de tirar pra dormir, afinal, ela tem ativos que ajudam a cuidar da pele enquanto você descansa!”. Sobre essa expressão do cuidado com o bem-estar do consumidor, vale lembrar as palavras de Baudrillard (1997) ao identificar a evocação de um sentimento de proteção maternal promovida pela publicidade:

Nem o discurso retórico, nem mesmo o discurso informativo sobre as virtudes do produto têm efeito decisivo sobre o comprador. O indivíduo é sensível à temática latente de proteção e de gratificação, ao cuidado que “se” tem de solicitá-lo e persuadi-lo, ao signo, ilegível à consciência, de em alguma parte existir alguma instância (no caso social, mas que remete diretamente à imagem da mãe) que aceita informá-lo sobre seus próprios desejos, preveni-los e racionalizá-los a seus próprios olhos (Baudrillard, 1997, p. 176).

Além de exercer a função maternal, o enunciantor/anunciante encena o papel de amiga das consumidoras que compõem seu público-alvo. Veja-se o texto abaixo transcrito:

Quadro 4. Transcrição de comentário n. 4

Comentário da marca <i>quem disse, berenice?</i>	segura, berenice! eu tô rodando, rodando e rodando de tanta alegria pq sim: é meu aniversário! convidei minha amiga @gabezanqui pra minha festinha repleta de produtinhos com preços especiais. quem tá com a roupa de ir? #BereniceBDay
--	--

Fonte: <https://www.instagram.com/quemdisseberenice/>

O comentário acima transcrito se refere a um anúncio da *quem disse, berenice?* sobre a celebração do aniversário da marca. Novamente, aplica-se a linguagem coloquial. Note-se o uso de “tô” e “tá” em vez de “estou” e “está”, de “pra” em lugar de “para” e de outros recursos da linguagem da Internet em que se empregam letras minúsculas no início das frases e de nomes próprios, bem como contrações como “pq” para se dizer “porque”. Deve-se observar igualmente a escolha pelo uso de substantivos diminutivos como “festinha” e “produtinhos”, que podem ser associados à fala infantil e à fala feminina na variação linguística relacionada ao perfil social do falante no Português do Brasil (Silva, 2008, p. 13), ou seja, adotam-se palavras e expressões que possam espelhar a linguagem supostamente aceita e utilizada pelo público-alvo. Nesse sentido, lembremos que, ao retomar o pensamento de Foucault, Fairclough (2001, p. 68) afirma: “[...] os enunciados posicionam os sujeitos – aqueles que os produzem, mas também aqueles para quem eles são dirigidos – de formas particulares [...]”. Enunciados como o que se transcreve no Quadro 4 indicam a intenção do anunciante de se posicionar como um sujeito em igualdade com a consumidora/seguidora com vistas a estimular processos de identificação⁶ dela com a marca anunciada. Observam-se, assim, as relações sociais sendo estabelecidas pelo discurso, conforme se postula na ACD.

Mantém-se, nesse comentário da marca, o emprego de exclamação e interrogação, na enunciação formulada com a primeira pessoa singular do discurso: “berenice” se apresenta como uma jovem mulher que celebrará seu aniversário e convidou para sua festa uma amiga, a influenciadora digital Gabe Zanqui, especializada em oferecer orientações sobre maquiagem e estética na plataforma YouTube. Cria-se, desse modo, uma encenação a que o público

⁶ Nesse sentido, vale lembrar que, na perspectiva da Análise de Discurso, Maingueneau (2002, p. 100) explica sobre a persuasão no texto publicitário: “A publicidade visa, com efeito, persuadir, associando o produto que vende a um corpo em movimento, a um estilo de vida, uma forma de habitar o mundo; como a literatura, a publicidade procura ‘encarnar’, por meio de sua própria enunciação, aquilo que ela evoca, isto é, procura torná-lo sensível”.

consumidor é convidado a participar, com a finalidade de realizar atos de compra, objetivo principal da publicidade, o que se evidencia na menção ao preço dos produtos: “festinha repleta de produtinhos com preços especiais”. Vale notar que o enunciado “quem tá com a roupa de ir?” retoma o pronome indefinido “quem” do nome da marca *quem disse, berenice?* e convida a consumidora a participar da celebração. Trata-se, portanto, de mensagem publicitária elaborada com planejamento cuidadoso para atrair a atenção e a adesão à marca por parte das consumidoras.

Mensagens como essas podem ser uma amostra sobre como na contemporaneidade, em ambientes virtuais, o relacionamento entre clientes e anunciantes se alterou frente ao que ocorria com a publicidade tradicional veiculada por vias unidirecionais (como os anúncios de revistas ou jornais impressos, os spots de rádio ou os comerciais de televisão), marcadas por grau maior de distanciamento. A publicidade em redes sociais possibilita aos consumidores expressar com imediatez suas avaliações sobre os produtos e receber respostas por meio de contato privado. Esses consumidores também podem rapidamente influenciar outros consumidores em suas decisões sobre a aquisição de produtos e serviços por meio de suas publicações.

Observa-se, por conseguinte, um processo de alteração da influência da publicidade sobre os indivíduos, tanto no que diz respeito ao tempo de exposição às mensagens quanto às possibilidades de interação imediata com a empresa e outros consumidores dos mesmos produtos e/ou serviços. Como se verifica no Quadro 1, acima apresentado, a consumidora é uma “seguidora” da marca comercial. Ela dedica seu tempo para se expor aos anúncios e escrever suas impressões sobre os produtos. Se os anúncios tradicionais são um obstáculo a ser evitado pela audiência, que rapidamente muda de canal de televisão ou vira a página da revista para não os ver, os anúncios de redes sociais se convertem em parte do entretenimento e podem amplificar a adesão do público consumidor às marcas. As interações verificadas na página da marca *quem disse, berenice?* podem ser um exemplo de como a mudança social ocorrida nas últimas décadas, com o acesso à Internet e às redes sociais, provocou mudanças significativas no discurso com que os anunciantes estruturam os textos publicitários.

Considerações finais

Buscou-se, por meio deste estudo, realizar uma reflexão inicial sobre alguns dos aspectos discursivos da publicidade de produtos de estética e cosmética em redes sociais. Conforme dito inicialmente, o Brasil ocupa atualmente o quarto lugar no ranking de países consumidores de produtos de beleza. Esse dado pode justificar a relevância de se desenvolverem estudos acerca do discurso e dos conteúdos ideológicos divulgados pelos anunciantes desse setor, tendo-se em vista o potencial que a publicidade tem para influenciar e refletir os comportamentos dos consumidores.

De modo a viabilizar a pesquisa, selecionaram-se postagens e comentários inseridos na página da marca *quem disse, berenice?* na rede social Instagram. Por meio dos enunciados coletados nessa página, pôde-se ter uma pequena amostra sobre como se realiza a interação entre as consumidoras e a marca, de modo a se observar, por meio de dados empíricos, alguns dos aspectos teóricos apontados pela ACD, na perspectiva de Fairclough (2001) e de autores como Tofler (1980), Jenkins (2009), Lévy (1999; 2011) que se ocuparam com o entendimento sobre os novos processos da comunicação de massa.

Por meio da observação das interações realizadas entre as seguidoras e marca, foi possível descrever alguns dos aspectos recorrentes nos enunciados produzidos nas postagens e comentários. A adoção da linguagem informal e próxima dos usos da oralidade pode expressar a criação de novas identidades, relações sociais e sistemas de crenças no relacionamento das marcas com os clientes. Diferentemente das mídias tradicionais (televisão, jornal e revistas impressas, *outdoors*, anúncios de rádio etc.), as páginas comerciais em redes sociais se convertem em ambientes de entretenimento e contam com milhares de seguidores que, com imediatez, contribuem com a própria divulgação da marca e influenciam outros consumidores.

Vale ressaltar que a ACD, conforme mencionado na fundamentação teórica deste artigo, considera em suas análises aspectos como a intertextualidade, a coesão, a coerência e os atos de fala, os quais não abordamos detidamente. De acordo com os elementos recorrentes no *corpus* selecionado, optou-se por focar a seleção lexical das mensagens dos

anunciantes e das consumidoras, bem como o registro informal das interações entre esses coenunciadores. Observa-se, portanto, que os demais aspectos textuais mencionados devem ser considerados em próximos estudos sobre as mensagens publicitárias.

A relação entre empresas e consumidores nas mídias digitais é um tema abrangente que exige o desenvolvimento de novos estudos. Objetivou-se apresentar neste capítulo uma pequena amostra sobre de que modo enunciados postados por internautas em páginas comerciais podem conter dados e informações relevantes para os analistas do discurso acerca da mudança social que cotidianamente se realiza com os discursos produzidos nas redes sociais no atual contexto histórico.

Referências bibliográficas

- ADAM, Jean-Michel; BONHOMME, Marc. **L'argumentation publicitaire**: rhétorique de l'éloge et de la persuasion. Paris: Nathan, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Trad. Zulmira R. Tavares. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BLOMMAERT, Jan. **Discourse**. A critical introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CARVALHO, Nelly. **Publicidade**: a linguagem da sedução. São Paulo: Ática, 1996.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. UNB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**. Textual analysis for social research. Londres: Routledge. 2003.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LÉVY, Pierre. Fios do Tempo. O medium algorítmico – por Pierre Lévy. Trad. André Magnelli. **Ateliê de Humanidades**. [S.l.], 07 de jan. de 2021. Disponível em: <https://ateliêdehumanidades.com/2021/01/07/fios-do-tempo-o-medium-algoritmico-por-pierre-levy/>. Acesso em: 30 set. 2023.
- LÉVY, Pierre. Le *medium* algorithmique. **Sociétés**, v. 129, n. 3, p. 79-96, 2015. DOI: <https://doi.org/10.3917/soc.129.0079>.
- LÉVY, Pierre. A esfera pública do século XXI. In: LUNA, Rodrigo Bandeira (coord.) **TechyRedes**: método para dinamizar redes sociais dedicadas a causas usando ferramentas web e protocolos de interação. Para transformar a defesa de causas cidadãos na atividade de maior engajamento na internet! [sl]: Avina, 2011, p. 43-48. Disponível em: https://www.4shared.com/document/pyJ5gyT2/techyredes_portugues_web.html. Acesso em: 24 set. 23.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Cortez, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1995.

MARCUSE, Herbert. **Sobre a miséria humana na publicidade**: por que o mundo agoniza em razão do nosso modo de vida. Trad. Eric Heneault. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MOLES, Abraham. **O cartaz**. *Série Debates*. Trad. Miriam Garcia Mendes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

RODRIGUEZ, José Alberto de; SANTOS, Nilton Bahlis. Multibuição: interação e colaboração em pesquisas em rede. **RECIIS - R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 30-39, 2011. DOI: <https://doi.org/10.3395/reciis.v5i1.484>.

SANDMANN, Antônio. **A linguagem da propaganda**: linguagens especiais, morfossintaxe e semântica da propaganda. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TOFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

VAN DIJK, Teun. Social Cognition and discourse. In: GILES, Howard; ROBINSON, Peter. (Orgs.) **Handbook of social psychology and language**. Chichester: Wiley, 1989, p. 163-183.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (Org.) **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Coleção Linguagem e Sociedade. Vol. 1. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

WODAK, Ruth. **Disorders of discourse**. New York: Longman, 1996.

Anexos

Anexo I – Anúncio e comentários 1



Fonte: <https://www.instagram.com/quemdisseberenice/>

Anexo II – Anúncio e comentários 2



Fonte: <https://www.instagram.com/quemdisseberenice/>

Anexo III – Anúncio e comentários 3



Fonte: <https://www.instagram.com/quemdisseberenice/>

Anexo IV – Anúncio e comentários 4



Fonte: <https://www.instagram.com/quemdisseberenice/>

Linguagem Inclusiva de Gênero: fundamentos e manifestações

Iran Ferreira de Melo

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

Introdução

Chamamos de Linguagem Inclusiva de Gênero (LIG) o conjunto de mecanismos de linguagem que constrói sentidos de gênero além das dominações masculinista e binária. Também chamada de Linguagem Altruísta de Gênero por áreas como Direito e Educação; e de Linguagem Disruptiva de Gênero, pelos estudos queer/cuir, a LIG tem dois princípios básicos, descritos a seguir.

- A negação do masculino e do homem como performances universais de gênero, revendo o masculino gramatical para designar pessoas como forma não marcada e construção histórica forjada por uma cultura masculinista (substituindo algo como “homem” por “ser humano” / “todos” por “todas as pessoas” (hooks, 2017; Kilomba, 2019).
- Bem como a negação da binariedade como performance universal de gênero para designar pessoas, também revendo a binariedade semiótica (na língua e em outros sistemas linguísticos) como algo que reflete e refrata nossa história heteronormativa (Warner, 1991; Rubin, 2019; Rich, 1980) e duonormativa (Melo, in mimeo).

Além disso, LIG tem alguns fundamentos, como os seguintes.

- A binariedade de gênero (espectros masculino e feminino) é efeito de ideologias coloniais que dividem o mundo em dicotomias decorrentes do ideário platonista greco-romano de realidade, que, por sua vez, fazem um traçado ocidental de mundo por meio de

oposições, como bem e mal, certo e errado e sagrado e profano (Vieira, 2020; Anzaldúa, 2009).

- A ideologia colonial elege o homem branco e cisgênero como sujeito histórico e, por isso, não é por acaso que teimamos em usar o masculino gramatical como forma universal em povos como o nosso, constituído por legados masculinistas. Um exemplo de teimosia quanto a isso é o registro a seguir, de uma notícia de um tradicionalíssimo jornal pernambucano, onde as trabalhadoras domésticas são tratadas no masculino gramatical quando a construção é generalizadora – cúmulo do emprego masculinista:

Figura 1. Exemplo de masculino gramatical excessivo



Fonte: Diário de Pernambuco (2022).

- Como norma, gênero é parte de uma matriz que o correlaciona ao corpo físico exclusivamente do homem e da mulher, por isso gênero é percebido como duonormativo (binário).
- A disrupção de gênero, portanto, é parte da negação dessa matriz e, como o gênero, a disrupção de gênero acontece na linguagem.
- A língua realiza disrupção de gênero e o português é uma língua que marca gênero, sendo a marcação de gênero no português um mecanismo que ocorre por meio de nomes e morfemas.
- Existe uma classificação nas línguas que é a de gênero gramatical. Ela serve, dentre outras coisas, para designar o gênero das pessoas.

Aprendemos que a forma mais conhecida dessa relação é o uso das desinências “-o” e “-a”, respectivamente para homens e mulheres.

- Algumas formas, em determinadas línguas, são consideradas neutras, porque não preenchem as marcas binárias e geralmente não correspondem a formas tradicionais assim designadas.
- A marcação de gênero no português é duonormativa (só permite masculino e feminino) e masculinista (generaliza no masculino). Ela ocorre por meio do léxico (por exemplo, na díade de palavras “homem” e “mulher”), da desinência de gênero numa palavra (pela distinção, por exemplo, de “menina” e “menino”), pela sintaxe (como na concordância do artigo, como em “o estudante” ou “a estudante”) e no processo de referenciação textual (por exemplo, ao se dizer “a criança”, pode-se correferir por palavras genereficadas gramaticalmente, como “ele”).
- Algumas formas, em determinadas línguas, são consideradas neutras, porque não preenchem as marcas binárias e geralmente não correspondem a formas tradicionais assim designadas.
- A disrupção de gênero no português também pode ser binária e não binária.

Na língua portuguesa, como em muitos idiomas indoeuropeus, o gênero serve para associar nomes ao corpo de seres vivos, mas somente 13% das palavras em português têm essa função. Para o restante, o gênero funciona apenas na concordância da sentença. Além disso, é importante ressaltar que nem todas as línguas são como a nossa. O guarani – língua do povo tupi-guarani, residente no Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai – não distingue gênero gramatical em substantivos e pronomes. O macuxi, língua de um povo indígena residente no Monte Roraima, e o Hixkaryana, língua de outro povo também indígena, morador no Amazonas e no Pará, têm gênero gramatical relacionado a categorias semânticas animado e inanimado ou humano e não humano.

Isso torna a questão da LIG um debate complexo, mas não desimportante. Pelo contrário, desenvolver uma sensibilidade para perceber a política linguística que há na formação das identidades de gênero pelas escolhas que

fazemos do que a nossa língua dispõe é urgente num país como o nosso, tão marcado por violências motivadas pelo ódio à diferença de gênero. Mas, para aprofundar o debate, vamos elucidar algumas nuances sobre a compreensão do que seria gênero.

1 Mas o que é mesmo gênero?

O termo “gênero” vem do latim “genus” e significa etimologicamente “tipo”, “espécie”. Pode ser entendido como um dispositivo de poder que regula as pessoas, definindo-as apenas como homens ou mulheres, mas também podemos entendê-lo como tudo aquilo que fazemos na relação com o nosso corpo: um discurso fundamental do corpo – que pode ser regulador ou emancipatório. Gênero é uma construção, como nos lembra Simone de Beauvoir (1970), “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, ou a drag queen estadunidense RuPaul, em seu programa de tv, “Nós nascemos nus, o resto é drag”.

Quando o assunto é gênero, afirmamos que ele, como categoria para classificar as pessoas no mundo, é um fenômeno de linguagem. Portanto, a identidade de gênero exige o reconhecimento de um modo particular de usar a linguagem.

Antigos estudos dos anos 1970, em Sociolinguística, mostravam, por exemplo, que mulheres do Norte Global tendiam a usar formas linguísticas padrão e não estigmatizadas. No Brasil, homens, quando usam diminutivos morfológicos na palavra como gesto de apreciação (modal), são lembrados que isso é uma marca da mulher. Para se defender da polícia, travestis, no Brasil, criaram o pajubá. Esses e outros exemplos nos mostram que gênero, como qualquer outra identidade, é formulado por discurso.

É parte do processo de construção de uma identidade ser forjado por modos característicos de linguagem. Isso acontece por múltiplos fatores. Nos anos 1920, por exemplo, nos EUA, os cientistas Edward Sapir e Benjamin Whorf atestaram que isso acontece por razões também naturais e culturais (Cunha, 2011).

Eles atestaram que o povo indígena Hopi da América do Norte não pensava o tempo linearmente, e isso estava ligado ao fato de não possuírem formas linguísticas que designavam o passado. Também perceberam que esquimós, por viverem no gelo, tinham muitas palavras para se referir à neve. Enfim, Sapir e Whorf mostraram que as motivações, então, para se constituir um modo particular de linguagem, típico de uma identidade, são multifatorais, variam de condições climáticas a interesses políticos conscientes.

Não é diferente com o gênero. Ele é discurso e relacional, uma negociação cultural, interacional. É uma construção, não é previsto. Acontece enunciativamente, ou como declara Beauvoir (1970), ocorre por meio do corpo, que, por sua vez, é uma situação. Gênero então é corporificado, performado. Sendo assim, marcar uma linguagem inclusiva de gênero requer pensar em tudo isso e para além da binariedade, isto é, exige pensarmos sobre a existência de uma linguagem não-binária.

2 Linguagem não-binária e não binariedade

A LIG é um nome usado para qualquer linguagem disruptiva de gênero, mas cujo foco do termo está na inclusão pelo discurso. Sendo assim cabem a ele formas disruptivas da língua que envolvem registros como: "pessoa", "menino/a", "menino(a)", "menina/o", "manina(o)", "meninoa", "meninao", "menine", "meninx", "menin@", "menin_", "menin", "menina" (genérico), "ile", "elu", "corpa" e tantas outras maneiras.

Dentre essas possibilidades, como sinalizei antes, existe a chamada linguagem neutra ou linguagem não-binária. "Neutro" é um termo usado para designar uma representação sem gênero social (nome de coisas, por exemplo) ou fora do binário masculino-feminino. Essa designação é ambígua porque pode indicar também isenção e imparcialidade. Tal maneira vem sendo a forma mais comum das pessoas se referirem aos modos não-convencionais de designação de gênero social na linguagem. Ela é muito empregada por pessoas cisgênero e por pessoas não ativistas de gênero.

Mas, seja chamada assim ou mesmo como linguagem não-binária, esse modo de LIG é a negação da convenção de gênero numa língua, que pode

acontecer pela duonormatividade (com negações de estruturas como “mulher” e “homem”, para o léxico; “Maria” e “José” para antropônimo; “menina” e “menino”, manifestada pela desinência de gênero por mudança; “trabalhador” e “trabalhadora”, manifestada pela desinência de gênero por acréscimo; “a estudante” e “o estudante” no sintagma) ou pode acontecer pelo machismo (com negações de estruturas como “a evolução do homem segundo Darwin”, do masculino genérico no nome; “direito de todos os brasileiros”, do masculino genérico na desinência e no sintagma).

O discurso da não binariedade não trata apenas de designar identidades de pessoas fora da binariedade de gênero. Funciona também para representar a performance do corpo que realiza o gênero de alguém.

Gênero não é um atributo, mas uma ação da linguagem, que nunca acaba, nunca é definitiva, nunca está perfeita, e a não binariedade é o estado regular de se fazer gênero, seja na convenção ou na disrupção das convenções. Isso porque podemos falar de não binariedade como identidade e como performance.

Como identidade, ela é o reconhecimento do resultado (estereótipo) das práticas regulares de linguagem (performances). Ao performar usos de linguagem típicos do masculino ou feminino com recorrência, a pessoa é reconhecida como binária. Ao performar com recorrência usos híbridos de linguagem do binário de gênero, a pessoa é reconhecida como não binária ou algo que não a identifique como homem ou mulher (queer, fluida, travesti...).

Como performance, a não binariedade é o reconhecimento das práticas regulares de linguagem, considerando que, assim, a binariedade compõe os usos de linguagem do masculino no corpo lido como masculino e do feminino no corpo lido como feminino e que a não binariedade constitui os usos de linguagem do masculino ou feminino intervindo no corpo tido como oposto. Esses usos podem ter um efeito não dominante no corpo, mas apontar para um modelo não-padrão de masculinidade e feminilidade.

Pensando dessa maneira, podemos afirmar que também já temos uma linguagem não-binária, porque não encerramos a realidade numa palavra. Temos a propriedade do paradigma linguístico, isto é, das escolhas que fazemos para as significações.

Se eu digo “pessoa”, “homem”, “gente”, “ele”, “José”, escolho (nem sempre conscientemente) de que modo vou falar. Isso já significa que o sistema de uma língua não é binário em si, ainda que, quando escolhemos dizer algumas dessas formas, geralmente se instaura a oposição homem x mulher, pessoa x não-pessoa.

Para tomar como exemplo uma das expressões da não binariedade de gênero como performance do fazer gênero, podemos citar a operação interdiscursiva de recategorizar construções linguísticas que significam insulto, um simulacro discursivo que podemos chamar de contrabando discursivo de gênero. Vamos falar sobre ele?

3 Contrabando discursivo de gênero como linguagem inclusiva de gênero

O contrabando discurso de gênero é uma operação de heterogeneidade discursiva que funciona da seguinte maneira. Quando usamos uma palavra, uma sentença ou qualquer texto produzido para inferiorizar, rechaçar ou até insultar alguém, produzimos algumas estruturas que servem de modelo ou se tornam conhecidas por essas razões. Às vezes, os sujeitos que são alvo dessas ações mitigadoras fazem uso deliberado de tais estruturas para responder a essas ações, revalorizando-as ao atribuir sentido positivo e autoafirmativo a elas (Melo, 2022; no prelo). Quando o insulto ou a depreciação é sobre gênero e a autoafirmação também, podemos chamar de contrabando discursivo de gênero.

Isso acontece com o item “vadia”, articulado na ordem de discurso feminista da Marcha das Vadias, que é uma manifestação contra a violência sexual dirigida às mulheres. Surgiu em 2011, após mulheres de Toronto (Canadá), ao denunciarem abusos sexuais que sofriam, terem escutado de um policial que elas deveriam evitar se vestir como vadias, para não serem vítimas. A palavra “vadia” foi então tomada pelas manifestantes como autoafirmação, liberdade e combate ao machismo e ao patriarcado.

Essa operação é bastante conhecida no contexto da luta por representatividade de grupos subalternizados. Ocorreu, por exemplo, no Brasil

com a palavra “bicha” nos anos 1970. Esse mecanismo é uma realização de linguagem não-binária porque significa na palavra a performance de gênero (a não binariedade constitutiva do fazer gênero): VADIA é uma maneira de performar o ser mulher (aquela que usa roupas curtas...) e BICHA é uma maneira de performar a feminilidade no corpo rotulado como de homem.

Esse mecanismo é uma operação de ressemantização, pois, com ele, se promove um diferente efeito de sentido do uso da palavra no interior das diferentes ordens de discurso. É uma operação que estabelece outra apreciação sobre a liberdade da mulher em usar o seu corpo (no caso de “vadia”), por isso é uma operação de recategorização e que institui uma nova pragmática.

A nova categoria, nesses casos (“vadia”, “bicha”...), é disruptiva, pois desmantela a ordem da matriz, que diz: Vadia como autoafirmação é um erro porque a mulher não pode ter liberdade e bicha como autoafirmação é um erro porque o feminino no corpo fora do sexo tido como feminino não pode acontecer.

Costumamos compreender essa recategorização como a passagem da injúria para o orgulho – de forma télica (algo sai de um ponto para alcançar outro). Contudo, as vidas que desintegram a matriz, no contexto de reflexividade de suas práticas, como nessa operação discursiva, não buscam se integrar às normas que lhe oprimem. A vadia para ser aceita não busca se tornar a bela-recatada-e-do-lar – isso a assimilaria ao sistema convencional de gênero.

Vadia, bicha e outras categorias políticas articulam esse mecanismo para não se NORMALIZAR à estrutura dominante colonial. Assim, mantêm-se como um corpo precário, abjetificado, uma vida que não importa (Butler, 2020).

Para existir, essa categoria precisa, portanto, tomar para si, alguma memória do seu lugar de vida que não importa, como se erigisse uma espécie de cicatriz da violência para diferenciar-se do discurso algoz, lembrando-nos que é isso que a torna vida/corpo/existência. A significação do discurso violento é contrabandeada – levada para a construção de outro significado, sob a mesma forma usada para executar a “primeira” categorização, mas como estratégia antiassimilacionista à estrutura de violência colonial, pois fissa essa estrutura pelo seu próprio interior. Ela não diz “não sou o que você me chama,

sou igual à sua norma”, mas diz “não sou o que você me chama, mas não sou igual à sua norma; sou sim o que você repudia”.

Michel Foucault (2005) chama esse fenômeno de DISCURSO REVERSO; Judith Butler (2021), de EVOCAÇÃO PERFORMATIVA DE GÊNERO; e Linn da Quebrada (2021), de A FORÇA DA FARSA. O contrabando discursivo de gênero proclama a ininteligibilidade de gênero como potência, é decolonial porque nega os valores da herança da matriz eurocentrada; é uma linguagem não-binária porque reivindica a representação da performance de gênero como prática, e não como identidade dentro do binário masculino-feminino; é pós-identitário porque não se compromete com a assunção da identidade, mas com a liberdade do fazer identitário, sem se essencializar; é um objeto das análises de discurso porque se realiza por uma manifestação interdiscursiva renquintada no contexto das agendas políticas de grupos subalternizados; e é um projeto glotopolítico porque ocorre pela reflexividade de grupos organizados em prol de mudanças da linguagem como mudanças sociais.

Por sinal, como exercício glotopolítico, a LIG é um forte trabalho glotopolítico. Sobre isso, vamos falar sobre esse aspecto agora.

4 Glotopolítica em linguagem inclusiva de gênero

A disrupção de gênero na língua é uma glotopolítica de gênero. Glotopolítica é uma ação deliberada de governo de usos da língua com um interesse específico: acordos ortográficos, decreto do ensino de uma segunda língua num país, proposta de uso da língua para que seja acessível a todas as pessoas.

Em diferentes lugares do mundo, vivemos hoje glotopolíticas de valorização identitária e da diferença humana, uma onda de linguagem inclusiva de gênero. É glotopolítica de gênero a negação do mansplaining e do maninterrupting; perguntar como as pessoas querem ser tratadas em termos de gênero; promover, pela via extrajudicial, que pessoas registrem sua identidade não binária em documentos de identificação; dar visibilidade a diferentes perfis identitários de gênero (mulheres, travestis, pessoas não binárias...) em textos escritos influentes, como livros didáticos, textos jornalísticos, dentre outros;

quando, para nos referirmos a pessoas não binárias, não marcamos a binariedade gramatical, usando neopronomes ("ile", "elu"...), formas tradicionais não binárias das línguas (a palavra "pessoa", por exemplo) etc.

Nos anos 1970, a antropóloga Gayle Rubin (2019 [1975]) já afirmava que vivemos numa sociedade materialista marcada por uma divisão de poder que sustenta a noção de gênero como norma discriminatória, binarizando o mundo em masculino e feminino e hierarquizando esse primeiro espectro de gênero sobre o segundo. Quando exercitamos, portanto, uma glotopolítica inclusiva de gênero num país como o Brasil, estamos assumindo o dissenso com esse tipo de sociedade citada por Rubin. O efeito reativo a essa nossa postura é justamente a glotofobia de gênero.

Glotofobia é qualquer prática de discriminação negativa, inferiorização ou insulto contra um modo particular de usar a linguagem. Essa prática, não por acaso, tem se expressado em setores sociais conservadores e sido exercitada por grupos ortodoxos. Tal glotofobia vem sendo traduzida por ativistas LGBTQs e feministas como uma grande cruzada antigênero que se atualiza no século XXI e se realiza, por exemplo, em projetos de lei e decretos apresentados por pessoas que defendem a manutenção de uma sociedade com aquela divisão de poder que Gayle Rubin cita. Para mencionar um caso, vejamos a fala pública de uma figura infelizmente conhecida por nós ao tratar da linguagem não-binária.

Figura 2. Exemplo de prática de glotofobia de gênero



Fonte: Twitter X de Mônica Bergamo (Folha de S. Paulo).

Os discursos glotofóbicos de gênero produzem inverdades, caricaturizam a diferença linguística, incitam ao ódio, insultam, são sarcásticos. O antídoto para a glotofobia de gênero é o debate público e as alianças glotopolíticas. Este texto é um convite para pensarmos juntas saídas eficazes para combatermos a glotofobia de gênero.

Considerações um pouco finais

Ainda que com muitas práticas glotofóbicas, a LIG tem passado por muitos reconhecimentos e avanços. Por exemplo, com os seguintes casos.

- Em eventos artísticos: Festival de Cinema de Berlim (24/08/20) - a premiação a intérpretes não fará distinção de gênero.
- Em empresas: Japanese Airlines (01/10/20) - descarte da frase comumente usada “senhoras e senhores” a bordo de seus voos em favor de saudações sem gênero definido.
- Nos estados e nações: Canadá (31/08/17) - autorização à população não-binária a usarem a opção “x” em seus passaportes, em vez de “masculino” ou “feminino”.
- Em universidades: Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFRGS (11/10/20) - emprego do feminino genérico no edital de seleção de mestrado para ingresso no ano de 2021 (“brasileiras”, “estrangeiras”, “candidatas”).
- Na ciência: Universidade Técnica de Darmstadt - Alemanha (2021) - Primeiro nome científico de gênero não binário. Nome dado a uma formiga encontrada no Equador.
- Na prática didática: Livro de colorir sobre LNB - Autora: Prili (ativista NB).
- Na literatura: Todos somos bolhes (Romance - Roberto Muniz Dias).

Diante disso, é sempre bom lembrar que a LIG é um modo de contemplar a representação de pessoas que são diariamente ceifadas na sociedade brasileira por causa do ódio contra suas identidades de gênero. Em seus relatórios, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA -; o

tradicional Grupo Gay da Bahia - GGB -, entidade que, há décadas, mapeia dados, sobre violências contra a população LGBT; a organização europeia Transrespect versus Transphobia e outras instituições nacionais e internacionais afirmam que o Brasil é líder mundial em mortes contra a população trans (transexuais e travestis). Somente estes dados já são suficientes para justificar a defesa de ações de sensibilidade à linguagem quanto ao reconhecimento que pleiteiam pessoas trans.¹

A língua é um fenômeno que atende a necessidades humanas e, mesmo que tenha proposto formas supostamente universais para marcar gênero em seus sistemas, está sujeita a mudanças de acordo com as necessidades sociais. Nenhuma entidade científica dos estudos linguísticos no mundo despreza o uso da linguagem neutra de gênero. Ao contrário, a exemplo da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED -, da Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN -, da Associação de Estudos do Discurso e da Sociedade - EDiSo - e da Associação de Linguística Aplicada do Brasil - ALAB -, todas as associações científicas da Linguística respeitam e orientam o uso da linguagem inclusiva de gênero.²

Ademais, o caráter epidêmico da violência contra a população trans no Brasil tem conduzido ações políticas de diferentes ordens. Inclusive, como exemplo, em 2022, houve o reconhecimento do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) para a aplicação da Lei Maria da Penha a casos de violência contra mulheres trans³. Este marco histórico é parte da aplicação de uma justiça equitativa que pode ser exercitada preventivamente desde o cuidado com o uso de uma linguagem respeitosa e que referencia pessoas trans não binárias e a diversidade de gênero.

¹ Para maiores informações sobre essas entidades de pesquisa sobre violência contra LGBT, podemos mencionar:

- ANTRA: <https://antrabrasil.org/>;
 - GGB: <https://www.instagram.com/grupogaydabahia/>;
 - TRANSRESPECT versus TRANSPHOBIA: <https://transrespect.org/en/>;
 - OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBT+ NO BRASIL: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/>;
 - ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA: <https://forumseguranca.org.br/>.
² É relevante indicar entidades científicas da Linguística e suas atividades apoiando a LIG:
 - ALED: <https://www.youtube.com/watch?v=h3J3zgX5OKY&t=2s>;
 - ABRALIN: <https://www.youtube.com/watch?v=aTY0BI2uf2Q&t=2s>;
 - EDiSo: <https://www.youtube.com/watch?v=y68MM6O7lml&t=13s>;
 - ALAB: <https://www.youtube.com/watch?v=yez94prJ1S4&t=974s>.

³ Para saber mais sobre, acesse: <https://www.stj.jus.br/sites/portalt/Paginas/Comunicacao/Noticias/05042022-Lei-Maria-da-Penha-e-aplicavel-a-violencia-contramulher-trans--decide-Sexta-Turma.aspx>.

E, para finalizar, gostaria de dizer que uma língua é constituída por seus sistemas internos e também por seus usos. Criar alternativas para o masculino genérico no português não é apenas uma prática de visibilidade, mas também é uma ação reconhecida cientificamente que afeta nossa cognição sobre as pessoas e suas potencialidades. Pesquisas em Psicolinguística atestam que falantes projetam imagens mentais de homens quando leem o masculino genérico em detrimento de outras possibilidades linguísticas mais inclusivas. A Psicologia Social, em diálogo com a Linguística, evidencia que a escrita inclusiva faz muita diferença. Estudos nesta área demonstram que, quando crianças e adolescentes leem nomes de profissões somente em suas formas gramaticalmente masculinas, concebem que homens têm mais chances de sucesso do que mulheres e pessoas não binárias⁴. Isso demonstra que uma linguagem inclusiva que se esforça para apresentar modos não binários de gênero pode e deve ser estimulada para construirmos visões de mundo mais diversificadas.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. Trad. Joana Plaza Pinto; Karla Cristina dos Santos. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, n. 39, p. 297-309, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo**. 1. Fatos e mitos. 4 ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BUTLER, Judith. Entrevista. **Le Nouvel Observateur**. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/entrevista-judith-butler-em-portugues/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Os limites discursivos do “sexo”. Trad. Veronica Daminelli; Daniel Yago Françolli. São Paulo: N-1 Edições / Crocodilo, 2020.

⁴ Estudos que investigam dano do masculino genérico:

- Artigo: Uma ministra pode engravidar? O impacto do genérico masculino nas representações mentais
Autor: Markus Brauer (Université Blaise Pascal)

https://www.persee.fr/doc/psy_0003-5033_2008_num_108_2_30971

- Livro: Sim eu posso! Efeitos de descrições de trabalho justas por gênero nas percepções das crianças sobre o status do trabalho, dificuldade no trabalho e autoeficácia vocacional

Autoras: Seca Vervecken e Bettina Hannover (Universität Berlin)

<https://econtent.hogrefe.com/doi/10.1027/1864-9335/a000229>

- Artigo: Empresários calorosos, donas de casa competitivas? Efeitos da linguagem justa de gênero nas percepções dos adolescentes sobre ocupações

Autoras: Seca Vervecken (Karel de Grote University College)

Pascal M. Gygax (Universidade de Friburgo)

Ute Gabriel (Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia)

Matthias Guillod (Universidade de Friburgo)

Bettina Hannover (Universidade Livre de Berlim)

<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2015.01437/full#B59>

CUNHA, Adan Phelipe. **Contrastando Sapir (d)e Whorf na 'Hipótese Sapir-Whorf'**. Anais do XVI Seminários em Andamento – SETA. 2011. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1279>. Acesso em: 18 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. 16 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MELO, Iran. **Duonormatividade e linguagem**. In mimeo.

MELO, Iran. **Linguística Queer**. Campinas: Pontes: no prelo.

MELO, Iran. Contrabando discursivo e Linguística Queer. In: LIMA, Bruno de Assis F. de; GOMES, Maria Carmen Aires (Orgs.) **Estilos e discursos**. Uma contribuição para os estudos da linguagem. Campinas: Pontes, 2022. p. 43-65

QUEBRADA, Linn da. **Trava Línguas**. Gravadora: Altafonte. 2021.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Journal of Women's History**, v. 15, n. 3, p. 11-48, 1980.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

VIEIRA, Helena. Introdução ao feminismo decolonial. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ixb09EHZduw>. Acesso em: 18 jun. 2024.

WARNER, Michael. Introduction: Fear of a Queer Planet. **Social Text**, v. 09, n. 4, p. 3-17, 1991.

A campanha lado b do iFood e a complexidade nas relações no trabalho digital: desvelando outras revascularizações?

Jackelin Wertheimer Cavalcante
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Renata de Oliveira Carreon
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Introdução: primeiras palavras

Em 2022, a Pública Agência de Jornalismo Investigativo (doravante Pública) publicou uma reportagem com detalhes de uma campanha publicitária elaborada para atender o iFood, uma empresa cujo principal produto é um aplicativo que funciona como um marketplace² de restaurantes, bares, mercados etc., oferecendo serviços de entrega. Estes, por sua vez, são realizados por profissionais, juridicamente, considerados autônomos, sem vínculo empregatício e que têm seus pagamentos condicionados às entregas efetuadas e eventuais gorjetas dadas por clientes. Trata-se, portanto, de um trabalho “sem jornadas pré-determinadas, sem espaço laboral definido, sem remuneração fixa, sem direitos, nem mesmo o de organização sindical” (Antunes, 2018, p. 42). Para Antunes (2018), as consequências geradas por esse modelo laboral são muitas, podendo ir da eliminação de direitos trabalhistas ao incentivo ao trabalho isolado, desprovido do convívio social e coletivo.

¹ Este capítulo é uma versão traduzida para o português pelas próprias autoras do artigo “The Ifood B side campaign and complexity in digital work relations: unveiling other revascularizations?”, publicado em língua inglesa no v. 22, n. 2 (2023), da Revista da Abralín, dedicado do tema *Teorias e métodos em Linguística Popular/Folk Linguistics*. Artigo disponível em: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v22i2.2110>.

² De acordo com o Sebrae, marketplace é “uma plataforma (...) onde um conjunto de empresas ofertam produtos e serviços no mesmo endereço na internet”. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/CE/Anexos/Cartilha%20Canais%20de%20Comercializa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Marketplace.pdf>. Acesso em 31 de julho de 2029.

Contudo, a despeito desse contexto, motofretistas de todo o país começaram a debater a precarização do trabalho e a forma como aplicativos de entrega exploram entregadores no Brasil. Tais discussões culminaram na organização de uma greve da categoria, ocorrida em primeiro de julho de 2020. A mobilização, que ficou conhecida como *Breque dos Apps*, ocorreu simultaneamente em treze estados e no Distrito Federal e tinha como pautas principais o aumento no valor pago por entrega, a providência de medidas de proteção contra a COVID-19 e a melhoria nas condições de trabalho.

Segundo a reportagem da Pública, *A máquina oculta de propaganda do iFood*, a visibilidade alcançada pela greve motivou o iFood a lançar, nacionalmente, uma carta aberta em horário nobre da TV aberta e em um *site* para rebater as críticas perpetradas pelo movimento grevista. Além disso, a empresa decidiu monitorar atentamente tanto a greve quanto sua repercussão e adotar um modelo de publicidade não assinada por nenhuma instituição. A ideia de tal modelo de campanha publicitária é possibilitar, segundo fonte ouvida pela reportagem, a disseminação de “ideias e opiniões em um formato que imitasse a forma dos entregadores de se comunicarem, simulando (...) postagens e narrativas vinham de verdadeiros entregadores” (Levy, 2022). Segundo documentos, relatórios, fotos, relatos e capturas de telas a que agência de jornalismo teve acesso por meio de publicitários envolvidos na elaboração do material de campanha, trata-se de um formato alicerçado nas redes sociais e em conteúdos disparados em forma de memes de internet, piadas e vídeos, que promovem uma marca ou ideia, mas ocultam o anunciante e a agência por trás do conteúdo veiculado. Esses conteúdos eram disparados sistematicamente por meio de páginas e perfis em redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter, além de comentários em *posts* que abordassem o assunto. O método tinha como principal objetivo suavizar o impacto das greves e, simultaneamente, desnortear e esvaziar a mobilização dos entregadores.

Considerando o acontecimento histórico e discursivo do Breque dos Apps e o vazamento de materiais que deram origem à reportagem em questão como produtores de dizeres polêmicos que evidenciam, para além de uma guerra de narrativas sobre o iFood, um obscurecido processo de proletarianização de uma atividade laboral exercida por pessoas com alto grau de escolaridade

e conhecimento sobre o funcionamento dos tecnodiscursos e de ferramentas digitais, utilizamos o material levantado pela reportagem da Pública além de alguns trechos-chave da matéria como arquivo de pesquisa. De acordo com o método da Análise do Discurso, procedemos ao recorte discursivo: “com o gesto de recortar, o analista visa analisar o funcionamento discursivo do texto, buscando compreender o estabelecimento de relações significativas entre os elementos significantes da língua-concha.” (Sousa; Garcia; Faria, 2014, p. 103). Nosso *corpus*, composto por sequências discursivas recortadas do material da reportagem, é diverso: apresenta diálogos no Whatsapp entre a agência publicitária e também memes produzidos por ela “anonimamente”, como se fossem produzidos no interior do movimento grevista.

Análise do discurso digital e Linguística Popular: uma questão de entremeio

Antes de iniciar qualquer análise, é necessário observar uma particularidade que atravessa o *corpus* a ser analisado. Todo ele é transversalmente perpassado por aspectos culturais que cercam a linguagem, sua materialidade, os efeitos de sentido que ela pode criar por meio da utilização (ou não utilização) de seus aspectos formais. Para Hoeningswald (2021) é importante que os linguistas busquem compreender não apenas a linguagem em si, mas também como as pessoas reagem e o que dizem sobre ela. Para ele, “a investigação do papel social das diferenças de fala é, com certeza, uma parte legítima do estudo objetivo do que CONTINUA, ao invés do que é DITO sobre isso, embora fragmentos do último tipo sempre se intrometam.” (Hoenigswald, 2021, p. 25). O autor continua seu raciocínio salientando que é ainda mais importante analisar “como os falantes se COMPORTAM diante de uma diferença de dialeto” (idem *ibidem*). Para Paveau, esse tipo de estudo (2021, p. 15) constitui-se em uma espécie de *linguística do senso comum*, ou ainda numa *linguística dos locutores profanos*, massivamente encontrada em ambientes on-line. Nesses ambientes virtuais é possível observar uma miríade de saberes práticos, que se distinguem dos teóricos, tidos como científicos, por serem essencialmente empíricos e permeados por

crenças, “que constituem guias para a ação dos atores sociais” (Paveau, 2021, p. 16).

Considerando, portanto, que não linguistas produzem descrições e teorizações linguísticas, afirmamos que tal fenômeno se faz ainda mais presente no espaço da web: “Pode-se [...] constatar a presença do que nomeamos linguística dos locutores profanos na internet, notadamente nos fóruns de discussão [...]” (Rosier, 2004, p. 70). Apesar do autor referir-se aos linguistas populares para exemplificar a questão do debate sobre o purismo na língua, que é sempre alvo de discussões em ambientes virtuais, acreditamos que o olhar não deve estar restrito apenas ao imaginário popular com relação ao conjunto de regras da língua, mas devemos buscar observar a questão a partir de uma visão global da relação do não linguista e da língua em seu cotidiano que, atualmente, é fortemente atravessado pelo digital.

Nesse sentido, segundo Orlandi (2008, p. 33), a AD constitui-se no “intervalo” entre a linguística e as outras ciências, sobretudo no que concerne às questões de linguagem (objeto linguístico) e exterioridade (objeto histórico).

Estranho destino esse da análise do discurso, que dá bem a dimensão do seu cisionismo e de toda a sua errância: ao se constituir, ela muda de terreno e, ao mesmo tempo em que coloca questões para a linguística, no próprio interior da linguística, também coloca problemas para as ciências sociais no seu interior, ou melhor, acerca dos fundamentos que as ciências sociais se constroem para se constituírem (Orlandi, 2008, p. 33).

Entendida então como entremeio, ou “intervalo”, a AD estabelece-se no estudo dos confrontos de sentido, da historicidade, da textualização do discurso e suas relações com as condições de produção, da língua enquanto lugar de passagem. Justamente em razão de seu entremeio é que este trabalho justifica seu arcabouço teórico ao mobilizar, em relação de diálogo, a Análise do discurso e a Linguística Popular. E na relação entre esses dois campos em construção, tem-se ainda o digital.

Hodiernamente temos observado que o digital passou a ser condição de produção político-ideológica do discurso (Dias, 2018). Tal característica adiciona um novo véu de complexidade a tais discursos, que passam a ser profundamente influenciados pelo ambiente maquínico, que passa a exercer um papel constitutivo na formulação desses dizeres. De acordo com Paveau

(2021), os discursos engendrados na Internet e nas mídias sociais devem ser analisados, ecologicamente, como tecnodiscursos, de maneira a levar em conta todas as particularidades técnicas envolvidas no processo de enunciação. Para ela, a adição do prefixo “-tecno” não busca apenas alterar o sentido do radical da palavra, mas denota “uma opção teórica que modifica a episteme tradicional das ciências da linguagem” (Baronas; Lourenço, 2022, p. 9). Trata-se, portanto, de entender e repensar a relação homem-máquina como parte da constituição dos sujeitos (Dias, 2018).

O presente artigo, que pretende refletir sobre tecnodiscursos acerca das relações entre diferentes categorias de trabalhadores do novo proletariado de serviços na era digital por meio do material coletado por uma reportagem, também publicada digitalmente por um portal busca, assim, articular a Análise do Discurso Digital proposta por Paveau e Dias, além da Linguística Popular, uma vez que os tecnodiscursos postos em circulação desvelam tanto as relações de poder postas em jogo pela nova economia de serviços digitais quanto demonstram o uso de saberes práticos e aproximativos sobre a língua na lida com o trabalho da redação publicitária. Por isso, buscaremos essa articulação por meio da teoria da revascularização discursiva, proposta por Baronas e Lourenço (2022). Por meio dela, investiga-se a necessidade de criar condições para que os sujeitos em situação de vulnerabilidade social possam falar e serem ouvidos, ingressando definitivamente na história, ainda que tal vulnerabilidade não seja tão evidente ao recair sobre atores sociais que, como os publicitários, embora também sejam trabalhadores, consigam desfrutar de uma série de direitos aos quais outros, como os motofretistas, não têm acesso.

Ao analisar a atividade de trabalho de profissionais da publicidade, com suas tensões entre a enunciação em mídias tradicionais e sociais, e as posteriores denúncias anônimas sobre elas, é possível vislumbrar uma trilha de formações discursivas mais ou menos patentes que descortinam a relação entre trabalhadores subalternizados em diferentes graus: se por um lado vemos motofretistas empurrados à precarização laboral, por outro, vemos profissionais da publicidade que, embora desfrutem de um trabalho com condições menos aviltantes, dependem de sua força de trabalho para sobreviver e, por isso, submetem-se a desenvolver atividades que, não raramente, entram em conflito com seus próprios valores. Este parece ser,

efetivamente, o efeito de sentido criado pelo vazamento, para a reportagem, de documentos confidenciais, captura de telas e até mesmo gravações de reuniões internas da equipe envolvida, bem como a hipótese que permeia a análise que será realizada ao longo do presente artigo.

Ela pretende “perceber que um determinado sujeito, diante de um obstáculo (uma obstrução discursiva), acaba encontrando percursos alternativos para ultrapassar essas dificuldades” (Baronas; Lourenço, 2022, p. 17) e contrapor esse processo a uma percepção segunda: o da percepção de uma obstrução política, ideológica e laboral, típicas de um momento histórico marcado pela precarização do trabalho em meio à chamada revolução digital, que trouxe a internet ao centro do capitalismo contemporâneo. Trata-se, portanto, de uma relação de tensionamento entre o que Baronas e Lourenço (2022) convencionaram chamar de revascularização simples e complexa, respectivamente, uma vez que parece constituir-se em um entremeio, isto é, uma nuance entre os dois tipos de processo de revascularização.

Mais do que constatar e analisar discursivamente a violência perpetrada pela campanha Lado B do iFood contra os motofretistas, é importante ver a violência que se abate sobre os trabalhadores da publicidade que, se por um lado perpetuam, por meio de tecnodiscursos, opressões, por outro, também se encontram, eles mesmos, na posição de oprimidos. E, face a tal fato, encontram maneira de se rebelar contra seus empregadores e contratantes por meio de denúncias a uma agência de jornalismo investigativo, fato que, discursivamente, desencadeia “um processo de produção de sentidos que, reprimido, vai desembocar na absoluta dominância do discurso (neo)liberal.” (Orlandi, 1999, p. 59). Trata-se, portanto, de descrever e analisar a maneira como um abuso de poder contra diferentes trabalhadores é praticado, produzido e legitimado por grandes empresas, uma da economia digital e outras, de comunicação publicitária, seja por meio de textos documentais (como *briefings*, planos táticos e planilhas), falas mediadas (como conversas de WhatsApp e reuniões) ou memes publicados em mídias sociais. Nesse enquadre, as relações de “dominância e desigualdade discursivamente mediadas” (van Dijk, 2020, p. 87) estão intimamente ligadas aos “padrões de acesso ao discurso” (idem *ibidem*), condição *sine qua non* para que o processo de revascularização discursiva se engendre.

Para tal, será necessário observar aspectos políticos, econômicos e modelos culturais ligados aos padrões de opressão e dominação que se desenham no atual momento da organização social e econômica do capitalismo, bem como o poder social que certas instituições são capazes de exercer sobre diferentes grupos de trabalhadores. Por modelos culturais, entendemos um conjunto de “reações explícitas e muitas vezes minuciosamente elaboradas pelos falantes, com base em um sistema de opiniões culturalmente compartilhadas” (Murillo, 2021, p. 26). A partir da compreensão dos modelos culturais - ou esquematizações culturalmente compartilhadas - em relação ao espanhol costarriquenho (espCR), Murillo (2021) determinou que ao elaborar opiniões sobre a língua, os falantes formulam uma resposta na qual podem ser reconhecidas diversas operações discursivas, como a descrição da língua, valoração, explicação e prescrição. Em seguida, a autora propõe olhar para quatro modelos culturais compartilhados pelos falantes: M1: uma opinião não valorativa sobre o espCR, com ênfase em sua variabilidade ou diversidade. M2: uma valoração positiva do espCR, mas apontando seus “defeitos”; incluída aqui a valoração do espCR como “regular” (mais ou menos bom/ruim). M3: uma valoração (muito) negativa do espCR. M4: uma valoração (muito) positiva do espCR.

Dado o exposto, podemos notar que no português brasileiro (ptBR) o mesmo fenômeno ocorre, potencialmente apresentando até modelos culturais muito semelhantes. O mais observável em ptBR é M3, cuja premissa é de que há uma língua ideal, pura ou perfeita que nenhum falante sabe usar. Este é um ponto importante para entender os fatos languageiros do material, no qual publicitários tentam reproduzir o “motoquês” a partir de uma valoração da língua que revela (e reverbera) crenças culturalmente partilhadas pelos brasileiros, sobretudo a que reproduz e cristaliza que classes sociais mais baixas falam um português “pior”.

Se levarmos em consideração que o poder social é instituído em relação ao “controle exercido por um grupo ou organização (ou seus integrantes) sobre as ações e/ou as mentes de (membros de) um outro grupo” (van Dijk, 2020, p. 88, grifo do autor), será possível entrever como os modelos culturais são ideologicamente influenciados pelo poder social e até mesmo pelo poder de grandes instituições, uma vez que este baseia-se no acesso privilegiado a

recursos sociais valorizados, como dinheiro, o acesso preferencial ao discurso e à comunicação públicos e, em última instância, os meios de produção. Nessa esteira, podemos pensar na influência do poder e do poder social de grupos e organizações hegemônicas, no contexto do capitalismo na era da internet, “nos modelos de pensamento cunhados socialmente” (Holland; Quinn, 1987 *apud* Murillo, 2021, p. 27) por diferentes grupos de trabalhadores, sejam eles os motofretistas, sejam os publicitários responsáveis pela realização da campanha Lado B do iFood.

Princípios analíticos

Para analisarmos o fenômeno e o acontecimento discursivo evidenciado pelo material publicado pela reportagem da Pública, é necessário, antes, descrever, em linhas gerais, como se desenha o trabalho de realização de uma campanha publicitária e alguns dos documentos, normalmente confidenciais, envolvidos nesse processo. Isso porque o trabalho publicitário envolve técnicas e metodologias específicas, comuns às empresas do ramo. Esses métodos balizam as relações entre a linguagem e o trabalho realizado no contexto institucional das agências de publicidade. Nas palavras Souza-e-Silva, “as formas modernas de organização do trabalho (...) não ficaram insensíveis à questão da linguagem e trabalho: antes, procuraram elaborar diferentes dispositivos de gestão da fala (...). Atualmente, (...) o funcionamento cotidiano e rotineiro baseiam-se cada vez mais nas atividades simbólicas” (2002, p. 61). A autora menciona a importância de circulares, atas, notícias técnicas e outros documentos relativos à comunicação interna das empresas e sua influência nas relações de trabalho, justificando assim a eleição das interações no trabalho como objeto de estudo do analista do discurso.

Dito isso, podemos resumir o processo básico de realização de uma campanha publicitária em alguns passos:

1. Diagnóstico: analisa-se a situação do cliente de maneira a dar um diagnóstico acerca da questão a ser resolvida pela campanha. Nesta etapa é necessário levantar questões que desenhem o cenário em que a instituição contratante dos serviços da agência de publicidade

está inserida, realizando pesquisas que considerem fatores internos e externos;

2. Definição dos objetivos gerais: definição dos objetivos da campanha e dos indicadores de desempenho que devem norteá-la. Nesta fase, elabora-se o primeiro documento de *briefing*³;
3. Definição do público-alvo: determinação do grupo social, demográfico a quem a campanha se destina. Nesta fase realizam-se pesquisas que geram relatórios acerca do público-alvo;
4. Criação do conceito: de posse dos documentos gerados pelas fases anteriores, elabora-se uma peça publicitária prototípica e um modelo de relatório de monitoramento de desempenho;
5. Pré-teste: de posse da(s) primeira(s) peça(s) publicitária(s) elaborada(s), realiza-se uma veiculação-teste, que serve para antecipar a reação do público ao conteúdo, o que permite ajustes e, assim, mais assertividade na abordagem adotada;
6. Elaborar um plano de ação: nesta fase, definem-se peças a serem utilizadas, cria-se um mapa de veiculação (por meio de documentos chamados Plano tático, régua de comunicação e o Roadmap), definindo-se cronograma, responsabilidades e ações a serem realizadas.

Diante do cenário criado pelo acontecimento histórico e discursivo do Breque dos Apps e da discussão do Projeto de Lei 3797/20⁴ pela Câmara dos Deputados, que, em 2020, discutia a regulamentação para a contratação, via aplicativos, de prestadores de serviços de entrega e de motoristas, além de prever melhorias nas condições de trabalho e benefícios para a categoria, o iFood solicitou os serviços de duas grandes agências de marketing digital: a Benjamim Comunicação e a Social Qi (SQi).

³ No jargão publicitário, entende-se por *briefing* o documento em que são dadas as diretrizes iniciais para o planejamento e realização de uma campanha publicitária, não tendo, necessariamente, um único autor definido, mas sendo fruto da atividade laboral de um ou mais profissionais de uma equipe.

⁴ O Projeto de lei segue em tramitação até o momento da elaboração do artigo. Para conhecê-lo pode-se acessar a ficha de tramitação em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2257678>. Acesso em 02 de agosto de 2022.

O *briefing* divulgado pela reportagem dá diretrizes sobre como a campanha deveria ser realizada. Nele se lê:

Recorte 1. Recorte do *briefing* da campanha, disponibilizado para a Pública.

BRIEFING – LADO B IFOOD MARCO REGULATÓRIO

Introdução: Toda vez que trabalhamos com o iFood criamos estratégias para o “LADO B”. Essas estratégias tem como objetivo criar um leve rumor nas redes sociais sobre o assunto que queremos abordar no momento, no caso agora: MARCO REGULATÓRIO. Então usamos Páginas de Facebook, Perfis do Instagram, Perfis de Twitter, Perfis de Facebook, criados por nós para gerar esses rumores. Como? Comentamos em publicações que falam do assunto, vamos em perfis que abordam o assunto e comentamos de forma indireta que algumas empresas estão se mexendo para que o MRP de fato aconteça, depende do está sendo abordado referente ao assunto, negativo ou positivo, mas **NUNCA** assinado como iFood para que ninguém desconfie. Podemos postar falando sobre a Coca-Cola e Rappi por exemplo que já estão se mexendo, de vez em quando podemos sim falar do iFood, mas jamais deixar claro que nós trabalhamos para eles.

Objetivo :

- Criação de estratégia focada no LADO B. Oque vamos fazer para levantar esse assunto nas redes? Como que a gente discutira o MRP dentro das redes sem ter que assinar como iFood?
- Devemos ir atrás de micro influenciadores, nano influenciadores.
- Falar que esses entregadores, devem ser valorizados.

DEADLINE: 18/08 – 15HRS

Fonte: Elaboração nossa a partir de material disponibilizado na reportagem *A máquina oculta de propaganda do iFood*, publicada pela Pública.

Percebe-se que as perguntas norteadoras apresentadas no tópico relacionado aos objetivos específicos da campanha acabam perquirindo “o conjunto dos enunciados que podemos qualificar como práticas linguísticas profanas (isto é, que não vêm de representantes da linguística como uma disciplina estabelecida, os “não-linguistas”, assim chamados por N. Niedzielski e D. Preston)” (Paveau, 2021, p. 19). De acordo com o *briefing* da campanha, portanto, o trabalho dos publicitários envolvidos na campanha B do iFood passaria, necessariamente, por designar, avaliar e referir-se a fenômenos de linguagem para, em seguida, reproduzi-los.

Segundo a reportagem, as ações levadas a cabo em abril de 2021 envolveram desde a contratação de atores para distribuir os adesivos e carregar

faixas pedindo “vacinação já”⁵ nos atos dos motofretistas, até a disseminação de posts e comentários de usuários falsos, que teriam sido criados por agências de publicidade a serviço do iFood. Tais conteúdos eram veiculados sobretudo em duas *fanpages*, isto é, páginas de Facebook, que serviam para dar suporte à narrativa, além de um grupo de Facebook, outro de Whatsapp e perfis de Twitter. A primeira *fanpage* é intitulada Não Breca Meu Trampo⁶, por meio de um conteúdo de teor mais politizado e a segunda é chamada de Garfo na Caveira⁷, mais focada em memes.

Segundo a reportagem, a primeira *fanpage* tinha como objetivo específico interagir com os entregadores, entendê-los e coletar dados, por meio de inteligência artificial, para criar um conteúdo mais assertivo para a empreitada de esvaziar a greve. Dentro da perspectiva do planejamento de uma campanha publicitária, esses são os estudos para determinação do público-alvo e suas características. Por meio de estudos e relatórios com os insumos gerados por inteligências artificiais, levantou-se uma série de elementos, características e até mesmo certas regularidades acerca dos tecnodiscursos e do registro linguístico característico aos motofretistas.

Desse modo, o conteúdo produzido para as *fanpages* alinhavam-se a uma estratégia para recuperar a maneira como a greve ficou conhecida nas redes sociais, tirando proveito da fragilidade no processo de inscrição do acontecimento. A produção de sentido almejada parece que procurou (e teve êxito em) fazer com que as pautas dos grevistas, que estavam levando a uma organização de classe e munindo uma categoria de trabalhadores, antes desprovidos de possibilidade de organização, de um potencial revolucionário em termos políticos e sociais, fossem barradas, nas palavras de Orlandi (1999, p. 63), “violentamente pelo status quo. (...) Então, sentidos possíveis, historicamente viáveis, foram politicamente interditados. E tornaram-se inviáveis”.

⁵ A reportagem explica que o tema da vacinação foi essencial para o sucesso da campanha, uma vez que era uma pauta patente entre os motofretistas e que não se relaciona diretamente às condições de trabalho.

⁶ A página pode ser acessada em: https://www.facebook.com/naobrecameutrampo/about/?ref=page_internal. Acesso em 29 de julho de 2022.

⁷ A página pode ser acessada em: <https://www.facebook.com/garfonacaveiraa/about>. Acesso em 29 de julho de 2022.

Tal processo de interdição, no caso da campanha analisada, deu-se por meio de um planejamento e criação de conteúdo que passava por estudos acerca da linguagem utilizada pelos motofretistas, batizada pelos criadores da campanha de “motoquês”. A descrição da página, por exemplo, ainda que faça uso dessa variedade linguística, evidencia uma formação discursiva mais alinhada a interesses de setores do alto empresariado digital, a despeito dos sentidos que os grevistas ambicionavam. Isso porque tais empresas, a exemplo do iFood, contam com uma modalidade de gestão em que as relações de trabalho podem estar disfarçadas de transações entre empresas que, nas palavras de Antunes (2018, p. 37) são:

baseadas em contratos por tempo determinado, flexíveis, de acordo com os ritmos produtivos das empresas contratantes, com consequências profundas que desestruturam ainda mais a classe trabalhadora, seu tempo de trabalho e de vida, seus direitos, suas condições de saúde, seu universo subjetivo etc.

Na descrição da página lê-se: “A gente quer melhorar de vida e ganhar mais. SEM patrão e salário-mínimo. No corre bem feito a gente tira mais e não tem chefe pra encher o saco. A gente quer liberdade pra tramar pra quem a gente quiser!”. Tal posicionamento é reforçado por diversos *posts* programados, aprovados pelo iFood, isto é, o cliente, e testados, conforme podemos observar na Régua de comunicação⁸, documento em forma de planilha disponibilizado pelos publicitários que denunciaram a campanha para a Pública.

⁸ É possível acessar a íntegra da planilha em: <https://apublica.org/wp-content/uploads/2022/03/00004349-regua-conteudo-mrp-ladob-v-adriana-a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood.xlsx> Acesso em 29 de setembro de 2022.

Recorte 2 - Recorte de planilha de Régua de comunicação da campanha, disponibilizada para a Pública

TEMA/PILAR	CANAIS				IDEIA/SUGESTÃO CONTEÚDO	DIRECIONAMENTO TEXTO ARTE	DIRECIONAMENTO TEXTO LEGENDA	REF	O QUE?
	FB	IG	WA	TW					
Segurança	x		x		Número de mortes de motofrentistas sobe 50% em 2020 (https://glo.bo/3taOxr1). Vamos reforçar que os entregadores estão expostos a altos riscos no dia a dia e cobraremos um posicionamento do governo em relação a isso.	Para essa peça, vamos criar um "mini manifesto". Podemos fazer a arte no formato de flyer, imprimir, e depois tirar uma foto segurando o papel pra dar um tom realmente orgânico para a peça.	Usar a notícia como mote para defendermos um posicionamento mais firme do governo em relação à segurança dos entregadores. Importante: essa peça deve ser elaborada seguindo a linguagem e o tom de voz dos próprios entregadores. São eles que estão pedindo um posicionamento do governo.		Estático
Segurança	x	x	x	x	Segurança contra vira-lata caramelo. Post mais descontraído, aproveitando um tema que está sempre em alta neste segmento (cachorro correndo atrás da moto).	Formato de meme. Podemos pegar um vídeo (como esse: https://bit.ly/3taRZM3) e colocar uma frase em cima brincando com a situação. Podemos fazer alguma pergunta como "Alguém sabe se no Brasil tem alguma lei que proteja os motoca dos dog?"	Legenda curta, complementando o meme. Podemos reforçar a questão da segurança, mas de forma leve e bem humorada.	https://www.instagram.com/p/CS4uAnm	Estático
Proteção social	x	x	x		Quem tá por nós? Vídeo gravado por um de nossos motoboys parceiros fazendo uma reflexão sobre os riscos da profissão e a necessidade da urgente valorização dos entregadores.	Sugestão de discurso: "Boa pa nós, família! Tava pensando aqui: nós tamo em pandemia já faz uns 2 ano e não foi só os médicos que estavam na linha de frente não. É só pensar no nosso corre durante a quarentena. O quanto de risco a gente não tava exposto no dia a dia? E se a gente ficar doente? E se sofrer um acidente? Quem tá por nós? Os aplicativo já tão fazendo uma pá de ação aí. Mas o que o governo fez por nós?"	Aqui, precisamos brilhar mais no roteiro do vídeo para o entregador. A legenda vai ser apenas um complemento, uma pontuação sobre a reflexão feita no vídeo.	https://www.facebook.com/naobrega	Vídeo gravado pelo motoboy
Proteção social	x	x	x	x	Valorize quem se entrega. Post mais político, tendo como público-alvo a sociedade em geral. Vamos enaltecer as relações humanas por trás das entregas (pessoas x algoritmos).	Sugestão de frase: Valorize quem se entrega Arte impactante, seguindo uma pegada mais cool (ref: Design Ativista).	Tendo em vista que a arte vai conter apenas uma frase simples e direta, precisaremos fazer uma legenda mais robusta, explorando essa ideia das relações humanas por trás das entregas via aplicativo. Exemplo: "Não são robôs que entregam o lanche na porta da sua casa". A ideia é despertar na sociedade esse sentimento de valorização dos entregadores.	https://www.instagram.com/p/CPGR	Estático
Desenvolvimento	x	x	x	x	Entregador faz trabalho digno! Com esse post, queremos trabalhar a perspectiva dos entregadores como profissionais qualificados, e não apenas uma galera que está fazendo bico.	Entrega não é bico. É trabalho digno. #ValorizeOMotoboy (Algo nessa linha, mas não exatamente isso.)	Não podemos deixar a impressão que estamos falando mal do "bico". A ideia é valorizar os motoboys como profissionais qualificados, uma categoria unida.	https://www.instagram.com/p/CP_46	Estático
					Senso de coletividade e de desenvolvimento.	Formato de meme. Podemos pegar um vídeo (como esse: https://www.instagram.com/in/CO_EpMACE)	Os entregadores costumam compartilhar muitas imagens e frases remetendo ao sucesso, às lutas diárias para chegar lá etc. Nesta legenda, podemos fazer um		

Fonte: Elaboração nossa a partir de material disponibilizado na reportagem *A máquina oculta de propaganda do iFood*, publicada pela Pública.

Como se trata de uma planilha longa, que não poderia ser integralmente reproduzida no presente arquivo, reproduziremos abaixo um recorte com uma captura de tela da referida planilha, disponibilizando o *link* para acesso ao documento. Desse modo, a análise será feita a partir de uma seleção de alguns direcionamentos exemplares documentados pelo material.

Por uma questão de legibilidade do Recorte 2, descreveremos o conteúdo das colunas dispostas na linha 1 da planilha, entre as colunas A e L do documento. As demais colunas não estão preenchidas e, por versarem por questões mais relacionadas à criação e monitoramento das peças da campanha publicitária, não tendo, portanto, relação relevante para a análise proposta pelo presente artigo. A planilha com a régua de comunicação é composta por colunas em que estão dispostos os seguintes elementos comunicacionais:

- TEMA/ PILAR: temas que cada postagem deve abordar;
- CANAIS: as mídias sociais em que elas devem circular. A coluna CANAIS é dividida em três subitens, de acordo com a mídia social em que a veiculação deve ser feita. As subdivisões são:

- a. FB: Facebook;
- b. IG: Instagram;
- c. WA: WhatsApp;
- d. TW: Twitter;
- C. IDEIA/ SUGESTÃO DE CONTEÚDO: sugestões de textos, *emojis*, *links* etc;
- D. DIRECIONAMENTO TEXTO / ARTE: diretrizes para a elaboração do texto, imagem ou outro elemento compósito que deve constar no *post* em questão;
- E. DIRECIONAMENTO TEXTO / LEGENDA: direcionamento para a elaboração do comentário ou legenda que deve constar no *post* em questão;
- F. REF: *link* para um *post* de referência, sendo este organicamente elaborado por páginas de microinfluenciadores ou nanoinfluenciadores seguidos pelo público-alvo da campanha);
- G. O QUE: uma breve descrição dos elementos compósitos que devem ser utilizados no *post* a ser elaborado;
- H. STATUS CLIENTE: eventuais observações que o cliente possa fazer em relação ao conteúdo planejado para o *post* em questão.

A planilha contém o planejamento e o roteiro para a elaboração de catorze *posts* a serem elaborados e publicados entre diferentes redes sociais, em alguns casos simultaneamente, ainda que não especifique textualmente, no caso do Facebook, em qual das páginas da campanha os *posts* seriam veiculados. Para fins de análise, analisaremos uma parte específica do documento. Trata-se das instruções para a realização de um *post* a ser publicado nas quatro mídias sociais trabalhadas pela campanha e que se baseia em uma postagem que já estava em circulação, sendo um exemplo da maneira como a campanha trabalhou a questão da segurança no trabalho.

A saber, tal priorização permitiu que fizéssemos, por meio de uma amostra representativa do material, avaliações gerais relativas às características que emergem do documento como um todo e observar os tecnodiscursos postos em circulação. Ao mesmo tempo, cumprindo com os objetivos do trabalho, tal material encaminha a análise dos efeitos de sentido gerados por discursos que foram colocados em circulação em um ambiente de trabalho específico, que produz saberes linguísticos e descortina dados culturais que podem desvelar dados culturais e jogos de poder que perpassam as relações entre a linguagem e o trabalho, inserido no contexto do atual capitalismo,

tendo na Internet um novo lugar privilegiado para geração de valor. Tal escolha metodológica está alicerçada nas reflexões da pesquisadora francesa Sophie Moirand (2018 apud Baronas; Lourenço, 2022), que defende a construção do “pequeno *corpus*” como forma de refletirmos sobre a atualidade. Quando se trata dos estudos do discurso, Moirand propõe, então, que um *corpus* digital, por exemplo, possa ser elaborado por meio de uma “coleção de exemplos”.

Tabela 1. Exemplo para análise de régua de comunicação da campanha, disponibilizada para a Pública

Tema ou pilar	Ideia ou sugestão de conteúdo	Direcionamento para elaboração de textos e imagens	Direcionamento para elaboração de legendas dos posts	Elemento central da postagem
Segurança	Segurança contra vira-lata caramelo. Post mais descontraído, aproveitando um tema que está sempre em alta neste segmento (cachorro correndo atrás da moto).	Formato de meme. Podemos pegar um vídeo (como esse: https://bit.ly/3taRZM3) e colocar uma frase em cima brincando com a situação. Podemos fazer alguma pergunta como "Alguém sabe se no brasil tem alguma lei que proteja os motoca dos dog? 🤔"	Legenda curta, complementando o o meme. Podemos reforçar a questão da segurança, mas de forma leve e bem humorada.	Imagem estática

Fonte: Elaboração nossa a partir de material disponibilizado na reportagem *A máquina oculta de propaganda do iFood*, publicada pela Pública.

Observando o conteúdo do documento e a tabela que elaboramos para analisá-lo, podemos observar algumas regularidades em todas as postagens roteirizadas. Percebe-se, por exemplo, a emulação de práticas discursivas engendradas por motofretistas, marcada pela frequente utilização de *emojis*, imagem, texto e, em alguns casos, vídeos. Estes, vale ressaltar, também contam com direcionamentos específicos (e até mesmo *links* para *posts* já realizados em mídias sociais) para desenvolvimento dos respectivos roteiros, possivelmente escritos por microinfluenciadores e nanoinfluenciadores contratados pela campanha.

As diretrizes e ideias para a criação de cada um desses elementos estão organizadas em colunas, separadamente. Desse modo, avaliamos que a régua de comunicação, por sua própria forma e divisão, revela o planejamento de diversas textualidades seriadas, ou seja, um conjunto de formulações que têm

um traço comum como elemento repetível e uma variação (Dias, 2019), que (co)operam a produção de sentidos e os efeitos de humor. Segundo Dias (2019, p. 65),

As textualidades seriadas tal como venho buscando definir, se produzem nesse processo de serialização que, por um lado, se caracteriza pela repetição explícita de um elemento da série (aquele que garante a legibilidade pela identidade do texto como pertencendo a uma série) e, por outro lado, se caracteriza pela variação do dizer, sua regularização no interior de uma série.

Nesse sentido, podemos encontrar, na régua de comunicação, o que poderia ser entendido como um esqueleto de uma textualidade seriada, como uma espécie de roteiro das séries, para seguir a trilha da ideia de Dias, exercendo coerções e instruções semânticas. A materialidade linguageira da régua de comunicação serve para, posteriormente, ser ativada no nível de uma produção linguageira posterior. Como uma formação discursiva, no sentido pecheutiano, a régua de comunicação determina o que pode e deve ser dito.

Se observarmos o *post* número 1, por exemplo, vemos a recomendação da criação de um *post* no qual o tema da segurança é abordado por meio de uma situação tragicômica que, segundo as pesquisas realizadas pela agência, é comum no cotidiano laboral dos entregadores: serem perseguidos por cachorros. Sugere-se a criação de um meme baseado em um vídeo, provavelmente de uma câmera pertencente ao circuito de segurança imobiliária, que mostra um entregador fugindo de um cachorro, trazido por uma cliente e que se solta de uma coleira. Sugere-se um texto curto, que aborde a questão da segurança do trabalho de uma maneira leve e descontraída. A sugestão de frase conta com palavras como “motoca”, aqui usada como um sinônimo para “motoqueiros”, desvios em relação à norma padrão (em termos de concordância nominal e capitalização do nome do país, sendo este, um desvio muito comum nas plataformas da web 2.0), uma mistura de inglês e português e é encerrada com um *emoji* que representa risadas.

Nesse contexto, é importante falar sobre a relação entre os memes, o humor e os discursos postos em circulação no caso reportado pela Pública. Ao debruçar-se sobre textos humorísticos, Possenti (2008, p. 28) afirma que estes são “lugares privilegiados de língua e de discurso - ou de discursos e condições de produção”, uma vez que demandam uma série de manobras gramaticais e

enunciativas, tais como pressuposições, inferências, ambiguidades que remetem a ideologias muitas vezes antagônicas e a necessidade de que os falantes reconheçam fatores culturais. Os memes, por sua vez, guardam muitas semelhanças com tais características, embora não tenham, necessariamente, um caráter humorístico. Isso fica evidente nos processos de pressuposições, inferências e, principalmente, de apreensão dos laivos ideológicos que deles emergem.

Ao debruçar-se sobre memes de internet, Shiffman (2014, p. 41) os define como:

(a) grupos de itens digitais que compartilham de características em comum em termos de forma, conteúdo e posicionamento ideológico, (b) o qual foi criado por meio de uma sensibilização mútua em relação à existência de tais itens digitais; e (c) circulam, são imitados e transformados digitalmente por muitos usuários da Internet⁶.

Esse conceito mostra-se particularmente profícuo se observarmos o caso da chamada campanha Lado B do iFood. Se pensarmos a primeira parte da série que comporá o meme que alude, ironicamente, a uma proteção, garantida por uma eventual trabalhista, contra ataques de cachorros a motofretistas. Nesse sentido, se em um primeiro momento, um dizer semelhante à frase recomendada como base para o *post* (a saber “Alguém sabe se no Brasil tem alguma lei que proteja os motoca dos dog?”) poderia suscitar uma reflexão sobre segurança no trabalho e direitos trabalhistas, o uso do emoji correspondente a uma gargalhada (😂) impõe uma ruptura, quase instantânea, com esse possível efeito de sentido. O meme, por sua vez, cumprirá o papel de falar sobre o assunto de uma maneira que possa soar divertida e catártica para os motofretistas e, ao mesmo tempo, minimizar o sofrimento ou mesmo o eventual medo em relação a possíveis acidentes com cachorros e o desamparo causado por um vácuo jurídico a esse respeito. A régua de comunicação evidencia, portanto, a utilização de uma técnica de superposição “de um pano de fundo conhecido quanto a associação ‘certa’ entre os diversos sentidos possibilitados por determinado material linguístico” (Possenti, 2009, p. 225), o humor no *post* utiliza-se do prazer que o chiste provoca para desestruturar “a classe trabalhadora, seu tempo de trabalho e de vida, seus direitos, suas condições de saúde, seu universo subjetivo etc.” (Antunes, 2018, p. 37). Dessa maneira é possível edulcorar a gravidade da

situação, isentando a plataforma de qualquer obrigação quanto a esse possível acidente de trabalho, que passa a ser minimizado.

Vale lembrar que a criação de tal conteúdo para a campanha não foi feita ao acaso. A própria afirmação de que o assunto da perseguição por cachorros é uma pauta frequente entre os motofretistas sugere que a régua de comunicação foi embasada por estudos. Segundo a reportagem, foram realizadas pesquisas qualitativas e quantitativas, de maneira que fosse possível entender o papel do trabalho via aplicativo na vida dos motofretistas, a participação do dinheiro gerado por esse trabalho na renda familiar e o grau de vulnerabilidade social a que estão submetidos e quantidade de tempo trabalhado. Além disso, uma empresa especializada teria monitorado e analisado mais de 19 mil mensagens trocadas em 15 grupos de Whatsapp, o que proveu conhecimento para a contratação de micro e nano-influenciadores digitais, criação de um conteúdo com assuntos, estética e vocabulário verossímeis.

Nesse sentido, tais dados nos interessam na medida em que dialogam com o que Paveau, em seu dispositivo de análise, propõe como características inerentes aos tecnodiscursos (Paveau, 2021, p. 20), como:

- Caráter compósito: simultaneamente languageiro, multimodal e técnico da materialidade discursiva;
- Capacidade de ampliação: a maneira como as funções conversacionais e as ferramentas de escrita colaborativa simultâneas desenvolvem o conteúdo tanto quanto os enunciadores);
- Relacionalidade: a maneira como todos os discursos produzidos na web relacionam-se entre si e com as máquinas, além de só existirem a partir da subjetividade do internauta;
- Investigabilidade: ligada à possibilidade de rastrear os autores de cada discurso veiculado.

Para Paveau (2021, p. 20),

Os tecnodiscursos são indissociavelmente languageiros e técnicos, duas faces que de tão imbricadas não permitem que a materialidade propriamente languageira seja extraída das funcionalidades técnicas dos espaços conectados, sem que, com isso, as análises sejam prejudicadas.

É justamente a confluência do languageiro com o técnico que propiciou aos criadores da campanha Lado B do iFood colocarem-se em uma paradoxal posição de porta-vozes dos motofretistas, ainda que estejam infiltrados e trabalhando contra os interesses dessa classe. Afinal, se por um lado oferecem aos entregadores subalternizados a possibilidade de eles mesmos criarem seus espaços de enunciação ao comentar e compartilhar *posts*, por outro acabam reproduzindo, propositalmente, as estruturas de poder e opressão hegemônicas: a das grandes empresas da economia digital. Isso porque a campanha tinha o intuito de conquistar o engajamento de motofretistas em *posts* que exaltavam o trabalho no modelo imposto pelos aplicativos intercalando humor e peças sérias. É como se, diante do imperativo de fazer valer os interesses do cliente, os trabalhadores da agência de publicidade responsável pela campanha criassem “percursos alternativos para a resolução/desobstrução de seus problemas” (Baronas; Lourenço, 2021, p. 1), ainda que estes não dissessem, pessoalmente, respeito a eles, publicitários. Trata-se de uma contradição imposta pelo próprio *métier* do publicitário: o de criar peças que sirvam aos interesses estratégicos de seus clientes.

Se pensarmos que as demandas dos trabalhadores de aplicativos mostravam-se prejudiciais aos interesses do cliente, de modo que colocar para circular nas redes sociais uma produção tecnodiscursiva análoga às produzidas pelos motofretistas, mas capaz de recontextualizar enunciados potencialmente perigosos por meio de uma retomada enunciativa (Baronas; Lourenço, 2021, p. 11). Surge daí a necessidade de produzir discursos sobre os dizeres produzidos pelos grevistas, uma vez que o trato com o chamado motoquês era essencial para o logro da campanha. É possível observar, na reprodução de alguns diálogos, possivelmente realizados via aplicativos de mensageria digital, que os publicitários analisam as produções discursivas e planejam modos de simulá-las. Desse modo, os tecnodiscursos, formulados com a ajuda da mineração de dados, ganham novos contornos: a elaboração dos dizeres passa a ser digital, produzida no seio da máquina que serve quase como coautora, possibilitando a circulação desses dizeres do opressor como se fossem do oprimido. Estranho espelho da Análise do discurso que, entre o real da língua e o real da história, encontrou o real da máquina.

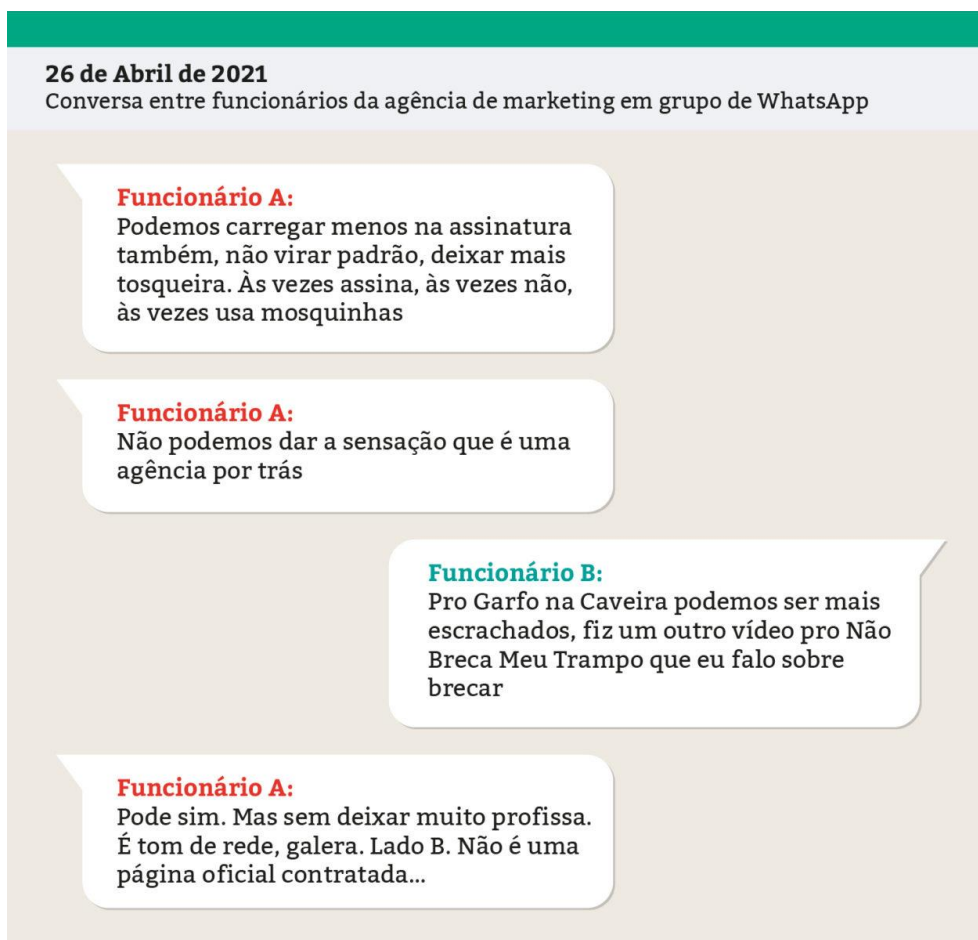
É justamente na confluência da língua e da história que o digital encontra possibilidade de tornar-se um objeto de estudos. Mais especificamente, no seio da Análise do discurso é que podemos abrigar o estudo do discurso digital como primazia da própria condição de possibilidade dos enunciados, compreendendo o técnico como coconstrutor de sentidos.

Não é possível, no entanto, desconsiderar que os dizeres produzidos pela agência, textualizados nas conversas de Whatsapp revelam saberes profanos sobre a língua. Na emergência de uma campanha publicitária que, para além de atingir o público, devesse tornar-se ele, houve a construção de hipóteses e de saberes sobre o “motoquês” que levaram à adoção dessa variedade da língua nas páginas do Facebook. Sobre isso, Paveau (2020) afirma que:

Propomos por enquanto chamar popular o saber espontâneo dos atores sociais sobre o mundo (depositado entre outros espaços nos provérbios e nos ditos populares, por exemplo), que se diferencia do saber acadêmico ou científico, da mesma maneira que o saber prático se distingue do saber teórico. O saber espontâneo é constituído de saberes empíricos, não suscetíveis de verificação lógica (o saber espontâneo não é verdadeiro nem falso, visto que é um saber aproximativo, como explica F. Markovits) e também de crenças que constituem guias para a ação dos atores sociais: as lendas urbanas ou as influências da lua sobre as plantações ou ainda se o céu está mais ou menos nublado como possibilidade de chuva são crenças reveladas do saber espontâneo (Paveau, 2020, p. 15-16).

É notório, nesse sentido, que esses saberes produzidos por não linguistas, ligados a modelos culturais estabelecidos (Murillo, 2020), levam a um conjunto de comportamentos também culturalmente partilhados. No caso, os saberes *folk* sobre o motoquês levaram à construção de *posts*, *tuítes* e *memes* que, de fato, construíram efeitos da ordem do pertencimento. Acreditou-se que se tratava de pessoas pertencentes ao movimento grevista. Em tópico procedente, veremos o funcionamento desses discursos.

Recorte 1. Captura de tela de WhatsApp com conversas entre funcionários da agência envolvida na campanha Lado B do iFood



Fonte: Elaboração da reportagem A máquina oculta de propaganda do iFood, publicada pela Pública.

Recorte 2. Captura de tela de WhatsApp com conversas entre funcionários da agência envolvida na campanha Lado B do iFood



Fonte: Elaboração da reportagem A máquina oculta de propaganda do iFood, publicada pela Pública.

Ao observar os diálogos, nota-se, por exemplo, um juízo de valor sobre o motoquês, como ao referir-se à linguagem como “tosqueira”, “escrachada” e avaliá-la como despadronizada, o que se opõe a um registro linguístico mais “profissional”, supostamente atribuído à redação publicitária. Paveau (2020) classifica as práticas dos não linguistas em prescritivas; descritivas, intervencionistas e militantes. No nosso entendimento, os diálogos elencados se inscrevem nas práticas descritivas, uma vez que estão fortemente embasados nas percepções subjetivas dos locutores: “também não precisamos carregar tanto no motoquês, tá ficando meio artificial, não acham?”. A descrição perquirida não segue nenhum tipo de regularidade linguística e/ou discursiva, mas descortina padrões culturais que, se não explicitam conflitos e relações de poder, evidenciam que a subalternização de determinados grupos sociais também pode passar pela língua e seus usos.

Paveau (2021, p. 71) afirma que a questão do poder é central na Análise do Discurso e que também tem grande relevância para a Análise do Discurso Digital. A autora assevera que é necessário considerar o poder de quem “detém as competências digitais além ou ao lado das primazias sociologicamente mais tradicionais como (...) o poder econômico”, de modo que, on-line, o detentor do poder discursivo é aquele que possui as qualificações necessárias para lidar com as novas tecnologias. Tal análise, contudo, não considera um contexto em que há deslizamentos na morfologia do trabalho (Antunes, 2018), da qual emerge um novo proletariado do setor de serviços. Este é constituído tanto de profissionais altamente qualificados quanto por pouco, mostrando-se *“mais ampla, heterogênea, complexa e fragmentada do que o proletariado industrial do século XIX e do início do século XX”* (Antunes, 2018, p. 103, grifo do autor).

Antunes (2018) explica que os segmentos mais qualificados, intelectualizados e próximos ao avanço tecnológico-informacional-digital vivenciam um sistemático processo de “envolvimento” e, em alguns casos, até mesmo de manipulação no interior do espaço de trabalho. O autor afirma, ainda que, em contrapartida, os trabalhadores precarizados, por sua condição de despossuídos, tendem à rebeldia. Pode-se observar exatamente este fenômeno entre os publicitários e os entregadores de aplicativos. Se, por um lado, os publicitários envolvidos com a campanha Lado B demonstraram

envolvimento com os valores propalados pelos setores hegemônicos do capital, por outro, os entregadores demonstraram uma pulsão rebelde de autopreservação e organizaram-se em um movimento grevista e associações de classe. Nesse contexto, a alta qualificação, bem como o apego a saberes profanos sobre a língua, permitiu aos publicitários analisarem uma grande quantidade de dados, por meio de inteligências digitais, e traçar estratégias para esvaziar a greve por meio de monitoramento contínuo, até que a campanha fosse considerada um sucesso.

Contudo, um olhar mais atento revela mais uma camada de conflito ao caso que estamos analisando. Trata-se de uma tendência à rebeldia advinda de um lugar, em princípio, inesperado: o dos publicitários, que outrora empregaram esforços para manipular o ambiente de trabalho e neutralizar a rebeldia dos motofretistas. Nos perguntamos, então sobre os efeitos de sentido que as denúncias anônimas provocam. Como parte integrante do novo proletariado digital, profissionais da publicidade decidem falar à imprensa anonimamente, revelar documentos confidenciais e até mesmo revelar nomes de contratantes, em uma representação metonímica da nova burguesia do capitalismo da era digital.

Trata-se de um novo processo de revascularização discursiva: temendo represálias profissionais, publicitários envolvidos na campanha Lado B do iFood encontram na mídia tradicional uma maneira de resolver uma demanda pessoal: a necessidade de denunciar injustiças e opressões que eles mesmos ajudaram a perpetrar sem, com isso, expor as próprias identidades e, com isso, colocar suas carreiras em risco, afinal, dadas a investigabilidade e a amplificação características dos tecnodiscursos, denúncias perpetradas em redes sociais poderiam ter implicações sérias, que os colocariam na iminência da vulnerabilidade social, visto que o mercado da publicidade possui um significativo exército de reserva⁹.

Baronas e Lourenço (2022, p. 26-27) afirmam que os processos de revascularização discursiva podem ser simples e complexos, tendo naturezas distintas e de igual importância. Para eles, a revascularização discursiva

⁹ O conceito de exército industrial de reserva foi cunhado por Karl Marx e se refere ao desemprego estrutural inerente às economias capitalistas.

complexa procura “desobstruir problemas coletivos” e a simples “objetiva dirimir problemas mais individuais”.

Mas como classificar discursivamente a situação de revascularização discursiva desvelada pelo caso de denúncia sobre a campanha Lado B do iFood? Dotado de complexidade, o caso desvela certa consciência de classe, uma vez que, ainda que profissionalmente qualificados e com pleno domínio técnico do funcionamento das redes e mídias sociais, os publicitários (e/ou publicitárias) denunciantes também são trabalhadores proletarizados, ainda que sofram menos intensamente as dores e desconfortos da pobreza e da precariedade profissional que os motofretistas.

Nesse sentido, a reportagem cria um efeito de sentido sobre a importância do que foi dito em entrevista por cada publicitário entrevistado. Denunciar a campanha Lado B pode ter sido uma forma de solidariedade, apoio e, quiçá, redenção junto aos entregadores. Contudo, por frequentarem círculos mais próximos aos dos reais detentores do poder econômico (neste caso, grandes nomes da publicidade e do marketing brasileiro, responsáveis pelas agências de comunicação contratadas pelo iFood) e por serem mais qualificados, intelectualizados e próximos ao avanço tecnológico-informacional-digital, tais profissionais da publicidade não podem usar suas próprias redes sociais como um espaço para resolver o problema de ordem moral que se desenha. Por isso, a reportagem os mantém em anonimato, uma vez que estes temem represálias profissionais após a publicação da denúncia. Este é, precisamente, o maior indício do caráter simples desse processo de revascularização discursiva, já que a busca pela imprensa tradicional procura evitar danos pessoais.

Em palestra ministrada em 27 de outubro de 2022 durante o Seminário Regional do I Congresso Internacional de Análise do Discurso Digital: caminhos e perspectivas, Roberto Leiser Baronas¹⁰ afirmou que a revascularização discursiva parte de um conceito de vulnerabilidade advindo da Sociologia e que é necessário pensá-lo discursivamente, a partir, inclusive, da contradição. As denúncias denotam um processo de revascularização discursiva que parece estar entre o simples e o complexo, uma vez que a situação dos publicitários

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rz7bFt2kr2Q>. Acesso em 31 out. 2022.

denunciantes demonstra certa sutileza e até mesmo certa contradição em relação à vulnerabilidade. Ceder documentos confidenciais, gravações de reuniões e até mesmo captura de tela de conversas internas entre a equipe demonstra que

[...] dizer não é uma coisa simples, contrariamente ao que diz o senso comum. Primeiramente, porque dizer, expressar-se por meio da linguagem é, ao mesmo tempo, agir; é também e, sobretudo, agir sobre as pessoas; é, enfim, manipular, de maneira simbólica, objetos reais. Dizer é intervir nas relações reais entre as pessoas, com palavras que não são essas relações, mas que são, de algum modo, uma representação, uma contrapartida, uma imagem, uma imagem sonora (Schwartz; Durrive, 2007, p. 167).

Nesse sentido, a desobstrução discursiva do grupo de publicitários encontrou caminho obstruindo discursivamente outro grupo vulnerável. Por isso, aqui, muito ensaísticamente, tentamos pensar em um terceiro tipo de revascularização: aquela que, para desobstruir, obstrui. Contudo, em um momento posterior, esse mesmo grupo viu-se impelido a denunciar a revascularização obstrutiva que eles mesmos levaram a cabo, desobstruindo-a por meio da mídia tradicional, sob um véu de anonimato, como em uma espécie de acidente vascular discursivo, agindo sobre as pessoas, as empresas envolvidas e, no limite, na própria sociedade em que estão inseridos.

Considerações finais

A sociedade contemporânea é atravessada por uma tendência de fundo: a precarização das relações de trabalho, que ganham novo impulso com os modelos de negócios digitais, que conectam, pelos celulares, as mais distintas modalidades de trabalho. Nesse contexto, motofretistas organizam-se por melhorias em suas precárias condições laborais, ainda que enfrentem dificuldades em suas lutas, organizadas essencialmente por meios digitais. Essas dificuldades advêm das próprias características dos tecnodiscursos (Paveau, 2021): rastreáveis, replicáveis, ampliáveis e relacionáveis, às práticas linguísticas dos próprios motofretistas servem como insumo para campanhas publicitárias Lado B que, disfarçadamente, procuram esvaziar as mobilizações dos trabalhadores ao emular suas práticas discursivas. Trata-se de uma

revascularização que, para desobstruir um obstáculo, acaba por obstruir, novamente, um discurso primeiro, já revascularizado.

Mas as complexidades e contradições da vida e do mundo do trabalho no capitalismo da era digital revelam vulnerabilidades e revascularizações discursivas diferentes, quando o mesmo grupo de publicitários que obstruiu os discursos dos entregadores resolve expor um ciclo de opressões e revelar os jogos de poder envolvidos na campanha em questão por meio de um novo processo revascularização discursiva (Baronas, Lourenço, 2022). Assim, os mesmos publicitários, que outrora trabalharam contra os motofretistas, acabam por encontrar em denúncias para a mídia tradicional, uma maneira de denunciar os jogos de poder, práticas de manipulação linguística e discursiva. São contradições que permeiam as relações entre vulneráveis, pessoas reais, permeadas por complexidades, contradições e valores, que se tensionam e são materializados por discursos que, se não encontram caminhos convencionais, abrem novas vias possíveis para sua circulação.

Referências

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.

BARONAS, R. L., LOURENÇO, J. Notas sobre uma possível teoria da Revascularização Discursiva. **Alfa**, v. 86, 2022.

DIAS, C. **Análise do Discurso Digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, C. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. **RASAL linguística**, 2019, p. 55-74

HOENIGSWALD, H. M. Uma proposta para o estudo da Linguística Popular/Folk Linguistics. In: BARONAS, R. L.; CONTI, T. C. B.; GONÇALVES, M. R. B. **Folk linguistics** - saberes linguísticos de meia tigela?. Campo Grande, MS. Editora UFMT, 2021, p. 20-38.

LEVY, C. **A máquina oculta de propaganda do iFood**. A Pública, Agência de Jornalismo Investigativo, 04 de Abril de 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/#Desmobilizando>. Acesso em 29 de julho de 2022.

MURILLO, C. V. J. Linguística popular: o espanhol na Costa Rica segundo os ticos e alguns centro-americanos residentes no país. In: BARONAS, Roberto Leiser; GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros; SANTOS, Júlio Antonio Bonatti. (org.). **Linguística popular**: contribuições às ciências da linguagem. Araraquara: Letraria, 2021, p. 25-78.

ORLANDI, E. **Terra à vista: discurso de confronto**: Velho e Novo mundo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, E. et al. **O papel da memória**. 1ª edição. São Paulo; Pontes, 2021.

PAVEAU, M. A. **Análise do discurso digital**: dicionário de formas e práticas. 1 ed. São Paulo: Pontes, 2021.

PAVEAU, M. A.; LOURENÇO, J. C.; BARONAS, R. L. **Ressignificação em contexto digital**. 1 ed. São Paulo; EdUFSCar, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Linguística folk: uma introdução**. Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, S. **O humor é universal**. Campinas: JoLIE 2:2, 2009.

ROSIER, L. La circulation des discours à la lumière de "l'effacement énonciatif": l'exemple du discours puriste sur la langue. **Langages**, n. 156, p. 65-78, 2004.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e Ergologia**. Conversas sobre a atividade humana. Tradução Jussara Britto e Milton Athayde... [et al]. Niterói: EdUFF, 2007.

SHIFFMAN, L. **Memes in Digital Culture**. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 2014.

SOUSA, L. M. A.; GARCIA, D. A. FARIA, D. O. Paradigma indiciário, língua-concha, recorte e funcionamento: a metodologia em AD. **Língua e instrumentos linguísticos**, n. 33, 2014.

SOUSA-E-SILVA, M. P.; FAÏTA, D. **Linguagem e trabalho. Construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo, SP. 2002. Editora Cortez.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo, SP. 2020. Editora Contexto.

Perspectivas sobre a autoria na comunidade discursiva universitária

Juliana Chaves Farias Ferreira

Centro Universitário Campo Limpo Paulista, Brasil
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Este capítulo compõe parte da tese de doutorado em andamento que investiga as manifestações da autoria no ambiente universitário, mais especificamente, na elaboração de trabalhos finais acadêmicos, como os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Nestes textos, é perceptível a influência da comunidade discursiva universitária na escrita dos trabalhos, através de uma pesquisa colaborativa que se desenvolve em concordância com um orientador, mais experiente, bem como nos apontamentos da comunidade discursiva que, por sua vez, contribui e valida a investigação final como banca julgadora. Além disso, esta pesquisa debruça-se sobre a análise da escrita acadêmica e da produção de conhecimento, com enfoque no percurso de elaboração de textos feitos por estudantes de graduação, uma vez que se percebe que esse processo de escrita de textos permite aos estudantes alterarem a relação previamente estabelecida com o conhecimento.

As motivações da investigação partiram de aulas de língua portuguesa nas quais a escritora dessas páginas assumiu uma condição de que aquela que ensina é também aquela que pesquisa. Desta forma, ao aproximar-se de diversas produções acadêmicas desenvolvidas pelos alunos de graduação, pode-se acompanhar seu percurso de escrita desde a escolha do objeto de pesquisa, passando pelos levantamentos bibliográficos, pelas elaborações das citações, pelas reformulações, pela análise e discussão dos resultados, pela estruturação do texto científico; até o momento da defesa pública do trabalho, que marca o fim do processo de composição.

Enfatiza-se, como aporte teórico, o pensamento foucaultiano acerca do autor, do discurso, da posição sujeito e das condições de produção discursivas (Foucault, 2001[1969]; 2012[1970]; 1972) para compreender o fenômeno da autoria tal qual ele ocorre na escrita de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Destacam-se as condições exteriores, pautadas no contexto de produção e exigidas no momento da aprovação do trabalho, bem como as condições internas que mobilizam os procedimentos linguísticos e discursivos necessários para a escrita do texto. A autoria, neste sentido, é compreendida como função discursiva, considerando as diversas etapas nas quais um graduando é incumbido de elaborar um trabalho de diplomação, de modo a organizar os enunciados, os discursos e a normatização pertinentes e válidas para as práticas discursivas que a instituição universitária coloca em funcionamento. Para Foucault (2001[1969]) a “função-autor” está associada a procedimentos que incluem a responsabilização por um discurso, a propriedade relacionada à assinatura de um escrito, a organização e reunião de discursos válidos historicamente e a posição-sujeito na trama discursiva. Essas dimensões englobam a elaboração textual, a posse legal por um escrito, a expressão independente e individual do discurso e a definição do autor como um campo de coerência conceitual ou teórica. Para Foucault (2001[1969], p. 14) a “função-autor” é uma característica do modo de existência, circulação e funcionamento de certos discursos dentro de uma sociedade.

Deste modo, neste capítulo, compreende-se que o fenômeno da autoria se manifesta nas formas pelas quais as versões de textos vão sendo delineadas e reformuladas por três principiantes, matriculados no curso de psicologia, em uma comunidade discursiva universitária de uma instituição privada. Para tanto, algumas perguntas são essenciais: Quais são as estratégias de composição utilizadas pelos graduandos no caminho de elaboração do Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)? Em que medida é possível identificar o conceito de autoria nos trabalhos de conclusão de curso?

Na ênfase de responder esses questionamentos, a metodologia selecionada no âmbito da pesquisa parte dos estudos da crítica genética (Grésillon, 1994), cujo enfoque está tanto na análise do processo quanto na continuidade do trabalho de um autor para a compreensão da construção de sua obra. Sob esta perspectiva, sublinham-se as marcas de supressão,

deslocamentos, inserções e substituições feitas na materialidade textual, com o intuito de verificar os registros deixados pelo estudante ao longo do processo de escrita, ou os “índices materiais” inscritos na composição. Tal investigação faz-se necessária para o acompanhamento da produção contínua do graduando e para a observação da função que este executa ao redigir seus textos. Neste capítulo, estão sendo observados exemplos retirados das análises das primeiras versões dos textos. A tese conta com a observação de duas outras versões, parciais e finais respectivamente, de cada graduando participante da pesquisa. Para a escrita do artigo, foi feita a análise completa da primeira versão de texto e foram sublinhados os processos linguísticos mais evidentes que demonstrem os arranjos textuais escolhidos pelos estudantes. Desta forma, a exploração das introduções toma caminhos diferentes de análises no intuito de observar as elaborações linguísticas mais salientes de cada texto. Alguns procedimentos da crítica genética foram evidenciados ao se comparar o modo pelo qual o aluno dá voz aos outros autores e os respectivos textos fontes. Sob esta ótica, acredita-se que a autoria se configura nos diversos acontecimentos intrínsecos e manifestos relacionados ao ato de escrever.

1 A forma de restrição dos discursos no contexto acadêmico

Pensar em como compreender a autoria no âmbito universitário é também investigar os modos de movimentação dos discursos postos em circulação entre os membros da comunidade acadêmica. Tais discursos são, muitas vezes, permeados por normatizações institucionalizadas e por escrita tecnicista. Foucault (2012[1970]), ao proferir sobre *A ordem do discurso*, aprofunda os mecanismos de controle do dizer através da adição das instâncias de poder e da delimitação dos discursos. Nesta perspectiva, não é qualquer palavra que pode ser dita, nem todos os enunciados são postos em circulação em determinados contextos, sendo o discurso passível de ser selecionado ou até proibido. Segundo Foucault (2012[1970]), há procedimentos externos e internos de delimitação discursiva, que exercem o papel de sistema de exclusão: *a palavra proibida*, *a segregação da loucura* e *a vontade de verdade* são princípios externos reguladores que cerceiam o dizer.

Na instituição acadêmica, sabe-se que os integrantes mais experientes costumam apontar os discursos e metodologias mais adequadas e, de certa forma, controlam o que deve ou não ser dito nos textos, nos espaços, nas apresentações orais e na trama de conexões intrínsecas à estrutura universitária. Exemplo disso são as próprias citações acadêmicas que costumam referenciar os autores de mais renome na comunidade, o que confere à citação um papel importante de valorização do dizer mais adequado, ou do discurso escolhido para ser posto em circulação em determinado contexto:

O gesto de citar passa a ser identificado a uma lógica de poder e usado estrategicamente; daí os pesquisadores de menor renome tenderem a mencionar com frequências os mais famosos (que hoje em inglês são chamados de star), para absorver algo do seu prestígio, ao passo que os pesquisadores no topo não precisam citar ninguém (Durão, 2015 p. 59).

Os mecanismos de controle do dizer quando relacionados ao contexto universitário podem se manifestar nos princípios de normatização de textos, nas operações específicas e linguísticas necessárias para a escrita dos gêneros textuais acadêmicos, nas interlocuções adequadas neste ambiente e nas maneiras de selecionar e divulgar o conhecimento. Todas essas formas de escrita, bem como os modos de produção e circulação dos discursos, uma vez inscritos em um contexto histórico contemporâneo, funcionam como uma rede de correlações onde a autoria se constitui e se entrelaça segundo os objetivos e propósitos da comunidade discursiva universitária.

1.1 A autoria compreendida na função graduando

De acordo com Foucault (2001[1969]), a autoria é caracterizada como uma função no discurso, já que ele se distancia do conceito de originalidade e da ideia de um único indivíduo capaz de certa criação inovadora. Exemplo disso está em sua conferência de 1969, na qual o filósofo francês indaga: que importa quem fala? Foucault (2001[1969]) defende a ideia de uma certa morte do autor, ou um esvaziamento da noção de autoria tal como era direcionada a um ser originário e proprietário de um talento criativo ao escrever um texto. Neste sentido, a autoria se constitui pelas relações de poder, pelas práticas discursivas e por contextos históricos, que interferem e influenciam na

construção de uma dada “originalidade”. Para Foucault (2001[1969]), as diversas práticas discursivas, as posições-sujeito dentro das instituições e formações discursivas desempenham um papel crucial na construção do discurso e do indivíduo. A autoria, desta maneira, se manifesta no modo pelo qual as instituições sociais moldam o discurso e como o poder opera por meio do controle e da regulamentação, desafiando, assim, a noção de autoria como algo isolado e destacando a interconexão entre poder, conhecimento e formações discursivas.

Decorrente desta abordagem está a função-autor, que “não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas” (Foucault, 2001[1969], p. 23). Essa função manifesta-se no modo de ser dos discursos, na sua forma de movimentação em um contexto social e nos procedimentos adotados em sua constituição; ainda, as características da função-autor foram divididas em quatro aspectos, são eles: *os discursos que têm autores são objeto de apropriação; a função autor não se exerce de maneira universal e constante em todos os discursos; ela não se forma espontaneamente, como uma simples atribuição de um discurso a um indivíduo; a função autor não é uma mera reconstrução feita a partir de um texto dado.*

Ao relacionarmos tais características com a *função graduando* – aquele que desenvolve um trabalho final de modo a relacionar seu nome a um trabalho acadêmico –, é perceptível que esse trabalho é passível de publicação, seja nas bibliotecas digitais da universidade, seja em formas de artigos científicos em revistas eletrônicas. Deste modo, a constituição do texto exige um trabalho de escrita gradativo, além de uma reunião de discursos de forma organizada e coerente com os objetivos da comunidade discursiva, tornando-se, assim, objeto de apropriação pela própria comunidade universitária. Uma vez que este trabalho é legitimado pelo professor especialista e pelos membros da comunidade científica, passa a circular como produção acadêmica.

Além disso, não são todos os textos feitos pelo graduando que são provenientes da *função graduando*: as anotações de aulas, os fichamentos acadêmicos, os trabalhos realizados para conclusão de uma dada disciplina e outros textos que não são feitos em coorientação e não circulam no âmbito acadêmico em forma de referência a ser consultada. Estes tendem a ser

desprovido dessa função. Além disso, há determinadas operacionalizações a serem feitas de forma a compor esse trabalho, tais como: procedimentos linguísticos de manejo do discurso do outro, procedimento de apropriação do conhecimento e de não imitação, e formas de negociação com o discurso alheio. Deste modo, a *função graduando* não se forma espontaneamente; é exercida por quem dá tratamento a um texto de forma a construir um trabalho de pesquisa e de escrita acadêmica, que passará por aprovação de uma comissão científica. Por último, elenca-se uma certa singularidade na escrita dos textos que são provenientes da *função graduando*. Espera-se que o estudante conquiste a autoria de forma a encontrar, tendo como base o uso das operações necessárias para a composição de um trabalho final, sua maneira própria de dizer e demonstrar propriedade sobre determinado assunto alinhado a uma área investigativa com estrutura normativa específica.

Outrossim, a autoria tal como ela é desempenhada na *função graduando* depende não somente da finalização do processo de escrita de uma composição que vai conferir a diplomação a um estudante, mas também de condições exteriores importantes para a legitimação daquele saber na universidade. Fairchild (2017) enfatiza que a autoria como função depende de uma comunidade apreciativa. Ela passa a proceder mais diretamente das condições externas para que aquela composição seja lida por um número grande de pessoas. Isto posto, a autoria no contexto da universidade vem dependendo menos do conteúdo semântico e mais das formas de circulação dos enunciados:

Tornar-se autor em uma comunidade “apreciativa” será diferente daquilo a que alguns de nós estamos habituados. De uma parte, a autoria pode depender menos das características do texto em si – da qualidade e pertinência dos dados, da fidedignidade das afirmações feitas, da inserção das análises no quadro epistemológico de uma disciplina etc. – e passar a depender mais diretamente das condições externas para que ele seja lido por um número grande de pessoas – as redes de contatos profissionais do pesquisador, sua habilidade em gerenciar grupos de indivíduos potencialmente “produtivos” como pesquisadores iniciantes, estudantes, bolsistas, técnicos etc. A autoria, nesse contexto, dependerá menos do conteúdo semântico e mais das formas de circulação do enunciado (Fairchild, 2017, p. 236).

Passar por uma comissão de apreciação também é uma condição de diplomação obrigatória, pois confere validação e legitimação ao discurso do

graduando, já que o estudante deve ser aprovado na avaliação oral e na qualidade do texto apresentado. Desta forma, a sustentação oral do estudante que se submete à avaliação de uma comissão avaliativa funciona como uma espécie de ritual, ou ritualização do discurso. Funciona também como um “sistema de restrição” que avalia, qualifica e define as circunstâncias, gestos e comportamentos dos sujeitos:

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (Foucault, 2012[1970], p. 38).

2 Análise da configuração dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)

Para a elaboração desta investigação foram escolhidos 3 estudantes de graduação em psicologia, selecionados em um grupo de 47 pessoas que frequentaram quatro módulos da disciplina: Pesquisa e Intervenção em Psicologia - TCC, ministrada em uma instituição privada. Procuramos um sujeito na turma que atendesse os seguintes critérios: 1) tivesse redigido seu projeto de pesquisa de maneira individual, e não em dupla; 2) tivesse optado por um tema de pesquisa relacionado com seus interesses e motivações pessoais; e 3) tivesse mostrado empenho ao longo do processo de escrita. Neste contexto, inspirados por uma atividade que envolveu a leitura do livro de Clarice Lispector (1995), os nomes dos participantes foram trocados pelos pseudônimos: Macabéa, Olímpico e Rodrigo S.M. e seus respectivos percursos de escrita foram selecionadas e analisados durante a investigação. Abaixo seguem alguns exemplos da produção individual, que foi analisada de maneira integral no que se refere a primeira versão do texto dedicada à introdução.

2.1 A participante Macabéa

Ao comparar a escrita da estudante com os textos de referência, descobriu-se a presença de outros autores não citados e que estão articulados de forma a dar corpo à introdução. Além disso, foram detectadas algumas operações produzidas pela aluna na tentativa de relacionar os argumentos escolhidos e articular a escrita. Seguem, nos quadros 1, 2 e 3 abaixo, as operações de substituição, acréscimo e supressão feitas pela estudante:

Quadro 1. processo de substituição feito por Macabéa

Termo original	Termo substituído
psicologia do trabalho	psicólogo organizacional
também vale dizer que a inserção	por essa inserção
é importante	vem mostrando a importância
fundamental	fundamentais
o RH	a área de gestão de pessoas
pensamos	pensando

Fonte: elaboração própria.

Quadro 2. Processo de acréscimo ou inserção feito por Macabéa

Acréscimo da frase	organizacional e qualidade de vida no trabalho
Acréscimo da frase	sobre a qualidade de vida dos colaboradores dentro das organizações,

Fonte: elaboração própria.

Quadro 3. Processo de supressão ou excisão feito por Macabéa

Supressão ou excisão da frase	e entende que não há relação de poder sem a correlativa constituição de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua relações de poder. Por esta perspectiva,
-------------------------------	---

Fonte: elaboração própria.

Outra observação feita refere-se à semelhança entre as formas idênticas de escrita presentes nos textos dos autores referenciados e na composição textual da aluna, conforme quadro 4.

Quadro 4. Comparativo entre formas fidedignas de escrita no texto de Macabéa e os textos fonte

Texto da aluna	Texto fonte	Operação feita pela estudante
A psicologia organizacional se caracteriza como uma sub-área da ciência psicológica com o intuito de atuar de forma interdisciplinar no comportamento humano no âmbito das relações das pessoas com as organizações através da compreensão dos fenômenos psicológicos.	A psicologia organizacional se caracteriza como uma sub-área da ciência psicológica com o intuito de atuar de forma interdisciplinar no comportamento humano no âmbito das relações das pessoas com as organizações através da compreensão dos fenômenos psicológicos. (MIRANDA, 2013).	Transcrição direta
<i>Por essa</i> inserção <i>do Psicologo organizacional</i> no cotidiano das organizações, <i>vem mostrando a importância</i> em diferentes níveis <i>e fundamentais</i> tanto para a prevenção (de acidentes, insatisfação, mal-estar no trabalho etc.) quanto para a melhoria do próprio ambiente <i>organizacional e qualidade de vida no trabalho</i> . Se importando com a qualidade de vida dos colaboradores, sendo a maneira de prevenir várias doenças relacionadas ao trabalho e algumas lacunas nas organizações, como: ambiente de trabalho inadequado, processos seletivos, conflitos interpessoais, clima e cultura organizacional	<i>Também vale dizer que a</i> inserção da psicologia do trabalho no cotidiano das organizações <i>é importante</i> em diferentes níveis, sendo fundamental tanto para a prevenção (de acidentes, insatisfação, mal-estar no trabalho etc.) quanto para a melhoria do próprio ambiente e das suas condições, contribuindo com diagnósticos capazes de evidenciar o comprometimento da saúde do trabalhador. Para tanto, ela oferece esclarecimentos e orientação para que o profissional possa buscar tratamento médico ou encaminhamento à psicologia clínica. (KENOBY, 2021a).	Substituição e acréscimo
<i>A área de Gestão de Pessoas</i> , de modo geral, tem o potencial de trazer excelentes resultados para as empresas, não só em relação às finanças, mas também <i>sobre a qualidade de vida dos colaboradores dentro das organizações</i> , o que atinge, de forma indireta, os resultados da companhia. Uma das maneiras de fazer isso é por meio da <i>Psicologia Organizacional</i> .	O RH, de modo geral, tem o potencial de trazer excelentes resultados para as empresas, não só em relação às finanças, mas também ao bem-estar dos colaboradores, o que atinge, de forma indireta, os resultados da companhia. Uma das maneiras de fazer isso é por meio da psicologia do trabalho. (KENOBY, 2021,b)	Substituição e acréscimo
A Psicologia tem se aproximado do trabalho. <i>Pensando</i> a respeito dos sistemas de racionalidade que sustentam as práticas nesse âmbito e compreendemos que eles são emergentes de um feixe de forças sociais ligadas a determinados regimes de verdade que contornam sua consistência e operacionalidade	A psicologia tem se aproximado do trabalho e entende que não há relação de poder sem a correlativa constituição de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua relações de poder. Por esta perspectiva, <i>pensamos</i> a respeito dos sistemas de racionalidade que sustentam as práticas nesse âmbito e compreendemos que eles são emergentes de um feixe de forças sociais ligadas a determinados regimes de verdade que contornam sua consistência e operacionalidade em uma época. (AMADOR, 2017)	Supressão e Substituição

Fonte: Materiais de pesquisa (os grifos são nossos).

No quadro 4, nota-se que a aluna realizou algumas operações específicas no texto fonte com o intuito de dar corpo ao seu texto, através da substituição, supressão ou acréscimos de termos. A fim de detectar tais operações, empreendeu-se uma busca minuciosa por fragmentos do trabalho da graduanda em diversos motores de busca, seguida pela inserção desses blocos em ferramentas especializadas em detectar plágio. Dessa maneira, tornou-se possível examinar outros discursos que não estavam explicitamente mostrados na escrita da introdução. Tal procedimento permitiu observar marcas de transcrição direta de textos de terceiros e apropriações indevidas, que não estavam prontamente visíveis na superfície textual no momento da leitura da produção de Macabéa. Na introdução elaborada, os procedimentos adotados pela graduanda podem ser classificados como *apropriação indevida* de acordo com a taxonomia de CABE (2003), pois a aluna utilizou-se dos recursos da *substituição, da excisão, do plágio direto e de inserções* para a composição do trabalho acadêmico. Deste modo, a busca pela heterogeneidade constitutiva no texto depara-se com o discurso direto do outro, porém, descreditado e mobilizado de forma inapropriada por não se fazer as reformulações necessárias de forma a manter distância do texto fonte, além de não referenciar os autores consultados, o que podemos caracterizar como plágio ou apropriação indevida.

Fairchild (2013, p. 156) caracteriza o plágio como sendo a “sabotagem daquela que talvez seja a mais escriturária das instituições, a autoria” e adverte que na escola e na universidade nem sempre a prática de escrita coloca aquele que escreve em uma posição de poder, mas talvez esta seja produto de uma imposição, o que resulta em textos onde há pouca produção:

testemunhamos uma grande correnteza de textos escritos por estudantes de todos os níveis que não chegam a constituir uma obra, não reconfiguram a cultura escrita de sua época ou, pensando com menos ambição, não chegam sequer a mostrar grandes indícios de um aprimoramento das habilidades ou do estilo daquele que os produz. O resultado é uma escrita que, se formos considerar produção, na melhor das hipóteses nos deixa em dúvida... sobre a índole do leitor (Fairchild, 2013, p. 157).

O crescente uso dos recursos tecnológicos e das ferramentas digitais nas pesquisas e escrita de textos tem impulsionado a publicação de conteúdos e divulgação das pesquisas. Consequentemente, são crescentes as discussões

sobre o plágio nas instituições de ensino superior, bem como sobre a indicação do uso de ferramentas e aplicativos que auxiliem na detecção da cópia do discurso alheio. Essas recomendações emergem em um contexto no qual há um amplo contingente de circulação do conhecimento e de facilidades de acesso à informação. Depreende-se da análise do *corpus* selecionado que desenvolver uma escrita que se distancie da imitação ainda é tarefa considerada complexa pelos alunos de graduação. Cabe ressaltar que a versão parcial entregue por Macabéa pode apontar, entre outros problemas, para um desconhecimento das regras de comunicação acadêmica, o que facilita a elaboração de um plágio não intencional, considerando que a estudante está em processo de escrita de seu trabalho acadêmico e em uma posição de aprendizagem das regras e configuração da escrita científica. No ambiente acadêmico, geralmente o plágio é tratado como fraude intelectual e circula apenas nos manuais de ética ou cartilhas de informação, não sendo este um constante ponto a ser refletido em salas de aula:

Há uma falsa crença de que os interditos sobre o plágio são devidamente conhecidos por todos aqueles que ingressam no ambiente acadêmico. Esse nos parece um triste equívoco - é preciso que o plágio saia do esconderijo da vergonha e assuma a cena. Talvez só assim possamos conhecer as desmotivações dos plagiadores para a criação acadêmica (Diniz; Terra, 2012, p. 17).

2.2 O Participante Olímpico

No quadro 5, observa-se que há a tentativa de uma introdução para a inserção da citação direta através de um parágrafo de quatro linhas. Além disso, houve um recuo e o espaçamento necessário para uma citação longa. Verifica-se ainda, a diminuição da fonte na inserção da citação. De acordo com as normas técnicas ABNT, a citação direta que ultrapassar 3 linhas transcritas deve constituir um parágrafo distinto, organizado em um recuo de 4 centímetros da margem à esquerda, com espaçamento simples e diminuição da fonte. Ademais, destacam-se o nome dos autores e o ano de publicação da obra com as páginas de referência.

Quadro 5. Excerto de citação 2 - Reprodução do fragmento da introdução de Olímpico

1	Algumas perdas seja ela inesperadas ou não podem ser extremamente prejudicial como,
2	por exemplo, as perdas prematuras. Uma série de dificuldades podem ser enfrentadas
3	pela pessoa que irá passar pelo luto, provocando reações adversas tanto na
4	individualidade quanto em reação em cadeia quanto ao sentimento de culpabilidade .
5	
6	Perdas prematuras. <u>Mortes prematuras, que acontecem "fora de hora"</u> em
7	termos das expectativas cronológicas ou sociais, como a viuvez precoce, a
8	perda precoce dos pais ou a morte de um filho, <u>tendem a ser mais difíceis de</u>
9	<u>aceitar</u> pelas famílias do que as mortes "a tempo". O luto prolongado, muitas
10	vezes durando vários anos, é comum. As famílias lutam para achar alguma
11	justificativa para a perda. <u>A culpa sentida</u> pelos cônjuges, irmãos e pais por
12	sobreviverem ao membro da família que morreu pode bloquear a realização de
13	outros projetos de vida. A morte de um filho, frustrando as expectativas
14	geracionais, é talvez a <u>perda mais dolorosa</u> para uma família, uma vez que ela
15	reverte a ordem natural. (Walsh & McGoldrick, 1998, p. 57).

Fonte: Materiais de pesquisa (os grifos são nossos).

Analisando a escrita do graduando percebe-se que há uma certa correspondência entre a argumentação precedente e a citação escolhida. Deste modo, há alguns termos no texto fonte que foram substituídos e retomados na escrita do aluno na tentativa de se estabelecer uma equivalência, ou a paráfrase do texto fonte, são eles:

Quadro 6. Comparação entre as escolhas lexicais do graduando e do texto fonte

texto do aluno	texto fonte
inesperadas	fora de hora
extremamente prejudicial	mais dolorosa
dificuldades podem ser enfrentadas	tendem a ser mais difíceis de aceitar
sentimento de culpabilidade	a culpa sentida

Fonte: elaboração própria.

As substituições feitas demonstram uma certa equivalência sinonímica entre as escolhas lexicais no texto de Olímpico e na citação. Fuchs (1985) distingue três tipos de perspectivas sobre a paráfrase: o da equivalência formal, amparada pela lógica, onde duas proposições são equivalentes, caso haja o mesmo valor de verdade; o da sinonímia através da significação de termos nas relações gramaticais; e aquela da perspectiva da reformulação, advinda da retórica. Para a autora, as duas primeiras abordagens são problemáticas pois situam a paráfrase nas relações virtuais na língua e não consideraram a prática linguística concreta dos sujeitos, seus enunciados e suas relações atualizadas no discurso. No que se refere à reformulação parafrástica, Fuchs (1985, p. 133) a define como um conceito que vai além de uma “atividade efetiva de reformulação onde o locutor restaura, fielmente ou não, o conteúdo de um texto fonte sob a forma de um texto segundo” e acrescenta que a reformulação parafrástica se manifesta por meio: da interpretação prévia do texto fonte; da identificação de sua significação; e do emprego metalinguístico da linguagem. Posto isso, o que é observado na escrita do graduando é o recurso da sinonímia entre os termos de seu texto e os da citação na tentativa de construção da voz autoral. Entretanto, como já adverte Fuchs (1985), este tipo de abordagem parafrástica é problemático quando se refere à qualificação das semelhanças e diferenças semânticas e à presença da ideia intuitiva de identidade de sentido na consciência linguística dos locutores. Assim sendo, faz-se necessário analisar as semelhanças semânticas no quadro 5.

O termo *fora de hora*, que no texto fonte é apostro de mortes prematuras, foi substituído por inesperadas que é predicativo de “algumas perdas” na construção do graduando. Em uma perspectiva lexical, pode-se depreender que o termo *fora de hora* pode ser substituído por outros com significados semelhantes tais como: de modo tardio, tarde, inoportunamente, tardiamente, com atraso, com tardança. As substituições do graduando apontam para uma modificação do significado específico de mortes *prematuros* para algo indeterminado como *algumas perdas*. Além de produzir um deslizamento de sentido ao utilizar a palavra “inesperadas” no lugar de “fora de hora”, tais modificações podem ser compreendidas contextualmente e fazem parte do uso da língua em suas diversas manifestações. Entretanto, em outra substituição, o enunciado “tendem a ser mais difíceis de aceitar” foi

reformulado por “dificuldades podem ser enfrentadas”. Neste caso, o processo de luto por mortes prematuras tende a ser considerado menos penoso no texto do aluno, pois no texto fonte há a menção de que elas podem ser muito árduas ou custosas, enquanto no texto do aluno são caracterizadas como apenas dificultosas. Outrossim, o enunciado “a culpa sentida” que no texto se relaciona aos sujeitos da construção passiva – cônjuges, irmãos e pais – não têm um referente na substituição por “sentimento de culpabilidade”, o que torna a construção feita pelo aluno truncada. Desta forma, os termos postos em equivalência no quadro 6 não parecem ser equivalentes, pois algumas situações específicas do texto fonte tendem a ser generalizadas no texto do aluno.

Pacífico (2011), ao comparar a argumentação de graduandos advindos de universidades públicas e particulares, afirma que os primeiros tendem a demonstrar uma estrutura mais próxima do texto dissertativo de caráter científico, o que pode estar relacionado com a quantidade de leitura proporcionada pelos professores e feita pelos alunos na universidade pública. Além disso, devido a maior concorrência nos processos de seleção, as universidades públicas tendem a selecionar os alunos que têm mais experiência com a produção textual, haja vista que o desempenho na escrita da redação é um fator de grande impacto na entrada de alunos no ambiente acadêmico. Já os alunos de escolas particulares mesclam em seus textos o caráter científico com discurso do senso comum, com os genéricos, com os ditos populares e com o uso da indeterminação do sujeito como discurso universalizante (Pacífico, 2011). Em acréscimo, a autora adverte que essa maneira de construção do texto faz com que o sujeito deixe de assumir a responsabilidade pelo dizer e constrói um discurso estereotipado, sem senso crítico e sem conhecimento sobre o objeto discursivo, denunciando também um assujeitamento às formações discursivas dominantes.

O que parece ocorrer nas paráfrases formuladas por olímpico é que o graduando teve dificuldades na interpretação prévia do texto fonte, ou, por se tratar dos primeiros passos na escrita de um texto científico, transfere argumentos do senso comum, muitas vezes generalizantes, para a escrita da sua introdução. Nos estudos de Campos (2014) acerca de como os alunos de graduação, ao longo de seu processo de escrita, conseguem reformular e

organizar o conhecimento mobilizado em seus textos, conclui-se que a escrita dos trabalhos considerados científicos, em sua maioria, não ultrapassa a paráfrase. Salienta-se, ainda, que o aluno se ancora em terminologias teóricas do texto fonte para dar sustentação à sua escrita sem apresentar características linguísticas e discursivas explícitas que demonstrem uma produção de conhecimento:

Esse procedimento de parafraseagem é bastante presente na escrita acadêmica. Trata-se de um tipo de incorporação das referências das leituras feitas para embasamento teórico dos trabalhos acadêmicos. Entretanto, a prática da paráfrase, presente na construção do texto dos alunos, limita-se apenas à mobilização de palavras de autores estudados para dar sustentação à elaboração do seu texto (Campos, 2014, p. 153).

2.3 O participante Rodrigo S. M.

Rodrigo S. M. apresenta uma produção na qual destacam-se os aspectos constitutivos da textualidade, como: a presença mais acentuada dos recursos coesivos, a estruturação das sequências do texto e a apresentação do tema. Em sua introdução, escrita em 6 parágrafos, há a presença de 8 operadores organizacionais e argumentativos, a saber: *primeiramente, cabe ainda ressaltar que, é importante salientar, não obstante, após, contudo, e dessa forma*. Além disso, o estudante apresenta duas paráfrases dos textos de Barbosa e Figueiredo (2017) e Tonetto (2007), discorrendo, em três momentos diferentes, sobre os objetivos do trabalho. Sendo assim, o graduando lança destaque sobre a organização de seu texto, o que chama a atenção para a análise sobre o modo a compor o TCC. Neste processo de escrita, o graduando escreve sobre o propósito do trabalho em três momentos diferentes: no início do texto, no desenvolvimento e no término, conforme o quadro 7.

Quadro 7. Os Objetivos do trabalho de Rodrigo S. M.

<i>Este Projeto de Pesquisa tem como intuito, evidenciar</i> a importância do atendimento ao paciente, feito em hospitais, por equipes multidisciplinares, que tenham psicólogos, para acompanhar o tratamento dentro do ambiente hospitalar.	<i>este trabalho visa ressaltar</i> a importância do psicólogo no campo de atuação exercendo papel fundamental para as aludir a ciência psicológica como ferramenta viável ao tratamento de doenças e prevenir incidentes nas relações interpessoais no ambiente hospitalar, ou fora dele.	<i>esse trabalho busca evidenciar</i> a importância no processo recuperativo e preventivo em relação aos pacientes que foram submetidos a essa vivência profissional/hospitalar que pode mensurar de forma pontual os benefícios desse modelo de atendimento, que deverá ser implementado pelas inúmeras vantagens a toda rede hospitalar de serviços, pública ou privada, através de políticas que realmente estejam interessados na relação de bons atendimentos aos usuários.
linhas 1-4 do texto do aluno	linhas 14 -17 do texto do aluno	linhas 31-36 do texto do aluno

Fonte: Materiais de pesquisa (os grifos são nossos).

No quadro 7, percebe-se três formulações distintas acerca do tema “A importância do psicólogo em uma equipe multidisciplinar”, descritas de forma a construir os objetivos do trabalho. Assim, a argumentação da introdução baseia-se na delimitação do tema e em sua ideia central. Severino (2013), em seu estudo sobre a metodologia do trabalho científico, observa que a introdução dos diversos gêneros acadêmicos discorre sobre o estado da questão, apresenta o que já foi escrito a respeito do tema e assinala a relevância e o interesse do trabalho: “Em todos os casos, manifesta as intenções do autor e os objetivos do trabalho, enunciando seu tema, seu problema, sua tese e os procedimentos que serão adotados para o desenvolvimento do raciocínio” (Severino, 2013, p. 129). Na escrita do aluno, evidenciam-se suas intenções através das construções: *este projeto de pesquisa tem como intuito, este trabalho visa ressaltar, este trabalho busca evidenciar*. Em todas as formas, nota-se a estratégia da referenciação através dos pronomes demonstrativos como forma de progressão textual. Outrossim, o aluno apresenta a relevância do trabalho nas três formulações, à saber: *a importância do atendimento ao paciente, importância do psicólogo no campo de atuação, importância no processo recuperativo e preventivo*. Para além dos diferentes objetos a serem

investigados, presume-se que haja um juízo de valor por parte do aluno quanto ao tema do TCC, pois o que parece ocorrer é que ele quer provar o mérito da pesquisa e não problematizar o tema abordado, demonstrando, através do contexto, as justificativas para sua realização.

Na escrita do texto, contribuindo para a reconstrução temática, há marcas de articulação através de organizadores textuais como em: *primeiramente*; articuladores de conteúdo proposicional: *após*; articuladores discursivo-argumentativos: *contudo, outrossim, dessa forma, não obstante*; articuladores metadiscursivos: *É importante salientar que, é preponderante que, cabe ainda ressaltar que*. Estes recursos funcionam como marcas responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais que podem ser: períodos, parágrafos, subtópicos, sequências textuais ou partes inteiras do texto. Sobre isso, Koch (2021, p. 127) afirma:

tais marcadores operam, portanto, em diferentes níveis: o da organização global do texto, em que explicitam as articulações das sequências ou partes maiores do texto; no nível intermediário, em que assinalam os encadeamentos entre parágrafos ou períodos; e no nível microestrutural, em que articulam orações ou mesmo membros oracionais.

Como observado, esses elementos funcionam para o encadeamento lógico das frases, na ligação entre as palavras ou partes do texto, e nas formas de sequenciamento da escrita. Rodrigo S. M, ao se amparar nesses recursos parece defender uma argumentação baseada na defesa de três teses: no primeiro trecho, há a necessidade de equipes multidisciplinares; já no segundo, argumenta que o trabalho do psicólogo previne incidentes interpessoais; e, por último, elenca as vantagens do modelo apresentado.

Considerações finais

Na concepção de escrita como um trabalho atrelado a um processo de construção de textos e, concomitantemente, à constituição de um sujeito do saber, as *primeiras versões de textos* apresentadas pelos graduandos e suas análises neste artigo mostraram diversos enfrentamentos que estes estudantes têm quando se deparam com a tarefa de escrita e de produção do texto acadêmico. A análise do *corpus* permitiu escrutinar processos distintos na

escrita de cada universitário, fato que demonstra que, mesmo inseridos no mesmo curso e com semelhantes propósitos de trabalho, cada aluno optou por percorrer caminhos diferentes para redigir o texto, fato que também se relaciona com o impacto da trajetória escolar desses estudantes em sua escrita. A versão de texto de Macabéa provoca reflexões acerca da dificuldade da graduanda no manejo dos textos de terceiros e no diálogo com o discurso do outro que pode ser percebida por meio das operações de camuflagem, surpreendentemente trabalhosas, como estratégia de articulação da linguagem. Já o aluno Olímpico opta por se ancorar, majoritariamente, no discurso do outro como uma estratégia de escrita, o que demonstra o cumprimento da tarefa de leitura prévia dos textos científicos e o embasamento de suas afirmações por autores da área. Entretanto, seu discurso se situa em uma proximidade as fontes teóricas, uma vez que as reformulações são feitas de maneira muito generalizante e há pouca atualização de sentidos na paráfrase. Rodrigo S. M. opta por demonstrar domínio dos recursos linguísticos de coesão textual e dos objetivos da escrita, mas não desenvolve uma problematização do tema através de uma argumentação crítica. Soma-se a isso a inserção do discurso do outro de maneira generalizante. Todas essas dificuldades levam às seguintes reflexões: 1) de que o trabalho de escrita de um TCC envolve um conjunto de atividades consideradas complexas e dificultosas na graduação; 2) de que o aprendizado de aspectos linguísticos e normativos do Português na graduação deve considerar a predominância da articulação das diversas vozes constituintes dos discursos presentes em um texto; 3) de que a incumbência de uma escrita autoral não somente é uma tarefa pouco explorada pelos estudantes, mas também há um desconhecimento dos modos de fazê-la; 4) de que trabalhar a escrita requer o estabelecimento de estratégias próprias dentro de um processo singular de construção e reescrita de textos; e 5) de que os estudantes se arriscam e exploram diversas possibilidades de articulação da linguagem para compor seu trabalho final.

Analisadas as condições de aparecimento da *função graduando* nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), pode-se refletir que a autoria se manifesta sob diversas condições e diferentes procedimentos que colocam o estudante de graduação em um trabalho específico a ser feito. Além disso,

determinam o modo, as formas, as circunstâncias, os discursos e os saberes específicos para o cumprimento dessa função. A concepção de autoria observadas neste estudo não necessariamente está alicerçada na originalidade de um escrito ou na capacidade do estudante em manifestar uma certa criatividade imaginativa, ou ainda na transformação teórica de uma certa área do conhecimento, mas se manifesta no cumprimento das exigências da *função graduando*, mais especificamente na posição do sujeito estudante no âmbito da instituição e na transformação, através do trabalho de escrita, de sua relação com o saber, conforme Riolfi (2011, p. 22): “o ato de escrever pode consistir, portanto, em um potentíssimo dispositivo de transformação da relação do sujeito com o saber”. Fato que está em concordância com as postulações foucaultianas que preconizam que o instante de produção ou do aparecimento da autoria é fundamental para a compreensão do papel que o autor exerce em seu contexto histórico e para as possibilidades de agrupamentos dos discursos envolvidos na *função-autor*. Tal fato concebe a autoria como ferramenta de um sujeito que faz recortes, delimita, seleciona, atualiza e organiza os diversos discursos.

Referências

- CABE, Patrick A. Examples of Plagiarism – a Taxonomy. **Skidmore**. 2003. Disponível em: <https://www.skidmore.edu/psychology/resources/student/tips.php>. Acesso em: 07 abr. 2022.
- CAMPOS, Sulemi Fabiano. A paráfrase como ponto de estagnação na escrita acadêmica. **Revista do GELNE**, v. 16, n. 1/2, p. 149-166, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11632>.
- DINIZ, Debora; TERRA, Ana. **Plágio: palavras escondidas**. Brasília: LetrasLivres; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. Transformações na concepção de universidade, o caso brasileiro, e seus impactos nos estudos literários. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 38, p. 55-65, 2015. DOI: <http://doi.org/10.18309/anp.v1i38.866>.
- FAIRCHILD, T. M. Da interpretação à apreciação: a autoria acadêmica no contexto do novo produtivismo. **Trama**, v. 13, n. 28, p. 213-239, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/15096>.
- FAIRCHILD, Thomas Massao. Do lido ao escrito: o trabalho de não dizer as palavras do outro. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 31, n. 60, p. 151-165, 2013. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/146>. Acesso em 13 jun. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Lúcia Vassalo. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? (1969). Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298.

FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 8, p. 129-134, 1985. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636744>.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética**. Ler os manuscritos modernos. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 23a. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. Argumentação e autoria nos escritos de universitários: o discurso sobre alunos de universidades públicas e particulares. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 1, n. 2, p. 99-113, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/praticasdelinguagem/issue/view/1172>.

RIOLFI, Claudia Rosa. Lições da coragem: o inferno da escrita. In: RIOLFI, Claudia; BARZOTTO, Valdir Heitor (orgs.). **O inferno da escrita**: produção escrita e psicanálise. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 11-31.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23a.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

A voz imortal de Maria: análise da construção do auditório de Castro Alves e do discurso de uma mulher negra em um poema do autor

Kelly Rufino

Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Castro Alves foi considerado por alguns críticos literários um gênio da poesia brasileira, que, em seu punho, ganhou aspectos retóricos de luta social pela libertação dos escravizados e pela Proclamação da República. O poeta baiano foi saudado pelos intelectuais de seu tempo como um poeta cheio de inspiração e dedicação às grandes causas da humanidade. O poema *A cascata de Paulo-Affonso* é um exemplo da literatura socialmente engajada do autor. Sobre isso, Marcotulio *et al.* afirmam:

É preciso ter sempre em mente que todo autor é porta-voz, caixa de ressonância de um coletivo no qual ele se insere e que o transcende e que sua individualidade se multiplica e é condicionada por fatores como posição de classe, geração, gênero, etc., de forma que se impõe considerar tais inserções e determinações para que possamos dimensionar de forma crítica o próprio teor das mensagens divulgadas pelo texto, sua ideologia manifesta (Marcotulio *et al.*, 2018, p.106).

Neste texto, apresentaremos uma análise da construção do discurso da personagem Maria, do poema épico *A Cascata de Paulo-Affonso*, que é vítima de um crime de violência sexual. O eu-lírico Maria, mulher negra e escravizada, foi constituído a partir do ponto de vista de Castro Alves que, como postula Marcotulio *et al.* (2018), era sujeito de uma sociedade patriarcal escravista. O poeta integrava a elite econômica da sociedade brasileira do final do século XIX e circulava socialmente entre os grandes nomes da literatura da época. Para

melhor compreensão de como a “caixa de ressonância coletiva” (Marcotulio et al., 2018, p. 106) pode ter influenciado a literatura de Castro Alves, traçamos na 1ª seção uma breve biografia do autor.

Na 2ª seção, há uma breve descrição do poema *A cascata de Paulo-Affonso*, cujo manuscrito autógrafo original integra a pesquisa de mestrado da autora deste texto. Todas as publicações dessa obra foram edições impressas póstumas, ou seja, editadas por outrem, e não revelam a derradeira vontade do autor acerca de sua publicação.

A análise da construção do discurso de Maria foi conceituada a partir das ideias da Nova Retórica e no 3º capítulo deste artigo descrevemos esses conceitos, que embasam a análise da construção do auditório de Castro Alves, visto que a poesia de Castro Alves era considerada uma poesia política que visava, sobretudo, à ação como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca:

O objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentamento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstração) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 50).

Castro Alves posicionou-se, em sua obra, como denunciante dos crimes cometidos contra as escravizadas e escravizados, o que enfatiza o caráter abolicionista de sua literatura. A voz das escravizadas e escravizados está subentendida no discurso literário do poeta, sobretudo na voz de Maria: é a voz que fala por elas e eles em um momento histórico no qual o ser escravizado não tinha voz ativa e cidadã, nem mesmo para a narrativa de suas dores.

A análise da construção do discurso de Maria revela o alcance literário e social da obra de Castro Alves e como o jovem poeta, que morreu no auge de sua carreira artística aos 24 anos, conseguiu projetar, além do tempo da sociedade na qual vivia, sua voz de escritor e a voz de uma mulher escravizada que relata, em detalhes, os horrores da violência sexual sofrida por ela. O discurso de Castro Alves continua imortal, mesmo após mais de um século de sua morte. Através da voz memorável da denúncia de Maria, ele fez ecoar pelos anos o grito de horror das escravizadas e escravizados.

1 Castro Alves, o condor

Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871) nasceu em 14 de março de 1847, no município de Curralinho, na Bahia, era filho do médico Antônio José Alves, médico e Clélia Brasília de Castro, filha do major José Antônio da Silva Castro. A biografia do poeta Castro Alves é, desde cedo, permeada por histórias peculiares: o major José Antônio da Silva Castro, seu avô paterno, foi um importante combatente das guerras pela independência brasileira, na Bahia, e ficou conhecido pelo epíteto de Coronel Periquitão. A luta nacionalista do avô inspirou o teor nacionalista da literatura de Castro Alves. Sua obra poética também remonta a temas de sua infância e vida pessoal, como a morte precoce de sua mãe em decorrência da tuberculose, e a acontecimentos trágicos, como o assassinato de uma mulher, passados na casa em que viveu com a família na infância, o Solar da Boa Vista.

Em seus breves 24 anos de vida, o autor escreveu obras que o tornaram notório escritor da literatura brasileira. Sua poesia foi influenciada por poetas como Victor Hugo e Álvares de Azevedo e vai do Romantismo ufanista ao engajamento nas causas sociais que rondavam a sociedade brasileira do final do século XIX.

Em 1862, mudou-se com o irmão mais velho para o Recife para dar início aos estudos preparativos para o ingresso no curso de Direito. Na faculdade de Direito, Castro Alves entrou em contato com os ecos da Revolução Francesa, com ideais dos movimentos da abolição da escravidão e com os primeiros movimentos sociais em favor da Proclamação da República.

A poesia de Castro Alves exaltava os ânimos do público, pois é impregnada com trações de retórica e política, que incentivavam o auditório à ação (Roncari, 2002, p. 480). O poeta seduzia seus leitores através da palavra e oratória repletas de retórica e figuras de linguagem e mobilizava, assim, seu público a pensar sobre as causas sociais de seu tempo. Castro Alves mescla a reflexão filosófica com a lírica da poesia, em sua obra poética e dramática.

Por sua obra e biografia, tornou-se autor de grande importância para a compreensão dos mais diversos aspectos da literatura no Brasil do final do século XIX. Rui Barbosa o saúda como o poeta que cheio da “inspiração universal e humana encarnou artisticamente nos seus cantos o grande

pensamento de sua época" (Barbosa, 1881, p. 09) conseguindo até mesmo o apoio e a admiração de José de Alencar, escritor de grande renome na década de 60 do século XIX, como se vê em carta do autor de Iracema para Machado de Assis:

o Sr. Castro Alves recitou-me algumas poesias. "A Cascata de Paulo Afonso", "As Duas Ilhas" e "A Visão dos Mortos" não cedem às excelências da língua portuguesa neste gênero. Ouça-as o senhor, que sabe o segredo desse metro natural, dessa rima suave e opulenta. Nesta capital da Civilização brasileira, que o é também de nossa indiferença, pouco apreço tem o verdadeiro mérito quando se apresenta modestamente. Contudo, deixar que passasse por aqui ignorado e despercebido o jovem poeta baiano, fora mais que uma descortesia. Não lhe parece? Já um poeta o saudou pela imprensa; porém, não basta a saudação; é preciso abrir-lhe o teatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flor desse talento cheio de seiva se expanda nas auras da publicidade (Pereira, 2012, p. 126).

O excerto retirado de longa carta, datada de 18 de fevereiro de 1868, publicada no Correio Mercantil de 22 de fevereiro de 1868 (Pereira, 2012, p. 126), revela o entusiasmo de José de Alencar com o jovem poeta que lhe fizera uma visita em passagem pelo Rio de Janeiro, quando em mudança para São Paulo a fim de concluir o curso de Direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Neste trecho, Alencar registra sua admiração com poesias integrantes do manuscrito literário de *A cascata de Paulo-Afonso*.

O diálogo epistolar aberto entre José de Alencar e Machado de Assis ressalta o alcance da poesia engajada de Castro Alves e coloca os dois escritores brasileiros já consagrados, do final do século XIX, no rol do público atingido pela literatura de Castro Alves. Neste momento de sua carreira literária, o autor de *O Navio Negreiro* estava no auge de sua produção bibliográfica e contava com o apoio de grandes escritores.

No auge da glória literária vivida, em 1868, Castro Alves sofreu um acidente, durante uma caçada, na cidade de São Paulo, que o feriu gravemente no pé esquerdo. Sem sucesso em reabilitar-se do ferimento, foi necessária a amputação de seu pé esquerdo, o que debilitou ainda mais sua saúde, como relata em carta de 1º de dezembro de 1868, a seu amigo Luiz:

São Paulo, 1º de dezembro de 1868

Meu caro Luiz,

Estou, há vinte dias, de cama, de um tiro que dei em mim, por acaso. Este desastre caiu-me na pior ocasião. Bem vêes que eu não podia escrever, e nem mandar por outro escrever para minha família isto, e só alguns dias depois é que tive portador seguro que foi à Bahia para explicar tudo, sem que em casa fiquem muito aniquilados¹ (Peixoto, 1921, p. 453).

Castro Alves, mesmo após várias cirurgias, não conseguiu se recuperar efetivamente do ferimento, que levou à amputação de seu pé esquerdo. Durante o processo de recuperação, a saúde do poeta ficou muito debilitada, o que propiciou o desenvolvimento da tuberculose, doença que o vitimou em 6 de julho de 1871, dois anos após o acidente com a arma de fogo.

A morte precoce de Castro Alves aos 24 anos, envolta em polêmicas que remetiam aos folhetins da época, pode ter contribuído para o grande interesse dos escritores daquele período em sua obra, e para ampliar o alcance de sua produção literária, que ainda não havia sido toda publicada, como salienta Joaquim Nabuco:

Desde muito tive eu a idéa de escrever algumas páginas sobre um poeta que conheci de perto, não digo intimamente porque si penetrei sua alma não foi que elle m'a descobrisse. Morto na primeira flôr dos annos, Castro Alves não poudde fazer-se conhecido do paiz como sem duvida o seu talento merecia, e, salvo no juízo de seus amigos e colegas, não lhe deixou a morte tomar o lugar a que tinha direito (Nabuco, 1873, p. 03).

Assim como Joaquim Nabuco, muitos outros escritores biografaram Castro Alves e, a fim de tornar o autor conhecido, publicaram edições impressas póstumas de seus manuscritos originais, dentre elas *A Cascata de Paulo-Affonso*. As publicações das obras se multiplicaram e nem sempre seguiram um processo claro de transcrição de manuscritos ou curadoria do conteúdo publicado.

A ideia de Castro Alves era a de que o poema *A Cascata de Paulo-Affonso* integrasse parte da obra *Os Escravos*, como explicita em carta a seu amigo Augusto Álvares Guimarães, de setembro de 1867:

¹ A transcrição do trecho da carta, retirada do livro *Castro Alves. Obras completas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921, p. 453. Foi modernizada para melhor compreensão de todos os públicos.

Quanto a mim não te posso dizer senão que passo a mesma vida. Escrevo. Vou hoje para Boa-Vista terminar o prologo dos Escravos aos quaes só falta a discripção da Cachoeira de Paulo Affonso. É verdade, dou-te parte que vou nestes 8 dias para ver de perto a queda gigantesca do S. Francisco. Fazer-me de Chateaubriant nestoutro Niagara (Alves, 1867).

O acidente que o feriu no pé e os problemas de saúde relacionados à tuberculose culminaram na morte do autor em 1871. Portanto, Castro Alves não publicou a obra *A Cascata de Paulo-Affonso* como prólogo de *Os Escravos*, como relata no trecho da carta acima.

A primeira edição impressa do manuscrito de *A Cascata de Paulo-Affonso* foi publicada em 1876 sob o título *A cachoeira de Paulo-Affonso. Subtítulo: Poema original brasileiro. Fragmento - dos Escravos -, sob o título MANUSCRITOS DE STÊNIO*. A publicação não apresenta os poemas da obra *Os Escravos*, e há indícios de que a edição tenha sido publicada por Augusto Álvares Guimarães, pois não há registro impresso dessa informação no livro.

A próxima seção descreve a estrutura e conteúdo do poema *A Cascata de Paulo-Affonso*, a fim de se proceder para a análise, sob a luz da Nova Retórica, da construção do auditório de Castro Alves e da voz de Maria, personagem do poema.

2 A Cascata de Paulo-Affonso

A Cascata de Paulo-Affonso é um poema épico do escritor baiano Antônio Frederico de Castro Alves, composto por 33 poemas que compõem uma narrativa em ordem cronológica. O tema central da narrativa é o diálogo entre dois escravizados: Lucas e Maria. Esse diálogo versa sobre as características dos dois personagens, o envolvimento lírico-amoroso que há entre Maria e Lucas.

Além disso, há a exaltação à natureza que serve de cenário para a narrativa lírica, a saber, um conjunto de quedas da água do Rio São Francisco que, em 1870, compunham a cachoeira de Paulo Afonso, no município de Paulo Afonso, na Bahia. A primeira estrofe do poema *A tarde*, que inicia a obra, revela seu caráter bucólico:

Era a hora em que a tarde se debruça²
Lá da crista das serras mais remotas...
E d'araponga o canto, que soluça,
Acorda os ecos nas sombrias grotas;
Quando sobre a lagoa, que s'embuça,
Passa o bando selvagem das gaivotas...
E a onça sobre as lapas salta urrando,
Da cordilheira os visos abalando.

A poesia também tem a intenção de enaltecer a figura do escravizado Lucas, atribuindo ao personagem características da natureza brasileira, como revelam os versos do poema intitulado Lucas:

(...)
Um belo escravo da terra
Cheio de viço e valor...
Era o filho das florestas!
Era o escravo lenhador !
Que bela testa espaçosa,
Que olhar franco e triunfante!
E sob o chapéu de couro
Que cabeleira abundante!
De marchetada jibóia
Pende-lhe a rasto o facão...
E assim... erguendo o machado
Na larga e robusta mão...
Aquele vulto soberbo,
– Vivamente alumiado, –
Atravessa o descampado
Como uma estátua de bronze
Do incêndio ao fulvo clarão.

Há, também, a descrição de Maria, cuja graça e beleza é associada à flora brasileira da região na qual o poema é ambientado:

Onde vais à tardezinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?

A grama um beijo te furta
Por baixo da saia curta,
Que a perna te esconde em vão...

² As transcrições dos trechos das poesias de A Cascata de Paulo-Affonso, presentes neste artigo, foram modernizadas e feitas a partir do manuscrito autógrafo original.

Mimosa flor das escravas!
O bando das rolas bravas
Voou com medo de ti!...
Levas hoje algum segredo...
Pois te voltaste com medo
Ao grito do bem-te-vi!

Serão amores deveras?
Ah! Quem dessas primaveras
Pudesse a flor apanhar!
E contigo, ao tom daragem,
Sonhar na rede selvagem...
À sombra do azul palmar!

Na descrição que o autor faz de Maria, já há pistas sobre os acontecimentos terríveis que serão revelados posteriormente na narrativa, que culmina num relato de violência sexual sofrido por Maria.

A seguir os conceitos da Nova Retórica serão brevemente explicitados, para assim proceder às análises das construções do auditório de Castro Alves, sua intencionalidade do discurso e a construção da voz da personagem Maria feita a partir da perspectiva de um homem branco, heterossexual e integrante da elite econômica responsável por oprimir os escravizados.

3 Nova Retórica como base metodológica da análise do discurso de Maria

Dentre muitas denominações e fins, “a retórica e o estudo da retórica têm em vista a criação e a elaboração de discursos com fins persuasivos” (Alexandre Júnior, 2005, p. 23), suscitando o interesse de várias áreas do conhecimento, ao longo dos séculos, sobretudo o Direito.

Aristóteles escreveu *Techne Rhetorike*, ou simplesmente, *Retórica*, obra matriz da Retórica Clássica que procura sistematizar a arte retórica e “ocupa-se da arte da comunicação, do discurso feito em público com fins persuasivos” (Alexandre Júnior, 2005, p. 33). Em sua obra, Aristóteles exclui a dimensão poética do discurso, opondo discurso literário e discurso persuasivo, e é o que define a retórica aristotélica (Alexandre Júnior, 2005, p. 33).

Tratando-se de estudo analítico multifacetado, a Nova Retórica oferece ferramentas de análise do discurso literário, como as estratégias de adesão, uso das figuras retóricas e construção do *pathos* e do *ethos* do autor.

As formas de persuasão, derivados do caráter do orador (*ethos*), derivados da emoção despertada pelo orador nos ouvintes (*pathos*) e derivados de argumentos verdadeiros e prováveis (*logos*) (Maingueneau, 2005, p. 69), constituem parte importante dos elementos de análise da Nova Retórica, sendo pontos imprescindíveis para a análise que se apresentará neste ensaio, visto que a poesia de Castro Alves é engajada nas causas sociais da época em que o autor viveu.

Destarte, serão utilizadas para esta análise as perspectivas sobre argumentação e discurso da Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), visto que a Nova Retórica tem como base a Retórica aristotélica, com vistas a ampliar esta última, assim, à análise pormenorizada dos elementos que compõem a estratégia argumentativa utilizada por Castro Alves para criar o discurso de Maria e construir o *pathos* do poema *A Cascata de Paulo-Affonso*.

4 O auditório de Castro Alves

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 22) “difícil é determinar, com a ajuda de critérios puramente materiais, o auditório de quem se fala; essa dificuldade é muito maior ainda quando se trata do auditório do escritor, pois, geralmente, os leitores não podem ser determinados com exatidão”, sendo assim, é tarefa árdua determinar com exatidão quem era o leitor de Castro Alves, mas, de acordo com registros históricos de seus contemporâneos, é possível traçar um panorama.

O público-alvo de Castro Alves não era composto por pessoas escravizadas. Castro Alves escrevia para ser lido por uma pequena parcela de brasileiros alfabetizados e com acesso à literatura, em finais do século XIX. Seu público era composto majoritariamente por homens jovens brancos, cuja maioria provinha da classe social dominante no país e faziam parte da elite escravista, que participava dos círculos sociais e integravam as faculdades de direito do Recife e de São Paulo. Joaquim Nabuco, político da época que foi

colega de Castro Alves, nos dá algumas pistas a respeito do público para quem o poeta escrevia:

Saudado no Recife e em S. Paulo como o eleito da mocidade, posto em constante paralelo com o seu mestre Victor Hugo, aclamado quando se fazia ouvir, o jovem estudante iludiu-se até acreditar que a glória é a admiração dos moços e que a immortalidade ganha-se nas academias, nos theatros, onde quer que haja uma multidão sensível ao efeito das imagens arrojadas e das palavras ressonantes (Nabuco, 1873, p. 4-5).

Castro Alves apresentava em sua literatura um caráter retórico e político, cuja intenção era conscientizar aqueles que ainda não tinham se sensibilizado com os horrores da escravidão. Joaquim Nabuco aponta as intenções literárias que via em seu amigo poeta:

O poeta baiano foi uma inspiração elevada e uma inteligência nobre; seu maior título é o de ter posto seu talento ao serviço da causa da emancipação, da liberdade, e da pátria. As suas mais felizes idéas, seus versos mais melódicos foram-lhe inspirados pela sorte dos captivos. A idéa abolicionista foi a alma de seu melhor poema, infelizmente ainda inédito³; mas Deus não lhe permitiu viver no dia em que a escravidão recebeu o primeiro golpe! Esse é um título serio á gratidão do paiz, e não sei que se possa apontar um melhor exemplo aos moços, que a gloria de Castro Alves seduz, do que o de seu infeliz companheiro empregando todo o seu talento e sua inspiração no serviço da redempção dos escravos (Nabuco, 1873, p. 10).⁴

Castro Alves também buscava a empatia de seu público leitor através da semelhança dos fatos descritos em sua poesia e dramas com fatos de sua vida pessoal, como afirma Joaquim Nabuco:

É certo que Castro Alves encobriu pouco, ou antes nada de sua alma aos leitores mais estranhos e mais indiferentes. Quando ele sentiu, suas mais inexplicáveis ilusões e seus desenganos, tudo ele confiou a um publico severo para com certas faltas mesmo da mocidade, e que não tem muita simpatia pelos que se deixam facilmente enganar para depois maldizerem o que adoram com superstição (Nabuco, 1873, p. 13).

Ao revelar aspectos profundos de sua personalidade e sua vida a seu público, Castro Alves mostrava sua face mais humana e compadecida a respeito dos horrores da escravidão, estabelecendo semelhanças com seus leitores, já que ele também era filho da elite escravista, a fim de cativar a atenção e o engajamento para sua causa abolicionista.

³ A obra a qual Nabuco se refere é *Os escravos*, publicada de forma póstuma, em 1883.

⁴ Transcrição *ipsis litteris* da edição original de 1873.

O autor utilizou a cena de violência sexual, narrada em detalhes por um eu-lírico de uma mulher negra escravizada, como possível estratégia para comover a sociedade da época, já que se tratava de um crime grave contra a honra de uma mulher. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 17) chamam esse tipo de recurso retórico de “adesão dos espíritos”, que, nesse caso, é o estabelecimento de uma linguagem que cause compaixão no público leitor a fim de engajá-lo na causa abolicionista.

As estrofes de *A Cascata de Paulo-Affonso* evoluem para um final trágico no qual o eu-lírico, identificado no poema com a voz de Maria, lança-se ao suicídio na queda da água de Paulo-Affonso, pois não suportava a dor de sua tragédia. O final do poema não deixa claro ao leitor o desfecho da tragédia.

O poema narrativo constrói a argumentação para aumentar a adesão do público leitor, que era constituído pela elite econômica brasileira, brancos que possivelmente escravizavam pessoas, à causa abolicionista, objetivando criar uma disposição para a ação, que se manifestará em momento oportuno (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 50).

O caráter abolicionista e social da poesia de Castro Alves sugere que a obra *Os Escravos* tencionasse ser o estandarte da propaganda abolicionista promovida pelo autor através da literatura. Castro Alves morreu em 1871, sem ter publicado a obra *Os Escravos*, que conta apenas com publicações impressas póstumas. O poeta deixou, mesmo com a morte precoce, seu grito contra a escravidão, em forma de poesia, revelado na voz de Maria, pois a poesia e Maria são imortais.

5 A voz imortal de Maria: análise da construção do discurso do eu-lírico em *A Cascata de Paulo-Affonso*

O poema *A Cascata de Paulo-Affonso* narra o diálogo entre Maria, uma mulher jovem escravizada, e Lucas, seu namorado, também escravizado. Maria é apresentada ao público pelos olhos de um narrador onisciente que faz uma descrição da personagem e da natureza que a cerca.

Durante o processo de construção da figura de Maria, Castro Alves relaciona a imagem da personagem à natureza local, como se percebe nos versos do poema intitulado *Maria*:

"Onde vais à tardezinha
Mucama tão bonitinha
Morena flor do sertão?
A grama um beijo te furta
Por baixo da saia curta,
Que a saia te esconde em vão..."

Logo nos primeiros versos do poema, Castro Alves apresenta Maria ao público sob a ótica do par filosófico escravidão/liberdade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 478) ao descrevê-la livre em meio à natureza, mas caracterizada pelos substantivos "mucama" e "flor das escravas", o que remete o leitor imediatamente ao fato de que Maria era escravizada e, portanto, servia a algum senhor, como revelam os versos:

"Mimosa flor das escravas!
O bando de rolas bravas
Voou com medo de ti...
Levas hoje algum segredo...
Pois te voltaste com medo
Ao grito do bem-te-vi!"

O poeta faz a construção dos cenários ao longo da narrativa presente no poema e revela, aos poucos, a tragédia de Maria, ainda no processo de apresentar a personagem ao leitor no poema intitulado *Na Margem*:

Tu guardas algum segredo?...
Maria, estás a chorar!
Onde vais? Por que assim foges
Rio abaixo a deslizar?

Pedra, não tem musgo?
Não tens um favonio - flor?
Estrella - não tens um lago?
Mulher - não tens um amor?

Ao descrever a senzala onde Maria vivia, através da ótica de Lucas, Castro Alves nos revela a crença cristã de Maria, associando seus valores religiosos aos valores morais da elite dominante brasileira da época em que escreveu o

poema. Estabelecendo os valores cristãos de Maria, Castro Alves traça um perfil de mulher temente a Deus e ao pecado original que teme, sobretudo, a violação de sua castidade. Nos versos seguintes do poema *Diálogo dos echos*, é possível observar a devoção de Maria e indícios de que se revelará, na narrativa do poema, uma tragédia:

Como a casa está tão triste!
Que aperto no coração!...
Maria!... Ninguém responde!
Maria, não ouves, não?...
Aqui vejo uma saudade
Nos braços de sua cruz...
Que querem dizer tais prantos
Que rolaram tantos, tantos
Sobre a face da saudade,
Sobre os braços de Jesus?...
Oh! quem me empresta uma luz?...
Quem me arranca a ansiedade,
Que no meu peito nasceu?
Quem d'este negro mistério
Me rasga o sombrio véu?..."

E o echo responde: - Eu!...

E chegou-se para o leito
Da casta flor do sertão...
Apertou co'a mãe convulsa
O punhal e o coração!...
Estava inda tépido o ninho
Cheio de aromas suaves...
E - como a pena, que as aves
Deixam no musgo ao voar -
Um anel de seus cabelos
Jazia cortado a esmo
Como relíquia no altar!...
Talvez prendendo nos élos
Mil suspiros, mil anhelos,
Mil soluços, mil desvelos,
Que ela deu-lhes pra guardar!...
E o pranto em baga a rolar...

Nos versos acima, Castro Alves ressalta a castidade de Maria. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca, (2005, p. 338), “um ato é, mais do que indício, um elemento que permite construir e reconstruir nossa imagem da pessoa, classificar esta em categorias às quais se aplicam certas qualificações”. O panorama descrito por Lucas revela ao leitor do poema a antecipação de uma tragédia, talvez um ato que desqualificasse Maria enquanto pessoa cristã, visto que, ao ressaltar a castidade de Maria, o poeta nos mostra o quanto isso era importante para a figura masculina presente na narrativa, para a construção do caráter de Maria frente a Lucas.

Nos versos abaixo, ainda no poema intitulado *Diálogo dos ecos*, há a descrição de um Lucas cego pela raiva e ansiedade que promete vingar Maria, ainda sem saber que acontecimento horrível a acometeu, mas afigura-se, dessa forma, como protetor masculino máximo da castidade da moça:

“Partiste! Nem te lembraste
D’este martyrio sem fim!...
Não! perdôa... tu choraste
E os prantos, que derramaste,
Foram vertidos por mim...
Houve pois um braço estranho
Robusto, feroz, tamanho,
Que pode esmagar-te assim?...

E o echo responde - Sim!

E rugiu: “Vingança! Guerra!
Pela flor, que me deixaste,
Pela cruz, em que rezaste,
E que teus prantos encerra!
Eu juro guerra de morte
A quem feriu desta sorte
O anjo puro da terra...
Vê como este braço é forte!
Vê como é rijo este ferro!
Meu golpe é certo... não erro.

Onde há sangue, sangue escorre!...
Vilão! Deste ferro e braço,
Nem a terra, nem o espaço,
Nem mesmo Deus te socorre!!..

Nos versos seguintes, Castro Alves apresenta ao leitor o desdobramento da tragédia de Maria; Lucas sai em busca de Maria e se depara com a amada em uma canoa, rumo à queda d'água da cascata de Paulo-Afonso. Num ato de desespero, Lucas entra no rio e nada até alcançar sua amada, para acolhê-la em seus braços. Nesse momento, Maria, absorta em profunda tristeza, dá início à revelação do martírio que sofreu em versos do poema intitulado *No barco*:

"Por que não me deixaste assim pendida
Morrer co'a fronte oculta no teu peito?
Lembrei-me os sonhos do materno leito
Nesse momento divinal... Qu'importa?..."

"Toda esperança para mim 'sta morta...
Sou flor manchada por cruel serpente...
Só de encontro nas rochas pode a enchente
Lavar-me as nódoas, m'esfolhando a vida.
"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida

Tu! – Partel Volve para os lares teus.
Nada perguntas... é um segredo horrível...
Eu te amo ainda... mas agora – adeus!"

Maria revela, nesse trecho, seu desejo de morte e purificação de sua alma, que estava manchada por "nódoas", como revela no verso: *Lavar-me as nódoas, m'esfolhando a vida*. Essa purificação, para Maria, aconteceria nas águas da cascata de Paulo Afonso.

Castro Alves, neste trecho, utiliza a água como purificação, que remete ao batismo, rito cristão realizado geralmente nas águas de um rio ou em água benta, como estratégia argumentativa, valendo-se do recurso de aproximar os atos da escravizada aos valores morais (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 87) do público leitor: Castro Alves, novamente, procura aproximar a mulher negra e escravizada dos valores cristãos da elite econômica dominante de sua época.

A fim de despertar a compaixão do público leitor do século XIX, era importante que Maria compartilhasse dos mesmos valores morais religiosos, pois, como afirma Maingueneau (2005 p. 40) "cada discurso constituinte aparece, ao mesmo tempo, como interior e exterior aos outros, outros que ele atravessa e pelos quais é atravessado".

Ainda sob a ótica de atravessamento do discurso, postulada por Maingueneau (2005), descortina-se ante o leitor de Castro Alves o drama romântico de dois escravizados. Até este ponto do poema, é desconhecido do leitor qual a “nódoa” que manchou a honra de Maria, levando-a a um desespero de morte. Nos versos seguintes, Castro Alves relata o clima de tragédia e torpor que se abateu sobre os dois personagens do poema épico: Maria, que desejava morrer devido a um dano moral irremediável que havia sofrido e Lucas, namorado de Maria, que não conseguira protegê-la do mal que a atingiu e que nem mesmo sabia qual fora o crime cometido contra sua amada.

Tomado pela indignação, Lucas se enche de coragem e questiona Maria sobre o fato derradeiro que lhe acometeu:

“...De repente ele ergueu-se hirto, severo,
– O olhar em fogo, o riso convulsivo –
Em golfadas lançando a voz do peito!...

"Maria! – diz-me tudo... Fala! fala
Enquanto eu posso ouvir... Criança, escuta!
Não vês o rio?... é negro!... é um leito fundo...
A correnteza, estrepitando, arrasta
Uma palmeira, quanto mais um homem!...
Pois bem! Do seio túrgido do abismo
Há de romper a maldição do morto;

Depois o meu cadáver negro, lívido,
Irá seguindo a esteira da canoa
Pedir-te inda que fales, desgraçada,
Que ao morto digas o que ao vivo ocultas!..."

Era tremenda aquela dor selvagem,
Que rebentava enfim, partindo os diques
Na fúria desmedida!...
Em meio às ondas
la Lucas rolar
Um grito fraco,
Uma trêmula mão susteve o escravo...
E a pálida criança, desvairada.
Aos pés caiu-lhe a desfazer-se em pranto.

Ela encostou-se ao peito do selvagem
– Como a violeta, as faces escondendo
Sob a chuva noturna dos cabelos –!
Lenta e sombria após contou destarte
A treta história desse tredo crime!...

É possível notar que Castro Alves chama a atenção para as características corajosas de Lucas, mas deixa claro através do termo “o escravo” que Lucas era uma pessoa escravizada e aparentemente levado à selvageria pelos seus instintos, como demonstra no verso “Ela encostou-se ao peito do selvagem”, o que, para o leitor de Castro Alves era, provavelmente era um comportamento esperado vindo de uma pessoa escravizada.

Sobre isso, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 358), afirmam: “Uma dessas técnicas é o preconceito ou, melhor talvez, a prevenção. Interpreta-se e julga-se o ato em função do agente, fornecendo este o contexto que permite compreender melhor aquele. Graças a isso, mantêm-se uma adequação entre o ato e a concepção que tínhamos da pessoa. ”. Sendo assim, percebemos a visão preconceituosa do próprio Castro Alves ao caracterizar Lucas. Nos versos seguintes, Maria relata a Lucas detalhadamente qual foi o crime cometido contra ela:

"Junto às águas cristalinas
Despi-me louca, traquinas,
E as roupas alvas e finas
Atirei sobre os cipós.
Depois mirei-me inocente,
E ri vaidosa... e contente...
Mas voltei-me de repente...
Como que ouvira uma voz!
V
"Quem foi que passou ligeiro,
Mexendo ali no ingazeiro,
E se embrenhou no baleeiro,
Rachando as folhas do chão?...
Quem foi?! Da mata sombria
Uma vermelha cutia
Saltou tímida e bravia,
Em procura do sertão.

VI
"Chamei-me então de criança;
A meus pés a onda mansa
Por entre os juncos s'entrança
Como uma cobra a fugir!
Mergulho o pé docemente;
Com o frio fujo à corrente...
De um salto após de repente
Fui dentro d'água cair.

VII

"Quando o sol queima as estradas,
E nas várzeas abrasadas
Do vento as quentes lufadas
Erguem novelos de pó,
Como é doce em meio às canas,
Sob um teto de lianas,
Das ondas nas espadanas
Banhar-se despida e só! ...

VIII

"Rugitavam os palmares...
Em torno dos nenufares
Zumbiam pejando os ares
Mil insetos de rubim...
Eu naquele leite brando
Rolava alegre cantando...
Súbito... um ramo estalando
Salta um homem junto a mim!"

Maria revela que foi surpreendida por um homem enquanto se banhava nua num dia quente. A partir do último verso, é possível antever a narrativa que se desdobrará e o mal que arruinou a vida de Maria a ponto de fazê-la ter o desejo de morrer nas águas da Cascata de Paulo-Affonso.

Desenvolvendo a narrativa de um crime sexual por meio de uma poesia, Castro Alves se utiliza do argumento de discurso epidíctico, cujo objetivo "era pôr em evidência seus participantes" (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 53).

Sendo assim, uma poesia narrativa que aborda em detalhes um estupro sofrido por uma mulher negra, escravizada, provavelmente scandalizou a sociedade brasileira leitora da década de 1870. Nas linhas a seguir, Maria descreve o crime nefasto sofrido por ela:

"PAREI... Volvi em torno os olhos assombrados...
Ninguém! A solidão pejava os descampados...
Restava inda um segundo... um só p'ra me salvar;
Então reuni as forças, ao céu ergui o olhar...
E do peito arranquei um pavoroso grito,
Que foi bater em cheio às portas do infinito!
Ninguém! Ninguém me acode... Ai! só de monte em monte
Meu grito ouvi morrer na extrema do horizonte!...
Depois a solidão ainda mais calada
Na mortalha envolveu a serra descampada!...

"Ai! que pode fazer a rola triste
Se o gavião nas garras a espedaça?
Ai! que faz o cabrito do deserto,
Quando a jibóia no potente aperto
Em roscas férreas o seu corpo enlaça?

"Fazem como eu?... Resistem, batem, lutam,
E finalmente expiram de tortura.
Ou, se escapam trementes, arquejantes,
Vão, lambendo as feridas gotejantes,
Morrer à sombra da floresta escura! ...

"E agora está concluída
Minha história desgraçada.
Quando caí – era virgem!
Quando ergui-me – desonrada!"

A descrição que Maria faz da violência que sofreu revela, além da dor física decorrente do estupro, a dor moral da desonra e ainda a vergonha de relatar o fato a Lucas, para quem, segundo o ponto de vista da vítima, ela estaria desonrada.

O autor procurou reproduzir, de forma similar, o pensamento de uma vítima de estupro feminina, valendo-se então do recurso da retórica persuasiva para convencer sua audiência ao relatar um crime contra a honra de uma mulher cristã, ainda que escravizada, Castro Alves apelou para os valores cristãos de seus leitores, que provavelmente atrelavam a honra da mulher a sua virgindade:

É nessa perspectiva, por reforçar uma disposição para a ação ao aumentar a adesão aos valores que exalta, que o discurso epidíctico é significativo e importante para a argumentação. Por não ser a reputação do orador a finalidade exclusiva dos discursos, sendo no máximo uma consequência deles, é que um elogio fúnebre pode, sem indecência, ser pronunciado à beira de uma tumba recém-aberta, é que um discurso de quaresma pode visar a outra coisa que não a glória do pregador (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 56).

A disposição para a ação, citada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 56), é revelada ao leitor na sequência da narrativa poética, através da voz do escravizado Lucas, que afirma nos versos seguintes: "AQUI SOMBRIÓ, fero, delirante/ Lucas ergueu-se como o tigre bravo.../Era a estátua terrível da vingança.../O selvagem surgiu... sumiu-se o escravo" (Alves, 1870). A narrativa

avança, ainda, para um ponto em que há uma reviravolta: Maria conta a história da mãe de Lucas, já falecida, também escravizada pelo mesmo senhor a quem ela e Lucas eram subjugados.

Através da narrativa de Maria, o leitor descobre que Lucas é fruto do relacionamento de sua mãe, uma mulher escravizada, com o senhor de escravo que a mantinha escravizada. No desenrolar dos fatos, Maria relembra Lucas da promessa que ele fizera no leito de morte de sua mãe, de nunca ferir ninguém que fosse da família de seu genitor: "Na casinha de palha uma criança,/Da defunta abraçando o corpo frio,/Murmurava chorando em desvario:/– Eu não me vingo, ó mãe... juro por ti!..."

Maria revela, então, o autor do crime de violência sexual que sofrera: o filho do senhor que a escravizava e meio-irmão de Lucas: – "Lucas! não pode não!/Mísero a mão que abrira/De tua mãe a cova.../O golpe hoje renova!.../Mata-me!... É teu irmão!..."

O drama se desenrola em meio à descida dos dois escravizados, em uma canoa, rumo à queda da cachoeira de Paulo-Affonso. Castro Alves invoca, nas últimas palavras de Maria, a purificação pelo mergulho da alma nas águas da cachoeira, retomando a metáfora do batismo nas águas sagradas, lavando assim a honra de Maria e tornando-a digna novamente para ser esposa de seu amado Lucas:

– "Doida! Doida! É a voragem que nos chama!..."
– "Eu ouço a Liberdade!"
– "É a morte, infante!"
– "Erraste. É a salvação!"
– Negro fantasma é quem me embala o esquife!"
– "Loucura! É tua Mãe ... O esquife é um berço,
Que bóia n'amplidão!..."

– "Não vês os panos d'água como alvejam
Nos penedos? Que gélido sudário
O rio nos talhou!"
– "Veste-me o cetim branco do noivado...
Roupas alvas de prata... albrantes dobras...
Veste-me!... Eu aqui estou."

– Já na proa espadana, salta a espuma... "
– São as flores gentis da laranjeira

Que o pego vem nos dar...
Oh! névoa! Eu amo teu sendal de gaze!...
Abram-se as ondas como virgens louras,
Para a Esposa passar!...

"As estrelas palpitam! – São as tochas!
Os rochedos murmuram!... São os monges!
Reza um órgão nos céus!
Que incenso! – Os rolos que do abismo voam!
Que turíbulo enorme – Paulo Afonso!
Que sacerdote! – Deus..."

Castro Alves apresenta, como solução à desgraça de Maria, o despojo nas águas da cascata de Paulo Afonso, evocando a antítese da pureza corrompida da mulher escravizada, como revelado nos versos "Abram-se as ondas como virgens louras". A esse fim de Maria, podemos atribuir uma possível intenção de Castro Alves de aproximar seu público do texto, despertando-lhes a compaixão pela mulher escravizada que fora estuprada e cuja única redenção seria a morte pela purificação da água. Ao citar a estabelecer a metáfora "Abram-se as ondas como virgens louras", Castro Alves pode, até mesmo, ter tido a intenção de aproximar o público masculino que lia suas obras do sentimento de defesa da honra, já que evocou a figura de "virgens loiros", causando assim, empatia nos senhores que o liam. Sobre isso, Perelman e Olbrechts-Tyteca afirmam:

Os argumentos de reciprocidade realizam a assimilação de situações ao considerar que certas relações são simétricas [...] facilitando a identificação entre os atos, entre os acontecimentos, entre os seres, porque enfatizam um determinado aspecto, que parece impor-se em razão da própria simetria posta em evidência (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 251).

O poema narrativo se encerra com uma exaltação à paisagem que compõe a cachoeira de Paulo Afonso, sem revelar explicitamente ao leitor o destino dos dois escravizados, mas o que fica implícito nos versos é a ideia de que os dois caíram para a morte na queda d'água da cascata de Paulo-Afonso.

Considerações finais

O texto apresentado neste capítulo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada *A pena do condor: edição crítica de manuscritos de Castro Alves*, que pretende reunir, analisar pelo viés da crítica textual, e apresentar edições crítica e modernizada dos manuscritos originais autógrafos do poema *A Cascata de Paulo-Affonso* e da correspondência ativa do poeta baiano.

Até o momento nossa pesquisa já realizou a revisão bibliográfica, o levantamento dos manuscritos autógrafos originais que compõem o *corpus* da pesquisa, a análise codicológica dos documentos manuscritos que compõem o *corpus*, a análise paleográfica dos textos presentes nos manuscritos autógrafos originais, pesquisa da fortuna crítica da obra *A Cascata de Paulo-Affonso* e das edições impressas que contemplam a correspondência do autor, biografia do autor, análise sócio-histórica do período de produção da obra e transcrição semidiplomática do manuscrito *A Cascata de Paulo-Affonso*.

A análise presente neste capítulo, após revisão e incorporação de outros elementos, como a análise das questões raciais na obra de Castro Alves, será parte integrante da dissertação de mestrado, a fim de elucidar questões referentes à recepção e transmissão do texto, que são fatores imprescindíveis para uma análise filológica que se vale da crítica textual.

Para além do *pathos* construído ao longo do texto do poema, aventamos a hipótese de existir um auditório específico para a argumentação de Castro Alves: os senhores brasileiros, sobretudo aqueles que tinham pessoas escravizadas sob suas posses, pois valores masculinos, como a honra contida na virgindade da mulher, a vingança causada pela “mancha” nessa honra e sobretudo a constante menção à fé cristã, conversam com os valores masculinos da elite social e econômica brasileira da época na qual o poema foi escrito.

O discurso busca construir, ao longo de toda a argumentação, a figura de uma mulher escravizada que seguia valores cristãos como a honra, o temor a Deus, a castidade e o medo da vingança. Ao relatar, por meio de um eu-lírico, o horror dos momentos de estupro sofridos por Maria, Castro Alves também revela a visão masculina que se tinha das mulheres naquela época pelos olhos de um poeta romântico, branco, heterossexual e religioso. Além disso, há um

esforço constante para aproximar as figuras de Lucas e Maria do público para o qual o autor escreve, pois era esse público que poderia lutar pela libertação das pessoas escravizadas inspiradas por sua obra.

Referências

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. Introdução. In: ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005. p. 15-64. Disponível em: https://issuu.com/protasiovargas/docs/aristoteles_arte_retorica. Acesso em: 02 jun. 2024.

ALVES, Castro. **A cascata de Paulo-Affonso**: poema original brasileiro. [S.l.: s.n.], 12/07/1870. [4]. 99p., 20, 5 x 16. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss159651/mss159651.pdf. Acesso em: 25 jan. 2024.

ALVES, Castro. **Carta a Augusto Alvares Guimarães**. Acervo da Biblioteca Nacional, 4 p. Bahia: 1867.

BARBOSA, Rui. **Elogio do poeta**. Bahia: Typographia do "Diário da Bahia", 1881, p. 9.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p.69-92.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; LOPES, Célia Regina dos Santos; BASTOS, Mário Jorge da Motta. & OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. (Orgs.). **Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval**. São Paulo: Parábola, 2018.

NABUCO, Joaquim. **Castro Alves - Artigos publicados na reforma**. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1873.

PEIXOTO, Afrânio. **Obras completas de Castro Alves, vol 2**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921.

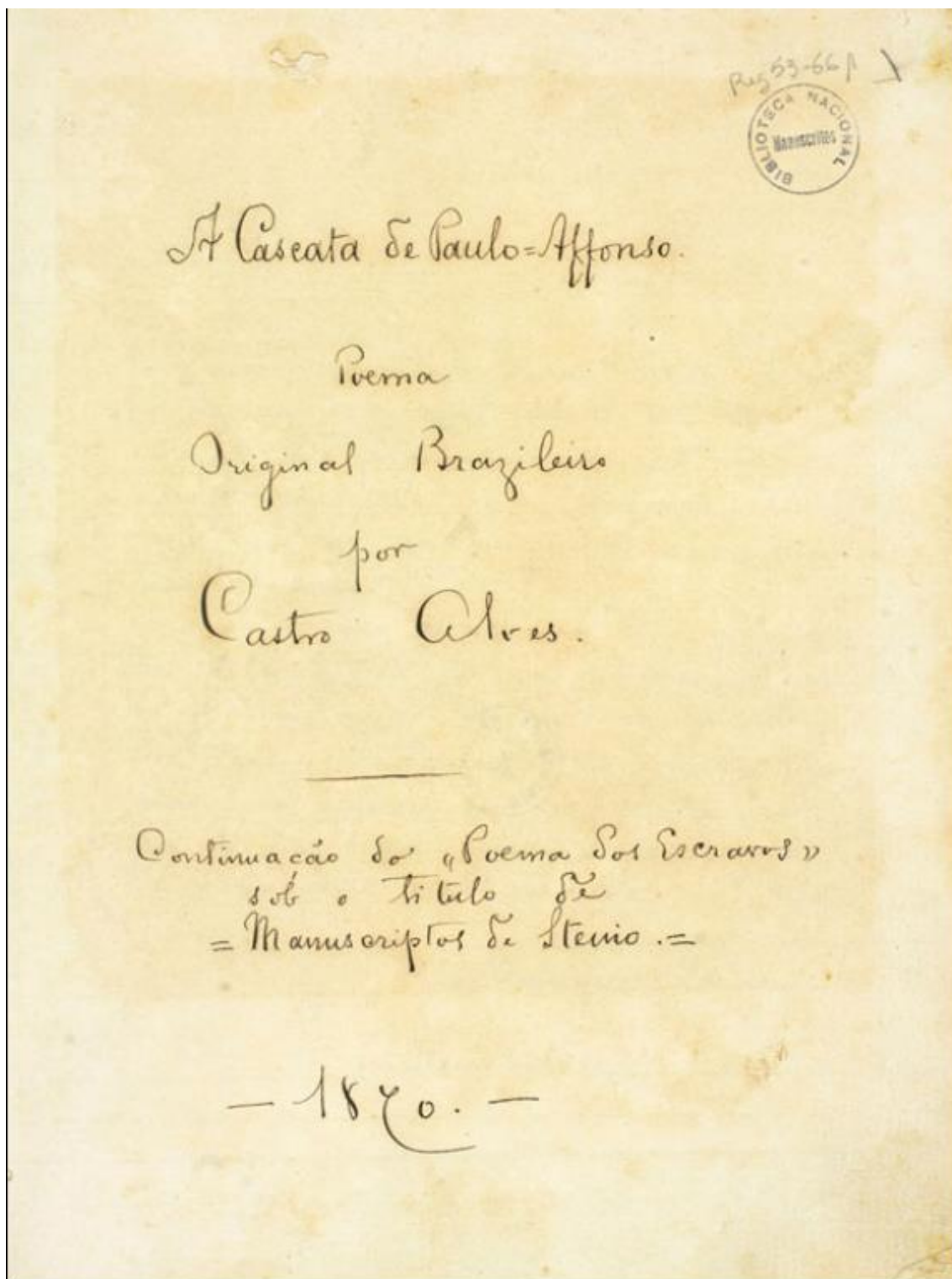
PEREIRA, Patrícia Regina Cavaleiro. **"Há muito tempo que não te escrevo"**: reunião da Correspondência Alencariana (edição anotada). Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira**: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2002.

Anexos

Anexo I - Capa de o manuscrito de A Cascata de Paulo-Affonso



Discurso presidencial do Dia da Mulher de 2022: uma análise dialógica

Larissa Vieira de Cerqueira

Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Este artigo tem por objetivo investigar as marcas linguístico-ideológicas presentes no tratamento dado à mulher no discurso presidencial de 8 de março de 2022 proferido pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro no Palácio do Planalto em Brasília¹. Para tanto, partimos de duas questões: i. Quais recursos verbo-visuais marcam a presença da mulher no Palácio do Planalto, sede de trabalho do governo federal? ii. Que discursos alheios são citados para lembrar o Dia Internacional da Mulher?

A justificativa de escolha do 8 de março se deve por dois motivos. O primeiro é o fato de as mulheres sofrerem, diariamente, com a falta de direitos básicos, tal como é constatado em estatísticas alarmantes. 1.341 feminicídios e 66.020 estupros contra mulheres foram registrados no Brasil em 2021 (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022, p. 16), sem contar as ocorrências não registradas. Em 2022, o contexto piorou: foram 1.437 casos de feminicídios, um aumento de 6,1% do assassinato de mulheres pelo simples fato de serem mulheres e 74.930 estupros, crescimento de 8,2% em relação a 2021. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p. 15-16).

O segundo motivo de escolha do Dia Internacional da Mulher é o problema da manutenção de ideologias não emancipatórias e de discursos machistas em diversos espaços, sejam eles privados ou públicos: nos lares, nas

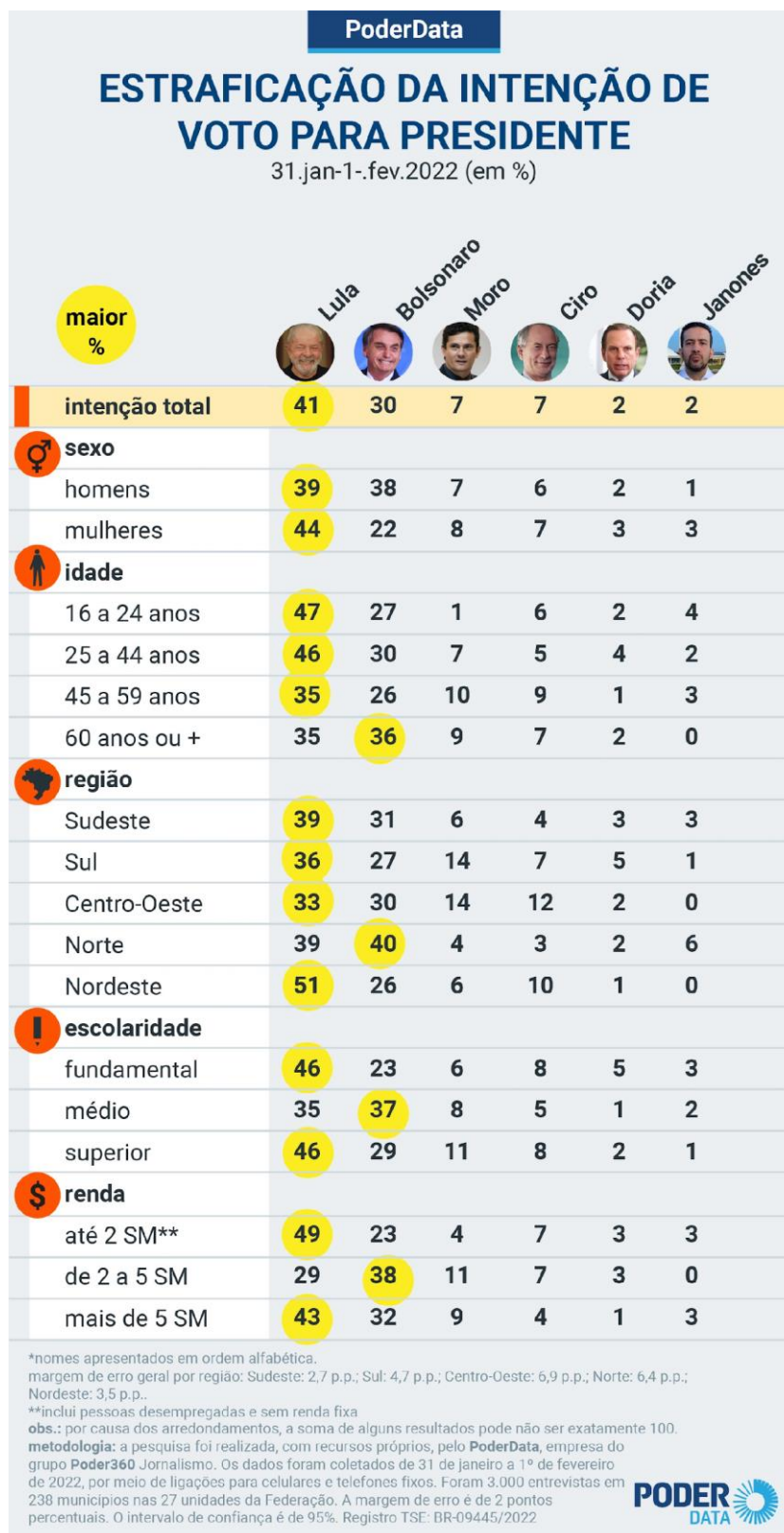
¹ O discurso pode ser consultado, na íntegra, nos anexos deste trabalho ou on-line. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-comemoracao-do-dia-internacional-da-mulher-brasil-para-elas-por-elas-com-elas-palacio-do-planalto>. Acesso em: 20 jun. 2023.

empresas, nas redes sociais, nos espaços políticos. Em todos esses lugares, há sujeitos proferindo discursos de ódio contra a mulher ou discursos que a situam em uma posição submissa, inferior à do homem, ou ainda que estabelecem um ideal feminino a ser seguido quanto à aparência, às escolhas profissionais e pessoais, ao comportamento, à orientação sexual, etc.

Em relação à seleção do *corpus*, a recolha do discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro no dia 8 de março de 2022 foi realizada no site Biblioteca da Presidência da República, em que é possível consultar a transcrição oficial dos discursos presidenciais de todos os ex-presidentes na íntegra. O critério de seleção reside em seu momento sociopolítico. Meses antes do discurso, em junho de 2021, houve a condenação pela juíza Ana Lúcia Petri Betto referente às declarações discriminatórias e preconceituosas contra as mulheres feitas por Bolsonaro, por seu Ministro da Economia Paulo Guedes e pela Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos Damares Alves. A União foi ordenada a pagar R\$ 5 milhões a título de danos morais coletivos e a investir em campanhas publicitárias para conscientização sobre violência, assédio e desigualdade contra as mulheres (Estado de Minas, 2021).

Outro motivo relacionado à escolha do *corpus* é que, diante do ano de eleições, as pesquisas eleitorais apontavam rejeição de Bolsonaro entre o público feminino. A empresa de pesquisas de opinião PoderData publicou, no jornal on-line Poder360, uma pesquisa realizada entre 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 2022 e registrada no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A figura a seguir mostra os resultados. Apenas 22% das mulheres votariam em Bolsonaro, contra 44% que votariam em Lula.

Figura 1. Estratificação da intenção de voto para presidente



Fonte: Poder360 (2022). Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/segundo-pesquisa-mulheres-nao-votam-em-mim-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

Tendo por base esse pano de fundo, é que nos propomos a analisar o discurso presidencial do Dia Internacional da Mulher de 2022. Para tanto, a perspectiva teórico-metodológica apresentada na seção a seguir é a de Bakhtin e o Círculo, a partir da qual elucidamos dois aspectos: i. o fato de que todo e qualquer enunciado, incluindo o presidencial, é ideológico; ii. o fato de que a ideologia se materializa, linguisticamente, na alteridade constitutiva do enunciado e no signo verbal e não-verbal/verbo-visual.

Como síntese desse raciocínio, os conceitos-foco a serem aplicados na análise são os de “discurso alheio” (Volóchinov, 2017 [1929]) e de “verbo-visualidade” (Brait, 2010, 2013), a partir dos quais, apresentamos os resultados alcançados.

Os resultados podem ser sintetizados em três frentes: i. o Salão Nobre do Palácio do Planalto é transformado em espaço cor-de-rosa e o então presidente veste uma gravata de mesma cor, evocando o polêmico discurso da ex-ministra Damares (2/1/2019)² contra a chamada “ideologia de gênero”, que exclui a diversidade de identidades de gênero e mostra a defesa de um ideal de mulher cisgênero; ii. os interlocutores da saudação do ex-presidente são os militares, deixando as mulheres em segundo plano, uma vez que dirige vocativo a elas somente na despedida do discurso; iii. o trecho bíblico de 1 Coríntios 11:12 (Bíblia, 2000) citado pelo então presidente compõe um ponto de vista que considera a mulher submissa ao homem.

1 A ideologia do discurso presidencial materializada no signo verbo-visual e na mobilização do discurso alheio

Todo enunciado, na concepção do Círculo de Bakhtin, é ideológico em dois sentidos: i. se dá nas esferas/campos ideológicos, como o político, o religioso, o artístico, o filosófico, o ético etc.; ii. é valorativo, nunca neutro (Faraco, 2009, p. 46-47). Portanto, os enunciados políticos e, consequentemente, os enunciados presidenciais materializam posicionamentos ideológicos na esfera política.

² Fonte: Poder360, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>. Acesso em: 18 dez. 2023.

A palavra ideologia, segundo Faraco (2009, p. 47), não tem conotação negativa nos estudos bakhtinianos, diferentemente do que ocorre em algumas teorias marxistas, que abordam o sentido do termo como o mascaramento do real. O autor ainda aponta que ideologia é sinônimo de axiologia.

As bases dos campos ideológicos estão na linguagem, isto é, se materializam no signo, é o que Faraco (2009, p. 47) ressalta a partir de Volóchinov (2017 [1929]). O mesmo é defendido pelo teórico da literatura Medviédev no seguinte excerto:

Cada produto ideológico e todo seu “significado real” não estão nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante (Medviédev, 2019 [1928], p. 50).

A partir do excerto de Medviédev, fica claro que a materialização da ideologia no signo não ocorre apenas no signo verbal, mas também no verbovisual e no sonoro, porque está nos gestos, nas cores, no som, na melodia, etc.

O estudo em torno da materialização linguística da ideologia em Volóchinov (2017 [1929]) se dá sob dois eixos: i. signo ideológico e ii. alteridade constitutiva do discurso. Os conceitos do linguista russo representam um rompimento com a noção de língua como um sistema abstrato e imanente. A criação da ideia de signo ideológico, segundo Grillo (2017, p. 52-59), parte de uma síntese dialética entre o idealismo kantiano e a sociologia marxista, isto é, Volóchinov defende uma aproximação entre o individual e o social. Dessa maneira, a consciência do sujeito e seu discurso interior são formados a partir dos signos ideológicos socialmente construídos. A consciência individual é fruto do social e, por isso, é ideológica.

Volóchinov (2017 [1929], p. 91; 103-104) não nega a importância do avanço linguístico do signo saussuriano, mas, baseado no materialismo histórico marxista, busca refutar o que denomina de objetivismo abstrato do estruturalismo, da corrente linguística saussuriana, indo além da concepção de língua como sistema, mostrando que a língua/linguagem é social e ideológica.

A respeito dos signos ideológicos, o linguista russo afirma:

A existência não apenas é refletida no signo, mas também é refratada nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico?

-O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade *sígnica*, isto é, a luta de classes.

A classe não coincide com a coletividade *sígnica*, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunicação ideológica. Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se no palco da luta de classes (Volóchinov, 2017 [1929], p. 112-113).

A partir do excerto, entendemos que o signo ideológico não só reflete, por meio de seu significante, um significado com base na realidade, ele também refrata essa realidade. A refração se refere à disputa de significados ideológicos em torno de um mesmo signo, disputa essa travada entre os diferentes grupos/classes sociais. A palavra “mulher”, por exemplo, é um signo verbal que, a depender do contexto em que é proferido ou escrito, pode ter diferentes significados ideológicos.

O signo ideológico pode ser verbal ou não-verbal. Pode compreender a manifestação de palavras, gestos, pintura, melodia, etc. Volóchinov explica:

Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser nem isolados, nem completamente separados dele.

Isso não significa que a palavra é capaz de substituir qualquer outro signo ideológico. Não, a palavra não é capaz de substituir por completo todos os signos ideológicos principais e específicos. Por princípio, uma palavra não pode transmitir adequadamente uma obra musical ou uma imagem da pintura (Volóchinov, 2017 [1929], p. 100-101).

É importante destacar que o termo traduzido por “palavra” vem do russo *slovo*, que pode significar unidade lexical, linguagem verbal, enunciado ou discurso. Trata-se, portanto, de um termo com significado amplo. No excerto anterior, o significado expresso por “palavra” parece ser “linguagem verbal”. Dessa forma, entendemos que todos os signos ideológicos não-verbais são produzidos/interpretados por uma consciência verbal, o que corrobora a indissociabilidade do verbo-visual. Isso não significa que a linguagem verbal possa substituir ou transmitir todo o significado materializado pela linguagem visual ou por uma melodia, por exemplo.

A respeito desse aspecto, a linguista bakhtiniana Brait defende que analisar enunciados somente em sua materialização verbal ou somente em sua manifestação visual é excludente. A autora explica:

[...] a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual e, especialmente, das formas de articulação assumidas por essas dimensões para produzir sentido, construir imagens de enunciadores e enunciatários, circunscrever destinatários, etc.

Assim sendo, a linguagem verbo-visual será aqui considerada uma enunciação, um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, a linguagem verbal e a linguagem visual. Essa unidade significativa, essa enunciação, esse enunciado concreto, por sua vez, estará constituído a partir de determinada esfera ideológica (Brait, 2010, p. 194).

A partir desse excerto, olhamos para o discurso presidencial como um acontecimento da vida da linguagem inserido na esfera ideológica política, sendo, constitutivamente, verbo-visual e materializando sua ideologia/axiologia sobre o objeto do 8 de março no tratamento dirigido à mulher por meio da linguagem verbal e da linguagem visual. A concepção de texto assumida a partir desse raciocínio de Brait (2010, p. 195) é a “semiótico-ideológica”. De acordo com ela,

Assim concebido, o texto deve ser analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos que o constituem, dos embates e das tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seus planos de expressão, das esferas em que circula e do fato que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito (Brait, 2010, p. 195).

O sujeito, a esfera/campo ideológico e os embates/tensões sociais são pilares da análise verbo-visual do enunciado. A autora ainda afirma:

o enunciado/texto verbo-visual caracteriza-se como dimensão enunciativo-discursiva reveladora de autoria (individual ou coletiva), de diferentes tipos de interlocuções, de discursos, evidenciando relações mais ou menos tensas, entretecidas pelo face a face promovido entre verbal e visual, os quais se apresentam como alteridades que, ao se defrontarem, convocam memórias de sujeitos e de objetos, promovendo novas identidades (Brait, 2013, p. 62).

A partir desse excerto, entendemos que o verbo-visual mostra o horizonte axiológico do autor do enunciado e seus embates sociais. Além disso, o verbal e o visual, embora indissociáveis para a interpretação de dado enunciado,

podem expressar sentidos/significados complementares ou dissonantes entre si dentro de um mesmo enunciado. Ambos os movimentos de complementação e de negação entre o verbal e o visual são imprescindíveis para a interpretação do horizonte axiológico desse enunciado.

Como vimos, o estudo em torno da materialização linguística da ideologia em Volóchinov (2017 [1929]) se dá sob dois eixos: i. signo ideológico e ii. alteridade constitutiva do discurso. Tendo tratado do primeiro eixo e de sua constituição verbo-visual, partimos, agora, para a elucidação do segundo eixo: a alteridade constitutiva do discurso. O outro no enunciado é explorado por Volóchinov (2017 [1929]) de duas maneiras: i. interlocutor imediato a quem se dirige o texto no momento em que ele é realizado; ii. interlocutores passados e seu discurso (alheio), aos quais o autor do enunciado recorre para citar. Uma terceira noção é explorada por Bakhtin (2011, p. 364) no conceito de “grande tempo”: a dos interlocutores futuros, os que terão contato com o enunciado depois de ter sido realizado.

Em relação ao primeiro item, o interlocutor imediato, Volóchinov afirma:

Efetivamente o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc.) (Volóchinov, 2017 [1929], p. 204).

A partir do excerto, entendemos que o enunciado se estabelece, pelo menos, entre dois indivíduos. Porém, esse nem sempre é o caso. Como deixa claro Volóchinov, por vezes, não há explicitação no enunciado de quem seja o interlocutor ou há, ainda, a ausência dele. Isso não exclui a possibilidade de o autor projetar esse interlocutor a partir de sua própria posição social. Além disso, a palavra, isto é, a construção estilística do enunciado, nos dá pistas sobre para quem o texto é dirigido. Por exemplo, se o enunciado tem como interlocutor alguém hierarquicamente superior ao autor, provavelmente, será um texto com marcas linguísticas de formalidade.

Em relação ao segundo item, o discurso alheio, é necessário destacar que sempre nos valem de enunciados proferidos anteriormente aos nossos para

concordar, discordar, dar autoridade ao nosso próprio enunciado, etc. Isso porque todo objeto já foi anteriormente desenvolvido por algum discurso. Dessa forma, é impossível não estabelecer diálogos com discursos de interlocutores/enunciados passados. Bakhtin explica:

Só o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não condicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto (Bakhtin, 2015 [1930-1936], p. 51).

A partir do trecho, entendemos que nenhum ser além do Adão em seu estágio solitário é capaz de viver sem citar o discurso alheio e dialogar com ele a partir de sua posição no mundo.

Volóchinov nomeia “discurso alheio” as citações que um autor de dado enunciado faz de seus interlocutores passados, de enunciados anteriores. De acordo com ele,

[...] por ser um elemento construtivo do discurso autoral e integrá-lo em pessoa, o enunciado alheio é ao mesmo tempo o seu tema. Ele entra na unidade temática do discurso do autor

[...]

O discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de outro sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão. É justamente dessa existência independente que o discurso alheio é transferido para o contexto autoral, mantendo ao mesmo tempo o seu conteúdo objetivo e ao menos rudimentos da sua integridade linguística e da independência construtiva inicial (Volóchinov, 2017 [1929], p. 250).

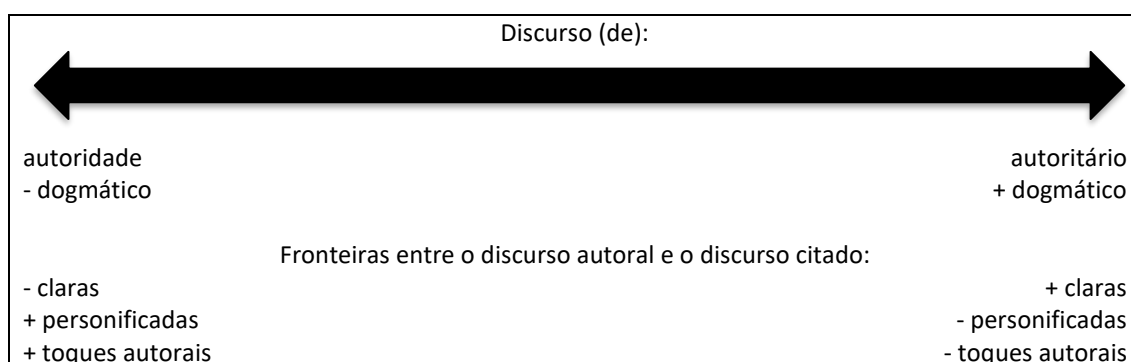
Dessa forma, o discurso alheio é o enunciado de outro sujeito com quem o autor estabelece interlocução ao inseri-lo em seu próprio texto. Ao fazer isso, o enunciado citado se torna parte da unidade temática do enunciado do autor. Essa inserção é realizada por meio de duas tendências distintas, podendo estabelecer fronteiras claras ou borradas entre o enunciado citado e o autoral.

A tendência de transmissão do discurso alheio intitulada estilo linear é aquela que estabelece “limites claros e estáveis para o discurso alheio” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 255). Esses limites podem ser materializados em aspas, verbos *dicendi*, entre outros elementos. O linguista ainda chama atenção para o fato de que

Dentro da primeira tendência é necessário distinguir também o grau de percepção autoritária da palavra, o grau de sua confiança ideológica e dogmatismo. À medida que o dogmatismo da palavra aumenta e a percepção compreensiva e avaliativa deixa de admitir matizes entre a verdade e a mentira, entre o bem e o mal, as formas de transmissão do discurso alheio se despersonalizam (Volóchinov, 2017 [1929], p. 256).

Então, na primeira tendência, no estilo linear de transmissão do discurso alheio, há um *continuum*, uma gradação. As fronteiras entre o discurso do autor e o discurso citado ficam cada vez mais claras e menos personificadas, com menos toques autorais, quando a palavra citada deixa de ser transmitida como discurso de autoridade e passa a ser transmitida de forma autoritária. Essa gradação é explicitada no esquema a seguir.

Figura 2. *Continuum* da primeira tendência de transmissão do discurso alheio – estilo linear



Fonte: Elaboração própria (2023).

Nesse esquema, vemos, ao lado esquerdo, o discurso de autoridade, com o traço - dogmático e com as fronteiras entre o discurso do autor e o discurso alheio - claras, + personificadas e com + toques autorais. Do lado direito, temos o discurso autoritário, + dogmático e com as fronteiras entre discurso autoral e citado + claras, - personificadas e com - toques autorais.

Partindo para a segunda tendência de transmissão do discurso alheio, intitulada estilo pictórico, ressaltamos o fato de que “tende a apagar os contornos nítidos e exteriores da palavra alheia [...] O enfraquecimento ativo das fronteiras do enunciado pode partir do contexto autoral, que penetra no discurso alheio com suas entonações, humor, ironia, amor ou ódio, enlevo ou desprezo” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 258). Esse apagamento de fronteiras se

dá por não haver mais do que a entonação para diferenciar o discurso autoral do discurso alheio, que podem ser confundidos, misturados.

Dessa forma, enquanto no estilo linear de transmissão do discurso alheio há fronteiras entre o discurso do autor e o discurso citado em uma gradação de mais ou menos claras ou perceptíveis, no estilo pictórico, não há fronteiras entre o enunciado autoral e o alheio.

Tal como Volóchinov (2017 [1929]) defende, as formas de transmissão do discurso alheio são materializações da ideologia. Do mesmo modo, Bakhtin afirma: “o processo de formação ideológica do homem é um processo de assimilação seletiva de palavras dos outros” (Bakhtin, 2015 [1930-1936], p. 135).

Ao abordar a palavra do outro, Bakhtin (2015 [1930-1936]) cunha o conceito de heterodiscurso. Discurso alheio e heterodiscurso são conceitos diferentes, mas se complementam e partem dos mesmos pressupostos de serem entremeados pelas relações dialógicas entre os enunciados e por serem a materialização linguística da manifestação ideológica/axiológica do sujeito no texto.

O conceito de heterodiscurso é mobilizado por Bakhtin (2015 [1930-1936]) com o objetivo de analisar as diferentes vozes sociais presentes no romance humorístico inglês. Bezerra, em seu glossário, apresenta o seguinte verbete com relação ao conceito de heterodiscurso ou diversidade de discursos:

[...] Na terminologia bakhtiniana, heterodiscurso inclui: dialetos sociais, maneiras de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, das gerações e das faixas etárias, das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, dos dias sociopolíticos e até das horas. Em suma, trata-se de um heterodiscurso social que traduz a estratificação interna da língua e abrange a diversidade de todas as vozes socioculturais em sua dimensão histórico-antropológica (Bezerra, 2015, p. 246-247).

O heterodiscurso, portanto, constitui-se pelos diferentes falares dos diversos grupos sociais de épocas distintas, que mostram a estratificação da língua e possibilitam encontrar fronteiras entre o discurso do autor e o discurso citado. Ao estudar o romance humorístico inglês, o filósofo da linguagem russo identifica o heterodiscurso no discurso do autor sob quatro formas, são elas: i) discurso do outro em forma dissimulada; ii) construção híbrida; iii) motivação

pseudo-objetiva; iv) gêneros intercalados (Bakhtin, 2015 [1930-1936], p. 79-109). O foco deste artigo recai sobre os gêneros intercalados, pois é a forma presente no *corpus*.

Um gênero intercalado significa um gênero inserido em outro gênero do discurso. Por exemplo, uma carta dentro de um romance; um artigo de opinião dentro de um livro didático; etc. Bakhtin defende que “todos esses gêneros que integram o romance inserem nele as suas linguagens, e por isso estratificam a sua unidade linguística e, a seu modo, aprofundam a sua natureza heterodiscursiva” (Bakhtin, 2015[1930-1936], p. 109). Dessa forma, observaremos como a presença do gênero intercalado no discurso presidencial estratifica sua unidade linguística, mostrando as vozes presentes e como esta pode ser interpretada no contexto do enunciado.

Tendo apresentado o signo verbo-visual, o discurso alheio em sua tendência linear e pictórica e os gêneros intercalados do heterodiscurso como três das formas que materializam linguisticamente a ideologia no enunciado, partimos para a aplicação desses conceitos na análise do discurso presidencial de 8 de março de 2022.

2 “Primeiro, senhores militares”: discurso presidencial do Dia Internacional da Mulher de 2022

A partir de agora, apresentamos a análise, que recupera o objetivo de investigar as marcas linguístico-ideológicas presentes no tratamento dado à mulher no discurso do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro no dia 8 de março de 2022 no Salão Nobre do Palácio do Planalto, sede de trabalho da presidência em Brasília. Para fins de análise, o discurso presidencial está organizado nas seguintes seções: i. saudação; ii. agradecimento; iii. apresentação; iv. desdobramento; v. encerramento.

A respeito da esfera de circulação, é importante ressaltar que o discurso ocorreu como encerramento do que se intitulou “Cerimônia de comemoração do Dia Internacional da Mulher: Brasil prá [sic] elas, por elas, com elas” (Brasil, 2022b). Seu início se dá à 1 hora, 10 minutos e 29 segundos da cerimônia e seu término, à 1 hora, 17 minutos e 17 segundos, o que significa uma duração de 6 minutos e 48 segundos. A cerimônia contou com plateia imediata e, ao

mesmo tempo, circulou ao vivo para espectadores do canal do *Youtube* então intitulado *TV BrasilGov*³ e da televisão aberta *TV Brasil*, sendo que, no *site* de vídeos, continua disponível para ser assistida a qualquer momento. O texto transcrito do discurso foi, ainda, postado no *site* oficial da Biblioteca da Presidência da República.

No palco da cerimônia, as seguintes mulheres estão presentes: as então primeira-dama, Michelle Bolsonaro; Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves; Ministra Chefe da Secretaria de Governo, Flávia Arruda; Ministra da Agricultura, Tereza Cristina; Secretária Especial de Produtividade e Competitividade do Ministério da Economia, Daniella Marques; a indígena Kamiru Kamaiurá; uma mulher representante da polícia federal; e três mulheres de cada uma das forças armadas brasileiras (exército, marinha e aeronáutica). Os nomes próprios dessas quatro últimas não foram divulgados. Na plateia, estão os então Ministro da Economia Paulo Guedes e presidente da Caixa Econômica Federal Pedro Guimarães, militares, embaixadores, membros da polícia federal, entre outros.

A partir desses dados da circulação do discurso, em um primeiro plano de análise de quem sejam os interlocutores do ex-presidente, consideramos que sejam os presentes na cerimônia. Além dos presentes, levando em conta que se trata de um discurso oficial do Dia Internacional da Mulher de grande alcance pela internet e em rede nacional de televisão aberta, poderíamos esperar que as mulheres brasileiras fossem interlocutoras. Ao analisarmos, no entanto, o texto do discurso, mais especificamente, a saudação, há interlocutores colocados em primeiro plano ao serem chamados em vocativo: “Primeiro, senhores militares, se dependêssemos das mulheres, não teríamos guerras no mundo. Bom dia a todos” (Brasil, 2022b). Jair Bolsonaro, antes de direcionar “Bom dia a todos”, usa o numeral “primeiro”. Em seguida, mobiliza o vocativo “senhores militares”. Essas escolhas lexicais mostram que os interlocutores considerados primordiais pelo então presidente são os militares. Nesse trecho, as mulheres são colocadas como objeto do discurso, sobre quem

³ O canal de televisão *TV Brasil* é gerido pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), pública federal, cujo objetivo é prestar serviços de radiodifusão e TV de forma independente, democrática e apartidária. Em julho de 2023, a *TV Brasil* foi ramificada em *Canal Gov*, cujo objetivo é fazer a cobertura de ações do governo, transmitindo eventos, entrevistas, pronunciamentos e notícias do governo federal. Por isso, nesse período, o canal no *Youtube* teve seu nome alterado de *TV BrasilGov* para *Canal Gov*. A *TV Brasil* continuará existindo como uma emissora pública de televisão com programação diversificada.

se fala, e, não, como interlocutoras. Portanto, estão, ideologicamente, por meio das escolhas lexicais do numeral e do vocativo, colocadas em segundo plano.

Além disso, parte da saudação afirma que “se dependêssemos das mulheres, não teríamos guerras no mundo” (Brasil, 2022b). Nesse ponto, Bolsonaro veicula um ideal de mulher como conciliadora, como aquela que evita ou ameniza conflitos. Tal posicionamento ideológico, de que esse seria um comportamento ideal para a mulher, é socialmente imposto, abrindo margem para que muitas sofram diferentes formas de violência (verbal, psicológica, física) e permaneçam caladas, como uma maneira de suprir o que é esperado de uma mulher. Além disso, essa posição axiológica é excludente, pois resulta no apagamento histórico de todas as mulheres que participaram ou participam de guerras como integrantes de forças armadas ou como guerrilheiras.

Na próxima parte do discurso, a do agradecimento, há o seguinte trecho: “Primeiro, obrigado a Deus pela minha segunda vida, pela missão e também pelas pessoas maravilhosas que o colocou [sic] ao meu lado para nós conduzimos [sic] o destino da nossa nação” (Brasil, 2022b). O numeral “primeiro” vem, novamente, colocar algo como mais relevante, como primordial. Nesse caso, trata-se de priorizar questões pessoais do então presidente em detrimento das causas em torno do Dia da mulher. Bolsonaro desenvolve seu agradecimento pessoal centrado a Deus, que, de acordo com sua crença, o proporcionou três aspectos: i. sua sobrevivência à ocasião em que Adélio Bispo de Oliveira esfaqueou sua barriga em época de candidatura no ano de 2018 em Juiz de Fora; ii. sua “missão” (Brasil, 2022b) de ser presidente, que, segundo ele, sendo concedida por Deus, atribui a si um estatuto messiânico, ou, ainda, retoma o contexto militar de ter missões a cumprir; iii. as pessoas ao seu lado para ajudá-lo a governar o país. Um agradecimento em torno de questões pessoais do ex-presidente não traduz relevância para a luta pelos direitos da mulher.

Passando para a apresentação do discurso, no primeiro parágrafo, o presidente afirma: “Temos problemas, mas os lucros são muito, mas muito, grandes e isso nos anima a continuar. E, obviamente, em grande parte esse lucro vem do trabalho das mulheres que estão ao nosso lado” (Brasil, 2022b). Nesse trecho, Bolsonaro sai do âmbito de sua vida pessoal e volta a se referir

às mulheres. Elas são tratadas, no entanto, novamente, como objeto do discurso e, não, como interlocutoras. Porém, agora, nem todas as mulheres são consideradas. Bolsonaro restringe sua fala sobre aquelas que estão ao seu lado, isto é, as que apoiam seu governo. Esse aspecto ideológico é mostrado pelo uso da oração subordinada adjetiva restritiva “que estão ao nosso lado” (Brasil, 2022b). O advérbio de intensidade “muito”, enfatizado por sua repetição, marca o posicionamento axiológico: Bolsonaro valora o lucro econômico que essas mulheres geram com o trabalho, de forma a colocá-lo acima dos problemas da nação. Problemas esses que podem ser, inclusive, os da luta da mulher, como, por exemplo, a violência de gênero, e que estão sendo considerados de menor importância quando comparados aos lucros econômicos, o que configura uma ideologia neoliberal e, como é típico do discurso político, a autopromoção de seu governo em relação às questões econômicas.

O segundo parágrafo da apresentação é o seguinte: “Tem uma passagem bíblica, Coríntios, que resume basicamente esse nosso dia: ‘porque assim como a mulher foi feita do homem, assim também o homem nasce da mulher e tudo vem de Deus’” (Brasil, 2022b). O trecho citado é parte da primeira carta aos Coríntios capítulo 11, versículo 12 (doravante 1 Coríntios 11:12) (Bíblia, 2000). É importante situar suas esferas de produção e de circulação. Trata-se de uma carta escrita por volta do ano 55 por Paulo de Tarso ou São Paulo, cujas obras integram grande parte do Novo Testamento bíblico, “A Primeira Carta aos Coríntios trata de vários temas” (Malzoni, 2019, p. 179). O tema tratado no capítulo 11, em que se encontra o versículo 12 citado por Bolsonaro, é “quanto ao modo de proceder nas assembleias (1Cor 11,2–14,40)” (Malzoni, 2019, p. 179). O versículo 12, citado pelo então presidente, situa a mulher como aquela que é “feita do homem”, o que atribui a ela inferioridade/submissão/secundariedade. Esse versículo está inserido no capítulo que tem por objetivo tratar de como as mulheres devem se portar na igreja e usar o véu. Além disso, Paulo defende a autoridade do homem sobre a mulher. A defesa do uso do véu dentro da igreja somente à mulher e não ao homem, a autoridade dele sobre ela e a afirmação de que a mulher foi feita do homem compõem um posicionamento machista, pela falta da igualdade de direitos entre homens e mulheres, e sexista, pela atitude discriminatória que

define quais usos e costumes devem ser respeitados por cada sexo. A escolha de Bolsonaro em citar um trecho desse capítulo, que segundo ele, tem o objetivo de resumir o Dia da mulher, acaba por alinhar a unidade temática de seu enunciado e seu posicionamento ideológico a esse discurso alheio, o que constrói uma atitude machista e sexista por parte do presidente.

A citação se realiza como discurso alheio em estilo linear. Retomando Volóchinov (2017 [1929], lembramos que, no estilo linear, há fronteiras estabelecidas entre o texto do autor e o enunciado alheio. No discurso de Bolsonaro, o limite entre os enunciados é, claramente, identificado pelo fato de ele ler o trecho bíblico *ipsis litteris* e pelo fato de que, no texto transcrito no site oficial, o trecho citado se encontra entre aspas.

Quanto mais clara é a fronteira entre o discurso do autor e o discurso citado, há menos personificação e toques autorais na citação e a percepção do autor sobre o discurso alheio é de que ele deve ser veiculado de forma autoritária e dogmática. É o caso do posicionamento de Bolsonaro frente à citação bíblica, que, desse modo, funciona como dogma atribuído ao gênero feminino. Ao mobilizar o trecho citado, o ex-presidente traz sua vivência particular religiosa a um discurso oficial, desconsiderando o Estado laico.

Passamos, agora, para a quarta parte do discurso, a do desdobramento. Nele, o então presidente se volta, novamente, à esfera particular em um tom emotivo, ao trazer a morte de sua mãe e a história de vida dela e dos irmãos dele durante sua infância. Esses aspectos destoam do discurso oficial em cerimônia, de forma que toda a causa da mulher no 8 de março é reduzida ao exemplo de mãe de Bolsonaro. Ele afirma:

É impossível, impossível, cada um de nós, nesse dia, não nos lembrarmos daquela que foi a mais importante em nossas vidas, as nossas mães. Sou um homem feliz, a minha me deixou há pouco tempo, é o destino, é o ciclo da vida, queria que ela continuasse em nosso meio, mas as recordações dela ficam para sempre. **Mãe de sete filhos, esposa de um homem que não tinha uma profissão definida, era um dentista prático, que ganhava a vida basicamente extraindo dentes. E ela, realmente, era dona de casa.** Sete filhos, com uma diferença de, aproximadamente, 15 meses um do outro.

Realmente a vida dela não foi fácil, mas mesmo assim ela foi **educadora**. Todos nós **chegamos às escolas já sabendo a tabuada do 1, do 2 ou do 3, praticamente alfabetizados**. Foi um "V0", como se diz na física, Marcos Pontes, o impulso inicial, que fez todo mundo ser alguém na vida; e ela sempre falava: "Eu quero que vocês sejam melhores que seu pai e melhores do que eu" (Brasil, 2022b, grifo nosso).

Nesse trecho, a primeira frase que Bolsonaro usa para definir sua mãe a coloca em posição de relação, isto é, trata-se de um sujeito que não é definido por si, mas pela relação que estabelece com o outro, nesse caso, com o marido e com os filhos. Dessa forma, podemos depreender que, segundo ele, o que define sua mãe é a maternidade e o homem com quem ela é casada. Esse posicionamento recupera discursos que defendem que a mulher só é mulher se for mãe e esposa, excluindo as mulheres que optam por não terem filhos e/ou por não se casarem e reforça o discurso machista de a mulher ser submissa/necessitar ao/do homem.

Além disso, Bolsonaro define sua mãe como educadora pelo fato de, antes de irem para a escola, “praticamente” alfabetizá-los e ensinar “a tabuada do 1, do 2 ou do 3” (Brasil, 2022b). A menção às tabuadas e à alfabetização mostra a presença do discurso alheio educacional em estilo pictórico. Ele é recuperado de forma que não há fronteiras com o discurso do então presidente, eles são misturados, confundidos em uma entonação familiar. Considerando que ser educador/a é uma posição profissional de alguém que é graduado/a em Pedagogia e exerce diversas atividades em torno da educação de crianças, podemos afirmar que há uma forte distorção provocada pela entonação de Bolsonaro ao inserir o discurso desses profissionais em um contexto autoral sobre o empenho doméstico de sua mãe no ensino da tabuada aos filhos. O posicionamento presidencial parece ser o de que para ser educador/a basta ter o domínio de um conteúdo e ensiná-lo, quando, na verdade, trata-se de uma profissão, cuja formação acadêmica é resultado de pesquisas científicas constantes, que, nessa fala presidencial, são deslegitimadas, quando comparadas à transmissão doméstica de conhecimentos escolares de mãe para filhos. Esse posicionamento de Bolsonaro, ainda, remete a uma série de outros enunciados do ex-presidente em que ele defende a educação domiciliar.

Em seguida, podemos notar mais uma citação do discurso do outro por meio do “V0” da física, que indica a velocidade de um corpo no ponto de partida de uma trajetória no espaço. Esse discurso científico é citado em estilo linear com fronteiras menos claras. Isso porque há fronteiras entre o discurso autoral e o discurso alheio quando o conceito físico é citado em aspas e quando há a menção “como se diz na física”. Por outro lado, há personificação e toques

autorais quando Bolsonaro chega a alterar/cometer um erro em relação ao nome do conceito científico, passando de “velocidade inicial” para “impulso inicial”. O discurso científico é apresentado como discurso de autoridade, no entanto, a forte marca de personificação o faz quase tender ao estilo pictórico e à falta de atribuição de autoridade. É importante destacar, ainda, que a grandeza física é retomada não para abordar um conteúdo científico, mas para abordar a forma como o ex-presidente e seus irmãos foram educados por sua mãe.

Ao citar o “V0” da física, o presidente interpela o astronauta Marcos Pontes, o então Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações. A recuperação do discurso alheio e o vocativo mostram que o interlocutor de Bolsonaro continua não sendo a mulher e, sim, seus pares ali presentes.

Ainda em tom pessoal, o ex-presidente da república cita uma fala de sua mãe em aspas. Dessa forma, mobiliza o discurso alheio em estilo linear com fronteiras claras em relação ao seu discurso. Essa escolha linguística mostra a autoridade atribuída à fala materna no Dia da Mulher. O teor trata do lugar comum de que os filhos precisam ser melhores que os pais. A estratégia discursiva, novamente, tem apelo emotivo e desvia do propósito de luta do 8 de março. A mobilização do discurso alheio da mãe de Bolsonaro tem fronteiras quase tão bem estabelecidas quanto a fronteira que se coloca entre o discurso autoral e a citação do discurso bíblico, que só é mais bem destacado por ser citado *ipsis litteris*.

Ainda no desdobramento do conteúdo do enunciado, temos o seguinte trecho:

Tive também, Paulo Guedes e Daniela [sic], uma mãe que foi empreendedora. Na cidade de Ribeira, onde eu curti, vivi, uma parte considerável da minha infância, eu tô com 66 anos, tínhamos um ou dois casamentos por mês, e minha mãe era lembrada, sempre lembrada para fazer bolo, e uma outra coisa que sobrava para mim; fazer bala de coco. Ela era especialista em bala de coco, em uma cidade que não tinha mais que 3 mil habitantes na área urbana. **1kg de açúcar, 1 litro de coco Serigy, a mesma quantidade de água e uma colher de limão espremido, e depois ao fogo, até aí tudo bem. Depois começa a complicar o ponto, e depois complica mais ainda, Pedro Guimarães, puxar a bala por quase 10 minutos. E num primeiro momento, você puxa a bala na casa dos 70 °C e quem puxava?** Eu, depois o mais fácil, sobrava para uma outra irmã minha, que cortava o papel celofane, fazia as franjas na tesoura e embrulhava as balas, e no casamento depois, obviamente, sempre sobrava alguma coisa para nós (Brasil, 2022b, grifo nosso).

Nesse momento do discurso, o ex-presidente continua a manter interlocução com seus pares por meio dos vocativos. Ele interpela os então Ministro da Economia, Paulo Guedes, Secretária Especial de Produtividade e Competitividade do Ministério da Economia, Daniella Marques, presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães. Atualmente, o fato do presidente da Caixa ter participado da cerimônia do Dia da mulher de 2022 ganha um tom extremamente negativo analiticamente, pois se acrescenta a informação de que, aproximadamente 3 meses depois do discurso, em 28 de junho de 2022, Guimarães foi denunciado por funcionárias por cometer assédio sexual. Em abril de 2023, porém, a Caixa Econômica fez um acordo de 10 milhões de reais com o Ministério Público do Trabalho do Distrito Federal (MPT-DF), evitando o processo relativo aos casos de assédio cometidos durante a gestão de Guimarães no banco.

É importante ressaltar, ainda, que ao interpelar os homens ali presentes, Paulo Guedes e Pedro Guimarães, Bolsonaro utiliza-se de nome e sobrenome. Ao interpelar Daniella Marques, no entanto, a chama somente por seu primeiro nome. Além disso, a transcrição oficial do *site* da Biblioteca da Presidência da República contém o erro de grafar o nome dela faltando uma das consoantes L.

O vocativo direcionado a Paulo Guedes e a Daniella Marques por Bolsonaro estabelece relação entre o Ministério da Economia e o fato de que a mãe do presidente tenha sido empreendedora. Dessa forma, ele continua a abordar a história de vida de sua mãe e irmãos. Nesse momento, há a inserção de um gênero intercalado (Bakhtin, 2015 [1930-1936], p. 109), isto é, um gênero inserido em outro gênero do discurso. Trata-se da receita de bala de coco dentro do discurso presidencial em cerimônia. A presença do gênero intercalado estratifica a linguagem, trazendo a voz de outro grupo social para dentro do texto, a voz de uma camada social menos favorecida, que trabalha com confeitaria artesanal, isto é, em pequenas quantidades, cujo lucro é utilizado para o sustento. Bolsonaro, no entanto, não coloca em pauta a luta de muitas mulheres que exercem a confeitaria em suas casas para sustento próprio e, por vezes, da família. Não se trata de incentivar o empreendedorismo dessas mulheres ou de propor políticas públicas. A pauta do então presidente permanece a de abordar a história de vida de sua mãe e irmãos de forma muito individual, sem que isso reflita no contexto político-social das mulheres

brasileiras no geral. A essa altura, o Dia Internacional da Mulher, do ponto de vista de Bolsonaro, parece ser um dia de lembranças pessoais a serem partilhadas entre seus pares.

É somente no sétimo parágrafo da transcrição oficial do discurso que o ex-presidente conclui a narrativa de vida de sua mãe e irmãos, deixando de lado o tom pessoal e assumindo um tom coletivo em relação ao Dia da Mulher:

Então minha mãe, Daniela, foi também uma empreendedora. Lá naquele meu tempo é história; ou a mulher era professora, ou dona de casa, praticamente. Dificilmente uma mulher fazia algo diferente disso, lá nos anos 50, 60. **Hoje em dia, as mulheres estão praticamente integradas à sociedade. Nós as auxiliamos, nós estamos sempre ao lado dela.** Não podemos mais viver sem ela (Brasil, 2022b, grifo nosso).

Ao escolher usar o advérbio “praticamente”, Bolsonaro faz uma ressalva ao fato de as mulheres poderem ocupar o lugar que elas quiserem em sociedade. Além disso, a posição de precisar ser auxiliada por um homem é atribuída à mulher, que continua sendo o objeto de que se fala e, nunca, interlocutora do discurso. Esses aspectos reforçam o discurso machista, sexista e excludente que ele vem mantendo ao longo de sua fala e acaba por ofender as mulheres

O próximo trecho do discurso é o seguinte: “A Damares mesmo disse aqui: **no nosso governo, a participação da mulher é bem maior que os [sic] demais governos**, bem como também, um aviso aos **machões**, o governo que mais prendeu **machão** agressor, foi o nosso” (Brasil, 2022b, grifo nosso). Bolsonaro retoma o discurso alheio em estilo linear com as fronteiras marcadas entre o discurso do autor e o discurso do outro pelo verbo *dicendi* e pela menção à Damares. Na gradação do estilo linear, esse está na posição em que as fronteiras são quase apagadas, uma vez que há personalização do discurso citado, que se mistura ao estilo do autor. A fala da então ministra Damares Alves foi proferida anteriormente na mesma cerimônia. Ela parece ser retomada pelo então presidente para autopromover seu governo, já que ela havia abordado a representatividade feminina na política no mandato Bolsonaro em comparação com a de outros governos. Ao citar a fala de Damares, Bolsonaro não usa dados com números precisos, mas o advérbio de intensidade “bem” e o adjetivo “maior”, que são indefinidos.

O discurso de Damares é de um momento da cerimônia em que a ministra faz uma apresentação de slides com um gráfico retirado do site *Poder 360* (Fig. 3) que mostra a representatividade feminina nos três escalões do governo, que incluem ministras, secretárias-executivas, assessoras especiais, secretárias de áreas de ministérios e diretoras de departamentos de ministérios. Nesse gráfico, a porcentagem de mulheres representando o governo Bolsonaro é a mesma (26%) que no governo Rousseff e não “**bem maior** do que os demais governos” (Brasil, 2022b, grifo nosso), como afirma o ex-presidente.

Figura 3. Representatividade feminina nos três escalões do governo



Fonte: Chispim (2022). Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/mulheres-ocupam-12-dos-cargos-federais-de-1o-escalao/>. Acesso em: 9 jan. 2024.

Além disso, se considerarmos somente os ministérios, o governo Bolsonaro contou com três ministras em relação a 20 ministros, o que representa 13% de representatividade feminina. Já durante o governo Dilma, as ministras eram 10 em relação a 29 ministros, o que mostra 25% de participação de mulheres.

Nesse mesmo trecho do discurso, vale analisar as escolhas lexicais que são aumentativos do substantivo “macho”: “machões” e “machão”. O aumentativo confere mais intensidade sobre os estereótipos relacionados a

esse substantivo: virilidade, coragem, energia, vigor, força. Esses atributos machistas são, inapropriadamente, atribuídos ao agressor da mulher que sofre violência. São, ainda, termos coloquiais e, portanto, inadequados para serem proferidos em um local institucional como o Salão Nobre do Palácio do Planalto. Além disso, esse trecho se dá em tom de ameaça, porque o objetivo é dirigir um “aviso” aos “machões”. Sem contar que o presidente se utiliza da violência de gênero para a autopromoção do governo ao se comparar com os demais governos e ao afirmar que o seu foi o que mais prendeu “machão agressor”.

Partindo para o encerramento do pronunciamento, ele está desenvolvido em dois parágrafos. O primeiro é o seguinte:

O **respeito** acima de tudo. E quando se fala em mulher, também, para concluir; não se pode deixar de pensar, e falar em **família**. **O que é uma família? Como a família era vista há pouco tempo aqui dentro dessa edificação? Quem se lembra do PNDH-3? Quem se lembra do PLC 122? Quem se lembra de ideologias e tantas e tantas outras coisas? Quem se lembra dos nomes que antecederam a ministra Damares?** Estamos no caminho certo: o respeito acima de tudo, a preservação dos valores familiares. (Brasil, 2022b, grifo nosso).

Nesse trecho, Jair Bolsonaro relaciona a mulher a duas palavras: i) “respeito” e ii) “família”. A palavra “respeito” possui cinco definições no verbete do Grande Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa:

- 1 ato ou efeito de respeitar(-se)
- 2 (sXV) sentimento que leva alguém a tratar outrem ou alguma coisa com grande atenção, profunda deferência; consideração, reverência
- 2.1 estima ou consideração que se demonstra por alguém ou algo
- 2.2 obediência, acatamento
- 3 (1503) o que motiva ou causa alguma coisa; razão «fomos movidos por estes defeitos e por alguns outros r.»
- 4 modo pelo qual se encara uma questão; ponto de vista
- 5 sentimento de medo; receio (Houaiss; Villar, 2009).

Podemos afirmar que o então presidente usa a palavra “respeito” na acepção “2.2 obediência, acatamento”, com base no fato de ter defendido, ao longo de seu discurso, um único modelo de mulher a ser respeitado: cisgênero, mãe, esposa, submissa ao homem. Sendo índice desse posicionamento frente a outros possíveis, a palavra desvela-se, então, signo ideológico.

Em relação à “família”, Jair Bolsonaro faz uma série de perguntas. Ao questionar “como a família era vista há pouco tempo aqui dentro dessa

edificação?" (Brasil, 2022b), ele recupera em forma pictórica o discurso alheio dos ex-presidentes a respeito da família, assumindo um posicionamento questionador e contrário em relação a esse discurso. Essa "edificação" a que Bolsonaro se refere é o Palácio do Planalto, onde ocorre sua fala.

Nas questões "Quem se lembra do PNDH-3? Quem se lembra do PLC 122?" (Brasil, 2022b), o discurso alheio é mobilizado ao serem citados o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), aprovado por decreto de Luiz Inácio em 2009, e o Projeto de Lei da Câmara (PLC) 122, iniciativa da Deputada Federal Iara Bernardi do Partido dos Trabalhadores (PT) em 2006, com o objetivo de criminalizar a homofobia. Novamente, temos o discurso alheio em estilo pictórico, em que as fronteiras entre o discurso autoral e o citado estão borradas, pois as siglas do programa e do projeto de lei se misturam à entonação questionadora de Bolsonaro, que, dessa forma, se posiciona de maneira contrária.

Na pergunta em sequência, "Quem se lembra de ideologias e tantas e tantas outras coisas?" (Brasil, 2022b), o então presidente se refere à "ideologia de gênero" para se opor à ideia de que gênero é uma construção social e de que não está restrito ao sexo biológico de uma pessoa.

Ao abordar a família e posicionar-se, ideologicamente, contra o Programa Nacional de Direitos Humanos, contra o Projeto de Lei 122 de criminalização da homofobia e contra o que o seu governo intitulou "ideologia de gênero", Bolsonaro mostra que acredita que a homossexualidade e a diversidade de gêneros prejudicam aquilo que ele defende ser o ideal familiar. Esse ideal defendido por ele é o de que a família deveria ser constituída por um homem e por uma mulher, heterossexuais e cisgêneros. Segundo o que ele afirma nesse trecho do discurso, a família estaria estreitamente ligada ao papel da mulher, por isso, não poderia deixar de ser mencionada nesse dia. Trata-se de um posicionamento sexista pela atitude discriminatória que define quais usos e costumes devem ser ligados à mulher.

Antes de analisar o último parágrafo do discurso, passamos, agora, à análise da linguagem verbo-visual, por meio da qual também é possível constatar a presença do discurso alheio. Vamos observar a cena do vídeo do

início do discurso, momento em que dá a perceber melhor o todo da instalação em que se realiza a cerimônia.

Figura 4. Cena inicial do pronunciamento de Bolsonaro – 1 hora 10 minutos 29 segundos



Fonte: Brasil (2022a).

Bolsonaro está diante de um púlpito segurando um microfone fixo. Atrás dele estão a bandeira nacional e a bandeira do brasão de armas. Vemos um fundo cor-de-rosa. À direita, está o logo do governo. À esquerda, ao lado das bandeiras, lemos o *slogan* usado em iniciativas direcionadas ao público feminino: “Brasil pra elas, por elas, com elas” (Brasil, 2022a). O ex-presidente usa uma gravata cor rosa claro. A maioria das mulheres que estão no palco usa uma camiseta também dessa cor com o mesmo slogan. Na plateia, há mulheres vestidas de rosa.

Essa cor recupera o discurso alheio em dois âmbitos: i. em falas anteriores a de Bolsonaro na mesma cerimônia, sendo a da então Ministra Damarens Alves “somos um governo cor-de-rosa” (Brasil, 2022a) e a da Primeira-Dama Michele Bolsonaro “em nome do presidente mais cor-de-rosa do mundo” (Brasil, 2022a), ambas as falas defendendo que o governo Bolsonaro conta com grande número de parlamentares mulheres e com políticas públicas de apoio à mulher; ii. em um vídeo viralizado no dia 3 de março de 2019, em que a então Ministra Damarens Alves diz: “É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e

menina veste rosa!" (Poder360, 2019). A fala está inserida em um contexto que defendia o combate à chamada "ideologia de gênero", termo criado pelo governo Bolsonaro para se opor à ideia de que gênero é uma construção social e não está restrito ao sexo biológico de uma pessoa.

Podemos afirmar que a escolha da cor do cenário da comemoração é ideológica, indo além daquilo que Damares e Michele defendem, de que se trataria de um "governo cor-de-rosa" por contar com parlamentares mulheres e com políticas públicas de apoio à mulher. Como vimos, a representatividade feminina no governo Bolsonaro não é tão significativa se comparada com a de demais governos. A escolha da cor rosa parece representar, na verdade, um ideal de mulher cisgênero, heterossexual, mãe, esposa, romântica, ingênua, pura, etc., atribuições sexistas que o governo Bolsonaro valoriza como ideais para a mulher ao combater a "ideologia de gênero".

Além da cor rosa, as cores verde e amarelo também compõem a verbo-visualidade por meio da bandeira nacional e do brasão da República. Essas cores recuperam um fio de discursos alheios diversos que começaram a ser veiculados a partir da campanha "Bolsonaro 2018" e que carregam a axiologia da extrema direita, disfarçada em um nacionalismo retórico. Além disso, reiteram posicionamentos axiológicos também presentes no âmbito verbal.

O encerramento do discurso traz esse elemento de uma retórica nacionalista ao relacionar a mulher ao "futuro de uma grande nação". O excerto é o seguinte:

Vocês são mais que essenciais, são indispensáveis para o futuro de uma grande nação. Obviamente, não vou falar obrigado por existirem, porque se vocês não existissem, eu não existiria, mas obrigado pelo **trabalho**, pela dedicação, pela perseverança, pela **fé** e por tudo aquilo que transmitem aos seus filhos e filhas. Mulheres do Brasil e do mundo, os nossos parabéns, e que continuem cada vez mais participando **conosco** no futuro da nossa nação. (Brasil, 2022b, grifo nosso).

Aqui, a mulher está associada ao nacionalismo, aos filhos, ao trabalho e à religião. Quanto ao nacionalismo, trata-se, na verdade de uma retórica nacionalista, que não é colocada em prática (Paula; Machado, 2020). Nesse momento final, é a primeira vez, no pronunciamento, em que o ex-presidente tem as mulheres como interlocutoras e, não, como objeto de seu discurso. Para

tanto, ele usa o pronome “vocês”. Em seguida, continua a reiterar valores da “mulher ideal” já expostos anteriormente, são eles: a mulher relacionada ao trabalho, à religião e à maternidade. Um último valor também reiterado está no pronome “conosco”, que podemos considerar “conosco [homens]”, de forma que o homem é estabelecido como central, e a mulher, como sua auxiliar, submissa.

Considerações finais

A partir dos pontos analisados na seção anterior, elaboramos o quadro a seguir, que sistematiza os resultados alcançados:

Quadro 1. Resultados

a) <i>Interlocutores</i>	Pares de governo: o discurso do ex-presidente é orientado, em grande parte, para seus pares. Os interlocutores da saudação são os militares. No desenvolvimento, são interpolados o ministro Paulo Guedes e a secretária Daniella Consentino. A interlocução com as mulheres fica em segundo plano, ocorrendo apenas no encerramento do discurso.
b) <i>Discurso alheio</i>	Estilo linear (gradação entre autoritarismo e autoridade): o discurso bíblico de 1 Coríntios 11:12 (Bíblia, 2000) é citado compondo um posicionamento autoritário sobre a mulher, que é vista como submissa ao homem. A fala da mãe de Bolsonaro em aspas e o conceito físico “V0” são citados como autoridade, mas não científica e, sim, elevando o estatuto de um tom emotivo e familiar, que deixa de lado o significado de luta feminista do 8 de março. A fala anterior de Damare Alves sobre representatividade feminina é recuperada para a autopromoção do governo. Estilo pictórico (o discurso autoral penetra no discurso alheio): o discurso educacional, ao se referir à mãe como educadora por ensinar a tabuada aos filhos em casa, nega a importância dos profissionais de pedagogia e os aspectos científico-acadêmicos em torno dessa formação. Perguntas finais questionam e se contrapõem aos direitos humanos, à criminalização da homofobia e à “ideologia de gênero”. A mulher relacionada ao “futuro de uma grande nação” é uma menção que recupera discursos da extrema direita, disfarçada em um nacionalismo.
c) <i>Heterodiscurso</i>	Gênero intercalado: a receita de bala de coco dentro do discurso presidencial em cerimônia estratifica a linguagem, trazendo a voz de um grupo social menos favorecido, que trabalha com confeitaria artesanal. No entanto, não está em pauta a luta das mulheres que exercem a confeitaria em suas casas para sustento próprio e, por vezes, da família. O objetivo central de Bolsonaro é a abordagem da história de vida de sua mãe e irmãos de forma muito individual, sem que isso se reflita no contexto político-social.

c) <i>Signos verbo-visuais que evocam o discurso alheio</i>	Cor-de-rosa: o Salão Nobre do Palácio do Planalto é transformado em espaço cor-de-rosa, o então presidente veste uma gravata de mesma cor, que está presente também nas camisetas da primeira-dama e das ministras do governo, evocando o polêmico discurso da ex-ministra Damares (2/1/2019) contra a chamada "ideologia de gênero". Verde e amarelo: as bandeiras postas no cenário recuperam a axiologia da extrema direita, defensora de um nacionalismo, na verdade, retórico.
---	---

Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados sistematizados mostram que Bolsonaro tem por interlocutores primeiros os militares e demais apoiadores de seu governo presentes na plateia e, não, as mulheres brasileiras no geral. Ele se vale do Dia da Mulher para se promover entre seus pares, dirigindo-se a eles por vocativos, criando uma imagem favorável de si ao exaltar, de forma emotiva, a memória de sua mãe e o convívio dos irmãos na infância e ao abordar a prisão de "machão agressor" como uma vitória de seu governo. A promoção do governo é considerada primária em relação à causa feminista do 8 de março, que é ignorada. Tendo em vista somente sua vivência individual, sua família, seus apoiadores, Bolsonaro parece não se importar com o fato de que seu discurso seja oficial. Ele se dispõe informalmente e traz a particularidade de sua religião, transgredindo a formalidade do gênero discurso presidencial em cerimônia e o Estado laico.

Ao fazer as escolhas dos textos que cita e ao mobilizar a verbo-visualidade cor-de-rosa e verde e amarela, o então presidente se posiciona axiologicamente em relação ao 8 de março. Esse posicionamento define valores ideais de uma única possibilidade de mulher: cisgênero, religiosa, mãe, esposa, trabalhadora, romântica, ingênua, pura e nacionalista. Esse acabamento dos valores axiológicos expressos pelas marcas linguísticas funciona como um silenciamento, como uma exclusão de outras vivências e maneiras da diversidade de ser mulher.

O discurso presidencial é público, de grande alcance e exerce influência direta sobre a população apoiadora do governo, que reproduz os valores divulgados. A língua, intrinsecamente política, evidencia as relações de poder. Adotar um discurso que representa a mulher como submissa ao homem, isto é, um discurso machista, ou mesmo um discurso que estabelece comportamentos e escolhas ideais a uma mulher é uma forma de manter os

problemas diários de desigualdade entre homens e mulheres nas empresas, nos lares, no espaço público. Esse posicionamento contribui para situações de violência de gênero e para as mortes de tantas mulheres que morrem pelo simples fato de serem mulheres.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os estudos literários hoje. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 359-366.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. 1.ed. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: 34, 2015 [1930-1936].

BEZERRA, Paulo. Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/211/1CO.11.NTLH>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, v. 08 (2), p. 43-66, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 16 dez. 2023.

BRASIL. **#AOVIVO**: Comemoração do Dia Internacional da Mulher. Brasília: TV BrasilGov, Youtube, 2022a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRZ5JDgh1hw&t=1:10:17>. Acesso em: 8 set. 2023.

BRASIL. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na cerimônia de Comemoração do Dia Internacional da Mulher**: Brasil prá [sic] elas, por elas, com elas - Brasília/DF. Brasília: Presidência da República, 2022b. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-comemoracao-do-dia-internacional-da-mulher-brasil-para-elas-por-elas-com-elas-palacio-do-planalto>. Acesso em: 8 set. 2023.

CHRISPIM, Denise. **Mulheres ocupam 12% dos cargos federais de 1º escalão**. Brasília: Poder360, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/mulheres-ocupam-12-dos-cargos-federais-de-1o-escalao/>. Acesso em: 9 jan. 2024.

ESTADO DE MINAS. **Governo Bolsonaro é condenado a pagar R\$ 5 milhões por ofensas a mulheres**. Belo Horizonte: Estado de Minas, 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/25/interna_politica.1280564/governo-bolsonaro-e-condenado-a-pagar-r-5-milhoes-por-ofensas-a-mulheres.shtml. Acesso em: 9 set. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15>. Acesso em: 01 nov. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

GRILLO, Sheila. Ensaio introdutório: Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1.ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017, p. 7 -79.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MALZONI, Claudio Vianney. Corpo (sóma) na Primeira Carta aos Coríntios. **Fronteiras - Revista de Teologia da Unicap**, v. 02 (2), p. 175-191, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25247/2595-3788.2019.v2n2.p175-191>. Acesso em: 19 dez. 2023.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **Método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. 1.ed. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora Contexto, 2019 [1928].

PAULA, Luiz Fernando de; MACHADO, Pedro Lange Netto. **Apesar de fala nacionalista de Bolsonaro, mercado segue acima de todos**. São Paulo: Folha de S. Paulo, p. 1-29. jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/01/apesar-de-fala-nacionalista-de-bolsonaro-mercado-segue-acima-de-todos.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PODER360. **Damares Alves diz que 'menino veste azul e menina veste rosa'**. Brasília: Poder360, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>. Acesso em: 18 dez. 2023.

PODER360. **"Segundo pesquisa, mulheres não votam em mim", diz Bolsonaro**. Brasília: Poder360, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/segundo-pesquisa-mulheres-nao-votam-em-mim-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1.ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017 [1929].

Anexo I – Postagem da transcrição oficial do pronunciamento de Jair Bolsonaro no site Biblioteca da Presidência da República 8/3/2022 – 10 parágrafos

[▲ Voltar para o topo](#)

Museu digital e Museu físico: uma abordagem discursiva

Leonardo Gonçalves de Lima

Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

A popularização da internet trouxe importantes mudanças ao funcionamento social, criando possibilidades de interação entre pessoas, entre instituições e entre pessoas e instituições que antes de sua invenção não estavam disponíveis. As instituições passaram a funcionar no espaço digital, alterando seus modos de presença na sociedade. Antes da internet, para emitir um documento, era necessário ir a uma repartição em horário e dia de funcionamento determinados. Com o ambiente digital, abre-se a possibilidade de iniciar o processo de emissão de um documento a qualquer hora e dia, sem a necessidade de ir à repartição. Ou seja, parte das instituições, hoje, está potencialmente presente a qualquer momento para aqueles com acesso à internet, não estando presente apenas fisicamente. Museus são exemplo dessa mudança de funcionamento. Os museus digitais possibilitaram ao visitante entrar em contato com suas obras a qualquer hora e dia, sem a necessidade de ir a uma instalação física no horário de funcionamento do museu. Nesse sentido, essas instituições tornaram-se virtuais na qualidade de presença potencial constante, assim como quaisquer outras instituições que ocupem esse espaço.

Importante destacar que os modos de presença dos museus digitais na internet são variados e não há apenas um tipo de *site* de museus digitais. Rosali Henriques (s.d.) aponta que eles podem ser divididos em três tipos: a) *sites* que cumprem apenas a função de apresentar o museu físico ao qual se vincula, com o objetivo de fornecer informações sobre exposições, horários de

funcionamento e maneiras de se adquirir ingressos (neste caso, sequer são museus) – é o caso do endereço eletrônico do Museu da Língua Portuguesa¹ –, b) *sites* que apresentam os museus físicos e suas exposições com o objetivo de fornecer informações, como no caso acima, mas também apresentam suas exposições físicas no espaço digital – é o caso do Museu Oscar Niemeyer² –; e c) *sites* que desenvolvem suas atividades predominantemente (muitas vezes, exclusivamente) no e para o ambiente digital – é o caso do portal do Museu Virtual do Turismo³. Neste trabalho, ao mencionarmos museus digitais, consideramos os dois últimos grupos, sobretudo o terceiro, pois nesses espaços objetos museológicos são apresentados.

Algo comum a todos os casos de visitas a museus, sejam eles físicos ou digitais, é que são compostos por objetos, ou *musealia*, dispostos para a contemplação ou interações dentro de determinadas regras preestabelecidas pelo museu onde a obra está exposta. O objeto museológico é diferente dos demais objetos, porque, segundo Desvallées e Mairesse (2013), “[ele] não é uma realidade em si mesmo, mas um produto, um resultado ou um correlato. Dito de outra maneira, ele designa aquilo que é colocado ou jogado (*objectum*, *Gegen-stand*) em face de um sujeito, que o trata como diferente de si, mesmo que este se tome ele mesmo como objeto” (Desvallés; Mairesse, 2013, p. 68). Entretanto, por vezes, é comum depararmos com interações que fogem às regras próprias de funcionamento da grande maioria dos museus, como as manifestações do grupo *Just Stop Oil*⁴ junto a pinturas famosas ou como a criação de objetos museológicos por parte do visitante, como ocorre no Museu da Pessoa (doravante MuPe). Neste trabalho, analisaremos essas duas situações específicas de interação entre visitantes e objetos museológicos: uma em ambiente físico – a manifestação do grupo mencionado com uma das pinturas da série “Os Girassóis” de Van Gogh –, e outra em ambiente digital – a criação da história de vida (objeto museológico) “A saga das mulheres de Jesus” no MuPe –, a fim de verificar quais são as semelhanças e as diferenças que existem entre as *musealia* a partir de uma perspectiva

¹ Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>

² Disponível em: <https://www.museuoscarniemeyer.org.br/>

³ Disponível em: <https://muvitur.eshte.pt/>

⁴ “Coalizão de grupos que lutam juntos para acabar com novas licenças, exploração, desenvolvimento e produção de combustíveis fósseis no Reino Unido” – Disponível em <https://juststopoil.org/>. Acesso em 21/12/2022.

linguística. A natureza do museu, seja ele histórico, de história natural, de ciências e técnica, etnográficos ou de arte, não será considerada para o desenvolvimento desta análise.

Os fundamentos teóricos sob os quais a análise está orientada são os da Análise do Discurso de Linha Francesa (Pêcheux, 2015), com intersecções com a geografia humana (Simandan, 2020). Este trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção 1, discutem-se os “Pressupostos Teóricos” e os conceitos que fundamentam a análise: *digital*, *distância* e *deriva*; na seção 2, descrevemos e analisamos as manifestações do *Just Stop Oil* com pinturas e a criação da história de vida “A saga das mulheres de Jesus”. Na terceira seção, são apresentadas as considerações finais deste trabalho.

1 Pressupostos teóricos

1.1 Digital ou virtual?

Pierre Lévy (2010;2011) defende que há pelo menos três acepções para a palavra “virtual”. A primeira, ligada ao campo da informática, é sinônimo de digital; a segunda, de uso corrente, é antônima de real, ou seja, define aquilo que não teria materialidade; e a terceira, empregada na filosofia e dela retirada, significa “o que pode vir a ser”, devir. A noção de virtualidade, neste artigo, além de englobar o sentido da acepção informática, é tomada, também, em sentido filosófico, pois, uma vez que o museu digital está no ambiente da internet, também está espaço-temporalmente presente de maneira virtual para aquele que acessa sua página. Não consideramos, porém, o sentido corrente da palavra (contrário de real), porque não há que se questionar a existência ou não desses museus tendo em conta apenas sua existência física: os museus digitais existem em determinado tempo e espaço, ainda que não possam ser fisicamente visitados. Neste ponto, marca-se uma distinção entre museus físicos e digitais, que se estabelece pelo regime de virtualidade quanto a sua organização ou presença espaço-temporal na sociedade, seja em termos do vir a ser, isto é, sua potencialidade de ser atualizado (sentido filosófico), seja em termos de sua presença em ambiente digital (sentido informático).

No que diz respeito ao modo de visita, a diferença espacial entre museu físico e museu digital muda a forma como se dá a relação entre o visitante e a instituição museal. O museu físico para ser visitado depende do ímpeto e do deslocamento do visitante, pois ocupa um espaço fixo e inerte. Há um distanciamento entre a instituição museal e o visitante. Deslocamento e distância são marcas da presença da instituição na sociedade em si. O visitante, nesse ímpeto de ir ao museu físico visitá-lo, é mais agente. Isso não significa que, no ato da visita, a arquitetura do museu seja passiva em relação ao olhar do visitante. Isto é, todo museu físico, devido à sua conformação arquitetônica, aos caminhos previstos no deslocamento interno, favorece certo olhar e desfavorece outros. Os museus digitais, por sua vez, estão virtualmente presentes nos dispositivos tecnológicos do visitante (*smartphones, tablets* ou computadores e seus *softwares*), dependem também da disposição do internauta em visitar sua página, e a conformação 'arquitetônica' de sua página favorece certos olhares em detrimento de outros. Contudo, diferentemente dos museus físicos, os museus digitais mostram-se potencialmente presentes onde quer que esteja o visitante, fazendo com que a distância física entre essas instituições e seus visitantes seja quase desconsiderada, bem como a distância física entre visitante e a materialidade do objeto museológico. Portanto, a virtualidade se define não só quanto ao tipo de museu, mas também quanto a como se faz a visita. Em outras palavras, o que está no vir a ser e o que está disponível à presentificação imediata pode ter sua ocorrência relacionada também ao tipo de museu, o que está ligado com o tipo de conectividade disponível em cada um. Conectividade nesse sentido diz respeito à maneira como cada visitante se relaciona com os museus. A instituição física impõe-se ao visitante determinando uma certa forma de relacionar-se com ela que é, em certa medida, comum a todos os demais visitantes, algo que se relativiza nos museus digitais, onde a conexão entre visitantes e instituição está sujeita à plasticidade específica (ligada, também em certa medida, ao acaso e à "deriva") da arquitetura virtual. Deve-se lembrar, porém, que o acaso e a deriva do ambiente virtual estão ligados ao aspecto tecnológico, pois mesmo na internet, com sua aparente liberdade – tecnológica –, há mecanismos de controle discursivo (Foucault, 2014) operando em seus textos e página, além de estar atuando sobre o acaso.

O ato de vontade marcado pelo deslocamento do indivíduo até o museu físico impõe um acordo com certo tipo de espacialidade que orienta o olhar do visitante. Diante de uma obra, outras espacialidades se projetam, contando uma história não linear de formas fixadas na própria obra. Por sua vez, a disposição para a visita de um museu digital prescinde do deslocamento espacial e depende menos do trabalho de deslocamento e mais da disposição para o jogo com certas regras de acesso e navegação digitais, jogo que se articula com o contato com uma história não linear fixada na própria obra. Embora existam tais regras de acesso e de navegação, a relação visitante-museu digital se apresenta para o internauta como supostamente livre, diferentemente da relação visitante-museu físico. Nota-se, portanto, que uma visita aos dois tipos de museu pressupõe diferentes modos de acesso, que determinam diferentes modos de relação com os próprios objetos museológicos.

1.2 Distância

Dragos Simandan (2020) mostra que o conceito de *distância* norteou a geografia a partir da revolução teórico-quantitativa pela qual passou a disciplina nas décadas de 1950 e 1960. Uma vez que a distância geográfica é passível de mensuração objetiva (centímetros, metros, quilômetros), a noção de *distância* permitiu uma aproximação, à época, com as ciências exatas, como muitas disciplinas humanas buscavam. Entretanto, recentemente, a partir de trabalhos do próprio autor, a geografia humana tem substituído a noção objetiva de *distância* por uma noção subjetiva. Essa nova perspectiva tem partido da *construal level theory*⁵, proveniente da psicologia. Como mencionado pelo autor,

Esta abordagem é inspirada na teoria do nível de construção - um programa de pesquisa empírica baseada em experimentos em psicologia que estuda como os humanos vivenciam a distância subjetivamente. Uma proposição chave desta abordagem é que o ponto de partida ou marco zero para vivenciar a distância é o eu no aqui e agora (2020, p.394).⁶

⁵ Teoria do nível de construção interpretativa.

⁶ Tradução livre de "This approach is inspired by construal level theory - an empirical, experiment-based research program in psychology that studies how humans experience distance subjectively. A key

A partir da teoria do nível de construção interpretativa, *distância* é experienciada a partir de quatro perspectivas (espacial, temporal, social e hipotética) e sua percepção não tem relação com uma medida física, mas com a forma como uma pessoa a experiencia: a *distância* é uma categoria subjetiva. As percepções partem do ponto zero da subjetividade benvenistiana (Benveniste, 2005) – o eu, aqui, agora – para determinar o quão distante algo está em relação àquilo a que é referenciado. Quanto mais distante um sujeito se percebe, espaço, tempo, social ou hipoteticamente de algo, mais distante o ‘ser’ de referência estará para ele. É do marco zero da experiência que se mede a distância de algo. Assim como é do marco zero da enunciação que se marca o tempo para Benveniste, é do marco zero da experiência que se mediria também a distância de algo. Essa constatação tem implicações na maneira como visitante e obra estabelecem relações entre si, pois, uma vez que o acesso ao museu digital está potencialmente próximo àquele que visita uma obra, faz parecer, subjetivamente, que o museu digital está mais próximo do visitante se comparado ao museu físico. Um visitante de museu digital tem na tela de seu aparelho eletrônico o objeto museológico. Ele pode aproximar a imagem, aumentar o tamanho; caso seja vídeo ou áudio, pode repeti-lo, aumentar a velocidade de reprodução; pode inclusive reproduzi-lo em seu aparelho fora da página do museu mantendo as propriedades materiais do objeto museológico. Num museu físico, a *musealia* se apresenta de maneira distinta de forma que o próprio acesso ao objeto é mais restrito. Além de estar em um espaço que, de certa maneira, “guarda” e “protege” o objeto, ainda dentro do ambiente museológico, há demarcações no chão e vidros protegendo os objetos. Pode-se, obviamente, tirar uma foto, reproduzi-la, mas não se pode reproduzir o objeto, como um objeto digital. Mesmo que haja interação com ele, ela deve ocorrer dentro do museu, protegido pelo espaço em que se encontra. Mesmo que o visitante toque uma obra museológica num museu físico, ela ainda está mais distante do visitante do que uma obra de museu digital. Essa distância, em última instância, não significa uma proteção à materialidade física do objeto, ou seja, a seu significante, mas uma proteção ao

proposition of this approach is that the starting point or ground zero for experiencing distance is the self in the here and now. (2020, p. 394).

que ele representa, ao seu significado. Quanto mais *distante* o significado de uma obra estiver, mais proteções, no espaço, haverá para guardá-la.

1.3 Deriva

Michel Pêcheux (2015) faz inicialmente uma reflexão sobre o fato de o discurso ser analisado enquanto estrutura ou acontecimento e entrecruza três caminhos para desenvolver a questão: a) analisar o discurso como acontecimento; b) analisá-lo como estrutura; e c) relacionar descrição e interpretação. Na primeira parte, o autor analisa o enunciado “*on a gagné*” enquanto acontecimento discursivo largamente reproduzido na ocasião das eleições presidenciais da França de 1981. Apesar de ser reproduzido pelos partidários de François Mitterrand após a vitória do presidente, o enunciado não significava a mesma coisa para todos que o proferiam, pois os eleitores de Mitterrand não compunham um grupo homogêneo, de maneira que cada grupo, mesmo dentro de seu eleitorado, o interpretava à sua maneira. O enunciado não circulava apenas na esfera política, entre os diferentes grupos de eleitores de Mitterrand, como também pertencia à esfera esportiva. Sua forma possibilitava, e possibilita, ainda, que esse enunciado circulasse em outras esferas, derivando seu sentido de um discurso a outro, fazendo com que sua forma ganhasse as possibilidades de significações e se estendessem de um discurso a outro. Sendo assim, a forma “*On a gagné*” é passível de ser deslocada de um discurso a outro, permitindo diferentes significações e, conseqüentemente, diferentes interpretações. Segundo o autor, o que permite esse fenômeno de múltipla interpretação de um enunciado é a opacidade da língua, responsável por fazer com que um determinado enunciado possa ter seu sentido deslocado de um discurso a outro.

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de derivas possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso (Pêcheux, 2015, p. 53).

Na visão do autor, o trabalho interpretativo define o trabalho do analista do discurso, pois é na possibilidade de distintas significações que um enunciado ganha sentido. Destacamos a noção de *deriva*, tal como apresentada, pois ela é caracterizada por ser uma propriedade da linguagem, em que o sentido de um enunciado se desloca de um campo discursivo a outro. São as posições variáveis que os enunciados ocupam no espaço e no tempo que permitem a deriva de uma formação discursiva a outra.

Nesse sentido, obras museológicas, enquanto enunciados, derivam de um sentido a outro e podem ser interpretadas de maneiras distintas a depender do grupo que a interprete, da formação discursiva a qual se subordine.

1.4 Interações com obras em museus físicos e digitais

De maneira geral, nos museus físicos, os visitantes têm duas maneiras de interagir com os objetos museológicos: uma de ordem objetiva (restrita a alguns tipos de obras museológicas) e outra de ordem subjetiva (que ocorre com todas as obras museológicas, sem exceção, seja ela de museu físico ou digital). No primeiro caso, visitante e obra influenciam-se mutuamente, pois, na medida em que o visitante interage com a obra, ela sofre alguma variação de sua forma (permitida dentro de regras próprias de funcionamento da exposição em si). Tem-se como exemplo a instalação “Beco das palavras” do Museu da Língua Portuguesa, que fica numa sala escura onde há uma mesa disposta ao centro e, no teto, há um projetor exibindo palavras que ficam em movimento sobre a mesa. O visitante, ao interromper a projeção com sua mão, pode selecionar uma das palavras. Uma vez selecionada, sua etimologia e significado são reproduzidos através das caixas de som do ambiente. Esse tipo de interação é o que tem dado aos museus a alcunha de ‘interativos’, pois os objetos museológicos não ficam estáticos em relação ao visitante. Para esses objetos, não basta a observação apenas, sendo necessária a ‘interação’ para que concretize sua finalidade.

Figura 1. Foto da sala Beco das Palavras



Fonte: Museu da Língua Portuguesa. Disponível em:

<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/teste/ambientes/483-2/mlp-expoprincipal-2oandar-7aimg/>. Acesso nov.2023

O segundo caso de interação nos museus físicos (que não ocorre apenas neles, mas em todo e qualquer caso de interação com obras museológicas, sejam físicas ou digitais, interativas ou não interativas) ocorre na subjetividade dos sujeitos e não é excludente em relação ao primeiro tipo de interação. Mesmo que uma obra seja estática, uma pintura, por exemplo, ela interage subjetivamente com o visitante, porque uma obra museológica é um objeto de linguagem, um signo. Antes de Desvallées e Mairesse terem definido a natureza do objeto museológico, Pomian (1984b) tinha analisado a constituição desse tipo de objeto, porque, uma vez que eles não têm utilidade, são objetos que evocam/representam o invisível. Os objetos museológicos são nomeados pelo autor de *semióforos* (do grego, *semio* – sinal, signo, marca – e *phoro* – portador, aquele que leva). Objetos museológicos ou *semióforos* são

objetos que não têm *utilidade*, no sentido que acaba de ser precisado [que podem ser consumidos ou servidos para obter bens de subsistência, ou transformar matérias brutas de modo a torná-las consumíveis, ou ainda proteger contra as variações do ambiente], mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura. A atividade produtiva revela-se, portanto, orientada em dois sentidos diferentes: para o visível, por um lado; para o invisível, por outro; para a maximização da utilidade ou para a do significado. As duas orientações, embora possam coexistir em certos casos privilegiados, são, todavia, opostas na maior parte das vezes (Pomian, 1984b, p. 71).

Tal fato tem implicações, das quais mencionaremos duas: a) uma vez que é signo, ou seja, dado de linguagem, o objeto museológico pressupõe o outro e depende dele (o visitante) para que seja interpretado; b) decorrente da primeira implicação, os objetos museológicos não são unívocos, porque as pessoas não têm o mesmo horizonte de leitura. Pomian não explicita a quais invisíveis uma obra museológica pode evocar, mas considerando que está no campo do sentido do signo, sabemos que se caracteriza por ser vasto de significação, o que o torna opaco. A depender da posição [sujeito] que o visitante ocupe, diversas camadas de significação estão presentes no significante quando ele observa um objeto exposto. A curadoria de um museu atribui sentido(s) a uma obra quando a expõe, entretanto, a interpretação não está no receptor unicamente, ou na obra, mas na relação entre os dois. É, pois, a partir do horizonte de leitura do visitante e de sua relação com uma obra dentro dos controles discursivos aos quais ela e o visitante estão submetidos, que o sentido da *musealia* é construído. Nas visitas feitas anualmente ao Museu do Louvre, milhões de pessoas visitam a Mona Lisa, ou seja, interagem com seu significante; todavia, elas não compartilham a mesma interpretação, como o enunciado *on a gagne*, mencionado por Pêcheux, em que o significante único, mas não o significado. Uma visita à Mona Lisa pode representar o contato com o gênio de Leonardo da Vinci, o contato com um expoente do *sfumato* ou com um grande momento histórico do ocidente – a Renascença; mas pode significar também uma viagem a Paris, a ostentação de estar num dos mais famosos pontos turísticos do mundo ou a ostentação de uma determinada ‘cultura’ que o visitante tem, entre outras significações. Assim, vê-se que a interação é pressuposta em qualquer objeto museológico, independentemente do fato de ter alguma interação física ou não.

Figura 2. Visitantes fazem fila para admirar a Mona Lisa



Fonte: Forbes. Disponível em <https://forbes.com.br/forbeslife/2020/12/louvre-faz-leilao-de-experiencia-que-permite-admirar-mona-lisa-de-perto/>. Acesso nov.2023

Nos museus digitais, entretanto, a interação é subsumida pela ideia de interatividade, esta vista como uma propriedade geral das ações feitas por meio de dispositivos de acesso ao mundo digital, eles mesmos caracterizados como possibilitadores dessa interação. O dicionário Aulete, na acepção de interatividade, apresenta como significados "1. Condição ou característica do que é interativo. 2. Comun. Inf. Capacidade que tem um sistema ou equipamento de permitir interação". Entretanto, não se considera que a interação é propriedade da linguagem e não dos objetos digitais. Em síntese, toda e qualquer obra museológica compartilha uma característica em comum: é interativa, pois pressupõe o visitante que lhe atribua significado. Deve-se considerar que distintas camadas de significação incorporam elementos únicos a cada obra. É, portanto, com essas informações que analisaremos os dois casos particulares de interação entre 'visitantes' e objetos museológicos: a manifestação do grupo *Just Stop Oil* junto de uma das pinturas "Girassóis" de Van Gogh e a criação da história de vida "A saga das Mulheres de Jesus" no MuPe.

2 Girassóis de Van Gogh e o Museu da Pessoa: formas disruptivas de olhar

2.1 Just Stop Oil e “Girassóis” de Van Gogh

Em 14 de outubro de 2022, duas jovens membros do grupo *Just Stop Oil*⁷, em manifestação contra decisões do Reino Unido quanto ao desenvolvimento de novos projetos de exploração de petróleo e gás, jogaram molho de tomate na moldura de uma pintura da série *Girassóis de Van Gogh*, a pintura de 1888, exposta na Galeria Nacional de Londres. A pintura estava protegida por um vidro e por isso apenas parte de sua moldura foi danificada. O fato foi largamente noticiado na mídia mundial, porque configurou, na visão de muitos críticos à atitude, um “ataque” contra um patrimônio cultural: uma das mais importantes pinturas de um dos mais famosos pintores do mundo. Atrelado a isso, há ainda o grande valor comercial e simbólico que a pintura tem. Longe de fazermos uma análise acerca da qualidade artística ou do valor monetário da pintura, o fato inovador da *performance* das manifestantes é o que chama a atenção, pois violaram regras jurídicas – e museológicas – ao “atentarem contra a pintura”. Essa não foi a única manifestação do grupo contra pinturas. Em novembro de 2023, dois membros do mesmo grupo golpearam com martelos o vidro de proteção da pintura “Vênus ao espelho” de Diego Velázquez. Embora todas as intervenções do *Just Stop Oil* sejam feitas de forma que não houvesse dano a nenhuma das pinturas, em todos os casos, os manifestantes responderam pelo crime de dano ao patrimônio cultural.

No evento de 2022, as manifestantes colaram suas mãos na parede, de forma que pudessem ficar o maior tempo possível no local da ação. Depois disso, pronunciaram o seguinte discurso

O que vale mais, a arte ou a vida? Vale mais que comida? Mais do que justiça? Vocês estão mais preocupados com a proteção de uma pintura ou com a proteção do nosso planeta e das pessoas? A crise do custo de vida faz parte do custo da crise do petróleo; o combustível é inacessível para milhões de famílias com frio e fome. Eles não têm dinheiro nem para aquecer uma lata de sopa.⁸

⁷ “Grupo de resistência civil não violento que exige que o governo do Reino Unido pare de licenciar todos os novos projetos de petróleo, gás e carvão.”, disponível em < <https://juststopoil.org/>>.

⁸ Tradução de “What is worth more, art or life? Is it worth more than food? More than justice? Are you more concerned about the protection of a painting or the protection of our planet and people? The cost-of-

A maneira como as duas manifestantes interagiram com as obras museológicas instauraram significações que até então não eram esperadas dentro das regras de visitação de um museu, primeiramente, porque as pinturas são dispostas nos museus e galerias para que haja fruição estético-visual e não interação objetiva entre elas e visitante, diferentemente da forma como ocorreu; em segundo lugar, porque não se espera um ataque direto a uma obra museológica; e, por fim, e em terceiro lugar, porque, uma vez que a obra museológica é signo, as manifestantes, ao criarem um enunciado que replicou ao enunciado da pintura, estabeleceram uma nova significação para aquele lugar.

A *performance* foi gravada e publicada para não ficar restrita ao espaço do museu, fazendo sua mensagem se propagar. Elas estavam usurpando a posição de enunciado da pintura, silenciando-a, em certa medida, mas também silenciando o discurso daqueles que a valorizam. O diálogo que a galeria tentava construir entre visitante e obra foi substituído por um outro que as manifestantes atribuíram, se não a *musealia*, pelo menos àquele espaço. Por mais que a pintura estivesse fisicamente próxima dos corpos das visitantes, elas, com suas ações, afastaram seu significado, de maneira subjetiva, hipotética e social.

A interposição do enunciado foi marcada inclusive pelos corpos das manifestantes, pois literalmente colaram seus corpos à parede como resistência à tentativa de manutenção da normalidade do discurso da pintura, para que, enquanto não saíssem de lá, o enunciado da pintura fosse silenciado (Orlandi, 2007). A fala reforça aquilo que se estava fazendo. As interrogações direcionadas àqueles que ali estavam – e aos possíveis espectadores da gravação da *performance* –, o pronome direcionado aos interlocutores (vocês), a fala opondo o que é valioso – proteção da vida, segurança alimentar, bem-estar do planeta e das pessoas – e o que não é – a arte, crise no custo de vida ou emprego de combustível fóssil – e a oposição entre aqueles ‘beneficiados’ que visitam museus e aqueles que sequer têm dinheiro para aquecer uma lata de sopa reforçam, nominalmente, o embate entre as duas significações atribuídas àquele espaço. Eis a emergência da *deriva* dentro daquele espaço

living crisis is part of the cost of oil crisis, fuel is unaffordable to millions of cold, hungry families. They can't even afford to heat a tin of soup."

museológico. A mesma forma do enunciado, a pintura, ou pelo menos sua posição dentro do museu, foram ressignificadas pela ação das manifestantes.

Figura 3. Activists throw tomato soup on Van Gogh's Sunflowers at National Gallery



Fonte: The Guardian. Vídeo disponível em <https://www.theguardian.com/environment/2022/oct/14/just-stop-oil-activists-throw-soup-at-van-goghs-sunflowers>.

2.2 Museu da Pessoa e “A saga das mulheres de Jesus”

O Museu da Pessoa⁹ é um museu digital que coleta histórias de vida e as disponibiliza como objeto museológico em formato de vídeo ou texto. As histórias de vida são coletadas pela equipe do museu ou são fornecidas pelo visitante em seu portal. O internauta pode montar coleções, o que lhe possibilita ser visitante, objeto museológico e curador. Toda história de vida é composta por título, autor, personagem, palavras-chave e a história propriamente dita apresentada nos formatos mencionados.

A história a ser analisada é “A Saga das Mulheres de Jesus”¹⁰, que é estruturada da seguinte maneira: o autor é “Irineia Diolinda de Jesus”; o personagem aparece como “anônimo”, contudo, como a autoria e o corpo da história fazem referência à Irineia, é possível inferi-la como personagem; as palavras-chave são “mulheres” e “resistência”. É mencionado que a história foi

⁹ Disponível em: <https://museudapessoa.org/>

¹⁰ Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-detalle/?id=48192>

publicada diretamente pelo autor sem que a equipe do museu tivesse revisado. Não é informada sua data de publicação, mas como a Irineia menciona que estava com 66 anos quando fez o relato, e sua data de nascimento é 02 de abril de 1953 – considerando que as informações do relato são autênticas –, pode-se inferir que foi publicada entre 2019 e 2020.

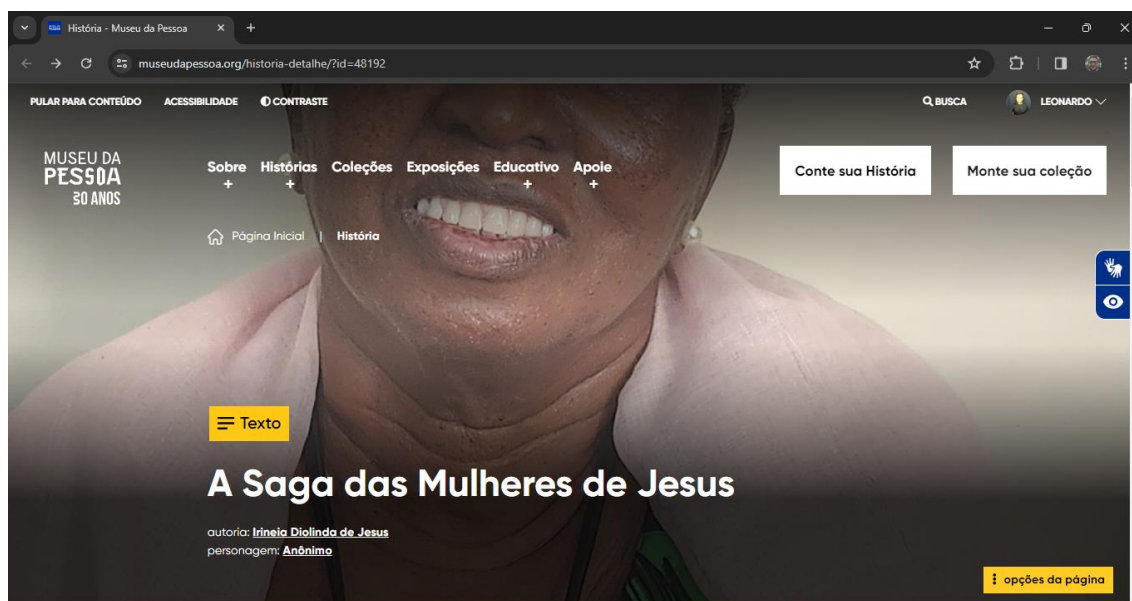
A história é narrada em primeira pessoa e conta que Irineia nasceu em Juiz de Fora, em 02 de abril de 1953; seu pai abandonou sua mãe quando ela tinha menos de um ano de idade. Ela teve uma infância difícil, pois não tinha lugar fixo onde morar. Quando criança, sua mãe encontrou sua avó (pois aparentemente não viviam juntas e tinham perdido contato) e passaram a morar juntas. Na adolescência, com 16 anos engravidou, passou dificuldades, sofreu tentativas de abuso e teve que mendigar para sobreviver. Sua mãe foi internada em hospital psiquiátrico, sob alegação de estar com deficiência intelectual. Quando fez 18 anos, foi morar na casa de um rapaz que conheceu. A partir de então, começou a estudar e trabalhar. Foi contemplada com uma casa num programa de moradia popular, então pôde levar sua mãe para morar consigo. Em 1988, fundou a Associação Ama Mulheres, pois, em momento anterior, recorreu a um pedido de assistência na associação de moradores do bairro onde morava, mas o pedido foi negado em decorrência do racismo e misoginia daqueles que concediam o auxílio. Foi então que se reuniu com outras mulheres que tiveram seus pedidos recusados e fundaram a instituição. Irineia ocupou cargos administrativos na associação. No fim de seu relato, ela explica a importância do papel que cumpre e qual o seu objetivo com os cargos que ocupou:

Ampliar conhecimentos sobre a realidade social, política, econômica e cultural do Brasil, é importante para continuar na luta de pensar e entender o contraditório da realidade que nos cerca, e continuar ajudando a mostrar o caminho aos jovens, mulheres e homens das comunidades de periferia notadamente com uma população negra.

Ela afirma que compreende a dificuldade das mães solteiras e por isso começou uma graduação aos 54 anos para que o ciclo de dificuldades pelo qual passou não fosse perpetuado em sua família. Também relata que pretende fazer pós-graduação para que os conhecimentos conquistados possam auxiliá-la na atuação junto à comunidade e na formação de cidadãos e cidadãs negras. A história é finalizada com uma avaliação de toda sua trajetória

e de sua família, em que ela reflete sobre como a sociedade é perversa e exclui o povo negro, que tanto trabalhou no Brasil, mas que segue sendo marginalizado. A última frase do relato é “Sigamos, uma por todas, todas por uma”.

Figura 4. A saga das mulheres de Jesus



Fonte: Museu da Pessoa. Disponível em <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/a-saga-das-mulheres-de-jesus/>. Acesso em jan. 2024

Essa história é exemplar do modelo de objetos museológicos criados por internautas. Apesar de semelhante na forma às demais, o que a torna única é o conteúdo que preenche cada uma dessas estruturas, pois conta a história específica de Irineia Diolinda de Jesus.

Cabe mencionar o caráter inovador do MuPe. Seu acervo tem aproximadamente 20 mil histórias de vida e mais de 60 mil fotos e documentos, que não se compara a grandes museus, porém, as possibilidades de criação nesse caso são quase infinitas. Esse processo de criação de objetos museológicos por parte do visitante também instaura significações que até então não são comumente esperadas nas interações com um museu, em primeiro lugar porque se espera que a curadoria do museu crie seus objetos e não que o visitante os construa. Ou seja, o visitante é participante na produção do museu, o que torna seu espaço um reflexo daquilo que ele projeta de si e, consequentemente, da própria sociedade. Quando se visita um museu, os curadores mobilizam objetos para transmitir uma determinada mensagem, mas

quando um museu permite que o visitante construa *musealia*, como o MuPe, está convidando o internauta a refletir o que vem a ser ele próprio, que conta sua história dentro daquele espaço, porque ele é a pessoa do MuPe.

Essa característica marcante do MuPe guarda relação com as noções de *distância* e de *deriva*. Em função da *distância* subjetivamente percebida em relação aos objetos museológicos a que o visitante tem acesso, esse dado de interação consiste no fato de que ele pode sentir-se apto a apresentar ao museu, por exemplo, a sua própria história de vida, gesto produzido no encontro dos três polos fundamentais da enunciação: o enunciador (a pessoa que teve, por exemplo, sua história de vida referendada pelo Museu); o enunciatário (o visitante) e o objeto de discurso (a história de vida contada pelo locutor). Uma vez concretizado esse encontro virtual, o visitante pode querer propor ele próprio o seu objeto museológico, contando, por exemplo, a sua história de vida. Caso sua história seja referendada pelo Museu, fica novamente aberta a possibilidade de encontro com um novo visitante, antigo papel do agora enunciador a construir a sua história de vida como objeto de discurso. Desse modo, o acesso a objetos museológicos que dialogam com a vida dos visitantes virtuais, não raro produz, nestes últimos, o desejo de propor outros projetos de objetos museológicos, desejo que não deixa de ter ligação com o poder de tomar o discurso por sua própria conta para relatar uma história assumida como sendo genuinamente sua. É a distância imaginada que produz sua ação reativa. Neste aspecto, tanto os dados do que foi interpretado como partilhados quanto os dados de diferença testemunhados na leitura dos objetos museológicos a que teve acesso contribuem para o novo enunciador se colocar no contrapasso entre o discurso que o capturou e outros que podem surgir no desenvolvimento de sua história de vida. Eis o ponto de emergência da deriva.

2.3 Da *distância* e da *deriva* em histórias de vida num museu digital: dois movimentos do Museu da Pessoa

Como ponto de partida naquilo que diz respeito ao Museu da Pessoa, vê-se que ele é virtual em dois sentidos: tecnológico – pois é digital – e filosófico, por dois motivos: pela possibilidade – sempre virtual – de realização do

encontro de um objeto museológico (uma história de vida) com um visitante, em que o enunciador ganha a posição de pessoa que se torna *musealia*; e pela virtualidade no fato de o visitante poder tornar-se enunciador, sendo objeto museológico potencial. Ou seja, o MuPe é um museu digital com objetos museológicos dentro e fora de sua configuração institucional. No caso dos museus físicos, a virtualidade da visita pressupõe o deslocamento no espaço físico e, portanto, o museu físico se mostra muito mais distante nesse sentido.

Na história “A saga das mulheres de Jesus”, os dois movimentos são percebidos. O museu estava potencialmente presente para a visitante autora da história, de maneira que, de seu dispositivo eletrônico, acessou o museu. Além disso, estava potencialmente presente a possibilidade de a história da visitante tornar-se objeto museológico, de maneira que a visitante contou sua história.

2.3.1 O MuPe e a *distância* espaço-temporal no texto de uma história de vida

Na história mencionada, as instâncias de enunciação, especificamente, espaciais e temporais são pelo menos quatro: a) a instância própria da história narrada, que nesse caso correspondem as categorias de *tempo* e *espaço* de uma narração; b) a instância do presente do relato, ou seja, do momento da concepção da história; c) a instância do presente do museu, um presente que se perpetua no tempo, numa continuidade própria de sua existência, da virtualidade; e d) a instância da recepção da história, ou seja, o presente do contato do visitante com o objeto museológico. Uma vez que partimos do conceito de *distância*, é a partir de marcas linguísticas dessa categoria na história de vida do MuPe que ressaltaremos como elas aparecem destacando a posição da autora em relação a cada instância.

A história se inicia com a frase “Nasci em Minas Gerais, na cidade de Juiz de Fora, no dia 02 de abril de 1953, numa quinta-feira, iniciando assim a saga da minha vida”. Há advérbios e locuções adverbiais que marcam a espacialidade própria da história. “Em Minas Gerais” e “na cidade de Juiz de Fora”, marcam os locais de nascimento da autora; “no dia 02 de abril de 1953” há marcação temporal do período narrado na história. Há outros exemplos que ilustram características semelhantes, como “para o Rio de Janeiro”, local em

que passa sua infância. Mas há outras marcas espaciais que, além de apresentarem o espaço-tempo da história, marcam também o presente espaço-temporal do momento do relato. As conjugações de pretérito perfeito nos verbos são exemplares desse caso, como ocorre no verbo “nasci”, com o qual a história se inicia, pois para que seja possível narrar o passado, a temporalidade presente é condição fundante. Só existe passado porque há presente. Outra marca desse duplo movimento passado-presente é demonstrada no enunciado, também do primeiro parágrafo, “sem ter como sobreviver a mesma veio para o Rio de Janeiro”. O verbo “vir” também conjugado no pretérito perfeito denota deslocamento no espaço e, uma vez que denota direcionalidade de algo em direção àquele que enuncia, evidencia o espaço em que o enunciado da narração, o ato de contar a história, acontece.

Quando fala sobre o trabalho social de seu bairro, Irineia relata

comecei na liderança comunitária em 1988, data da fundação da Ama Mulheres, tal atitude se deu, por conta da minha demissão na Casa da Moeda do Brasil, com três filhos pequenos, mãe com esquizofrenia, aguardando nova colocação no mercado, procurei a Associação de Moradores para solicitar ticket de leite, o que foi negado, a justificativa pela dada pelo então presidente foi, “suas filhas, andam limpinhas” não precisam de leite, como se criança negra, tem que ser suja (sic).

No plano da história, a narração se dá de maneira cronológica, entretanto, no trecho “como se criança negra, tem que ser suja” há uma digressão que interrompe o fluxo da narração e marca um diálogo entre quem conta o relato e aquele que lê – o receptor –, o visitante do museu. Essa é também uma marca do entrecruzamento de diferentes temporalidades e espacialidades nesse objeto museológico. Esse mesmo exemplo de digressão é visualizado no trecho

Importante ressaltar que saímos fortalecida dessa luta, pois crianças e adultos negros não necessitam ser pobres e sujos por serem negros, nossos ancestrais eram “reis e rainhas”, ricos em abundância, porém foram sequestrados e escravizados. Por conseguinte, nós afrodescendentes, nunca permitiremos, sermos tratados como coisa estranha, lugar de negra/o, é onde ele quiser estar, e com todos os direitos assegurados, não as inequidades. Meu objetivo é ampliar conhecimentos sobre a realidade social, política, econômica e cultural do Brasil, é importante para continuar na luta de pensar e entender o contraditório da realidade que nos cerca, e continuar ajudando a mostrar o caminho aos jovens, mulheres e homens das comunidades de periferia notadamente com uma população negra. (sic)

Ao dizer que não “permitiram serem tratados como coisa estranha”, seu enunciado projeta um futuro que não é o da história narrada, mas o futuro do tempo do visitante, que se intersecciona com o futuro do presente do relato produzido.

Por fim, como exemplo da instância espaço-temporal do presente própria do museu, há a frase com a qual a autora conclui seu relato: “Sigamos, uma por todas, todas por uma (sic)”. Esse “enunciado destacável”¹¹ (MAINGUENEAU, 2014) evidencia que o presente do enunciado não é próprio de nenhum tempo específico, mas do presente do museu. É uma forma de passar algum ensinamento, de marcar a importância daquela história dentro do museu, recorrendo a uma frase que pode ser aplicada a todo e qualquer visitante. O entrecruzamento entre as diferentes instâncias enunciativas naquilo que diz respeito à “pessoa” do museu permite que o visitante tome para si o papel da criação de uma história de vida em diálogo com outras que compõem o MuPe.

Considerações finais

Os museus digitais têm possibilitado novas formas de interação com objetos museológicos que mudam o estatuto da distância dos museus e das obras museológicas em relação aos visitantes. A distância mensurada entre museus e visitantes não diz respeito unicamente à distância física, mas ao ponto zero da enunciação benvenistiana, evidencia que a experiência da distância é uma experiência de linguagem.

Sobre os museus digitais, eles são virtuais na qualidade de estarem potencialmente presente a todos. Ao MuPe, particularmente, soma-se a virtualidade de o visitante poder tornar-se objeto museológico, o que lhe confere uma posição privilegiada na qualidade de objeto de investigação a fim de identificar como “pessoas” veem a si mesmas enquanto objetos museológicos, bem como o museu as concebe, sua existência é um espaço para essa concepção.

¹¹ A destacabilidade “trata-se de enunciados que se dão como autônomos, de um ponto de vista textual (não há nenhuma necessidade de considerar o que precede e o que segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo (são generalizações)” (Maingueneau, 2014, p. 14).

Apesar da mudança no estatuto da distância de uma obra museológica, ela ainda remete ao invisível, àquilo que não está presente, seja digital ou físico, uma vez que é enunciado. Dessa forma, enquanto enunciado, é passível de ampla interpretação: pode ter forma fixa, mas seu sentido, passível de interpretação, deriva de um discurso a outro. É na distância entre essas significações que espaços de disputas são criados, como é o caso das ações do grupo *Just Stop Oil* em relação às obras museológicas.

Por fim, obras museológicas interseccionam diferentes instâncias de enunciação em uma única forma enunciativa.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I** (tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão Isaac Nicolau Salum). 5ª ed. Campinas: Pontes Editoras, 2005.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de museologia** (tradução e comentários Bruno Brulon e Marília Xavier Cury). São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: 28 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** (trad. Carlos Irineu da Costa). 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** (trad. Paulo Neves). 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

HENRIQUES, Rosali. **Museus Virtuais e Cibermuseus: a internet e os museus**. Disponível em <<https://globalherit.hypotheses.org/museu-afrodigital-estacao-portugal/museus-virtuais-e-cibermuseus-a-internet-e-os-museus>> acesso em novembro de 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto** (tradução Sírio Possenti et alii). São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento** (trad. Eni P. Orlandi). 7ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

POMIAN, Krzysztof. "Coleção" in **Enciclopédia Einaudi**: volume 1 – Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

SIMANDAN, Dragos. **Distance**. In: International Encyclopedia of Human Geography, 2 ed., volume 3, 2020. p. 393-397. DOI: <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-102295-5.10723-1>.

Semiótica e big data: o valor da 'textualização' na lógica capitalista da cultura dataficação

Letícia Moraes

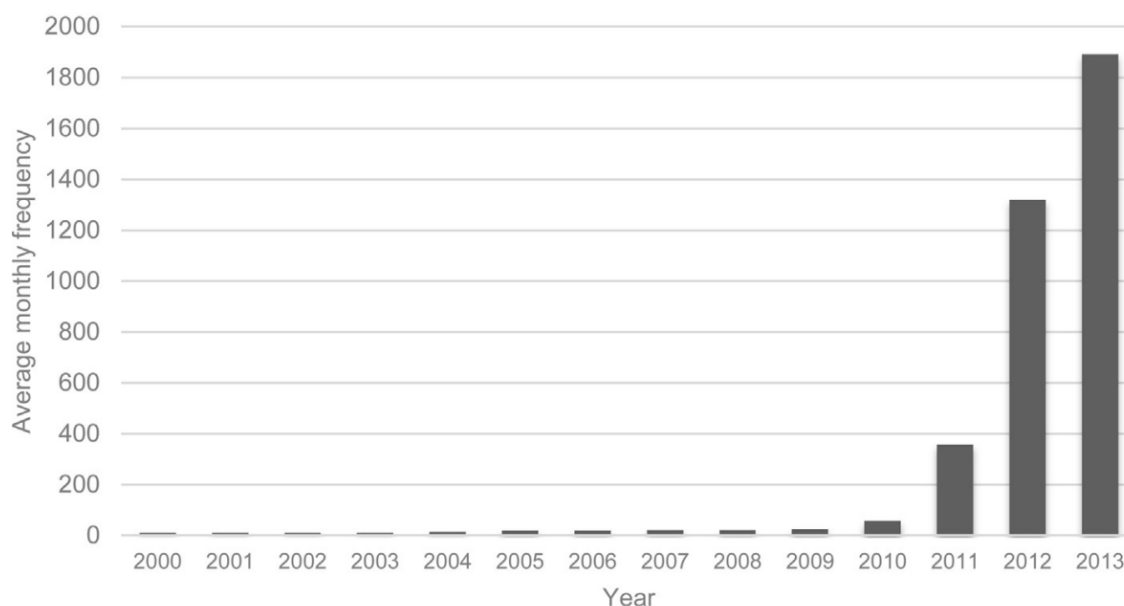
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Introdução

O termo *big data* tem cada vez mais se tornado popular, frequentemente encontramos-lo sendo usado em textos jornalísticos e até mesmo em rodas de conversas entre amigos; engana-se, no entanto, quem pensa tratar-se de um neologismo, pois seu emprego para referir-se a uma grande e complexa coleção de dados remonta ao século XX. É difícil, no entanto, precisar quem foi o primeiro a cunhá-lo, o economista Francis Diebold (2012, p.3), ao estudar sua origem, atribui o uso, em meados dos anos 1990, à *Silicon Graphics Inc.* e a John Mashey e aponta que a expressão se popularizou somente após 2011, tendo como mola propulsora a ascendência das ações da IBM (*International Business Machines Corporation*)¹ e de outras companhias de tecnologia, cujo principal (ou um dos principais) foco é a análise de dados. Vale ressaltar que a estreita relação entre o *big data* e o capital não é gratuita, como será visto ao longo da discussão.

No gráfico a seguir (ver Figura 1), é possível cotejar a sua popularização em documentos coletados na *ProQuest Research Library*, entre os anos de 2000 e 2013; comparado aos anos de 2009 e 2010, percebe-se um grande aumento na quantidade de vezes em que a expressão foi utilizada em 2011. Observe que o salto se repete nos anos seguintes, isso é, em 2012 e em 2013.

¹ A IBM é uma empresa de tecnologia dos Estados Unidos ativa desde o século XIX, atualmente está presente em mais de 175 países e é considerada a maior empresa de TI (tecnologia de informação) no mundo.

Figura 1. O uso do termo "big data" na *ProQuest Research Library*.

Fonte: Gadomi e Haider (2015, p. 139).

Embora o gráfico acima mensure somente os primeiros anos do uso da expressão, foi na década seguinte que ela ganhou ainda mais popularidade, ao fazer parte das discussões acadêmicas, das notícias televisas, de temas de documentários, dentre outras práticas que permeiam o cotidiano das pessoas. A frequência de seu uso acompanhou a gradativa popularidade da inteligência artificial (doravante IA)² no século XXI; sabe-se, por exemplo, que muitas empresas das áreas de informática e tecnologia que apostaram na extração e na produção de dados ganharam repercussão e grandes aportes de investimento.

Diante do cenário exposto, nossa investigação tem como principal objetivo compreender como o *big data* pode ser semioticamente explicado e de que maneira o fenômeno da textualização tornou-se central para a sua existência. Do ponto de vista do quadro teórico que embasa a discussão, é a semiótica discursiva, isso é, da *Escola de Paris*, erigida por Algirdas Julien Greimas (1966; 2008[1979]), a partir dos anos 1960, que traz a base necessária para a compreensão das grandes coleções de conjuntos de dados como resultantes do fenômeno da textualização.

² A IA pode ser entendida como o uso de tecnologias para a resolução de problemas e tomadas de decisões com pretensões de simular o raciocínio humano.

O trabalho é dividido em três principais partes: na primeira, discorreremos sobre o *big data*, contextualizando-o dentro do quadro teórico da semiótica discursiva; em seguida, trazemos o conceito de "textualização" da semiótica com o objetivo de cotejar os meandros responsáveis pela geração das grandes coleções de dados na cultura dataficada; e, por fim, ainda que brevemente, realizamos uma discussão sobre como o acúmulo dessas coleções transformou-se em uma espécie de capital desejável para a sustentação do poder e das formas de manipulação simbólica.

1 Em torno do *big data*

Apesar da popularidade da expressão nos tempos atuais, o termo *data* existe desde os gregos, com significado que remete a algo "dado, um presente". De acordo com a sua etimologia, o dado (*data*) provém do adjetivo latino *datus-a-um* e significa "aquilo que foi entregue, presenteado" (Santos Saraiva, 2006). Em sua forma verbal, o *dare*, cujo sentido é "dar ou presentear", mantém uma relação de antonímia com o verbo *capere*, cuja acepção é "tomar ou receber"; se considerarmos, de maneira literal, a definição etimológica, um dado é algo que foi oferecido por alguém como um presente; ora, sabe-se que se uma pessoa doa algo, outra está apta para recebê-lo e, do ponto de vista de quem recebe o presente, a ação tem um sentido maior de passividade.

Recuperamos o passado etimológico porque a expressão *big data* beneficia-se dele; durante muito tempo, havia uma crença de que os dados já estavam prontos no mundo digital para serem recebidos de maneira passiva por alguém ou, melhor, por alguma empresa. Nos primeiros anos das redes sociais, acreditava-se que as empresas (em especial, as mídias digitais, como o "Facebook") apenas recebiam dados pessoais de seus usuários e esses eram fornecidos, como um presente, pelo serviço "gratuito" prestado.

Alguns anos depois, o termo "minerar" popularizou-se, junto com a expressão *data mining*, tornando mais evidente que, embora os dados possam ser produzidos pelos usuários, eles não são, em muitas situações, disponibilizados pelas pessoas de maneira consciente. Ao contrário, os dados mais valiosos - do ponto de vista do capital - precisam ser minerados - ação que envolve dois grandes processos que antecedem a análise do material: (i) a

extração de informações em uma grande fonte de dados e (ii) a limpeza do arquivo, retirando tudo aquilo que é considerado impureza (ou seja, o que não se considera útil para os fins desejados)³. Somente após concluída a etapa de triagem é que os analistas estão aptos a colocarem todos os elementos em relação para que os padrões almejados possam ser construídos ou encontrados.

Diante da repercussão dessa informação, não demorou para que a prática do uso e da venda dos dados de usuários de mídias digitais se tornasse assunto comum em manchetes jornalísticas (também em filmes, documentários e outras produções midiáticas de grande alcance); inúmeros casos de empresas que mineravam e vendiam as bases de dados de seus usuários, muitas vezes sem que os mesmos tivessem consciência, foram expostos. Nesse ponto da discussão, vale retomarmos à discussão etimológica do termo ("data"): ironicamente o *big data*, do ponto de vista das práticas que envolvem sua produção, extração e armazenamento, está mais próximo, metaforicamente, da acepção de "tomar" do verbo *capere* do que do sentido empregado no verbo *dare*.

Apesar dos inúmeros escândalos e processos judiciais movidos nos últimos anos contra o uso indevido dessas informações sensíveis, os dados são, atualmente, considerados centrais na dinâmica da nossa sociedade, gerando capital econômico, cultural e social (Diebold, 2012). Entre as maiores empresas globais atuantes nos dias de hoje, aquelas que nasceram e expandiram-se pelo ambiente digital figuram na lista das principais no mercado financeiro; o *Facebook* é um exemplo: além de rede social, é considerado, também, uma mídia (*new media*) (Manovich, 2001), um sistema projetado para possibilitar a interação das pessoas e o compartilhamento e a criação de textos, sejam eles manifestados como frases, imagens, vídeos, áudios, *emoticons*, etc. Apenas essa mídia contava, em 2017, com dois bilhões de perfis ativos; são milhões de

³ Cf MANDELLI, Mariana, O dilema das redes se resolve com educação midiática. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 de setembro de 2020. Opinião. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/09/o-dilema-das-redes-se-resolve-com-educacao-midiatica.shtml>. Acesso 10 mai. 2024.

milhões de usuários interagindo, criando, compartilhando e consumindo conteúdo em uma escala cada vez maior⁴.

Há uma outra característica comum nesse tipo de corporação atuante como mídia social, trata-se da manipulação dos mecanismos de distribuição das informações para a base de usuários⁵. O gerenciamento dos dados pessoais e a existência de regras (conhecidas como algoritmos) que distribuem o que cada indivíduo consumirá, embora muito comuns nesse modelo de negócio, são características pouco conhecidas pelo público em geral que utiliza as plataformas e até mesmo por pesquisadores da área, uma vez que esses códigos costumam ser segretos; em razão disso, a expressão "black box" tem sido usada com frequência para referir-se às questões éticas relacionadas ao uso da IA em diferentes aplicações. A título de exemplificação, citamos a pesquisa "Who is afraid of black box algorithms? On the epistemological and ethical basis of trust in medical A.I.", conduzida pelos pesquisadores Juan Manuel Durán (TU Delft) e Karin Jongsma (UMC Utrecht), publicada em 2021, que debate os viesamentos e as consequências da "black box" nos algoritmos usados na área da medicina.

No que tange ao uso do big data, sabemos que, de um lado, há a extração de informações sobre práticas sociais de indivíduos e grupos inteiros e, de outro, o uso desses dados para a geração infinita de novas informações; esse processo de retroalimentação é conhecido, nas áreas das humanidades digitais e da computação social, como dataficação, tradução do inglês *datafication*, termo foi cunhado, em 2013, no âmbito acadêmico, por duas figuras militantes na área da governança e regulação da internet, o professor Viktor Mayer-Schoenberger (University of Oxford) e o jornalista americano Kenneth Cukier.

Nessa perspectiva dos autores, a dataficação corresponde ao fenômeno que transforma ações em dados quantificáveis e, posteriormente atua na alteração dos comportamentos, das ações e dos conhecimentos das pessoas, com base em algoritmos presentes em um sistema de inteligência artificial; podendo ser, grosso modo, resumida como algumas sequências finitas de

⁴ O número foi estimado pelo próprio Facebook e desconsidera os perfis *fakes*. A notícia pode ser conferida em <https://www.terra.com.br/noticias/facebook-atinge-marca-de-2-bilhoes-de-usuarios.b647b4af6f82ca8b483f01a143c1ea9c2nf55uu3.html>.

⁵ Cf. Documentários "Privacidade hackeada" (2019), dirigido por Karim Amer e Jehane Noujaim, e "O dilema das redes sociais" (2020), dirigido por Jeff Orlowski, ambos produzidos e distribuídos pela Netflix.

ações executáveis, chamadas de algoritmos, que avaliam a performance dos dados previamente coletados e tomam decisões a partir de regras preestabelecidas (Mayer-Schoenberger; Cukier, 2013, p. 28). Nota-se, no entanto, que essa explicação técnica, popular nas pesquisas das áreas da computação, esconde uma característica muito importante e cara a nós, pesquisadores das humanidades: ao postular uma certa neutralidade, com o uso da explicação estritamente técnica, tudo se passa como se as tecnologias fossem isentas de quaisquer tipos de vieses e crenças humanas.

Sabemos, no entanto, que o uso da inteligência artificial é assentado a partir de decisões humanas, resguardando vieses políticos, raciais, sociais, históricos, ideológicos e culturais. Longe de ser um procedimento autônomo e não humano, o *big data* e a inteligência artificial são perpassados, em seus mais diferentes processos, por decisões tomadas por pessoas (e corporações dirigidas por pessoas) que carregam com si suas experiências, crenças, histórias de vida, ideologias, valores culturais e familiares.

Se a dataficação constitui um novo paradigma na ciência e na sociedade, ela deve ser também compreendida como um processo transpassado pelas axiologias culturais, como lembra-nos José van Dijck (2017), professora na área de mídia e sociedade digital na *Universidade de Utrecht*. Van Dijck é autora de diversos trabalhos que versam sobre os impactos sociais da tecnologia; para ela, vivemos em uma sociedade da plataforma que não se separa das instituições tradicionais e amalgama as plataformas digitais às estruturas sociais. Dessa maneira, a plataformização não é uma "coisa", mas um processo em que todos nós estamos inseridos, sendo sustentada pela relação de confiança erigida entre o indivíduo que "permite" o uso de seus dados em troca das facilidades apresentadas pelas plataformas (que contemplam desde o uso de um servidor *on-line* ou de aplicativos no celular até resultados clínicos baseados em análises algorítmicas de dados).

É interessante notar que, em termos semióticos, estabelece-se um contrato fiduciário entre o usuário e o processo de plataformização. Os semioticistas Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés (2008[1979]) postulam que esse contrato

apresenta-se então como um contrato enunciativo [...]. O contrato fiduciário que assim se instaura, pode repousar em uma evidência (isto é, numa certeza imediata) ou então ser precedido de um fazer persuasivo (de um fazer-crer) do enunciador, ao qual corresponde um fazer interpretativo (um crer) da parte do enunciatário (Greimas; Courtés, 2008[1979], p. 86).

Para uma melhor compreensão entre a relação do processo de plataformização e os dados, pensemos no seguinte exemplo: em uma rede farmacêutica, o cliente pode ser levado a crer que ganhará uma vantagem imperdível, como um desconto no preço de um determinado medicamento se ele informar seus dados pessoais no ato da compra. Observe que o enunciador é bastante eficaz em sua jornada do fazer persuasivo ao agir por meio de um "fazer-parecer-verdadeiro" que cria um "efeito de verdade". Esse efeito de verdade não é necessariamente a realidade, pois aos preços dos produtos é adicionado um valor extra e somente os clientes que fornecem os dados pagam o valor original. Ou seja, as empresas criam artificialmente um desconto para convencer os clientes a concederem seus dados privados⁶. No entanto, por conta do efeito de verdade e do contrato fiduciário estabelecido, ainda que se trate de um desconto fictício, o enunciatário é levado a crer que está em conjunção com uma vantagem financeira.

Essa estratégia deu tão certo que se tornou corriqueira em muitos setores que comercializam produtos básicos e necessários para a sobrevivência, como nos casos dos supermercados e das farmácias. Algumas supostas promoções são apenas desbloqueadas quando o consumidor informa o número de um documento pessoal que imediatamente permite o sistema ter acesso ao banco de dados do cliente e computar aquele item comprado em seu histórico. Cabe-nos, aqui, fazer um pequeno parêntese: essa estratégia não age apenas no "crer", mas também na modalidade virtualizante do "dever-fazer" (Greimas; Courtés, 2008[1979], p. 135), que possibilita, junto ao "querer-fazer", as condições mínimas para o fazer, uma vez que podemos também compreendê-la no âmbito da ordem da prescrição; o enunciatário é, de certa maneira,

⁶ A *Drogaria Araújo S/A* foi condenada, pelo Procon-MG, a uma pena de multa de mais de R\$7 milhões de reais por condicionar tais descontos mediante o fornecimento de dados sensíveis do consumidor, sem que haja uma transparência sobre o destino desses dados. (G1. Drogaria Araújo é multada em mais de R\$7 milhões por condicionar descontos a fornecimento de CPF. **G1**, São Paulo, 05 de dezembro de 2018, Minas Gerais. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/12/05/drogaria-araujo-e-multada-em-mais-de-r7-milhoes-por-condicionar-descontos-a-fornecimento-de-cpf.ghtml>. Acesso 10 mai. 2024).

obrigado a informar os seus dados para não pagar a mais por um produto. A eficácia da estratégia é atestada uma vez que grande parte dos clientes não percebem que foram obrigados a fazer isso; eles são convencidos de que ofereceram o seu número de identificação pessoal por livre escolha e, por isso, foram agraciados com uma vantagem imperdível.

A semioticista brasileira Diana Luz Pessoa de Barros (2001[1990], p. 50) lembra que as modalidades (o querer, o dever, o poder e o saber) são resultantes da conversão da categoria tímico-fórica fundamental e agem nas relações dos sujeitos com os valores. Dentro do contexto de uma sociedade regida pelo sistema econômico capitalista, há uma pressão para que os sujeitos ganhem vantagens financeiras ou, por outra perspectiva, economizem o máximo de dinheiro possível na compra de um produto e, assim, estejam aptos a entrar em conjunção com outros objetos também tidos como necessários ou desejáveis. Por conseguinte, ainda que os usuários tenham (ou venham a ter) consciência das práticas de venda de dados realizada por tais empresas, há de se considerar que, diante da escassez financeira enfrentada pela maioria das famílias brasileiras, aliada aos altos custos dos medicamentos comercializados e as sucessivas crises econômicas vivenciadas nas últimas décadas em todo o mundo, para muitas pessoas, especialmente para aquelas pertencentes aos grupos minorizados, não é uma alternativa pagar a mais em um item na farmácia "apenas" para a proteção de seus dados pessoais. Trata-se, portanto, de uma não-escolha, uma vez que o contexto em que essa pessoa está inserida a obriga a fazer isso, sendo modalizadas por um tipo de "dever".

Todo *marketing* em volta dessa estratégia usada por grandes empresas privadas revela que o interesse das corporações por dados pessoais de sua base de clientes é cada vez maior; para elas, há inúmeras vantagens, inclusive econômicas, pois usam esses bancos de dados (o *big data*) para publicidade e/ou vendem essas informações sigilosas para outras corporações interessadas em construir padrões de determinados grupos sociais; a partir, por exemplo, de um histórico de compras de remédios em uma drogaria, pode-se ter uma ideia dos problemas de saúde do consumidor, seus hábitos de compras, poder aquisitivo, dentre outras informações.

Os próprios dados que alimentam esse processo na cultura dataficação são constituintes de extensas coleções de artefatos provenientes das mais diversas

fontes, de mídias sociais (textos verbais e não-verbais, curtidas, data de nascimento, rede de amigos, nome dos familiares, indicações de estados de humor, etc.), de empresas financeiras de cartão de crédito (produtos comprados, padrão de gastos e de consumo, marcas e lojas favoritas, etc.), de cadastros geridos pelos governos (identidade, tipo sanguíneo, estado civil, histórico de doenças e transtornos psicológicos, renda mensal, profissão, bens próprios, etc.), para citar alguns. São, portanto, gerados a partir das práticas sociais humanas.

O semioticista francês Jacques Fontanille, em seu livro *Pratiques sémiotiques* (2008, p. 34), esquematiza os níveis de pertinência semiótica para análise e concebe as cenas práticas como comportamentos e ações humanas, que podem ser compreendidas como "semióticas" por portarem um plano da expressão e um plano do conteúdo. Mas diferente de um objeto semiótico gerado em um suporte estável, como uma pintura, elas produzem sentido ao vivo, isso é, ao mesmo tempo em que estão em curso, visto que seu próprio movimento é gerador de sentido e sua significação é dinâmica.

A partir dessa formulação fontanilliana, somos levados a crer que o *big data* pode ser compreendido semioticamente como um grande conjunto de coleções de objetos (multi)semióticos gerados especialmente pelo (e no) desencadeamento de práticas humanas. Alguns desses objetos semióticos têm seu sentido produzido dentro da própria prática, ao vivo, no momento em que ela se desenrola; esse é o caso, por exemplo, de uma transação monetária realizada por pix no ato da compra de um produto no supermercado. Embora a ação em si do pagamento possa ser compreendida como uma prática não estabilizada em um suporte estável, dela decorrem objetos semióticos que são estabilizados e passam a fazer parte de uma grande coleção com outros artefatos similares (em termos de conteúdo e/ou expressão). Diante do exposto, temos como intenção jogar luz em uma das principais características do *big data*, a de permitir e gerar objetos semióticos em suportes estáveis a partir de ações e comportamentos humanos em curso.

Nessa mesma direção, as sociólogas Danah Boyd e Kate Crawford (2012) argumentam que o *big data* é composto por centenas de milhares de objetos culturais (para nós, objetos semióticos), que caracterizam traços de uma cultura e podem ser usados para a análise de comportamentos individuais e de um

grupo inteiro. Mas isso, a nosso ver, só é possível, ou melhor dizendo, mais facilmente realizável, porque objetos semióticos estabilizados foram gerados a partir e no desenrolar dessas cenas práticas. Salienta-se, ainda, que a extração, a produção e o uso das grandes coleções de dados não funcionam apenas como uma observação do mundo e das pessoas, visto que elas, de acordo com as autoras, também constroem o mundo que conhecemos hoje e terão cada vez mais influência nas escolhas e nas ações dos sujeitos no decorrer deste século.

Na perspectiva dos estudos dos níveis de pertinência semiótica (Fontanille, 2008), esses objetos semióticos são usados, dentro do sistema capitalista dataficação, para não apenas compreender o comportamento e as ações humanas, mas também para remodelá-los, agindo sobre o nível das práticas e – também – das formas de vida. Essas, por suas vezes, são apreendidas como constituintes imediatos da semiosfera, estruturadas a partir da repetição e da regularidade das estratégias adotadas nas articulações das práticas. Assim, ao agir sobre as práticas continuamente, o processo desencadeado pelo *big data* também altera nossas formas de vida, a maneira como nos organizamos dentro da cultura, transfigurando a percepção sobre a realidade e alterando as interações estabelecidas entre os sujeitos e destes com o mundo em volta.

Em perspectiva mais crítica, a idealizadora do *Center for Critical Internet Inquiry*, na UCLA (*University of California*, Los Angeles), Safyia Umoa Noble (2022[2018]), em sua obra *Algoritmos da opressão*, aponta que o uso dos sistemas de inteligência artificial, junto aos algoritmos e ao *big data*, é acompanhado de diversos debates sobre enviesamento de dados, racismo algorítmico e outras formas de preconceitos, cujas consequências fortalecem ainda mais a exclusão de determinados grupos marginalizados. Em um experimento realizado, ao digitar “meninas negras” (no original, “black girls”) no buscador da *Google*, a autora se deparou com diversos conteúdos pornográficos como resultados da pesquisa; o episódio foi responsável pelo início da jornada de Noble na compreensão de como os vieses por trás dos algoritmos e dos bancos de dados reforçam a exclusão e a marginalização de grupos minorizados.

À vista disso, somos levados a crer que o *big data* - sua produção, uso e acesso - deve fazer parte das discussões dos humanistas/semioticistas, pois aquilo que convencionalmente chamamos de dados são, em outros termos, objetos semióticos gerados a partir de práticas sociais em nosso dia a dia. Sendo assim, com o intuito de dar seguimento à discussão, no próximo tópico, examinaremos a geração do *big data* a partir da perspectiva do conceito de textualização, proveniente dos estudos da semiótica discursiva, da *Escola de Paris*, erigida por Algirdas Julien Greimas e seus(suas) colaboradores(as), na década de 1960, com desenvolvimentos até os dias atuais.

2 O fenômeno da textualização e a geração do *big data*

No quadro dos estudos da semiótica, o *big data* pode ser entendido epistemologicamente como uma extensa e dinâmica coleção de infinitas coleções de objetos (multi)semióticos, que são permeados por axiologias e gerados a partir de diferentes práticas sociais em curso no interior de uma cultura. É importante notar que essa definição não concerne a um conjunto de artefatos em específico, mas ao conceito geral de *big data*. Assim, a dataficação (Mayer-Schonberger; Cukier, 2013), como explicitado anteriormente, a geração de objetos semióticos a partir de ações humanas e a sua intrínseca relação com as práticas e as formas de vidas, permite a transformação dos atos em traços digitais⁷. Diferentes ações e comportamentos (atos) são textualizados e geram objetos semióticos digitais impressos em um suporte (mais ou menos) estável.

O próprio suporte, como destacam os semioticistas Maria Giulia Dondero e Everaldo Reyes-García (2016), tem função na significação; ele age como um mediador da prática e do objeto semiótico estável (chamado por eles de "texto"). Nesse caso, é o suporte que torna a dataficação legível para ser considerada um tipo de textualização, essa definida por Greimas e Courtés (2008[1979], p. 504) como um "conjunto dos procedimentos - chamados a se organizarem numa sintaxe textual - que visam à constituição de um contínuo

⁷ *Dataficação* é definido, pelos cientistas da computação, como a transformação de "diversos aspectos" da nossa vida em dados digitais. Estes são transformados em informação e entendidos como uma nova forma de valor (Biltgen; Ryan, 2016, p. 151).

discursivo, anteriormente à manifestação do discurso nesta ou naquela semiótica [...]”.

As expressões “sintaxe textual” e “contínuo discursivo”, retiradas da citação acima, revelam o papel da textualização como uma instância geral e atuante no processo geracional do objeto semiótico, como procuramos demonstrar em Moraes (2021). Enquanto a textualidade está para a natureza do objeto, a textualização dá conta do percurso de geração do texto, uma espécie de *continuum*, e tem o seu fim com a manifestação do objeto semiótico. Esse, por sua vez, pode ser constituído, na instância da manifestação, por qualquer linguagem (ou código), seja ela visual, matemática, algorítmica, 3d, gestual, etc. e ainda pela combinação de duas ou várias delas, como são os ditos objetos multissemióticos, a exemplo da HQ, do ballet, do filme, da peça teatral, etc.

Essa compreensão da textualização é importante no âmbito da disciplina semiótica, pois ela permite a conceptualização da noção de texto enquanto uma grandeza geral, um todo organizado de sentido. Na perspectiva de texto como uma grandeza, a textualização designa um percurso, uma espécie de *continuum*, que leva à manifestação do texto-objeto (do objeto semiótico manifestado); ela é uma instância produtora de sentido e permite a junção do plano do conteúdo com o plano da expressão.

Para que essas grandezas semióticas sejam um todo organizado de sentido é preciso que haja uma dependência em sua estrutura, isso acontece quando uma parte depende do sentido das outras partes, em uma situação de correlação (Hjelmslev, 2010[1975], p. 3). Ao estudar a obra do linguista Louis Trolle Hjelmslev, Sémir Badir (2014, p. 144) destaca a sua contribuição para a concepção de texto por ser o estudioso dinamarquês o primeiro (ou um dos primeiros) a perceber que a frase não tem existência autônoma, o seu sentido é constituído enquanto tal porque ela é compreendida como um objeto textual. A título de exemplificação, várias frases aleatórias que não se relacionam umas com as outras (ou com o todo) formam apenas um amontoado de frases, mas se há uma relação de dependência de sentido entre elas, então há um texto. O mesmo ocorre também com outras linguagens; uma obra de arte pintada a óleo não é apenas um conjunto aleatório de quaisquer pinceladas, há uma relação estabelecida entre a direção, a pressão, o formato

das pinceladas com as cores, as texturas etc., compondo um todo coerente, dotado de intencionalidade e de uma direção significante.

Para melhor compreender esse processo aplicado à dataficação, retomamos o trabalho de Jathan Sadowski (2019), pesquisador do *Emerging Technologies Research Lab*, na Monash University, Austrália. Sua pesquisa incide sobre a tecnopolítica e defende que os dados se tornaram uma espécie de capital; de acordo com ele, os dados são transformados em *bits* de informações discretos, cuja gravação digital é, *a posteriori*, processada por uma máquina, mas seu valor fundamenta-se na compreensão de que são um tipo de "capital humano". Tudo se passa, no âmbito da semiótica, como se as ações e os comportamentos humanos engendrassem uma espécie de textualização de certas práticas e ações sociais, cujos objetos semióticos resultantes sejam os portadores de sentidos próprios da vida humana⁸.

Essas textualizações podem ser produzidas a partir de diferentes práticas e manifestadas em suportes digitais diversos. Por exemplo: elas podem ser geradas no interior de uma prática semiótica específica, como é a condição dos dados fabricados em uma compra no supermercado que foi paga com o cartão de crédito. Observe que esses constituintes, por exemplo, a fatura emitida no ato da compra, revelam informações sobre o valor gasto na compra, o padrão de consumo alimentar, as marcas preferidas pelo usuário do cartão, etc. e tornam-se disponíveis graças à textualização digital engendrada. Uma vez gerados esses objetos semióticos, eles passam a fazer parte de uma grande coleção de artefatos semióticos que serão usados em análises, cujos resultados produzem novos objetos semióticos que podem ser usados para modificar e gerar novas práticas sociais e, por conseguinte, formas de vida no mundo natural.

Em razão disso, sustentamos a tese de que uma das características mais importantes do *big data* seja a sua constituição enquanto um tipo de textualização das ações e dos comportamentos humanos no mundo, cuja manifestação resulta objetos semióticos variados: fotografias (exemplo: *selfies* postadas nas redes sociais, fotografias capturadas por satélites), vídeos

⁸ Nem toda coleção de dados do *big data* tem, a priori, um valor cultural. Neste texto, no entanto, estamos lidando especificamente com os objetos que permitem a produção de sentido sobre os humanos e os seus comportamentos.

(provenientes de câmeras de segurança em locais públicos e privados, postados nas redes sociais e outras plataformas, como o *YouTube*), textos escritos (*e-mails*, textos compartilhados em redes sociais, pesquisas realizadas nos buscadores, documentos oficiais de governos, documentos pessoais de identificação), áudios (telefonemas, gravação de voz pelo celular), etc.

A dataficação não pode ser compreendida, dessa maneira, como uma mera tradução do analógico para o digital, pois no contínuo discursivo da textualização novas significações são geradas a depender, por exemplo, de como esses artefatos são agrupados e em que linguagem são textualizados (numérica, visual, verbal escrita, etc.). No processo da dataficação, o texto-objeto, ao final do percurso, não é semelhante ao primeiro objeto que lhe deu origem, pois ela é, retomando Fontanille (2008), gerada a partir de uma cena prática e concerne ao processo de textualização de uma ação (uma semiose em curso) em um texto-objeto (de múltiplas linguagens e códigos, incluindo algoritmos, linguagem numérica, etc.) fixo a um suporte mais estável que o primeiro.

Assim, para a dataficação, o que interessa, por exemplo, na leitura de um texto digital, é a quantidade de tempo gasto na passagem dos olhos em cada parte da tela, os movimentos realizados, as ações que o leitor executou durante a leitura, etc., isso é, os gestos e as ações que compõem a cena prática da leitura; algumas das ações e dos comportamentos do leitor podem ser textualizados, usando as linguagens topológica e numérica, em um suporte mais estável (ex. uma tabela contendo dados temporais).

O processo da dataficação que se inicia com a produção, a extração e o armazenamento dos dados do dia a dia das pessoas são práticas já consideradas corriqueiras, pois, como apontam Kambatla *et al.* (2014, p. 2562), há um conjunto enorme de artefatos já armazenados e todos os dias essa quantidade aumenta⁹: cada vez que clicamos em um *website*, fazemos uma chamada usando o celular, pagamos uma compra com o cartão de crédito, usamos o *gps*, nos comunicamos por meio de uma rede social, baixamos um aplicativo, somos filmados por uma câmera com detector facial, um (ou vários) registro(s) digital(is) do comportamento humano individual ou coletivo é(são)

⁹ Em 2008, estimava-se que havia 9.57×10^{21} bytes de dados. Naquele momento, já era esperado que esse número dobrasse de tamanho a cada dois anos.

criado(s) e armazenado(s) de maneira cumulativa por alguns seletos grupos e/ou incorporações. Interessa-nos, agora, melhor compreender a relação estabelecida entre o processo da dataficação e o capital dentro do sistema econômico atual.

3 O valor capital do *big data*

O *big data* não funciona apenas como uma observação do mundo e das pessoas; ele constrói, em alguma medida, o mundo em que vivemos (Boyd; Crawford, 2012), uma vez que o seu uso é capaz de modificar a nossa percepção sobre o meio ao redor, transformando a nossa maneira de interagir com os outros sujeitos e com o mundo. Tendo isso em consideração, alguns pesquisadores atuantes nas áreas computação social e da ética aplicada à inteligência artificial alertam para o fato de que os dados dirigem a lógica da nossa sociedade (por exemplo: as eleições, as políticas públicas, as relações entre os consumidores e as empresas e vice-versa), influenciando, em algum nível, o comportamento humano.

Essas grandes coleções de artefatos digitais são constituídas especialmente por objetos culturais (Boyd; Crawford, 2012), que caracterizam traços de uma cultura e podem, sob certas circunstâncias, permitir a análise dos comportamentos individuais e/ou de um grupo. Entre os diversos conteúdos manifestados nos textos-objetos presentes nessas coleções de artefatos, encontram-se fotografias (de *selfies*, pratos de comida, lugares, etc.), vídeos, localizações geográficas, textos verbais escritos, registros de compras realizadas (em supermercados, lojas de eletrodomésticos, lojas virtuais, etc.), buscas feitas na internet, *hashtags*, rotas e trajetos percorridos por carros, transações financeiras, programas de tv assistidos, dados pessoais (números de identidade, peso, estado civil, salário, tipo de sangue, gênero, idade, etc.), sites e conteúdos acessados, histórico de doenças, redes de relações familiares (mãe, pai, irmãos, primos, tios, etc.) e de amizade (pessoas que tem um contato mais próximo ou mais distante), etc.

Quase todas as nossas ações deixam, em maior ou menor medida, um rastro digital, visto que a sociedade em que vivemos é cada vez mais dataficação. A internet é considerada o maior sistema de engenharia já criado pela

humanidade, são bilhões de computadores conectados (Kurose; Ross, 2013, p. 10), desde máquinas de lavar roupas *smart* até as câmeras instaladas nas ruas, nos estabelecimentos comerciais e nos prédios residenciais. Esse grande conjunto de coleções de dados diz respeito ao nosso comportamento, aos nossos padrões sociais e à nossa forma de conceber o mundo, produzindo sentido sobre nós mesmos. Cabe salientar que quase todo esse conhecimento é produzido, manuseado e estocado por organizações privadas, tais como bancos e empresas da tecnologia, e governos.

A partir da análise de tais conjuntos de coleções, é possível prever certos comportamentos sobre uma pessoa ou um grupo, trazendo respostas para perguntas como: qual a probabilidade dessa pessoa pagar o empréstimo que está solicitando ao banco? Que tipo de coisa uma pessoa ou um grupo de pessoas consome? O que faria essas pessoas consumirem mais? Quais os seus hobbies? Qual o padrão estabelecido nos relacionamentos desse grupo? Em qual o candidato provavelmente esse indivíduo ou grupo de pessoas votará? O que faria ele mudar ou decidir o voto? Como visto, esse conhecimento incide sobre as práticas humanas e as formas de vida (Fontanille, 2008) e desvelam muito os gestos e comportamentos nas ações individuais e coletivas, na maneira como nos organizamos enquanto grupos dentro de uma sociedade.

Com as novas formas de organização do capitalismo na era da dataficação, o capital percebeu que os dados estão além do valor de mercadoria; eles são convertidos em capital econômico. Sadowski (2019) explica que, assim como o capital social e o cultural, descrito por Bordieu (1974), o "data capital" pode ser, sob certas circunstâncias, convertido em capital econômico. E a maior parte desse "data capital", que tem valor econômico extraído no mundo, é sobre as pessoas, seus comportamentos, suas crenças, suas práticas individuais ou coletivas:

O capital de dados é mais do que conhecimento sobre o mundo, são bits discretos de informação registrados digitalmente, processáveis por máquina, facilmente aglomerados e altamente móveis. Assim como o capital social e cultural, o capital de dados é conversível, em determinadas condições, em capital econômico. [...] No capitalismo digital, os dados não substituem o dinheiro, mas são elevados e colocados "no mesmo nível do capital financeiro", como afirma um

relatório da Oracle e da MIT Technology Review Custom (2016, p. 2) (Sadowski, 2019, p. 4)¹⁰.

A lógica do sistema capitalista na era do *big data* continua sendo a do acúmulo: coletar e circular dados o tempo todo, produzindo novas mercadorias que gerarão mais dados e edificando infraestruturas para gerenciar todo esse capital produzido em um sistema contínuo e ininterrupto. A importância desse apontamento para o nosso estudo reside justamente na transformação de um objeto digital com valor cultural em valor econômico, em uma relação de capital, em dinâmica parecida com aquela descrita pelo filósofo Karl Marx (1998[1867]), em sua obra *O Capital*, vol. 1, e sintetizada na fórmula D - M - D (D = dinheiro; M = mercadoria). Ou seja, quando o dinheiro é usado para comprar uma mercadoria que é então vendida por mais dinheiro; na cultura dataficação, quanto mais dados, mais novos dados poderão ser gerados e, assim como o dinheiro, eles têm a capacidade de gerar valor porque são valor - e não apenas mercadorias como se supunha anteriormente.

Junto com Jean-Claude Passeron, Bordieu (2018[1964]), na obra *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*, expande a teoria de Marx (1998[1867]), acrescentando novas formas de capital que não são convertidas diretamente em dinheiro, mas que podem também ser em certas condições; as novas formas de capital são descritas como capital cultural e capital social. O capital cultural, por exemplo, que acrescenta no *status* de uma pessoa e contribui para o seu sucesso, é uma representação de classe e é, geralmente, transmitido no interior de uma família. O capital social, por sua vez, é relacionado ao *network* de um indivíduo, o que possibilita certos privilégios para pessoas que possuem um bom estoque de capital social.

O capital cultural e o capital social configuram-se como formas de dominação e de poder em um espaço de lutas, em que estruturas simbólicas permitem que um grupo esteja acima do outro. Cotejando a teoria de Bordieu (1974), podemos pensar na dinâmica de extração e de produção dos dados no cenário capitalista atual; é preciso enfatizar que o valor gerado pelos dados não

¹⁰ No original: "Data capital is more than knowledge about the world, it is discrete bits of information that are digitally recorded, machine processable, easily agglomerated, and highly mobile. Like social and cultural capital, data capital is convertible, in certain conditions, to economic capital. [...] In digital capitalism, data is not a substitute for money, but is rather elevated and put 'on the same level as financial capital,' as a report by Oracle and MIT Technology Review Custom (2016: 2) states".

é sempre monetário, embora também o seja em certos momentos. Por trás deste movimento, há uma dinâmica de acumulação, que faz parte da lógica do capitalismo, por exemplo: uma empresa pode até mesmo nunca usar parte dos dados que foram produzidos para um fim específico ou então não fazer dinheiro diretamente com o uso das gigantes coleções armazenadas por ela, mas ainda assim continuará em busca de capital de dados, pela razão que

o capitalista não está preocupado com a utilização imediata dos dados ou com uma coleção específica, mas sim com o fluxo incessante de criação de dados. Este ponto é ilustrado pelo fato de os dados serem muitas vezes recolhidos sem uma utilização específica em mente. De fato, a prática de recolher dados primeiro e de os descobrir depois é cada vez mais uma parte essencial do funcionamento das empresas e dos organismos governamentais. (Sadowski, 2019, p. 5)¹¹.

O acúmulo dos dados gera poder, dominação e exploração. Por isso, a posse desse capital é um privilégio para poucos; as pessoas e grupos sociais que produzem os dados não têm acesso a eles, muitas vezes nem mesmo para fins acadêmicos. Há ainda de se considerar a perpetuação da dinâmica de dominação exercida pelo Norte no Sul global; as grandes empresas de dados estão, em sua grande maioria, localizadas nas regiões do Norte, com destaque especial para os Estados Unidos, e atuam em quase todo o globo.

No entanto, ainda que não haja um uso imediato de tais dados, não se pode assegurar o mesmo para o futuro, pois muitas empresas que não utilizavam esses objetos semióticos uma década atrás, hoje lucram com a venda de informações para outras empresas do sistema capitalista; isso porque quanto mais dados uma empresa, governo ou organização possui, melhor poderá, por exemplo, traçar perfis dos clientes, cidadãos do país, grupos sociais, etc. A análise de perfis torna possível dizer quem são as pessoas ou grupos mais suscetíveis a compreenderem uma mensagem como verídica e até mesmo a compartilhar para outros membros de sua família, de seu grupo social, de sua rede de contatos.

¹¹ No original: "The capitalist is not concerned with the immediate use of a data point or with any single collection, but rather the unceasing flow of data-creating. This point is illustrated by the fact that data is very often collected without specific uses in mind. Indeed, the practice of collecting data first and figuring it out later is increasingly a core part of how businesses and government bodies operate".

A dataficação, por meio da textualização das ações e dos comportamentos humanos em objetos semióticos mais estáveis, age em dupla direção: de um lado, um objeto semiótico é produzido a partir de (ou dentro de) uma prática e, de outro, ele (como integrante de uma grande coleção) influencia na geração de novas práticas em devir, alterando, como pontuou Sadowski (2009), a lógica da nossa sociedade. Esse processo, realizado pelo uso das inteligências artificiais, influencia o comportamento humano em diversos âmbitos, desde o gosto estético até as eleições nacionais.

À vista disso, esses objetos semióticos, conhecidos como *big data*, podem ser compreendidos como uma nova ferramenta de acumulação, que geram mais poder para aqueles que têm condições de concentrar maiores quantidades, sendo importante salientar que esse ciclo não tem fim: quanto mais dados acumulados maior é o poder de acumular, e, assim, de agir, por meio das tecnologias de inteligência artificial, sobre as práticas e as formas de vida que estruturam uma cultura dataficação. Eles são, pois, uma nova espécie de capital, isso é, um capital semiótico.

Considerações finais

No processo da geração do *big data*, apercebe-se que alguns esboços das ações cotidianas das pessoas são transformadas em traços digitais; elas passam por uma espécie de textualização para uma linguagem digital e multisemiótica e são armazenadas em grandes grupos de coleções. No que se refere à textualização, a sua importância reside no fato de que a inteligência artificial não tem acesso direto aos humanos e ao mundo natural; por consequência, a relação entre a inteligência artificial e o mundo só pode ocorrer via dataficação, ou seja, por meio de um processo desencadeado pela textualização dos gestos, das ações e dos comportamentos humanos, que desvelam sentidos da vida humana e de suas organizações e interações.

É justamente o processo da textualização o responsável por fazer com que o *big data* seja, além de um objeto cultural, como foi descrito por Boyd e Crawford (2012), também uma forma de capital, característica apontada por Sadowski (2019), mas diferente de outras formas de capital, acreditamos que o *big data* seja um "capital semiótico", estando a textualização no cerne da

questão da dataficação e da geração de novas formas de vidas nas culturas dataficação.

Por fim, cremos ser oportuno salientar que o uso da inteligência artificial vem acompanhado de um número considerável de discussões sobre o enviesamento de dados, a presença de racismo algorítmico e o recrudescimento de outras formas de preconceitos, cujas consequências fortalecem ainda mais a exclusão dos grupos desfavorecidos e minorizados (Noble, 2022). Uma maior presença de humanistas e semioticistas neste debate faz-se urgente e necessária, uma vez que o *big data* não pode ser depreendido apenas como um compilado de informações sobre as pessoas. Como objetos (multi)semióticos variados, eles contam uma parte da narrativa de nossa vida e as formas de vida de uma cultura dataficação; e são usados para fins, muitas vezes, nefastos pelos detentores do capital.

Referências

- BADIR, Sémir. **Épistémologie sémiotique**. La théorie du langage de Louis Hjelmslev. Patis: Honoré Champion, 2014.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 200 [1990].
- BILTGEN, Patrick; RYAN, Stephen. **Activity-based intelligence: principles and applications**. Boston: The Artech House Electronic Warfare, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Micelli. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Trad. Nilton Valle. Santa Catarina: EdUFSC, 2018[1964].
- BOYD, Danah; CRAWFORD, Kate. Critical questions for big data: Provocations for a cultural, technological, and scholarly phenomenon. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, p. 662-279, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.678878>.
- DIEBOLD, Francis. A Personal Perspective on the Origin(s) and Development of 'Big Data': The Phenomenon, the Term, and the Discipline. **PIER Working Paper**, v. 2, (12-003), p. 1-8, 2012. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2202843. Acesso em: 20 jan. 2024.
- DONDERO, Maria Giulia; REYES-GARCÍA, Everaldo. Les supports des images: photographie et images numériques. **Revue Française des Sciences de l'information et de la communication**, v. 9, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4000/rfsic.2124>.
- DURÁN, Juan Manuel; JONGSMA, Karin Rolanda. Who is afraid of Black Box algorithms? On the epistemological and ethical basis of trust in medical A.I. **Journal of medical ethics**, v. 47, p. 329-335, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1136/medethics-2020-106820>.
- FONTANILLE, Jacques. **Pratiques sémiotiques**. Paris: PUF, 2008.

GANDOMI, Ana; HAIDER, Murtaza. Beyond the hype: Big data concepts, methods, and analytics. **International Journal of Information Management**, v. 35, n. 2, p. 137-144, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2014.10.007>.

GREIMAS, Argildas. Julien; COURTÉS, Joséph. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Edward Lopes e Ignácio Assis da Silva. São Paulo: Contexto, 2008[1979].

HJELMSLEV, Louis. **Résumé d'une théorie du langage**. Trad. e edição eletrônica Alain Herreman, 2010[1975].

KAMBATLA, Karthik. et al. Trends in big analytics. **Journal of Parallel and Distributed Computing**, v. 74, n. 7, p. 2561-2573, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpdc.2014.01.003>.

KUROSE, James; ROSS, Keith. **Redes de computadores e a internet**. Uma abordagem top-down. 6 ed. Trad. Daniel Vieira. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge MA: MIT Press, 2001.

MARX, Karl. **O Capital**: Livro 1. O processo de produção do capital. Trad. Reginaldo Anna. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998[1867].

MAYER-SCHONBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. **Big data**: a Revolution that will transform how we live, work, and think. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

MORAES, Leticia. **A noção de texto na semiótica**. 2021. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2021.tde-29112021-185047>.

NOBLE, Safya Umoja. **Algoritmos da opressão**. Trad. Felipe Damorim. São Paulo: Ed. Rua do Sabão, 2022[2018].

SADOWSKI, Jathan. When data is capital: Datafication, accumulation, and extraction. **Big Data & Society**, v. 6, n. 1, p. 1-12, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/2053951718820549>.

SANTOS SARAIVA, Francisco Rodrigues. **Dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

van DIJCK, José. Confiamos nos dados? As implicações da dataficação para o monitoramento social. **MATRIZES**, v. 11, n. 1, p. 39-59, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p39-59>.

A construção do *ethos* discursivo na transmissão de *Quincas Borba* em apostilas de Português

Lilian Barros de Abreu Silva

Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

As apostilas¹ ocupam cada vez mais espaço nas salas de aulas brasileiras, tanto em escolas preparatórias para vestibulares quanto em escolas privadas e públicas de educação básica. A posição de destaque das apostilas em ambiente de ensino ganha não só importante abrangência territorial, mas, sobretudo, notoriedade na difusão de saberes, uma vez que, na maioria desses lugares, ela é utilizada como principal fonte de conhecimento, legitimando, assim, um saber seguido por alunos em seus processos de aprendizagem, e por professores em suas práticas docentes. Nesse sentido, este capítulo tem como seu objeto de análise apostilas de ensino de língua portuguesa dos Sistemas de Ensino Objetivo, Etapa, COC e Poliedro, exemplos dos principais sistemas de ensino de São Paulo e presentes também em outras regiões no Brasil.

O capítulo baseia-se na pesquisa de doutorado em desenvolvimento, que investiga a transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material didático². Essa pesquisa possui três objetivos específicos: 1. fazer o levantamento e a classificação das variantes surgidas no processo de transmissão do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material

¹ O "conjunto impresso de aulas, capítulos ou temas para uso de alunos", definição presente no Dicionário Aulete e corroborada pelo Dicionário Online de Português como "tipo impresso ou de caderno que contém a coletânea escrita das aulas, da matéria que nelas será lecionada ou que traz o conteúdo teórico do que deve ser estudado para um concurso, exame".

² Considera-se aqui livros, apostilas e textos de estudo sobre o romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

didático; 2. Investigar a gênese das variantes na transmissão desse material para encontrar o motivo do surgimento dessas alterações e 3. discutir a influência dessas variantes em uma análise crítico-literária da obra e do estilo de seu autor. Para tanto, a pesquisa tem como guia a base teórico-metodológica proposta para a Crítica Textual, apresentada por Blecua (1990[1983]), Cambraia (2005), Spaggiari & Perugi (2004) e Santiago-Almeida (2011; 2021).

O *corpus* da pesquisa é composto por trinta testemunhos, assinados por coleções e por autores conceituados no sistema brasileiro de ensino, presentes em escolas privadas e públicas, e de diferentes anos de publicação, sendo o mais antigo de 1970 e o mais recente de 2019. No que se refere às apostilas, há cinco dos principais sistemas apostilados de São Paulo, sendo: duas do Objetivo, uma do COC, uma do Etapa e uma do Poliedro. Essas apostilas foram escolhidas por apresentarem textos do romance *Quincas Borba*, um dos mais importantes de Machado de Assis. Vale ressaltar que nem todas as apostilas possuem data de publicação, indicação de suas autorias e outros dados bibliográficos que ajudem em suas identificações.

Esse material foi cotejado com o que foi elegido como testemunhos-base do romance: a terceira edição de *Quincas Borba* (Assis, 1899), escolhida por ser a última com Machado de Assis vivo e supostamente com suas revisões de texto; e a edição crítica de *Quincas Borba* (Assis, 1977) da Comissão Machado de Assis, por ter a autoridade de ter sido estabelecida com a comparação de mais de um testemunho da obra.

Em uma perspectiva quantitativa, considerando o *corpus* de pesquisa como um todo, o resultado de pesquisa 1 mostrou a falta de rigor na transmissão do texto literário em material didático, pois nenhum possui qualquer tipo de esclarecimento sobre as modificações que apresenta. Foram encontradas ao todo 172 variantes, ou seja, modificações de ordem sintática (incluindo a pontuação), lexicais e morfológicas no texto que interferem substancialmente em seu conteúdo. Desse total, 47,1% dos casos foram variantes de substituição - variante presente no texto de base, mas substituída por outra no material didático; 30,8% dos casos foram variantes de omissão - variante suprimida do material didático, mas presente no texto de base; 21,5% dos casos variantes de adição - variante acrescentada no material didático e

ausente no texto de base; e 0,6% dos casos variantes de alteração de ordem - variante com ordem alterada no material didático em relação ao texto de base. Essa nomenclatura das variantes foi retirada do estudo de Blecua (1990[1983]) sobre os erros de cópia. Contudo, vale ressaltar, que é considerado apenas o nome e não o que elas significam para o filólogo espanhol, já que Blecua (1990[1983]) estuda apenas erros de cópia e como veremos na análise, as variantes encontradas na transmissão do texto de Machado de Assis em material didático não são um simples erro de cópia, mas alterações realizadas conscientemente, porque o objetivo de pesquisa 2 mostrou que a maioria dessas variantes surgiu no processo de elaboração do material didático.

Com o intuito de verificar como o *ethos* discursivo dessas apostilas é construído no capítulo que possui o texto literário *Quincas Borba*, de Machado de Assis, como seu conteúdo, foi escolhido, em um levantamento prévio, as apostilas que transmitiam essa obra literária, enquadrada em material didático como exemplo da estética literária realista e texto essencial para os estudos de literatura brasileira.

Para a abordagem proposta neste estudo, foi feita a aproximação entre Crítica Textual e Análise do Discurso de linha francesa como fundamentação teórica e metodológica. A confluência entre esses campos de estudo é realizada, pois o primeiro proporciona recursos que viabilizam o estudo fidedigno do texto literário *Quincas Borba*, enquanto o segundo permite a análise da construção discursiva apresentada na apostila sobre esse texto, para a verificação da influência do *ethos* do enunciador nas variantes de transmissão do texto literário. Além da conexão entre Crítica Textual e Análise do Discurso, este estudo também possui relevância por ter como objeto de análise apostilas, um dos principais recursos didáticos de ensino nas escolas brasileiras, responsáveis, portanto, pela formação de um público amplo de estudantes.

Tendo isso em vista, a análise é baseada na concepção de *ethos* discursivo defendida por Dominique Maingueneau (2005), por considerar não só textos orais, mas também o discurso de textos escritos como constituintes de um *ethos* que pode ser depreendido pela composição discursiva. Para o entendimento sobre as apostilas e seu funcionamento como recursos didáticos de ensino, é considerado o aporte teórico de Carmagnani (2011), Grigoletto (2011) e Azevedo e Piris (2018). Ademais, a perspectiva da Crítica Textual, que

fornece instrumentos para o estudo do texto literário fidedigno, é baseada na proposta teórico-metodológica descrita em Blecua (1990[1983]), Cambraia (2005), Spaggiari & Perugi (2004) e Santiago-Almeida (2011; 2021) e o estudo do estilo machadiano é fundamentado por Carvalho (2018).

Assim, o texto está organizado em quatro partes. A seção 1 mostra o papel da Crítica Textual na transmissão de textos literários. A seção 2 traz o conceito de *ethos* discursivo e suas noções fundamentais. A seção 3 é voltada para as considerações gerais sobre as apostilas, a fim de situar seu surgimento, características e funcionamento. A seção 4 apresenta a análise da construção do *ethos* discursivo na transmissão de *Quincas Borba* em apostilas de Português. Por fim, as considerações finais reúnem as discussões realizadas no estudo apresentado.

1 A Crítica Textual na transmissão de textos literários

A Crítica Textual ocupa-se de reproduzir textos em sua forma genuína e seu objetivo central está alicerçado no fato de que todo texto se modifica em sua transmissão (Cambraia, 2005). Essas modificações, ainda para o autor ora citado, podem ser de duas ordens: exógenas e endógenas. A primeira pode se constituir do suporte em que os textos aparecem, isto é, mesmo que nenhuma cópia seja feita, o material utilizado pode sofrer deterioração e comprometer a transmissão do texto nele contido. Já a segunda tem origem na realização da cópia do texto para outro suporte.

Para Cambraia (2005), as modificações endógenas podem ser autorais – alterações feitas pelo autor intelectual da obra durante o processo de preparação e edição do texto – e não-autorais – modificações realizadas por outros indivíduos e sem o consentimento do autor. Essas ainda são divididas em voluntárias – conscientemente realizadas – e involuntárias – ocorridas por lapsos de copistas. Este estudo concentra-se nas modificações endógenas não-autorais voluntárias, pois foram as encontradas no *corpus* de pesquisa.

Desse modo, pesquisas que priorizam a transmissão de textos são importantes porque permitem a preservação e o conhecimento de seu conteúdo, dos sujeitos neles contidos e da sociedade e cultura da época em

que são inscritos. No que se refere à transmissão de textos literários, como o deste estudo, a contribuição da Crítica Textual é essencial:

No domínio dos *estudos literários*, os textos escritos são ainda mais essenciais, já que são a principal forma de expressão da literatura – principal, mas certamente não a única, pois não se pode esquecer da literatura oral, em que, aliás, se fundamenta a produção poética primitiva não apenas grega na Antiguidade mas também vernacular na Idade Média. Considerando, porém, particularmente a literatura escrita, a contribuição da crítica textual está em assegurar que o crítico literário possa exercer sua função com base em um testemunho que efetivamente reproduz a forma do texto que o autor lhe deu, ou seja, sua forma genuína (Cambaia, 2005, p. 21).

O processo para alcançar o texto genuíno segue critérios científicos rigorosos e foi estabelecido no século XIX por Karl Lachmann, que propôs etapas para se obter a edição crítica de um texto, isto é, um texto de autoridade por ter sido estabelecido no confronto de mais de um testemunho da obra. Cambaia (2005) sintetiza o estabelecimento desse tipo de edição em duas fases: *recensão* – o estudo das fontes para a compreensão da tradição de um texto – e *reconstituição* – a análise de toda a tradição do texto para a apresentação ao público-leitor.

Os critérios teórico-metodológicos para o texto crítico são utilizados, atualmente, não apenas para o objetivo de se criar a edição crítica de uma obra, mas também para o estudo das variantes no processo de transmissão de um texto; um exemplo é a pesquisa de Ferreira (2018), que analisou as variantes da *Compilação de todas as obras de Gil Vicente* na interface com a Análise do Discurso. Desse modo, como forma de contribuir e ampliar a pesquisa da análise de variantes na transmissão de textos, este estudo é proposto. O conceito de variante aqui mencionado está ancorado em Santiago-Almeida (2011, p.11), que a apresenta como “lugar do texto em que ocorre divergência entre dois ou mais testemunhos”.

Assim sendo, para contemplar o estudo do texto em todas as suas camadas de significação, pode-se aproveitar, como aponta Cambaia (2005), da transdisciplinaridade da Crítica Textual, que permite o diálogo com outras disciplinas e áreas do conhecimento e que podem ser incorporadas ao labor da pesquisa. Tendo isso em vista, é traçado neste estudo uma aproximação entre Crítica Textual e Análise do Discurso, na perspectiva do *ethos* discursivo,

pois as variantes encontradas no *corpus* têm forte indício de serem motivadas, dentre outras coisas, pela imagem que se quer passar aos leitores das apostilas em estudo, ou seja, pelo *ethos* do enunciador, como veremos na análise empreendida mais adiante. Assim, é tratado a seguir das noções fundamentais sobre o *ethos* discursivo de Maingueneau (2005) a fim de situá-las na compreensão da construção do *ethos* discursivo em apostila de português.

2 Noções sobre o *ethos* discursivo de Maingueneau

A noção de *ethos* foi apresentada por Aristóteles em sua *Retórica*, na qual expõe sobre as três provas de persuasão fornecidas pelo discurso, sendo elas o caráter moral do orador, o modo de disposição do ouvinte e o próprio discurso. A respeito da primeira, afirma que “persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé” (Aristóteles, 2005 [c.400 a.C], p. 96).

Esse conceito de *ethos* retórico foi, contemporaneamente, sendo relacionado à enunciação por estudiosos da linguagem. Fuchs (1985, p. 112) considera que a Teoria da Enunciação é uma filiação da retórica, já que essa se sustenta no que nomeamos “situação de enunciação”. Por sua vez, Fiorin (2004) sublinha que o *ethos* se torna visível nas marcas de enunciação deixadas no enunciado. Corroborando essa relação e destacando a construção da linguagem, Maingueneau (2005, p. 70) diz que o *ethos* está “ligado à enunciação, e não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador”.

Maingueneau (2005) amplia e integra a noção de *ethos* retórico à Análise do Discurso por meio de um “duplo deslocamento”:

Distancia-se de qualquer preocupação “psicologizante”, para entender que os efeitos produzidos sobre o auditório “são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva”. Recorre a uma concepção de *ethos* transversal à oposição entre o oral e o escrito, pois se concebe que mesmo os corpora escritos possuem uma voz e um corpo. (Piris, 2012, p. 55).

Nesse sentido, mesmo em discursos escritos a noção de “voz” pode ser apreendida por meio de um “tom” do enunciador. Essa troca sutil dos termos no continuum entre oral e escrito acarreta também que o corpo do enunciador não signifique algo físico, mas uma “instância subjetiva” (Maingueneau, 2005,

p. 72). Essas determinações são apresentadas no discurso e é por meio dele que o coenunciador assimila o posicionamento do enunciador. Desse modo, a incorporação é constituída por três fatores:

- A enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá um corpo.
- O co-enunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo.
- Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso (Maingueneau, 2005, p. 73).

Essa relação de incorporação, na qual a enunciação possibilita que o coenunciador incorpore a maneira de se portar do corpo enunciante, é constituída em uma cena enunciativa que contempla três importantes cenas:

A "cena de enunciação" integra de fato três cenas, que proponho chamar de "cena englobante", "cena genérica" e "cenografia". A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma "instituição discursiva": o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc. (Maingueneau, 2005, p. 75).

Relacionando essas cenas ao nosso objeto de análise, pode-se dizer que a cena englobante é dada pelo discurso literário, ou seja, os fragmentos de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, reproduzidos nas apostilas; a cena genérica é o gênero apostila, que será contextualizado na próxima seção deste texto; e, por fim, a cenografia, por ser uma apostila, podemos deduzir que seja algo que tenha relação ao ensino. Entretanto, vale salientar que qualquer dedução feita pode ser comprovada ou não pelo discurso, já que a cenografia pode ocorrer de formas variadas, a depender de sua finalidade. É o modo como esse ensino do texto literário ocorre nas apostilas de português analisadas nesta pesquisa que irá nortear a análise da construção do *ethos* discursivo. Interessa, assim, não só o que é dito, mas também como é dito.

É por meio das marcas linguísticas expressas no discurso, como, por exemplo, a dêixis linguística, a modalização, o discurso citado, e o tom concebido por elas, que o *ethos* pode ser depreendido, tanto em exposições

discursivas orais quanto em escritas. Esse tom envolve o corpo do enunciador que emerge, portanto, do discurso. Dessa maneira, a constituição da imagem do enunciador, que faz o coenunciador, leva em consideração valores ideológicos, sociais e culturais.

A respeito disso, há uma atuação de distintos tipos de *ethos*, que perpassam o caminho iniciado antes da enunciação até chegar na interpretação do coenunciador. A princípio, pode-se considerar cinco tipos: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo, *ethos* dito, *ethos* mostrado e *ethos* efetivo.

Maingueneau (2005, p. 71) alerta para o fato de não se poder ignorar a “representação do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale”, algo realizado pelo público, distinguindo, assim, *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo. O primeiro é a fala do enunciador apresentada no discurso, que é para o que é detida a atenção na análise contida mais adiante; já o segundo consiste na projeção que o coenunciador faz do *ethos* do enunciador. Nessa perspectiva, Maingueneau (2005, p. 71) ressalta que “o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*”. Em relação a isso, Piris (2019, p. 6-7) propõe a noção de “imagem prévia do enunciador” em vez de “*ethos* pré-discursivo”, considerando que essa noção seja um efeito da interdiscursividade, não do “não-discursivo”, já que se trata do “discurso do outro sobre si mesmo”.

Fazem parte do *ethos* discursivo tanto o *ethos* dito quanto o *ethos* mostrado. O que o enunciador fala dele mesmo, o que deseja que seja visto, corresponde ao primeiro; já aquilo que o enunciador não diz, mas mostra por meio do tom, da escolha das palavras, etc. diz respeito ao segundo. Por fim, o *ethos* efetivo é o que resulta da rede de interação entre os quatro tipos de *ethos*.

O processo de incorporação do *ethos* está relacionado à construção de um *anti-ethos*:

E assim como o *ethos*, o *anti-ethos* deve ser entendido como uma figura discursiva mostrada na enunciação, o que não deve ser confundido com as descrições que se fazem do anti-sujeito no enunciado, porque isso seria o mesmo que dizer que o *ethos* é dado *a priori* no enunciado e acreditar que o enunciador é honesto apenas em razão de ele enunciar “sou honesto” (Piris, 2019, p. 7).

Portanto, não é necessário que um enunciador de um discurso didático, por exemplo, diga “sou didático, simples e objetivo” ou que outro enunciador, no caso seu concorrente, seja o oposto dele. Mas é necessário que o discurso constitua o *ethos* didático e que detenha um saber para acarretar um *anti-ethos* que não seja didático e que não possua um saber legítimo.

Tendo em vista essas considerações, é apresentado a seguir aspectos gerais sobre as apostilas, a fim de levantar elementos fundamentais sobre o tipo de material didático escolhido para a análise.

3 Considerações gerais sobre as apostilas

O surgimento de apostilas no Brasil ocorreu em um contexto posterior à consolidação dos livros didáticos (LDs), devido a problemas oriundos da centralização de medidas governamentais sobre esses livros. A origem do novo material didático constituiu-se em lugar determinado e com objetivos específicos:

Vale lembrar que as apostilas surgiram primeiramente nos cursinhos preparatórios para ingresso na universidade e sua eficiência era atestada pelo número de candidatos que obtinha uma vaga nos cursos de ensino superior. Desse modo, a apostila se popularizou por possuir qualidades nem sempre presentes nos LDs, considerados limitados e ultrapassados. (Carmagnani, 2011, p. 47).

A popularização do uso das apostilas fez com que sua utilização fosse ampliada para escolas particulares por todo o país e, recentemente, também para escolas públicas, pois um dos motivos de sua consolidação nas salas de aulas brasileiras não é apenas sua constituição permeada por conteúdos específicos voltados para provas de vestibular, mas também por sua elaboração não precisar seguir critérios estabelecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)³, que avalia previamente os livros didáticos que são distribuídos para as escolas públicas. Além disso, a característica homogeneizante dos conteúdos presentes nas apostilas e sua elaboração faz

³ O PNLD constitui-se por um processo avaliativo composto por especialistas em diferentes áreas do conhecimento e também pela compra e distribuição de material didático gratuito às escolas públicas de educação básica das redes municipal, estadual e federal; processo realizado pelo Ministério da Educação e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Portanto, o material didático que possui o selo do PNLD comprova sua passagem e aprovação nesse processo, procedimento não realizado com o material didático sem esse selo, como é o caso das apostilas.

com que todos os sujeitos contidos no processo de ensino-aprendizagem saibam o que deve ser ensinado. Assim, eles vigiam uns aos outros, segundo Carmagnani (2011), como em um panóptico foucaultiano, garantindo que determinados conteúdos sejam ensinados e, conseqüentemente, aprendidos.

Essa característica do material didático ser elemento de controle em sala de aula determina relações rígidas e inflexíveis: “Ao professor cabe “dar” a aula, exigindo-se dele apenas o domínio de determinados conteúdos. Ao aluno cabe “receber” e assimilar aquilo que foi programado, independentemente de seu potencial e limitações” (Carmagnani, 2011, p. 50). A respeito disso, Azevedo e Piris (2018) propõem que nessa interação dos intervenientes de uma situação pedagógica é possível considerar o autor do livro didático como um desses sujeitos, em um lugar de disputa com o professor como detentor do saber-poder. Vale salientar que essa abordagem conservadora, em que as relações em sala de aula se desdobram orientadas por um nível hierárquico que coloca professores e seus recursos de ensino, como as apostilas e os livros didáticos, como intervenientes pedagógicos superiores em relação aos estudantes, ainda é recorrente em sala de aula.

Além dessa interação que se estabelece em um sistema no qual os sentidos já foram todos sistematizados e fechados antes de se apresentarem aos usuários, manifesta-se nas apostilas, como aponta Carmagnani (2011, p. 53), um “pressuposto também compartilhado pelo LD tradicional”, que é a verdade demonstrada de forma inquestionável. Esse pressuposto se estabelece porque os livros didáticos se apresentam como discurso de verdade:

Certamente, uma das formas de disseminação do poder decorrente da produção, circulação e funcionamento dos discursos na esfera escolar está no LD que funciona como um dos discursos de verdade. Um discurso de verdade é aquele que ilusoriamente se estabelece como um lugar de completude dos sentidos (Grigoletto, 2011, p.67-68).

Essa relação consegue se consolidar porque as apostilas, sobretudo de escolas particulares, representam instituições consideradas de prestígio por geralmente cumprirem seu papel social de aprovações em vestibulares, o que legitima e confere autoridade ao seu discurso. Por funcionar em um lugar de sentido completo, tanto os livros didáticos quanto as apostilas legitimam

discursos e são legitimados pelo sistema educacional. Quanto aos professores e alunos, esses são objetivados pelo discurso desse material didático, pois ao reproduzir o discurso legitimado pelo saber-poder, tornam-se sujeitos desse discurso. Desse modo, Carmagnani (2011) sinaliza para o fato preocupante de que mesmo tendo como um de seus objetivos funcionar como recurso didático complementar, há locais em que as apostilas atuam como única forma de conhecimento e fonte de saber, legitimando, assim, a verdade que inibe questionamentos.

Carmagnani (2011) e Grigoletto (2011) mostram que as limitações que as apostilas e livros didáticos oferecem aos seus usuários podem ser notadas também em termos linguísticos, por meio dos textos e atividades de português. Ao propor um conteúdo que limita o desenvolvimento dos alunos em leitura, escrita e interpretação, esse material didático forma um aluno sem perspectiva linguística ampliada e, muitas vezes, crítica, pois tudo já está estabelecido.

No que diz respeito à apostila como gênero discursivo, ela possui a função de ensinar sobre determinados assuntos. No caso das apostilas de português consideradas para este estudo, elas desempenham o papel do ensino de literatura. O texto *Quincas Borba*, de Machado de Assis, sempre aparece inserido no capítulo sobre ensino de literatura sobre a estética realista, que traz explicações e fragmentos do texto literário. Essa disposição discursiva de ensino é analisada adiante, evidenciando como é construído o *ethos* em uma apostila de ensino de língua portuguesa ao transmitir o conteúdo sobre o texto literário.

4 Análise da construção do *ethos* discursivo na transmissão de *Quincas Borba* em apostilas de Português

Para a análise, foram escolhidas cinco apostilas, dos sistemas de ensino Objetivo, Etapa, COC e Poliedro, por representarem alguns dos principais sistemas apostilados de ensino de São Paulo, presentes também em outras regiões do Brasil, e por constituírem parte do *corpus* da pesquisa de doutorado contextualizada na introdução.

Figura 1. Capas das apostilas



Fonte: Autoria própria; imagens dos sistemas apostilados mencionados nas referências.

Dessas apostilas, interessa o capítulo denominado *Realismo*, no qual há uma seção dedicada a Machado de Assis, conforme anexos. Após a apresentação de características gerais sobre os romances realistas do autor, há a transmissão de trechos de *Quincas Borba*, conteúdo sobre o qual se fala o enunciador do discurso e objeto de nossa análise. Situar essa disposição é necessário porque mostra que, mesmo se tratando de um texto literário, o objetivo de sua transmissão aqui é didático, e não para fruição. Isso indica características centrais da exposição: um discurso que quer instruir, com um tom didático e um modo de dizer objetivo e organizado, como se observa com o início do discurso do enunciador abaixo, que apresenta exposição semelhante nas quatro apostilas:

Quincas Borba, que intitula esse livro, corresponde ao mesmo menino-mendigo-filósofo que aparece em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mas é enganoso pensar que Quincas será o protagonista dessa história, pois a atenção recairá sobre Rubião, amigo do filósofo (Objetivo, 2019, p.163).

Esse início do discurso já revela que o enunciador da apostila se apresenta como sujeito que: faz comparações (*corresponde ao mesmo menino-mendigo-filósofo que aparece...*) a fim de estabelecer relações que facilitem o entendimento do texto literário apresentado; antecipa e previne sobre futuras reações e juízos de seu coenunciador (*mas é enganoso pensar que*); e sabe de elementos fundamentais e específicos da narrativa a qual fala (*sob uma condição peculiar*). Há, ainda, uma capacidade de transmitir o conteúdo de modo resumido e simplista no discurso de todas as apostilas em análise.

Estruturado em um universo em que os elementos de *Quincas Borba* podem ser facilmente relacionados, o discurso do enunciador das apostilas preza por um objetivismo e reducionismo dos eventos, reestruturando discursivamente não só o texto literário, mas também um modo de ensinar que

facilita os conteúdos ensinados, modelo perfeito para quem deseja aprender o máximo de coisas que pode em um curto período de tempo e para fins específicos, como é o caso de vários estudantes do país que se preparam para as provas de vestibulares.⁴ Constitui-se, assim, o *ethos* e o *anti-ethos* desse enunciador por meio de estereótipos sociais considerados de prestígio para grupos sociais que defendem o modo de ensinar desses sistemas apostilados, como colégios e cursos pré-vestibular em consonância com o que os vestibulares exigem: adaptado ao vestibular *versus* não adaptado ao vestibular; didático *versus* não didático; reducionista *versus* prolixo; o que sabe *versus* o que não sabe.

O discurso do enunciador da apostila sustenta-se no argumento de que um texto literário de duzentos e um capítulos, como é o caso de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, pode ser reduzido e compreendido em, no máximo, três páginas de uma apostila, já que em nenhum momento e em nenhuma apostila analisada o enunciador faz a indicação da leitura integral do texto literário. Para realizar esse empreendimento, o enunciador resume o enredo do romance por meio da apresentação do que considera ser os trechos principais para a compreensão generalizada por parte do coenunciador.

Dessa maneira, todas as apostilas possuem discursos citados, isto é, fragmentos do texto literário que exemplificam a explicação do enunciador sobre o romance, sendo os trechos dos capítulos: 6 (que expõe sobre a teoria do humanitismo) e 200 (que narra a morte de Rubião) na apostila Objetivo ([s.d.]); 4 (que diz que Quincas Borba também é personagem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*), 14 (que mostra o testamento de Quincas Borba), 36 (que mostra a atração de Rubião por Sofia), 69 (que conta como se iniciou a sociedade comercial entre Rubião e Cristiano Palha), 155 (que expõe que, após perder sua fortuna, o protagonista enlouquece), 201 (o último capítulo do romance narra a morte do cão Quincas Borba) e 6 (sobre a filosofia do humanitismo) na apostila Objetivo (2019); 6 (sobre a teoria do humanitismo) na apostila Etapa ([s.d.]); 199 (que fala sobre a loucura de Rubião) na apostila COC ([s.d.]); 200 (que narra a morte de Rubião) e 201 (que narra a morte do cão Quincas Borba) na apostila Poliedro (2017).

⁴ O romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, consta/constou em listas de obras literárias obrigatórias para provas de vestibular, como por exemplo, os vestibulares da USP, ITA e Cásper Líbero.

Todas as citações são acompanhadas por comentários do enunciador, criando a imagem de um sujeito intérprete do discurso do outro. Essa estratégia discursiva mostra que o enunciador não só acompanha de perto a construção da interpretação, mas faz sua própria interpretação da narrativa para o coenunciador. Desse modo, o enunciador manifesta-se como sujeito que impõe sua própria versão dos eventos narrados. Revela-se, portanto, que não há uma mediação ativa, que motiva e estimula a curiosidade, a comunicação e a capacidade crítica dos estudantes, posto que o enunciador da apostila desconsidera uma possível liberdade interpretativa de seu coenunciador e, além disso, a interpretação que constrói do texto literário não aparece explicitamente fundamentada em nenhum discurso de autoridade.

A relação entre as citações e os comentários do enunciador, que forma um fio condutor de seu discurso e sobre o assunto a qual se fala, é feita por meio da utilização do tempo enunciativo da narrativa do texto literário em concomitância com o presente da enunciação do enunciador, como se seu discurso constituísse uma narrativa paralela à narrativa de *Quincas Borba*, por meio de verbos no tempo presente, uso de gerúndio, verbos de ação, advérbios de tempo e expressões de caráter explicativo:

Rubião se **muda** de Barbacena para o Rio de Janeiro; **agora, quer desfrutar** do dinheiro recebido (...) O casal se **entoeilha**: era a situação perfeita; logo, **oferecem** companhia e ajuda amistosa. (...) Sofia **já não poupa** esforços para seduzir Rubião – astuciosamente, **dribla** o interesse do moço **avançando** e **recuando** nos cortejos (...) (Objetivo, 2019, p. 163).

Um enfermeiro e professor chamado Rubião **passa** a trabalhar para Quincas. Com a morte deste, Rubião, em companhia do cachorro (**cuidar do cachorro era uma das exigências do testamento de Quincas Borba**), **vai** para o Rio de Janeiro (Poliedro, 2017, p. 114).

Essas estratégias enunciativas constituem um modo de dizer que impõe ao seu coenunciador um entendimento de *Quincas Borba*, pois vai construindo cenas aos enunciados e aproximando o consumidor da apostila da compreensão do discurso. Revela-se, assim, a imagem de um enunciador capaz de construir caminhos que o fazem assumir a interpretação do texto literário, e que não só entrega sua própria interpretação das coisas, mas cria sua própria narrativa dos eventos. Essas marcas linguísticas mostram que o *ethos* do enunciador é apreendido por meio da enunciação e que seu discurso não

constrói o *ethos* do mediador que propicia o ensino dinâmico e ativo, e sim o *ethos* do preceptor que promove o ensino passivo.

Essa característica do enunciador manifesta-se também no exagerado uso de adjetivação e advérbios durante seu discurso, que servem para relacionar personagens e seus atos ao longo do texto literário de forma categórica. Contudo, não são características tomadas de Machado de Assis, mas criadas e reestruturadas pelo enunciador ao longo de sua exposição como recurso reducionista e limitante de caracterização. Segundo Grigoletto (2011), afirmações categóricas, como essas, naturalizam os sentidos e provocam um enfoque único ao discurso, como se não houvesse outras possibilidades de interpretação:

Quadro 1. Exemplos de exagerado uso de adjetivação e advérbios no discurso do enunciador das apostilas

Apostilas	Exemplos
Objetivo (2019)	"Sofia astuciosamente dribla o interesse do moço"; "Rubião conta inocentemente sobre sua fortuna".
COC ([s.d.], p. 70)	"...ressurge a personagem Quincas Borba, filósofo maluco, amigo de Brás Cubas".
Etapa ([s.d.], p. 39)	" Esperta, astuta e interesseira , Sofia não lhe dá esperanças, mas não as retira".
Poliedro (2017, p. 114)	" Provinciano, crédulo , conhece ainda no trem para o Rio de Janeiro, Sofia e seu marido Palha".

Fonte: Autoria própria; exemplos extraídos dos sistemas apostilados mencionados nas referências.

O enunciador coloca em evidência sua versão dos fatos e manifesta-se por meio do operador epistêmico *saber*, como percebe-se implicitamente nos enunciados com o recorrente uso da palavra "é" ao longo de seu discurso. Com esses enunciados, o enunciador constrói um discurso calcado em seu saber sobre a narrativa de *Quincas Borba*, ao mesmo tempo em que acarreta um não saber que, implicitamente, constrói a imagem de seu *anti-ethos*:

Quadro 2. Exemplos de uso do operador epistêmico *saber* no discurso do enunciador das apostilas

Apostilas	Exemplos
Objetivo (2019, p. 162-164)	"Ao vencedor, as batatas é a síntese da alegoria criada para explicar essa filosofia"; " É personagem fundamental na trama..."; "Rubião é explorado..."; "Humanitismo é o princípio das coisas".
Objetivo ([s.d.], p. 117)	"Narrado na terceira pessoa, é considerado o mais objetivo dos romances de Machado"; " É a história de um professor mineiro de primeiras letras".
COC ([s.d.], p. 70)	"A paródia é tanto mais acentuada quando se percebe que, sendo uma apologia da condição humana".
Poliedro (2017, p. 114)	"Rubião apaixonou-se e é enganado por ambos, que lhe arrancam toda a fortuna e o internam em um hospício".

Fonte: Autoria própria; exemplos extraídos dos sistemas apostilados mencionados nas referências.

Esse posicionamento construído por meio do modalizador epistêmico expõe um tom assertivo ao discurso, revelando um enunciador que *sabe* sobre o conteúdo de *Quincas Borba*. Atrelado a esse saber, além das atitudes enunciantes que envolvem o discurso em uma exposição didática, há também variantes nos trechos citados de *Quincas Borba* ao longo do discurso em todas as apostilas. Convém salientar que essas modificações foram levantadas com a aplicação do aporte teórico-metodológico da Crítica Textual, brevemente contextualizado anteriormente, e que com a investigação da gênese dessas variantes foi possível observar que todas elas surgiram no processo de edição do material didático, pois só consta nele, ou seja, as alterações são frutos do discurso do enunciador das apostilas. Além disso, os dados linguísticos sobre a construção do *ethos* do enunciador dão indícios de quais variantes irão ocorrer na transmissão do texto literário nas apostilas, a fim de se preservar a imagem que se quer transmitir ao coenunciador, conforme observa-se com os três exemplos a seguir:

Quadro 3. Exemplo de variante de substituição

(1) Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. **Vás Vais** entendendo?

Fonte: Etapa 3 Português ([s.d.], p. 39-40).

No texto base, na cor vermelha, o verbo “ir” aparece no presente do modo subjuntivo, ao passo que no material didático, na cor azul, no presente do modo indicativo. O primeiro é utilizado quando se quer apresentar uma ação incerta ou duvidosa, já o segundo ocorre no momento do enunciado e indica ação habitual ou uma verdade (Bechara, 2009, p. 280). Embora as gramáticas atuais indiquem o presente do indicativo para uma ação que ocorre no momento da fala, como no trecho em análise, Machado de Assis costuma utilizar o modo subjuntivo “vás” seguido de gerúndio, como no final do capítulo II de *Dom Casmurro*: “É o que vás entender, lendo”.

Quadro 4. Exemplo de variante de omissão

(2) O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

Fonte: Pré-vestibular Português Livro 3. Sistema de Ensino Poliedro (2017, p. 114).

Em uma perspectiva gramatical, não haveria dúvida alguma do uso da vírgula antes da conjunção “como”, se este termo estivesse seguido de “por exemplo” – “como, por exemplo” –, em que é feita uma pausa explicativa. No entanto, conforme aparece no trecho, o uso da vírgula é facultativo. A pontuação no texto original parece estar ligada ao ritmo de escrita machadiano. Além disso, a omissão dessa vírgula está consoante à primeira das instruções gerais do Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo (Martins Filho, 1997, p. 15): “Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias. Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender o texto”, para citar um exemplo de Manual de Redação, recurso utilizado nas editoras.

Quadro 5. Exemplo de variante de adição

(3) - Ao vencedor, as batatas! ... - bradava Rubião aos curiosos. Aqui estou imperador! Ao vencedor, as batatas!

Fonte: COC Linguagens e Códigos – Pré-vestibular – Língua Portuguesa 4: Romantismo e Realismo ([s.d.], p. 70-71).

Há adição de reticências e de um travessão (destacados na cor azul) na apostila do Sistema COC para distinguir a fala do narrador e da personagem. Essas variantes tentam ocultar o discurso indireto livre (DIL), apresentação das

falas exatas das personagens inseridas dentro do discurso do narrador. Segundo Carvalho (2018, p. 168-169), o DIL é uma das principais características estilísticas de Machado de Assis e é empregado para ressaltar a espontaneidade do discurso do personagem e conferir dinamismo e certo sentido de oralidade à narrativa. Portanto, além de eliminar o estilo machadiano, essas alterações também ocultam especificidades do narrador para deixá-lo o mais neutro possível, como os típicos narradores da estética realista, a qual *Quincas Borba* é inserido nas apostilas analisadas.

Percebe-se, então, que as variantes encontradas na transmissão de *Quincas Borba* nas apostilas de Português aqui mencionadas confirmam o *ethos* de seu enunciador: preocupado em transmitir seu discurso de acordo com a norma considerada padrão da língua portuguesa e de forma objetiva e simplista, mas desconsiderando idiossincrasias machadianas; e enquadrando o discurso literário nos moldes da estética realista (de acordo com a organização das apostilas), embora Machado de Assis se mostrasse contrário às características desse movimento literário⁵.

Assim, em uma tentativa de tornar seu discurso autêntico, o enunciador das apostilas constrói seu discurso por meio de uma enunciação que se sustenta no modalizador epistêmico *saber*, com o conteúdo sobre o texto literário *Quincas Borba*, como se fossem verdades incontestáveis. Faz uso de estratégias didáticas que, além de aproximar, também já considera seu coenunciador como sujeito que integra uma comunidade daqueles que precisam compreender o conteúdo ali ensinado para fins específicos. Assim, o enunciador manifesta-se de modo a criar sua própria versão e interpretação dos fatos narrados, demonstrando sua autoridade diante de seu coenunciador.

Tendo em vista essas características, constrói-se o *ethos* discursivo de um enunciador que se mostra conhecedor do assunto ao qual discursa, por meio de um tom assertivo e disposto a ensinar especificamente o que se exige em provas de vestibular, que não se mostra inseguro em construir sua própria narrativa literária ou se impor de forma que não considere uma mediação ativa e de modo até copidescada – como vimos nas alterações dos trechos literários

⁵ No texto sobre *O Primo Basílio*, publicado na revista *O Cruzeiro*, em 1878, Machado de Assis tece críticas ao realismo presente no romance de Eça de Queirós e parece construir ali o direcionamento estético de suas produções literárias posteriores, como é o caso de seu romance *Quincas Borba*.

que influenciam no estilo de Machado de Assis e no sentido de *Quincas Borba* – diante de seu coenunciador. Ao se constituir desse modo, esse *ethos* legitima a construção discursiva dos sistemas apostilados considerados de prestígio na sociedade brasileira e daqueles que aprovam o modo de ensinar dos ensinamentos apostilados. Ademais, a didatização no modo de enunciar projeta uma qualidade positiva ao seu *ethos*, a fim de assegurar, por fim, a adesão de seu coenunciador.

Considerações finais

A análise realizada permitiu verificar como as escolhas linguísticas e excertos literários utilizados para o ensino de literatura são decisivos para observar a construção do *ethos* discursivo em contextos em que ele não é tão evidente, como em apostilas de língua portuguesa.

Com a integração teórico-metodológica da Crítica Textual e da Análise do Discurso foi possível observar que o *ethos* discursivo construído nas apostilas analisadas serve de alicerce para que citações autorais, como os fragmentos literários de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, mencionados pelo enunciador ao longo de seu discurso, sejam alteradas. Além disso, essas alterações chegam a leitores desatentos ou que desconhecem características da escrita de um dos principais autores da literatura brasileira, com variantes que mudam o sentido da obra e o estilo de seu autor. Nesse contexto, nota-se a importância de uma integração eficaz de teorias da linguagem, como Análise do Discurso e Crítica Textual, por exemplo, à reflexão crítica e elaboração de apostilas e livros didáticos, por parte de editoras e professores de linguagens e literatura, considerando a amplitude de usuários que esses recursos didáticos de ensino atingem e seu caráter formador.

Ademais, a análise desenvolvida neste trabalho revelou que o ensino de literatura, por meio apenas de apostilas, nas salas de aulas brasileiras, treina estudantes a serem leitores de resumos de obras literárias e os desencoraja a fruir o texto literário tal como foi concebido. Isso contribui para o ensino de literatura que coloca os estudantes como sujeitos passivos na relação ensino-aprendizagem, não para a formação de leitores literários críticos. Assim sendo, faz-se necessário enfatizar que o papel de professores se torna fundamental na

prática de mediações pedagógicas ativas que visem o conhecimento literário que vá além do que está escrito nas apostilas, indicando, por exemplo, a leitura completa da obra literária e trabalhando o texto literário recorrendo às edições fidedignas.

Portanto, os materiais didáticos, embora se constituam como objetos ligados à área educacional, revelam uma fonte sobre o modo como o discurso do saber é construído e legitimado pela sociedade contemporânea de modo geral, evidenciando, assim, a relevância da divulgação desse tema.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa, 2005. p. 95-97.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Garnier, Livreiro-Editor, 1899.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Edição Crítica. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro/Comissão Machado de Assis, 1977.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de & PIRIS, Eduardo Lopes. Subjetivação, saberes e poderes: o autor do livro didático como um interveniente na relação pedagógica. In: AQUINO, Z.G.O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PINTO, M. A. G. (Org.). **O poder do discurso e o discurso do poder**. v.1. São Paulo: Editora Paulistana, 2018, p. 122-143. Disponível em: <https://cied.fflch.usp.br/ii-cied-vi-jadis-2016-livro-e-edicao-de-periodico>.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. – 37. ed. ver., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLECUA, Alberto. **Manual de crítica textual**. Madrid: Castalia, 1983[reimpr:1990].

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARMAGNANI, Anna Maria G. Ensino apostilado e a venda de novas ilusões. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 45-55.

CARVALHO, Castelar de. **Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2018.

Dicionário Aulete. Disponível em: <https://aulete.com.br/apostila> . Consulta em: 13 de abril de 2024.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/apostila/>. Consulta em 13 de abril de 2024.

FERREIRA, Ana Carolina de Souza. O *ethos* de Frei Bartolomeu Ferreira a partir das variantes da edição de 1586 da Compilação de todas as obras de Gil Vicente: o caso do Auto da Barca do Inferno. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PEDRO, Adriana Moreira; OLIVEIRA, Agildo Santos Silva de; SILVA, Alexandra Marques; SOUZA, Douglas Rabelo; BRITTO-COSTA, Letícia Fernandes de; KOBAYASHI, Sergio Mikio. **Discurso e identidade: múltiplos enfoques**. São Paulo: FFLCH, 2018, p. 115-126. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/9788575063361>.

FIORIN, José Luiz. O *éthos* do enunciador. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho (orgs.). **Razões e sensibilidades: a semiótica em foco**. Araraquara: Laboratório Editorial FLC/UNESP, 2004.

FUCHS, Catherine. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórico e crítica. [trad. L. M. Rezende]. **Alfa**, n. 29, 1985, p. 111-120.

GRIGOLETTO, Marisa. Leitura e funcionamento discursivo do livro didático. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**: língua materna e língua estrangeira. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 67-77.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. [trad. Dilson Ferreira da Cruz et al]. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. Eduardo Martins. 3ª edição, revista e ampliada. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

PIRIS, Eduardo Lopes. A dimensão subjetiva da argumentação e do discurso: focalizando as noções de ethos e de pathos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 2, p. 52-62, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/400>.

PIRIS, Eduardo Lopes. O ethos e suas noções conexas: análise do discurso do líder do governo na sessão parlamentar que antecedeu o AI-5. **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 61, p. 1-18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v61i0.8655042>.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para que filologia/crítica textual? **Revista Acta**, v. 1, 2011.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. As variantes substantivas. In: ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Edição crítica atualizada. São Paulo: Desconcertos Editora, 2021, p. 245-256.

SPAGGIARI, Barbara & PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Fontes:

ANDRADE, Fernando Teixeira de. **Literatura I Coleção Objetivo Sistema de Métodos de Aprendizagem. Livro 14**, p.117.

COC Linguagens e Códigos - Pré-vestibular - Língua Portuguesa 4: Romantismo e Realismo. São Paulo, [s.d.] p. 70-71.

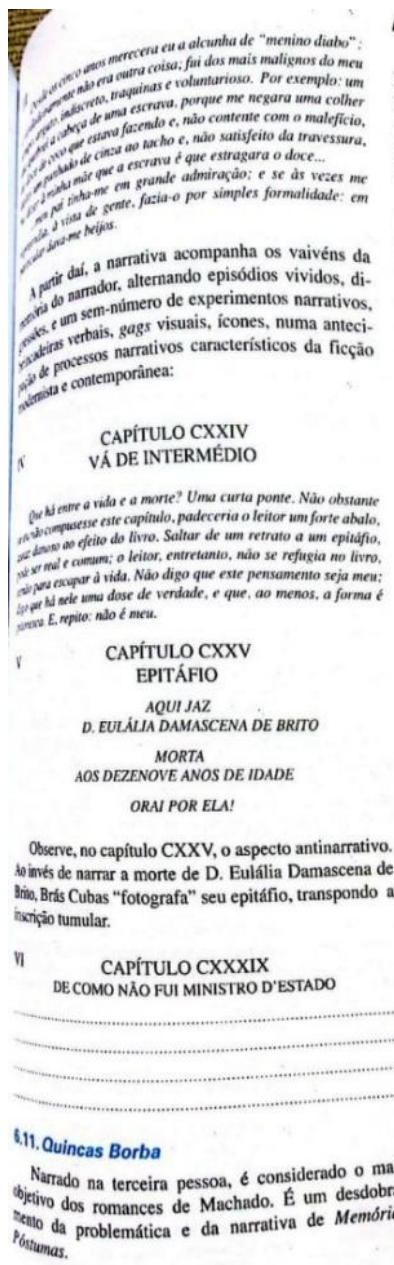
Etapas 3 Português. São Paulo, [s.d.], p. 39-40.

Pré-vestibular Português - Frente 2. Sistema de Ensino Objetivo. São Paulo, 2019.

Pré-vestibular Português Livro 3. Sistema de Ensino Poliedro. São Paulo: Editora Poliedro, 2017, p. 114.

Anexos

Anexo I – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila Literatura I Coleção Objetivo Sistema de Métodos de Aprendizagem - Livro 14



**CAPÍTULO CXXIV
VÁ DE INTERMÉDIO**

Que há entre a vida e a morte? Uma curta ponte. Não obstante, a vida não compunha este capítulo, padeceria o leitor um forte abalo, caso desse ao efeito do livro. Saltar de um retrato a um epitáfio, não ser real e comum; o leitor, entretanto, não se refugia no livro, mas para escapar à vida. Não digo que este pensamento seja meu; digo que há nele uma dose de verdade, e que, ao menos, a forma é nova. E, repito: não é meu.

**CAPÍTULO CXXXIX
DE COMO NÃO FUI MINISTRO D'ESTADO**

§ 11. Quincas Borba

Narrado na terceira pessoa, é considerado o mais objetivo dos romances de Machado. É um desdobramento da problemática e da narrativa de *Memórias Póstumas*.

A – Resumo

É a história de um professor mineiro de primeiras letras, **Rubião**, para quem o filósofo **Quincas Borba** (personagem que já aparecera em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) deixa todos os seus bens, com a condição de que o herdeiro cuide de seu cachorro, também chamado *Quincas Borba*.

De posse da fortuna e tendo aprendido de *Quincas Borba* alguns elementos de sua filosofia, o **Humanitismo**, **Rubião** muda-se para o Rio de Janeiro. Desabitua-se com a vida na cidade grande, cercado de pessoas que vivem de seu dinheiro, **Rubião** apaixonou-se por **Sofia**, mulher de **Cristiano Palha**, seu sócio.

Ao saber da corte de **Rubião** à sua mulher, **Palha** divide-se entre dois sentimentos: o ciúme que tem da mulher fá-lo pensar em atitudes radicais, mas sua dependência econômica de **Rubião** o leva a não querer ofender o sócio.

Sofia, astuciosamente, consegue manter intatos, tanto o interesse de **Rubião**, quanto a fidelidade conjugal. Lentamente, **Rubião** começa a agir de maneira estranha: acredita-se Napoleão, fantasia a realidade, fala sozinho na rua e, pouco a pouco, perde toda sua fortuna e também a razão.

Arruinado, **Rubião** deixa de ser útil e é abandonado pela roda de parasitas que o cercava. **Palha** e **Sofia** afastam-se cada vez mais e ele acaba sendo internado num asilo de onde foge para voltar a Minas. Morre lá, em pleno delírio de grandeza, acompanhado de seu cão *Quincas Borba* e repetindo uma frase do *Humanitismo*: “Ao vencedor, as batatas”.

B – Textos

I

– Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas, mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição de sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transportar a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é agradável ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

– Mas a opinião do exterminado?

– Não há exterminado. Desaparece o fenómeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Há de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de continuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

O fragmento transcrito é uma explanação sobre a teoria filosófica de Quincas Borba, o **Humanitismo**. Com ela, Machado realiza uma **paródia irônica** das teorias filosóficas do tempo, especialmente do **Determinismo**, teoria segundo a qual o comportamento humano é rigorosamente subordinado aos seus condicionamentos biológicos, genéticos, sociais, mesológicos e históricos (“a raça, o meio e o momento”).

Aqui, a morte de Rubião, ao fim do romance:

II

Poucos dias depois morreu... Não morreu súbito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, — uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores apalpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

— Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria, dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

Anexo II – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila de Português – Frente 2 Coleção Objetivo Sistema de Método de Aprendizagem

Quincas Borba: aspectos gerais

Este *Quincas Borba*, se acaso me fizeste o favor de ler as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Quincas Borba, que intitula esse livro, corresponde ao mesmo menino-mendigo-filósofo que aparece em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mas é enganoso pensar que *Quincas* será o protagonista dessa história, pois a atenção recairá sobre Rubião, amigo do filósofo. *Quincas*, ao morrer, deixa uma grande herança para esse amigo sob uma condição peculiar: ele deve cuidar de seu cachorro, chamado, também, *Quincas Borba*.

Publicado em 1891, dez anos após *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o romance *Quincas Borba* desenvolve a tese do Humanitismo, já apontada no romance anterior, cujo lema é “Ao vencedor, as batatas”. Dividida em 201 capítulos curtos, a obra apresenta, ao estilo machadiano, temas crítico-reflexivos – os marginalizados, os diferentes, os pobres e os loucos. Com narração em 3ª pessoa, acompanhamos a história de Rubião, que, feito rico, será explorado e se tornará miserável – exemplo concreto da teoria de *Quincas* –, pois, fraco e ingênuo, acaba sucumbindo aos que estão mais adaptados ao mundo capitalista.

Personagens principais

Rubião: era professor da cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Torna-se herdeiro universal de *Quincas Borba*, pois era seu “enfermeiro” em seus últimos dias e seu único amigo.

Quincas Borba (o filósofo): já aparece em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ao se mudar para Barbacena, cai nas graças da irmã de Rubião, do qual se torna amigo. Tem como ideal a teoria do Humanitismo – os mais fortes e adaptados sobrevivem, os mais fracos serão manipulados até sua completa aniquilação. “Ao vencedor, as batatas” é a síntese da alegoria criada para explicar essa filosofia.

Quincas Borba (o cachorro): passa a viver com Rubião depois da morte de seu dono, o filósofo. É personagem fundamental na trama e apresenta comportamentos cada vez mais humanos.

Sofia e Cristiano Palha: formam o casal que se aproveitará da fortuna de Rubião com o intuito de ascender socialmente.

Trado e fragmentos de uma teoria

Quincas Borba abandona o Rio de Janeiro e parte para Barbacena (MG). Logo que chega lá, enamora-se de uma viúva (Maria da Piedade), irmã de Rubião, o qual fazia gosto em casá-los. A senhora acaba morrendo, e a amizade entre os dois prospera. Quando *Quincas* adoece, Rubião passa a servi-lo como cuidador – era o seu único amigo na cidade.

Capítulo 7 Realismo e desconstrução romântica

Após a morte do rico filósofo, Rubião herda de *Quincas Borba* suas propriedades, suas apólices e uma grande soma em dinheiro, além do seu cachorro (também chamado *Quincas Borba*), com a condição, para que recebesse toda a doação, de que cuidasse dele sem medir esforços.

Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinha por quê? Era nomeada herdeira universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações da Banca do Brasil e de outras instituições, joias, dinheiro amoldado, livros, — tudo finalmente passava às mãos do Rubião [...]. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro *Quincas Borba*, nome que lhe deu por motivo da grande afecção que lhe tinha. Exigia da dita Rubião que o tratasse como se fosse a ele próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-a de molestias, de fugas, de roubo ou de morte que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se não fosse, mas pessoa humana.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Rubião se muda de Barbacena para o Rio de Janeiro; agora, quer desfrutar do dinheiro recebido. Durante tal viagem de trem, conhece o casal Sofia e Cristiano Palha, para os quais conta inocentemente sobre a fortuna que herdara. O casal se entreolha: era a situação perfeita; logo, oferecem companhia e ajuda amistosa.

Sofia Palha era uma mulher belíssima e gostava de ser desejada. Logo, torna-se alvo do desejo de Rubião. Cristiano, ao saber do interesse de Rubião por sua esposa, sente-se dividido entre o ciúme e a conquista fácil de prestígio social. Sofia já não poupa esforços para seduzir Rubião – astuciosamente, dribla o interesse do moço avançando e recuando nos cortejos – e ainda consegue manter intacto seu casamento.

— Meu Deus! como é bonita! Sinto-me capaz de fazer um escândalo continuava a pensar o Rubião, encostado à janela, de costas para fora, com os olhos esquecidos na bela dama, que alhava para ele.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Cristiano Palha oferece a Rubião sociedade em uma casa de importação, a “Palha e Cia”. O afortunado ainda recuou por algum tempo, mas aceitou logo que Sofia, de forma dissimulada, insistiu no acordo.

Sofia (dona astuta!) recolheu-se à inconsciência do homem, respeitosa da liberdade moral, e deixou-o resolver por si mesmo que entraria de sócio com o marido, mediante certas cláusulas de segurança. Foi assim que se fez a sociedade comercial; assim é que Rubião legalizou a assiduidade das suas visitas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Rubião é explorado e caminha rumo à derrota. Sua riqueza se esvai nas mãos de aproveitadores, momento no qual ele assume seus delírios de grandeza, com "suas ideias tortas e confusas"; torna-se imperador Napoleão III, vai a campos de batalha, entra em transe e se lembra de Quincas Borba e de sua teoria.

Espalhou-se a nova da mania de Rubião. Alguns, não o encontrando nas horas do delírio, faziam experiências, a ver se era verdadeiro o boato; encaminhavam a conversação para os negócios da França e do imperador. [...]

Passaram-se alguns meses, veio a guerra franco-prussiana, e as crises de Rubião tornaram-se mais agudas e menos espaçadas. [...]

A queda de Napoleão III foi para ele a captura do Rei Guilherme, a revolução de 4 de Setembro um banquete de bonapartistas. [...]

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Rubião vai à filência, adoece e é abandonado por todos que o cercavam, exceto pelo cachorro Quincas Borba. Por fim, o protagonista é internado em um asilo, de onde foge para retornar a Barbaena, e, durante a exposição a uma chuva, contrai pneumonia e morre. O cachorro Quincas Borba sai à procura de seu dono e morre três dias depois.

No último capítulo do livro, há um diálogo do narrador com o leitor – uma das marcas da literatura de Machado de Assis.

CAPÍTULO CCI

Queria dizer aqui o fim da Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte da cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se a seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, – questão preenhe de questões, que nos levariam longe... Eial chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso ri-tel É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir as risas e as lágrimas dos homens.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Humanitismo: a teoria das batatas

O Humanitismo, a teoria criada por Quincas Borba, aparece, inicialmente, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* como "um novo sistema de filosofia". Tratava-se de ideias compiladas "em quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um" – uma mistura das teorias científicas da época, articuladas pelo narrador com tom irônico. Segundo o filósofo Quincas Borba, Humanitas ou Humanitismo é "o princípio das coisas" e pode explicar tudo – é um darwinismo caricato impregnando sua visão de mundo e do homem. Com essa teoria, os meios para garantir a sobrevivência na sociedade tornam-se justificáveis; assim, uma guerra para determinar qual é o elo mais forte da cadeia chega a ser uma necessidade.

Quincas Borba cria uma alegoria para explicar seu sistema filosófico:

ATENÇÃO!

Já é sabido que o século XIX foi regado por concepções e esquemas deterministas que visavam a explicar as relações sociais. Na ficção de Machado de Assis, a teoria da Quincas Borba – o Humanitismo – tem bases explícitas na teoria darwiniana (da que "os mais aptos sobrevivem"), conforme pode ser visto no trecho a seguir, escrito pelo próprio Darwin:

Tudo a que podemos fazer é lembrar-nos a todo o momento que todos os seres organizados se esforçam continuamente por se multiplicar segundo uma progressão geométrica; que cada um deles em certos períodos da vida, durante certas estações do ano, no decurso de cada geração ou em certos intervalos, deve lutar pela existência e estar exposto a uma grande destruição. O pensamento desta luta universal provoca tristes reflexões, mas podemos consolar-nos com a certeza de que a guerra não é incessante na natureza, que o medo é desconhecido, que a morte está geralmente pronta, e que são os seres vigorosos, sãos e felizes que sobreviverão e se multiplicarão.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Paul, Joaquim da Mesquita (Trad.). Porto: Lello & Irmão, 2003.

Mesmo não sendo da vontade de seu autor, a teoria da adaptação de Darwin se estendeu para justificar o capitalismo e seus efeitos. Racionalizando, os "mais aptos" da sociedade receberiam as benesses do sistema, e seriam ignoradas as circunstâncias que rebaixariam os outros membros à precariedade em educação e saúde, por exemplo. Estaria justificada a elevada "aptidão" de uns sobre os outros. Diante desse raciocínio, Rubião fica sem as filosóficas batatas.

— Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transportar a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é agradável ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Analisando essa teoria com base no romance de que ela faz parte, temos, de um lado, Rubião, com sua fortuna e ingenuidade e, do outro, o casal Palha e os outros usurpadores, com ganância e astúcia; na guerra pela sobrevivência, os aptos são os golpistas, já Rubião é o mais frágil e "perde as batatas", sucumbindo à loucura até sua morte.

Capítulo 7 Realismo: a desconstrução romântica

Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe abrissem a porta. O cão olhava para ele, de tal jeito que parecia estar ali dentro o próprio e defunto Quincas Borba; era o mesmo olhar meditativo do filósofo, quando examinava negócios humanos [...] mas então os olhos do cão, meio fechados de gosto, tinham um ar dos olhos do filósofo, na cama, contando-lhe coisas de que ele entendia pouco ou nada.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Uma leitura plausível é a de que o cachorro é o prolongamento do homem, uma projeção – por meio da prosopopeia – do filósofo; uma metamorfose para explicar o Humanismo.

Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não?

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Anexo III – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila Etapa 3 Português

- 21 Brás Cubas relata que “foi assim que me encaminhei para a ‘undiscovered country’ de Hamlet, sem as ansias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo”. Neste, como em diversos outros momentos, Machado de Assis utiliza-se do recurso da:
- a) metalinguagem
 - b) religiosidade
 - c) linguagem intersemiótica
 - d) intertextualidade
 - e) polifonia

- 22 Cite uma outra passagem deste capítulo em que o autor se utiliza desse mesmo recurso.

- 23 Considerando seu conhecimento geral da obra, indique:
- a) quem era a “terceira senhora” presente ao seu enterro.
 - b) por que ela padecia por vê-lo morto.
 - c) por que não convinha a ela aparentar esse sofrimento.
 - d) qual a “idéia grandiosa e útil” a que se refere o narrador no final do capítulo.

- 24 Em relação ao capítulo LV – “O Velho Diálogo entre Adão e Eva” – só não podemos afirmar que:
- a) os sinais de pontuação adquirem nesse contexto um significado novo.
 - b) o título é fundamental para uma correta interpretação do capítulo.
 - c) o autor julgou desnecessário dizer, bastou-lhe *sugerir* o diálogo ao leitor.
 - d) o texto revela-se como potencialmente erótico.
 - e) revela a tendência machadiana para a metalinguagem e a intertextualidade.

Releia o último capítulo – “Das Negativas” – e a seguir responda as questões de 25 a 30.

- 25 Ao se referir a sua frustrada tentativa do emplasto, Brás assim se expressa: “Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza”. Isso mostra que o narrador:
- a) buscou fazer o bem ao próximo, pois procurava aliviar o sofrimento humano.
 - b) colocou a pesquisa científica acima de qualquer interesse pecuniário.
 - c) procurou conciliar o interesse científico com sua profunda ambição.
 - d) sua atitude filantrópica não passou de uma máscara, pois buscou acima de tudo a notoriedade.
 - e) o emplasto, um misto de alquimia e ciência, foi seu último projeto para alcançar a riqueza.

- 26 Retire do texto um exemplo de *antítese*.

- 27 Nesse capítulo o narrador faz a “contabilidade” da sua vida, ou seja, elabora o “balanço” de sua existência. Reescreva as passagens que sugerem essa idéia ao leitor.

- 28 Em relação à frase final do livro – “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” –, indique:
- a) qual a idéia, muito em voga na época realista-naturalista, que o verbo *transmitir* sugere.
 - b) o sentido da palavra *legado*.
 - c) a extensão da conclusão do narrador, a partir do uso do pronome possessivo *nossa*.
 - d) a que se refere o narrador com o substantivo *miséria*.

- 29 Comente a razão do título: “Das Negativas”.

- 30 Comente como o desfecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pode ser interpretado como expressão do niilismo.

- *Quincas Borba*: segundo romance da melhor fase machadiana. Rubião herda toda a fortuna do filósofo fundador do Humanitismo, com a única condição de tomar conta do cão que recebera o seu nome: Quincas Borba. De posse da fortuna, Rubião sai de

Barbacena rumo à corte. Na viagem, conhece Sofia e seu marido Cristiano Palha. Rubião torna-se verdadeiramente amigo de Cristiano Palha, mas apaixona-se irremediavelmente por Sofia. Esperta, astuta e interesseira, Sofia não lhe dá esperanças, mas não as retira. Enquanto isso, Cristiano Palha, através de artimanhas comerciais, toma toda a fortuna de Rubião. Ao final, sem o afeto de Sofia e sem fortuna, retorna a Barbacena em companhia de Quincas Borba, o cão.

Narrado em terceira pessoa, é considerado seu romance mais objetivo. A narração situa-se no real e o autor paira acima dos personagens – o narrador é onisciente e intruso, pois ele vem frequentemente a prosaísmo para conversar com o leitor ou, algumas vezes, penetrar em alguma personagem para analisar a parcela do real que lhe cabe.

Retrata com técnica perfeita o painel social da época, obtida pelo desenvolvimento gradativo do enredo, pela evolução dos acontecimentos no tempo, ou ainda pela revelação progressiva do caráter e das ações das personagens.

O texto a seguir – o capítulo VI – representa um dos momentos mais célebres do romance, em que se faz a exposição da doutrina do Humanitismo.

“Para entenderes bem o que é a morte e a vida, basta contar-te como morreu minha avó.

– Como foi?

– Sentia-se.

Rubião obedeceu, dando ao rosto o maior interesse possível, enquanto Quincas Borba continuava a andar.

– Foi no Rio de Janeiro, começou ele, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o adro, para ir ter à cadeirinha, que a esperava no largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas traquinanas. No momento em que minha avó saía do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das bestas de uma sege; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a sege passaram-lhe por cima. Foi levada em braços para uma botica da rua Direita, veio um sangrador, mas era tarde; tinha a cabeça rachada, uma perna e ombro partidos, era toda sangue; expirou minutos depois.

– Foi realmente uma desgraça, disse Rubião.

– Não.

– Não?

– Ouve o resto. Aqui está como se tinha passado o caso. O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derrubou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer. Se em vez de um rato ou de um cão, fosse um poeta, Byron ou Gonçalves Dias, diferia o caso no sentido de dar matéria a muitos necrológicos; mas o fundo subsistia. O universo ainda não parou por lhe faltarem alguns poemas mortos em flor na cabeça de um varão ilustre ou obscuro; mas Humanitas (e isto importa, antes de tudo), Humanitas precisa comer.

Rubião escutava, com a alma nos olhos, sinceramente desejoso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó. Seguramente o dono da sege, por muito tarde que chegasse à casa, não morria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre. Explicou-lhe, como pôde, essas dúvidas, e acabou perguntando-lhe:

– E que Humanitas é esse?

– Humanitas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião, talemos de outra coisa.

– Diga sempre.

Quincas Borba, que não deixara de andar, parou alguns instantes.

– Queres ser meu discípulo?

– Quero.

– Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah! nesse dia terás o maior prazer da vida, porque não há vinho que embriague como o

verdade. Crê-me, o Humanismo é o remate das coisas: e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vê como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas...

– Mas que Humanitas é esse?

– Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível. – ou, para usar a linguagem do grande Camões:

Uma verdade que nas coisas anda,

Que mora no visível e invisível.

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, o o universo é o homem. Vais entendendo?

– Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...

– Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição de sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é agradável ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

– Mas a opinião do exterminado?

– Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Há de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de continuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

– Bem: a opinião da bolha...

– Bolha não tem opinião. Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-las a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho. Repito, as bolhas ficam na água. Vês este livro? É *Dom Quixote*. Se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino."

31 O texto anterior é, essencialmente:

- narrativo,
- descritivo,
- narrativo, mas com uma breve descrição de época.
- descritivo-dissertativo, pois além do quadro de época há também a exposição de uma doutrina.
- narrativo-dissertativo.

32 Assinale a alternativa que não condiz com o episódio da morte da avó de Quincas Borba:

- Este utiliza o episódio para ilustrar sua filosofia, o Humanismo.
- Se, em vez da morte de sua avó, fosse a morte de um homem ilustre, o fato teria outro sentido, pois a repercussão da tragédia teria sido muito maior.
- Quincas comenta o fato como tendo sido decorrente de uma lei natural.
- Rubião não entendeu o episódio da mesma forma que o amigo.
- A filosofia de Quincas Borba se apóia, entre outras coisas, no instinto de sobrevivência que rege a existência humana.

33 Comente como, ao ilustrar sua filosofia com o exemplo das tribos famintas e do campo de batatas, Quincas Borba chega a uma conclusão paradoxal.

34 Em certo momento, o narrador dá a entender que Quincas sofre de algum tipo de desequilíbrio, ou seja, parece associar essas ideias a um homem cuja sanidade pode ser posta em dúvida. Transcreva a passagem do texto em que isso se evidencia.

35 Embora Quincas apresente suas ideias como extremamente originais, um leitor razoavelmente informado logo perceberá que ele se apropria de ideias alheias, "maquiando-as". Indique, a partir de seus conhecimentos, a provável origem das ideias do criador do Humanismo.

36 Devido à dificuldade de entendimento de suas abstrações por parte de Rubião, que recursos Quincas Borba utilizou para se fazer entender?

• *Dom Casmurro*: Bentinho (Dom Casmurro) e Capitu cresceram juntos e desde cedo trocam confidências como verdadeiros namorados. A mãe do jovem sonhava vê-lo padre, e teria seus sonhos realizados se não fosse o empenho de Capitu, do agregado José Dias e do amigo Escobar. Bentinho e Capitu finalmente se casam. Transcorre um período sem filhos, nutridos na solidão pela companhia de Escobar e Sancha, sua mulher. Até que lhes nasce um filho, Ezequiel. Bentinho, com o passar do tempo, vai notando que Ezequiel apresenta cada vez mais características do amigo. Escobar morre, e Bentinho parece ver no olhar de Capitu a confissão da culpa. Resolve expulsar de casa a mulher e o filho. Capitu morre, alguns anos depois, na Europa.

Bento encontra mais uma vez o filho, agora homem e cada vez mais "porcido" com Escobar. Ezequiel dedica-se a estudos de arqueologia, parte para a Palestina e lá morre, vitimado por febre tifóide.

O romance é escrito em primeira pessoa, elaborado de maneira retrospectiva. Em todo o processo narrativo, o autor mais sugere que afirma – pelo fato de o narrador perceber somente uma parcela do real, e é nessa parcela que o romance é desenvolvido.

Os dois capítulos seguintes têm o mesmo título: "Olhos de Ressaca", referindo-se aos olhos de Capitu. Deve-se observar a perfeita sondagem psicológica do narrador. No primeiro, os olhos de Capitu envolvem Bento, atraindo-o irremediavelmente. No segundo, indiretamente os olhos denunciam a traição da mulher e confirmam as suspeitas de Bento – Capitu fica apaixonadamente o defunto Escobar.

Capítulo XXXII

Olhos de Ressaca

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

– Está na sala, penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho do pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares, e só lhe ouvi esta pergunta:

– Há alguma cousa?

– Não há nada, respondi; vim ver você antes que o Padre Cabral chegue para a lição. Como passou a noite?

– Eu bem. José Dias ainda não falou?

– Parece que não.

– Mas então quando fala?

– Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longo, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita...

– Que tem, tem, interrompeu Capitu. E se não fosse preciso alguém para vencer já, e de todo, não se lhe falaria. Eu já nem

Anexo IV – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila
COC Linguagens e Códigos - Pré-vestibular - Língua Portuguesa 4:
Romantismo e Realismo

Romantismo e Realismo

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma idéia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a brasejar, a pernejar, a fazer as mais arrojadadas cabriolas de volatin, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondriaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruado, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me não de reconhecer os hábeis. Assim, a minha idéia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a causa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.

Quincas Borba (1891)

Neste romance, narrado em terceira pessoa, ressurgiu a personagem Quincas Borba, filósofo maluco, amigo de Brás Cubas que já aparecera no primeiro romance. Recebendo uma herança, Quincas morreu louco e a deixou para Rubião, um amigo que cuidava dele onde morava, em Barbacena, Minas Gerais.

Junto com o dinheiro, deixou também um cachorro, que tinha o mesmo nome do dono. De posse da fortuna, Rubião aproveitou-a, mudando-se para o Rio de Janeiro. Ali, conheceu um casal de operários, Cristiano e Sofia Palha. Enquanto isso, Sofia seduzia Rubião com promessas de veladas e nunca cumpridas, o marido, em texto de aplicações, apropriava-se de sua fortuna. Rubião, pobre e louco de amor, foi para Barbacena, onde morreu, acompanhado unicamente do cão.

Desenvolve-se aqui uma doutrina, cujas bases já tinham aparecido em *Memórias Póstumas*: o Humanitismo, a filosofia de Quincas Borba. Trata-se de uma grande paródia das teorias científicas do século XIX, particularmente do Positivismo e do Evolucionismo. Baseando-se na máxima “Ao vencedor, batatas”, a doutrina mostra a luta pela sobrevivência como o principal motor das ações humanas; através dela, todos os nossos gestos são justificados, bem como as ações mais terríveis e nefastas.

A paródia é tanto mais acentuada quanto se percebe que, sendo uma apologia da luta humana, é adotada por personagens que fazem para obter sucesso na vida: Brás Cubas, Quincas Borba e Rubião. Os três herdam por herança; não exercem nenhum grande poder sobre o dinheiro que possuem; não desenvolvem nenhuma atividade produtiva conseqüente. E, acima de tudo: seu sucesso é apenas aparente. Terminam solitários suas existências mediocres. A teoria explica e justifica o sucesso humano, mas não o ser o que é: vazia, porque esse sucesso é ilusório. A busca da racionalidade das ações humanas conduziu as personagens que adotaram a doutrina do Humanitismo à situação inversa da Razão: a loucura. Um dos capítulos finais do livro mostra exatamente o enlouquecimento de Rubião.

Foi a comadre do Rubião, que o agasalhou em sua casa, ao cachorro, vindo-os passar de frente da porta. Rubião conheceu-a, aceitou o abrigo e o almoço.

Romantismo e Realismo

— Mas o que é isso, seu compadre? Como foi que chegou assim? Sua roupa está toda molhada. Vou dar-lhe umas calças de meu sobrinho.

Rubião tinha febre. Comeu pouco e sem vontade. A comadre pediu-lhe contas da vida que passara na Corte, ao que ele respondeu que levaria muito tempo, e só a posteridade a acabaria. Os sobrinhos de seu sobrinho, concluiu ele magnificamente, é que não de ver-me em toda a minha glória. Começou, porém, um resumo. No fim de dez minutos, a comadre não entendia nada, tão desconcertados eram os fatos e os conceitos; mais cinco minutos, entrou a sentir medo. Quando os minutos chegaram a vinte, pediu licença e foi a uma vizinha dizer que Rubião parecia ter virado o juízo. Voltou com ela e um irmão, que se demorou pouco tempo e saiu a espalhar a nova. Vieram vindo outras pessoas, às duas e quatro, e, antes de uma hora, muita gente espiava da rua.

— Ao vencedor, as batatas!... — bradava Rubião, aos curiosos. Aqui estou imperador! Ao vencedor, as batatas!

Esta palavra obscura e incompleta era repetida na rua, examinada sem que lhe dessem com o sentido. Alguns antigos desafetos do Rubião iam entrando, sem cerimônia, para gozá-lo melhor; e diziam à comadre que não lhe convinha ficar com um doudo em casa, era perigoso; devia mandá-lo para a cadeia, até que a autoridade o remetesse para outra parte. Pessoa mais compassiva lembrou a conveniência de chamar o doutor.

— Doutor para quê? acudiu um dos primeiros. Este homem está maluco.

— Talvez seja delírio de febre; já viu como está quente?

Angélica, animada por tantas pessoas, tomou-lhe o pulso, e achou-o febril. Mandou vir o médico, — o mesmo que tratara o finado Quincas Borba. Rubião conheceu-o também; e respondeu-lhe que não era nada. Capturara o rei da Prússia, não sabendo ainda se o mandaria fuzilar ou não; era certo, porém, que exigiria uma indenização pecuniária enorme, — cinco bilhões de francos.

— Ao vencedor, as batatas! concluiu rindo.

Esse enlouquecimento se deu, entre outros motivos, por um amor não correspondido. Dessa forma, pode-se perceber certa referên-

cia satírica ao sentimentalismo romântico. O tema da loucura sempre impressionou Machado de Assis, que voltou a ele muitas vezes em seus contos. Da mesma forma, a solidão humana parece ser o fim de todas as vidas, em uma perspectiva pessimista que era mesmo uma das características da obra machadiana.

Dom Casmurro (1899)

Se partirmos do pressuposto de que uma das propostas básicas do Realismo era a busca da Verdade, teremos neste romance um dos mais sérios questionamentos às bases realistas. De fato, nele, a Verdade é algo inatingível.

O narrador, Bento Santiago, com sessenta anos de idade, resolve contar a história de sua vida, para, como ele diz, “atar as duas pontas da vida” e tentar justificar, a partir de uma retomada da infância, o temperamento reservado e ensimesmado que adquiriu na velhice. A infância, de fato, foi uma época importante para ele, porque nela conheceu a grande paixão de sua vida, Capitu, sua vizinha. A diferença social — Bentinho era rico, e Capitu, no máximo, remediada — não impediu o crescimento da amizade entre as duas crianças. Desse sentimento para a paixão foi um passo curto que ele, sempre tímido e inseguro, deu com o auxílio da amada.

Filho único de uma mulher viúva, D. Glória, Bentinho foi criado dentro de estrita obediência à mãe. A ameaça desta, de fazê-lo padre, em cumprimento de uma antiga promessa, pôs em risco a realização dos planos de casamento dos dois namorados. Bentinho chegou a ser enviado a um seminário. Ali, conheceu Escobar, que se transformaria em seu melhor amigo. Juntos, conseguiram convencer os pais da sua total falta de vocação sacerdotal. Livraram-se da batina e puderam seguir suas carreiras: Bentinho foi estudar em São Paulo, e Escobar foi fazer Escola de Comércio.

Dois anos depois de formados, casaram-se: Bentinho com Capitu, e Escobar com Sancha, grande amiga da primeira, que co-

Anexo V – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila Pré-vestibular Português Livro 3 Sistema de Ensino Poliedro

Em seu delírio, Brás Cubas dá-nos a conhecer fatos de sua vida: Marcela, a prostituta com quem tem as primeiras experiências sexuais, aos 17 anos. Para contentá-la, gasta sem ter dinheiro, empenhando a futura fortuna que seria herdada com o falecimento do pai. Descoberta a trama, o narrador observa: “**Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis**”.

Brás Cubas irá estudar na Europa, voltará algum tempo depois de formado porque a mãe está entre a vida e a morte. O pai quer fazê-lo político e, para tanto, aproxima-o de Virgília, filha do Conselheiro Dutra, homem influente e bem-relacionado. O plano fracassa. Lobo Neves é escolhido para substituí-lo e Virgília se casa com o rapaz. Brás Cubas se aproxima do casal e toma Virgília como amante.

Nesse romance, aparecerá pela primeira vez a figura inesquecível de *Quincas Borba*, cujo romance homônimo aparecerá em 1891.

Quincas Borba (1891)

É o segundo romance da famosa trilogia de Machado de Assis (*Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*) que forma a sequência da “obra madura” do autor, e é o único dos três a ser narrado em terceira pessoa.

Quincas Borba, personagem que já aparecera anteriormente no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, rapaz muito inteligente e bem falante, transformara-se em mendigo – para o espanto de Brás –, roubara-lhe um relógio de família e desaparecera, repentinamente, nos degraus da igreja de São Francisco, onde habitava.

Ganhara uma grande fortuna e fora morar em Barbacena. No entanto, antes que isso ocorresse, contara a Brás Cubas a sua teoria sobre o “Humanitas”, a qual tinha como lema “Ao vencedor, as batatas!”.

Naquela cidade mineira, o cachorro de *Quincas Borba* recebeu o mesmo nome do dono. Um enfermeiro e professor chamado Rubião passa a trabalhar para *Quincas*. Com a morte deste, Rubião, em companhia do cachorro (cuidar do cachorro era uma das exigências do testamento de *Quincas Borba*), vai para o Rio de Janeiro.

Provinciano, crédulo, conhece, ainda no trem para o Rio de Janeiro, Sofia e seu marido Palha. Rubião apaixona-se e é enganado por ambos, que lhe arrancam toda a fortuna e o internam em um hospício carioca. Foge para morrer em Barbacena; o cachorro morre pouco depois. Leia os dois capítulos finais do romance.

Capítulo CC

Poucos dias depois morreu... Não morreu súbito nem vencido. Antes de principiarmos a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, – uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou parentura uma expressão gloriosa. – Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

Machado de Assis. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Obra completa. v. I.).

Capítulo CCI

Queria dizer aqui o fim do *Quincas Borba*, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, – questão preme de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

Machado de Assis. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Obra completa. v. I.).

Bom observar que a ironia, o humor e o pessimismo, quanto a como se comporta a humanidade (a própria teoria do Humanitas), são as características mais intensas, mas grandiosa é a observação da alma humana que Machado promove com a participação do narrador. As ideias (no caso a teoria sobre Humanitas, o ser humano) acabam sendo transmitidas, enlouquecem pessoas, tal como acontece com Rubião, personagem que passa a ser uma espécie de *alter ego* do próprio *Quincas Borba*.

Dom Casmurro (1899)

O romance é composto de 148 capítulos curtos e tem como tema o adultério. O narrador trabalha sob a égide de Otelo, o ciumento que Shakespeare criou em peça homônima. No entanto, um adultério que não pode ser comprovado na história, posto que o narrador não nos deixará pista certa do sim ou do não, mas apenas indícios.

Nele, aparecerão as personagens mais importantes e conhecidas dos romances realistas brasileiros: Bento Santiago (o Bentinho) e Capitola (a Capitu de olhos de ressaca, olhos de cigana oblíqua e dissimulada).

O texto é escrito em 1ª pessoa e é um depoimento amplo sobre a vaidade masculina, as desconfiças do ponto de vista machista, apresentando estrutura circular quanto à temporalidade: começa quando Bento Santiago, um sisudo advogado de 50 anos, resolve escrever um livro para “atar as duas pontas da vida”, e termina quando, contada a história, cumpre-se o círculo narrativo: eis Bento Santiago velho, sozinho, sem ninguém que o ame ou a quem possa amar.

É um romance construído para leitura atenta e minuciosa porque, sendo seu narrador a personagem principal, nos envolverá como testemunhas. Sua ótica é, dessa forma, parcial. Terminada a leitura, uma interrogação pairará no ar: Ezequiel é filho de Escobar? Capitu traiu Bentinho? Há mais de cem anos os leitores procuram uma impossível resposta que sustente a narrativa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que fui nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna

égide: proteção, modelo; sisudo: sério, fechado, ensimesmado.

A representação do professor na discursividade do Escola Sem Partido: uma proposta analítica

Lucas Pereira da Silva
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Ao longo de duas décadas, o Escola Sem Partido (ESP) tem se destacado como um tema de discussão de grande relevância na esfera pública, tornando-se um objeto de disputa em diversos contextos. Especificamente, tornou-se objeto de discussão nas várias formas de mídia contemporânea quando adquiriu o estatuto de Projeto de Lei em 2016, propondo alterações em documentos oficiais da educação. Diante desses acontecimentos, torna-se evidente a diversidade de atores sociais que, na condição de argumentadores, apresentam diferentes pontos de vista sobre os destinos da educação brasileira como um todo, as possíveis direções a serem tomadas a partir das propostas do Escola Sem Partido e as potenciais consequências decorrentes das decisões a serem tomadas. Destacamos, em especial, a importância atribuída a essa discussão na esfera pública, uma vez que possui o potencial, em uma situação deliberativa, de alterar o que se compreende da educação no país e, em maior ou menor medida, determinar como certos atores – especialmente professores – podem agir no ambiente escolar com base nos valores que passam a ser legitimados.

Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo discutir como determinadas perspetivações, tidas como factuais, são tematizadas em um texto que consiste em um nó na rede de enunciados em torno do ESP, chamando especial atenção para a disputa acerca de determinadas categorias

e noções muito caras ao debate em questão – a saber, por exemplo, mas não somente, as noções de neutralidade, ideologia/ideológico e doutrinação.

Como *corpus*, utilizaremos um texto publicado no jornal Gazeta do Povo, em fevereiro de 2019, de autoria de Miguel Nagib, intitulado *O pesadelo de Paulo Freire*. A escolha deste texto para servir como objeto de análise se justifica por nos possibilitar, por meio de pistas linguísticas, ter acesso a uma rede de valores e ligações discursivas a partir dos quais o articulista, Miguel Nagib, enquanto figura expressiva da discursividade pró-ESP e original propositor do Movimento, representa alguns eventos e algumas entidades em específico. Neste trabalho, daremos foco ao processo textualmente construído de representação do professor e das atitudes a ele relacionadas e atribuídas, além de observarmos como que “neutralidade” e seu oposto “doutrinação”, termos consideravelmente flutuantes e em constante disputa nessa polêmica, são recrutados e mobilizados em termos da construção de uma imagem do docente.

Para dar cabo a nosso empreendimento analítico, valer-nos-emos dos Estudos Críticos do Discurso (Gonçalves-Segundo, 2018; Wodak; Meyer, 2016; Fairclough, 2003), bem como dos conceitos de analogia (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005 [1966]; Walton, 2006) e, mais pontualmente, de posicionamento epistêmico (Marín-Arrese, 2011; Gonçalves-Segundo, 2020b) como categorias de análise.

Isso posto, o presente capítulo se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos uma síntese dos conceitos a serem mobilizados em nosso empreendimento analítico, remontando às categorias localmente pertinentes para este capítulo; na segunda seção, discorreremos brevemente sobre o Escola Sem Partido, buscando contextualizá-lo enquanto um movimento e projeto de Lei que suscita debate na arena pública e, em especial, enquadrar a problemática da flutuação terminológica muito pertinente à manutenção da representação do professor em tal discursividade; na terceira seção, apresentamos o texto tomado como *corpus* e procedemos à análise; na sequência tecemos nossas considerações finais, seguidas das referências e, por fim, do anexo.

1 Posicionamento epistêmico e analogia como recursos para a análise discursivo-argumentativa

Nesta seção, discutimos brevemente acerca dos fenômenos modais e, com mais atenção, evidenciais na linguagem verbal como partes constituintes de uma noção semântico-discursiva mais ampla – o Posicionamento Epistêmico –, buscando demonstrar sua relevância para os estudos argumentativos e para os estudos discursivos. Na sequência, discorreremos brevemente sobre o esquema por analogia, buscando evidenciar os aspectos mais relevantes na sua mobilização, a saber a capacidade de construir relações de similitude localmente relevantes para fins de construção de uma perspectiva e de convite do consumidor textual a considerá-la plausível. Em seguida, abordaremos brevemente alguns dos pressupostos dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), em especial aqueles que são mais relevantes para o desenvolvimento de nosso empreendimento analítico nas seções subsequentes.

Julgamos a categoria de Posicionamento Epistêmico argumentativamente relevante por permitir identificar, nesta articulação, o uso dessas instâncias linguísticas no papel de enfrentamento do ceticismo de um consumidor textual em situações de visada argumentativa (Amossy, 2018; Gonçalves-Segundo, 2020b) e do desacordo a respeito de um assunto ou tópico de interesse comum, além de ser discursivamente relevante por proporcionar pistas de filiações discursivas, as quais constituem indicativos de atividades discursivas que compõem as práticas sociais e que estão, portanto, relacionadas à estruturação social e aos jogos de poder (Fairclough, 2003; van Dijk, 2017[2008]).

Entendemos evidencialidade como um fenômeno linguístico por meio do qual seria possível recuperar conhecimentos relacionados à Base e à Fonte de determinados conhecimentos (Bednarek, 2006; Marín-Arrese, 2011). Sua instanciação pode ser observada no exemplo abaixo, extraído do texto a ser analisado:

(1) **Como se vê**, a questão não se situa na esfera do ser, mas na do dever ser. Não é um problema epistemológico, mas ético e jurídico. Justificar a doutrinação pela inexistência da neutralidade é como tentar justificar o roubo pela existência da cobiça.

Como notamos na construção em **negrito** no excerto (1), o articulista se vale de um verbo em terceira pessoa para indicar (i) que a fonte da proposição (em *itálico*, editado para fim de exemplificação) é ancorada numa percepção, ainda que não a dele, cuja pista se dá pelo uso da forma impessoal do verbo “ver”, e (ii) que essa informação foi acessada por meio daquilo que circula socialmente, estando na rede de valores que constituem a subjetividade coletiva, tida como perceptível a quem quer que ocupe uma posição razoável – além de, localmente, também funcionar como um encapsulamento daquilo que foi apresentado anteriormente no desenvolvimento do tecido textual e criar, assim, o efeito de tais informações circularem socialmente e são acessíveis por parte de qualquer ator razoável.

Para além dessas duas dimensões relacionadas à recuperação de origem da informação, evidenciais também podem indicar o quanto o produtor textual se compromete com a proposição textualizada e ainda o quanto ele abre espaço, no texto, para a ponderação de outras vozes e perspectivas sociais (Gonçalves-Segundo, 2020b). Nesse sentido, o evidencial em destaque no trecho (1) indica, também, (iii) que o produtor textual dá sinal de que adere à informação veiculada pela proposição e (iv) que há contração do espaço dialógico do texto ao mobilizar uma estrutura que desestimula a consideração de outras possibilidades de perspectivação do real.

A modalidade epistêmica, por seu turno, diz respeito, por um lado, à avaliação de um produtor textual com relação ao estatuto de realidade da proposição, ou seja, ao que pode ou não ser concebido como verdadeiro, plausível ou impossível em face de suas crenças discursivamente ancoradas e, por outro lado, diz respeito ao comprometimento da voz autoral instanciado linguisticamente, sendo tais noções associadas, respectivamente, às perspectivas cognitivista e funcionalista da linguagem. Vejamos um exemplo:

(2) **Pode** ser impossível eliminar totalmente a influência do fator ideológico; mas fazer um esforço metódico para reduzir e controlar essa influência é perfeitamente possível.

No excerto (2), o verbo em destaque consiste em uma ocorrência de modal epistêmico. Tal recurso linguístico permite ao consumidor textual identificar que a voz autoral busca comprometer-se menos em relação à representação textualizada do que se usasse o verbo “ser” conjugado no presente do indicativo, por exemplo. Esta estratégia de (des)responsabilização

constitui a dimensão do grau de comprometimento em relação ao conteúdo veiculado, ao mesmo tempo em que confere certo grau de realidade à proposição, de forma que busca flexibilizar dialogicamente esse estatuto, isto é, adota essa estratégia para evitar a afirmação categórica e a negação polêmica, o que pode inclusive auxiliar na defesa de sua face (Gonçalves-Segundo, 2020b), ao evitar generalizações que pudessem causar resistência ao seu dizer.

Como é possível observar, os parâmetros a partir dos quais se constituem os estudos evidenciais e modais têm, de forma significativa, pontos de contato e isso suscita discussões a respeito do nível de contato que se firma entre as noções (para uma discussão mais detida e pormenorizada, cf. Gonçalves-Segundo (2020b)). Marín-Arrese (2011) reforça o caráter crucial das pesquisas sobre evidenciais para os Estudos Críticos do Discurso, na medida em que eles “fornecem uma explicação de como o conhecimento é controlado no discurso e como a aceitação da informação pelos ouvintes/leitores pode ser manipulada no interesse do poder e da ideologia pelos grupos dominantes” (Marín-Arrese, 2011, p. 790). Além do potencial de ser um recurso que potencializa maior criticidade em face de avaliações de instâncias argumentativas, uma vez que tais instâncias funcionam como dispositivos coesivos e são capazes de indicar filiações ideológicas e discursivas (Fairclough, 1989), para o presente capítulo, focaremos especialmente nos casos de evidencialidade em função do potencial de fornecer pistas quanto ao que é assumido como distribuído e consolidado discursivamente no processo de mobilização da analogia empreendida pelo articulista.

Quanto ao eixo argumentativo, entendemos que o esquema argumentativo por analogia apoia-se em uma comparação entre entidades ou estados de mundo, uma “similitude de estruturas”, de modo a estabelecer uma relação entre foro e tema (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005[1958]) – ou entre um domínio-fonte e um domínio-alvo (Lakoff; Johnson, 2003[1980]) –, tratando-se, pois, de relação de similaridade que é construída localmente; isto é, trata-se algo estabelecido no ato analógico e não de algo *a priori* (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005[1958], p. 424). Nesse sentido, a semelhança construída entre dois casos se dá a partir de uma comparação estrategicamente focalizada. Nas palavras de Walton (2006, p. 97), “uma vez que um caso é considerado como tendo uma certa propriedade, então o outro caso, conclui-

se, também tem a mesma propriedade (porque um caso é semelhante ao outro)".

Nessa relação de focalizar a semelhança entre propriedades, uma das partes tende a ser assumida como menos tensionada, isto é, assumida como factual ou acordada. "Normalmente, o foro é mais bem conhecido que o tema cuja estrutura ele deve esclarecer, ou estabelecer o valor, seja valor de conjunto, seja valor respectivo dos termos" (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005[1958], p. 424-425); é justamente nesta relação entre o conhecido e a semelhança construída/projetada que podemos encontrar pistas da rede de valores e de concepções à qual determinados atores sociais estão filiados e, assim, identificar em função de quê estão sendo localmente mobilizadas.

Nesse sentido, julgamos pertinente partirmos de uma perspectiva calcada nos Estudos Críticos do Discurso, por entendermos que partem de um conjunto de pressupostos calcados na interdisciplinaridade e que são essencialmente balizados pela investigação de problemas sociais, problemas esses que se localizam na tensão entre a reprodução e a transformação de estruturas de desigualdade e de poder. Quanto a seu aspecto interdisciplinar, chamamos a atenção para a necessidade de articulação entre os processos de descrição, interpretação e explicação (Fairclough, 2003; Gonçalves-Segundo, 2018) dos textos tomados para análise – aqui, priorizaremos somente a descrição e a interpretação. Quanto ao aspecto concernente a sua tomada de posição frente a um problema social, partimos dos ECD faz-se pertinente na medida em que, no texto a ser analisado, é possível flagrarmos elementos linguísticos que nos permitem remontar a dinâmica de ataque à figura docente, muito recorrente nas disputas que giram em torno do Escola Sem Partido, seja enquanto movimento, seja enquanto projeto de Lei (da Silva, 2022).

Isso nos leva à problemática quanto à dimensão quantitativa do *corpus*. Para que se tenha (i) uma descrição minuciosa da materialidade semiótica, (ii) uma interpretação profícua do funcionamento das práticas sociais em que o texto está envolvido e das ordens do discurso às quais está constrangido e (iii) uma explicação precisa e pertinente em termos sociais, políticos e econômicos (Fairclough, 2003; Gonçalves-Segundo, 2018), os ECD tendem a estarem associados a estudos de um *corpus* mais extenso, a fim de lidar com a distribuição de diversos textos e, assim, possibilitar chegar a uma

generalização. Para uma análise que bebe dos pressupostos dos ECD aplicadas a um texto, portanto, é preciso entender o texto como um exemplar de padrões discursivos dispersos em outras materialidades semióticas.

No texto a ser analisado, torna-se evidente a reprodução de uma perspectivação da realidade calcada na perseguição à figura do professor. No sentido oposto, ainda que momentaneamente busque alimentar a ideia de que o ESP, enquanto movimento ou projeto de Lei, tem assumido uma postura ponderada ou medida, salta-nos aos olhos um movimento de transformação, calcada possivelmente no tensionamento que passou a integrar a rede de disputa em vista dos diversos reveses que o projeto de Lei sofreu ao longo dos anos (da Silva, 2022). Em outras palavras, assumimos que o ataque à figura docente pode ser caracterizado como problema social – haja vista atacar uma normatividade que assume o papel do docente como peça fundamental na dinâmica de ensino-aprendizagem na escola, por exemplo –, o que nos permite tomar o texto escolhido para análise como um exemplar ideal.

Isso posto, na seção a seguir, faremos uma descrição panorâmica do ESP, chamando atenção especialmente às pautas comumente defendidas e, de maneira mais saliente, à mudança de postura materializada pelo articulista em relação à noção de neutralidade.

2 Contextualizando o Escola Sem Partido: flutuação terminológica e perspectivações da realidade

Em meados 2016, durante o que viria a ser posteriormente identificado como o primeiro pico de atenção ao Escola Sem Partido (ESP) (da Silva, 2022), a iniciativa começava a se destacar ao adquirir a forma de um Projeto de Lei, embora ainda enfrentasse desafios em termos de consistência para manter-se nesse formato. Consequentemente, passou a ser objeto de debates em diversas esferas de atividade humana (Bakhtin, 2003), especialmente na educacional, na política e na jornalística. Embora tenha ganhado maior visibilidade na década de 2010, as origens do Escola Sem Partido remontam a 2003, quando Miguel Nagib, advogado, Procurador do Estado de São Paulo e reconhecido como fundador do movimento, sentiu-se compelido a redigir uma carta aberta ao professor de sua filha. Isso ocorreu após um episódio no qual o

professor, ao utilizar uma analogia para exemplificar casos em que figuras do imaginário popular teriam morrido em nome de seus valores, fez menção a São Francisco de Assis e Che Guevara (Rocha, 2020). Após esse incidente, que provocou indignação, o caso foi debatido localmente com a administração escolar, e o desentendimento foi resolvido – ou assim se esperava.

O Movimento Escola Sem Partido, por muito tempo, afirmou ter como propósito central advogar por uma suposta neutralidade em relação aos comportamentos no ambiente escolar, particularmente por parte dos professores, buscando assim intervir no âmbito educacional por meio de um Projeto de Lei. Essa intervenção visa combater o que o idealizador e seus apoiadores classificam como “doutrinação ideológica”¹. Ao longo dos anos, no entanto, o ESP foi ampliando suas causas. Além da proposta inicial de combater um suposto viés político-partidário no ambiente da sala de aula praticado por professores, ganhou destaque, por exemplo, a objeção veemente ao que chamam de “ideologia de gênero”.

Com o passar do tempo, movimentos de resistência às propostas do ESP também angariaram adeptos, atualizando o ambiente cognitivo da controvérsia (Tindale, 2017; Isola-Lanzoni; da Silva, 2024) e resultando em uma tentativa de reperspectivar as discussões acerca dos rumos a serem seguidos² no que diz respeito às necessidades constitutivas do cenário educacional brasileiro. É justamente nessa dinâmica de contato entre perspectivas favoráveis e contrárias que pudemos flagrar um fenômeno significativo: a mudança da postura comumente assumida por parte de atores sociais favoráveis ao ESP. Ao longo de seu surgimento e amadurecimento, diversos foram os ataques às premissas e às propostas do projeto, como a busca por mostrar que os alunos não são ingênuos, que a aprovação do projeto levaria provavelmente a consequências negativas graves, ou mesmo o questionamento da real capacidade de professores influenciarem, de fato, os alunos em sala de aula (da Silva, 2022). Ganha força, junto disso, o questionamento sobre o que se entende por diversos conceitos flutuantes e comumente invocados por argumentadores favoráveis ao ESP, dentre eles o

¹ Disponível em: <http://escolasempartido.org/blog/entrevista-do-coordenador-do-esp-ao-site-portaberta-09-08-2008/>.

² Para uma discussão sobre uma mudança na chave de leitura que coloca em xeque a pertinência da própria discussão sobre o Escola Sem Partido, cf. da Silva (2023).

conceito de "neutralidade", seja da informação veiculada, seja da postura do docente (da Silva, 2022). Assumimos que, nesse contato, os posicionamentos contrários, argumentativamente sustentados, passaram a ganhar forma e, com isso, começaram a (i) minar o poder instituído pelo efeito de verdade única de que existiria uma neutralidade, além de (ii) colocar em xeque a suposta soberania por parte de professores no uso da escola para fins políticos partidários, o que sustenta a perspectivação de tais atores como agentes de doutrinação, entendendo, na esteira dos ECD, que a eliminação de perspectivas alternativas é, em si, uma forma de poder.

Isso posto, o texto a ser analisado na próxima seção é visto como um exemplar desse movimento de transição da posição pró-ESP de reconhecimento da não existência da neutralidade, de modo a, em paralelo à construção de uma imagem de ponderação quanto a isso, investir, novamente, no ataque à postura do professor – como se o papel deste fosse total e absolutamente alheio ao conteúdo por ele veiculado, seja ele entendido como neutro ou não. Passemos, então, a nossa seção de análise.

3 O que se espera do professor?: representação discursiva e caminhos analógicos

O texto selecionado para ser analisado é de autoria de Miguel Nagib, original propositor do Movimento Escola Sem Partido, ainda no começo da década de 2000. Parte da escolha por esse texto se faz por ser possível flagrar um movimento de transição da postura do articulista, representativo da discursividade pró-ESP, frente ao que se entende por neutralidade, em especial. Isso se tornará mais palpável no decorrer de nossa análise.

Para guiar nosso empreendimento analítico, optamos por primeiramente encontrar os blocos temáticos que organizam o desenvolvimento do texto³ e, para isso, tomamos como pista a sumarização de algumas ideias por meio de formulações universalizantes que se encontram na transição de um bloco para outro no artigo de opinião. A fim de tornar essa divisão mais palpável, reproduzimos a seguir o primeiro momento, que identificamos como “estabelecimento de uma analogia”.

³ O texto, na íntegra, se encontra na seção de Anexos.

(3) Conta-se que, durante o exílio, Paulo Freire teria tido um pesadelo cuja lembrança o atormentou até o fim dos seus dias. Sonhou que estava numa sala de cirurgia, pronto para ser operado. Viu, então, a seu lado, um homem que parecia haver saído de um chiqueiro, sujo dos pés à cabeça, segurando um bisturi.

"Quem é o senhor?", perguntou o futuro Patrono da Educação Brasileira.

"Sou o médico que vai operá-lo", disse o homem.

"Mas o senhor está imundo, suas mãos estão imundas, o bisturi está imundo. O senhor não vai nem se lavar?"

E o médico respondeu, enquanto riscava a barriga do paciente com o bisturi: "Lamento, sr. Paulo, seria inútil. Não existe ambiente que seja livre de contaminação".

Justificar a doutrinação pela inexistência da neutralidade é como tentar justificar o roubo pela existência da cobiça.

Por meio da criação de uma imagem potencialmente chocante, é facilmente detectável, ao mapearmos essa analogia, que pessoas que alegam a inexistência de neutralidade estão em relação de equivalência com "um homem que parecia haver saído de um chiqueiro"; no caso da pauta central – a escola –, esse ator equivaleria, portanto, à figura do professor.

Por meio de um evidencial de delegação difusa – *conta-se que* –, o articulista inicia seu texto pela criação de um efeito de verdade de que essa narrativa circula socialmente e que, por isso, é algo de fácil acesso a qualquer ator social. Independentemente da constatação do quão distribuída é essa história ou se ela de fato chega a ser de conhecimento comum, nesta materialização textual, o efeito de verdade é criado e mobilizado em função da analogia estabelecida para a sensibilização do consumidor textual, além de ser algo reforçado pela estrutura evidencial que encabeça o texto.

Nessa pequena narrativa, é possível identificarmos uma simulação de um diálogo de teor altamente apelativo às emoções, que recorre ao absurdo, a fim de (i) criar uma proximidade com o leitor projetado – ao projetar ser compartilhado que é verdade, por exemplo, que a impureza é algo que precisa ser aniquilado, que a doutrinação é real e pode ser entendida como impureza, bem como que determinadas figuras representativas da área da educação flertam com esse ambiente torpe –, além de, potencialmente, no contexto da disputa, (ii) conseguir ampliar uma eventual adesão às ideias defendidas, que ecoam os posicionamentos, as concepções e os valores defendidos por atores que se filiam discursivamente ao que defende o ESP. A mobilização da figura de Paulo Freire é especialmente relevante, na medida em que ele, enquanto patrono da Educação e, portanto, muitas vezes tomado como exemplo a ser seguido, choca-se diante da imagem de uma referência da área da medicina,

um médico, performando um procedimento sem qualquer apreço às condições mínimas de sanitização: se o médico, uma referência, causa espanto nestas condições, por que Paulo Freire, uma referência, não causaria igual espanto com seus ensinamentos? O leitor é convidado a fazer as inferências de que: (i) Paulo Freire defende práticas que são consideradas inapropriadas e (ii) hipocritamente reconhece o quão impróprios são tais comportamentos; em outras palavras, é doutrinador e tem consciência disso.

A hipótese de que se trata de uma formulação apelativa se sustenta no efeito pretendido na mobilização analógica. Esse tipo de raciocínio, conforme defendem Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005[1958]) na teoria da argumentação, consiste em uma comparação entre entidades ou estados de mundo. É fundamental, portanto, salientar que essa relação de similaridade é *construída localmente*, ou seja, é algo estabelecido no ato analógico. Por se tratar, pois, de um texto que circula em uma disputa de natureza argumentativa, não podemos nos furtar mencionar os possíveis efeitos que tal formulação pode ter nas formas de representar a figura docente e de fazer (re)emergir-las em momentos outros na rede de posicionamentos.

Como mencionado anteriormente, a transição da postura do articulista enquanto representativo da posição pró-ESP frente à impossibilidade de neutralidade ganha forma substancial. No terceiro enunciado de discurso direto, podemos observar o uso da conjunção “nem” no período “o senhor não vai nem se lavar?”, de maneira que pode ser entendida como um sinal da inculcação de determinado discurso que assume como verdade um desprendimento com sequer a tentativa de fazer-se estéril, neutro ou apresentável. Para aqueles que se filiam a discursividade tal, com o passar dos anos em que a disputa ganhava fôlego no espaço público, a impossibilidade da neutralidade no ambiente da escola passou a ser reconhecida (estrategicamente ou não, consciente ou inconscientemente) como factual, passando o agenciamento de atores quanto a isso ao novo foco de disputa: isso é, inclusive, textualizado logo na lide do texto – “Que a neutralidade não existe é um fato. A questão é saber que atitude devemos tomar diante desse fato”.

Essa ponderação, calcada numa ideia escalar de “níveis de (des)controle da neutralidade”, alimenta a imagem de que aqueles que (supostamente)

doutrinam fazem-no atravessados pela intencionalidade, na medida em que o “tentar” ser neutro (algo que “nem se tenta”) já seria suficiente para que, no contexto da disputa, esse ator, o professor, não fosse reiteradamente categorizado como criminoso. Na finalização desse primeiro momento, temos a sistematização da analogia formulada pelo articulista.

De modo a sumarizar a relação de equivalência entre doutrinação e roubo, bem como entre neutralidade e cobiça, é possível mapear a tentativa de transpor a relação construída como causal, e indesejável, entre o *crime que decorre de um pecado* para o alvo de discussão, que consiste na suposta relação causal – e inevitável – entre a *inexistência de neutralidade e a doutrinação que disso decorre*. Esse jogo de transposição das relações que subjazem a tais eventos é pertinente, na medida em que evidencia um convite a interpretar aquilo que ocorre na escola – categorizado como doutrinação e que é assumido como factual – a partir das lentes que olham – e certamente dão abertura ao julgamento – situações que são caracterizadas como pecados. Essa tentativa de aproximação com o campo do que é entendido como pecaminoso joga luz sobre “o uso das analogias como estratégias de criação e negociação de significados com vistas à persuasão, à manipulação e ao exercício do poder” (Ferreira, 2018, p. 124), uma vez que parte de uma visão calcada em valores religiosos e que, não raro, circula hegemonicamente como aceito, verdadeiro ou, pelo menos, plausível.

Essa possibilidade interpretativa se sustenta na medida em que, imediatamente adiante, podemos flagrar um novo movimento de aproximação com o leitor projetado, ao invocar eventos tidos como prototípicos e recorrentes, convidando-o a rememorar momentos em suas vidas em que tivessem tido contato com um evento assim para, com isso, solidificar a pertinência da ideia apresentada e que será reiteradamente defendida ao longo do texto: professores não são neutros, têm consciência disso, utilizam-se de estratégias de desvio para driblar a responsabilidade e, com isso, reiterar uma imagem circulante de que há uma obrigação não seguida de sua parte.

Reproduzimos, então, o segundo bloco temático que organiza o desenvolvimento do texto, que identificamos como “enquadramento de cenários hipotéticos”.

(4) Se o leitor já passou pela desagradável experiência de se dirigir à escola de um filho para reclamar do professor de Geografia que usa suas aulas para demonizar o agronegócio e glamourizar o MST; ou do professor de História que não perde uma oportunidade de falar do “golpe de 2016”; ou da professora de Português que obriga os alunos a ler artigos tendenciosos sobre gênero e feminismo, é muito provável que tenha recebido a seguinte resposta: “Ô, pai/mãe, não existe neutralidade!”

“Não existe neutralidade” é o salvo-conduto do professor-militante; a escusa padrão para justificar a pregação ideológica e a propaganda político-partidária em sala de aula.

De fato, se não existe neutralidade, não só não é possível exigir do professor que seja neutro, como é inútil fazê-lo, já que ele nunca o será. O que mais um militante disfarçado de professor precisaria escutar para ceder à “humana” tentação de fazer a cabeça dos alunos?

A dose de má-fé embutida nesse raciocínio é gigantesca. O fato de o conhecimento ser vulnerável à distorção ideológica deveria servir de alerta para que os professores adotassem as precauções necessárias para reduzir a contaminação. Em vez disso, os militantes o utilizam para justificar a doutrinação.

Ora, que a neutralidade não existe, isto é apenas um fato. A questão é saber que *atitude devemos tomar diante desse fato*.

No primeiro parágrafo do excerto, o articulista, por meio da mobilização de exemplos hipotéticos, reconstrói uma estrutura condicional (se *X*, é *muito provável que Y*) cuja conclusão deriva desses cenários de um modo causal. De forma sucinta, a partir do texto, poderíamos reconstruí-la da seguinte maneira: *se o leitor já experimentou reclamar do comportamento ou da atitude de um professor na escola de seu filho, é muito provável que tenha recebido a resposta de que neutralidade não existe*. Estruturas causais têm o potencial de ampliar a plausibilidade dos eventos descritos, na medida em que ambos os polos tendem a ser assumidos como reais; assim, ao buscar ativar na memórias do leitor um evento que, se ocorrido, tem alta possibilidade de ser lido como verdade, a consequência textualmente construída também passa a ter. Além disso, aqueles que eventualmente tenham experienciado os cenários hipotéticos descritos, mas que não tenham tido contato com um evento semelhante àquele descrito na conclusão, podem passar a considerar que isso é algo iminente; que isso acontecer não é uma questão de *se*, mas sim de *quando*.

Descritos esses cenários hipotéticos, o articulista reproduz, entre aspas, o que ele chama de salvo-conduto – “não existe neutralidade”. A escolha pelo discurso direto, nesse caso, sinaliza um distanciamento em relação à proposição, o que comumente está associado a uma baixa adesão ao conteúdo veiculado (Gonçalves-Segundo, 2020b). É ainda uma marca significativa da intertextualidade, permitindo ao articulista (i) dar sinais daquilo que circula no

interdiscurso, gerando um efeito de expansão dialógica (Gonçalves-Segundo, 2020b), (ii) reforçar comprometimentos que são potencialmente identitários (alimentando a dinâmica de Nós x Eles), e (iii) criar uma associação entre a ideia de impossibilidade de neutralidade e a ação de atores que são concebidos como militantes por essa discursividade. Este último movimento é relevante em especial, à medida que o objeto de discurso “neutralidade” – especialmente quando enquadrado como algo inviável de existir – passa, então, a ser contaminado pela ideia de ser um conceito recrutado por aqueles professores que teriam, na verdade, consciência de suas ações supostamente doutrinadoras; assim, ao ser reintroduzido ao longo do texto, ele pode ser colocado em disputa e, assim, ser reperspectivado a partir da rede de valores que atravessa as formas de representar do articulista, dando pistas, assim, da discursividade à qual ele se filia.

Ainda nessa esteira, podemos identificar ao longo do parágrafo subsequente um movimento de ponderação por parte do articulista, que potencializa criar um efeito de concessão em relação ao discurso outro: passa-se a reconhecer que, de fato, o conhecimento pode não ser neutro, mas coloca-se em questão, por seu turno, a maneira como se concebe o modo ideal e correto de lidar com esse conhecimento. A crítica é deslocada, dessa forma, mais enfaticamente para as atitudes do professor em relação ao conhecimento: os eventos podem ser quiçá subjetivos, desde que essa subjetividade não seja a da figura do professor, reiterando o que já vinha circulando desde o início do ESP enquanto momento, apesar de sua formulação mais ponderada.

Ao longo dos dois últimos parágrafos desse segundo momento, o articulista trabalha de modo a salientar que *conhecimento não ser neutro* não é algo que é colocado em questão; é, pois, assumido como fato. São colocadas em questão, porém, as atitudes apropriadas frente a isso. É relevante mencionar, também, como isso funciona de modo a dar sinal da mudança na chave de leitura de como os atores pró-ESP lidam com isso: por muito tempo, a neutralidade era justamente aquilo que alegavam buscar de maneira insistente e reiterada (da Silva, 2022). No contato com diversas instâncias textuais que colocavam a possibilidade de neutralidade em xeque, isso passou a ser incorporado na maneira como os atores pró-ESP perspectivam a forma

como o conhecimento é concebido. Professor continua tendo de ser neutro, ainda que o conhecimento não o seja⁴.

Esclarecida qual seria de fato a questão que o articulista textualiza querer discutir, passamos ao terceiro momento do texto, que intitulamos “ponderação de caminhos possíveis”.

(5) Devemos relaxar e dar livre curso às nossas paixões, preferências, inclinações e preconceitos? Ou devemos fazer um esforço sincero para controlar e diminuir, tanto quanto possível, a influência desses fatores? Devemos aproveitar que os alunos estão ali, à nossa disposição, sem poder sair da sala, sob a nossa autoridade, dependendo da nossa avaliação, obrigados a nos escutar, a ler o que os mandamos ler e a estudar o que os mandamos estudar, para fagocitá-los ideologicamente, para que abracem nossas causas e votem nos nossos candidatos? Ou devemos fazer o possível para respeitar sua liberdade de consciência e de crença, e auxiliá-los de forma desinteressada na busca do conhecimento?

Como se vê, a questão não se situa na esfera do ser, mas na do dever ser. Não é um problema epistemológico, mas ético e jurídico. Justificar a doutrinação pela inexistência da neutralidade é como tentar justificar o roubo pela existência da cobiça.

Nesse segmento tópico, o efeito de ponderação se torna relevante na medida em que, ecoando a imagem criada de como entendem o professor nessa discursividade, é possível identificarmos dois agrupamentos de professores: o ideal e o real. Assumindo a primeira pessoa do plural, o articulista, novamente, cria um efeito de proximidade tanto com o consumidor textual quanto com a imagem circulante de um professor ideal hipotético: se articulista e consumidor textual conseguem ser “neutros”, então deveria também o professor conseguir, reiterando uma polarização Nós vs Eles e, com isso, reforçando traços constitutivos de cada um desses grupos – nós conseguimos e, portanto, somos neutros; eles não conseguem ou não o fazem, logo são enviesados e doutrinadores.

Além disso, os valores dos quais parte o articulista para fazer essa distinção entre tipos de professor são reiterados no primeiro período do segundo parágrafo do excerto, ao contrastar o que é tido como real e aquilo que seria o esperado: é construído como factual, e visível por parte de qualquer ator razoável, que professores *relaxam e dão livre curso a suas paixões, preferências, inclinações e preconceitos*, ao passo que *deveriam fazer um esforço sincero para controlar e diminuir, tanto quanto possível, a influência*

⁴ Para uma visão mais pormenorizada da relação entre os argumentos em torno do dissenso sobre o ESP, cf. da Silva (2022).

desses fatores; que aproveitam que os alunos estão ali, a sua disposição, sem poder sair da sala, sob sua autoridade, dependendo de sua avaliação, obrigados a escutá-los, a ler o que mandam ler e a estudar o que os mandam estudar, para fagocitá-los ideologicamente, para que abracem suas causas e votem e seus candidatos em vez de fazer o possível para respeitar a liberdade de consciência e de crença dos alunos, e auxiliá-los de forma desinteressada na busca do conhecimento.

Como faz reiteradamente em outros textos de sua autoria, o articulista invoca noções do direito, encarnando seu papel social de jurista e o poder que herda dessa posição, e estabelece uma oposição entre ser e dever ser: essa distinção se faz relevante, pois salienta a imagem circulante, ainda que muitas vezes subentendida, de que o professor é um criminoso – potencial ou *ipso facto* – e que deve estar em constante julgamento. Isso se torna mais evidente com a analogia trazida novamente imediatamente a seguir – “Justificar a doutrinação pela inexistência da neutralidade é como tentar justificar o roubo pela existência da cobiça” –, em que não ser neutro pode ser comparado àquilo que se encontra no domínio de roubar, comparação essa ainda mais salientável pela marca predicativa “é como”: a semelhança construída entre dois casos se dá a partir de uma comparação estrategicamente focalizada. Essa semelhança é, ainda, recuperada e reintroduzida pela estrutura evidencial (Gonçalves-Segundo, 2020b) “como se vê”, construção que busca criar o efeito de que a relação objetivada é passível de fácil percepção: aquilo que se vê comumente é associado a algo óbvio, de pouca complexidade, ou ainda que não se pode negar a existência.

O quarto momento, constituído pela conclusão do texto e que intitulamos “síntese analógica”, reforça a imagem circulante do professor, bem como a disputa em torno das noções em disputa na polêmica.

(6) Pode ser impossível eliminar totalmente a influência do fator ideológico; mas fazer um esforço metódico para reduzir e controlar essa influência é perfeitamente possível. Um cidadão comum não está obrigado a empreender tal esforço, mas um professor está; assim como um cirurgião, mesmo sabendo ou acreditando que não existe ambiente cirúrgico livre de contaminação, está obrigado a fazer uma assepsia rigorosa antes de abrir a barriga de um paciente.

Esse último parágrafo é marcado pelo desenvolvimento de uma síntese que retoma a analogia iniciada no primeiro parágrafo: as áreas do

conhecimento da saúde e da educação são construídas como análogas, de maneira a trazer para a luz elementos que se aproximam, o que implica omitir pontos cruciais em que tais áreas se distanciam. O poder herdado enquanto articulista em um jornal de grande circulação como *Gazeta do Povo* dá a Nagib a possibilidade de criar esta verdade: é, aqui, uma questão de profissões igualmente importantes e que, portanto, devem seguir os mesmos critérios de cuidado e rigor. A dinâmica que subjaz o argumento recrutado nesse excerto consiste em partir da premissa de que um professor, mesmo sabendo e/ou acreditando não existir neutralidade, está obrigado a fazer um esforço metódico para reduzir e controlar a influência do fator ideológico, ao mesmo tempo em que é factual que um cirurgião, mesmo sabendo e/ou acreditando não existir um ambiente cirúrgico livre de contaminação, está obrigado a fazer uma assepsia rigorosa antes de abrir a barriga de um paciente. Partindo de uma discursividade que assume como real que atores distintos que partilham características constitutivas são análogos, a inferência de que professores e médicos são análogos torna-se um caminho fácil e necessário.

Aqui, torna-se, pois, argumentativamente saliente a importância de aproximar tais figuras: eventos reiterados com experiências médicas, ou mesmo o buscar saber sobre tais eventos, evidenciam as potenciais consequências de um ambiente que não está efetivamente limpo e, ao estabelecer uma analogia entre os campos da medicina e da educação, o consumidor textual é convidado a transferir a intensidade das consequências ao domínio alvo da educação. Salta-nos aos olhos, por fim, a relação de equivalência pretendida: ser neutro, sem partido, sem ideologia é ser limpo.

Para além de reforçar o caráter flutuante de termos como ideologia, neutralidade, doutrinação, dentre outros, esse trecho final chama a atenção pelo reforço da necessidade de assepsia: entendendo assepsia como “ausência de infecção e de agentes infecciosos ou patogênicos”⁵, é facilmente recuperável a maneira como a subjetividade do agente na posição de professor deve ser tratada: como algo a ser extinto, cuja “ideologia” deve ser aniquilada, e sua “doutrinação”, subtraída.

⁵ Verbete retirado de: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/assepsia>.

Considerações finais

Ao longo deste capítulo, buscamos discutir, ainda que brevemente, algumas possibilidades analíticas calcadas nos conceitos de analogia e de posicionamento epistêmico – mais especificamente de evidencialidade –, subordinados à perspectiva dos Estudos Críticos do Discurso. Buscamos, assim, enquadrar o texto selecionado como objeto de análise, bem como nos dedicamos à descrição semiótica e à interpretação discursiva de pontos pertinentes para cumprir o objetivo de analisar a representação do ator social na posição de professor, bem como o modo em que se dá a flutuação de termos caros à disputa do ESP na arena pública – com especial atenção ao vocábulo “neutralidade”, mobilizado estrategicamente em função de uma forma de representar a figura docente.

Foi possível observarmos como que o texto, enquanto nó na rede de enunciados e posicionamentos acerca do ESP, nos proporciona pistas de como determinadas disputas tencionam o entendimento de algumas noções e conceitos a fim de alçar o poder no que diz respeito à anulação e subtração de formas alternativas de representar elementos da vida social e, com isso, conseguir interferir, efetivamente, no mundo material – reiterando que assumimos, na esteira dos estudos discursivos faircloughiano, que o real também é criado por meio do discurso, e não somente representado.

No contexto da disputa em torno do ESP em específico, alçar o estatuto de factualidade de determinadas representações poderiam, dentre outras coisas, resultar em consequências reais, materiais e significativas no que diz respeito à dinâmica de funcionamento da escola, bem como no que se pode esperar da função e da importância de um pilar tão caro ao estabelecimento de uma sociedade.

Referências

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEDNAREK, Monika. Epistemological positioning and evidentiality in English News discourse: A text-driven approach. **Text & Talk**, v. 6, n. 26, p. 635-660, 2006.

DA SILVA, Lucas Pereira. Escola Sem Partido and the (real) problems of Brazilian education: an argumentative analysis. **Redis: Revista de Estudos do Discurso**, n. 12, p. 99-132, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21747/21833958/red12a4>.

DA SILVA, Lucas Pereira. **Explorando o Argumentário**: uma análise lógico-discursiva do debate público sobre o Escola Sem Partido. 352f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2022.tde-02012023-123156>.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FERREIRA, Filipe Mantovani. **Analogia e argumentação no debate parlamentar**: o caso da criminalização da LGBTfobia. 259 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2018.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Lógica Informal: uma introdução aos procedimentos de análise e de avaliação dos argumentos. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMASCENO-MORAIS, Rubens (orgs.). **Introdução à análise da argumentação**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 101-133.

GONCALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A configuração funcional da argumentação epistêmica: uma releitura do layout de Toulmin em perspectiva multidisciplinar. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso [online]**, v. 15, n. 3, p. 236-266, 2020a.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Posicionamento epistêmico e argumentação: articulações entre evidencialidade, modalidade epistêmica e provas retóricas. In: PIRIS, Eduardo Lopes; RODRIGUES, Maria das Graças Soares. **Estudos sobre argumentação no Brasil hoje**: modelos teóricos e analíticos. Natal: RN: EDUFRRN, 2020b, p. 99-142.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e Prática Social. In: BATISTA JR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira. **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

ISOLA-LANZONI, Gabriel; DA SILVA, Lucas Pereira. O lugar da argumentação na interculturalidade: reflexões a partir do curso Problems in the Anthropology of Argument. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes (Orgs.). **Argumentação e discurso na multidisciplinaridade**. Campinas: Pontes, 2024, p. 89-116.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. 2. ed. Chicago/London: University of Chicago Press, 2003[1980].

MACAGNO, Fabrizio; WALTON, Douglas. Argumentos de raciocínio prático: uma abordagem modular. Tradução: Paulo Roberto Gonçalves-Segundo, Gabriel Isola-Lanzoni, Lucas Pereira da Silva e Winola Weiss Pires Cunha. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 19, p. 140-184, 2019[2018].

MARÍN-ARRESE, Juana. Epistemic legitimizing strategies, commitment and accountability in discourse. **Discourse Studies**, v. 13, n. 6, p. 789-797, 2011.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: A Nova Retórica. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1966].

ROCHA, Ronai. **Escola partida**: ética e política na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2020.

TINDALE, Christopher. Replicating Reasons: Arguments, Memes, and the Cognitive Environment. **Philosophy & Rhetoric**, v. 50, n. 4, p. 566-588, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5325/phillrhet.50.4.0566>.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

TOULMIN, Stephen; RIEKE, Richard; JANIK, Allan. **An introduction to reasoning**. 2ª. ed. New York: Macmillan Publishing Company, 1984 [1978].

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder**. Tradução de Judith Hoffnagel; Ana Regina Vieira, et al. São Paulo: Contexto, 2017[2008].

WALTON, Douglas. **Fundamentals of Critical Argumentation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

WALTON, Douglas; REED, Chris; MACAGNO, Fabrizio. **Argumentation Schemes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. Critical discourse studies: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (org.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. 3rd ed. London: Sage, 2016, p. 01-22.

Anexos

Anexo I – O pesadelo de Paulo Freire

Que a neutralidade não existe é um fato. A questão é saber que atitude devemos tomar diante desse fato

Por Miguel Nagib

[03/02/2019] [23:01]

Conta-se que, durante o exílio, Paulo Freire teria tido um pesadelo cuja lembrança o atormentou até o fim dos seus dias. Sonhou que estava numa sala de cirurgia, pronto para ser operado. Viu, então, a seu lado, um homem que parecia haver saído de um chiqueiro, sujo dos pés à cabeça, segurando um bisturi.

“Quem é o senhor?”, perguntou o futuro Patrono da Educação Brasileira.

“Sou o médico que vai operá-lo”, disse o homem.

“Mas o senhor está imundo, suas mãos estão imundas, o bisturi está imundo. O senhor não vai nem se lavar?”

E o médico respondeu, enquanto riscava a barriga do paciente com o bisturi: “Lamento, sr. Paulo, seria inútil. Não existe ambiente que seja livre de contaminação”.

Justificar a doutrinação pela inexistência da neutralidade é como tentar justificar o roubo pela existência da cobiça

Se o leitor já passou pela desagradável experiência de se dirigir à escola de um filho para reclamar do professor de Geografia que usa suas aulas para demonizar o agronegócio e glamourizar o MST; ou do professor de História que não perde uma oportunidade de falar do “golpe de 2016”; ou da professora de Português que obriga os alunos a ler artigos tendenciosos sobre gênero e feminismo, é muito provável que tenha recebido a seguinte resposta: “Ô, pai/mãe, não existe neutralidade!”

“Não existe neutralidade” é o salvo-conduto do professor-militante; a escusa padrão para justificar a pregação ideológica e a propaganda político-partidária em sala de aula.

De fato, se não existe neutralidade, não só não é possível exigir do professor que seja neutro, como é inútil fazê-lo, já que ele nunca o será. O que mais um militante disfarçado de professor precisaria escutar para ceder à âª humana âª tentação de fazer a cabeça dos alunos?

A dose de má-fé embutida nesse raciocínio é gigantesca. O fato de o conhecimento ser vulnerável à distorção ideológica deveria servir de alerta para que os professores adotassem as precauções necessárias para reduzir a contaminação. Em vez disso, os militantes o utilizam para justificar a doutrinação.

Ora, que a neutralidade não existe, isto é apenas um fato. A questão é saber que *atitude devemos tomar diante desse fato*.

Devemos relaxar e dar livre curso às nossas paixões, preferências, inclinações e preconceitos? Ou devemos fazer um esforço sincero para controlar e diminuir, tanto quanto possível, a influência desses fatores? Devemos aproveitar que os alunos estão ali, à nossa disposição, sem poder sair da sala, sob a nossa autoridade, dependendo da nossa avaliação, obrigados a nos escutar, a ler o que os mandamos ler e a estudar o que os mandamos estudar, para fagocitá-los ideologicamente, para que abracem nossas causas e votem nos nossos candidatos? Ou devemos fazer o possível para respeitar sua liberdade de consciência e de crença, e auxiliá-los de forma desinteressada na busca do conhecimento?

Como se vê, a questão não se situa na esfera do ser, mas na do dever ser. Não é um problema epistemológico, mas ético e jurídico. Justificar a doutrinação pela inexistência da neutralidade é como tentar justificar o roubo pela existência da cobiça.

Pode ser impossível eliminar totalmente a influência do fator ideológico; mas fazer um esforço metódico para reduzir e controlar essa influência é perfeitamente possível. Um cidadão comum não está obrigado a empreender tal esforço, mas um professor está; assim como um cirurgião, mesmo sabendo ou acreditando que não existe ambiente cirúrgico livre de contaminação, está obrigado a fazer uma assepsia rigorosa antes de abrir a barriga de um paciente.

Miguel Nagib é advogado e fundador do Escola sem Partido.

Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/o-pesadelo-de-paulo-freire-684gfyjqjonvgecgbyx386u/>. Acesso em: 10 de dez. de 2019.

Uma análise discursiva crítica e dialógica de notícias sobre o “*Brazil*” na Copa do Mundo de 2022

Marcos Luis Gomes Maciel
Universidade de São Paulo, Brasil

Deize Crespim Pereira
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

O presente texto tem por objetivo analisar as representações do Brasil em notícias da imprensa de língua inglesa, publicadas durante a Copa do Mundo do Catar de 2022, à luz de pressupostos teóricos retirados da Análise de Discurso Crítica (doravante ADC) de Fairclough, do Dialogismo de Bakhtin e da Linguística Cognitiva, mais especificamente, da Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff.

Para tanto, formamos um *corpus* de notícias da Copa, que continham “*Brazil*” e termos relacionados à brasilidade, publicadas entre 20 de novembro e 18 de dezembro de 2022, em cinco jornais: *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Wall Street Journal*, *The Guardian* e *The Financial Times*.

Quadro 1. Notícias do *corpus*

SIGLA	JORNAL
NYT	<i>The New York Times</i>
WP	<i>The Washington Post</i>
WSJ	<i>The Wall Street Journal</i>
GUA	<i>The Guardian</i>
FT	<i>The Financial Times</i>

Fonte: elaboração própria.

A escolha destes periódicos está relacionada à nossa pesquisa de mestrado (em andamento) em que tecemos maiores considerações sobre

como a imprensa em língua inglesa articula o contexto do futebol com o da política brasileira, especialmente durante o bloco histórico dos anos 2013-2023 em que notamos profundas mudanças discursivas na esfera pública brasileira.

1 Quadro teórico

Para a interpretação dos dados que compõem o *corpus*, tomamos como base pressupostos retirados de diferentes teorias: A ADC, na perspectiva de Fairclough, o Dialogismo de Bakhtin e a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff. Concentraremos nossa exposição nos termos e conceitos-chave utilizados em nossa análise: heterogeneidade, hibridismo, metáfora e metonímia.

Seguindo uma tradição de estudos críticos do discurso que irromperam na esteira da Linguística Crítica na década de 1970 (Wodak; Meyer, 2016), a abordagem do linguista britânico Fairclough propõe-se a analisar o discurso como uma prática social que permeia os textos e suas condições de produção, tanto no contexto social mais imediato quanto no das instituições e estruturas sociais mais amplas (Fairclough, 2001[1989]). Fairclough denomina sua teoria-método de ADC para enfatizar que a crítica do discurso, elucidando as relações deste com o poder e ideologias de dominação, pode contribuir para a ação e a mudança social (Fairclough, 2018, p. 13).

No compromisso de explicar a causalidade das desigualdades e os diversos tipos de sofrimento da vida social, a ADC busca interpretar como “as ideologias se imbricam na linguagem” e se impõem sobre a sociedade, uma vez que a linguagem “é a forma mais comum de comportamento social” (Fairclough, 2001[1989], p. 2). Essa observação guarda clara relação com a de Vladimir Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem*: “o caráter sógnico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos” (Volóchinov, 2017, p. 94), o que pretendemos evidenciar com os exemplos extraídos de textos jornalísticos para este trabalho. A propósito, em *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2001b, p. 72) destaca a importância fundacional do dialogismo para se entender a constituição heterogênea dos textos, assim como operacionalizar os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade: em síntese, respectivamente, a relação entre textos, e a relação entre diferentes

tipos de discursos (Fairclough, 2001b, p. 72). Estas imbricações entre textos e gêneros discursivos estabelecem o que Bakhtin denomina "relações dialógicas" (2016, p. 92), que se amplificam a ponto de se realizarem como hibridismos (morfo sintáticos e discursivos) em certos enunciados: *"textos são com frequência híbridos intertextualmente, misturando gêneros e discursos, e tal capacidade híbrida fica manifesta em traços linguísticos heterogêneos"* (Fairclough, 1995, p. 33).

Para Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (2006), a metáfora não é só uma questão de linguagem, ela condiciona o modo como compreendemos o mundo, já que nosso sistema conceptual e nosso pensamento são largamente de natureza metafórica. A metáfora consiste em entender um domínio da experiência em termos de outro. Citando um exemplo relacionado ao nosso objeto de estudo, o futebol pode ser metaforicamente conceptualizado em termos de guerra, ou de dança, entre outros (Pereira, 2006). As metáforas conceptuais FUTEBOL É GUERRA e FUTEBOL É DANÇA geram, respectivamente, expressões metafóricas que ouvimos cotidianamente no contexto do futebol: como atacar, defender, soltar uma bomba (para se referir a um chute forte); e chamou para dançar (referindo-se a um tipo de drible) ou deu um baile (em referência a uma jogada ou uma vitória arrasadora sobre o adversário [ver Pereira, 2006, p. 129-132]). Este processo cognitivo nos leva a focalizar determinados aspectos do domínio em detrimento de outros. A metáfora da dança chama atenção para a qualidade artística do futebol, já a da guerra focaliza sua natureza competitiva, a qual é metaforicamente entendida como uma luta. Os exemplos citados são denominados metáforas estruturais (um conceito é metaforicamente estruturado em termos de outro). Além destas, nosso *corpus* contém também metáforas ontológicas (eventos, ações, objetos, ideias, etc. são metaforicamente compreendidos como uma entidade ou substância), mais exatamente instâncias de personificação (um objeto é metaforicamente entendido como uma pessoa, processo através do qual lhe são atribuídas características humanas).

A metonímia, por seu turno, consiste em usar uma entidade para referir a outra, a ela relacionada; exemplos: **"A Casa Branca** não está dizendo nada"; **"Os Ônibus** estão em greve"; Ele tem **um Picasso** na casa dele (Lakoff; Johnson, 1980, p. 38, tradução nossa) - respectivamente, O LUGAR PELA INSTITUIÇÃO,

O OBJETO PELO CONTROLADOR, O ARTISTA PELA OBRA. Embora sua função seja primordialmente a referência, em que uma entidade representa a outra, a metonímia também condiciona a compreensão de nossa experiência, já que conceptualizamos uma coisa por meio da relação que esta tem com outra. No exemplo do Picasso, a referência ao artista evoca ele próprio, sua técnica, sua importância, sua história, etc. e relacionamos isso tudo ao quadro. Lakoff (2006) enfatiza que tanto as metáforas quanto as metonímias são condicionadas pela cultura, ou seja, são culturalmente específicas.

2 Análise dos dados

Ao examinar o *corpus*, o primeiro aspecto que chama a atenção é a grande frequência de termos retirados do português brasileiro nos textos em inglês, conforme ilustrado nos exemplos a seguir¹.

(1) *"I come from a family that loves **samba**. I think I have a little Brazilian **ginga** [broadly: a sensual shimmy], something in the hips."* (FT, 22 nov 2022)

(2) *The legendary Brazilian winger Garrincha saw opposing defenders as interchangeable nonentities, whose job was to act as his straight men – "**Joãos**" (Johns), he called them – and Neymar plays in that spirit. It outrages him when some **João** spoils his dance with a foul.* (FT, 23 nov 2022)

(3) *The divide is ripping at the seams of the **canarinho**, the once-sacred "little canary" shirt, which was co-opted as campaign wear before, during and after the vote by supporters of the "Trump of the Tropics" – election loser Jair Bolsonaro.* (WP, 23 nov 2022) [*"A divisão está rasgando as costuras da canarinho, a outrora sagrada camisa que quer dizer "pequeno canário", cooptada como uniforme de campanha antes, durante e depois das eleições pelos apoiadores do "Trump dos Trópicos" – o candidato perdedor Jair Bolsonaro.*]

(4) *Richarlison initiated the sequence by juggling the ball on his head, flicking to a teammate and then taking the return pass and curling it into the far post. **Jogo bonito** at its **bonitoest**.* (NYT, 05 dez 2022) [Richarlison inicia a jogada fazendo embaixadinhas com a cabeça, tabela com um companheiro e recebe de volta para colocar a bola no canto do gol. É o jogo bonito no nível mais top.]

(5) *Brazil will face Croatia in the World Cup quarterfinals on Dec. 9. So, **tudo bem?** Not exactly.* (WSJ, 05 dez 2022)

(6) *When a 17-year-old Pelé and the winger Garrincha inspired them to their first World Cup victory in 1958, the song **A Taça do Mundo é Nossa** – The World Cup is Ours – left no doubt about the vital importance of music to the team's success: "The Brazilian has shown off true football abroad; he has won the World Cup dancing the **samba** with the ball at his feet."* (GUA, 06 dez 2022)

¹ A partir daqui, as traduções serão livres, de nossa autoria. Por limitação de espaço, traduziremos (entre colchetes) apenas os exemplos que forem mais relevantes para a compreensão do argumento. Nos exemplos de (1) a (6), o destaque são as palavras em português.

Quadro 2. Ocorrências de termos do português brasileiro no *corpus*

JORNAL	TERMOS DO PORTUGUÊS
FT, 22.11.22	samba; ginga; "Joãos"
WP, 23.11.22	canarinho; Bolsonaristas; hexa; favela
GUA, 24.11.22	canarinho; Bolsonarista, Seleção; Bolsominion
GUA, 06.12.22	samba; miudinho; Seleção; capoeira; <i>A taça do mundo é nossa</i>
NYT, 05.12.22	Seleção; favela; jogo bonito
NYT, 09.12.22	jogo bonito; Seleção, samba
WSJ, 05.12.22	telenovela; Seleção; tudo bem?

Fonte: elaboração própria.

Esses signos de **heterogeneidade** estão presentes sempre que se fala em futebol brasileiro, não se restringindo a citações em discurso direto (como a fala de Neymar, no exemplo (1), ou a títulos de canções ("*A taça do mundo é nossa*", exemplo (6), e são marcados quase que unanimemente na forma itálica. Tais termos remetem tanto ao domínio do futebol (*Seleção, jogo, os "Joãos"* marcadores, *hexa, canarinho*) quanto a elementos externos ao jogo (*samba, ginga, capoeira, favela, telenovela, Bolsonarista*), numa relação dialética entre texto e sociedade (Fairclough, 2001[1989], p. 19). As escolhas lexicais dos autores em transportar várias de nossas palavras para o ambiente textual da língua inglesa expressam uma expectativa em relação à atuação da Seleção. Como que para ilustrar a dialética das práticas sociais (Fairclough, 2001[1989]), estas notícias e artigos sobre "*The Seleção*" na Copa encaixam termos do português brasileiro que remetem a elementos de outros domínios da experiência (notadamente, a dança) para dissertar sobre o talento singular dos jogadores brasileiros. Neste ponto, também há diversos parágrafos dedicados ao passado de glória futebolística, com referências constantes a jogadores lendários como Pelé, Garrincha, Domingos da Guia, Ronaldinho, Romário etc., que fizeram com que o termo "*Seleção*" fosse o mais frequente, nem sempre italicizado, e por isso praticamente um sinônimo de Brasil. Assim, a motivação que está por trás do uso de termos do português é provavelmente o "capital simbólico", para utilizar a expressão de Bourdieu (1989), que a conquista de 5 copas do mundo representa: ainda uma hegemonia em um campo de disputas de impacto global. Esta singularidade pode explicar a espécie de "aura" – expressão que se associa à "magia e técnica" na obra de Walter Benjamin (1994) – que paira em torno da Seleção e sua iconografia: cores, uniforme, bandeira, camisa, jogadores, torcedores – símbolos que metonicamente

invocam o Brasil e, ironicamente, no atual momento identificam "os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura" (Benjamin, 1994, p. 70) de nosso futebol.

Simbolicamente, Pelé é constantemente mencionado e reverenciado como "*The King of Football*", ou "o Rei", em português. Então internado e a poucos dias de sua morte, após o término da Copa, Pelé está interdiscursivamente conectado à segunda expressão mais recorrente no *corpus*: "jogo bonito". Esta frase simples, ao que parece, foi cunhada por Pelé em inglês ao responder um repórter americano sobre o que era o "soccer". Em sua biografia, Pelé (2014) nos conta que sua intenção foi diferenciar "soccer", termo que lhe causava estranhamento, do "*football*" jogado nos Estados Unidos, o que também lhe causava estranhamento por saber que "*football*" vinha do inglês e designava futebol em todo o resto do mundo, menos lá nos EUA. Daí, sua resposta: "*It's the beautiful game*", que se tornou uma expressão para o próprio futebol. A expressão traduzida, "jogo bonito" ganhou repercussão global através de uma campanha publicitária de uma empresa de materiais esportivos, a Nike (Goldschmitt, 2011), com anúncios na televisão, sob o som da música "Mas que nada", de Jorge Ben Jor, ou enormes painéis de grafite, espalhados por várias cidades do mundo, fazendo o substantivo "jogo" variar para "joga", "joga bonito", e, em nosso *corpus*, criando o neologismo "*bonitoest*" (exemplo 4), que une o adjetivo em português à desinência de superlativo da língua anglo-saxã.

A heterogeneidade exemplificada até aqui, com o uso de vocabulário do português e elementos da cultura brasileira na composição de textos da imprensa de língua inglesa, constitui uma forma de render homenagens ao futebol brasileiro ainda hegemônico, não apenas pelos cinco títulos mundiais, mas também como uma fonte sempre produtiva de citações lexicais ou imagéticas da memória coletiva contemporânea. O próprio capital simbólico desta hegemonia está em disputa não apenas nas partidas da Copa, mas também na vida social brasileira: longos artigos do *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Wall Street Journal*, *The Guardian* e *The Financial Times* detêm-se sobre o cenário de polarização político-ideológica na esteira das eleições presidenciais do mês anterior (outubro de 2022), ressaltando a continuidade desta divisão através da torcida pela Seleção brasileira. Esta

narrativa de crise seguida da explicação da mesma compõe uma mistura de gêneros que Fairclough (2003, p. 34) chama de “**hibridização**” - ou hibridismo interdiscursivo.

No âmbito específico de nossa pesquisa, a hibridização revela-se como uma fusão da crônica futebolística e da crônica política. Aqui chegamos ao ponto que nos últimos anos reverbera com tanta intensidade entre os torcedores acerca da iconografia do futebol brasileiro, mais especificamente a camisa “canarinho”, também tipicamente chamada de “amarelinha” no jargão futebolístico. Inegavelmente, na história recente brasileira, este tradicional símbolo do futebol mundial tornou-se uma vestimenta representativa das pessoas que integram movimentos antidemocráticos no Brasil e que põem em circulação discursos autoritários e de certa pretensão protofascista que culminou com a ascensão do ex-presidente do Brasil ao poder em 2018.

Os artigos dos jornais examinados se propõem a narrar a divisão da sociedade brasileira, tomando o futebol como um potente espaço de representação ideológica a partir da icônica “amarelinha”. Retomemos do exemplo (3) traduzido acima o trecho “*ripping at the seams of the canarinho*” (rasgando as costuras da canarinho), e outras instâncias que remetem a esta divisão.

(7) *Brazil's **toxic** politics **stain** a soccer icon: The national team jersey* (WP, 23 nov 2022) [Clima **tóxico** da política brasileira **mancha** um ícone do futebol: a camisa da Seleção]

(8) *Can Brazil's Divisive Team Unite a **Fractured Nation**?* (NYT, 01 dez 2022) [A divisão da seleção brasileira conseguirá unir uma **nação fraturada**?]

(9) *Will the team's run this year serve as a time of national **healing**? Or will it crystallize the way the era of **toxic** politics – overheated personal attacks, violence between voters, the unfounded accusations of a stolen election – can leave lasting **wounds** on a nation?* (WP, 23 nov 2022) [A participação da equipe nesta Copa servirá como um momento de **cura** para o país? Ou vai se cristalizar na forma como a era da política **tóxica** – ataques pessoais inflamados, violência entre eleitores, acusações infundadas de fraude nas eleições – pode deixar **feridas** duradouras numa nação?]

Em primeira análise, os textos chamam a atenção para a disputa ideológica em torno da camisa da Seleção brasileira, reconhecidamente um ícone do Brasil no mundo globalizado. A divisão do país no plano político se materializa no plano simbólico do esgarçar da camisa (exemplo 3). O exemplo (7) enfatiza e generaliza a nocividade da política brasileira através de uma metáfora (“*toxic politics*”), cujo efeito contaminoso “mancha” o ícone do futebol

("stain a soccer icon"). A manchete do exemplo (8) aprofunda a gravidade destes embates, localizando-os em meio à própria Seleção brasileira ("divisive team"), ao mesmo tempo em que também se vale de uma expressão metafórica para descrever a sociedade brasileira: "nação fraturada" ("fractured nation"). Relacionada à metáfora da lesão e traumatismo, está a de doença (exemplo 9). Com tais metáforas (veneno, doença e fratura do corpo social), o leitor destes jornais, majoritariamente falantes nativos de inglês, são levados a inferir a centralidade que o futebol brasileiro ocupa na vida social brasileira em sua capacidade de "curar" as "feridas" de uma nação enferma, ou pelos menos alijada de um importante símbolo nacional reconhecido globalmente.

Todos os textos descrevem o clima de polarização política e certa paranoia pública que paira sobre os torcedores brasileiros que assistem à Copa logo após um pleito presidencial pelo qual a "extrema direita" (*far right*), representada por Bolsonaro, fora derrotada pelos "progressistas", que escolheram Lula como representante.

Esta polarização é evidenciada nas diferentes vozes da sociedade que falam nestes artigos, os quais apresentam como interlocutores pessoas comuns, assim como especialistas e também políticos, trazendo suas vozes entre aspas. Especificamente, as matérias do *The Washington Post* (23 nov 2022) e do *The Guardian* (24 nov 2022) ilustram as posições antagônicas ligadas ao uso da camisa canarinho:

(10) *Priscila Motta*: "I am not ready to wear this shirt yet"; "I don't want to be confused with a Bolsonaroista." (GUA, 24 nov 2022) ["Ainda não estou pronta para vestir esta camisa [novamente]"; "Não quero ser confundida com um Bolsonaroista"]

(11) *Omar Monteiro Jr.*: "I have a yellow shirt. I used to wear it," Monteiro said, but "man, it's very difficult [now]. The way they appropriated the shirt. It's embarrassing to wear it. It's become the symbol of the Brazilian extreme right." (WP, 23 nov 2022) ["Eu tenho uma camisa amarela que costumava usar", disse Monteiro, mas "cara, [agora] está difícil. O modo como eles se apropriaram da camisa. É constrangedor. Virou um símbolo da extrema direita no Brasil"]

(12) *Luiz Cláudio Pereira*: "For me, the shirt represents Brazil, not the national team." (...) "I think it's a lack of patriotism," he said. "That's why they don't want to wear it. I don't think it's a symbol of Bolsonaro." (WP, 23 nov 2022) ["Para mim, a camisa representa o Brasil, não a Seleção. Eu acho que falta patriotismo", diz ele. "É por isso que eles não querem vestir a camisa. Não acho que seja porque é um símbolo do Bolsonaro"]

(13) *Milly Lacombe*: "The yellow shirt is on the street calling for military intervention, calling for a coup d'etat, calling for the return of the dictatorship." (WP, 23 nov 2022) ["A camisa amarela está nas ruas pedindo intervenção militar, um golpe de estado, o retorno da ditadura"]

Nestes discursos, temos a fala de progressistas que temem vestir a camisa amarela e serem confundidos com apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (exemplos 10 e 11), e, do lado oposto, a fala de partidários de Bolsonaro (exemplo 12), estes alegando que os apoiadores de Lula não vestem a *canarinho* por uma suposta falta de patriotismo. A camisa representa a nação, como fica claro no exemplo (13), em que a camisa, personificada via **metáfora e metonímia**, sai às ruas pedindo intervenção militar.

Tanto o *The Guardian* quanto o *The Washington Post* ressaltam um esforço conjunto de reivindicar ("resgatar", "recuperar") a camisa *canarinho* da "apropriação" da extrema direita. Nesta visão, os símbolos da camisa amarela, a bandeira e o hino brasileiro, são nacionais, e, portanto, não "pertencem" exclusivamente a setores determinados da sociedade brasileira.

(14) Lula: "[It] doesn't belong to one particular candidate. It doesn't **belong** to one particular party. Green and yellow are the colours of 213 million citizens who love this country." (GUA, 24 nov 2022) ["[A camisa] não pertence a um candidato específico. Não **pertence** a um partido específico. O verde e o amarelo são as cores de 213 milhões de cidadãos que amam este país."]

(15) Marcelo Freixo: "The Brazilian flag, the Brazilian team and the national anthem have never **belonged** to the far right." (GUA, 24 nov 2022) ["A bandeira, a Seleção e o hino nacional nunca pertenceram à extrema direita."]

(16) Reginaldo Lopes. "It's wrong for one ... political faction to try and **appropriate** something which is a symbol for all Brazilians." (GUA, 24 nov 2022) ["É errado uma... facção política tentar se apropriar de algo que é um símbolo de todos os brasileiros."]

(17) Leftwings Brazilians hope to **reclaim** football jersey from Bolsonaro movement (GUA, 24 nov 2022) [Brasileiros de esquerda têm esperança de resgatar camisa da Seleção dos bolsonaristas]

(18) Milly Lacombe: "I may be wrong, but I think that the yellow shirt is irredeemable. I don't see how ... we can **recover** this shirt." (WP, 23 nov 2022) ["Posso estar errada, mas acho que a camisa amarela é irrecuperável. Não vejo como... podemos recuperar esta camisa."]

A própria Seleção, também por **metonímia**, seria um "microcosmo da polarização do país" (WP, 23 nov 2022). Os jogadores – como atores maiores da identidade nacional que o futebol oferece – estão hibridizados com os atores políticos. Vários dentre eles apoiaram Bolsonaro, e "da forma mais clara possível a maior estrela do time: Neymar", que teria gravado um vídeo na rede social TikTok cantando em apoio ao ex-presidente, assim como participado de uma *live* (no Youtube) com ele e até lhe prometido um gol. O artigo do *The New York Times*, por seu turno, traz o atacante Richarlison, autor de dois gols

na partida contra a Sérvia, como contraponto à posição de Neymar, assegurando a representação da "divisão da seleção brasileira": de um lado, a pauta progressista de combate a discursos excludentes de minorias, da causa ambiental e da responsabilidade do estado quanto à educação e saúde, e de outro os discursos que invocando o patriotismo excluem os demais.

(19) *"We're divided," said Jorge El Assad, who has owned a jersey shop in downtown Rio de Janeiro for 40 years. He said sales were down about 20 percent from the last men's World Cup, the tournament in Russia in 2018. "A lot of people coming here don't even want Neymar's No. 10 jersey, because he supported Bolsonaro," he said. "That has never happened. Never."* (NYT 01 dez 2022) ["Estamos divididos", disse Jorge El Assad, dono de uma loja que vende camisas de futebol no centro do Rio de Janeiro há 40 anos. Ele disse que as vendas caíram cerca de 20 por cento em relação à última Copa do Mundo, na Rússia, em 2018. "Muita gente que vem aqui nem quer a camisa 10 do Neymar porque ele apoiou Bolsonaro", disse ele. "Isso nunca aconteceu. Nunca."]

(20) (...) *after the match, talk of Richarlison partly focused on his left-wing politics, as well as his vocal support for Covid-19 vaccines. (Bolsonaro criticized the vaccine and still has not said whether he has received it.)* (NYT 01 dez 2022) [(...) após a partida, o assunto foi o posicionamento político de esquerda de Richarlison, e do seu apoio declarado à vacina da Covid-19. (Bolsonaro criticou a vacina e ainda não disse se a tomou.)]

A fala no exemplo (19) reitera a rejeição da camisa icônica e, especialmente, a de número 10 vestida por Neymar. Paradoxalmente, a polarização teria gerado um aumento de vendas da camisa da seleção brasileira, como documentado pelo *The Washington Post*.

(21) *Nike, which produces the official shirt, did not reply to a request for sales figures. Reports in the Brazilian press suggest a surge in domestic sales ahead of Brazil's elections – in part driven by Bolsonaro supporters. But Brazil's alternate jersey, a shade of deep blue, has also gained popularity, especially among those bothered by the yellow and green shirt's association with the political right.* (WP 23 nov 2022) [A Nike, que produz a camisa oficial, não respondeu ao nosso pedido pelos números de sua operação de vendas. Reportagens da imprensa brasileira sugerem um aumento nas vendas antes das eleições no Brasil – em parte impulsionado pelos apoiadores de Bolsonaro. Mas a camisa do segundo uniforme do Brasil, um tom de azul profundo, também ganhou popularidade, especialmente entre aqueles que se incomodam com a associação da camisa verde e amarela com a direita política.]

Este trecho nos fornece uma chave de leitura alentadora não apenas para interpretar a crescente comodificação (Fairclough, 2001b, p. 151) do futebol, instando torcedores ao consumo de material esportivo, mas uma metáfora para a própria politização do futebol – e vice-versa, a futebolização da política. A Nike e outras empresas transnacionais celebram contratos com as instituições

nacionais que regulam o futebol em determinado país e assim garantem arrecadações bilionárias (a camisa oficial do Brasil durante a Copa custava em média R\$ 350,00)² pela exclusividade na produção e no fornecimento do uniforme oficial. Segundo o jornal *O Globo*, a camisa foi “um sucesso de vendas no país e mundo afora”, e aqui podemos inferir seguramente que este sucesso de vendas relatado pela Nike e o jornal brasileiro foi amplificado pela intersecção do futebol com a política: enquanto neste campo o ex-presidente brasileiro foi seu maior divulgador, vestindo a camisa até mesmo sobre um colete de balas em comícios “patrióticos” durante a corrida presidencial, no campo do futebol é a camisa que veste o grande protagonista do time brasileiro, Neymar, tão global quanto Messi, outro “garoto propaganda” da marca; aqui devemos destacar que as vendas da camisa não sofreram o impacto da divisão ideológica da sociedade brasileira: na verdade, o apelo ao uniforme da Seleção atravessa todo o espectro político uma vez que setores de esquerda se incumbem de uma campanha de reconquista da camisa (exemplo 17) e “cura” do sentimento nacional “ferido” pela “apropriação” engendrada pela direita política. Em meio a essa disputa está o fato de que é da mesma fabricante o uniforme azul a que os mais ressentidos podem recorrer, e assim o fazem, garantindo o “ganho de popularidade” da camisa azul, como reportado pela Nike. Em suma, tanto a politização do futebol quanto a futebolização da política, enquanto representações de afiliações divergentes, não afetam os interesses da corporação transnacional que fabrica a controversa camisa da Seleção, mas até mesmo reforçam estes interesses através das opções de consumo deste produto-símbolo do confronto de opostos ideológicos.

Já mencionamos o protagonismo de Neymar em seu apoio ao presidente, chegando ao ponto, como referido anteriormente, de dançar em um vídeo da campanha presidencial.

(22) *In Brazil's recent elections, its star footballer endorsed defeated far-right president Jair Bolsonaro, even **dancing** to a campaign jingle.* (FT, 23 nov 2022) [Nas recentes eleições no Brasil, a estrela do futebol apoiou o presidente derrotado de extrema-direita, Jair Bolsonaro, até dançando ao som de um jingle de campanha.]

² GE (globo.com). *Camisa do Brasil da Copa do Mundo 2022: preço, modelos e onde comprar | seleção brasileira*. Disponível em <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2022/12/01/camisa-do-brasil-da-copa-do-mundo-2022-preco-modelos-e-onde-comprar.ghtml>. Acesso 10 jan 2024.

(23) *Neymar released a video **dancing** to a sort of anthem for the Bolsonaro campaign, and then he was interviewed by the president on a livestream.* (NYT, 01 dez 2022)

Poucos dias depois de noticiar a dança, o jornal *The New York Times* utilizou a metáfora “líder da banda” para descrever Neymar (FUTEBOL É MÚSICA, JOGAR É TOCAR):

(24) *But now Neymar is quoting James Brown, and the **bandleader is playing** the classics: Argentina, the Netherlands, England, France. It's not even Monday, and already **the tune** has changed at the World Cup.* (NYT, 05 dez 2022) [Mas agora Neymar está citando James Brown, e o **líder da banda toca** os clássicos: Argentina, Holanda, Inglaterra, França. Ainda não é segunda-feira e **o tom** da Copa do Mundo já mudou.]

Fora da notícia o trecho soa um tanto enigmático, mas o texto como um todo compara os resultados imprevistos da fase de grupos com o suposto favoritismo das equipes tradicionais na fase que se iniciava, dos jogos mata-mata. Sem sequer citar o Brasil, o destaque é o hiperlink que leva a uma rede social de Neymar, em que o atacante cita um verso de um clássico do cantor James Brown e da música internacional: “*I feel good, I knew that I would now*” (Me sinto bem, eu sabia que ia ficar bem agora). Este momento intertextual é alusivo à recuperação de Neymar da lesão que o afastou de campo em duas partidas. No entanto, para o leitor do *The New York Times* a alusão deve ir além.

Entre os anos de 2016 e 2020 vários veículos da imprensa americana, e em especial o *The New York Times*, publicaram matérias sobre um *cartoon* que foi apropriado pelos movimentos de extrema direita dos Estados Unidos. A *catchphrase*, o bordão de Pepe, the Frog (Pepe, o Sapo), é “*Feels Good*”. Circulando no mundo inteiro através de memes, Pepe foi tornado símbolo do discurso de ódio, intolerância e da supremacia branca que apoiou a eleição de Donald Trump em 2016 – aliás, diz-se que seria seu meme favorito. Uma notícia do jornal O Globo de 2019³ reporta que adesivos do sapo, incluído em uma lista internacional de símbolos de ódio, estavam sendo colados pelas faculdades do Brasil, em clara provocação a setores tradicionalmente de esquerda.

³ Época e O Globo. *Símbolo da direita radical americana, sapo 'Pepe' surge em universidades brasileiras*. Disponível em <https://oglobo.globo.com/epoca/simbolo-da-direita-radical-americana-sapo-pepe-surge-em-universidades-brasileiras-23674678>. Acesso 10 jan 2024.

O artigo do *The New York Times* que descreveu as danças de Neymar em apoio ao ex-presidente Bolsonaro (exemplo 23) fora publicado quatro dias antes do transcrito em (24). Ainda que o leitor do jornal não o tenha lido, este destaque intertextual do “*feel good*” de Brown pode levá-lo a preencher a lacuna interdiscursiva que ligaria Neymar a *Pepe, the Frog*, consequentemente também a uma ordem de discurso de ideologias radicais. Não à toa, o *The Washington Post* representou e reiterou Bolsonaro como o “Trump dos trópicos” (exemplo 3).

A dança não é só manifestação política, mas inerente ao próprio jogo de futebol, aparecendo especialmente nas comemorações de gol (exemplos 25 e 26). Desta forma, a dança também serve como metáfora para referir e conceptualizar o futebol brasileiro como arte (FUTEBOL É DANÇA, JOGAR É DANÇAR), como ilustram os exemplos (2) e (27).

(25) Roy Keane did not like it but when Brazil's players – and the coach, Tite – **celebrated** scoring against South Korea in their last-16 victory on Monday by performing Richarlison's trademark **pigeon dance**, they were following a historic tradition that represents the very soul of the Seleção. **Samba**, which has its roots in Angola and the Democratic Republic of Congo via the African slave trade, and football were adopted by Brazil's working classes just as Da Guia was making his international debut in 1931. According to Brazilian sociologist Gilberto Freyre, the distinctive style of play Brazil has become known for comes from the indelible link between the two. “In football, as in politics, a feature of the Brazilian racial blend is a taste for bending the rules, an element of surprise or frills that calls to mind dance steps and the **Capoeira**,” he wrote in the 1940s. (GUA, 06 dez 2022)

(26) **Samba** in the soul: Brazil's **dancing celebrations** part of a rich tradition (GUA, 6 dez 2022) [Samba na alma: as celebrações dançantes do Brasil fazem parte de uma rica tradição]

(2) The legendary Brazilian winger Garrincha saw opposing defenders as interchangeable nonentities, whose job was to act as his straight men – “Joãos” (Johns), he called them – and Neymar plays in that spirit. It outrages him when some João **spoils his dance** with a foul. (FT, 23 nov 2022)

(27) In Qatar, starting with Brazil versus Serbia on Thursday, Neymar is **dancing** in another competition. (FT, 23 nov 2022) [No Catar, começando pelo Brasil contra a Sérvia, na quinta-feira, Neymar dança em mais uma competição.]

O texto do *The Financial Times* (exemplos 2 e 27) compara o talento driblador de Neymar ao de Garrincha – vencedor de duas Copas (1958 e 1962), porém reconhecidamente uma figura trágica (talvez em alusão ao potencial não realizado de Neymar). Tanto este veículo quanto o *The Guardian* (exemplos 25 e 26) associam o futebol brasileiro aos termos “samba” e “capoeira”, recorrendo a elementos reconhecidamente típicos da cultura brasileira para

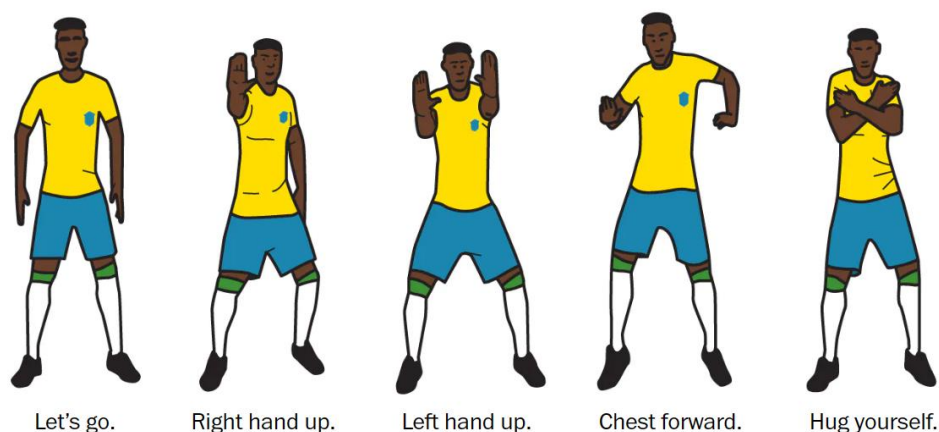
comentar a tradição festiva em torno das conquistas do futebol. Como vimos acima, este mesmo artigo abre mencionando a dança de Neymar em apoio ao ex-presidente, após o que conecta a dança à sua participação na Copa.

Figura 1. *Samba in the soul: Brazil's dancing celebrations part of a rich tradition*



Fonte: GUA, 6 dez 2022.

Em resposta a um comentarista de futebol da TV inglesa, o ex-jogador irlandês Roy Keane, o artigo do *The Guardian* (exemplo 25) aborda a influência da dança e música africanas no estilo de jogo brasileiro, cita a miscigenação racial na obra de Gilberto Freyre para explicar os elementos de surpresa na dança e nos passos da capoeira, e faz referência a um caso de racismo sofrido por Vinicius Jr. meses antes por celebrar um gol dançando durante partida do campeonato espanhol. No entanto, mais uma vez, o *The Washington Post* (9 dez 2022) vai mais a fundo e, além de uma defesa da expressão celebratória dos jogadores brasileiros, traz ilustrações animadas (*gifs*) que ensinam os passos da dança:

Figura 2. *Allow this story about dancing Brazilian players to make your day*

Fonte: The Washington Post (9 dez 2022)

A propósito desse artigo, classificado pelo jornal como “coluna visual”, não podemos deixar de notar que a dança na Figura 1 que estampou diversas notícias em jornais mundo afora aparece aqui, ilustrada na Figura 2, com um único personagem negro, uma escolha que pode servir como tradução intermodal do caso de racismo sofrido por Vinicius Jr. por suas celebrações dançantes na liga espanhola. Estas matérias se apresentaram em oposição a opiniões que viam na dança brasileira um escárnio com o adversário. Não foi. E na verdade estes textos acertadamente dedicaram-se a explicar a espontaneidade da dança nas comemorações brasileiras como parte de uma história multicultural e de tradições populares.

Com a eliminação da seleção brasileira para a equipe da Croácia, em 9 de dezembro de 2022, o jornalista especializado em futebol Rory Smith abre sua resenha da partida utilizando a metáfora da dança, porém agora em chave negativa.

(28) *Once more, then, Brazil's World Cup **ends in the dance** the country has come to know better than any other. (...) fingers were already being pointed, the blame being assigned.* (NYT, 10 dez 2022) [Mais uma vez, a Copa do Mundo do Brasil termina na dança que o país passou a conhecer melhor do que qualquer outro. (...) apontaram-se dedos, distribuíram-se culpas.]

(29) *And so here it is again, back **in that same old dance**, facing the prospect of having to start afresh once more, trying to find a path up the mountain even as the summit seems further away than ever.* (NYT, 10 dez 2022) [E aqui vai o Brasil de novo, de volta à mesma velha dança, encarando a realidade de ter que começar de novo, tentando encontrar um caminho para subir a montanha, mesmo quando o topo parece mais distante do que nunca.]

Soa quase como uma condenação ao limbo das equipes que participam da Copa conscientes de que dificilmente – talvez jamais – chegarão a conquistar o mundo através da Copa. O que o Brasil já fez em 5 momentos e permanece inigualado na história pouco parece importar nestes textos sobre a eliminação do Brasil. É uma ruptura considerável com o tom celebratório e festivo dos artigos anteriores, o que se reflete pelos demais veículos. E o veredito interdiscursivo que remete a fracassos anteriores:

(30) *The Brazilians **once again** delivered disappointment.* (WSJ, 10 dez 2022) [Mais uma decepção do time brasileiro.]

(31) *Brazil Feels **the Familiar Sting of Failure*** (NYT, 10 dez 2022) [Brasil sente a dor familiar do fracasso]

No período de duas semanas até a eliminação na Copa do Mundo o Brasil passa da representação mais valorizada – a da elite e do favoritismo – para “a dor familiar do fracasso”. Embora a derrota seja comum a todos participantes de qualquer competição, o caso brasileiro suscita um certo fatalismo acrescido de um vaticínio pessimista, como no exemplo (29): “o topo parece mais distante do que nunca”. Esta oscilação entre o futebol sublime e o fracasso comprova nossa hipótese de heterogeneidade nos discursos sobre o Brasil, com representações atravessadas por formações discursivas heterogêneas e mesmo divergentes. Com estas notas finais quase trágicas sobre a participação abreviada da seleção não podemos deixar de pensar no complexo de vira-latas pelo qual Nelson Rodrigues (1993, p. 72-73) interpretava a falta de confiança do brasileiro em alcançar conquistas futebolísticas e sociais devido a um sentimento de inferioridade diante das nações desenvolvidas. Como já dissemos, as representações do Brasil realizam uma fusão entre jogadores e políticos; assim, mesmo com a improvável vitória, esta seria protagonizada por uma espécie de “pária”, um sapo que diz “*feels good*” enquanto canta e dança para discursos de ódio. Haveria como “curar feridas” neste cenário? Haveria realmente como chegar ao topo enquanto nossos discursos, identidades e práticas estão na boca de um sapo?

Considerações finais

A heterogeneidade lexical que traz a língua portuguesa a textos de língua inglesa sobre nosso futebol e sociedade representa um espaço discursivo conquistado pela história de triunfos futebolísticos do Brasil. O país detém um capital simbólico no futebol que lhe confere uma posição hegemônica na histórica do esporte e na memória dos povos que o acompanham. Com cinco conquistas ainda inigualadas em Copas do Mundo, o "jogo bonito" é um traço de distinção e prestígio no futebol global, fazendo com que as palavras em português associadas à cultura onde o estilo único do futebol brasileiro se originou façam emergir ao leitor de língua inglesa imagens lúdicas, festivas, que remetem à dança e elementos dionisiacos associados com um modo brasileiro de ser. Enquanto nossa língua recebe o aporte de várias palavras do mundo anglo-americano em sua maioria relacionadas à ciência, negócios e tecnologias, possivelmente para o leitor do hemisfério norte nossas palavras seguidas de explicações e referências inusitadas sugerem um deleite esportivo-cultural um tanto exótico.

Pelo exercício crítico, numa leitura mais profunda, podemos interpretar essas representações do Brasil por um viés ideológico que atende a interesses maiores que a mera crônica esportiva. De fato, o espaço dado pelos jornais estrangeiros que estamos analisando é, em grande medida, controlado através de representações que possam servir a seus interesses, corporativos e/ou econômicos, como é o caso da Nike, ou políticos, como é o caso da analogia entre Bolsonaro e Trump (exemplo 3).

Historicamente, o Brasil é uma peça relevante no imaginário do jogo geopolítico mediado pelos grandes veículos de comunicação do ocidente através de seus textos. Em seu trabalho ideológico, estes veículos produzem representações cujos eventuais interesses políticos e mercadológicos não são transparentes. Assim, estes textos tanto naturalizam estas representações aos seus leitores quanto recorrem a elas para interpretar informações e processos sociais e políticos que se desdobram ao longo do tempo, por exemplo, as mobilizações sociais que constroem a polarização político-ideológica que analisamos nos recortes acima. Com efeito, estes discursos tanto se referem quanto se projetam e constituem o real e, neste trabalho, podemos observar

como o futebol brasileiro é um vetor de sentidos políticos e sociais oferecidos aos leitores de forma que estes possam tomar o estado de coisas do país pela crônica de seu futebol, como registrado em nosso *corpus*, "*Brazil is football and football is Brazil*" (NYT, 9 dez 2022).

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Media and Discourse**. London: Arnold, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. 2nd ed. New York: Taylor & Francis, 2001 [1989].
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001b.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**. Textual analysis for social research. New York: Taylor & Francis e-Library, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. CDA as dialectical reasoning. In: FLOWERDEW, John; RICHARDSON, John E. **The Routledge Handbook of Critical Discourse Studies**. London: Routledge 9-20, 2018.
- GOLDSCHMITT, Kariann. "Joga Bonito Pelo Mundo, Guerreiro": Music, Transmedia Advertising, and Brasilidade in the 2006 World Cup. **Popular Music and Society**, 34:4, 2011, 417-436. DOI: <https://doi.org/10.1080/03007766.2011.601572>.
- LAKOFF, George. Conceptual Metaphor. In: GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 185-238.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.
- PELÉ (with Brian Winter). **Why Soccer Matters: A Look at More Than Sixty Years of International Soccer**. New York: Celebra, 2014.
- PEREIRA, Deize Crespim. As metáforas do futebol brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8. São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP, 2006, p.113-143. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p113-143>.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- WODAK, Ruth; MEYER, Michael. Critical discourse studies: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (org.). **Methods of Critical Discourse Studies**. 3rd ed. London: Sage, 2016, p. 01-22. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284725923_Methods_of_Critical_Discourse_Studies_3rd_edition.

Reescrita, estilo e autoria

Raquel Lima Silva Costa

Instituto Federal de São Paulo (*campus* Suzano), Brasil
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Ao nos dedicarmos à análise de versões textuais, elaboradas por estudantes do ensino médio técnico de uma instituição federal de ensino, temos observado que, no modo como cada um deles reescreve seus textos, algo da ordem do singular se denuncia, direcionando-nos ao estilo e à autoria, no contexto da escrita *in processus*. Os traços singulares atrelam-se à maneira como mobilizam estratégias de reescrita (escolhas léxico-sintáticas e semânticas) para gerar e redirecionar efeitos de sentido. São vestígios, portanto, de como produzem discurso, ao explorarem os recursos linguístico-expressivos. Assim, diante de versões textuais, por meio da reescrita, os sujeitos implicam-se em atividades de natureza epilinguística, aqui entendidas, à luz de Franchi (1991; 1992) como aquelas por meios das quais operam com a linguagem de modo reflexivo e ativo, no sentido de colocar à prova o sistema linguístico de referência, a saber, sua língua materna.

Nossa contribuição à discussão é considerar que cada sujeito, ao escrever e reescrever, opera de modo único, para si, em decorrência da posição subjetiva que ocupa diante da escrita. Essa posição, como veremos, altera-se, em função do trabalho de escrita (Riolfi, 2003), capaz de impulsionar o sujeito a reformulações linguístico-discursivas. Assim, o modo pelo qual cada sujeito opera com os recursos linguísticos e expressivos deixa traços de um jeito de escrever que singulariza o ato de escrita. Enquanto alguns estudantes, por exemplo, optam por dar continuidade a um projeto inicial de escrita já esboçado numa primeira versão textual, outros prendem-se menos a essa primeira versão, alterando o arranjo textual mais intensamente. No primeiro

caso, os processos de reescrita são mais facilmente identificados; no segundo, já mais integrados, esses processos amalgamam-se na composição textual, desafiando o analista a capturá-los. Essa diferença no trato da materialidade linguística denuncia algo da ordem do estilo e da autoria.

Para este trabalho, no intuito de aprofundar nossas reflexões acerca dos modos singulares pelos quais os participantes de nossa pesquisa operam com a linguagem, esboçamos os seguintes objetivos: a) descrever processos de reescrita, desde a gênese até a versão “final” de um texto: e b) averiguar como esses processos atrelam-se a estilo e autoria. Para esse empreendimento, nos ancoramos em referencial teórico acerca da escrita (Calkins, 1989; Riolfi, 2003), do estilo (Possenti, 2010) e da autoria (Alves, 2015). Em termos metodológicos, mobilizamos os procedimentos de leitura e interpretação de dossiês genéticos, apresentados pela Crítica Genética (Grésillon; Lebrave, 1983; Grésillon, 2007), e o paradigma indiciário (Ginzburg, 1989) método este que, no campo das Ciências Humanas, possibilita a interpretação de rastros deixados pela escrita em ato.

No que toca à organização deste trabalho, discorreremos inicialmente acerca de nosso referencial teórico e metodológico; na sequência, apresentamos o contexto e o *corpus* de nossa pesquisa; por fim, em nossa análise de dados, tentamos dar a ver como, pela reescrita, os estudantes, por meio de escolhas e de atividade linguística (Possenti, 2010), produzem efeitos de sentido e se inscrevem nas tramas do discurso por meio de processos de reescrita singulares.

1 Ensaaios, esboços e versões: reescrita e operações linguísticas

Reescrever é ato pelo qual os sujeitos, em atividade epilinguística, reformulam o escrito. Ao fazê-lo, recorrem a operações linguísticas (escolhas lexicais e sintáticas) para gerar determinado sentido (efeito semântico). Em nosso entender, trata-se do modo pelo qual produzem discurso e situam-se na cultura. Seja para explicar melhor ou sintetizar uma informação, seja para substituir um termo por outro, seja, ainda, para rever a pontuação, os sujeitos reformulam o que escrevem, no ato mesmo de escrever, a fim de, ao seu leitor,

tornar-se mais claro, menos indelicado, mais assertivo etc. Esse processo de redizer pela reescrita, como podemos depreender, é por vezes eclipsado, notadamente em meio escolar, criando a ilusão de que a escrita “nasce pronta”, “como em um passe de mágica”. No entanto, escrever, processo árduo e demorado, é constituído pela reescrita, pelas idas e vindas que marcam a tessitura textual. Os sujeitos que se implicam nessa tarefa enfrentam impasses e decisões, até decidirem expor ao outro sua produção escrita.

Lucy Calkins, que, como nós, acredita que “os seres humanos sentem uma profunda necessidade de representar sua experiência neste mundo através da escrita” (1989, p. 15), ao dedicar-se ao trabalho com oficinas de produção textual, ao longo da escolaridade básica, apresenta, inspirada em Donald Murray, quatro etapas do processo de escrita que nos são caros, a saber: ensaio, esboço, revisão e edição (Calkins, 1989, p. 30). Para a autora, o ensaio refere-se a um estado de busca, “um modo de vida” (idem, *ibidem*) por meio do qual o sujeito põe-se à espreita para “fisgar” o que pode vir a ser escrito; o esboço é a fase marcada por hesitações, em que se registram os primeiros traços no papel, ainda sob o efeito do ensaio; a revisão articula-se à etapa do esboço, relacionando-se ao movimento de re-*visar* o dito; a edição, por sua vez, também atrelada à revisão, concerne ao momento em que o sujeito predispõe-se a leitor de si mesmo e, envolvido pelo trabalho que produz, passa às modificações “finais” do texto, então pronto a ser dado à luz. (cf. Calkins, 1989, pp. 30-32). Como podemos notar, os estágios apresentados pela pesquisadora americana, embora tratados de maneira didática, emaranham-se, confundindo-se no percurso que vai da gênese à versão “final” de um texto. Uma produção textual, portanto, é marcada por esse movimento ondulatório, um trajeto não-linear, que indicia os gestos da textualização.

Esse movimento textual marcado pela recursividade, de algo que é escrito, revisto, então reformulado, nos leva ao encontro do que Riolfi (2003) apresenta como sendo o *trabalho de escrita*, uma atividade linguística de mão dupla, marcada pela ação do sujeito sobre a escrita e pela ação da escrita sobre o sujeito, quando este, ao “estranhar” o que pincela sobre a página, empenha-se em reescrever. Ao perceber determinados equívocos, quem escreve retroage sobre o dito, na tentativa de driblar os equívocos constitutivos da língua (Milner, 2012). As operações linguísticas que marcam a reformulação,

em geral deixadas às ocultas do leitor, Riolfi (2003) compreende tratar-se de uma *ficção textual*. Ao dedicar-se à essa ficção, o sujeito predispõe-se ao trabalho de escrita, essencialmente árduo, por meio do qual passa a mobilizar estratégias linguísticas a fim de atingir determinado efeito de sentido. Altera-se, como vemos, não somente a escrita, mas a própria relação do sujeito com a linguagem. No tempo de sua ficção textual, que se aproxima da enunciação escrita, quem escreve põe-se ao manejo de estratégias pelas quais arranja e rearranja o sistema linguístico, dando a ver que a língua, para além de um conjunto de signos, está para essa experimentação que os sujeitos operam com os significantes, no intuito de embebê-los de sentidos.

Dentre os processos de reescrita, comuns ao momento da ficção textual, a Crítica Genética apresenta quatro, quais sejam: acréscimo, supressão, deslocamento e substituição. Conforme Grésillon e Lebrave (1983), tomando-se por base o cotejamento de versões textuais, esses processos referem-se, respectivamente: à inserção de unidades linguísticas em versão posterior; à exclusão de unidades linguísticas, que não são substituídas na versão seguinte; à flutuação ou movimentação de unidades linguísticas, em versão ulterior; e à troca, em versão seguinte, de unidades linguísticas que foram excluídas da versão anterior. Apresentamos o seguinte quadro, para ilustrar esses processos:

Quadro 1. Processos de reescrita

Processos de reescrita	Representação dos processos de reescrita	Explicação
acrécimo	A + B	Unidade linguística adicionada
supressão	A - A	Unidade linguística suprimida e não substituída
deslocamento	AB/BA	Unidade linguística movida de lugar no corpo do texto
substituição	A - A + B	Unidade linguística acrescida após exclusão

Fonte: Elaboração própria, com base nos estudos de Grésillon e Lebrave (1983) e de Grésillon (2007).

Embora apresentados de modo didático no quadro acima, ressaltamos que, em razão do movimento oscilatório constitutivo da escrita, cada um dos processos de reescrita pode impulsionar outros. Assim, o sujeito, ao empenhar-se em sua ficção textual, aciona seu sistema linguístico de referência, experimentando os sentidos que provêm do manejo dos significantes. O modo

como mobiliza os processos de reescrita diz respeito, portanto, à maneira como responde aos efeitos da linguagem. Dessa forma, cada reformulação operada na materialidade textual é uma pista de um movimento linguístico subjetivo, ou seja, um indício de como quem escreve, ao reorganizar a cadeia significante, no intuito de apresentar ao leitor determinado efeito de sentido, torna-se sujeito do discurso.

Nessa perspectiva, o desmonte da ficção textual (Andrade, 2008) permite-nos capturar as escolhas e decisões linguístico-discursivas efetuadas pelos sujeitos, situando-as, inclusive, numa dimensão temporal. Por assim ser, quem lê ou analisa a escrita em processo, desloca a visão do texto como um “produto final” para o momento da textualização, quando, em seu bastidor, o sujeito “lapida” o material linguístico (Riolfi, 2003), produzindo efeitos de sentido. Se é dada a oportunidade a um estudante de considerar o processo árduo que experiencia ao escrever, cremos que lhe seja possível ressignificar a relação que instaura com a linguagem, notadamente em sala de aula, contexto favorável para que uma reflexão dessa natureza possa ocorrer.

2 Operações linguísticas e arranjos discursivos: estilo e autoria

Diante da profusão de sentidos em torno da problemática do estilo, especialmente no campo dos estudos literários, Possenti (1986) empenha-se em considerar o estilo no âmbito da Linguística, tendo em vista compreendê-lo “como um fato de língua” (p. 254). Em sua empreitada, o autor busca situar o estilo para além da ordem de expressão pessoal, que lhe soa genérica e abstrata, restando assim à mercê, segundo explica, aos modos como cada crítico ou especialista interpreta determinada produção textual, o que pode levar a uma análise muito aberta acerca de recursos linguístico-discursivos (cf. Possenti, 1986). Assim, o linguista brasileiro, apoiando-se nas teses, de base filosófica, apresentadas por Granger (1968), acredita ser necessária uma análise textual que se volte: a) à forma e ao conteúdo da materialidade linguística; e b) ao modo como esse material é trabalhado e arranjado na cadeia significante. O ponto central de sua reflexão é conduzir a investigação acerca do estilo para as escolhas realizadas pelo sujeito, o qual, ao trabalhar com a linguagem, em

atividade epilinguística, imprime, pelas opções linguísticas que engendra, *um jeito seu* às operações linguísticas realizadas.

Como podemos notar, o autor integra a escolha da forma e conteúdo ao modo como o sujeito arranja o material selecionado em determinada disposição discursivo-expressiva. Para Possenti, é a *escolha*, no ponto em que se atrela à atividade e trabalho de/com a linguagem, o elemento constitutivo do estilo. Nas palavras do autor:

Penso que por imposição dos meus pressupostos deverá ser este traço, a **escolha** como fruto do trabalho, a opção que devo tomar neste trabalho para a configuração do estilo. Minha hipótese básica é que, se é verdade que há escolha e que esta escolha representa também o trabalho do 'usuário' da linguagem onde a estrutura mais **parece necessária** (parecer necessária é consequência, em geral, do olhar ingênuo do leitor), **a fortiori** há escolha para trabalhar com um sistema de estruturação da realidade que não é estruturado, no sentido técnico, como é a língua natural (...). (Possenti, 1986, p. 216, grifos do autor).

Possenti nos explica que as escolhas linguísticas realizadas pelos sujeitos mantêm relação com a sobredeterminação do sistema linguístico. Também aqui apoiando-se em Granger (1968), o linguista brasileiro alude ao fato de que, uma vez o significante não estando preso à realidade (a representação nunca atinge o fato da realidade em si), os sujeitos, em trabalho com a linguagem, embora conhecendo sentidos linguísticos possíveis, por estarem socialmente imersos em interação discursiva, sempre poderão ser capazes de reorientar, ressignificar os efeitos de sentido, a partir do modo como operam com os significantes da língua. Como exemplo, temos as ambiguidades e a polissemia que, embora intrínsecas ao equívoco constitutivo da língua (Milner, 1999), podem também ser deliberadamente produzidas, em razão dos sentidos que o sujeito pretender produzir. Ainda, conforme Possenti (1986):

Então, se o locutor busca, dentre os possíveis, um dos efeitos que quer produzir em detrimento dos outros, terá que escolher dentre os recursos disponíveis, terá que 'trabalhar' com a língua para obter o efeito que intenta. E nisto reside o estilo. No **como** o locutor constitui seu enunciado para obter o efeito que quer obter (Possenti, 1986, p. 217, grifos do autor).

Apoiamo-nos em Possenti (1986) para pensar o estilo, uma vez que, com base no cotejamento de versões textuais, observamos que são diversas as escolhas linguísticas dos estudantes e variados também os modos como as

arranjam textualmente, o que nos leva a considerar que há vestígios de estilo na maneira pela qual cada sujeito mobiliza as estratégias de reescrita: enquanto alguns se voltam mais a acréscimos e exclusões, outros recorrem a substituições, amalgamando inserções, supressões e deslocamentos.

Passando à reflexão teórica acerca da autoria, Alves (2015), apoiando-se nos estudos de Foucault acerca do tema e levando em conta as novas posições-sujeito decorrentes das mudanças por que passa o mundo contemporâneo – especialmente em razão de novas tecnologias e mecanismos de poder das quais decorrem “formas inéditas de unificação e apropriação dos discursos” (p. 81) –, sugere-nos um deslocamento da questão acerca do autor para a questão em torno de como a autoria funciona. Com esse deslocamento, o pesquisador problematiza o conceito foucaultiano de função-autor (uma das especificações da função-sujeito), repensando-o na articulação que mantém com o discurso, com o papel dos sujeitos e com os mecanismos de poder. No que diz respeito propriamente à autoria, Alves (2015, p. 81) explica-nos que:

(...) o indivíduo só funciona como sujeito do discurso e, em particular, como autor, ao ocupar um determinado lugar e assumir certas funções. Sem essa “investidura”, não se pode falar propriamente em autor. Assim como, depois de investidos no e pelo discurso, também não se pode continuar a tratar os sujeitos como meros indivíduos naturais preexistentes.

É, portanto, ao ocupar um lugar no discurso e ao exercer funções específicas em condições também específicas, que o indivíduo emerge como sujeito do discurso. A função-autor, no entanto, é uma das funções que o sujeito desempenha, dentre outras referentes aos vários papéis que assume na sociedade. Embora todas as funções-sujeito estejam circunscritas a imposições provenientes da cultura e de formações discursivas às quais o indivíduo se assujeita, o discurso ganha forma e unidade quando o sujeito, ao desempenhar a função-autor, organiza e ordena as palavras e os sentidos. Nos termos de Alves (2015, p. 84):

O discurso ganha, com a figura do autor, uma suposta unidade, coerência e inteligibilidade. O autor funciona como um “princípio de rarefação do discurso”, ou seja, ele rarefaz a proliferação anônima da palavra impondo-lhe um lugar, ordenando-a, atribuindo-a a alguém e garantindo-lhe uma singularidade e uma visibilidade social.

Ancoramo-nos em Alves (2015) para refletir acerca da autoria, porque o pesquisador, ao problematizar esse conceito, situando-o em cenário contemporâneo marcado por novas ordens discursivas, permite-nos considerar como estudantes, na etapa final da escolaridade básica (e aqui ponderamos notadamente o contexto do ensino médio-técnico no qual nossa pesquisa se insere), ao produzirem seus textos, são também capazes de ocupar uma função-sujeito que, embora não a de autor aos moldes foucaultianos, ao menos de discentes em formação, em processo de apropriação de práticas discursivas complexas. Participar ativamente na escrita, revisão e editoração de um jornal escolar que circula pela *Internet* e escrever textos científicos e literários encaminhados a professores-leitores atentos à problemática da autoria são exemplos de práticas discursivas que promovem a emergência de indícios autorais (cf. Possenti, 2002). Assim, ao reescreverem seus textos, ponderando as escolhas linguísticas e os modos como serão arranjadas textualmente, os estudantes deixam indícios de como produzem discurso e de como o assumem.

3 Minúcias e detalhes: o paradigma indiciário e a Crítica Genética

Para capturarmos indícios que circundam a escrita em processo, a fim de averiguar em que medida estratégias de reescrita atrelam-se a estilo e autoria, apoiamo-nos no paradigma indiciário, método proposto por Ginzburg (1989) como alternativa, no campo das Ciências Humanas, para a análise de fenômenos que não se encaixam em parâmetros positivistas. Especialmente destinado à pesquisa de caráter qualitativo, esse método permite a análise e interpretação de vestígios e fenômenos que, em geral, escapam ao primeiro olhar. É o caso de movimentos fugidios que constituem a reescrita, no momento da ficção textual (Riolfi, 2003).

Em razão de sua natureza abductiva, o paradigma indiciário apresenta-se como um método de rigor flexível (Ginzburg, 1989, p.179), possibilitando ao pesquisador um gesto de caráter interpretativista. Diante disso, desenvolvemos um procedimento de análise que cunhamos, à luz de Ginzburg (1989), de leitura venatória, com base na qual lemos e relemos inúmeras vezes nossos

dados buscando minúcias indiciárias do sujeito na relação dinâmica que estabelece com a linguagem. Levando em conta nossos objetivos, no âmbito deste trabalho, nossa leitura voltou-se especificamente: i) à identificação e descrição dos processos de reescrita (acréscimo, supressão, deslocamento, substituição); ii) à compreensão dos modos pelos quais cada participante articula esses processos.

Ainda em termos de metodologia, ancoramo-nos nos pressupostos de análise e interpretação de manuscritos apresentados pela Crítica Genética, especialmente os elencados por Grésillon (2007) a respeito do resgate genético. Para essa autora, o pesquisador, ao debruçar-se sobre dossiês genéticos (conjuntos de versões textuais organizados cronologicamente) precisa isolar, ordenar e delimitar as unidades de reescritura (p. 200), de modo a construir seu objeto de análise. Uma vez organizada essas unidades, são esmiuçados elementos que remetem aos *topoi* lexicais, sintáticos e discursivos, articulados no eixo do sintagma e do paradigma. É por meio do cotejamento das versões textuais, portanto, que o analista consegue alcançar traços singulares que o permitem depreender como os sentidos são mobilizados nas tramas de um discurso que, gradativamente, ganha forma.

Dito isto, adiante, nas análises que apresentamos, partimos de excertos de versões textuais, defrontados entre si. Na sequência pontuamos as mudanças operadas pelos sujeitos na materialidade textual, observadas na passagem de uma versão textual a outra. Então, traçamos considerações acerca da tese que sustentamos: já mesmo ao reescrever, pela maneira particular como mobilizam estratégias de reescrita, os sujeitos deixam ver algo da ordem de estilo e autoria.

4 Contexto da pesquisa: os dados coletados e selecionados para análise

Os dados que aqui tomamos por *corpus* integram um conjunto de peças textuais coletadas entre novembro de 2021 e março de 2023, no contexto de um *Clube da Escrita*. O projeto foi desenvolvido junto a uma instituição federal de ensino, no âmbito de um curso técnico integrado ao ensino médio. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, o projeto foi apresentado a cerca

de quarenta estudantes, dos quais cinco aceitaram participar do Clube: Alfa, Beta, Gama, Delta e Épsilon. Os estudantes, ao iniciarem o projeto, tinham entre 15 e 16 anos.

Os participantes do Clube e a pesquisadora nos reuníamos mensalmente, contexto em que eram apresentadas as propostas de escrita, com base nas quais os participantes escreviam e reescreviam seus textos. A reescrita não era obrigatória e nem esteve circunscrita à nota. A pesquisadora ocupou o lugar de leitora e fruidora dos textos, os quais comentava oralmente e por escrito. Em cada encontro, discutíamos a proposta de escrita do mês e os estudantes relatavam a experiência de escrever e reescrever seus textos. As produções escritas poderiam ser enviadas à pesquisadora até o encontro do mês seguinte, no entanto nem sempre o prazo foi cumprido, havendo situações de produções textuais serem entregues meses depois. Não recebemos textos para algumas das propostas de escrita. Recebemos, contudo, ao menos um dossiê genético contendo o mínimo de duas versões textuais por parte de todos os participantes. Nenhum deles desistiu do Clube, embora alguns tenham parado de apresentar seus textos ao longo do projeto, muito em razão da dinâmica do curso que frequentavam e de outros projetos extracurriculares dos quais também participavam.

Com relação às propostas de produção textual totalizaram 15, ao final do projeto. Em geral, em cada proposta de texto, apresentamos um tema, um repertório textual (vinculado ao tema) e uma proposição à escrita. Os estudantes podiam escolher tanto gênero como tipo de texto. Não houve limites com relação à quantidade de versão textual a ser apresentada.

Para este trabalho, selecionamos dois dossiês genéticos de Alfa¹ e dois dossiês de Gama². As produções textuais estão circunscritas à primeira proposta de escrita “O que a escrita significa pra mim?” e à quarta “Aquilo foi realmente inesquecível”. Nosso propósito de cotejar dados referentes a dossiês apresentados pelos participantes a propostas de escrita distintas é o de, justamente, pontuarmos como traços singulares de reescrita caracterizam a escrita dos participantes, cujas maneiras de operar com a linguagem demarcam, por sua vez, um jeito próprio de escrever.

¹ Estudante do gênero feminino. Ingressou no projeto aos 15 anos.

² Estudante do gênero masculino. Ingressou no projeto aos 16 anos.

5 Entre ensaios, esboços e versões há estilo e autoria

Passemos à análise dos dados. No que confere à produção escrita de Alfa e Gama algo nos chamou a atenção desde o início: o modo como retomavam as primeiras versões textuais, a fim de reescrevê-las. O movimento de retroação sobre versão textual anterior bem como a maneira de realizar as operações linguísticas referentes aos processos de reescrita diferem nos dossiês de ambos: enquanto Alfa, em sua reescrita, integra os processos de reescrita, numa espécie de paráfrase de reformulação, nos termos de Fuchs (1985), Gama desvela os processos de um modo pelo qual conseguimos observar mais facilmente as operações linguísticas realizadas. Cabe-nos assinalar, contudo, que, embora Fuchs (1985) pondere a interpretação prévia do texto-fonte (que, em nosso caso, referem-se a versões textuais anteriores à reescrita) como marca da paráfrase de reformulação, também observamos essa mesma postura interpretativa na reescrita de Gama. O que nos dá margem para essa observação é a análise dos efeitos semânticos que se integram a cada operação linguística realizada por este participante. Queremos com isso dizer não que haja maior ou menor grau interpretativo por parte do sujeito que reescreve de um ou outro modo; antes, visamos assinalar que cada maneira de reescrever indicia gestos únicos e singulares de experienciar o trabalho de escrita (Riolfi, 2003), por meios de escolhas e manejos linguísticos (Possenti, 1986) pelos quais os estudantes se inserem na trama discursiva (Alves, 2015).

Para facilitar a análise que se seguirá, indicamos marcas com relação às reformulações realizadas pelos estudantes em suas versões textuais. As marcas são apresentadas na segunda versão.

Quadro 2. Marcas referentes aos processos de reescrita

Processos de reescrita	Marcas que utilizamos para demarcar os processos de escrita
acrécimo	negrito
supressão	[Ø]
deslocamento	sublinhado
substituição	itálico

Fonte: Elaboração própria.

Começamos pelo dossiê de Gama, com excerto referente à primeira proposta de escrita “O que escrever significa pra mim?”. Mantivemos a disposição das linhas, tal como consta em versão textual original.³

(1)

A escrita é uma das diversas formas de se expressar, sendo um texto informativo, uma poesia, crônica, música, etc. Acredito que não há uma vontade em mim de escrever sempre, como um certo hobby. Mas acho muito importante para o nosso aprendizado, ela desenvolve os nossos pensamentos; ajuda a dominar a ortografia da língua portuguesa; e nos ajuda a desenvolver o processo de uma escrita formal. (Gama, P1, v1).⁴

(2)

A escrita é uma das diversas formas de se expressar [Ø] sendo **por meio de um** texto informativo, uma poesia, crônica, música, etc. Acredito que não *seja um hábito meu* escrever sempre, como um certo “hobby”. Mas *é um dos processos mais importantes* para o nosso aprendizado, **elas desenvolvem** os [Ø] pensamentos; ajuda a dominar a ortografia [Ø]; e nos ajuda a desenvolver o processo de uma escrita formal. (Gama, v2-final).

Ao cotejarmos as versões textuais, observamos, na passagem de v1 para v2-final, para além do que se mantém:

- a) Exclusão de vírgula, após “expressar”;
- b) Acréscimo da locução “por meio de um” após o gerúndio “sendo”;
- c) Substituição do verbo “achar” e da sequência oracional valorativa “Mas acho muito importante” para o verbo “ser” e para a sequência, também valorativa, “Mas *é um dos processos mais importantes*”.
- d) Acréscimo de aspas na palavra “hobby”;
- e) Acréscimo de “s” e de “m”, com função de concordância;
- f) Exclusão do pronome “nossos”, após artigo “os”;
- g) Exclusão do sintagma “língua portuguesa”.

Cotejando os excertos, referentes aos primeiros parágrafos das versões textuais, observamos, no contexto da segunda versão, estratégias linguísticas que nos deixam ver os quatro processos de reescrita apresentados pela Crítica Genética. Cabe-nos observar que às escolhas linguísticas atrelam-se os possíveis efeitos de sentido: a) a exclusão de vírgula possivelmente relacionada

³ No que se refere aos dados que tomamos para análise: as versões textuais de Gama foram digitadas em Word e apresentadas em PDF; as de Alfa foram manuscritas e escaneadas, apresentadas também em PDF.

⁴ Utilizamos a seguinte identificação: nome do(a) participante; número da proposta de escrita (P1, P2, P3...); informação referente à cronologia da versão textual (v1, v2, v3...), seguido de “-final”, quando se trata da versão final.

à fluidez textual (ou um equívoco que em nova leitura poderia ser revisto); b) o acréscimo de “por meio de” associado ao complemento semântico requerido pelo verbo “se expressar” (se expressar por meio de); c) a substituição de um verbo de valor modal (“acho”) por um verbo de valor mais categórico (“é”); d) o uso de aspas demarcando prática metaenunciativa, indício de heterogeneidade mostrada, nos termos de Authier-Revuz (2004); e) os acréscimos de “s” e “m”, indicando plural de concordância, em que se deixa de concordar com o núcleo do sujeito (a escrita é/ela) para passar-se a concordar com expressão partitiva que integra o predicativo do sujeito, em oração nominal (é uma das diversas formas/elas); f) a exclusão do pronome “nosso”, de modo a evitar repetição; g) a exclusão do sintagma “língua portuguesa”, em razão de redundância.

O que temos? Um sujeito que articula processos de reescrita, mantendo parte significativa da versão anterior. Essa particularidade no jeito de escrever de Gama, observamos em muitas de suas versões textuais. Vejamos mais um exemplo de um dossiê apresentado por ele, no âmbito da quarta proposta de escrita “Aquilo foi realmente inesquecível”.

(1)
Quando ainda morava no Japão eu estava cursando o primeiro ano do fundamental. Foi organizado uma excursão para algum lugar (não me lembro) de dois dias. Havia diversas florestas e matos naquele local, o intuito dessa excursão era, se não me engano, apresentar diversas espécies de árvores e animais existentes. Me recordo que as árvores eram muito altas e durante à noite haviam diversas estrelas no céu. Um dos únicos detalhes que mais me marca é que a comida era horrível, foi um dos detalhes que mais me marcou durante a viagem. (Gama, P4, v1).

(2)
Quando ainda morava no Japão, [Ø] estava cursando o primeiro ano do fundamental. Foi organizado uma excursão para algum lugar (não me lembro) de dois dias. **Me lembro que fui para um lugar muito longe da minha cidade onde morava,** havia diversas florestas e matos naquele local. Se não me engano o intuito dessa excursão era apresentar diversas espécies de árvores e animais existentes. Me recordo que as árvores eram muito altas e durante à noite haviam diversas estrelas no céu, **havia um homem que explicava com uma lanterna cada uma das estrelas.** O que mais me marca **sobre essa viagem** é que a comida era horrível, foi um dos detalhes que mais me marcou durante a viagem. (Gama, P4, v2-final).

Aqui cotejamos os segundos parágrafos das versões textuais de Gama. Observamos movimento similar ao anteriormente analisado, no sentido de que conseguimos, inclusive visualmente, identificar os processos de reescrita. Cada mudança operada na superfície textual nos leva a um texto que vai passando por um processo de especificação. Diante do tema “Aquilo foi realmente inesquecível”, chama-nos particular atenção o modo como Gama busca, em

sua segunda versão, dar maiores detalhes da lembrança que narra. Os acréscimos foram fundamentais nesse aspecto, bem como o deslocamento da sequência “Se não me engano” para posição inicial de período, dando pistas ao leitor da fragilidade da memória. Não podemos deixar, contudo, de situar a substituição, na passagem: “Um dos únicos detalhes que mais me marca”, para “O que mais me marca”. Notemos a sutileza da troca da sequência delimitadora “um dos únicos” pelo pronome “o” em função de tópico, processo em que se desvela o modo como, em sua atividade epilinguística, o sujeito, pela substituição operada, deixa ver como interpreta e sintetiza, em v2-final, o que escreveu em versão anterior.

Passemos, agora, às produções de Alfa. Começamos também com versões textuais referentes à primeira proposta de escrita “O que a escrita significa pra mim?”.

(1)
 (...) Mas, uma das coisas que acho
mais importante na escrita, é a liberdade
que temos com ela, a liberdade de se
 expressar, criar novos mundos, de se
 entender e de ter empatia. Outra coisa que
 acho interessante na escrita é a capacidade
 de criar e escrever sobre a vida do outro e
 conseguir transparecer emoções sinceras com
 isso.
 A escrita trás a liberdade ao ser humano,
 e tem o poder de mudar e salvar as
 pessoas de seus próprios devaneios. (Alfa, P1, v1).
 (Alfa, P1, v1).

(2)
 (...) Mas [Ø] uma das coisas
que acho mais importante na escrita [Ø] é a
liberdade que temos com ela, a liberdade de [Ø]
criar novas vidas e se colocar ali no
lugar daquele personagem, a liberdade de
criar novos mundos e de poder sair um
pouco da realidade. [Ø].
 [Ø] Eu já li alguns relatos de escritores que mos-
 tram o impacto que a escrita pode fazer na
 vida de alguém, seja ela o(a) escritor(a) ou
 o(a) leitor(a), a escrita [Ø] tem o poder
de mudar e salvar as pessoas de seus
próprios devaneios. (Alfa, P1, v2-final).

No que se refere às escolhas linguístico-discursivas operadas por Alfa, o que de pronto ressaltamos refere-se ao modo como a participante desprende-se do arranjo léxico-sintático de versão anterior, reorganizando-o; por vezes, inclusive, deixando-o de lado. Mesmo recorrendo à equivalência de sentidos

(que observamos entre “ter empatia” [v1] e “se colocar ali no lugar daquele personagem” [v2]), Alfa avança para a reformulação sintático-semântica na qual integra os processos de reescrita. Nesse caso, o desmonte da ficção textual (Andrade, 2008) nos parece exigir mais do procedimento de leitura venatória, a que nos referimos anteriormente.

Começemos por pontuar os processos de reescrita, na passagem de v1 para v2, em que observamos:

- a) Exclusão de vírgula, após a locução “na escrita”;
- b) Exclusão do complemento nominal “de se expressar”, após o substantivo “liberdade”;
- c) Deslocamento da oração “criar novos mundos”;
- d) Substituição do sintagma “novos mundos” por “novas vidas” (associado ao deslocamento oracional “criar nossos mundos”);
- e) Substituição da sequência “de se entender e de ter empatia” por “e se colocar ali no lugar daquele personagem”;
- f) Acréscimo (ou deslocamento?) do sintagma “a liberdade de”, agora articulado à oração deslocada “criar novos mundos”;
- g) Acréscimo de “e de poder sair um pouco da realidade”;
- h) Exclusão do período “Outra coisa que acho interessante na escrita é a capacidade de criar e escrever sobre a vida do outro e conseguir transparecer emoções sinceras com isso.”

Com base na descrição dos tópicos acima, podemos depreender como Alfa articula os processos de reescrita, amalgamando-os em novo arranjo léxico-sintático. Observemos, nesse aspecto, como as marcações que usamos para demarcar os processos de reescrita se sobrepõem. Assim, em uma mesma sequência (“a liberdade [Ø] de *criar novas vidas e se colocar ali no lugar daquele personagem, a liberdade de criar novos mundos e de poder sair um pouco da realidade*”) há incidência de supressão, substituição, deslocamento e acréscimo.

Nossa hipótese, com base no cotejamento das versões, é a de que Alfa tenha investido na elaboração paralelística, esboçada já em v1 e ampliada, em v2-final, especialmente no contexto da repetição da sequência “a liberdade de

criar”, seguida, respectivamente por “novas vidas” e “novos mundos”, em v2-final. Vejamos, ainda nesse ponto, a decisão da participante em manter o período inicial do parágrafo, no qual identificamos a oração que impulsiona o paralelismo, a saber: “Mas, uma das coisas que acho mais importante na escrita, é a liberdade que temos com ela (...)” (que deixamos em pontilhado). Embora, em v2-final, duas vírgulas sejam excluídas da sequência, mantém-se a ênfase na ideia de liberdade a que se tem acesso pela escrita.

Ainda no que diz respeito aos processos de reescrita, notamos também que Alfa pratica com recorrência a exclusão de períodos longos. É o caso, por exemplo, do segundo período da primeira versão. Se vamos ao parágrafo conclusivo de ambas as versões, também observamos os quatro processos de reescrita imbricados. Notemos, em v2, especialmente os movimentos de: a) deslocamento do período inicial, no qual se integram exclusões e substituições); e b) o acréscimo da sequência “eu já li alguns relatos...”. Temos aqui pistas de um sujeito que, ao reescrever: i) ziguezagueia sobre a página, experimentando modos de ordenar significantes nos eixos do sintagma e paradigma, para gerar sentido; b) complementa o que escreve com leituras que nos parecem ter sido realizadas ou retomadas durante o processo de escrita. Indícios do que mencionamos neste segundo tópico encontramos no dossiê genético de Alfa, em cujo esboço constam nomes do escritor George Orwell e de um livro intitulado *Stay for me*. Ao lado deste título, a participante escreve: “o autor superou com o escrito”.

Do mesmo modo que fizemos com Gama, passemos agora ao dossiê que Alfa nos apresentou para a quarta proposta de escrita “Aquilo foi realmente inesquecível”.

(1)
 (...) ~~(De algum te)~~ Já faz um tempo
 que me sinto distante de minha família,
 talvez pela diferença de idade, porque a
 pessoa com a idade mais próxima à
 minha tem 23 anos, ou seja, 7 anos
 de diferença, as ideias não batem e
 sempre que vou conversar ou passar
 um tempo com a família toda ocorrem
 algumas divergências. Q.que foi diferente
 nesse ano novo. (Alfa, P4, v1).

(2)

(...)

~~Depois que cresci um pouco, e ter chegado mais crianças em minha família, acabei me distanciando um pouco de toda a família,~~ além das rotinas, as idades também não coincidem, então, não me resta ninguém para compartilhar alguns fatos de minha vida. O que me deixa um pouco triste, porque sempre amei estar com todos, mas momentos de união, mesmo que curtos, me deixam muito feliz, igual a esse ~~nesse~~ ano novo. (Alfa, P4, v2).

(3)

~~Ja faz um tempo que me sinto distante dos meus familiares, seja por causa das rotinas diferentes ou pela diferença de idade. Mas nesse dia foi diferente,~~ alguns parentes vieram a minha casa para comemorar o novo ano e nos divertimos relembrando coisas que fazíamos antigamente. (Alfa, P4, v3-final).

No caso desse dossiê de Alfa, três versões foram apresentadas. Levando em conta o que já mencionamos acerca do modo como a participante opera com os recursos linguísticos, cremos que o leitor tenha percebido o amálgama dos processos de reescrita em cada excerto apresentado. Focaremos, então, em dois trechos de cada excerto acima, aqueles que deixamos em pontilhado. Notemos como cada uma das sequências são trabalhadas e retrabalhadas, em rearranjos léxico-sintáticos. O que nos capta a atenção, para além disso, é o sentido que se entremeia à materialidade linguística: um locutor que mobiliza um enunciador que se sente distante de sua família e que, aos poucos, reflete sobre os motivos que ocasionam esse distanciamento (especialmente relacionados a diferença de idade entre os integrantes da família). Notemos, no plano da forma e do conteúdo as estratégias a que Alfa recorre para mostrar que, na data do ano novo, o clima familiar passou por uma transformação:

(1)

O que foi diferente nesse ano novo. (Alfa, P4, v1).

(2)

a esse
igual ~~nesse~~ ano novo. (Alfa, P4, v2).

(3)

Mas nesse dia foi diferente. (Alfa, P4, v3-final).

O modo como Alfa trabalha com os recursos linguísticos, especialmente no que confere a reformulação da estrutura léxico-sintática, leva-nos ao encontro do que Franchi (1991) pondera acerca da atividade epilinguística,

quando articula gramática e criatividade. No caso do autor brasileiro, ele apresenta uma proposta didática de um antigo professor do qual foi aluno, que incentivava os estudantes a reconstruírem enunciados, de modo a ponderar os diferentes sentidos provenientes das diversas construções linguísticas mobilizadas. Nas produções de Alfa, esse trabalho com a linguagem se deu por implicação subjetiva, tendo em conta que não há na proposta de escrita orientações para a realização de tal estratégia. O que temos? A reescrita pode tratar-se de um indício de atividade epilinguística, constitutiva, como podemos depreender, da escrita em processo. Os traços da reescrita, no que desvelam, portanto, do trabalho com a linguagem, direciona-nos ao estilo e autoria, no quando da textualização.

Fios e tramas: algumas considerações

A partir da análise de versões textuais de dois participantes de um projeto de escrita, analisamos como cada um, à sua maneira, dispõe o material linguístico em arranjos singulares, pondo a língua a funcionar conforme efeitos de sentido almejados. Observamos que, nas versões textuais de um deles, os processos de reescrita mobilizados são mais facilmente identificáveis na materialidade textual. Por outro lado, nas versões textuais do outro, os processos de reescrita amalgamam-se. Foi essa nossa percepção que nos levou a sustentar a tese, neste trabalho, de que há traços de estilo e de autoria referentes aos modos como os sujeitos reescrevem seus textos, momento em que têm a oportunidade de rearranjar significantes, conforme os sentidos preteridos. De nossa parte, esperamos contribuir para as reflexões acerca do trabalho com a escrita em cenário escolar, especialmente ao situarmos que, embora todo sujeito opere de modo ativo e reflexivo diante do manancial linguístico de que dispõe, há modos únicos e singulares pelos quais produzem discurso.

Referências

ALVES, Marco Antônio Sousa. A autoria em questão a partir de foucault: autor, discurso, sujeito e poder. **Matraga** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S. l.], v. 22, n. 37, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/19932>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ANDRADE, Emari. **Tessitura da escrita acadêmica**: aprender a e ao escrever. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-02032009-152448/pt-br.php>. Acesso em: 27 nov. 2023.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Apresentação Marlene Teixeira. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CALKINS, Lucy McMormick. **A arte de ensinar a escrever**: o desenvolvimento do discurso escrito. Trad. Daise Batista. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1989.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. São Paulo: Secretaria da Educação do estado de São Paulo. Coordenadoria de estudos e normas pedagógicas. SE/CENP, 1991.

FRANCHI, Carlos. Linguagem - atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 22, 1992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636893>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística - equivalência, sinonímia ou reformulação?. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 8, p. 129-134, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636744>. Acesso em: 27 nov. 2023.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRÉSILLON, Almuth.; LEBRAVE, Jean-Louis. Avant-propos. **Langages**, 17^e année, n. 69, 1983. Manuscripts-Écriture: Production linguistique, pp. 5-10. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1983_num_17_69_1138. Acesso em: 22 jun., 2021.

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua**. tradução e notas: Paulo Sérgio de Souza Júnior. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2012.

POSSENTI, Sirio. **Discurso, estilo e subjetividade**. Tese (Doutorado em Ciências) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/51641>. Acesso em: 17 nov. 2023.

POSSENTI, Sirio. Indícios de autoria. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 105-124, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10411>. Acesso em: 20 set. 2024.

RIOLFI, Claudia Rosa. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho da escrita. **Leitura. Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas, vol. 40, jan/jul 2003, pp. 47-51.

Notas sobre inscri(ssurei)ções de movimentos sociais: ressignificação e revascularização discursivas

Roberto Leiser Baronas

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Marilena Inácio de Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

“As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira, que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras da sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...”

E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido.

E através dessas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição”.

Michel Pêcheux, 1990.

Imagem 1. Enunciado grafado no muro do cemitério Nossa Senhora do Carmo de São Carlos em São Carlos – SP².



¹ Uma versão bastante modificada deste texto foi publicada na *Alfa: Revista de Linguística*, volume 66, em 2022. O artigo está disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13708>. Outra versão modificada deste texto foi apresentada em mesa redonda, intitulada *Análise do discurso digital e Linguística popular: intersecções*, no Laboratório de Estudos Urbanos - LABEURL do IEL da UNICAMP, em 27 de outubro de 2022. Essa apresentação pode ser acessada no canal do YouTube do Labeurl em: <https://www.youtube.com/watch?v=rz7bFt2kr2Q>. Uma outra versão bastante modificada desse capítulo foi apresentada durante a programação do XIII Encontro de Pós-Graduandos em Estudos Discursivos da USP (EPED-USP) em 2023. A programação está disponível em: https://eped.fflch.usp.br/XIII_EPED.

² Agradeço ao nosso aluno de graduação da Linguística, o Lucas Nascimento, por gentilmente fotografar a inscrição “Muro vazio. Povo mudo”.

Uma breve nota de advertência

Ao longo dos últimos anos, nos estudos discursivos praticados no Brasil e no exterior, diversos têm sido os trabalhos acadêmicos que buscam compreender o funcionamento dos gestos de resistência nas práticas discursivas dos movimentos sociais. Esses trabalhos de extrema relevância social e pertinência teórico-metodológica para o campo dos estudos discursivos, no entanto, se concentram na análise dos discursos de coletivos, que de alguma forma historicamente conquistaram (à duras penas, a bem da verdade) visibilidade perante a opinião pública. Nosso trabalho, ao contrário, busca no batimento discursivo descrição/interpretação, apresentar como alguns grupos sociais minoritários (coletivos de alunos, de catadores, de moradores de rua...), praticamente invisíveis ainda junto à opinião pública, constroem por meio de práticas discursivas como o grafite e outras formas de manifestação, entendidas por nós como inscri(ssurei)ções, estratégias discursivas de ressignificação e de revascularização dos insultos e dos diferentes ataques que recebem de boa parte das instituições e da sociedade brasileira. Teórico-metodologicamente nos apoiamos nos trabalhos de Paveau (2017/2021 e 2022) e em Maingueneau (2015 e 2022).

Primeiras palavras

Durante o ano de 2016, diversos enunciados geralmente misóginos ofendendo a ex-presidenta Dilma circularam pelas cidades brasileiras, desde pichações até adesivos colados no tanque de combustível dos carros. O enunciado “Fora Dilma!”, por exemplo, esteve muito presente, não só, mas, sobretudo, nos grandes meios de comunicação, em diferentes dispositivos languageiros. À época, fevereiro de 2016, nos porões do Congresso Nacional e nas salas da Casa Grande, o Golpe Parlamentar e, para sempre lamentar, que depôs a presidenta Dilma do governo, estava em franco processo de maquinação.

Num muro específico de Florianópolis, o sutil e genial trabalho de um locutor anônimo estava escrito com grafite majoritariamente em preto “Força Dilma!”. Visualmente, o cedilha havia sido grafado posteriormente com grafite

em vermelho, dando para inferir que um primeiro locutor escreveu em preto “Forca Dilma!” e o outro resignificou esse enunciado para “Força Dilma!”, ao acrescentar, em vermelho, um pequeno traço, transformando-o em cedilha. O trabalho do último locutor, com o acréscimo de um pequeno sinal diacrítico à letra C, evidenciou que esta palavra não tem mais som de “cá” [k’a] e sim de “esse” [‘ɛsi]. A partir do uso do grafite vermelho, o enunciado mudou completamente de sentido, e o que era a intenção de uma espécie de sentença de morte, metonímia para o pedido de impeachment – “Forca Dilma!” – se tornou uma demonstração de apoio a Dilma – “Força Dilma!”. O mais interessante nesse exemplo é que este cedilha intruso em vermelho, engendrado pelo inconformismo de um sujeito que se sentiu ofendido, deixa evidente a renhida disputa pelos sentidos entre diferentes grupos sociais que marcou, desde o início, todo o processo de deposição da primeira presidenta brasileira legitimamente eleita.

O exemplo em questão, embora produzido fora do ambiente digital, poderia talvez ser entendido como uma resignificação. Em outras palavras, ele é pertinente para mostrar a inversão semântica e axiológica, por recontextualização do enunciado ofensivo “Forca Dilma!”, a partir de sua carga ofensiva, efetuada pelo sujeito agredido com efeito reparador, transformando esse enunciado com base em um sutil ato de subversão de sentido, o acréscimo em vermelho do cedilha intruso, em “Força Dilma!”. O sujeito, em vez de incorporar a ofensa que lhe foi desferida produziu uma resposta discursiva e ideologicamente inovadora.

1 Sobre resignificação discursiva

Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b, 2020 e 2021) apresenta uma tipologia das práticas tecnodiscursivas resignificantes, baseando-se em três categorias: 1. a recontextualização enunciativa, quando um enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação; 2. a publicação analógica, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e 3. a produção de um dispositivo cultural ou intelectual, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma

ressignificação, que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e essa resignificação se transforma num dispositivo cultural e intelectual de resistência. Nesse sentido, a autora propõe uma

teorização da resignificação, de modo a convertê-la numa noção operatória para a análise do discurso, na esteira de Butler, do trabalho de Brontsema, pesquisas anteriores sobre a noção (Paveau 2013a, 2017a, 2017b, 2019) e integrando igualmente a perspectiva de Kunert. Essa teorização excede a própria prática de reapropriação das designações de pessoa e se desvencilha da abordagem lexical ou categorial frequentemente apresentada para exemplificar a resignificação. Ela se abre para outras práticas e táticas discursivas, permitidas pelos universos discursivos digitais, mas não por eles apenas, envolvendo não somente os designativos, mas os discursos, os signos, as imagens, os sons. A resignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total, que envolve formas discursivas variadas e plurissemióticas [das quais os sujeitos ofendidos se valem para responder aos seus ofensores] (Paveau, 2020, p. 30).

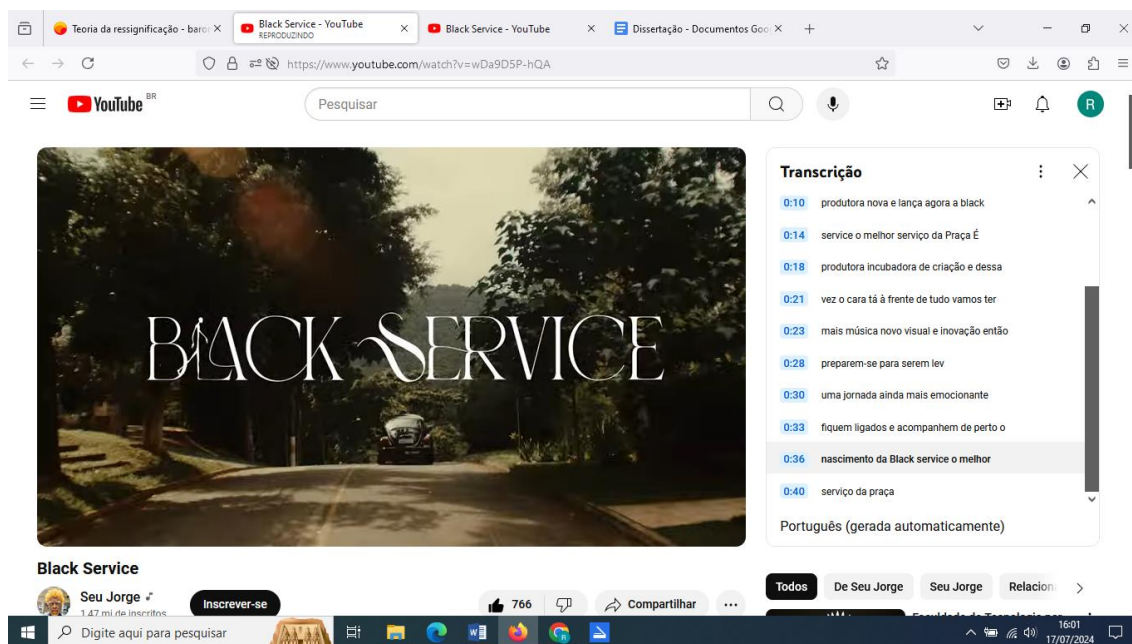
Para analisar a resignificação em contextos digitais, a partir das três tipologias propostas, a pesquisadora francesa propõe ainda sete critérios linguístico-discursivos, que, segundo ela, constituem a resignificação como processo discursivo:

1. critério pragmático: existe uma ferida languageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela "abertura a contextos desconhecidos" (Butler, 2005, p. 234);
6. critério sócio-semântico: o uso recontextualizado do elemento languageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;
7. critério pragmático-político: o enunciado resignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (Kunert, 2010) (Paveau, 2020, p. 39).

Com base nesses 07 critérios, a autora define a ressignificação como uma prática linguageira, linguística e material de resposta (2) a um enunciado ofensivo (1), efetuada pelo sujeito agredido pela auto-categorização ou recontextualização simples (3), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (4) num contexto alternativo (5), o novo uso sendo aceito coletivamente (6) e produzindo uma reparação e uma resistência (7).

O exemplo a seguir é uma ressignificação da expressão racista “serviço de preto”³, muito comum em diferentes ambientes, no contexto brasileiro. Vejamos a imagem a seguir. Trata-se de um vídeo postado na Rede Social YouTube pelo cantor e compositor negro Seu Jorge, em 01 de maio de 2024 (<https://www.youtube.com/watch?v=wDa9D5P-hQA>), quando da divulgação da sua produtora, Black Service⁴:

Imagem 2. Print do vídeo de Seu Jorge postado no YouTube



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/wDa9D5P-hQA>.

Na descrição do vídeo, pode-se ler:

³ No dicionário Informal, é possível ler o seguinte sentido para a expressão racista serviço de preto: “Termo usado para definir um trabalho relaxado, com origem racista, classificando os negros como trabalhadores desleixados”. Disponível em [Serviço de preto \(dicionarioinformal.com.br\)](https://dicionarioinformal.com.br)

⁴ Esse dado precioso nos foi repassado pela Colega e Amiga Marinez Nazzari do PPGEL da UFMT, a quem agradecemos a gentileza e a solidariedade acadêmica.

"A Black Service é um sonho que nunca foi embora. Uma ideia cheia de dom e uma pitada de teimosia. Um sonho que agora começa ganhar corpo e movimento. O tempo me deu um bocado de coisas: experiências, pessoas, relacionamentos, novas possibilidades. Criando espaços que até então não existiam na minha vida. Isso construiu um espaço de criação: um lugar de boas ideias, conexões, novas possibilidades e acesso. Chegou o seu tempo de experimentar, conhecer e fazer parte desta conquista! Sejam bem-vindos a Black Service, O Melhor Serviço da Praça!

O exemplo acima, uma expressão em língua inglesa, Black Service, com um ethos positivo, em uma cenografia em que o cantor dirige seu fusca preto, em uma rodovia, resignifica a expressão racista, "serviço de preto". Nesse sentido, assim como outros exemplos já bastante conhecidos como *drag*, *queer*, *puta* ou *vadia*, usados em contexto militante como elementos lexicais portadores de confiança, são derivados desse processo; os valores negativos são reapropriados pelos locutores e metabolizados em diferentes marcadores. No caso do Seu Jorge há ainda um outro elemento que é a utilização comercial, publicitária da resignificação. Esse processo pode ser uma das estratégias de luta contra as opressões ligadas ao gênero, ao sexo ou a raça nos movimentos contemporâneos, tática essa descrita e teorizada por Judith Butler, em 1997, no livro *Le pouvoir des mots*, e mencionada alguns anos antes por Donna Haraway no *Manifeste cyborg* (1991) por meio de uma analogia animal: assim como as salamandras que reparam suas feridas promovendo o crescimento dos membros, as pessoas feridas têm a possibilidade, *a partir de e no lugar da sua ferida* (esses marcadores linguísticos são essenciais), de produzir um discurso reparador, restaurador e reabilitador. Cumpre dizer que a ofensa não necessariamente precisa estar textualizada, ela pode estar, como é o caso do vídeo *Black Service* do Seu Jorge, no interdiscurso.

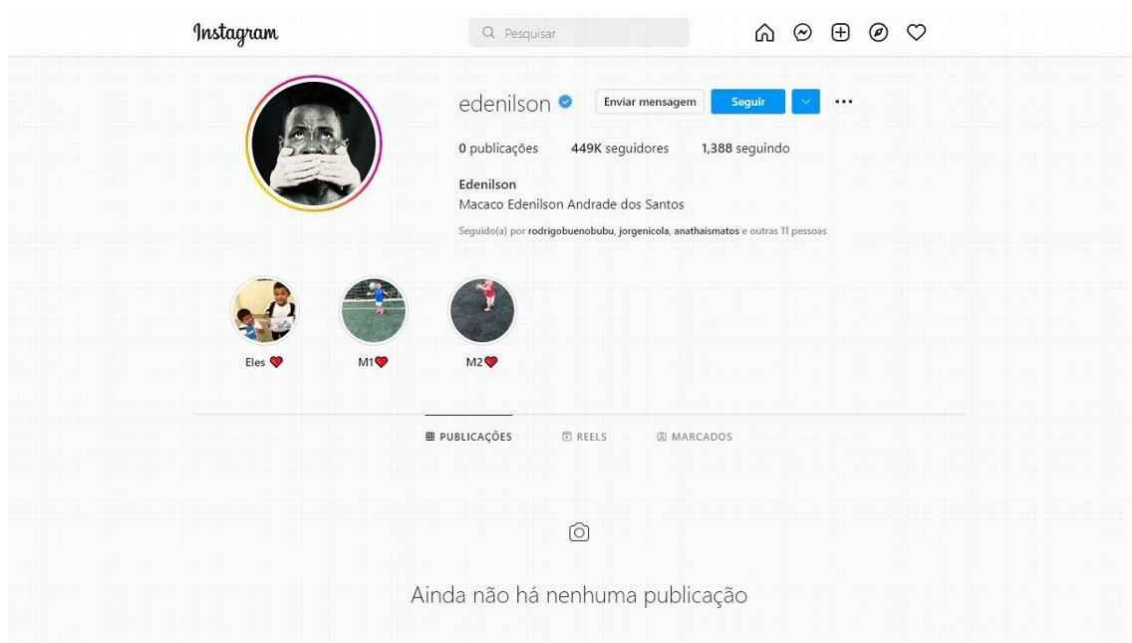
2 Um dado problema

Durante a partida entre Internacional e Corinthians, no dia 14 de maio de 2022, pelo Campeonato Brasileiro, o jogador Edenilson disse que foi chamado de "macaco" pelo jogador Rafael Ramos. O laudo afirma que, pelas imagens, não foi possível ver o movimento da língua do jogador do Corinthians. A situação iria facilitar na conclusão sobre o estudo, permitindo que fosse possível descobrir o que foi dito pelo atleta. O recurso de leitura labial foi

descartado por não ter validade jurídica. Por conta disso, não existem elementos sonoros para aprofundar a pesquisa, então o caso segue sem um resultado definitivo. Os peritos escreveram que “Sobre o pedido de exame pericial de leitura labial, ressalta-se que não foi encontrada metodologia científica, aplicada à análise forense de vídeos, que sustente esse tipo de trabalho. Existem apenas publicações sobre percepção visual da fala e aprendizagem de leitura labial”.

Em um gesto de resistência, o atleta mudou o nome do seu perfil oficial do Instagram para “Macaco Edenilson Andrade dos Santos”. Também a sua foto de perfil foi substituída por outra. Nessa última aparecem sobre o rosto do atleta duas mãos, marcadamente brancas, pressionando/calando a sua boca.

Imagem 03: Post publicado na rede social Instagram no perfil do jogador de futebol Edenilson.



Edenilson mudou seu nome para 'Macaco Edenilson' no Instagram Reprodução/Instagram

Fonte: ESPN. Disponível em:

https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/10486719/edenilson-muda-nome-macaco-rede-social-apos-laudo-policia-rs-nao-confirmar-ofensa-racial-rafael-ramos

Outro dado problema: no domingo, dia 21 de maio de 2023, o jogador brasileiro Vini Jr. foi mais uma vez vítima de racismo, em partida pelo campeonato espanhol, entre Real Madrid e Valência. Durante o jogo, parte da torcida do Valência, presente no estádio Mestalla, hostilizou fortemente o jogador brasileiro com gritos racistas de *mono*, macaco em espanhol. No

segundo tempo, o jogo chegou a ser interrompido por oito minutos. Depois de o árbitro conversar com os dois treinadores, o jogo foi reiniciado. Já no final do jogo após confusão com o goleiro do Valência, Vini Jr. foi expulso. Depois em seu perfil no Instagram Vini Jr. desabafou: “O prêmio que os racistas ganharam foi a minha expulsão! ‘Não é futebol é a LaLiga’”.

Imagem 04: Post publicado na rede social Instagram no perfil do jogador de futebol Vini Jr.



Fonte: perfil de @vinijr.

Essa última parte do desabafo de Vini Jr. faz menção ao slogan da LaLiga espanhola de futebol utilizado em campanhas publicitárias da entidade. Nesse post de Vini Jr., temos uma captação e uma subversão (Maingueneau, 2010) do slogan da entidade espanhola de futebol: “No és fútbol, es @laliga”.

Com efeito, essa mudança de nome e da foto de perfil do jogador Edenílson, em suas redes sociais, ou mesmo a captação e a subversão do slogan da LaLiga por parte de Vini Jr. poderiam ser consideradas também exemplos de ressignificação discursiva? Ou haveria a necessidade de *fazer ranger*, no sentido de render ao máximo, essa categoria para dar conta de dados semelhantes ao do jogador do Internacional e do Real Madrid?

3 A revascularização discursiva: breves apontamentos⁵

A proposta de uma teoria discursiva da revascularização dialoga numa relação de *aliêmica*⁶, por um lado, com a discussão feita por Gayatri C. Spivak (2010) em seu ensaio seminal, publicado originalmente em 1985, no periódico *Wedge* e intitulado *Pode o subalterno falar?*⁷ e, por outro, com a teoria da resignificação perquirida por Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b, 2020 e 2021).

Para Spivak (2010), na atualidade, a tarefa do intelectual, longe de se propor como um porta-voz do subalterno, uma espécie de voz autorizada que denuncia as mazelas pelas quais passam os subalternos, é criar estrategicamente espaços enunciativos para que este último possa falar e, acima de tudo, possa ser ouvido. No entendimento da pesquisadora, esse tipo de trabalho do intelectual, o de criar espaços enunciativos para o subalterno, permite que se realize um trabalho contra a subalternidade, e não favor dela como tem sido feito até então. Essa perspectiva retira assim os subalternos da obscuridade enunciativa e histórica.

3.1 Desobstrução discursiva simples: a parede do *Teatro de Bolso*

O procedimento cirúrgico denominado revascularização do miocárdio pode explicar algumas das práticas discursivas realizadas por alguns atores sociais, sobretudo, mas não só, os que se encontram numa condição de vulnerabilidade social, por meio do uso das mais variadas tecnologias.

O corpus dessa apresentação é construído por uma pequena coleção de exemplos⁸ nos quais é possível perceber que um determinado sujeito, diante de um obstáculo (uma obstrução discursiva), acaba encontrando percursos alternativos para ultrapassar essas dificuldades. Perscrutamos que há dois tipos

⁵ As discussões sobre uma possível teoria da revascularização vêm sendo desenvolvidas no projeto de pesquisa intitulado *Da resignificação à revascularização discursiva em contexto digital*, que conta com o apoio do CNPq, na modalidade de Bolsa de Produtividade em Pesquisa. Processo número: 307327/2021-3.

⁶ Palavra-valise que junta aliança e polêmica.

⁷ Em 2010, esse artigo foi traduzido para o português, pela Profa. Sandra Regina Goulart Almeida *et al.*, transformado num pequeno livro e publicado pela Editora da Universidade Federal de Minas Gerais – EdUFMG, com o título *Pode o subalterno falar?* (SPIVAK, 2010).

⁸ Registro um Agradecimento muito especial ao meu aluno de graduação no Bacharelado em Linguística, Lucas Nascimento, por, gentilmente, fotografar as inscrições aqui analisadas.

de revascularização discursiva: a simples e a complexa. Tanto a primeira quanto à segunda têm de atender aos seguintes critérios por nós postulados: obstrução discursiva; percurso discursivo; fluxo discursivo e capilarização discursiva. Inicialmente, será apresentado um exemplo, que atende aos quatro critérios da revascularização discursiva simples, a partir da desobstrução simples. Observemos:

Imagem 05: Enunciado grafado na parede lateral do *Teatro de Bolso* da UFSCar.



Fonte: registrado por Lucas Nascimento

A imagem acima nos mostra a inscrição: "Tão passando o pano.... Mas o pano rasga!!!!!!". Essa inscrição no formato grafite foi feita na parede do *Teatro de Bolso*, que fica próximo ao Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH

- da UFSCar, área sul do Campus São Carlos. A primeira parte do enunciado resgata uma expressão corrente na língua portuguesa. Essa expressão, segundo o *Dicionário Adolescente: três expressões viradas do avesso*⁹, “não é exatamente recente, mas entrou no dicionário porque tem sido muito usada pelos adolescentes. Hoje, passar pano é uma variação do varrer para debaixo do tapete, acobertar, omitir algo negativo sobre alguém”. Trata-se de uma denúncia, sobre um determinado problema na Universidade, “Tão passando pano”, que vem sendo acobertado por alguém, mas também, especialmente, a segunda parte do enunciado, se apresenta como uma advertência: “Mas o pano rasga”. De um ponto de vista da teoria da revascularização discursiva, temos os quatro critérios funcionando: 1) há uma obstrução discursiva – existe um problema na Universidade, assédio sexual por parte de professores, talvez???, que vem sendo acobertado pelas pessoas que deveriam resolver este problema e, por não resolverem, há uma advertência; 2) há um percurso discursivo sendo estabelecido, o problema é manifestado em forma de uma inscrição no formato grafite na parede de um prédio da Universidade. Essa parede fica num local bastante visível e muito movimentado no Campus, o que propicia a irrupção do critério 3, o fluxo discursivo e, por último, temos a capilarização discursiva, por exemplo, o fato de estarmos aqui analisando essa inscrição.

3.2 Desobstrução discursiva complexa: a parte esquerda da PROACE

O segundo conjunto de dados está materializado nas paredes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis – PROACE, que também fica próximo ao Centro de Educação e Ciências Humanas CECH-UFSCar. Nessa inscrição é possível identificar a assinatura de uma autora, a Liz. No perfil @arte.liz da rede social Instagram há um pequeno vídeo mostrando a artista Liz, aluna da UFSCar, produzindo a inscri(ssurei)ção por nós analisada. Disponível em <https://www.instagram.com/p/C7kqkJJONYUG/>.

⁹ Disponível em <https://extra.globo.com/mulher/resenhando-mae-de-adolescente/dicionario-adolescente-tres-expressoes-viradas-do-avesso-rv1-1-24622881.html>.

Imagem 06: Imagem materializada na parede lateral da PROACE/UFSCar¹⁰

Fonte: registrado por Lucas Nascimento

Diferentemente da inscrição anterior, nesta imagem temos manifestado no formato grafite, demandas da comunidade acadêmica, que não se restringem a um problema específico da UFSCar. Trata-se de uma reivindicação nacional do coletivo de alunos que acessam o Programa Nacional de Assistência Estudantil, o PNAES, reivindicando mais bolsas e que os valores sejam atualizados. Para um imaginário efeito de objetividade, vamos nos restringir à análise dessa demanda: *Por uma ação afirmativa da existência*. Esse enunciado se contrapõe a outro também presente na imagem que é *Permanência ou existência*? Também aqui é possível verificar o funcionamento dos quatro critérios da teoria da revascularização discursiva: 1) há uma obstrução discursiva, a política atual de permanência estudantil não possibilita uma vida digna aos alunos; 2) há o estabelecimento de um percurso discursivo, as reivindicações são inscritas no formato grafite na parede de um espaço institucional, isto é, nas paredes da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e

¹⁰ Agradeço ao colega Fernando Henrique Rossit por gentilmente registrar essa imagem para nós.

Estudantis - PROACE/UFSCar, implicando o estabelecimento do critério 3, o fluxo discursivo, ou seja, a reivindicação ganha um outro tipo de materialidade, se constituindo num lugar de memória e, por último, temos a capilarização discursiva, no caso em questão, a materialização em outros ambientes das demandas do coletivo de alunos apresentadas alhures por uma política de permanência estudantil que efetivamente garanta a sua existência. Entendemos que se trata de uma desobstrução complexa não apenas pelo fato de o grafite manifestado se constituir a partir de várias semioses (texto verbo-visual), também não só por trazer novamente à tona uma demanda mais geral dos alunos, mas especialmente por constituir um lugar de memória dessas reivindicações manifestadas alhures. A renhida disputa pelos sentidos materializada nos termos permanência e existência nos mostra, por um lado, que como sabiamente nos diz Michel Foucault n'A ordem do discurso: "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar (p. 10) e, por outro, que a revascularização discursiva é uma potente ferramenta de empoderamento.

Um breve efeito de fim...

Como enunciamos no início do nosso capítulo ao longo dos últimos anos, nos estudos discursivos praticados no Brasil e no exterior, diversos têm sido os trabalhos acadêmicos que buscam compreender o funcionamento dos gestos de resistência nas práticas discursivas dos movimentos sociais. Citamos de relance dois desses trabalhos o de Indursky (2019) *O discurso do/sobre o MST* e Teun Van Dijk (2022) *O discurso dos movimentos sociais*. Esses trabalhos de extrema relevância social e pertinência teórico-metodológica para o campo dos estudos discursivos, no entanto, se concentram na análise dos discursos de coletivos, que de alguma forma historicamente conquistaram com muitas lágrimas, suor e sangue visibilidade perante a opinião pública.

Nosso trabalho, ao contrário, busca no batimento discursivo descrição/interpretação, apresentar como alguns grupos sociais minoritários no caso aqui coletivos de alunos, praticamente invisíveis ainda junto à opinião pública, por não estarem vinculados a uma instituição de classe como a União

Nacional dos Estudantes - UNE, constroem por meio de práticas discursivas como o grafite e outras formas de manifestação, entendidas por nós como *inscri(ssurei)ções*, estratégias discursivas de resignificação e de revascularização dos insultos e dos diferentes ataques que recebem de boa parte das instituições e da sociedade brasileira. Em outros termos, a nossa questão aqui não foi apenas falar das feridas abertas dos coletivos, mas mostrar como esses coletivos lidam com essas feridas, buscando curá-las e cicatriza-las. A analogia com a cicatrização de uma ferida nos parece particularmente pertinente teoricamente, pois assim como as *inscri(ssurei)ções*, brevemente analisadas, são lugares em que a memória deixa as suas marcas.

Em um seminário realizado em março de 2022, no IEL da UNICAMP, van Dijk asseverou que “os movimentos sociais se manifestam por meio de declarações, *slogans*, convocatórias, assembleias, entrevistas”. Modestamente acrescentaríamos que eles se manifestam também por *inscri(ssurei)ções*, que é uma das formas languageiras de esses sujeitos lidarem com os diferentes poderes que os oprimem. Como citado no final da primeira epígrafe: são esses “momento[s] [*in(scri)ssurgentes*] imprevisível[is] em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição” (Pêcheux, 1990).

Referências

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Trad. de Sírío Possenti, et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARGALIT, Avishai. **La Société Décénte**. Paris: Champs Flammarion, 2007.

MOIRAND, Sophie. L'apport de petits corpus à la compréhension des faits d'actualité. **Corpus**, n.18, 2018. DOI <https://doi.org/10.4000/corpus.3519>.

PAVEAU, Marie-Anne. **Langage et morale: une éthique des vertus discursives**. Limoges: Lambert- Lucas, 2013a.

PAVEAU, Marie-Anne. Féminismes 2.0. discours numériques de la génération connectée. **Argumentation et analyse du discours**, n.18, 2017a. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/2345>. Acesso em: 26 jan. 2022

PAVEAU, Marie-Anne. **L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques**. Paris: Hermann, 2017b.

PAVEAU, Marie-Anne. La resignification: pratiques technodiscursives de répétition subversives sur le web relationnel. **Langage & Société**, n. 167, 2019a. Disponível em: <https://hal.science/hal-02145765>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. La blessure et la salamandre: théorie de la resignification discursive. In: COLLOQUE DU CARISM. **Stigmatiser** : normes sociales et pratiques médiatiques. Paris: Université de Paris, 2019b. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02003667>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. Feminismos 2.0. usos tecnodiscursivos da geração conectada. Trad. Julia Lourenço Costa. In: LOURENÇO, J.; BARONAS, R. L. **Feminismos em convergências**: discurso, internet e política. Portugal: Grácio Editor, 2020. p. 19-23.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne; BARONAS, Roberto Leiser; LOURENÇO, Júlia. **Resignificação em contexto digital**. São Carlos: EDUFSCar-FAPESP, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Trad. de José Horta Nunes. Caderno de Estudos Linguísticos da UNICAMP, número 19, 1990.

PÊGO-FERNANDES, Paulo M.; GAIOTTO, Fabio A.; GUIMARÃES-FERNANDES, Flávio. Estado atual da cirurgia de revascularização do miocárdio. **Revista de Medicina**, v.87, n.2, p. 92-98, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v87i2p92-98>.

As reações críticas em uma interação polilocal no Reddit: um debate sobre a contratação de pessoas não vacinadas contra a Covid-19

Sandra Gomes Rasquel

Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Em função da pandemia do coronavírus, em 30 de janeiro de 2020, a OMS decretou emergência de saúde pública de importância internacional (UNA-SUS, 2023). A pandemia do coronavírus mudou nossa realidade em múltiplos aspectos, dentre os quais a questão do trabalho. As empresas passaram a adotar modelos de trabalho remoto e híbrido para garantir a saúde coletiva e diminuir o risco de contaminação entre os colaboradores (Consceição; Nunes, 2021).

Em decorrência da vacinação em massa, em nível mundial, e da diminuição no número de casos de contaminados, em 23 de maio de 2022, o presidente à época, Jair Bolsonaro, revogou o decreto 10659/21, que instituiu o Comitê de Coordenação Nacional para o enfrentamento da pandemia da Covid-19 (Agência Senado, 2022), antes mesmo de a OMS declarar o fim da emergência de saúde pública de importância internacional, em Genebra, na Suíça, em 05 de maio de 2023 (UNA-SUS, 2023). Assim, em 2022, o mundo corporativo se via frente a um novo desafio: o retorno ao trabalho presencial de forma segura (Consceição; Nunes, 2021). À época, o governo federal, por meio do Ministério da Economia, publicou, inclusive, a Instrução Normativa SGP/ SEDGG/ME, n. 90 de 28.09.2021, que estabelecia normas para um retorno gradual e seguro de funcionários públicos (Ministério da Economia, 2021).

Em meio a essa questão, tem ocupado espaço na mídia uma discussão sobre ser permitido ou não demitir pessoas não vacinadas e se é possível ou não contratar apenas vacinados, com pontos de vista¹ distintos. Participaram desse debate público figuras proeminentes, como o Ministro do Trabalho e Previdência (à época, Onyx Lorenzoni), atores institucionais, como o TST (Neves, 2021), o governo federal (Redação UOL, 2021) e a Justiça do Trabalho, além de inúmeros advogados e empresários (Portal TRT23, 2021).

Neste capítulo, investigamos o funcionamento da oposição argumentativa em uma interação argumentativa de racionalidade prática (Fairclough; Fairclough, 2012; Gonçalves-Segundo, 2019, 2023; Gonçalves-Segundo; Isola-Lanzoni, 2021), a fim de compreender como os participantes da rede social Reddit, especificamente do *subreddit r/brasilivre*, reagem criticamente às propostas e aos argumentos apresentados e de entender o papel de tais reações na negociação de pontos de vista sobre a pertinência e a desejabilidade da contratação ou não de pessoas não vacinadas contra a COVID-19 (o problema prático em discussão), considerando o cenário pós-pandemia. Para tanto, o *corpus* consiste em uma interação polilocal do *subreddit r/brasilivre*, com 96 comentários e 39 participantes, de dezembro/22 a janeiro/23. Tal discussão configura-se como uma situação de argumentação prática, na qual os envolvidos no debate discutem propostas de ação, que são alternativas de solução para o problema prático (Gonçalves-Segundo, 2019, 2023) em curso.

Em termos teóricos, articularemos: (i) o debate de Krabbe e van Laar (2011) sobre reações críticas; (ii) a discussão sobre polílogos conversacionais (Kerbrat-Orecchioni, 2004) e polílogos argumentativos (Lewiński, 2013; Aakhus; Lewiński, 2017; Gonçalves-Segundo, *no prelo*); (iii) e a proposta de Fairclough e Fairclough (2012), Gonçalves-Segundo (2019, 2023) e de Gonçalves-Segundo e Isola-Lanzoni (2021) sobre argumentação prática.

Organizamos o capítulo da seguinte maneira: inicialmente, discutimos o que é a argumentação prática, argumentos e esquemas argumentativos; na sequência, apresentamos o debate sobre polílogos conversacionais e argumentativos; posteriormente, tratamos do conceito de reação crítica;

¹ Utilizaremos os termos tese, ponto de vista e conclusão como sinônimos, considerando-os como resposta a uma questão argumentativa.

depois, apresentamos nosso procedimento metodológico e analisamos o *corpus*; por fim, tecemos as considerações finais.

1 A argumentação prática

Em acordo com Gonçalves-Segundo (2023), consideramos que a argumentação tem propriedades lógicas, retóricas, dialéticas e sociossemióticas, articuladas em toda e qualquer instância concreta do argumentar. Conforme Plantin (2008) e van Eemeren (2018), para que haja argumentação é necessário que se levante, no mínimo, uma dúvida em relação a uma dada posição, que é tida como não acordada. Em nível mais profundo, o desacordo desenvolve-se em torno de uma oposição entre dois ou mais pontos de vista distintos sobre uma mesma questão, que passa a ser, nos termos de Grácio (2011), tematizada e problematizada na interação.

Tal desacordo pode ser representado por questões argumentativas, que podem ser categorizadas em função da natureza da tese e da quantidade potencial de respostas. Em relação ao primeiro critério, as questões podem ser de ordem epistêmica, cujas respostas são teses descritivas (proposições que visam ao estatuto de fato) ou avaliativas (proposições que visam ao estatuto de pertinência), ou de ordem prática, cujas respostas consistem em teses prescritivas (propostas de ação orientadas a um processo decisório) (van Eemeren, 2018; Gonçalves-Segundo, 2023). Em termos do segundo critério, elas podem ser *fechadas*, do tipo *sim* e *não*, ou *abertas*, que permitem distintas respostas. As questões *abertas*, por sua vez, podem ser subcategorizadas em *seguras* e *arriscadas*. As *questões seguras* apresentam respostas limitadas e conhecidas pelos argumentadores, já as *questões arriscadas* permitem respostas, a princípio, ilimitadas e irrestritas (Lewiński, 2013). O Quadro 1, a seguir, exemplifica o exposto:

Quadro 1. Classificação das Questões Argumentativas, baseada em Lewiński (2013)

Natureza da tese \ Abertura da questão	Fechada	Aberta	
		Segura	Arriscada
Epistêmica descritiva	<i>O índice de violência está necessariamente associado à pobreza?</i>	<i>A violência é consequência da pobreza ou de um conjunto de indicadores sociais?</i>	<i>Qual indicador social mais influencia no alto índice de violência em uma região?</i>
Epistêmica avaliativa	<i>Viajar para o Nordeste é seguro?</i>	<i>Você acha que o Nordeste é um lugar turístico bom ou ruim para viajar?</i>	<i>O que você acha do Nordeste como destino turístico?</i>
Prática	<i>Devemos viajar para o Nordeste no Natal?</i>	<i>Devemos viajar no Natal para o Nordeste, para o Sul ou para o Norte?</i>	<i>Para onde devemos viajar no Natal?</i>

Fonte: Elaboração própria.

Neste capítulo, nosso foco residirá em estudar a oposição argumentativa em uma interação nucleada por uma questão argumentativa prática fechada (ainda que, como veremos, emergjam outras questões a ela subordinadas). Por conta disso, vale nos debruçarmos sobre o conceito de argumentação (de racionalidade) prática.

A *argumentação prática* pode ser entendida como uma atividade argumentativa orientada à resolução de problemas e, portanto, ligada prototipicamente ao binômio propor/decidir (Macagno; Walton, 2019; Gonçalves-Segundo, 2019; 2023). Nessa concepção, o problema emerge de uma demanda por ação resultante da construção/reconhecimento de uma exigência, definida por Bitzer (1968, p. 6, tradução nossa) como “uma imperfeição marcada por algum grau de urgência; é um defeito, um obstáculo, algo a ser corrigido”. Tal imperfeição é composta, segundo o retoricista estadunidense, por condições factuais avaliadas como negativas segundo os interesses do argumentador e de dados grupos de referência. Nesse sentido, as teses que respondem à argumentação prática consistem em soluções potenciais que poderiam remover a exigência e levar a uma situação futura desejável, derivada de um imaginário socialmente partilhado (Gonçalves-Segundo, 2023).

O estudo da argumentação prática envolve, portanto, uma série de possibilidades, dentre as quais destacamos: (i) a análise do processo de construção da exigência e as disputas acerca da sua factualidade ou indesejabilidade ao longo de uma interação ou de uma controvérsia²; (ii) a análise do processo de construção do imaginário (futuro) e das disputas sobre sua desejabilidade; (iii) a análise dos argumentos mobilizados em defesa das teses práticas apresentadas; (iv) a análise da oposição argumentativa, ou seja, das reações críticas aos argumentos mobilizados para defender as teses; (v) a análise da dinâmica interacional de argumentação; (vi) a análise do processo decisório, quando pertinente (de fato, isso só se torna possível quando estudamos uma deliberação em sentido estrito). Para este trabalho, focaremos nas possibilidades (i) e (iv).

Tendo isso em vista, discutiremos sinteticamente, nas próximas seções, os conceitos pertinentes para abordarmos tais focos de análise, em um procedimento que será delimitado na seção 5.

2 Os argumentos e os esquemas argumentativos

Os conceitos de argumento e de esquema argumentativo estão intimamente relacionados. Os argumentos podem ser entendidos como concretizações de esquemas argumentativos. Tais esquemas são padrões inferenciais e abstratos de raciocínios generalizados a partir de seu uso no meio social, compostos por premissas que oferecem razão para sustentar uma conclusão (Gonçalves-Segundo, 2023). Em um argumento, tais esquemas representam a relação material (semântica) - conteúdo semântico-discursivo particular inerente à questão em discussão - e a relação lógica (procedural) que se estabelece entre as premissas e a conclusão, por meio da garantia (Toulmin, 2006 [1958]; Macagno, 2015; Gonçalves-Segundo, 2022). Exemplos de esquemas argumentativos podem ser vistos ao longo deste capítulo, nos quadros 3 e 5, e exemplos dos argumentos (concretização do esquema) podem ser vistos nos quadros 4 e 6.

² A controvérsia constitui-se como o dissenso que ocorre em larga escala, ou seja, em distintos espaços interacionais, de forma pública, no qual temas de interesse comum são postos em discussão (Lewiński; Aakhus, 2022).

A reconstrução dos argumentos, por meio de esquemas argumentativos, é crucial para revelar as fontes de *acordos* e *desacordos* (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002 [1958]) para se decidir por uma proposta de ação. Como enumera Gonçalves-Segundo (2019), tais (contra)propostas são avaliadas também em termos de critérios relevantes, a saber: viabilidade, eficiência, eficácia, inofensividade e beneficiamento e envolve o raciocínio prático que, de acordo com Macagno e Walton (2019, p. 140), “é concebido como uma estrutura complexa de inferências classificatórias, avaliativas e práticas”.

Partindo dos valores e dos objetivos dos envolvidos, os argumentos práticos ancoram-se em inferências argumentativas que orientam a escolha por recomendação de ação, em que são avaliados os prós e contras na tomada de decisão (Gonçalves-Segundo; Isola-Lanzoni, 2021; Gonçalves-Segundo, 2023). Nesse sentido, em função dos compromissos de valor dos envolvidos, pode haver tanto um *acordo* quanto um *desacordo* quanto à exigência a ser removida e o objetivo a ser alcançado, que pode ser entendido como a concretização de um projeto de mudança positiva na realidade, consoante aos valores de um discurso ao qual os envolvidos se filiam (Fairclough; Fairclough, 2012; Gonçalves-Segundo, 2019, 2023; Gonçalves-Segundo; Isola-Lanzoni, 2021).

O Quadro 2, a seguir, apresenta a tipologia dos principais esquemas de raciocínio argumentativo prático com fundamentação interna e externa:

Quadro 2. Tipologia dos principais esquemas de raciocínio argumentativo prático

Raciocínio argumentativo prático (P) (orientado à defesa de uma proposta ou de uma apreciação do valor social de um curso de ação futuro)	
Fundamentação interna (I) (as razões são oriundas do tópico discursivo em pauta, do conjunto de conhecimentos campo-dependentes e dos valores que sustentam o conflito de opinião, atravessado, por sua vez, por distintos discursos).	EPI: esquema prático interno • Esquema instrumental de raciocínio (argumentativo) prático. • Esquema por regra. • Esquema pragmático (por consequências positivas ou negativas). ◦ Subtipos de esquema por consequências negativas: apelo ao desperdício e <i>ad baculum</i>. • Esquema por regra da justiça. • Esquema por valor. • Esquema por avaliação. • Esquema por modelo e antimodelo.
Fundamentação externa (E) (as razões são oriundas da posição de saber ou de poder de uma fonte, específica ou difusa).	EPE: esquema prático externo • Esquema por autoridade (por posição de saber e poder). • Esquema <i>ad populum</i> (por opinião popular ou prática)

Fonte: Extraído de Gonçalves-Segundo (2023, p. 378).

3 Polílogos conversacionais e argumentativos no meio digital

Para Kerbrat-Orecchioni (2004), o polílogo conversacional consiste em uma situação comunicativa em que interagem múltiplos participantes - o trílogo é o menor dos polílogos. O polílogo difere dos diálogos em função de distintos fatores, dentre eles, a complexidade da interação, o número de participantes e o pluralismo ilocucional. Lewiński (2013) faz algumas discussões importantes para o estudo das argumentações em interações polilogais: inicialmente, apresenta a distinção entre *lado*, *posição* e *caso*; posteriormente, diferencia interações multiparticipantes e interações multipartidárias.

O *lado* é uma resposta a uma pergunta fechada (do tipo sim ou não). Logo, dizemos que atores estão do mesmo lado quando defendem a mesma tese, seja ela o "sim" ou o "não" (Lewiński, 2013). Por exemplo, na questão, "*devemos dividir as despesas com o namorado?*", haverá duas possibilidades de resposta: (i) Sim, devemos dividir as despesas (um lado); e (ii) Não, não devemos dividir as despesas (outro lado). Esse tipo de interação argumentativa pode ser denominado *disputa bipartidária*.

A *posição* ocorre como resposta a perguntas abertas, em que são possíveis respostas distintas, com a defesa de ou o ataque a múltiplas posições simultâneas (Lewiński, 2013). A questão aberta “*O que você acha de as pessoas fazerem serviços voluntários?*” permite inúmeras respostas (não apenas “sim” ou “não”), o que constitui uma *disputa multipartidária*. Teremos como respostas, por exemplo: (i) Acho problemático; (ii) Acho perda de tempo; (iii) Acho belíssimo; (iv) Acho admirável, cada uma sustentável por distintos argumentos.

Já a noção de *caso* abarca o conjunto de razões para defender ou atacar tanto um determinado ponto de vista quanto o ponto de vista assumido pelo argumentador (Lewiński, 2013), como podemos observar no exemplo a seguir: *O voluntariado é problemático* (resposta/tese), *pois tira a possibilidade de alguém ser pago para fazer determinado trabalho* (razão que sustenta a defesa dessa tese). Outras razões para a defesa desse mesmo ponto de vista ou para a defesa de outros pontos de vista constituem-se em outro caso. Logo, se alguém defende que o voluntariado é problemático, pois faz o trabalho que, no fundo, deveria ser realizado pelo Estado, temos um ator que partilha a mesma posição, mas por um caso distinto.

Neste capítulo, tomamos como *corpus* uma interação argumentativa polilocal bipartidária, do meio digital, da plataforma Reddit, especificamente da comunidade *r/brasilivre*. Conforme Gonçalves-Segundo (*no prelo*), o Reddit é uma plataforma organizada em comunidades, os *subreddits*, motivadas topicamente, em que os usuários se engajam em discussões de temas distintos, o que o torna um ambiente propício à atividade argumentativa. As comunidades no Reddit são mediadas por moderadores que determinam normas que norteiam o uso da rede, incluindo o que pode ou não ser postado, graus de civilidade, proibição de discursos de ódio, uso ou não de imagens, dentre outros, sendo que a não obediência às normas pode fazer com que o usuário sofra desde alertas até o banimento da comunidade.

4 A reação crítica sob uma perspectiva dialética

Conforme Krabbe e van Laar (2011), as noções de argumentação e reação crítica encontram-se intimamente relacionadas e, uma vez que a argumentação é concebida como instrumento para superar a dúvida, a postura crítica é

esperada. As formas de reação crítica carregam uma avaliação negativa dirigida a um alvo na interação e são apresentadas de formas distintas, tais como objeção, contra-argumentação, pergunta crítica, acusação de falta de clareza ou de ambiguidade proposicional, acusação de falácia, ataque à pessoa etc.

Em função desses diversos tipos, os autores buscaram realizar uma caracterização sistemática da reação crítica, a fim de contribuir para a abordagem dialética da argumentação, uma vez que expressar uma dúvida difere de expressar um ponto de vista oposto, que difere de contestar (parte de) um argumento, o que caracteriza formas diferentes de levantar objeções contra o argumento em si ou contra as circunstâncias em que o argumento fora apresentado. Para tanto, Krabbe e van Laar (2011) definiram quatro parâmetros de análise da reação crítica, considerando que cada uma delas tem um foco, apela para algum tipo de norma, tem uma força particular e ocorre em determinado nível do diálogo. Na sequência, abordaremos cada um desses parâmetros:

1. **Foco:** alvo da reação crítica, dividido em:

- **Foco Proposicional:** pode incluir o argumento como um todo ou partes dele - premissas, tese, garantia;
- **Foco Locucional:** faz referência à clareza e/ou à ambiguidade de uma proposição;
- **Foco Pessoal:** diz respeito ao argumentador, que se torna o alvo da reação crítica;
- **Foco Situacional:** compete à adequação dos movimentos argumentativos na interação e não na avaliação do conteúdo proposicional propriamente dito.

2. **Norma:** refere-se às normas da instituição, da discussão crítica e de otimização retórica.

- **Normas da instituição:** trata-se de regras procedurais pertinentes a uma esfera, um tipo de diálogo argumentativo ou uma instituição, que constroem aquilo que é considerado admissível e razoável para defender ou criticar uma tese.

- **Normas da discussão crítica:** envolvem regras de conduta que devem ser respeitadas para que se desenvolva uma argumentação que permita dissolver o conflito de opinião em seus méritos, como é o caso do modelo normativo de discussão crítica da Pragmadiálética, como citam Krabbe e van Laar (2011).
- **Normas de otimização retórica:** marcam a distinção entre os movimentos argumentativos considerado bons, plausíveis, estratégicos e aqueles que são tidos como falaciosos ou, até mesmo, insatisfatórios em algum aspecto retórico, como a adaptação ao auditório.

3. **Força:** está ligada à força ilocucionária dos atos de fala, dividida em:

- **Força Diretiva:** pode aparecer como conselhos estratégicos; pedido de um argumento (desafio) com foco proposicional (por que P?); pedido de esclarecimento (O que você quer dizer com P?) com foco locucional etc.
- **Força Assertiva:** inclui o apontamento de falhas na contribuição do interlocutor ou falhas de razoabilidade no argumento, que podem aparecer como negações fortes ou fracas.
 - Nas negações fracas, a negação de P ($\neg P$) não acarreta ônus da prova ao Antagonista³, uma vez que a negação, nesse caso, apenas evidencia que o outro não foi capaz de convencê-lo de P que ele precisa apresentar argumentação ulterior para isso.
 - Nas negações fortes, o Antagonista não só expressa a negação do que foi afirmado pelo protagonista (ou seja, $\neg P$ ⁴), como se compromete com ela. Dessa forma, ele se torna protagonista de $\neg P$, arcando com ônus prova, e precisando defender $\neg P$, caso seja questionado ou criticado.

4. **Nível:** refere-se ao nível em que um movimento argumentativo pode contribuir para a argumentação de um ponto de vista, a partir de contribuições diretas (argumentação) ou indiretas (metanível).

³ Antagonista refere-se a um papel de participação que tem a função de se opor ou criticar a tese defendida pelo Protagonista.

⁴ $\neg$ significa negação. Logo, $\neg P$ é a negação de P .

- **Argumentação:** estão nesse nível as reações críticas pertinentes à dimensão semântico-discursiva da questão em si.
- **Metanível:** referem-se aos movimentos que são sobre o diálogo ou a interação e não sobre a questão em si, o que pode incluir as regras procedurais, a legitimidade dos movimentos argumentativos e os ataques pessoais.

5 Procedimento metodológico

Para a realização da análise, partimos do seguinte procedimento metodológico: (i) depreendemos a exigência no *corpus*, que culminou em um problema prático, expresso por uma questão argumentativa (nuclear); (ii) identificamos as questões argumentativas subordinadas, emergentes a partir dos atos de reação crítica; (iii) filtramos os comentários em termos das reações críticas e de seus alvos; e (iv) discutimos sua função no âmbito da construção dos argumentos construídos na interação polilocal.

Ainda que argumentos epistêmicos e práticos estejam imbricados nas situações argumentativas reais e se complementam nas estratégias e movimentos argumentativos feitos pelos interactantes, para fins didáticos, a análise será dividida em subseções focadas em pontos específicos.

Para tanto, após a contextualização do *corpus*, apresentaremos a análise na seguinte sequência: (i) O enquadramento da Exigência e do Problema Prático e as fontes de desacordo e reação crítica; (ii) A implicação do valor e da hierarquia de valores no cerne da oposição argumentativa em teses epistêmicas avaliativas concernentes ao problema prático e à proposta de ação; e (iii) Propostas de ação (tese prescritiva) diante do problema prático e os focos de reação crítica no nível da argumentação e no metanível.

6 Análise do Corpus

6.1 Contextualização do Corpus

O *corpus* deste estudo é composto por uma interação polilocal com 96 comentários do Reddit, da comunidade *r/brasilivre* (dezembro/22 a janeiro/23), com participação de 39 interactantes, que discutem a pertinência e a desejabilidade da contratação ou não de pessoas não vacinadas contra a Covid-19. O debate foi motivado por meio de uma postagem de um dos usuários, incitando a participação de outros interactantes no debate, que respondem tanto ao post original quanto às intervenções dos outros comentadores. A postagem do tópico que iniciou a discussão consta a seguir:

Algumas empresas chegaram a demitir funcionários que se negaram a se vacinar contra a COVID-19 e muitas outras cobram a carteirinha de vacinação com as doses tomadas, incluindo as de reforço. Conheço algumas empresas que exigem na lista de documentação para admissão a carteirinha de vacinação e há outras empresas que deixam o funcionário livre para escolher, mas exigem o uso de máscara no ambiente de trabalho. Para pensarmos um pouco: O que você faria se fosse sua empresa? Só contrataria pessoas vacinadas contra a COVID-19? Se sim, por quê? Não contrataria pessoas não vacinadas, por quê? Ou como você agiria? Fonte:

https://www.reddit.com/r/brasilivre/comments/zh97pe/contrata%C3%A7%C3%A3o_de_pessoas_que_n%C3%A3o_se_vacinaram/

(i) O enquadramento da Exigência e do Problema Prático e as fontes de desacordo e reação crítica

A circunstância vigente avaliada negativamente (exigência a ser removida) refere-se à seguinte situação: em função da retomada do trabalho presencial nas empresas, em um período de pós-pandemia, há preocupação no meio corporativo com possíveis casos de contaminação no ambiente de trabalho, e a preocupação aumenta com a possibilidade de contratação de pessoas que não se vacinaram contra a Covid-19. Ou seja, há a avaliação negativa circunstanciada da situação presente, construída como factual, o que demanda uma proposta de ação para remover este obstáculo, a fim de se alcançar um futuro desejado, ou seja, diminuir o risco entre os demais colaboradores da empresa e seu funcionamento ótimo.

Considerando o contexto dessa postagem, depreendemos a exigência, que culminou em um problema prático, expresso pela seguinte questão

argumentativa nuclear: *Diante da preocupação das empresas com possíveis casos de contaminação entre os colaboradores, devem ser contratadas apenas pessoas vacinadas?*, que pode ser considerada como uma questão fechada, do tipo sim ou não, que incita uma resposta prática para a solução do problema vigente.

Inicialmente, o cerne da oposição argumentativa concentra-se na exigência, mais especificamente no desacordo quanto à avaliação negativa das condições factuais, o que está associado aos compromissos de valor dos envolvidos. Vejamos alguns excertos adiante, em que os interactantes são identificados pelas letras do alfabeto (A, B, C, D e assim sucessivamente):

- A Quem tá vacinado precisa se preocupar com quem não tá, pq a galera que não tá vacinada pode pegar a doença e gerar uma variante que infecte quem tá vacinado
- B Eu deixaria que cada escolha o que quiser. Se a vacina previni a doença, então quem tá vacinado não tem o que se preocupar com quem optou por não vacinar
- C Se temos a opção de tomar a vacina para evitar mortes, então está ótimo. Depois que a vacina chegou as mortes por COVID caíram drasticamente [...]
- D Pse, nunca tomei uma dose sequer e estou aqui firme e forte [...]
- E [...] peguei covid... foi nada demais. é gripe. já fiquei bem pior por causa de gripe comum

O desacordo quanto à exigência concentra-se na avaliação da gravidade da situação presente - risco de possível contaminação, o que resulta na preocupação (ou não) com novos casos de contaminação. Nesse desacordo, B, D e E não se alinham à avaliação negativa da circunstância vigente feita pelos demais (A e C), o que sinaliza que questionam a gravidade e os riscos de contrair Covid-19, ainda que por razões distintas.

Nesse contexto, a situação é interpretada por B, D e E como relativamente segura, sem grande risco à saúde, mesmo entre os não vacinados, a partir do que distintas razões são apresentadas para sustentar a defesa desse ponto de vista. A justificativa de B é a de que, se a vacina é eficaz, então, a pessoa está protegida, desse modo, não corre o risco de ser contaminada. B parece discordar da negatividade de colocar em risco os demais colaboradores, visto que considera, hierarquicamente, a liberdade acima disso. Nesta perspectiva, no contexto da pandemia do coronavírus, a liberdade faz referência à possibilidade de escolha em optar por tomar ou não a vacina, vista como uma

decisão individual, em oposição ao discurso de que a vacinação é uma medida destinada a proteger o coletivo. D e E valem-se da própria experiência para julgarem a circunstância vigente: enquanto D afirma que, mesmo sem ter tomado as doses da vacina, está com boa saúde, E alega que contraiu a doença e teve apenas sintomas leves, utilizando-se de uma estratégia comparativa para defender que a Covid-19 não é grave, ao alegar que já esteve pior com uma gripe.

Desse modo, como B, D e E não avaliam negativamente as circunstâncias vigentes, ao não reconhecerem factualmente a gravidade, para eles não há necessidade de mudança e, portanto, não há demanda por ação, o que culmina em desacordo não só quanto à exigência, como também quanto aos objetivos a serem alcançados, viabilizados por uma proposta de ação. Por conseguinte, a reação crítica passa pela rejeição quanto (i) à factualidade dos eventos presentes; (ii) quanto à avaliação do estatuto desses eventos como negativo; (iii) quanto à existência de um problema prático que demanda solução (Gonçalves-Segundo, 2023); e (iv) pela rejeição do posicionamento de se contratar apenas pessoas vacinadas.

Nesta perspectiva, a controvérsia quanto à exigência e quanto à proposta de ação parte dos compromissos de valor e da hierarquia de valor contrários entre os dois lados: um lado que parece assumir o compromisso de valor com a integridade da coletividade, como é o caso de A e C, e o outro lado, em que prevalece o compromisso de valor com a liberdade e a individualidade, como parece ser o caso de B, D e E, que se posicionam contra a exigência e o problema prático.

(ii) A implicação do valor e da hierarquia de valores no cerne da oposição argumentativa em teses epistêmicas avaliativas concernentes ao problema prático e à proposta de ação

Na sequência, outras questões argumentativas subsidiárias passaram a ser discutidas na interação. Podemos representá-las da seguinte forma: (i) *Vacina é questão de saúde pública?* (ii) *O indivíduo tem direito a não tomar a vacina contra a Covid-19?* As respostas (teses) a essas questões tornaram-se fontes de reação crítica e desacordo e continuaram nutrindo o conflito que se originou na fase inicial da interação, na constituição da exigência e do problema prático. Vejamos os exemplos:

- A Vacina é saúde pública, não questão individual. Nesse sentido, uma empresa pode não querer expor seus funcionários ao risco de contrair a doença, e proibir quem não vacina de trabalhar lá
- E [...] não vou entrar nessa onda. esse povo que quer que eu me vacine, nem quer saber da minha opinião - então vou fingir que eu penso do mesmo jeito pra eles me deixarem em paz
- F Só que vacinação nunca foi uma questão de escolha individual. É belo e moral uma empresa pedir comprovante de vacinação dos contratados. A empresa também tem o direito de preferir funcionários que estão menos dispostos a se infectarem e transmitirem doenças dentro do trabalho
- G Nah, isso aí é preconceito transvetido de virtude. A única moral que a empresa tem é pedir o trabalho do cara.
- H Eu contrataria sem preconceito. Esse negócio de seu corpo minhas regras é coisa de fascista
- I As vacinas nem parecem impedir transmissão de covid. Não sei pra que ainda insistir na idéia de se vacinar pelos outros
- Q É a liberdade de todo mundo aí. Só porque você tem liberdade de não tomar a vacina, não significa que o dono da empresa x não tem a liberdade de escolher contratar só quem tomou. Ele tem, é claro. E ele inclusive tem a liberdade de demitir (e nem é por justa causa) quem ele quiser por quaisquer motivos que ele quiser e nem é obrigado a dar motivo algum para quem foi demitido. É a liberdade dele. [...]. Por mais que eu acredite na liberdade alheia, nada disso importa se for doer no MEU BOLSO. Se o que você quer doer no bolso de alguém que não é você, não é liberdade, é só você se comportando como um verme na sociedade.

Por um processo de ligação, I e E, implicitamente, associaram a vacinação à saúde individual, em contraposição ao processo de ligação feito por A e F, que associaram a vacinação à saúde coletiva. Neste ponto, é importante destacar que a ligação é o processo pelo qual um ator busca estabelecer associação entre fatos, eventos específicos, presunções, normas e juízos de valor na tentativa de explicar a realidade.

Logo, para A e F, a proposta de ação de a empresa só contratar pessoas vacinadas é avaliada de forma positiva. Por sua vez, pelos comentários de I e E, podemos inferir que ambos defendem a tese alternativa, ou seja, de que as empresas devem contratar tanto vacinados quanto não vacinados, uma vez que não interpretam a questão como de ordem coletiva (saúde pública) e parece não reconhecerem a questão como um problema prático a ser resolvido.

Dessa forma, o desdobramento do desacordo mantém o foco no binômio - individual e coletivo - e, especificamente, há o lado (I e E) que assume que cada pessoa tem o direito de escolher se vacinar ou não, e o outro lado (A e F) que preza como valor o bem coletivo e, nesse sentido, entende que a escolha

deve ser pela vacinação, em função da saúde de todos, construindo uma hierarquia de valores em que o bem-estar coletivo é um valor que está acima do desejo individual e da liberdade de escolha por não se vacinar, o que é rejeitado e criticado por I e E, para os quais a escolha individual deve ser priorizada.

Por esse prisma, a questão epistêmica tematizada - *Vacina é questão de saúde pública?* - culminou na discussão de teses avaliativas (estatuto de pertinência), na medida em que o debate se ampliou e os interactantes passaram a discutir a questão do direito e da escolha individual (ou não) quanto à vacinação, o que traz novamente à tona a questão do compromisso de valor dos envolvidos.

(iii) Propostas de ação (tese prescritiva) diante do problema prático e os focos de reação crítica no nível da argumentação e no metanível

Nesta subseção, veremos que a reação crítica se concentra tanto no nível da argumentação, com foco proposicional, tendo como alvo a tese prática - contratar apenas vacinados - e as razões para defendê-la, quanto reações críticas no metanível, que envolve o foco situacional, em que a crítica é direcionada às condições em que a argumentação ocorre, e o ataque pessoal, em que o alvo da reação crítica é um dos interactantes.

As postagens adiante ilustram uma sequência de parte da interação realizada pelos participantes, da qual depreendemos fontes de desacordo relacionadas ao problema prático e à proposta de ação defendida para a remoção da exigência (avaliação negativa das condições factuais vigentes) e para o alcance do estado futuro desejado. Como o excerto consiste em um intercâmbio sequencial, além de identificarmos os interactantes (A, B, C etc.), também enumeraremos a sequência da intervenção. Desse modo, C₁ (significa que é a primeira intervenção dessa sequência feita pelo interactante C). Para facilitar a leitura e o acompanhamento da análise, a sequência da interação será apresentada em duas partes (intervenções de 1 a 4 e, posteriormente, as intervenções de 5 a 12), seguida da análise:

- C₁ Se eu fosse um empresário contrataria apenas vacinados. Uma pessoa não vacinada pode contrair o vírus e ficar um bom tempo metendo atestado ou até morrer, ou seja, prejuízo para a empresa. A vacina está aí, é grátis. Só não toma quem não quer, se não quer então encare as consequências
- J₂ Ah é, até porque quem tomou a vacina nunca mais contraiu o vírus, é cada m****⁵ que a gente lê
- C₃ Contrai o vírus, mas não fica ruim, não fica doente nem morre. Não sei se vc sabe mas toda vacina serve justamente pra isso, não ter feitos nocivos quando se contrai o vírus. Dã
- J₄ Nossa, jura?

Nesse conjunto, verificamos que a discussão sobre o problema prático - Diante da preocupação das empresas com possíveis casos de contaminação entre os colaboradores, devem ser contratadas apenas pessoas vacinadas? - continua relevante, porém outros focos de preocupação assumem lugar na avaliação sobre prós e contras para a tomada de decisão. Analiticamente, ao reconstruirmos a tese defendida por C₁, teríamos:

T = Sim, devemos contratar apenas vacinados. (tese defendida por C)

T' = Não, não devemos contratar apenas vacinados. (tese antagônica)

O participante C defende a tese de que contrataria somente vacinados, justificando que pessoas não vacinadas poderiam contrair o vírus, correr o risco de morte e gerar prejuízo para a empresa, em função da entrega recorrente de atestados médicos. Trata-se de um argumento pragmático por consequências negativas (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002 [1958]), em que o argumentador projeta efeitos indesejáveis se um curso de ação seja efetivado; no caso, a contratação de pessoas não vacinadas contra a Covid-19.

Na sequência, apresentamos a reconstrução do argumento (Quadro 4) a partir da aplicação do esquema pragmático por consequências negativas (Quadro 3):

Quadro 3. Esquema argumentativo pragmático (por consequências negativas)

Premissa de Causa e efeito	Se o curso de ação <i>a</i> for tomado, então o efeito <i>b</i> ocorre.
Premissa de valor:	O efeito <i>b</i> é um resultado indesejável.
Garantia (presunção de malefício)	Se um efeito é indesejável, então não se deve provocar o evento que o causa.
Tese prescritiva	O curso de ação <i>a</i> não deve ser tomado.

Fonte: Gonçalves-Segundo (2023, p. 187).

⁵ Os comentários foram incluídos conforme postado pelos próprios usuários da plataforma Reddit, incluindo as abreviações e cortes, como consta em m****.

Quadro 4. Argumento pragmático (por consequências negativas) sobre a contratação de pessoas não vacinadas contra a Covid-19

Premissa de Causa e efeito	Se uma pessoa não vacinada contra a Covid-19 for contratada e contrair o vírus, ela vai ficar um bom tempo metendo atestado ou até morrer, gerando prejuízo para a empresa.
Premissa de valor	Gerar prejuízo para a empresa é indesejável.
Garantia (presunção de malefício)	Se gerar prejuízo à empresa é indesejável, então, deve-se contratar apenas pessoas vacinadas.
Tese prescritiva	Devemos contratar apenas pessoas vacinadas.

Fonte: Elaboração própria.

Em termos retóricos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002 [1958]), o processo de ligação feito por C, que estabelece uma relação causal entre não estar vacinado, contrair o vírus, “meter” atestado, morrer e dar prejuízo para a empresa é criticado por J₂, o qual infere que C quer dizer, então, que pessoas vacinadas não contraem o vírus. Dessa forma, J₂ dirige o alvo de sua crítica às razões dadas por C para não contratar pessoas não vacinadas (Quadro 3 - premissa de causa e efeito), avaliando negativamente a ligação causal feita por C (“é cada m**** que a gente lê”). Nesse sentido, a reação crítica se estabelece no nível do argumento, de foco proposicional, com vistas a questionar a validade tanto das razões quanto da ligação causal feita por C.

Na intervenção 3, C contra-argumenta e concede⁶ parcialmente à proposição de J, ao concordar que pessoas vacinadas também contraem o vírus; no entanto, a concessão não continua em relação ao resto da cadeia causal, mantendo seu comprometimento com o processo de ligação que estabeleceu na primeira intervenção (C₁) ao reagir criticamente a J (foco pessoal), desafiando o conhecimento dele sobre os benefícios da vacina: “Não sei se vc sabe mas toda vacina serve justamente pra isso, não ter feitos nocivos quando se contrai o vírus. Dã”. A reação em foco pessoal encontra-se no metanível e não afeta diretamente o argumento da outra parte, mas busca atacar e desvalorizar o próprio argumentador, uma vez que C sinaliza inferir que J não tem conhecimentos sobre a vacina, o que gerou em J₄ uma contrarreação no mesmo nível, sinalizado por uma ironia (Nossa, jura?).

⁶ Concessão faz referência a um ato argumentativo em que o argumentador reconhece a validade de parte do argumento construído pelo seu opositor, legitimando-a.

No restante da sequência, apresentada a seguir, verifica-se que os interactantes K, L e E se comprometem com proposições similares e agem argumentativamente de duas formas: (i) reagindo criticamente ao argumento de C, logo, no nível argumentativo e com foco proposicional – (premissas, tese e garantia) e (ii) atacando a pessoa de C, ou seja, alçando a crítica ao metanível. Observemos a sequência:

- K₅ Ta cheio de casos de pessoas com ciclo completo de vacinação e ainda veio a falecer por covid
- C₆ E dos casos das que tomaram, pegaram o vírus e não ficaram ruins? Vcs não contam? Toda vacina tem efeitos, e toda vacina (assim como demais remédios) tem a percentagem de sucesso, é normal isso
- K₇ Equivalente ao grupo de nao-vacinados q pegaram c0vid e n tiveram complicacoes graves. N tem nd de normal nessas v4c1n4s. As Leis 14.121/2021 e 14.125/2021 ja sao motivos suficientes para n participar desse exper1ment0 em massa
- C₈ Eu entendo seu ponto, mas cada pessoa reage de forma diferente, com vacina ou não. Se temos a opção de tomar vacina para evitar mortes, então está ótimo. Depois que a vacina chegou as mortes por Covid caíram drasticamente, ainda vamos ter casos de vacinados que morrem e de não vacinados que sequer tem sintomas, mas é melhor prevenir
- L₉ Sei de casos de gente que com ciclo completo foi de comes e bebes
- E₁₀ se eu fosse. só que você não é. você caiu no golpe e ainda quer obrigar outros fazer a mesma besteira? Kkkkkkkk
- C₁₁ Quero obrigar os outros? Vc tá levando essa rede muito a sério kkkkkkkk isso é só um debate, vai se tratar amg
- E₁₂ então amigo ... Tenho que te dizer que o que você postou não e correto. [https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(21\)00768-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(21)00768-4/fulltext). Aqui pode achar 7 fontes científicas com dados que mostram que os "vacinados" pegam e transmitem o vírus do mesmo jeito. Querer contratar só vacinados é discriminação

Conforme os excertos, K, L e E estão do mesmo lado da questão e comprometem-se com proposições que associam casos de pessoas vacinadas à morte por Covid-19, ao passo que C, do outro lado da questão, rejeita a estratégia usada por eles de citar exceções para avaliarem negativamente a eficácia da vacina (*"E dos casos das que tomaram, pegaram o vírus e não ficaram ruins? Vcs não contam?"*).

Para defender seu ponto de vista, C₆ utiliza-se de um argumento de analogia para comparar os efeitos do uso de remédios aos efeitos do uso da vacina, justificando que ambos apresentam certa taxa de sucesso, o que não significa que a porcentagem de falha equivalha à falta de efetividade, como K₅, L₇ e E₉ parecem defender pela associação que estabelecem entre vacinação e

morte por Covid-19. O argumento de analogia (remédio e vacina) utilizado por C é reconstruído analiticamente e ilustrado no Quadro 6, a partir do respectivo esquema representado no Quadro 5:

Quadro 5. Esquema de Argumento por Analogia

Premissa de analogia	Geralmente, o caso C1 é semelhante ao caso C2.
Premissa	A proposição A é verdadeira (falsa) no caso C1.
Garantia	Se a proposição A é verdadeira (falsa) no caso C1 e C1 é semelhante ao caso C2, então, C2 é igualmente verdadeiro (falso).
Tese	A proposição A é verdadeira (falsa) no caso C2.

Fonte: Elaboração própria, com base em Walton; Reed e Macagno (2008).

Quadro 6. Argumento epistêmico por analogia no caso da analogia entre vacina e remédio

Premissa de analogia	Geralmente, o funcionamento de remédios é semelhante ao funcionamento de vacinas.
Premissa	Efeitos e percentagem de sucesso são verdadeiros (esperados) no caso dos remédios.
Garantia	Se o funcionamento de remédios e de vacinas são semelhantes, então, efeitos e percentagem de sucesso também são verdadeiros (esperados).
Tese	Efeitos e a percentagem de sucesso são verdadeiros (esperados) no caso das vacinas.

Fonte: Elaboração própria.

K₇ contra-argumenta e rejeita o argumento construído por C₆, ao colocar em equivalência o grupo de vacinados e não vacinados no que compete à gravidade dos sintomas por contaminação pela Covid-19, alegando que não vacinados também não apresentam sintomas graves. Por outro lado, por um processo de ligação, K associa a vacina a um “experimento em massa” e busca atacar a segurança do imunizante, ao recorrer a um argumento de autoridade, diante da apresentação de duas leis, lei 14.121/2021⁷ e lei 14.125/2021⁸, que

⁷ A lei estabelecia as regras para a compra da vacina pelos Estados e as diretrizes para a imunização da população. Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14121.htm.

⁸ A lei autorizava o Distrito federal e municípios comprarem as vacinas, em estado emergencial, assumindo os riscos por efeitos adversos à população, uma vez que a Anvisa ainda não havia aprovado o uso seguro da vacina naquele momento. Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14125.htm. Ademais, os laboratórios (Pfizer e Janssen) exigiam dos compradores a contratação de seguro privado, nacional ou internacional para cobrir possíveis efeitos adversos do imunizante. Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/20/medida-provisoria-revoga-lei-que-abriu-caminho-para-compra-de-vacinas>.

dispõem de regras para a compra da vacina em um período em que ela não havia sido ainda aprovada pela ANVISA e que versam sobre a responsabilidade civil perante os efeitos adversos da vacina. Nesse sentido, K rejeita a analogia construída por C, de que vacinas e remédios apresentam igualmente uma percentagem de sucesso e de falha e de que a vacina é segura. De forma similar à K₇, E₁₂ estabelece uma equivalência entre vacinados e não vacinados para atacar a eficácia da vacina e, igualmente, recorre a uma fonte de informação como argumento de autoridade para defender seu ponto de vista.

Ao colocarem em equivalência o grupo de vacinados e de não vacinados, E e K assumem uma lógica de que, se os grupos de vacinados e não vacinados compartilham das mesmas consequências em termos de gravidade dos sintomas, e se também morrem (L₉), não há por que se vacinar, uma vez que a vacina não impede a contaminação e as mortes. Logo, podemos inferir que E, K e L discordam da proposta de ação de contratar apenas vacinados e não compartilham da exigência e do problema prático, como C e os demais que estão do outro lado da questão.

E₁₂ questiona a veracidade das razões apresentadas por C₆ ("então amigo ... Tenho que te dizer que o que você postou não é correto. [...]"), pondo em dúvida sua legitimidade (reação crítica no metanível) e contra-argumenta, recorrendo a um argumento de autoridade, ao inserir o link para uma reportagem, para sustentar sua tese de que contratar apenas vacinados é um ato discriminatório em relação aos não vacinados.

Ao estar em desacordo sobre a factualidade das possíveis formas de contaminação por Covid-19 e em relação à gravidade dos sintomas entre os grupos de vacinados e não vacinados, E₁₂ associa a proposta de ação de contratar apenas vacinados à discriminação, reagindo criticamente à tese prática defendida por C₁ ("Se eu fosse um empresário contrataria apenas vacinados). Tal rechaço de E₁₂ atribui valor negativo a essa proposta, que passa a ser conceptualizada como uma ação que segrega os não vacinados e, portanto, uma proposta de ação condenável (de valor negativo). Desse modo, E₁₂ busca dissociá-la de um ato louvável (de valor positivo) defendido pelo outro lado - contratar somente vacinados para proteger os demais colaboradores de uma possível contaminação. Tais reações críticas de E₁₂ em relação a C₆ ocorreram tanto no nível do argumento - ataque à tese - quanto no

metanível (foco locucional), em que, ao deslegitimar as razões apresentadas por C₆, E₁₂ buscou influenciar o curso do diálogo (contribuição indireta no metanível), para que a tese de contratar apenas vacinados passasse a ser discutida por outro prisma, a de um ato segregatório.

Em outra intervenção, E₁₀ também criticou C₁, por meio de uma reação crítica de foco pessoal (metanível) ("se eu fosse. só que você não é. você caiu no golpe e ainda quer obrigar outros fazer a mesma besteira? Kkkkkkkk"), ao que C₁₁ contrareagiu atacando a forma como E₁₀ manifestou-se no fórum (foco situacional) ("[...] Vc tá levando essa rede muito a sério kkkkkkkk isso é só um debate, vai se tratar amg".), denotando que C considerou a reação de E como inadequada para a situação e para o espaço em que a argumentação estava ocorrendo – fórum digital Reddit –, o que consiste em uma crítica no metanível. Em ambas as críticas, em metanível, o foco de atenção não estava na questão em si. O foco de C₁₁ estava na inadequação do movimento argumentativo de E₁₀ e, não especificamente, no conteúdo proposicional, o que transfere o foco de discussão do assunto em questão para as condições em que o diálogo ocorre, o que traz implicações ao avanço da discussão. Tanto é que, na intervenção 11, C₁₁ concentra-se em se defender do ataque pessoal que recebeu de E, o que torna a sequência de movimentos argumentativos das duas partes não produtivas para o avanço da argumentação em torno do tema em debate, ainda que tais movimentos sejam necessários para que se ajustem as condições em que o debate ocorre, visando a um ambiente dialeticamente razoável, o que apela às normas de participação do fórum.

Considerações finais

Neste capítulo, tratamos da argumentação prática no âmbito de uma interação polilocal no Reddit - *corpus* de natureza digital - e analisamos uma interação que colocou em discussão a contratação ou não de pessoas não vacinadas contra a Covid-19, em um cenário de pós-pandemia, na qual a questão nuclear (motivadora inicial) posta em debate era: *Diante da preocupação das empresas com possíveis casos de contaminação entre os colaboradores, devem ser contratadas apenas pessoas vacinadas?* Outras questões subsidiárias foram surgindo e ganharam espaço de discussão ao

longo do debate, para as quais suas respostas (teses defendidas) tornaram-se foco de reações críticas.

As análises indicaram a presença de um desacordo sobre a exigência, que resultou em visões distintas sobre a emergência de um problema prático e sobre o objetivo a ser atingido, bem como sobre os valores e suas hierarquias. Outro resultado proeminente foi o de que os interactantes priorizaram a discussão de questões argumentativas subordinadas em detrimento da questão argumentativa nuclear, motivadora inaugural do debate.

Na interação polilocal no Reddit analisada, os alvos das reações críticas ocorreram em maior proporção no nível da argumentação - proposições ou partes do argumento: premissas, tese e garantia - do que no metanível - ataque pessoal e foco situacional. O maior foco de reação crítica foi direcionado aos argumentos epistêmicos, de natureza avaliativa, principalmente às razões dadas em defesa da vacinação, da saúde, da segurança coletiva e da liberdade da empresa de optar por contratar apenas vacinados, o que foi negativamente avaliado pelos interactantes que defendem o outro lado da questão - contratar também não vacinados.

A análise de interações polilógicas é extremamente complexa e carece de estudos, e entendemos que distintos referenciais teóricos-metodológicos dos estudos da argumentação, quando combinados em uma proposta integradora, pode ser útil para examinar as interações argumentativas multiparticipantes e multipartidárias, com especial atenção às interações circulantes no meio digital.

Referência

AAKHUS, Markus; LEWIŃSKI, Marcin. Advancing Polylogical Analysis of Large-Scale. Argumentation: Disagreement Management. **Argumentation**. v. 31, p. 179-207, 2017. DOI: <http://doi.org/10.1007/s10503-016-9403-9>.

AGÊNCIA SENADO. Governo federal revoga decretos de enfrentamento à pandemia. **Agência Senado**, Senado Notícias, 23 maio, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/23/governo-federal-revoga-decretos-de-enfrentamento-a-pandemia#:~:text=O%20presidente%20Jair%20Bolsonaro%20revogou,da%20Pandemia%20da%20covid%20D19>. Acesso em: 09 jan. 2024.

BITZER, Lloyd F. The Rhetorical Situation. **Philosophy & Rhetoric**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 1968.

CONSCEIÇÃO, Kenya Aparecida dos Santos; NUNES, Thiago Soares. Novo ou velho normal? a preparação para o retorno ao trabalho pós pandemia do covid-19 nas empresas de minas gerais. **XXIV SEMEAD**, Seminários em Administração, Universidade FUMEC, Minas Gerais, nov. 2021. Disponível em: <https://login.semead.com.br/24semead/anais/arquivos/1683.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2024.

FAIRCLOUGH, Norman; FAIRCLOUGH, Isabela. **Political discourse analysis**. New York: Routledge, 2012.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Interações argumentativas polilógicas em plataformas digitais**: explorando possibilidades de pesquisa (*no prelo*).

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Argumentação Prática**: teoria, método e análise. Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas como requisito parcial para obtenção do título de livre-docente na área de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, 2023.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Lógica Informal: uma introdução aos procedimentos de análise e de avaliação dos argumentos. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; DAMASCENO-MORAIS, Rubens (orgs.). **Introdução à análise da argumentação**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 101-133.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; ISOLA-LANZONI, Gabriel. Multimodal practical argumentation and behavioral change: an analysis of the "Remember, the Metro is for everyone" campaign. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 3, p. 779-807, 7 dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.1995>.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A configuração funcional da argumentação prática: uma releitura do layout de Fairclough & Fairclough (2012). **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, 2019. DOI: <http://doi.org/10.17648/eidea-19-v2-2498>.

GRÁCIO, Rui Alexandre. Do discurso argumentado à interação argumentativa. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. n. 1, p. 117-128, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/388>. Acesso em: 02 abr. 2023.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Introducing polylogue. **Journal of Pragmatics**, v. 36, n. 1, p. 1-24, jan. 2004. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(03\)00034-1](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(03)00034-1).

KRABBE, Erik C. W.; VAN LAAR, Jan Albert. The Ways of Criticism. **Argumentation**, v. 25, n. 2, p. 199-227, maio 2011. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10503-011-9209-8>.

LEWIŃSKI, Marcin. Debating multiple positions in multi-party online deliberation: Sides, positions, and cases. **Journal of Argumentation in Context**, v. 2, n. 1, p. 151-177, 23 maio 2013. DOI: <https://doi.org/10.1075/jaic.2.1.07lew>.

LEWIŃSKI, Marcin; AAKHUS, Mark. **Argumentation in Complex Communication**: Managing Disagreement in a Polylogue. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

MACAGNO, Fabrizio. A Means-End Classification of Argumentation Schemes. In: VAN EEMEREN, Frans H.; GARSSSEN, Bart (orgs.). **Reflections on Theoretical Issues in Argumentation Theory**. Cham: Springer International Publishing, v. 28, p. 183-201, 2015. DOI: <http://doi.org/10.1007/978-3-319-21103-9>.

MACAGNO, Fabrizio; WALTON, Douglas. Argumentos de raciocínio prático: uma abordagem modular. trad. Paulo Roberto Gonçalves-Segundo; Gabriel Isola-Lanzoni; Lucas Pereira-Silva; Winola Weiss. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 19, n. 1, p. 140-184, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-19-2448>.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Instrução Normativa Nº 90, de 28 de Setembro de 2021. **Ministério da Economia**. 11 maio 22. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/IN/in90-21-me-sgp-sedgg.htm. Acesso em: 09 jan. 2024.

NEVES, Rafael. Governo não pode proibir demissão de não vacinados, dizem especialistas. **Portal UOL**, 03 jan. 2021. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/11/01/governo-nao-pode-proibir-demissao-de-nao-vacinados-dizem-especialistas.htm>. Acesso em 09 jan. 2024.

PERELMAN, Chaïm.; OLBRECHTS- TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: A Nova Retórica. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1958].

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: História, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola, 2008.

PORTAL TRT23. Trabalhador pode ser obrigado a se vacinar? Confira a resposta na entrevista da semana. **PORTAL TRT23**, 01 fev. 2021. Disponível em: https://www.csjt.jus.br/web/csjt/semana-nacional-da-execucao-trabalhista/-/asset_publisher/By5C/content/id/8638643. Acesso em: 09 jan. 2024.

REDAÇÃO UOL. Onyx Lorenzoni diz que empresas podem exigir testes para os não vacinados: "É uma escolha". **Portal UOL**, 01 nov. 2021. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/brasil-urgente/ultimas/onyx-lorenzoni-diz-que-empresas-podem-exigir-testes-para-os-nao-vacinados-e-uma-escolha-16457787>. Acesso em: 13 jan. 2024.

REDDIT. Contratação de pessoas que não se vacinaram contra a COVID-19. **Reddit**: brasilivre. dez. 2022. https://www.reddit.com/r/brasilivre/comments/zh97pe/contrata%C3%A7%C3%A3o_de_pessoas_que_n%C3%A3o_se_vacinaram/?sort=old. Acesso em: 01 maio 2023.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

UNA-SUS. OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. **UNA-SUS, Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde**, 09 maio 2023. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/oms-declara-fim-da-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-referente-a-covid-19>. Acesso em: 09 jan. 2024.

VAN EEMEREN, Frans H. **Argumentation Theory**: A Pragma-Dialectical Perspective. Cham: Springer International Publishing, 2018. DOI: <http://doi.org/10.1007/978-3-319-95381-6>.

WALTON, Douglas; REED, Christopher; MACAGNO, Fabrizio. **Argumentation Schemes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. DOI: <http://doi.org/10.1017/CBO9780511802034>.

Discursos sobre educação: a saúde socioemocional como mercadoria

Thais Rosa Viveiros

Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Este estudo toma por base um¹ dos textos presentes no *Blog dos Colégios*², escolhido para este trabalho devido ao assunto de que tratava – a saúde socioemocional –, um dos temas recorrentes do conjunto de 60 textos selecionados do *Blog dos Colégios*. Em 2015, o jornal *Estadão*, mais especificamente, o caderno “*Estadão.Edu*”, convidou um grupo de escolas de alto padrão do estado de São Paulo, a maioria delas da cidade de São Paulo, para assumir pequenos blogs (os quais podemos definir como sub-blogs dispostos como páginas acessadas dentro do *Blog dos Colégios*), por meio dos quais pudessem disponibilizar textos sobre educação. Esses textos, entre eles o que é tomado neste estudo, são discursos que se apresentam, à primeira vista, como meios de propor reflexões sobre o campo da educação. Também à primeira vista, considerando as cenas genéricas (Maingueneau, 1997) que representam, podem ser considerados como artigos de opinião ou mesmo textos de divulgação científica. Contudo, ao analisar esses textos considerando o seu conteúdo em uma perspectiva discursiva, torna-se possível perceber que se tratam de peças publicitárias que pretendem vender uma ideia de novidade em educação. Por esse motivo, torna-se necessário apresentar uma pequena contextualização do pensamento neoliberal, dado o caráter mercadológico dos objetos pedagógicos vendidos como mercadoria; entre esses objetos, o que mais fortemente nos interessa neste estudo: a saúde socioemocional. Para isso, assumimos, como perspectiva teórica, os estudos de Foucault (2021) e

¹ Este texto foi publicado em 2021. Para leitura integral do documento, vide Anexo I.

² Disponível em: <https://m.estadao.com.br/tudo-sobre/blog-dos-colegios>. Acesso em 17 nov. 2023.

Dardot e Laval (2016), sobretudo esses últimos, que, entre outros recortes, se debruçaram sobre o modo como a racionalidade neoliberal atravessa o campo da educação, por meio do empresariamento da escola e do sujeito, em diálogo com os estudos de Foucault (2021).

Para o desenvolvimento deste trabalho, um dos pressupostos assumidos é o fato de o neoliberalismo ser, hoje, mais do que um modo de operação da economia. O sucesso do pensamento neoliberal decorre do fato de ele ter penetração em todas as esferas da atividade humana, porque se configura como “um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (Dardot; Laval, 2016, p. 7). Isso foi possível por meio da instituição da concorrência e da competitividade como elementos *sine qua non* das relações sociais, já que concorrer e competir passaram a ser ações concebidas como “forma geral da sociedade” (Dardot; Laval, 2016, p. 134). Seu caráter normativo fez

o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, ser em primeiro lugar e fundamentalmente uma *racionalidade* e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados. A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação (Dardot; Laval, 2016, p. 17, grifo dos autores).

Dado esse caráter totalizante da racionalidade neoliberal, neste trabalho, estaremos menos preocupados em fazer uma história do neoliberalismo, no sentido de apontar seus antecedentes, sua realidade atual e sua projeção para o futuro, e mais afeitos a tentar elucidar de que modo o pensamento neoliberal se entranha nas instituições sociais várias. Mais especificamente, procuraremos elucidar como esse modo de compreensão e racionalização da realidade pode ser percebido na estruturação dos pilares da escola que, aqui, chamaremos de neoliberal – tanto nas evidências de sua linearidade, como nas rupturas que instauram a contradição dessa existência. Essa contradição permite perceber formações discursivas (Maingueneau, 1997) distintas e em relação polêmica nesse campo discursivo. Na conjuntura sócio-histórica que permeia o universo da escola hoje, a qual passa por um processo de empresariamento e torna-se, também, o lugar em que é possível ensinar a forma-empresa como modelo de subjetivação, há o registro da relação polêmica estabelecida entre o que se

pretende tradição em educação e o que se percebe como novidade. Nesse contexto, há ainda o registro da “generalização da forma-empresa” (Dardot; Laval, 2016, p. 27), pois o indivíduo é atravessado pela lógica do sistema:

A exigência de “competitividade” tornou-se um princípio político geral que comanda as reformas em todos os domínios, mesmo os mais distantes dos enfrentamentos comerciais no mercado mundial. Ela é a expressão mais clara de que estamos lidando não com uma ‘mercantilização sorrateira’, mas com uma expansão da racionalidade de mercado a toda a existência por meio da generalização da forma-empresa (Dardot; Laval, 2016, p. 27).

Nesse contexto, um primeiro conceito que pretendemos abordar é a noção de governamentalidade (Foucault, 2021). Esse conceito, cunhado por Foucault em seu curso no *Collège de France* intitulado “O nascimento da biopolítica”, define a noção de governo não a partir de sua esfera político-institucional, mas tomando por base uma noção mais inerente do verbo “governar”, que é a de atividade, estabelecendo, na conjuntura do neoliberalismo, a percepção de que “A economia [...] já não é a análise de processos, é a análise de uma actividade. Já não é a análise da lógica histórica de processos, mas sim a análise da racionalidade interna, da programação estratégica da actividade dos indivíduos” (Foucault, 2021, p. 283). Desse modo, é possível, para Foucault, abordar inclusive o governo de si, para pensar, de modo amplo, a governamentalidade, uma vez que se percebe a lógica do sistema neoliberal marcada por

Uma economia composta de unidades-empresas, uma sociedade composta de unidades-empresas: este é, simultaneamente, o princípio de decifração ligado ao liberalismo e a sua programação para a racionalização de uma sociedade e de uma economia (Foucault, 2021, p. 286).

Nas aulas desse curso, Foucault faz uma historicização do neoliberalismo, no intuito de identificar que, nesse contexto, a ideia de todo é alcançada pela individualização, por meio da genealogia que apresenta do pensamento neoliberal. No decorrer de sua explanação, é possível observar que, com a afirmação do indivíduo e, ao mesmo tempo, da universalidade, historiciza, pela negação, pela falta de referência, a não atenção ao social. A percepção da biopolítica para o que vai ser definido como o sujeito-empresa fica definida pelo fato de que “No neoliberalismo, [...] O *homo economicus* é um

empresário, e um empresário de si mesmo, [...] sendo ele mesmo o seu próprio capital, sendo para si mesmo o seu próprio produtor, sendo para si mesmo a fonte dos seus rendimentos" (Foucault, 2021, p. 286, grifos do autor). Ampliando essa percepção do governo de si no que concerne à governamentalidade neoliberal, Foucault detalha que

É necessário que a vida do indivíduo se inscreva não como vida individual no seio de um quadro de grande empresa que seria a firma ou, no limite, o Estado, mas que possa inscrever-se no quadro de uma multiplicidade de diversas empresas articuladas que, para o indivíduo, estão de alguma maneira a seu alcance, suficientemente limitadas nas suas dimensões, para que a acção do indivíduo, as suas decisões e escolhas possam ter nelas efeitos significativos e perceptíveis, suficientemente numerosas também para que não seja dependente apenas de uma, e é necessário que a própria vida do indivíduo – com, por exemplo, a sua relação com sua família, com o seu lar, a relação com suas garantias, a relação com sua reforma – faça dele uma espécie de empresa permanente e empresa múltipla (Foucault, 2021, p. 305).

Essa lógica de individualização do sujeito, ao mesmo tempo da expansão da forma-empresa, perpassa todas as esferas da atividade humana, e por isso, a instituição educação não fica isenta da influência da estratégia da concorrência. Comumente, é apresentado como verdade o fato de o Estado, segundo as premissas neoliberais, no espírito do *laissez-faire*, dever ser pequeno, reduzido, até mesmo enunciado como "fraco", visto que, à primeira vista, é o mercado quem rege as demandas. Contudo, pensar o Estado como reduzido e passivo perante o mercado não é viável diante do fato de que o pensamento neoliberal não se restringe ao campo da economia. Para que o discurso neoliberal consiga atravessar as instituições sociais – e porque não admitir, subjetivas – é fundamental conceber que o Estado neoliberal é agente da construção das condições que permitem a plenitude da estratégia da concorrência.

Por isso, hoje, nos documentos que orientam as políticas educacionais globais, termos como "protagonismo", "empreendedorismo", "autonomia", "saúde socioemocional" e "resiliência" (as, de forma ampla, denominadas *soft skills*) vigoram como alicerces. Educar para a competitividade e para a concorrência pressupõe a construção de um ambiente propício para uma abordagem da individualização do sujeito, o qual assume plena

responsabilização por seu aprendizado. A constituição do sujeito empresariado demanda uma constante da perspectiva neoliberal, por isso

A educação e a imprensa serão requeridas para desempenhar um papel determinante na difusão desse novo modelo humano genérico [...]. É interessante constatar que a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento (OCDE) e a União Europeia, sem se referir explicitamente aos focos de elaboração desse discurso sobre o indivíduo-empresa universal, serão continuadoras poderosas deles, por exemplo, tornando a formação dentro do 'espírito de empreendimento' uma prioridade dos sistemas educacionais nos países ocidentais (Dardot; Laval, 2016, p. 155).

O sujeito empresariado, segundo o relatório da Unesco para a educação no século XXI (UNESCO, 2012), deve aprender ao longo de toda a vida. Essa ação exige uma forma-sujeito empresariada, protagonista, autônoma e autossuficiente, capaz de responder à "exigência de 'competitividade'" (Dardot; Laval, 2016, p. 27), a qual, em última instância, comanda o espírito de competição e o empresariamento do sujeito. Nesse contexto, quando as instituições reguladoras internacionais, como o FMI (Fundo Monetário Internacional) e a OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), definem o papel que a educação deve assumir no mundo, estão ofertando aos Estados um caminho de ação prévia que delimita demandas (I) que serão aplicadas e, mais importante, (II) que não terão espaço de manobra social coletiva.

Se o mercado é um processo de aprendizado, se o fato de aprender é um fator fundamental do processo subjetivo de mercado, o trabalho de educação realizado por economistas pode e deve contribuir para a aceleração dessa autoformação do sujeito. A cultura de empresa e o espírito de empreendimento podem ser aprendidos desde a escola, do mesmo modo que as vantagens do capitalismo sobre qualquer outra organização econômica. O combate ideológico é parte integrante do bom funcionamento da máquina (Dardot; Laval, 2016, p. 150-151).

Uma vez que o Estado neoliberal age no sentido de construir as condições do espírito de absoluta concorrência, em todos os níveis sociais, incluída a ordem do sujeito – afinal, esse não preexiste ao processo de individualização, o qual é decorrente da lógica do sistema –, a educação da escola neoliberal busca garantir a difusão desse pensamento e o condicionamento do indivíduo

a seu papel de forma-empresa. Aqui, entra a noção de capital humano³, consequente da “construção de uma nova subjetividade” (Dardot; Laval, 2016, p. 31), o que Dardot e Laval chamam de “subjetivação contábil e financeira” (Dardot; Laval, 2016, p. 31). Esse modo de subjetivação propõe um tratamento do sujeito em relação a ele mesmo que é da mesma ordem do tratamento que se concebe do capital em relação a ele mesmo. Ou seja, com a acumulação de capital e com o espírito de competitividade, o indivíduo é levado a atribuir a si, no contexto da governamentalidade neoliberal, por meio de um crescimento que deve ser ininterrupto, “um valor que deve valorizar-se cada vez mais” (Dardot; Laval, 2016, p. 31). E nesse contexto de competitividade constante, a saúde socioemocional torna-se fundamental para a formação de um sujeito que, enquanto empresa, deve ser resiliente para aprender ao longo de toda a vida, dada a instabilidade constante imposta pelo sistema de competição.

Nas seções seguintes, consideradas essas contextualizações (do *Blog dos Colégios* e da lógica neoliberal), pretende-se iluminar as marcas linguísticas que materializam, no discurso, a hipótese de que a saúde socioemocional é uma mercadoria. Para tanto, como recursos metodológicos:

(I) tomamos como base um dos textos publicados no *Blog dos Colégios*;

(II) apontamos os eventos de linguagem que, enquanto tradições retóricas (Guilhamou; Maldidier, 2016), materializam a mercantilização da saúde socioemocional, e propomos, para eles, uma leitura parafrástica;

(III) na sequência, a partir desse primeiro gesto de leitura, propomos uma leitura interpretativo-analítica desses eventos, em uma perspectiva discursiva.

Na próxima seção (seção 1, Levantamento dos dados de pesquisa), apresentamos o quadro de estudo desses eventos de linguagem, como forma de cumprir o recurso metodológico (II). Na seção 2 (Proposta de leitura interpretativo-analítica dos eventos de linguagem), propomos uma leitura interpretativo-analítica desses eventos, de modo a cumprir o recurso metodológico (III). Nas Considerações Finais, apresentamos uma breve

³ “Que significa formar capital humano, formar essa espécie de competência – máquina que vai produzir rendimento, ou que vai ser remunerada pelo rendimento? Significa, evidentemente, fazer aquilo a que se chama investimentos educativos” (Foucault, 2021, p. 289). Nessa passagem, Foucault marca o papel da educação instrumentalizada na direção de formar pessoas para atender às demandas da racionalidade neoliberal.

retomada do percurso analítico deste estudo. Por fim, listamos nossas Referências Bibliográficas.

1 Levantamento dos dados de pesquisa

O texto analisado neste estudo tem a seguinte apresentação em sua página no *Blog dos Colégios*⁴:

Figura 1. Exemplo da disposição dos textos no *Blog dos Colégios*



Fonte: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/>. Acesso em 10 out. 2023.

Esse texto explicitamente vende a escola por meio das habilidades socioemocionais e digitais, que são tomadas aqui como mercadorias fundamentais para uma ideia de novidade em educação, conforme os documentos oficiais que orientam a educação para o século XXI. Isso fica destacado nos eventos de linguagem detalhados no quadro abaixo:

⁴ Optamos por deixar oculto o nome da instituição de ensino que assina o texto, pois julgamos a informação irrelevante para o estudo realizado. Isso decorre do fato de que os discursos presentes no *Blog dos Colégios* representam uma formação discursiva, a saber, a da escola nova, sendo, portanto, de nosso interesse, o conjunto dos eventos de linguagem, não a autoria de um texto específico.

Quadro 1. Tradições retóricas e eventos de linguagem

Como as habilidades do futuro podem melhorar o desenvolvimento dos estudantes?		
TRADIÇÃO RETÓRICA	INCIDÊNCIAS	LEITURA PARAFRÁSTICA
1. Predicação	Título: "habilidades <i>do futuro</i>" Lead: "inteligência <i>emocional</i>"; "competências <i>essenciais</i>" Linhas 1, 2 e 3: "Os efeitos da <i>pandemia</i> no mercado de <i>trabalho</i> foram <i>severos</i>"; "com o cenário ainda <i>incerto</i>"; "os profissionais que <i>buscam</i> emprego [...] precisam ser <i>resilientes</i>" Linha 4: "entre as competências <i>consideradas essenciais</i>" Linha 6: "habilidades <i>socioemocionais</i>" Linhas 7, 8 e 9: "metade de todos os trabalhadores <i>do mundo</i>"; "entre as habilidades mais <i>requisitadas</i> pelo mercado de <i>trabalho do futuro</i>" Linhas 10 e 11: "competências <i>técnicas</i>, como programação e experiência de <i>usuário</i>"; "habilidades <i>socioemocionais</i>, como criatividade, liderança, pensamento <i>analítico</i> e inteligência <i>emocional</i>" Linhas 13 e 14: "desenvolver habilidades <i>humanas</i> e <i>digitais</i>, cada vez mais <i>exigidas</i> no mundo <i>atual</i>"; "pensamento <i>criativo</i>, gamificação e inteligência <i>emocional</i>" Linhas 16, 17 e 18: "habilidades que não podem ser <i>automatizadas</i>"; "desenvolver o pensamento <i>crítico</i>, [...] o trabalho em <i>equipe</i>, a inteligência <i>emocional</i> e a tomada de <i>decisão</i>." Linha 19: "habilidades <i>digitais</i>"	Instanciamento da novidade em educação, por meio dos termos <i>futuro</i>, <i>emocional</i> e <i>essenciais</i>. Contextualização histórica que pode ser justificativa para a novidade em educação, já marcando o <i>resiliente</i> como eixo do socioemocional. Retomada da ideia <i>essenciais</i> como mote para o que é tido como novidade. Retomada da resiliência, instanciada como competência socioemocional. Nova justificativa sócio-histórica para uma noção de novidade no campo da educação. Referência explícita ao que está sendo vendido. Marcação da novidade em educação, em relação ao que é considerado tradição – a novidade como tecnologia e inteligência emocional. Especificação das competências socioemocionais oferecidas como mercadoria pela instituição. A voz da tecnologia.

	Linhas 22, 23 e 24: "habilidades <i>do século XXI</i>"; "resolução de problemas <i>complexos</i>, trabalho <i>colaborativo</i>, [...] relacionamento <i>interpessoal</i>, [...] tomada de <i>decisão</i>" Linhas 27 a 32: "focadas em áreas de interesse <i>específicas</i> e competências <i>que vão além da grade curricular tradicional</i>"; "currículo mais <i>flexível e adaptado</i> [...] no aprofundamento de seu projeto de <i>vida</i>, pois são <i>instigados</i> a desenvolver [...] trabalho <i>em equipe</i>, tomada de <i>decisão</i>, pensamento <i>crítico</i> e inteligência <i>emocional</i>"	Marcação das habilidades requeridas ao sujeito-empresa. Entre as linhas 27 e 32, há a contraposição novidade X tradição, vinculada a uma pessoalização aparente do ensino, atravessada pela ideia do projeto de vida. É nessa suposta pessoalização que a peça de propaganda está focando sua mercadoria, fato fortalecido pela constante repetição das competências ensinadas ao longo do texto.
2. Repetição e Paráfrase	Título; linha 9: "habilidades <u>do futuro</u>"; "mercado de trabalho <u>do futuro</u>" Lead; linha 11; linha 18; linha 23; linha 31: "<u>criatividade</u>" Lead; linha 14: "<u>gamificação</u>" Lead; linha 11; linha 14; linha 18; linhas 31 e 32: "inteligência <u>emocional</u>" Lead; linha 4: "competências [...] <u>essenciais</u>" Linha 6; linhas 10 e 11: "habilidades <u>socioemocionais</u>" Linha 11; linha 18; linha 31: "<u>liderança</u>" Linha 17; linha 31: "pensamento <u>crítico</u>" Linha 18; linha 31: "trabalho <u>em equipe</u>" Linha 18; linha 24; linha 31: "tomada <u>de decisão</u>" Linha 24 (2 vezes): "<u>negociação</u>"	Instanciação do tempo a que se deve atender com a novidade em educação. Lugar do protagonismo, reforçado pela repetição da palavra "criatividade". A tecnologia como marca de novidade. Retorno ao emocional como mercadoria. Lista de características do que é entendido como inteligência socioemocional em uma ideia de novidade em educação.

3. Aspeamento, itálico e negrito como marca de heterogeneidade enunciativa (MAINGUENEAU, 1997)	Lead: <i>"Criatividade, gamificação e inteligência emocional são algumas das competências essenciais para os próximos anos"</i> Linhas 5, 12, 13, 16 e 22: <i>"é o caso das soft skills"; "o projeto implementado no Ensino Médio é chamado de Future Skills"; "O projeto conta com Human Skills e Digital Skills."; "Os Hubs, disciplinas eletivas e obrigatórias"</i> Linhas 29 a 33: <i>"Com aulas eletivas, currículo mais flexível e adaptado aos interesses do aluno desde o início, os estudantes ganham no aprofundamento de seu projeto de vida, pois são instigados a desenvolver a criatividade, liderança, trabalho em equipe, tomada de decisão, pensamento crítico e inteligência emocional", explica o coordenador do Ensino Médio [...]"</i>	As habilidades do futuro oferecidas como mercadorias. O internacional como marca de autoridade. A voz de autoridade da própria instituição na figura do coordenador do Ensino Médio.
4. Marcadores de finalidade	Lead: <i>"competências essenciais para os próximos anos"</i> Linhas 19 a 21: <i>"apontam para as habilidades digitais"; "instrumentalizá-los para o uso das redes sociais como também para a criação de jogos e identificação de novas oportunidades na área."</i>	Retomada da instanciamento do tempo como marca de novidade em educação. Voz da tecnologia como marca de novidade.
5. Relações formais entre sequências feitas com "e", com "ou" e com "mas" (destaque para sequências que marcam relação entre tradição e inovação)	Lead: <i>"Criatividade, gamificação e inteligência emocional"</i> Linhas 2 e 3: <i>"profissionais que buscam emprego ou uma recolocação precisam ser resilientes e buscarem se qualificar."</i> Linhas 9 a 11: <i>"entre as 15 habilidades mais requisitadas pelo mercado de trabalho do futuro, estão competências técnicas, como programação e experiência de usuário, mas também habilidades socioemocionais, como criatividade, liderança, pensamento analítico e inteligência emocional."</i>	Todas as relações formais ao lado marcam uma ideia de novidade em educação, ao mesmo tempo que, indiretamente, rechaçam uma ideia de tradição, a partir do momento em que repetem, sequencialmente, as habilidades consideradas essenciais para a educação do século XXI pela instituição autora, bem como para o público-alvo, o interlocutor presumido, que essa instituição, ao construir para si um ethos de modernidade e competência, pretende atingir.

	Linha 13: "habilidades humanas e digitais" Linhas 14 e 15: "estudantes cursam disciplinas como pensamento criativo, gamificação, inteligência emocional e programação, por exemplo." Linha 16: "O projeto conta com <i>Human Skills</i> e <i>Digital Skills</i>" Linhas 17 e 18: "Os alunos são instigados a desenvolver o pensamento crítico, a criatividade, a liderança, o trabalho em equipe, a inteligência emocional e a tomada de decisão." Linhas 19 a 21: "instrumentalizá-los para o uso das redes sociais como também para a criação de jogos e identificação de novas oportunidades na área." Linhas 23 e 24: "resolução de problemas complexos, trabalho colaborativo, criatividade, relacionamento interpessoal, negociação, julgamento e tomada de decisão, negociação, entre outras" Linha 29: "currículo mais flexível e adaptado aos interesses dos alunos" Linhas 31 e 32: "criatividade, liderança, trabalho em equipe, tomada de decisão, pensamento crítico e inteligência emocional"	
--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Esses eventos de linguagem tomam por base um modelo de construção de arquivo em Análise do Discurso que remonta ao arquivo do ponto de vista de Guilhamou e Maldidier (2016), passível de acesso por meio da elaboração de um cotexto que permite o levantamento das marcas linguísticas que materializam, pela língua, o social e o histórico do discurso. Para tanto, tomamos também de empréstimo o conceito de tradições retóricas (Guilhamou; Maldidier, 2016) com a intenção de agrupar essas marcas

linguísticas em categorias. Importante salientar que, embora tomemos esses conceitos de empréstimo, não o fizemos considerando categorias já dadas de enunciação, mas elencamos, a partir do estudo do material, as categorias que melhor representavam os discursos estudados.

Assim, a partir da leitura do material, conforme já apresentado no quadro 1, destacamos 5 tradições retóricas: (I) predicação; (II) repetição e paráfrase; (III) aspeamento, itálico e negrito como marcas de heterogeneidade enunciativa (Maingueneau, 1997); (IV) marcadores de finalidade; (V) relações formais entre sequências feitas com “e”, com “ou” e com “mas”. Com base nessas tradições, para cada texto estudado, foi construído um quadro semelhante ao quadro 1, no intuito de levantar as marcas linguísticas e, na sequência, propor uma leitura parafrástica de cada uma delas, com a intenção de fazer um primeiro gesto de leitura que permitisse acesso ao discurso e propiciasse a proposição de uma leitura interpretativo-analítica desses eventos.

2 Proposta de leitura interpretativo-analítica dos eventos de linguagem

Após a apresentação, na íntegra, das marcas linguísticas destacadas em cada uma das tradições retóricas elencadas, para este estudo, deteremos nossa atenção nas tradições: (II) paráfrase e repetição; (III) aspeamento, itálico e negrito como marcas de heterogeneidade enunciativa (Maingueneau, 1997); e (IV) marcadores de finalidade. Nossa escolha por essas tradições remonta ao fato de que, nessas passagens, é possível notar o cruzamento das demais tradições, uma vez que um mesmo trecho pode ser também um modo de predicação, ou mesmo um evento destacado de construções coordenadas. Para a leitura que proporemos, tomamos de empréstimo dois importantes conceitos: a sobreasseveração (Maingueneau, 2014) e a heterogeneidade enunciativa (Maingueneau, 1997). Consideramos esses conceitos essenciais, pois a sobreasseveração, entendida como ato de “antecipar um destacamento” (Maingueneau, 2014, p. 16), devido à sua destacabilidade (Maingueneau, 2014), permite fazer ver a construção do *ethos*⁵ (Maingueneau, 1997) da

⁵ Importa-nos salientar que não confundimos o *ethos* enunciativo com a instituição escolar tomada como representação de uma pessoa jurídica, pois entendemos o *ethos* como constituinte da formação

instituição enunciadora, uma vez que as passagens sobreasseveradas tiveram destaque dado pela própria instituição enunciadora como forma de demarcar um lugar de enunciação.

No que concerne à heterogeneidade enunciativa, nos trechos sobreasseverados, é possível elucidar as vozes que se cruzam no dizer, definindo, por meio desse cruzamento (a) o lugar de enunciação; (b) o destinatário preferido dessa enunciação, devido às marcas de endereçamento; e (c) o outro que, em relação polêmica, está à margem daquilo que o discurso pretende sustentar. No caso deste estudo, é possível fazer ver a relação polêmica entre uma ideia de novidade e uma ideia de tradição em educação, fato sócio-histórico materializado na língua.

Para exemplificar esse raciocínio, apresentamos uma primeira sequência de eventos de linguagem destacados do quadro 1, pertencentes à tradição retórica (II), repetição e paráfrase:

- (1) Lead; linha 11; linha 14; linha 18; linhas 31 e 32: "inteligência emocional"
- (2) Lead; linha 4: "competências (...) essenciais"
- (3) Linha 6; linhas 10 e 11: "habilidades socioemocionais"
- (4) Linha 11; linha 18; linha 31: "liderança"
- (5) Linha 17; linha 31: "pensamento crítico"
- (6) Linha 18; linha 31: "trabalho em equipe"
- (7) Linha 18; linha 24; linha 31: "tomada de decisão"

A repetição constante de uma visão de inteligência emocional, que ocorre entre os exemplos (1) a (7), atrelada a termos como "liderança", "pensamento crítico", "trabalho em equipe" e "tomada de decisão", evoca a voz do empresariamento do sujeito por meio da introdução das habilidades que permitem a gestão de uma instabilidade constante do mundo atual, bem como da capacidade de aprender ao longo de toda a vida e de ocupar o lugar da unidade-empresa. Essa voz, vinculada a uma ideia de resiliência, reforça a saúde socioemocional como a mercadoria que está sendo vendida e instancia o que se entende por novidade em educação nessa cena enunciativa (Maingueneau, 1997). Ao mesmo tempo que a ideia de novidade fica esclarecida, também fica elucidado o que está sendo recusado, uma imagem

discursiva. "Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade" (Maingueneau, 1997, p. 45-46).

de tradição em educação, cuja voz parece ser aquela de uma educação tradicional, conteudista e presa ao ensino das disciplinas e dos conhecimentos habitualmente presentes nos currículos escolares. Essas repetições enfatizam as habilidades requeridas pela educação para o futuro; são justamente essas habilidades que são a mercadoria oferecida pela instituição que assinou o texto, em diálogo com documentos oficiais, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) ou o relatório do Fórum Econômico Mundial, instanciados na argumentação como vozes de autoridade que ratificam o valor da mercadoria oferecida.

Outra sequência de exemplos que destacaremos está vinculada à tradição retórica (III), aspeamento, negrito e itálico:

(8) Lead: *"Criatividade, gamificação e inteligência emocional são algumas das competências essenciais para os próximos anos"*

(9) Linha 5: *"é o caso das soft skills"*

(10) Linhas 12 e 13: *"o projeto implementado no Ensino Médio é chamado de Future Skills"*

(11) Linha 16: *"O projeto conta com Human Skills e Digital Skills."*

(12) Linha 22: *"Os Hubs, disciplinas eletivas e obrigatórias"*

(13) Linhas 29 a 33: *"Com aulas eletivas, currículo mais flexível e adaptado aos interesses do aluno desde o início, os estudantes ganham no aprofundamento de seu projeto de vida, pois são instigados a desenvolver a criatividade, liderança, trabalho em equipe, tomada de decisão, pensamento crítico e inteligência emocional", explica o coordenador do Ensino Médio (...)"*

Essa nova sequência, composta pelos exemplos (8) a (13), por meio da sobreasseveração, permite perceber a heterogeneidade enunciativa das vozes que se somam para compor o significado do discurso. O lead, exemplo (8), em itálico no original, destaca, por sobreasseveração, as habilidades do futuro oferecidas como mercadoria. Já os nomes em inglês, presentes nos exemplos (9) a (12), bem como o nome dado pela instituição para as disciplinas especiais, "Hubs", estão em itálico, aparentemente, por serem termos em inglês. Contudo, para além dessa necessidade inicial de marcar com aspas termos que sejam estrangeirismos, é possível perceber que esses nomes são marcas de heterogeneidade que instanciam as vozes de autoridade internacionais, como a OCDE e o FMI, que sustentam a argumentação da peça publicitária da instituição, como voz que ratifica o valor dessa visão de novidade em educação, atestando, portanto, o ethos de eficiência da instituição enunciativa. Outra passagem sobreasseverada que fortalece o ethos de competência da instituição é a entrada entre aspas da voz do coordenador do Ensino Médio,

cuja autoridade do dizer fica estabelecida pelo cargo ocupado e sustenta, ainda mais, o valor da peça publicitária construída e da qualidade da mercadoria saúde socioemocional oferecida por essa instituição.

Uma última sequência de exemplos que vamos destacar pertence à tradição retórica (4):

(14) Lead: *"competências essenciais para os próximos anos"*

(15) Linha 19: *"apontam para as habilidades digitais"*

(16) Linhas 19 a 21: *"instrumentalizá-los para o uso das redes sociais como também para a criação de jogos e identificação de novas oportunidades na área."*

Nessa sequência, entre os exemplos (14) a (16), é possível perceber que os marcadores de finalidade instanciam os objetivos diretos das novas habilidades ensinadas pela instituição de ensino, reforçando a necessidade desse aprendizado para um sujeito que queira "caber" no novo mundo que se desenha, para o qual a escola deve ser capaz de formar sujeitos e cidadãos globais. Queremos dizer, formar sujeitos que sejam representativos do capital humano necessário para uma forma-empresa que seja atuante no contexto atual, de modo a atender às demandas geradas pelo Estado e para as quais a educação é uma forma de concretização.

Por isso, pode-se assumir que a tradição retórica das construções que marcam finalidade é a que melhor representa o fato de ser uma peça publicitária o discurso enunciado pela instituição, sendo, também, por meio dessas finalidades, que fica mais uma vez instanciada a voz do mercado neoliberal, que atravessa a instituição escola e também as subjetividades dos educandos, aqui tomados como capital humano, ou seja, unidades-empresa, que devem ser capazes de lidar com o mundo do futuro – esse que faz emergir uma ideia de novidade em educação, instanciada na polêmica com um entendimento do que seja marcado como tradição no campo da formação do sujeito empresarial.

Considerações finais

Portanto, é nesse contexto, ou seja, da escola neoliberal, que a saúde socioemocional é apresentada como uma mercadoria, já que, no mundo regido pela concorrência e pela competitividade constantes, faz-se

preponderante ter equilíbrio para gerir as pressões vinculadas ao aprendizado ao longo de toda a vida e à responsabilização única de um sujeito pelo seu sucesso e respectivo fracasso.

Após o levantamento dos dados, foi possível concluir que: (I) a saúde socioemocional está mercantilizada, a partir do fato de que constitui uma das principais habilidades para a educação do século XXI, como apontado, por exemplo, na BNCC; e (II) que, ao materializar, na linguagem, os valores (sociais, éticos, socioemocionais, acadêmicos) que permeiam o texto, os abstratos ficam corporificados e podem, portanto, ser vendidos como mercadoria. Queremos dizer, uma vez que a linguagem materializa, por meio das tradições retóricas elencadas, as habilidades requeridas em uma ideia de novidade em educação, essas habilidades – entre elas, a inteligência socioemocional – passam a possuir um valor e podem, portanto, ser oferecidas e vendidas como mercadorias.

Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

UNESCO. DELORS, Jacques; et al. (Orgs.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Trad. José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Trad. Pedro Elói Duarte. Portugal, Lisboa: Edições 70, 2021.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise; ROBIN, Régine. **Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso**. Trad. Carolina P. Fedatto; Paula Chiaretti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Trad. Sírio Possenti [et alli]. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes / Editora da Unicamp, 3ª. edição, 1997.

Anexos

Anexo I – Texto na íntegra

Como as habilidades do futuro podem melhorar o desenvolvimento dos estudantes?

25 de março de 2021 | 12h52

Criatividade, gamificação e inteligência emocional são algumas das competências essenciais para os próximos anos

Os efeitos da pandemia no mercado de trabalho foram severos. Com o cenário ainda incerto, os profissionais que buscam emprego ou uma recolocação precisam ser resilientes e buscarem se qualificar.

Entre as competências consideradas essenciais, algumas vêm ganhando importância nos últimos anos, como é o caso das *soft skills*. O termo é bastante difundido entre recrutadores, pois boa parte das empresas já perceberam a importância de ter profissionais com habilidades socioemocionais.

Segundo o relatório *Future of Jobs 2020*, produzido pelo Fórum Econômico Mundial, metade de todos os trabalhadores do mundo irão precisar de requalificação até 2025. Ainda, de acordo com o relatório, entre as 15 habilidades mais requisitadas pelo mercado de trabalho do futuro, estão competências técnicas, como programação e experiência de usuário, mas também habilidades socioemocionais, como criatividade, liderança, pensamento analítico e inteligência emocional.

No Colégio X, o projeto implementado no Ensino Médio é chamado de *Future Skills*, e visa desenvolver habilidades humanas e digitais, cada vez mais exigidas no mundo atual. Os estudantes cursam disciplinas como pensamento criativo, gamificação, inteligência emocional e programação, por exemplo.

O projeto conta com *Human Skills* e *Digital Skills*. As primeiras são focadas nas habilidades que não podem ser automatizadas. Os alunos são instigados a desenvolver o pensamento crítico, a criatividade, a liderança, o trabalho em equipe, a inteligência emocional e a tomada de decisão. Já as *Digital Skills*, apontam para as habilidades digitais. Aqui, há uma preocupação em instrumentalizá-los para o uso das redes sociais como também para criação de jogos e identificação de novas oportunidades na área.

Os *Hubs*, disciplinas eletivas e obrigatórias, objetivam desenvolver as habilidades do século XXI, tais como resolução de problemas complexos, trabalho colaborativo, criatividade, relacionamento interpessoal, negociação, julgamento e

tomada de decisão, negociação, entre outras, por meio de projetos envolvendo os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela ONU.

Tudo está alinhado às propostas do Ministério da Educação, em sua Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e, principalmente, focadas em áreas de interesse específicas e competências que vão além da grade curricular tradicional.

“Com aulas eletivas, currículo mais flexível e adaptado aos interesses dos alunos desde o início, os estudantes ganham no aprofundamento de seu projeto de vida, pois são instigados a desenvolver a criatividade, liderança, trabalho em equipe, tomada de decisão, pensamento crítico e inteligência emocional”, explica o coordenador do Ensino Médio do Colégio X.

(Disponível em <https://www.estadao.com.br/educacao/colégio-marista/como-as-habilidades-do-futuro-podem-melhorar-o-desenvolvimento-dos-estudantes/>. Acesso em 10/06/2023)

O signo ideológico “refugiado” nas esferas literária e jornalística

Viviane Mendes Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

O século XXI é marcado por diversas crises humanitárias. Dentre elas, destacamos os deslocamentos forçados que, no final de 2023, somaram 117 milhões de pessoas, segundo relatório semestral do Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR, 2023). Esse dado por si só aponta para a relevância desse tema na sociedade e, dessa forma, objetivamos investigar as valorações e tensões em torno do signo ideológico "refugiado" em duas esferas distintas: literária e jornalística. Na esfera literária, elegemos a narrativa juvenil contemporânea, essa escolha deve-se à importância do tema para jovens leitores, uma vez que a história em torno dos "refugiados" é um dos caminhos para apresentar a crianças e adolescentes esse outro que habita a fronteira. Quanto à esfera jornalística, recuperamos a primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* devido à circulação e popularidade no Brasil.

Nossa proposta é um olhar em duas direções, assim como o Jano bifronte, para buscar as concordâncias e dissonâncias que colocam dois discursos de esferas ideológicas distintas em diálogo. Para essa empreitada, elegemos a obra *Dois meninos de Kakuma* (Bordas, 2018) e a primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* (2017). A escolha por duas esferas distintas fez-se necessária à medida em que o objeto literário remete ao acontecimento social, por tratar de um tema cuja base é a dura realidade de milhares de pessoas e, especialmente, crianças que buscam sobrevivência no campo de refugiados de Kakuma. Outro fator que impulsionou a escolha por duas esferas diferentes foi a própria trama narrativa que "evocou" o acontecimento social e a experiência

in loco da autora que, a partir de sua vivência no campo de refugiados, sensibiliza-se com o drama dos deslocados e num ato ético, estético e responsável, assume uma posição, respondendo responsavelmente à crise humanitária que atravessou os séculos e mantém-se ativa e em nosso tempo.

Como base teórico-metodológica, analisamos os enunciados à luz da Análise Dialógica do Discurso, proposta pela professora e pesquisadora Beth Brait (2008) a partir de seu amplo estudo sobre a teoria e metodologia postuladas por Bakhtin e o Círculo (1895-1975). O exercício de análise apresentado está assentado no conceito de signo ideológico (Volóchinov, 2017 [1929]), considerando a composição verbo-visual da narrativa segundo Brait pressupõe: "[...] consideração dos elementos verbais e visuais produtores de sentido como um "todo indissociável" (Brait, 2015, p.194)."

O artigo está organizado em três partes, a saber: i) a concepção teórica de signo ideológico; ii) o contexto da obra *Dois meninos de Kakuma*; iii) exercício de análise; as considerações finais arrematam o texto.

1 Tensões e marcas valorativas: o signo ideológico

A obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (doravante, MFL), de Valentin Volóchinov (2017 [1929]), é amplamente abordada nas discussões bakhtinianas. A edição brasileira conta com um longo e esclarecedor ensaio introdutório de Grillo (2017) que nos presenteia com arquivos originais que atestam a autoria de Volóchinov. No título da obra, as expressões "filosofia da linguagem" e "método sociológico" nos apresentam a uma nova abordagem linguística desenvolvida por um método: o sociológico.

Grillo (2017) destaca o termo caro não só em MFL, como em toda obra do Círculo, o diálogo que, na teoria bakhtiniana, é amplificado, não se trata apenas do diálogo face a face, bem como seus correlatos: dialogismo e relações dialógicas. Em MFL, o diálogo é construído a partir de Jakubínski e Vinagrádov. O diálogo tratado no âmbito do Círculo pressupõe, no mínimo, duas consciências, constituídas por eu e o outro. Não há a ilusão do Adão mítico, o discurso se constitui a partir e em resposta a outros.

Por meio desses interlocutores, Volóchinov destaca que qualquer produto ideológico vai além da realidade natural e social, ele reflete e refrata outra realidade fora de seu limite. "Tudo que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado foradele, ou seja, ele é um *signo*" (Volóchinov, 2017 [1929], p. 91). Se há signo, há ideologia, nesse ponto, distancia-se do signo abstrato da longa tradição linguística postulada por Saussure.

Volóchinov (2017 [1929]) elucida ainda que o objeto físico também é ideológico, uma vez que também reflete e refrata uma realidade. Um instrumento de produção, por si só, não é ideológico, mas pode ser transformado em signo ideológico, por exemplo, a foice e o martelo do brasão. De maneira similar, existe o mundo dos signos. Cada campo em que se insere o signo, possui seu modo próprio de se orientar na realidade, refratando-a a seu modo.

Nessa abordagem, qualquer signo é ideológico, além de ser um reflexo, também é parte material dele e qualquer fenômeno ideológico sóico se materializa: som, massa, corpo em movimento, ou seja, mais uma particularidade da palavra: material sóico da vida interior - a consciência - (discurso interior). Para Volóchinov, a consciência pôde se desenvolver graças a um material flexível expresso pelo corpo: a palavra. "A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico [...] Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os outros signos não verbais são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser isolados, nem separados dele por completo" (Volóchinov, 2017 [1929], p. 100-101).

A palavra não substitui outros signos ideológicos, ela serve como apoio a eles e está presente em todo ato de compreensão e interpretação, ou seja, para esse autor, a palavra extrapola seu estado de dicionário, revestindo-se de nuances sociais, ela é a materialização da dialética social. Volóchinov destaca a importância da "*multiacentuação* do signo ideológico" (Volóchinov, 2017 [1929], p. 113), ou seja, as várias valorações que atravessam o signo, constituindo um palco dialético e discursivo.

Volóchinov apresenta sua reflexão por meio da dialética: de um lado a ideologia universal, mais estável, do exterior e de outro a do cotidiano, mais

instável e que contempla também o interior. Dentro dessa perspectiva dialética, o autor acrescenta a materialidade da ideologia: o enunciado. Destaca que o centro organizador de qualquer enunciado não está no interior, mas no exterior, no social onde circunda o indivíduo. "O enunciado como tal é em sua completude um produto da *interação social*, tanto a mais próxima, determinada pela situação da fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante" (Volóchinov, 2017 [1929], p. 216, grifo nosso).

A estrutura do enunciado e a própria vivência expressa é a estrutura social. Volóchinov retoma preceitos concordantes e discordantes do subjetivismo individualista, devido a esta perspectiva ignorar e não compreender a natureza social do enunciado e partir do enunciado monológico e deduzir o conteúdo ideológico das condições do psiquismo, com essas premissas, afasta-se do pensamento do filósofo russo. São concordantes em defender enunciados como singulares na realidade concreta criativa, por não separar a forma linguística de seu conteúdo ideológico.

É a partir da problematização do método sociológico que Volóchinov critica alguns marxistas que consideram os aspectos da ideologia apenas ao conteúdo, sendo, segundo o autor, uma visão equivocada. A crítica à separação entre forma e conteúdo repercute em sua concepção de arte como " imanentemente social" (Volóchinov, 2019 [1926], p. 113). Reitera o erro de se isolar aspectos da arte e recupera dois pontos de vista: a) *fetichização da obra de arte como coisa*; b) a limitação do estudo ao psiquismo. Ambos os pontos desconsideram o entorno social, levando à abstração. Nessa direção, Volóchinov refuta as duas concepções:

[...] ambos os pontos de vista pecam pelo mesmo defeito: *eles tentam encontrar o todo na parte*, isto é, a estrutura da parte isolada de modo abstrato é apresentada como estrutura do todo. Entretanto, o "artístico" em sua totalidade não se encontra no objeto nem no psiquismo do criador ou do contemplador abordados de modo isolado: o "artístico" abarca todos os três aspectos. *Ele é uma forma específica da inter-relação entre o criador e os contempladores fixada na obra artística* (Volóchinov, 2019 [1926], p. 115).

Partindo do confronto entre essas correntes teóricas, Volóchinov destaca que a tarefa da poética sociológica é compreender a forma específica da comunicação social. Fora dessa perspectiva social, a obra artística é um objeto

físico, simplesmente. Ressalta que o objetivo do seu trabalho é a forma do enunciado poético, enquanto forma de comunicação específica e, para isso, irá analisar o enunciado verbal fora da arte, ou seja, o cotidiano comum. Inicia com a asserção de que a palavra em si não é autossuficiente. Ela surge da situação cotidiana extraverbal, exemplificando com uma situação cotidiana a partir da palavra "puxa" e mostra que ela, por si só, não possui um sentido completo e à medida que relata a situação, o contexto em que a palavra fora proferida, entende-se o todo comunicativo. Com isso, o autor evidencia que a palavra surge e possui sentido num determinado contexto social. Fora dele, é abstrata. Nesse contexto, a comunicação entre os interlocutores apresenta palavra com tom avaliativo, ou seja, dependendo da entonação, pode-se ter diferentes sentidos.

Volóchinov aprofunda a questão da ideologia, no confronto com correntes teóricas, problematizando o ato humano e a representação dos signos. Diferentemente dos subjetivistas ou da noção abstrata de língua dos estruturalistas, Volóchinov, assim como Bakhtin, acrescenta a concretude da ideologia e o tom valorativo do sujeito. Partindo dessa constatação teórica de que a língua tomada fora de suas reais condições de comunicação é abstrata, percorremos um caminho metodológico que convoca diferentes áreas para compreender as discursividades produzidas sobre os deslocamentos forçados no século XXI.

Diante desses pressupostos teóricos que consideram o outro na interação discursiva, há o destaque para a presença de um auditório social estável no mundo interior e no pensamento. Nesse sentido, a palavra é um *ato bilateral* (Volóchinov, 2017 [1929], p. 205, grifo nosso), ou seja, ela é determinada tanto por quem a profere quanto por quem a recebe. Ela é produto das inter-relações do falante com o ouvinte. É ponte que liga o "eu" e o outro, é o território comum entre eles. A situação e o ambiente social determinam completamente o enunciado. Morson; Emerson (2008) entendem a concepção do linguista russo comparando-a como uma ponte: "[...] Volóchinov compara os enunciados ("a palavra") a uma "ponte", que depende de ambos os lados. Como palavra, ela é exatamente o *produto da relação recíproca entre o falante e o ouvinte, o remetente e o destinatário*" (Morson; Emerson, 2008, p.145).

A situação mais próxima e os participantes sociais determinam a forma e o estilo do enunciado que pressupõe ao menos dois – uma pessoa e seu grupo social. O grau de consciência e constituição da vivência ligam-se proporcionalmente à orientação social. “Quanto mais unida, organizada e diferenciada for a coletividade na qual se orienta um indivíduo, tanto mais diversificado em complexo será seu mundo interior” (Volóchinov, 2017 [1929], p.208-209). A personalidade do falante é produto das inter-relações sociais. A consciência é uma parte da existência, ela é orientada para uma expressão exterior atualizada. Nosso mundo interior se adapta às possibilidades de expressão e seus possíveis caminhos. O conjunto de vivências da vida e expressões externas constituem a *ideologia do cotidiano*.

A todo o conjunto de vivências da vida e expressões externas ligadas diretamente a elas chamaremos, diferentemente dos sistemas ideológicos formados – a arte, a moral, o direito –, de ideologia do cotidiano. A ideologia do cotidiano é o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado “consciente” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 213).

Essa reflexão de Volóchinov, acerca da ideologia, traz para o centro do debate uma noção de ideologia mais humanizada, concreta, singular, permeada pelos discursos internos e externos que compõem o ato consciente. Com interlocução dos marxistas, o autor afirma que a ideologia do cotidiano corresponde à “psicologia social” no marxismo. São os sistemas ideológicos formados (ciência, arte, religião) que costumam dar o tom à ideologia do cotidiano. “[...] a ideologia do cotidiano insere a obra em dada situação social” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 213).

Em consonância com essa perspectiva teórica, analisamos e discutimos o modo com os discursos em duas esferas distintas revelam as ideologias que perpassam o signo “refugiado” e a forma como as tensões e valorações estão linguisticamente e visualmente marcadas na narrativa juvenil e no acontecimento social. Nesse sentido, a proposta é afastar-se do termo “refugiado” na imanência da língua para considerá-lo como signo ideológico para além da palavra simplesmente em seu estado de dicionário. As acepções do signo “refugiado” são consideradas dentro de um campo semântico em que, mesmo sem a marca da palavra em si, as refrações são contempladas em sua dimensão extraverbal.

2 O "outro-refugiado" em *Dois meninos de Kakuma*

Em *Dois meninos de Kakuma*, a autora Marie Ange Bordas (Porto Alegre, 1970) parte de sua vivência em 2003, quando teve a experiência de ficar por dois anos no campo de refugiados em Kakuma, localizado no noroeste do Quênia. A partir dessa vivência, Bordas assume seu ato responsável e encarna a dor do outro, imprimido voz para dois garotos: Deng e Geedi. Arte e vida corporificam-se e são recriadas por meio do texto verbo-visual, formando um "todo indissociável" (Brait, 2015, p.194) cuja imbricação acontece em 69 páginas por meio da escrita e de 30 fotoilustrações¹, conta ainda com três textos moldura: "Deslocados no mundo"; "O campo de refugiados de Kakuma"; "Marie Ange Bordas".

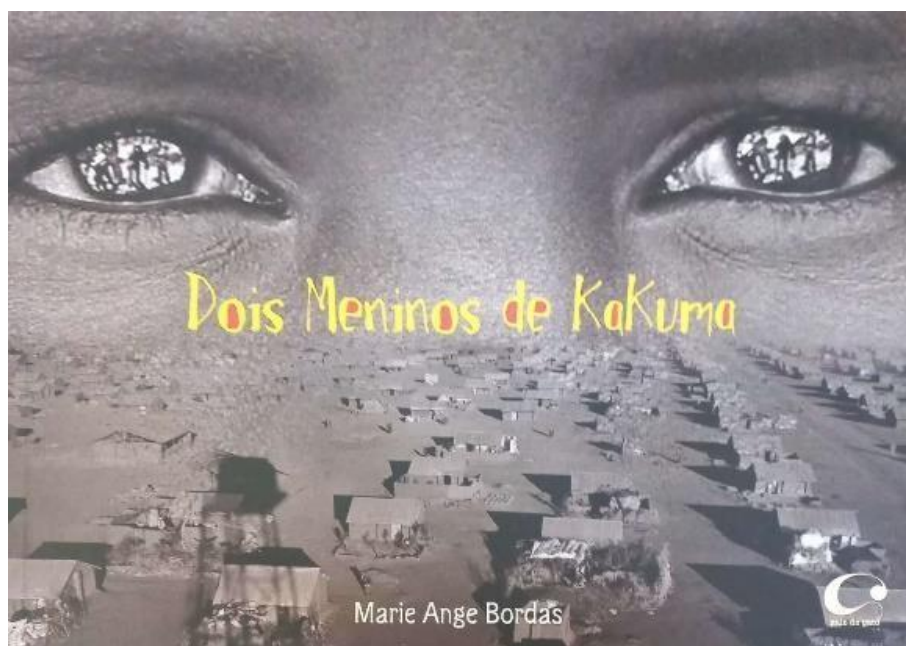
Embora o signo "refugiado" não apareça textualmente nos excertos, ele se corporifica na narrativa por ser justamente contado pela voz dos meninos, refugiados em Kakuma, ademais as fotografias também mostram visualmente esse outro-refugiado e o lugar ocupado. O signo "refugiado" é ampliado dentro de um campo semântico textual e visual que atravessa toda a narrativa.

O enredo é dividido em duas partes: na primeira, a perspectiva de Geedi, garoto somali, nascido em Kakuma e, na segunda, Deng, nascido no Sudão. Duas vidas, dois garotos, dois pontos de vista sobre um tema em comum: a difícil vida no campo de Kakuma. As vivências desses dois amigos são apresentadas ao leitor de maneira comovente. Geedi não conhece outra vida fora do campo e Deng lembra e enaltece as belezas de seu país. Os dois garotos falam, com carinho, sobre a amiga em comum, Noela também nascida no Sudão.

Entre os sonhos de crianças e as mazelas da vida no campo, os meninos encarnam a dor, a perda, o sofrimento de milhares de crianças que, como eles, estão em um campo de refugiados, mas com sua singularidade marcada pela vivência e pela voz de cada um deles. A capa do livro ganha a atenção com as fotografias que destacam os olhos de um garoto. Na parte superior da capa, esses olhos encaram o leitor e refletem em sua íris, como num espelho, silhuetas humanas.

¹ A autora esclarece que as fotos, ainda analógicas, foram feitas por ela e os desenhos e esculturas que compõem as fotografias são de crianças de Kakuma, frutos do projeto MysArt (Bordas, 2018, p.63-65).

Figura 1. Capa: Dois meninos de Kakuma



Fonte: Bordas (2018).

A face do menino é completada pela vastidão do campo. O título divide as duas fotografias. Dois meninos, duas vidas, no mesmo espaço. A quantidade de abrigos, nessa dimensão horizontal, reflete milhares de outras vidas, de outros olhares, de outras faces completadas por Kakuma. O projeto gráfico da capa extrapola a concepção abstrata de signo, visto que é revestido do entorno extraverbal. A escolha da fotografia com *close* nos olhos mostra o olhar do garoto que vê, de maneira refletida, seu outro. A face humana e o campo formam um todo de sentido cujo eixo comum é o espaço da dor e da fronteira para além de seu sentido geográfico.

O título está centralizado e, como uma linha divisória, delimita o espaço da face e do campo. As cores do título remetem ao sol, ao fogo e o fundo cinza sugere a aridez do local.

Criado como medida provisória, o campo de Kakuma já possui escolas, hospital, postos de saúde. Esse "entre-lugar", conforme nomeou Bhabha (1998), atravessou o século XX, chegando ao XXI, marcado pela chegada de pessoas de diferentes países, com suas diferenças crenças, culturas e histórias, mas com a mesma cicatriz deixada pelo sofrimento de deslocar-se em busca de acolhimento, de refúgio, de um lar.

3 O signo ideológico na ficção e no acontecimento social

Dois meninos de Kakuma (Bordas, 2018) aponta para o leitor duas perspectivas – dois meninos – e para o espaço da narrativa – Kakuma. Nessa dimensão de dupla designação espacial, é possível vislumbrar o outro e o lugar ocupado. Geedi e Deng protagonizam suas vivências em Kakuma. Criado em 1992, no noroeste da Quênia, com temperaturas elevadas e pouca chuva, como descreve Geedi "onde a poeira nunca baixa" (Bordas, 2018, p.7), o campo teve seu início como uma medida provisória, mas, infelizmente, atravessou os séculos e chegou ao XXI, com superlotação. Segundo Nyabera (2012), em 2012, já ultrapassava o limite máximo de 100 mil pessoas. O campo está localizado a um quilômetro da cidade de Kakuma e faz fronteira com Sudão do Sul e Uganda.

Figura 2. Localização de Kakuma



Fonte: Garrido (2016).

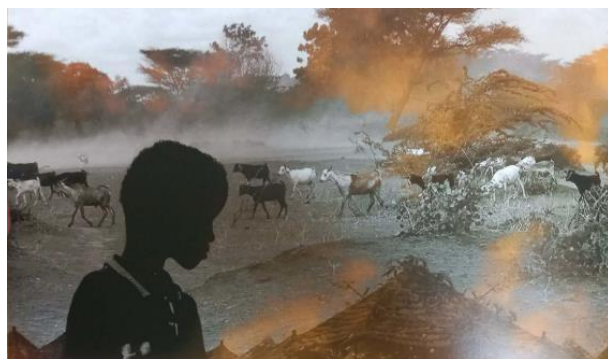
Situado na fronteira, o campo recebeu inicialmente os chamados "meninos perdidos do Sudão", segundo informações no próprio livro (Bordas, 2018, p.66) mais de 20 mil crianças entre 7 e 17 anos fugiam da guerra de seu país e foram acolhidas no campo, gerenciado pelo ACNUR e pelo governo do Quênia, o campo é administrado por diversas Organizações Não Governamentais (ONGs). Até mesmo os materiais utilizados foram de

"provisório" para "permanente": "As barracas de plástico e lona foram substituídas por casas de barro [...]" (Bordas, 2018, p 66). O campo conta com 20 escolas, um hospital e postos de saúde.

A partir da descrição do espaço, é possível compreender as tensões, visto que o local foi de provisório a permanente e a vida das pessoas no campo é "gerenciada" por outras (agência, governo e ONGs). Para compreender como essa dupla orientação refugiado/espço e as tensões pela qual é atravessada, passemos à narrativa.

Na primeira parte, temos o ponto de vista de Geedi, conforme trecho a seguir:

Figura 3. Parte 1



Meu nome é Geedi.
Eu sou somali, mas nunca estive na Somália.
Nasci em Kakuma, esta terra quente e seca,
onde a poeira nunca baixa. Quando minha
mãe chegou aqui com minha irmã, fugindo
da guerra, pensava que ficaríamos só de
passagem. Por isso, ao nascer, ela me
chamou de Geedi, que em somali quer dizer
"em movimento". Faz tempo. Hoje, eu já
tenho 12 anos. (Bordas, 2017, p. 7).

Fonte: Bordas (2018, p. 6-7).

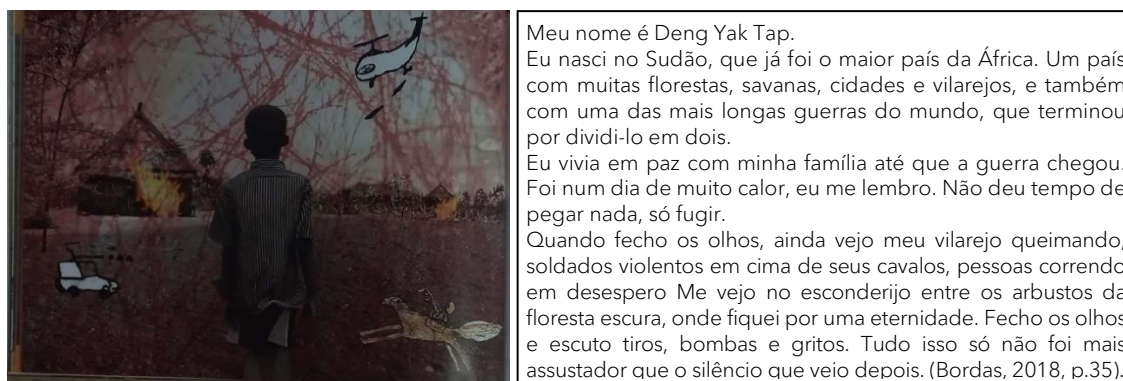
Em primeira pessoa, Geedi marca sua identidade com seu nome. Apesar de nascer no campo e não conhecer seu país de origem, o garoto assinala sua nacionalidade, seu pertencimento, "Eu sou somali". Em seguida, relata sobre seu nascimento, em Kakuma, acrescentando a descrição do campo com os adjetivos "quente e seca", características que acentuam a aridez do local, onde a "poeira nunca baixa". Nesse último trecho, duas orientações possíveis: por ser um local quente e seco há muita poeira e uma outra por ser um local tenso, de constante alerta. O enunciado concreto visual – a fotografia – antecede o texto verbal e é apresentado em três planos: no primeiro plano, a silhueta de perfil do garoto, no segundo os animais e o terceiro a paisagem. A silhueta, em primeiro plano, aproxima Geedi dos leitores e se opõe aos animais que estão em conjunto. As cores com tons cinzas e terrosos materializam o ambiente austero e árido, imbricando-se à descrição do menino "terra quente e seca".

A construção da imagem na narrativa confere à personagem o local de protagonismo tanto no texto verbal, com sua apresentação, como no texto visual, com a silhueta em primeiro plano. A composição visual traz a figura humana do garoto sem as marcas de expressão facial, imitando a própria sombra, sem elementos que revelem movimento, apresentando uma nova contraposição ao significado do nome "em movimento". Esse outro que se apresenta está parado, estático, estabelecendo um diálogo direto com o tempo (que deveria ser temporário), mas persiste 12 anos após sua chegada. Cabe ressaltar as tensões, marcadas visualmente, com os animais em grupo e o menino sozinho; enquanto a silhueta do menino é estática, a disposição dos animais enfileirados sugere o movimento.

O início da narrativa é marcado pelo nome próprio do garoto, Geedi. Essa escolha marca um posicionamento axiológico de mostrar não apenas sob o signo "refugiado" que, muitas vezes, é atrelado a crises ou massificado, apagando a singularidade humana. Na narrativa há a afirmação de um ser que, embora ocupe um campo de refugiados, não aceita ser massificado, seu nome é sua assinatura, sua singularidade afirmada no mundo concreto. De maneira similar, o adjetivo pátrio "somali" reforça sua singularidade e seu pertencimento.

Na parte 2, Deng se apresenta com nome completo e, assim como Geedi, assinala sua identidade e sua singularidade. Diferentemente do amigo, o garoto nasceu fora do campo. A descrição de seu país - Sudão, confere o tom valorativo do garoto em relação à pátria: as belezas naturais do país e sua grandiosidade são ressaltadas na voz do menino: "o maior país da África" e "com muitas florestas, savanas, cidades e vilarejos". O tom valorativo do garoto confronta-se com a guerra e os desastres naturais que geralmente são divulgados nos canais de comunicação que privilegiam os aspectos negativos (violência, guerra, morte) em detrimento do que se tem de bom. A memória de Deng evoca uma dupla orientação: a paz e as belezas do país e o tempo de guerra e desespero que dividiu o Sudão.

Figura 4. Parte 2



Fonte: Bordas (2018, p. 34-35).

O garoto afirma que "fecha os olhos para escutar", nessa relação sinestésica, tiros, bombas e gritos ecoam em sua memória, porém o silêncio é ainda mais perturbador. Esse silêncio é repleto de significação e marca um momento da guerra. O silêncio que assusta Deng é a ausência humana, rastro devastador da guerra que tira vidas, pátria e esperança e é tensionado pela concepção de "paz" que geralmente se tem do silêncio. Muito embora haja a ausência de uma marca verbal, o silêncio também significa e traz para o leitor o contexto extraverbal desse signo ideológico que sinaliza para o leitor os sinais da guerra e da destruição.

A fotografia traz intervenções das ilustrações com fogo, tanque de guerra, helicóptero, soldado em seu cavalo, linhas vermelhas que ilustram a memória do garoto e imbrica-se ao texto verbal. Os desenhos ressaltam o olhar e o ponto de vista de crianças que são vítimas diretas dos confrontos. Em primeiro plano, o garoto contempla essa cena, as linhas vermelhas parecem uma "barreira", como se a cena vista pelo menino fosse realmente a evocação da memória. Para o leitor, seu outro, aparece de costas, pois a guerra faz parte de sua vivência e, portanto, é para onde olha. Cabe salientar a tensão visual entre o cenário de guerra e os desenhos infantis, pois não esperamos que crianças "desenhem" a guerra, nem que o fogo gerado pelo bombardeio ocupe o mesmo plano que as ilustrações infantis.

Tanto os elementos verbais quanto visuais retomam a dimensão extraverbal que é considerada quando tratamos da materialidade ideológica, ou seja, do signo ideológico. Diferentemente da abstração linguística

percebemos que as escolhas lexicais, as cores, as imagens evocam a outros discursos de outras esferas, instigando o leitor a refletir criticamente enquanto lê e a assumir uma postura exotópica de deslocar-se para o outro, para sua dor e sofrimento e voltar para seu lugar único e irrepetível. Desse movimento discursivo, os sentidos são construídos e colocados em uma extensa teia dialógica.

Recorremos ao enunciado concreto da esfera jornalística – primeira página do jornal – que apresenta notícias sobre refugiados do Quênia. Nossa intenção é verificar em que medida essas esferas diferentes estabelecem relações dialógicas. A partir de nossa escolha temática, refletimos em como o texto literário, com sua subjetividade, trata os deslocamentos forçados e o texto jornalístico, com sua pretensa objetividade, aborda esse tema. Esses diferentes discursos evocam quais valores?

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2020, p.43) já sinaliza dois mundos: mundo da cultura e da vida e, diante desses dois mundos, o ato da atividade de cada ser olha como *Janus bifronte*, ou seja, um olhar em duas direções. Essa dualidade perpassa todo o livro, o autor insiste na articulação entre a teoria, com sua abstração e generalidades, e a vida, constituída de singularidades e concreta. Estabelecendo um paralelo com a proposta filosófica bakhtinina, auscultamos os enunciados selecionados, propondo um olhar bidirecional para os elementos linguísticos (verbais e visuais) a fim de compreender as relações dialógicas estabelecidas entre ficção e realidade.

Em 10 de julho de 2017, a primeira página do jornal Folha de S. Paulo trouxe, em lugar de destaque, no centro da página, a fotografia acompanhada de título e legenda, portanto, um enunciado verbo-visual. Trata-se de Salado, menina somali de 2 anos. Na foto, ela está deitada de bruços em uma trama de tecido. Conforme informação na legenda, a criança dorme em uma tenda no campo de Dadaab, assim como Kakuma, localizado no Quênia. Dadaab é considerado o maior campo de refugiados e apresenta situação precária e superlotação.

Figura 5. Primeira página do jornal



Fonte: Folha de S. Paulo (2017)

Na parte superior da foto, o título: "Um mundo de muros: as barreiras que nos dividem" aponta para duas direções: o mundo real que divide as pessoas e sua disposição na página do jornal, ocupando o centro da página, sendo que a manchete que aparece em destaque é em relação à economia. Tanto o mundo vivenciado como o textual mostram as diferenças humanas. Na parte inferior do jornal, o pai em licença-maternidade, acolhe seu bebê. Entre a "preocupação econômica", oriunda do capitalismo e do neoliberalismo e o bebê que recebe todo cuidado de seu pai, um muro se ergue: a pequena Salado, imóvel, sozinha, "dorme".

A tensão, marcada até mesmo no projeto gráfico do jornal, onde, na parte inferior da página, o bebê embalado pelo pai sugere as diferenças sociais, quando comparado à menina somali que tem seu sono "vigilado" por insetos.

O título remete à ausência de muros relatada por Geedi na narrativa, mas, assim como o garoto de Kakuma, esse "muro", simboliza a separação dos refugiados africanos com a humanidade, seguindo a disposição gráfica do jornal. No enunciado jornalístico, o rosto de Salado ganha destaque, mas de maneira mórbida. A rigidez do rosto e a infestação de moscas que ocupam sua face, remetem à ausência de vida. Seu silêncio grita, é assustador, como do silêncio pós-guerra de que Deng fala. Uma menina de apenas 2 anos entregue

"às moscas". Diferentemente dos meninos de Kakuma que dizem seus nomes, suas origens e sonham com um mundo melhor, Salado tem o nome na legenda, não se move, repousa em "um mundo que nos divide".

Enquanto a narrativa privilegia a voz e o ponto de vista daqueles que estão em situação de refúgio, no acontecimento social, a fotografia retrata a passividade quase mórbida de Salado que fica à mercê das moscas, entregue à própria sorte. Na legenda, há o uso do nome próprio da menina e sua origem, mas é no discurso do outro que aparece. Não há a autoafirmação e o autorreconhecimento como acontece com Geedi e Deng. A pretensa objetividade jornalística massifica e apassiva Salado, que poderia ser qualquer outra criança, qualquer outro "refugiado". Na narrativa, o leitor sente uma aproximação com os garotos, pois eles verbalizam seus sonhos e suas vivências, ao passo que no jornal, o enunciado verbal "as barreiras que nos dividem", o uso do substantivo "barreiras" e a forma verbal "dividem" sinaliza para o leitor esse outro que não está nas mesmas condições que o leitor. A presença de "muro" e "barreiras" separa leitor e "refugiado", e as outras crianças de Salado.

Considerações finais

Ao considerarmos a palavra como signo ideológico, as refrações ideológicas são materializadas nas escolhas lexicais e em seus efeitos semânticos, compreendê-las nos impulsiona a atravessar os elementos linguísticos e estabelecer diálogos com o entorno extraverbal.

Ao colocar os enunciados – literário e jornalístico – em diálogo, engendramos afinidades e distanciamentos entre arte e vida. Nesse amálgama discursivo, o outro-refugiado ganha protagonismo na narrativa, ganha voz, corporifica-se nas palavras e no espaço que ocupa, ganha humanidade. Na notícia, esse outro-refugiado "dorme", não se expressa, não é ativo, como se não sentisse, sua humanidade é colocada em mesmo plano que os insetos que lhe infestam a face. Geedi e Deng "falam" também em nome de Salado que dorme entre a preocupação econômica e o bebê no colo de seu pai, marcando visualmente um embate que ultrapassa a fronteira textual e reflete na vida concreta.

Embora de esferas distintas e, portanto, as formas linguístico-discursivas devam de fato distanciar-se, já que o propósito de cada esfera atende a diferentes finalidades, as escolhas lexicais e seus efeitos semânticos revelam um horizonte axiológico que colabora com a construção da imagem do refugiado. As particularidades de cada esfera são consideradas: a subjetividade da narrativa e a pretensa objetividade jornalística, mas nas duas o posicionamento valorativo e as ideologias estão textualmente e visualmente marcadas.

A narrativa, destinada a jovens leitores, mostra a perspectiva do "refugiado" que sente, tem lembranças, identidade e voz. Essas marcas estabelecem a conexão com o leitor. A singularidade de cada protagonista é manifestada por seu posicionamento valorativo, ao passo que a pretensa objetividade jornalística mostra o "refugiado" como passivo, mórbido e que não se posiciona. Enquanto o eixo valorativo da narrativa tende ao protagonismo e à singularidade de seres humanos que vivem em um campo de refugiados, o eixo valorativo do jornal recai na passividade da menina Salado que tem sua imagem diretamente ligada à crise e ao abandono. O ponto de vista de Geedi e Deng nos aproxima desse outro, nos coloca diante da dor e do sofrimento daqueles que foram obrigados a buscar um outro lugar onde pudessem habitar e (sobre)viver.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p.41-144.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998.

BORDAS, Marie Ange. **Dois meninos de Kakuma**. São Paulo: Pulo do gato, 2018.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discursp. In: BRAIT, Beth (Org.). T. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008, p. 9-31.

BRAIT, Beth. Tramas verbo-visuais da linguagem. In: BRAIT, B, **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 193-228.

GARRIDO, Óscar Gutiérrez. Assim nasce um campo de refugiados na África. **El País**, Kakuma, ano 24, 2 nov. 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/29/internacional/1464531515_124939.html. Acesso em: 12 out. 2022.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, ano 97, n. 32.240, 10 jul. 2017. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/nacional/2017/07/10/index.shtml>. Acesso em: 11 out. 2022.

GRILLO, Sheila. *Marxismo e filosofia da linguagem*: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 7-79.

MORSON, Gary Saul.; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Trad. Antonio Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

NYABERA, Emmanuel. Campo de Kakuma no Quênia já opera acima de sua capacidade máxima. **ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**, 6 ago. 2012. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2012/08/06/campo-de-kakuma-no-kenia-ja-opera-acima-de-sua-capacidade-maxima>. Acesso em: 12 out. 2022.

UNHCR - United Nations High Commissioner for Refugees. **Global Trends forced displacement in 2017**, 17 jun. 2022. Disponível em: <https://www.unhcr.org/media/unhcr-global-trends-2017>. Acesso em: 22 jun. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e na poesia**. Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., Trad., Ensaio introdutório e notas Sheila Grillo; Ekaterina Américo. São Paulo: 34, 2019 [1926], p. 109-146.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Racismo, mídia e futebol: efeitos do discurso antirracista no caso Vini Jr.¹

Viviane de Melo Resende
Universidade de Brasília, Brasil

Sinara Bertholdo
Secretaria de Educação do Estado de Goiás, Brasil

Introdução

No dia 21 de maio de 2023, o atacante do Real Madrid Vinícius José Paixão de Oliveira Júnior foi vítima de ataque racista que ganhou relevância global. No dia seguinte, os principais jornais da Europa e do Brasil estampavam notícias e textos acerca da violência racista contra o jogador de futebol, mais conhecido como Vini Jr., e um acalorado debate se construiu nas redes sociais e em outras esferas.

Naquele dia, Vini Jr. foi alvo de gritos e insultos racistas em um jogo do campeonato espanhol La Liga, em Valencia, no estádio Mestalla. Em resposta ao ataque sofrido, o jogador se pronunciou em suas redes sociais. Eventos racistas não são raros no campeonato La Liga, e outros casos, inclusive contra jogadores brasileiros, já haviam repercutido mundialmente. No entanto, a reação de Vini Jr. foi diferente, e deu o tom do impacto com que o caso repercutiu: sua reação articulou discurso de resistência antirracista próprios dos movimentos negros.

Neste artigo, tomamos ferramentas da análise de discurso crítica (Fairclough, 2003; van Dijk, 2008a; Resende, 2019) para analisar cadeia de textos e eventos a partir do primeiro tuíte publicado por Vini Jr. no dia 21, em resposta aos ataques racistas sofridos no âmbito de sua prática como jogador

¹ O texto deste capítulo foi publicado em artigo homônimo, na revista Calidoscópio, v. 21, n. 3, em 2023. O artigo original está disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/26780>.

de futebol profissional, e sua repercussão dentro e fora dessa rede social. Com isso queremos mapear relações entre: a prática reiterada de racismo contra o jogador; a reação de Vini Jr. nas redes sociais como aspecto inovador na prática; possíveis relações entre sua reação e discursos do movimento antirracista; potenciais efeitos dessa inovação na prática que tornaram o caso distinto de episódios anteriores.

Colonialidade, racismo, discurso e subjetividade

As relações causais entre as invasões no continente americano e a modernidade europeia expõem que a acumulação de capital que tornou possível a modernidade foi resultante da superexploração de populações racializadas, mediante a qual a Europa pôde fazer-se rica e central pela primeira vez na história (Federici, 2017). Compreender essa interdependência de colonialidade-modernidade elucida também o presente: podemos observar as persistências históricas nas formas e contornos que a colonialidade assume nos nossos dias.

Quijano (2010, p. 84) sustenta a colonialidade como elemento constitutivo do poder capitalista, logrado pela via da “imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder”, que “opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social”. Grosfoguel (2018) insiste que quando falamos da colonialidade e do Ocidente, não podemos esquecer que o Ocidente colonial não está apenas “lá”, está aqui, entre nós, dentro de nós, em nossas identidades e nossas formas de pensar. Ou, nas palavras de Esteva (2018, s/p), “não podemos ver o Ocidente porque é o Ocidente que vê por nossos olhos”.

Maldonado-Torres (2007) também argumenta que é a hierarquização entre formas do humano e não-humano o que define a colonialidade do ser, conceito que sustenta a partir das formulações de Fanon (2015) a respeito do espaço de não ser e da negação ontológica do ‘outro’ - isto é, a produção ativa do ‘outro’ como inexistente ou inumano. Retomando Fanon, Maldonado-Torres (2007, p. 257) pergunta-se sobre o significado de *damné*, e conclui que “o *damné* é o sujeito que surge em um mundo marcado pela colonialidade do

Ser. O *damné*, como disse Fanon, não possui resistência nos olhos do grupo dominante. O *damné* também é invisível ou excessivamente visível”.

Para Ramose (2018) essa metáfora do olhar também serve para pensar a colonialidade pela diferença entre ser visto ou ser detectado. Populações nativas ameríndias e africanas, ele nos diz, não foram vistas por europeus, mas sim detectadas como um instrumento de acumulação. “Ainda não somos vistos”, afirma Ramose sobre o continente africano, no plano da política internacional. Nos contextos nacionais, nos planos políticos e pessoais, há grupos sociais que seguem não sendo vistos. Pessoas negras podem não ser vistas pelas políticas sociais, mas são sempre detectadas como problema pelas forças de segurança: ora invisíveis às políticas públicas e à sensibilidade social, ora excessivamente visíveis às forças repressoras e aos julgamentos sociais.

Nascimento (2019) argumenta que a negritude não é autoidentificação identitária das populações negras, mas imposição de uma alteridade construída por meio de sinais negativos, na recorrência de piadas racistas e provérbios que associam a negritude a irracionalidade, preguiça, violência. Por isso a representação discursiva de pessoas negras está dialeticamente relacionada à prática do racismo, e Patricia Hill Collins (2016, p. 106) reconhece o trabalho da ideologia quando argumenta que “tanto ideologias racistas como sexistas compartilham a característica comum de tratar grupos dominados - os ‘outros’ - como objetos aos quais falta plena subjetividade humana”.

Essa construção de um ‘outro’ como ‘não-ser’, no qual a humanidade seria sempre uma promessa incompleta, é o cerne, também, do dispositivo da racialidade, uma noção relacional informada pelo racismo e que estrutura hierarquias de poder/saber, conforme defende Sueli Carneiro (2005, p. 43):

O dispositivo de racialidade ao demarcar o estatuto humano como sinônimo de brancura irá por consequência redefinir todas as demais dimensões humanas e hierarquizá-las de acordo com a sua proximidade ou distanciamento desse padrão.

Em seu mais recente livro, Muniz Sodré (2023, p. 86-7) discute como o discurso de distanciamento de eventos racistas desemboca em um “conveniente negacionismo intelectual do anacrônico sentimento discriminatório”. Para ele,

a forma social escravista cria a “relação racial” na esteira de uma histórica desconfiança residual ou uma aversão existencial ao indivíduo de pele escura, marcando espaços materiais e psíquicos nas relações intersubjetivas, embora gerando imagens convenientes de negação do racismo stricto sensu.

No caso em tela, a reação enfática e imediata de Vini Jr. não permitiu esse distanciamento. Essa rede de visibilidade, das mídias sociais para a mídia profissional, é considerada uma tendência no estudo de Teun van Dijk (2021, p. 40) sobre o movimento antirracista no Brasil: “mensagens antirracistas muito influentes nas mídias sociais costumam ser reproduzidas na mídia profissional e, assim, ter influência secundária por meio de sua legitimação pelo discurso da elite”, num “círculo de influência e reprodução”. No fio discursivo que se teceu a partir dos pronunciamentos de Vini Jr. em redes sociais, desvelou-se o negacionismo de autoridades, acionando a visibilidade midiática e efeitos em outras esferas da política e da diplomacia.

Racismo, branquitude e os ataques racistas contra Vini Jr.

Eventos racistas cotidianos permeiam construção social e identidades nacionais. Assim como Gonzalez (2020), Carneiro (2011) também discute o mito da democracia racial no Brasil, uma falácia que Nascimento (2019) nomeia de ‘racismo cordial’.

O termo racismo cordial foi usado pela primeira vez nos anos 1990, como uma atualização ou confirmação do mito da democracia racial, na publicação do conhecido estudo do DataFolha, publicado pela Folha de S. Paulo, que apontou a exorbitante taxa de 87% de pessoas brancas assumindo-se “intolerantes” em relação às pessoas negras - van Dijk (2021, p. 151) destaca, sobre esse estudo, que não se explicitou o que se entendia por “tolerância”. A conclusão do estudo foi que o povo brasileiro é racista, mas que esse racismo seria praticado de uma forma “cordial”.

Embora hoje essa conclusão seja considerada absurda, tendo em vista, por exemplo, os índices de assassinato e encarceramento de jovens negros, ou de violência contra mulheres negras em comparação com as brancas, esse mito esteve e ainda está impregnado na naturalização de discursos e práticas racistas

em formatos de piadas e “brincadeiras”, o chamado “racismo recreativo”, uma forma poderosa de disseminação de ideologias e atitudes racistas.

O caso dos ataques recorrentes ao jogador Vini Jr. aponta a necessidade de uma visão ampla do sofrimento e trauma que o racismo impõe. Estamos falando aqui de um jovem reconhecido no âmbito supervalorizado do futebol profissional, uma posição de destaque que põe em foco midiático a reiterada violência contra ele. Em que pese o sofrimento expresso em seu rosto nas imagens transmitidas e retransmitidas do ataque de 21 de maio de 2023, a reação de Vini Jr. desafiou a prática naturalizada no futebol espanhol, e teve efeitos inesperados em outros domínios.

A concepção de raça é um problema dos brancos, mas a forma de agir no mundo em resistência a esse conceito é um dever de todos os negros, ainda que não devamos, do ponto de vista ontológico confundir o negro com a animalidade da luta e da resistência. É dever no sentido de continuar existindo, e os negros têm agido no mundo, em suas estratégias, para fazer isso (Nascimento, 2019, p. 108).

Na sequência do evento racista de 21 de maio de 2023, Vini Jr. luta pelo seu direito de existir e agir no mundo, exige reconhecimento da arbitragem acerca dos ataques sofridos, chama atenção para os gritos da torcida.

Imagem 1. Vini Jr. reclama da violência verbal por parte da torcida



Fonte: frame de vídeo amplamente disponível em páginas de jornais on-line e redes sociais. Retirado de <https://www.metropoles.com/esportes/futebol/vini-jr-se-pronuncia-apos-racismo-nao-e-futebol-e-la-liga>

A agressão a Vini Jr. no jogo entre Real Madrid e Valencia aconteceu dentro e fora do campo. Foi agredido verbalmente pela torcida, fisicamente pelos jogadores adversários e institucionalmente pela equipe de arbitragem, pois sendo vítima de violência foi o único expulso de campo. Para isso operou

a seleção discursiva do árbitro de VAR da partida, que selecionou uma sequência de imagens ocultando a agressão física contra Vini Jr. para instruir o árbitro que expulsou o jogador brasileiro.

Imagem 2. Vini Jr. sofre uma “gravata” de jogador do Valencia



Fonte: frame de vídeo amplamente disponível em páginas de jornais on-line e redes sociais.

Retirado de <https://twitter.com/lazarorosa25/status/1660696277808496662>

Em artigo de opinião sobre o racismo na trajetória do jogador brasileiro, o pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco Guilbert Araújo (2023, s/p) escreveu:

se [Vini Jr.] reclama da perseguição, é ele quem geralmente é punido. É no mínimo curioso que na La Liga ele possua uma expulsão e quinze cartões amarelos, enquanto que em competições internacionais só recebeu um único cartão amarelo - por falta tática, vale ressaltar.

No caso dos ataques de 21 de maio, o juiz, informado parcialmente pela seleção de imagens que lhe foram enviadas por seu assistente, entendeu as atitudes de Vini Jr. como antijogo e o expulsou da partida. Mas o jogador (branco) que lhe deu o golpe conhecido como “gravata” não foi expulso, nem foram punidos pela arbitragem os insultos racistas que desencadearam o conflito. A seleção de imagens que o assistente disponibilizou ao árbitro para seu julgamento, assim como a própria decisão por expulsar apenas Vini Jr. escancaram a forma social escravista explicada por Sodré (2023) em sociedades consideradas democráticas, mas com atitudes protofascistas e fascistas, em que discursos e práticas racistas não são questionados.

A branquitude é a prática de perpetuação do que Sodré define como “forma social escravista”: é através do discurso e da prática da branquitude que os eventos racistas ocorrem e se naturalizam, com uma base de conhecimento

compartilhado “sobre eventos e situações racistas prototípicas” (van Dijk, 2021, p. 29). O evento em tela atualiza assim, uma vez mais, o pacto narcísico da branquitude, que Cida Bento (2022) define como um acordo não verbalizado para perpetuar o poder de pessoas brancas em relações interraciais.

A pessoa negra envolvida no conflito, por mais que seja a vítima de diversas formas de violência (verbal, física, institucional), é interpretada como violenta, incivilizada, bárbara, e daí sua expulsão do campo. O que se escancara é o privilégio branco sendo mantido na expulsão apenas do jogador negro agredido dentro e fora do campo, pois nenhum dos racistas é imediatamente punido,² e é isso que Vini Jr. reclama em sua primeira reação discursiva pelo Twitter após o evento.

Antes de seguirmos o fio narrativo da sequência discursiva que se desenrola a partir do primeiro tuíte de Vini Jr. no mesmo dia dos ataques, vejamos as balizas onto-epistemológicas que nos orientam a compreensão do caso e seus efeitos.

Estudos críticos do discurso: estruturas, práticas e eventos

De acordo com as abordagens crítico-realista (Chouliaraki e Fairclough, 1999) e sociocognitiva (van Dijk, 2009) dos estudos críticos do discurso, entendemos a dimensão constitutiva do discurso balizada pela relação transformacional entre estrutura e ação social, e seus efeitos sobre a compreensão da realidade e a disputa em torno de ideologias. Nas palavras de Nascimento (2019, p. 86), isso significa entender discurso “como o lugar onde o mundo se cria e recria”, mas sem perder de vista o “mundo físico, histórico e social antes do discurso per si”.

Partindo de elaborações crítico-realista, transformacional e sociocognitiva de linguagem-sociedade, analisamos a cadeia discursiva que se constrói a partir do primeiro tuíte de Vini Jr. após o jogo e até três dias depois. Nosso objetivo é discutir as práticas antirracistas do jogador em vista dos eventos do

² Posteriormente, como detalhamos à frente neste artigo, sete pessoas foram presas por ataques racistas contra Vini Jr. no campeonato espanhol, três das quais presentes no jogo de Valencia, e parte da equipe de arbitragem da partida foi demitida.

mesmo período e seus efeitos discursivos no encadeamento de textos e eventos nos três dias subsequentes.

Obviamente a cadeia de textos e eventos que reconstruímos não é exaustiva e se limita a um fio entre muitos dos enredados nesse evento. Não queremos discutir os aspectos da complexidade do discurso digital, como faz Marie-Anne Paveau (2021), por exemplo, nem realizar minuciosa análise textualmente orientada, como proposto por Fairclough (2001) e Magalhães (2017). Tomamos esse corpus de discurso-prática a fim de explorar a seguinte questão: como os tuítes de Vini Jr., acionando discursos vinculados ao movimento antirracista, desafiam a naturalização do racismo no futebol profissional com efeitos inesperados para além desse âmbito? Nossa análise, então, olha mais para a cadeia de textos e eventos que para os textos em seus aspectos linguísticos.

Compreender as práticas antirracistas nos tuítes de Vini Jr. é uma forma de reflexão sobre como o reconhecimento a respeito do racismo e das práticas sociais que o envolvem conduzem novas reações a velhos protocolos racistas. Entendemos que esse é um resultado sociocognitivo e discursivo (van Dijk, 2014) da ação reiterada do movimento antirracista, que traz à consciência outras formas de compreender as relações raciais racistas, suas formas de materialização e os possíveis modos de reação.

Sendo as práticas racistas controladas por ideologias racistas, um dos objetivos centrais das ações antirracistas é desmobilizar essas ideologias. Entendemos com van Dijk (2021, p. 32) que atividades antirracistas e as atitudes antirracistas subjacentes são organizadas por ideologias antirracistas que reúnem categorias como identidades, ações, objetivos, normas, valores e grupos de referência: “uma ideologia antirracista subjaz a atitudes antirracistas - e os discursos e outras práticas que as expressam”.

Como o conhecimento antirracista é fundamental para um envolvimento em práticas e discursos de resistência, um letramento antirracista é potencialmente propulsor de mudança social, nos termos de Nilma Gomes (2017) quando nos fala do movimento negro educador. Para ela, movimentos sociais são “produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade” (Gomes, 2017,

p. 16). A atuação política e pedagógica dos movimentos negros promove a dispersão de outros discursos sobre racialidade e sobre relações raciais, fortalecendo padrões de resistência tais como a de Vini Jr.

A repercussão da reação de Vini Jr. e o encadeamento de textos e eventos resultantes são dados preciosos para entendermos como a consciência crítica pode transformar relações hegemônicas de poder (Fairclough 1992, 2010; van Dijk, 2009). Daí a necessidade de aprender sobre o letramento antirracista para que, no cotidiano de nossas experiências pessoais, possamos transformar nossas próprias práticas colonizadas por discursos racista ancestrais e decolonizar nosso pensamento e nossa subjetividade, ainda tão atrelados aos privilégios da branquitude. Em um esforço de repensar práticas sociais, entendendo a conjuntura da prática particular do racismo no discurso, na vida social e na vida pessoal, atentar ao discurso antirracista empreende uma potência de desvelamento também dos modos como a hegemonia branca se mantém.

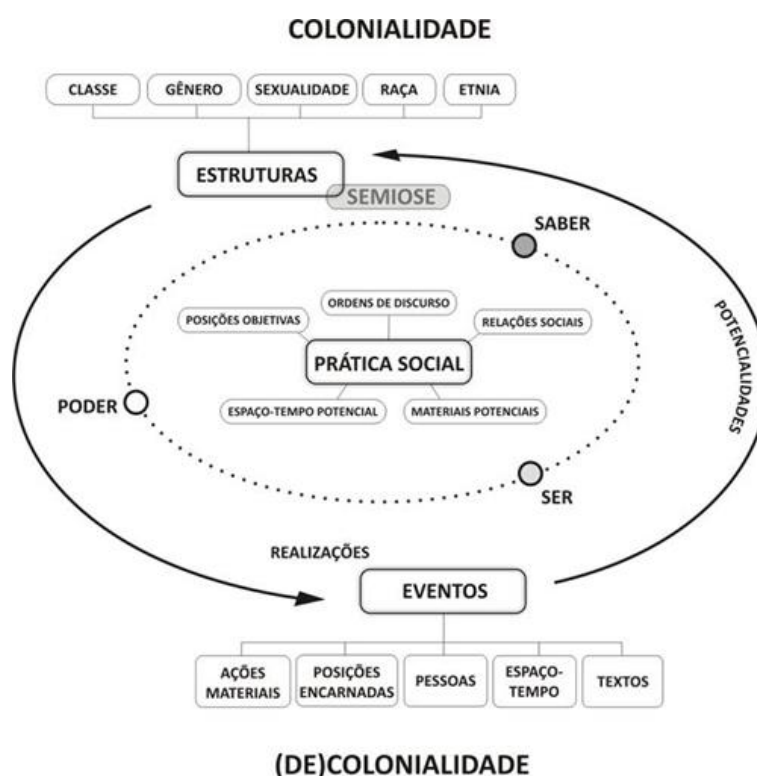
Para acessar os componentes ontológicos que pretendemos conhecer, escolhemos partir de Carneiro (2011), Fanon (2015), Ramose (2018), Kilomba (2019), Nascimento (2019), Gonzalez (2020), van Dijk (2021), Sodré (2023) e Vainer (2023), em uma reflexão epistemológica crítica que se posiciona diante da mentalidade branca amplamente difundida na ciência e na mídia. Os textos que estudamos ilustram algumas das formas como práticas racistas são promovidas ou desafiadas em eventos. A centralidade do discurso aponta o encadeamento infinito de textualização do racismo, que conforme Nascimento (2019) está imbricado, desde a estrutura da língua colonial branca que utilizamos e desafiamos, até as ordenações de gêneros, discursos e estilos em que essa língua é posta em marcha, ora de maneira lenta e discreta, ora aos berros.

A linguagem do racismo é universal. Os xingamentos em português, espanhol, inglês, francês ou em qualquer língua colonial são compreendidos na semiose do evento racista, que não demanda tradução justamente porque o racismo é um discurso universal que por séculos viajou de caravela, e ainda hoje viaja de avião e afunda muitas embarcações no anônimo cemitério Mediterrâneo. O racismo antinegro não é um problema restrito das ex-colônias que sofreram os séculos da escravidão africana: é o presente e modula

práticas em nível estrutural, isto é, estrutura a realização de práticas em eventos pertencentes a variados domínios discursivos e escalas. No contexto deste trabalho, em escala global no futebol profissional.

O mapa ontológico proposto por Resende (2019) ilustra a perspectiva teórica que adotamos para este estudo:

Figura 1. Mapa ontológico para estudos críticos do discurso de base decolonial



Fonte: Resende (2019)

O mapa ontológico apresenta níveis de abstração em relação transformacional, nos termos do Realismo Crítico (Bhaskar, 1998): estruturas, práticas e eventos. Entre as estruturas, Resende (2019) reconhece o sistema de relações raciais, balizado por outras estruturas com que intersecciona. A relação transformacional aqui implica que entre os níveis de abstração (estruturas, mais abstratas, e eventos, mais concretos; mediados pelas práticas ordenadoras do potencial estruturante) há, por um lado, recursos e constrangimentos, e por outro reificação e transformação. Bhaskar (1998) explica seu modelo transformacional da atividade social em minúcias filosóficas e sociológicas. Para nós, será melhor uma explicação de base prática, a partir do caso estudado.

O sistema de relações raciais, sendo estruturalmente racista, baliza a realização de eventos racistas concretos em diferentes domínios de ação social e de discurso, e os diferentes domínios são regulados pela ordenação intermediária das práticas sociais. Assim é que, por exemplo, no domínio do esporte profissional mediado por meios massivos de comunicação, há regularidades na realização de eventos racistas, tanto no discurso quando em outros elementos da prática. Isso significa dizer que existem formas semióticas recorrentes de realização e mediação do racismo nesse campo, incluindo as previsíveis reações (ou o previsível consentimento).

A figura também ilustra relações dialéticas entre os elementos internos de cada um desses níveis de abstração - das estruturas, nas relações interseccionais de raça, classe, gênero etc.; das práticas, nas relações internas, de mútua constituição, entre a ordenação do discurso e os demais elementos da prática; dos eventos, na realização dos elementos da prática em textos, ações, posições etc. Enquanto a relação entre os níveis de abstração é transformacional, ou seja, de retroalimentação ao longo do tempo, a relação entre os elementos constituintes de cada nível é interna, dialética, pois se trata de elementos em articulação simultânea (Chouliaraki e Fairclough, 1999; Resende, 2017a).

Os dois conjuntos de relações - transformacionais e dialéticas - são constitutivas da regulação e da mudança social. A ação social é constrangida por permanências relativas de práticas sociais - os eventos que realizam as práticas as sustentam ou as transformam, em variadas circunstâncias sociais. A articulação dialética entre os momentos constituintes de estrutura, prática e evento aponta a hegemonia como permanência relativa de articulações dos elementos sociais: as práticas e estruturas podem ser desafiadas nos eventos, o que pode levar a desarticulação.

O conceito de articulação é usado por Laclau e Mouffe (1985) para conceituar poder. Para Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 25) “essa conceituação ilumina a possibilidade inerente de desarticulação e rearticulação: a hegemonia é uma questão de fechamento de práticas e redes de práticas destinado a ser rompido porque o social é por natureza aberto”. Se os recorrentes ataques racistas a Vini Jr., mesmo antes da data que tomamos como marco inicial nessa reflexão, sugere o fechamento pela iteração de

práticas, as reações a partir de 21 de maio e seus efeitos mostram a desarticulação como possibilidade.

Entendemos que as reações de Vini Jr. desencadeando esse processo se colocam em relação interdiscursiva com fatos e feitos do movimento antirracista, que, desafiando ideologias constrói formas alternativas de conhecimento e ação. Para Nilma Lino Gomes (2017), o movimento negro ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça e explicita como ela opera na construção de identidades étnico-raciais. Ao ressignificar a raça, o movimento negro constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana. Isso promove outra visibilidade à questão racial, pois ao politizar a raça, esse movimento social indaga relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas, e retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social.

Em seu estudo sobre impactos do movimento antirracista sobre ações individuais e coletivas o Brasil, Amilcar Pereira, Jorge Maia e Thayara Lima sustentam que a circulação da luta antirracista possibilita adesão de sujeitos que mesmo sem se identificarem necessariamente com qualquer instituição mais estruturada do movimento negro, participam desse movimento. É assim que os efeitos da luta antirracista se estendem para além dos indivíduos e coletividades que atuam diretamente na produção dessa luta. Em suas palavras, “o contato com a cultura de luta antirracista educa/reeduca e possivelmente gera mudanças na maneira como essas pessoas se colocam frente às questões ligadas ao racismo” (Pereira et al., 2020, p. 179).

Isso aponta relevância da dimensão sociocognitiva dos estudos críticos do discurso (van Dijk, 2021). Conforme Gonzalez (2020, p. 34) assegura, “a eficácia do discurso ideológico é dada pela sua internalização por parte dos atores (tanto os beneficiários quanto os prejudicados), que o reproduzem em sua consciência e em seu comportamento imediatos”. Os privilégios de raça estão epidermizados assim como as correspondentes subalternizações.

É preciso, sempre, questionar os saberes universais da branquitude, que embora simulem um ponto de partida universal, também são posições. Para desestabilizar essas posições hegemônicas, os movimentos negros cumprem um papel central na incorporação de cognições antirracistas, incluindo conhecimentos sobre identidades, papéis e relações, e centralmente os discursos antirracistas.

Dos tuítes de Vini Jr. à manifestação institucional e política

Para van Leeuwen (2008, p.8), “o centro de qualquer prática social é o conjunto de ações executadas em sequência que podem ser fixadas em maior ou menor grau e que podem ou não permitir escolhas”. Os eventos racistas em jogos desportivos, ao seguirem práticas racistas rotineiras, seguem sequências estáveis que respondem a propósitos específicos, visto que as “diferentes práticas sociais são ‘reguladas’ em diferentes níveis e em diferentes maneiras” (p. 7).

O caso que aqui estudamos ilustra isso: o evento racista performado naquele dia 21 de maio de 2023 em Valencia seguiu a previsão semiótica para eventos racistas no contexto do futebol profissional: as ofensas racistas reproduziram a simbologia desse discurso (por exemplo, na desumanização da vítima de racismo, nos gritos em eco), animando um ator social coletivo que se engajou na prática por meio de palavras de ordem; buscando o propósito pragmático de desestabilização do jogador em sua atuação profissional; contando para isso com a conivência da equipe técnica de arbitragem. A expulsão de Vini Jr. também faz parte desse modelo de contexto (van Dijk, 2008b).

É a reação do jogador, posterior ao evento racista e em outro domínio - das redes sociais, com ampliação para os principais jornais - que desafia a previsão na prática, e assim desafia a estrutura. No tuíte publicado em 21 de maio de 2023, Vini Jr. se expressa acerca do evento racista sofrido logo antes, no jogo contra o Valencia. Reproduzimos o tuíte na íntegra a seguir.

← Tweet



Vini Jr.  
@vinijr

...

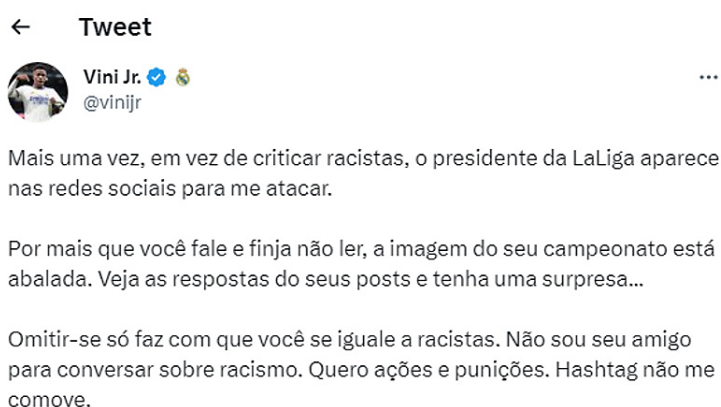
Não foi a primeira vez, nem a segunda e nem a terceira. O racismo é o normal na La Liga. A competição acha normal, a Federação também e os adversários incentivam. Lamento muito. O campeonato que já foi de Ronaldinho, Ronaldo, Cristiano e Messi hoje é dos racistas. Uma nação linda, que me acolheu e que amo, mas que aceitou exportar a imagem para o mundo de um país racista. Lamento pelos espanhóis que não concordam, mas hoje, no Brasil, a Espanha é conhecida como um país de racistas. E, infelizmente, por tudo o que acontece a cada semana, não tenho como defender. Eu concordo. Mas eu sou forte e vou até o fim contra os racistas. Mesmo que longe daqui.

A representação do racismo no futebol por Vini Jr. enfatiza seus aspectos de continuidade como reiteração ("não foi a primeira, nem a segunda e nem a terceira") e como naturalização ("é o normal"; "A competição acha normal, a Federação também"). Denuncia também seu propósito pragmático de influenciar resultados no esporte ("os adversários incentivam"). Nessa primeira reação, o jogador responsabiliza as instituições (La Liga, times) pela recorrência do racismo no futebol espanhol, mas mitiga a crítica ao povo ou às pessoas individualmente. Seu foco é no racismo institucional: é às instituições que seu dedo aponta. A autorrepresentação do jogador no contexto dos ataques sofridos sinaliza alguém que lamenta (os efeitos para como se percebe a Espanha racista), ama (o país que o acolheu), concorda (que a Espanha é mesmo racista) e resiste (é forte para resistir). Expressando-se principalmente no campo do conhecimento, Vini Jr. se apresenta como sujeito epistêmico.

Seu tuíte provoca resposta de Javier Tebas Medrano, Presidente da La Liga, conhecido apoiador de partido de extrema direita espanhol. Tebas posta naquele mesmo dia: "Antes de criticar e ofender a liga espanhola, é necessário que você se informe adequadamente. Não se deixe manipular e procure entender bem as competências de cada um e o trabalho que temos feito juntos". O dirigente tenta responsabilizar o jogador, operando contra a afirmação de Vini Jr. como sujeito epistêmico. No pressuposto ativado pelo cartola espanhol, Vini Jr. seria desinformado, manipulado e incapaz de compreender. O não reconhecimento do outro como sujeito cognoscente, como ser que pensa e conhece, é uma estratégia discursiva do racismo, vinculada ao racismo científico, mas também a outras esferas do racismo cotidiano, como neste caso.

Essa reação lembra o primeiro dos cinco mecanismos de defesa do ego por que passa o sujeito branco diante de sua própria branquitude, que Grada Kilomba (2019) retoma de Gilroy: negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. Em negação, Tebas retorna a crítica a Vini Jr., infantilizando-o no estilo próprio do discurso racista, negando-lhe reconhecimento de subjetividade plena (pois seria incapaz de compreensão).

Vini Jr. não tarda em responder a Tebas:



Vini Jr. recusa entrar em debate com Tebas sobre o que é ou não racismo ("não sou seu amigo"). Para Ribeiro (2018), a empatia é um processo intelectual, e para compreender uma realidade, é preciso buscar o conhecimento nas muitas páginas disponíveis sobre diversos aspectos do racismo. A postura ética exige compreensão de mundo para além do mundo branco Norte-global, e reconhecimento da própria responsabilidade como sujeito privilegiado. É à falta de interesse branco na compreensão do racismo e o próprio papel no jogo subalternidade-privilégio que gera o enfado que Vini Jr. expressa.

Ele exige punições concretas, para além das hashtags de apoio que nesse momento já se faziam virais. Com a repercussão do caso, ele refere os comentários aos posts como argumento de dado concreto para sustentar o efeito negativo para a imagem do campeonato espanhol, ironicamente referido como "o seu campeonato".

Embora não questione a capacidade de compreensão de Tebas, sugere fingimento: não é que não compreenda, mas que finge não compreender. O valor epistêmico segue central ao conflito. Ecoando a frase atribuída a Angela Davis, e slogan do movimento negro, "não basta não ser racista, é preciso ser antirracista", o jogador aponta omissão e 'vista grossa' do cartola. No dia

seguinte, o jornal espanhol Marca estampou a frase como título de seu editorial:

Imagem 3. Capa do jornal espanhol Marca



Fonte: reproduzido em O Globo. Retirado de

<https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/05/nao-basta-nao-ser-racista-tem-que-ser-antirracista-estampa-o-jornal-marca-um-dos-maiores-da-espanha.ghtml>

Em sua conta no Twitter, também no dia 22 de maio, o atleta brasileiro publicou uma compilação de vídeos de episódios racistas que sofreu desde setembro de 2022 em diversas cidades espanholas. O vídeo foi acompanhado do seguinte texto escrito:

O vídeo, assim como o texto verbal, destaca a recorrência dos ataques sofridos, e seu aspecto de desumanização. O jogador é reconhecido como corpo a ser eliminado simbolicamente; é o *damné* detectado, excessivamente visível e incômodo, cuja inexistência é desejada (Fanon, 2015; Ramose, 2018). Vini Jr. recusa a individualização dos casos: trata-se de uma continuidade, um ataque coletivo a que ninguém responde, não há responsabilidades apontadas ou buscadas. Como resistente a eventos racistas enfrentados, Vini Jr. escancara os modelos mentais desse tipo de eventos em sua narrativa multimodal, apontando os padrões de contexto, participantes, papéis, relações, e assim põe em relevo a dinâmica de reiteração. Os registros em vídeo também desafiam as possibilidades de responsabilização não apurada pelas autoridades.

No mesmo dia, o Real Madrid acionou a Procuradoria-Geral da Espanha para providências, atribuindo aos ataques sua natureza como crimes de ódio e discriminação. A Federação Espanhola de Futebol decidiu nesse mesmo dia pela demissão do árbitro de VAR que havia selecionado, para instruir o árbitro

da partida na decisão de expulsar o brasileiro, apenas imagens da reação de Vini Jr. ao ataque, mas não o trecho em que é vítima de uma “gravata” aplicada por jogador (branco) do Valencia. Posteriormente, foi divulgada a demissão de outros árbitros da equipe que conduzia a partida.

← Tweet



A cada rodada fora de casa uma surpresa desagradável. E foram muitas nessa temporada. Desejos de morte, boneco enforcado, muitos gritos criminosos... Tudo registrado.

Mas o discurso sempre cai em “casos isolados”, “um torcedor”. Não, não são casos isolados. São episódios contínuos espalhados por várias cidades da Espanha (e até em um programa de televisão).

As provas estão aí no vídeo. Agora pergunto: quantos desses racistas tiveram nomes e fotos expostos em sites? Eu respondo pra facilitar: zero. Nenhum pra contar uma história triste ou pedir aquelas falsas desculpas públicas.

O que falta para criminalizarem essas pessoas? E punirem esportivamente os clubes? Por que os patrocinadores não cobram a La Liga? As televisões não se incomodam de transmitir essa barbárie a cada fim de semana?

O problema é gravíssimo e comunicados não funcionam mais. Me culpar para justificar atos criminosos também não.

No es fútbol, es inhumano.

Após participação na reunião do G7, celebrada no Japão, o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva falou em entrevista sobre o caso e, na mesma direção do post de Vini Jr., cobrou medidas efetivas. No Brasil, a Comissão de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial da Câmara dos Deputados do Brasil publicou nota de “veemente repúdio aos ataques racistas sofridos pelo atacante brasileiro Vinícius Júnior, jogador do clube espanhol Real Madrid”. Em coletiva de imprensa, a Ministra da Igualdade Racial brasileira, Aniele Franco, também falou sobre Vini Jr. e comprometeu-se a intimar autoridades espanholas a se pronunciarem sobre “os próximos passos”. No mesmo dia, o ministro da Justiça do Brasil, Flávio Dino, ameaçou aplicar a legislação brasileira contra agressores do jogador nos reiterados ataques que sofreu na Espanha. Trata-se do princípio da extraterritorialidade, que o Código Penal brasileiro prevê como um “remédio extremo” quando autoridades estrangeiras se mostram inertes em crimes contra brasileiros no exterior.

No dia seguinte, sete pessoas foram presas por participação em ataques contra Vini Jr.: quatro ligadas ao episódio de simulação de enforcamento de um boneco identificado com o jogador em um viaduto de Madri, um dos eventos expostos na compilação divulgada por Vini Jr. na véspera, e três detidos pelo caso de Valencia.

Uma nota conjunta foi emitida pelos ministérios do Esporte, da Igualdade Racial, das Relações Exteriores, da Justiça e Segurança Pública e dos Direitos Humanos e Cidadania. Por meio dessas pastas ministeriais, o governo brasileiro repudiou formalmente os ataques e ofereceu cooperação ao governo espanhol para fazer frente às agressões racistas no esporte. No mesmo dia, reacendendo a tensão diplomática em torno do caso, um grupo de organizações do movimento negro manifestou-se em apoio a Vini Jr., em ato no Consulado da Espanha em São Paulo. Na ocasião, o ativista da Coalizão Negra por Direitos Douglas Belchior sugeriu que outros atos fossem realizados em outros estados do Brasil.

Em 24 de maio, o Alto Comissariado da ONU também se manifestou em repúdio ao racismo nos estádios. O comissário da ONU para os Direitos Humanos, Volker Turk, destacou os ataques contra o jogador brasileiro como um alerta da necessidade urgente de os dirigentes do futebol profissional assumirem ações para prevenir e conter o racismo. No mesmo pronunciamento, apresentou compromisso da ONU para preparar um guia de protocolos e recomendações para casos de racismo em esportes.

E depois? Considerações para encerrar

O episódio racista contra Vini Jr. em 21 de maio extrapolou o universo do esporte e ganhou repercussão internacional e política, com apoio à postura do jogador. Muitos clubes, treinadores e jogadores se manifestaram para denunciar o racismo recorrente no futebol e exigir soluções. Os principais jornais pautaram o caso e se posicionaram em editoriais contra o racismo no esporte.

Em 19 de junho, quase um mês após o ataque contra Vini Jr., o governo brasileiro criou um grupo de trabalho para elaborar meios de combater o

racismo nas áreas do esporte e lazer. A equipe foi formada por representantes da sociedade civil, de empresas públicas e de entidades governamentais indicadas pelo Ministério da Igualdade Racial e pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública. O grupo de trabalho entregou seu relatório um mês depois, em julho, incluindo fundamentação legal, diagnóstico, ações vinculadas a entidades desportivas, atletas, torcida, veículos de comunicação, e orientações e diretrizes.³

Em julho, o Ministério do Interior da Espanha apresentou decisão que amplia o poder das forças de segurança no combate ao racismo em estádios. A nova instrução institui que o comando policial responsável pela coordenação da segurança em partidas poderá indicar ao juiz não iniciar, paralisar ou suspender, temporária ou definitivamente, uma partida, ou mesmo esvaziar o estádio, em decorrência de incidente racista. Antes, essa decisão era prerrogativa exclusiva do árbitro. Essa pode ser considerada uma decisão cosmética de efeito duvidoso, pois se as equipes de arbitragem são racistas, as forças de segurança também são.

Este exercício de mapeamento de relações entre a prática reiterada de racismo contra Vini Jr. e sua reação nas redes sociais, que promoveu engajamento de outros atores, especialmente midiáticos e políticos, aponta aspecto inovador na prática, inclusive pelo engajamento e tração nas redes que foi capaz de gerar. Se o racismo no campeonato espanhol está longe de ser uma novidade, a reação do jogador no caso de 21 de maio de 2023 e sua relação firme com discursos antirracistas, associadas a uma visibilidade midiática global, produziram efeitos que tornaram o episódio distinto, com consequências expansivas.

O racismo institucional certamente segue balizando eventos racistas nas práticas do futebol, mas no caso dos ataques de maio contra Vini Jr., graças a sua reação insubmissa, a mediação por meios massivos de comunicação foi influenciada pelas mídias sociais, ampliando possibilidades de punição

³ O "Relatório do grupo de Trabalho Técnico com a finalidade de elaborar um plano de ação do Governo Federal para o combate ao racismo nas áreas de esporte e lazer" é público e está disponível em https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/copy2_of_noticias/ministras-anielle-franco-e-anamoser-divulgam-relatorio-sobre-combate-ao-racismo-nos-esportes/esporte-sem-racismo-press-kit-1.pdf. Acesso em 13 set. 2023.

também estimuladas pelas relações políticas e diplomáticas acionadas pelo governo brasileiro.

Reconhecendo as relações dialéticas entre os elementos internos das práticas, podemos concluir que as respostas ao racismo no futebol profissional foram nesse caso desafiadas pela natureza inovadora da reação de Vini Jr., sua possibilidade de ampliação pela visibilidade midiática do jogador e o momento político no Brasil, levando a uma desarticulação da tolerância ao racismo nesse contexto, e no mínimo promovendo a circulação dos discursos antirracistas amplificados na voz de Vini Jr.

Assim como discursos contextualmente localizados podem ser explicados em termos causais, podem também ser identificados como tendo poderes causais em eventos. É a isso que os estudos críticos do discurso se referem como 'relação dialética entre linguagem e sociedade' (Resende, 2017b). Aspectos discursivos de práticas sociais, como representações discursivas de eventos e práticas, podem ter efeitos causais na sociedade; podem, por exemplo, legitimar certos modos de ação ou desencadear uma cadeia de eventos como a que vimos.

Obviamente os efeitos do caso dos ataques contra Vini Jr. e sua visibilidade são também consequência do papel que ele desempenha na prática hipervalorizada do futebol profissional. As mudanças que o caso promove no nível da prática não alteram de maneira substantiva as estruturas racistas que acionam dinâmicas racistas. Por exemplo, o mesmo país que acionou resistência nas mídias sociais, no jornalismo profissional, no campo político e diplomático nesse caso de ataques racistas não realizou semelhantes operações no caso do brutal assassinato de Mãe Bernadete ou nos casos das mortes de crianças negras em ações policiais no mesmo ano.

Os assassinatos da liderança quilombola ou da infância periférica não são socialmente compreendidos como práticas racistas, resultado do vínculo entre as ideologias racistas de democracia racial e de meritocracia neoliberal? O trabalho estruturante do racismo segue operando como sempre, e a movimentação da dinâmica do racismo institucional no futebol profissional permanece desarticulada de outras esferas.

Referências

- ARAÚJO, Guilbert Kallyan Da Silva. Racismo contra Vini Jr.: O mundo que não deixou o preto brilhar. Opinião, **Brasil de Fato**. Recife, 2023.
- BHASKAR, Roy. Critical realism and dialectic. In: M. ARCHER (org.), **Critical Realism: essential readings**. London: Routledge, p. 575-640, 1998.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COLLINS, Patricia Hil. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- ESTEVA, G. Palestra no Painel 3 "Um outro mundo é possível". Colóquio pelos 40 anos do CES. **A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas**. Coimbra, novembro de 2018.
- FAIRCLOUGH, Norman. (Org.). **Critical language awareness**. London: Longman, 1992.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: the critical study of language**. 2. ed. London: Pearson Education, 2010.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: UFBA, 2010.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpos e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorex. São Paulo: Elefante, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GROSFOGUEL, R. Palestra no Painel 3 "Um outro mundo é possível". Colóquio pelos 40 anos do CES. **A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas**. Coimbra, novembro de 2018.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and Socialist Strategy: toward a radical democratic politics**. London: Verso, 1985.
- MAGALHÃES, Izabel. Pesquisa qualitativa, crítica social e análise de discurso crítica. In: I. MAGALHÃES et al. **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora UnB, 2017.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. On the colonality of being: contributions to the development of a concept. **Cultural Studies**, v. 21, p. 240-720, 2007.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes, 2021.

PEREIRA, Almicar Araujo et al. Os “rolês” do movimento negro brasileiro na atualidade, nas “pegadas” da educação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 75, p. 162-183, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i75p162-183>.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

RAMOSE, M. Palestra no Painel 2 “Pensar o contemporâneo”. Colóquio pelos 40 anos do CES. **A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas**. Coimbra, novembro de 2018.

RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: RESENDE, Viviane de Melo; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (Orgs.) **Outras perspectivas em análise de discurso crítica**. Campinas: Pontes, 2017a, p. 11-52.

RESENDE, Viviane de Melo. Textos e seus efeitos sociais como foco para a crítica social. In: MAGALHÃES, Izabel et al. **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora UnB, 2017b.

RESENDE, Viviane de Melo. Perspectivas latino-americanas para decolonizar os estudos críticos do discurso. In: RESENDE, Viviane de Melo (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes, 2019, p. 19-46.

RIBEIRO, Djamila. Conferência **Diversidade Cultural e de Gênero no Brasil: A Construção de uma Sociedade Democrática e Fraterna e o Respeito às Diferenças**. Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, abril de 2018.

SODRÉ, Muniz. **O Fascismo da Cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

VAINER, Lia. **Supremacia branca e privilégio**. Entrevista a A. DIP; C. LEVY. Podcast Pauta Pública, episódio 88. 8 de setembro de 2023.

VAN DIJK, Teun A. **Discourse and Power**. Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, 2008a.

VAN DIJK, Teun A. **Discourse and Context: a sociocognitive approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008b.

VAN DIJK, Teun A. **Society and Discourse: how social contexts influence text and talk**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

VAN DIJK, Teun A. **Discourse and Knowledge: a sociocognitive approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso antirracista no Brasil: da abolição às ações afirmativas**. São Paulo: Contexto, 2021.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

"YOUTUBER SÓ FALA MERDA NA INTERNET?": considerações sobre a legitimação do ativismo digital no campo da esquerda

Winola Weiss

Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

A discussão sobre a legitimidade do ativismo digital, no campo progressista e da esquerda em geral, foi realizada ao longo da década de 2010 e ainda divide ativistas e militantes no que concerne a táticas e práticas. Essa discussão se tornou ainda mais premente a partir do ano de 2018, com o processo de ascensão da extrema-direita ao Poder Executivo do Governo Federal com a eleição de Jair Bolsonaro. Nesse momento, a estratégia de campanha deste candidato, com forte presença nas redes sociais, foi considerada determinante para sua vitória, e tal atuação continuou relevante durante os duros anos de seu mandato.

Mais recentemente, sobretudo a partir de 2020, destacamos a influência de mobilizações antirracistas e antifascistas que se utilizaram das redes sociais como ferramentas de divulgação e articulação. São exemplos #BlacksLivesMatter/#VidasNegrasImportam, bem como a produção de conteúdo, realizada por comunicadores (independentes ou vinculados a veículos da imprensa tradicional), instituições e especialistas em saúde, contra o negacionismo propalado pelo Governo Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19. Mais recentemente, no ano de 2022, somaram-se esforços da Frente Ampla do campo da esquerda, da centro-esquerda e do chamado "centro democrático" para a eleição do Presidente Lula. Para além da chamada política

institucional, o ativismo e a militância em redes sociais se tornaram parte do repertório de diversos movimentos sociais na década de 2020.

Considerando este contexto, realizaremos, neste capítulo, a análise do posicionamento de duas youtubers feministas, Louie Ponto e Nátaly Neri, a respeito deste debate. Nossa fonte será o vídeo publicado no ano de 2017: "YOUTUBER SÓ FALA MERDA NA INTERNET? Feat. Louie Ponto", publicado no canal Nátaly Neri (à época, Afros e afins). Nátaly e Louie são parte da geração pioneira na produção de conteúdo do campo progressista e/ou de esquerda no Youtube e, por isso, compreender o seu ponto de vista sobre a questão, em um momento em que o ativismo digital era cercado de polêmicas e visto com bastante ceticismo por muitos setores, pode ajudar a compreender de forma mais ampla o processo de legitimação dessa forma de atuação.

Na publicação em questão, as youtubers defendem a legitimidade das práticas discursivas de ativismo político progressista, ligadas aos movimentos de mulheres – incluindo-se aí os feminismos –, movimentos negros e LGBTQIAPN+ no YouTube. Mostraremos as bases de sua argumentação e como elas se posicionam em relação aos críticos e aos demais formatos de ativismo/militância realizados "fora" (como elas colocam) das redes sociais.

Neste capítulo, interessa-nos apresentar a forma como as youtubers se inserem na polêmica, como apresentam e defendem suas concepções por meio da estratégia discursiva da Movimentação Epistêmico-Axiológica, relacionada à gestão intersubjetiva das Alegações e Propostas de Ação em jogo. Para tanto, nas próximas seções, discutiremos elementos discursivos dos "feminismos da diferença", relevantes para a compreensão da polêmica e das posições adotadas pelas youtubers a respeito do ativismo digital no YouTube; em seguida, apresentaremos o arcabouço teórico-metodológico que embasa este trabalho no campo da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003; 2006; 2012; Gonçalves-Segundo, 2018) cognitivamente orientada (Cap, 2013; 2014a; 2014b; 2015; Hart, 2014). Por fim, realizaremos a análise de trechos selecionados, com destaque para as estratégias utilizadas para refutar o posicionamento contrário e gerir a relação com a comunidade discursiva contrária de modo a sugerir uma relação de Solidariedade.

1 O ativismo digital feminista no YouTube

De acordo com Castells (2013, p. 13), o contrapoder (isto é, "a capacidade de os atores sociais desafiar o poder embutido nas instituições da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses") depende da habilidade dos movimentos sociais de identificar o funcionamento das redes e de reprogramá-las, rompendo as alternâncias de poder pré-estabelecidas. A negociação e a promoção de novos valores e objetivos, nesse contexto, dependem da ocupação dos veículos e da criação de mensagens que levem à mobilização dos desejos em rede. Com o advento da autocomunicação, abririam-se, segundo o autor, novas janelas de oportunidade e, em contrapartida, novas formas de os poderes estabelecidos influenciarem mentes e corações. O autor reafirma, com isso, que o potencial de gerar mudança social depende da capacidade dos movimentos sociais de construir um processo de comunicação autônoma e livre em relação aos poderes institucionais, a partir da ocupação das redes multimídia da comunicação em massa.

Com efeito, novas dinâmicas de produção, distribuição, consumo e interpretação de textos, processadas por meio da plataforma das redes sociais, surgiram no âmbito dos movimentos sociais. Isso está intrinsecamente relacionado às transformações das redes de poder e às mudanças que ocorreram em relação à legitimação do ativismo digital no campo da esquerda. No contexto brasileiro, destacamos que as mobilizações políticas no/por meio do Facebook (sobretudo debates e organizações de atos, passeatas, reuniões, entre outros eventos) se tornaram bastante profícuas e recorrentes (à esquerda e à direita do espectro político) durante a década de 2010. Ademais, alguns eventos e processos parecem ter aumentado a percepção e gerado discussões acaloradas (tanto do público geral quanto de organizações politicamente engajadas) a respeito da relevância das redes: os protestos de junho de 2013 (cuja orientação política majoritária ainda é alvo de disputa), os processos eleitorais de 2018 e de 2022, assim como a pandemia do coronavírus (2020-2021), os movimentos #BlackLivesMatter (#VidasNegrasImportam) e #NiUnaMenos, para citar apenas alguns.

Ressaltamos que, em 2017, já havia uma grande mobilização de grupos conservadores, machistas, homofóbicos e racistas nas plataformas online, muitos dos quais, ao longo do tempo, mostraram-se envolvidos no processo de escalada da extrema direita no Brasil. Simultaneamente, apesar de haver diversas mobilizações progressistas nas redes sociais, uma parcela do campo da esquerda continuava cética ou desconfiada em relação à validade e à eficácia dos ativismos e das militâncias online, deslegitimando os grupos e as/os atoras/es sociais que davam atenção a essas práticas – tanto como produtores, quanto como consumidores –, denominando-as/os pejorativamente de “ativistas de sofá”¹.

Por esses motivos, é produtivo analisar as divergências que o vídeo sob análise apontava dentro do campo progressista no ano de 2017, uma vez que ele não só informa sobre os pontos discutidos nessa polêmica à época, como também nos apresenta pistas sobre os modos de lidar com as contradições encontradas ao atuar nas redes sociais que essas youtubers e outras/os ativistas desenvolveram ao longo dos anos.

Nos sete anos que separam a publicação deste vídeo do momento atual, muitos ativistas, militantes e movimentos sociais mudaram a sua percepção e passaram a atuar também nas redes. Em outros casos, mobilizações surgiram dentro das plataformas. São exemplos de figuras públicas politicamente engajadas no campo progressista/de esquerda que começaram a produzir vídeos para o YouTube a partir de 2017: Jones Manoel (o primeiro vídeo publicado em seu canal atual data de janeiro de 2017), Sabrina Fernandes (junho de 2017), Doutora Drag (dezembro de 2018), Nath Finanças (janeiro de 2019), Rojú Soares (fevereiro de 2019), Laura Sabino (outubro de 2019) e Chavoso da USP (julho de 2020).

Louie e Nátaly são parte da geração pioneira nesse campo, tendo em vista que suas primeiras publicações voltadas para “questões sociais” (termo adotado pelas youtubers) datam do ano de 2015. Datam dessa época também os canais Canal das Bee (novembro de 2012), Põe na Roda (janeiro de 2014),

¹ Considerando que Nátaly e Louie também atuam como influenciadoras, divulgando produtos e serviços de algumas marcas – é notável a dificuldade extrema de se manter apenas com os proventos do YouTube e muitos produtores de conteúdo têm adotado a mesma postura –, as críticas também são contra esse tipo de parceria com empresas privadas.

Jacy Carvalho (maio de 2014), Neggata (novembro de 2014), Luci Gonçalves (novembro de 2014), PH Cortes (janeiro de 2015), Gabi de Pretas (julho de 2015), Maíra Medeiros (julho de 2015), Muro Pequeno (outubro de 2015), Papo de Preta (à época, Papo de Pretas; novembro de 2015), Gorda de Boa (janeiro de 2015). Nesta lista, encontramos canais ligados às pautas feministas, LGBTQIAPN+ e negras, levantando debates sobre estética, corpo, sexualidade e relacionamentos, heteronormatividade e LGBTfobia, assim como racismo e negritude.

Sobretudo os canais de mulheres pautavam, nesse momento, reflexões sobre autoimagem a partir de uma perspectiva feminista, o que era utilizado como justificativa para o ceticismo de alas da esquerda que, mesmo progressista, consideravam esses debates puramente "liberais" ou, quando ligados à estética negra e à sexualidade, "identitários". Para melhor compreendermos este debate, no entanto, consideramos essencial compreender as pautas, os conceitos e os modos de ação feministas em discussão no Brasil nas últimas décadas, considerando também o espaço que algumas questões têm cavado na mídia hegemônica nos últimos anos.

A atuação das feministas no campo da comunicação consiste em um esforço contínuo que se processa há décadas. Os movimentos feministas e de mulheres² em atuação no Brasil contemporâneo são vários e complexos, com aportes teóricos, estratégias políticas e agendas bastante diversas entre si. Na atualidade, as autoras Heloísa Teixeira (Hollanda, 2018), Sônia Alvarez (2014) e Fabiana Martinez (2019) compreendem que os aspectos que caracterizam os modos de atuação dos feminismos são a ampliação da força de vozes não hegemônicas no espaço público e a disseminação de valores feministas para novas esferas sociais.

De acordo com Fabiana Martinez (2019, p. 6):

² Ressaltamos que, muitas vezes, esses dois movimentos não se confundem. Há, por exemplo, reconhecidas militantes nos movimentos de mulheres negras, como Jurema Werneck, que não se reivindicam feministas. Entre essas militantes, há ainda aquelas que se reivindicam mulheristas. Isso não implica, evidentemente, que não haja articulações entre esses movimentos e suas respectivas ativistas e militantes. Por isso, ao longo deste capítulo, vamos nos referir a movimentos feministas e de mulheres quando discutirmos as mobilizações de mulheres em termos amplos. Utilizaremos o termo 'feministas' para nos referirmos a autoras, pautas, teorias e agendas abertamente vinculadas aos feminismos.

É nesse terceiro momento que a internet emerge como ponto referencial e constitutivo de redes e pontos de contato entre grupos e organizações feministas, criando "outras redes de comunicação a partir das apropriações da atividade *prosumer*³ como instrumento de ação política e recurso de identificação" (Ferreira, 2015: 208). Os fenômenos aqui analisados são pontos de contato e nós constitutivos desse campo discursivo de ação: blogs, páginas e grupos de discussão do Facebook, vídeos do youtube, sites de notícias, postagens de influenciadores digitais, todos se articulam em uma dinâmica reticular muito específica desse "ciberfeminismo social" (Boix; Miguel, 2013) através da troca e da discussão de conteúdos.

Nesse processo, vemos também a ampliação do alcance de iniciativas e vozes de mulheres negras e/ou lésbicas. Historicamente marginalizados na historiografia do feminismo hegemônico (notadamente branco, heterossexual e de classe média), feminismos e movimentos de mulheres lésbicas, negras, indígenas e trans apresentam, alguns há décadas, críticas ao desenvolvimento da categoria universal mulher encampada até hoje no discurso e nas práticas de grande parte das feministas brancas, cis e heterossexuais. Na atualidade, esses grupos atuam também por meio de blogs, grupos de discussão, portais de notícias e canais do YouTube, para articular projetos políticos e identitários próprios, em articulação com outras demandas interseccionais (Érica Sarmet, 2018; Zelinda Barros, s/d; Thiane Neves Barros, 2020). Esse processo se relaciona também com o que Martinez (2019) denomina segmentação em vertentes, as quais disputam narrativas, práxis e a ontologia do gênero.

Nesse processo, a lógica das redes colabora tanto na potencial ampliação das audiências quanto na segmentação dos públicos, e no império da lógica da competitividade. Entretanto, embora as mudanças e as novas dinâmicas criadas a partir do advento da internet sejam essenciais para a compreensão desse momento, ressaltamos que essas muitas feministas dão continuidade aos processos de articulação regional, nacional e internacional dos feminismos que vêm ocorrendo nas últimas décadas. Em seu vídeo, Nátaly Neri e Louie Ponto defendem que sua atuação nas redes tem como objetivo angariar audiência mais ampla, funcionando como uma "ponte" ou "porta de entrada" para que jovens sem acesso aos discursos sobre feminismo, negritude e orgulho LGBTQIAPN+ possam se articular a essas novas visões de mundo e constituir comunidades engajadas em questões políticas e sociais. Compreendemos,

³ No âmbito das redes sociais, os *prosumers* indicam aqueles usuários que não só consomem como também produzem conteúdo (de forma mais ou menos profissionalizada).

nesse sentido, que é possível compreendê-las enquanto produtoras de conteúdo voltado para a formação política. Veremos nas análises de que modo legitimam essa posição e negociam seu espaço dentro dos movimentos sociais frente ao ceticismo relacionado às plataformas de redes sociais.

2 Arcabouço teórico-metodológico: a Movimentação Epistêmico-Axiológica

Na pesquisa de mestrado (Weiss, 2020), desenvolvemos a noção de Movimentação Epistêmico-Axiológica (MEA) em duas perspectivas: como estratégia discursiva multidimensional e como metodologia de análise. Essa abordagem se insere no paradigma da Análise Crítica do Discurso de vertente faircloughiana (Fairclough, 2003; 2006; 2012; Gonçalves-Segundo, 2018), mobilizando conceitos da Linguística Cognitiva (Hart, 2014; Gonçalves-Segundo, 2017), da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 2014; Martin; White, 2005) e dos estudos da argumentação (Gonçalves-Segundo, 2019; 2020) para compreender como vozes autorais realizam a gestão do dissenso por meio do discurso. Mais especificamente, a MEA é um desdobramento da noção de Proximização desenvolvida por Cap (2013; 2014a; 2014b; 2015) e também abordada por Hart (2014) na interface entre a Linguística Cognitiva e a Análise Crítica do Discurso, com o objetivo de abranger mais discursos para além da proposta original, cujo foco recai sobre discursos de legitimação estatal. Em nossa visão, trabalhamos com categorias de análise originais, desenvolvidas também com o aporte da Linguística Textual (Koch, 2014) e da AVALIATIVIDADE (Martin; White, 2005).

Enquanto estratégia discursiva, a MEA consiste na construção textual de comunidades de crenças e valores por meio do contraste entre discursividades distintas. Enquanto construto teórico-metodológico, foi elaborada com o objetivo de analisar a estratégia discursiva que explicita, na materialidade do texto, diálogos e conflitos entre diferentes discursividades, visíveis na contraposição entre Alegações e Propostas de Ação – e na atribuição destas a entidades discursivas específicas.

Neste capítulo, procuramos descrever e analisar os modos como as youtubers feministas Nátaly e Louie legitimam a sua atuação na plataforma. Nos

termos da MEA, buscamos entender como a voz autoral se coloca frente à polêmica em torno do ativismo digital, de que maneira representa a comunidade discursiva cética em relação a essa atuação e como é a relação proposta entre as visões de mundo (Alegações) e formas de ação (Propostas de Ação) em disputa. Com isso, discutiremos a relação sugerida entre as comunidades discursivas.

Para tanto, desenvolvemos uma metodologia de análise que se processa em três etapas sequenciais: o *Mapeamento das entidades no Espaço Discursivo*, o *Mapeamento dos movimentos epistêmico-axiológicos* e a *Análise da Movimentação Epistêmico-Axiológica na constituição de estratégias discursivas*. Para cada etapa, desenvolvemos e recrutamos uma série de categorias de análise. Estabeleceremos, a seguir, as noções originais e as categorias de análise envolvidas em cada etapa.

Para o *Mapeamento das entidades no Espaço Discursivo*, foram elaboradas as noções de **comunidade discursiva**, **entidade discursiva** (Eu, Nós e Outro) e **campo epistêmico-axiológico**.

A **comunidade discursiva** corresponde a um grupo socialmente reconhecido com base em um determinado comportamento ou posicionamento discursivo. Em outras palavras, trata-se de um grupo social que se define não apenas a partir de sua visão de mundo comum, e sim, mais especificamente, por sua adesão a uma determinada Alegação ou Proposta de Ação a respeito de um certo problema prático ou epistêmico.

A perspectivação conceptual dessas comunidades discursivas é realizada por meio do estabelecimento de **entidades discursivas**⁴, mapeadas no Espaço Discursivo (Hart, 2014), em um primeiro momento, em termos da filiação ideológica (ao endogrupo ou ao exogrupo⁵) atribuída a elas pela voz autoral, como veremos mais à frente. Logo, as entidades discursivas correspondem a

⁴ Essa noção foi elaborada a partir dos conceitos de *entidade interna ao centro dêitico* e *entidade externa ao centro dêitico* (Cap, 2013) e inspiradas pelos conceitos de *eu político* e *nós político* da tradição francesa da Análise do Discurso (Cestari, 2015; 2017).

⁵ Neste trabalho, **endogrupo** e **exogrupo** são definidos "localmente" (dependem da discussão em jogo no texto) e determinam os valores do eixo epistêmico-axiológico a partir do qual as entidades discursivas (**Eu**, **Nós** e **Outro**), por sua vez, serão mapeadas no Espaço Discursivo. Por outro lado, serão considerados como categorias que referenciam divergências discursivas mais abrangentes, que não são determinados (apenas) pela questão em discussão. Trata-se de filiações ideológicas, o que inclui a questão em pauta, mas diz respeito a posicionamentos mais amplos (por exemplo, feministas e machistas, progressistas e conservadores, esquerda e direita, entre outros).

objetos do discurso (Koch, 2014), manipulados ao longo do texto para construir, subverter ou manter relações de solidariedade/neutralidade/antagonismo entre as comunidades discursivas representadas, bem como sugerir relações de complementariedade/alternatividade/oposição entre certas Alegações ou Propostas de Ação.

Na perspectiva aqui apresentada, entendemos o **Eu**⁶ como uma projeção discursiva da instância de produção que toma forma a partir da defesa de certos posicionamentos no texto. É esta a entidade que define o centro dêitico do texto e em torno da qual se constrói o **Nós**. No caso sob análise neste vídeo, o Nós consiste na comunidade de youtubers ativistas e seus apoiadores, todos aqueles que compreendem o ativismo digital como uma estratégia válida; logo, vê-se que essa entidade se refere ao efeito discursivo de uma voz coletivizada, à qual a voz autoral vez ou outra adere ou menciona ao longo dos textos.

Conforme ocorre essa articulação entre o Eu e o Nós, essas entidades passam a configurar um "complexo de vozes" (**complexo Eu-Nós**), responsável pelo efeito discursivo da coletivização, isto é, o efeito de que a posição argumentativa do Eu frente ao problema não é defendida por apenas um ator social, mas corresponde a um posicionamento coletivo, defendido por um grupo.

Em contrapartida, o **Outro** é uma entidade construída relativamente ao complexo Eu-Nós, em conflito ou oposição direta, para estabelecer o oponente argumentativo da voz autoral. Sua concepção equivale às entidades externas ao centro dêitico, conforme definidas por Hart (2014). Esses posicionamentos são construídos a partir de dissensos reais e são desenvolvidos para que a audiência reconheça as divisões do espaço discursivo conforme delimitadas pela voz autoral.

⁶ Essa noção é desenvolvida a partir das noções de *Self* trabalhadas por Cameron (2013), de centro dêitico de Chilton (2005), e entidade interna ao centro dêitico, de Cap (2013) e Hart (2014), ainda que elas não sejam plenamente correspondentes. Apoiamo-nos também na noção de voz autoral trabalhada por Martin e White (2005).

A delimitação das comunidades e das entidades discursivas é realizada por meio da análise da Configuração Funcional dos Argumentos⁷ (Toulmin, 2006; Gonçalves-Segundo, 2019, 2020; Fairclough; Fairclough, 2012), que nos permite identificar a questão argumentativa que organiza o espaço discursivo do texto, o seu **campo epistêmico-axiológico**⁸. Gonçalves-Segundo (2019, p. 112-113) define os layouts da Configuração Funcional dos Argumentos da seguinte forma:

[...] diz respeito aos scripts de operacionalização dos movimentos argumentativos. Tal dimensão está mais diretamente associada ao aspecto justificatório (ou lógico) da argumentação e, portanto, aos modos de organização do raciocínio argumentativo textualizado ou inferível, ainda que seja possível, por meio dela, dar conta do dissenso e do dialogismo inscritos na argumentação, concernentes ao aspecto comunicativo (ou retórico). Pelo estudo dessa dimensão, podemos depreender o papel das distintas proposições – derivadas de enunciados – na defesa de Alegações e de Propostas de Ação, por mais que tenhamos que reduzir, em maior ou menor grau, suas marcas enunciativas para compreendermos o raciocínio efetuado. É no âmbito dessa dimensão que se localizam os layouts de Toulmin ([2006]1958) e Fairclough & Fairclough (2012).

Denominamos esses campos *epistêmicos*, na medida em que definem uma determinada posição frente a um problema argumentativo, e *axiológicos*, posto que são orientados por um determinado sistema de valores (delimitado a partir de um discurso e/ou de uma filiação ideológica).

Para o *Mapeamento dos movimentos epistêmico-axiológicos*, desenvolvemos a concepção de **movimento epistêmico-axiológico**, que se subdivide entre **aproximação** e **afastamento** e as noções relacionadas de **região de proximidade epistêmico-axiológica** e **fronteira epistêmico-axiológica**.

Nesta etapa, investigamos de que forma a distância epistêmico-axiológica entre os posicionamentos é negociada, transformada e/ou mantida ao longo de um determinado texto, constituindo relações de complementariedade, alternatividade ou oposição entre as Alegações e Propostas de Ação em pauta, e, conseqüentemente, sugerindo relações de solidariedade, neutralidade ou

⁷ Para uma elaboração mais detalhada deste procedimento analítico na perspectiva da MEA, indicamos a leitura da dissertação de mestrado (Weiss, 2020).

⁸ A base dessa noção está presente em Hart (2014), mais especificamente nos conceitos de campo (*ground*) e de eixo avaliativo. O autor define *campo* como o "a zona imediatamente circundante ao centro dêitico" (Hart, 2014, p. 164). Embora não esteja definido pelo autor (ao menos nos textos aos quais tivemos acesso) em que consiste o *campo* no eixo avaliativo, aproveitamos a nomenclatura para propor uma definição mais detalhada.

antagonismo entre as comunidades discursivas a que as entidades fazem referência. Isso é verificado a partir da avaliação dos tipos de **movimentos epistêmico-axiológicos** realizados em um determinado texto. Eles consistem na exploração das intersecções e dos pontos de tensão epistêmico-axiológica entre os campos das entidades mapeadas textualmente.

Enquanto os **movimentos de afastamento epistêmico-axiológico** consistem em delimitar os princípios e parâmetros que delineiam as **fronteiras** entre os campos (de acordo com a voz autoral), os **movimentos de aproximação** se voltam para a construção de **regiões de proximidade epistêmico-axiológica**.

Para identificar os movimentos, processamos análises em dois níveis: o **nível macro** é realizado por meio da depreensão das relações entre Alegações e Propostas de Ação, além de outros elementos da Configuração Funcional; já o **nível micro**, por meio da análise da utilização dos recursos do sistema de AVALIATIVIDADE em trechos selecionados com base na diversidade de funções assumidas pela MEA na estrutura dos movimentos argumentativos (Martin; White, 2005).

A AVALIATIVIDADE, consiste em um sistema que permite inscrever a perspectiva intersubjetiva no discurso (Martin; White, 2005). Seus recursos são divididos entre ATITUDE, GRADAÇÃO e ENGAJAMENTO. Para esta pesquisa, voltamo-nos especialmente para os subsistemas da ATITUDE, cujos recursos ativam posicionamentos avaliativos positivos ou negativos, e do ENGAJAMENTO, que permite o posicionamento do enunciado frente a alternativas dialógicas reais ou potenciais, indicando o grau de engajamento da voz autoral com a perspectiva construída no enunciado.

As fronteiras e as regiões de proximidade têm o potencial de contribuir para a orientação da leitura do texto (que pode se tornar mais ou menos resistente ou complacente, por exemplo) e também para o convencimento e/ou persuasão de determinados auditórios. Além disso, elas permitem à/ao analista depreender os pontos de tensão dialógica que favorecem a construção de laços de solidariedade ou antagonismo entre as comunidades discursivas, num primeiro plano, e entre grupos sociais, mais amplamente.

Por fim, procura-se depreender os efeitos da mudança/manutenção desse mapeamento. Nesta última etapa, analisamos os efeitos discursivos dos

movimentos realizados no Espaço Discursivo sobre a relação entre as entidades discursivas e como isso se traduz em termos das relações entre as comunidades discursivas.

A terceira etapa, por sua vez, se volta para a análise dos **efeitos** (de **alternatividade/complementariedade/disputa** entre Alegações e Proposta de Ação; de **solidariedade/neutralidade/antagonismo** entre comunidades discursivas) gerados pela utilização da estratégia discursiva analisada.

Em suma, a partir da análise do mapeamento de entidades discursivas no Espaço Discursivo e de seus respectivos campos epistêmico-axiológicos, podemos depreender as relações entre Alegações e Propostas de Ação defendidas pelas comunidades discursivas representadas e, conseqüentemente, as diferenças entre suas crenças, seus comportamentos, seus valores e seus pontos de vista.

Em seguida, com a consideração dos movimentos de aproximação/afastamento epistêmico-axiológico, vemos quais são os efeitos discursivos gerados sobre as relações entre essas comunidades (solidariedade/antagonismo/neutralidade) a partir dos efeitos sobre as relações sugeridas entre as Alegações e Propostas de Ação em disputa (em termos de complementariedade/alternatividade/oposição).

3 Análise e interpretação

"ativismo digital é muito importante porque algumas pessoas só têm essa porta de entrada" (linha 1)⁹. É com essa afirmação que Louie Ponto, youtuber convidada, apresenta o tema do vídeo "YOUTUBER SÓ FALA MERDA NA INTERNET? Feat. Louie Ponto", bem como o posicionamento que será defendido por ela e por Nátaly Neri, a anfitriã do canal. Daí em diante, as youtubers discutem as dificuldades e, sobretudo, as críticas e o ceticismo em relação à efetividade do ativismo digital. Este debate dá prosseguimento a uma série de vídeos em que Nátaly Neri convidava produtores de conteúdo do YouTube (doravante chamados youtubers) para debaterem seus processos de

⁹ Neste momento, sugerimos a nossas leitoras e a nossos leitores que procedam à leitura da transcrição ou assistam ao vídeo, ambos disponibilizados nos Anexos deste capítulo.

produção e as dificuldades relacionadas ao seu trabalho. Neste caso, Nátaly convidara Louie para rebater as já mencionadas críticas, mas não só: elas apresentam sua própria visão sobre a qualidade e a efetividade de seu trabalho, com vistas a legitimá-lo.

A partir da afirmação inicial de Louie, as youtubers problematizam a própria atuação como ativistas na internet, reconhecendo seus detratores, projetando o ponto de vista dessa comunidade discursiva e refutando-o. É relevante ressaltarmos, a esse respeito, que ambos os pontos de vista em discussão são atribuídos a membros do endogrupo, que consiste naquelas e naqueles que compartilham ideais progressistas – ativistas e militantes dos movimentos feministas, LGBTQIAPN+¹⁰ e negros, de mulheres negras e de mulheres lésbicas – e objetivam *Construir comunidades engajadas em questões políticas e sociais*. Desse modo, a diferenciação entre o Eu-Nós e o Outro depende sobremaneira da delimitação dos campos epistêmico-axiológicos, os quais são definidos com base na adesão a uma das duas Propostas de Ação em resposta ao seguinte problema prático: *Apoiar youtubers ativistas é eficaz para construir comunidades engajadas capazes de debater questões sociais e levar à transformação social?*¹¹

Neste vídeo, a entidade discursiva Eu corresponde à Louie e à Nátaly, compreendidas como uma só voz autoral¹²; o Nós consiste nos “canais que falam sobre questões sociais de um modo geral” (linhas 23-24) ou, como temos chamado, “youtubers ativistas” e os demais membros de comunidades engajadas do YouTube – produtores de conteúdo e seguidores. A essas entidades é relacionada a Proposta de Ação *Apoie youtubers ativistas*. Já o Outro faz referência a uma comunidade discursiva cética, que desmerece ou ainda se mostra ativamente contrária aos “ativismos de internet” como formatos ou facetas legítimas de movimentos sociais. No vídeo, a essa entidade é atribuída a Contra-Proposta de Ação: *Não apoie youtubers ativistas*.

Vemos, portanto, que, embora seu Objetivo seja o mesmo e que ambas as entidades se localizem no campo do endogrupo, a tensão dialógica está

¹⁰ No decorrer das análises, utilizaremos a sigla LGBT pois foi essa a utilizada pelas youtubers no vídeo.

¹¹ Depreende-se, portanto, o Objetivo: *construir comunidades engajadas capazes de debater questões sociais e levar à transformação social*.

¹² Encaramos dessa forma porque ambas defendem as mesmas Proposta de Ação e Alegação.

centrada na escolha do curso de ação e nas justificativas que embasam sua postura, logo, trata-se de um debate de cunho epistêmico. A questão argumentativa que orienta este debate pode ser resumida da seguinte maneira: *é possível produzir ou promover conteúdo engajado no YouTube?*

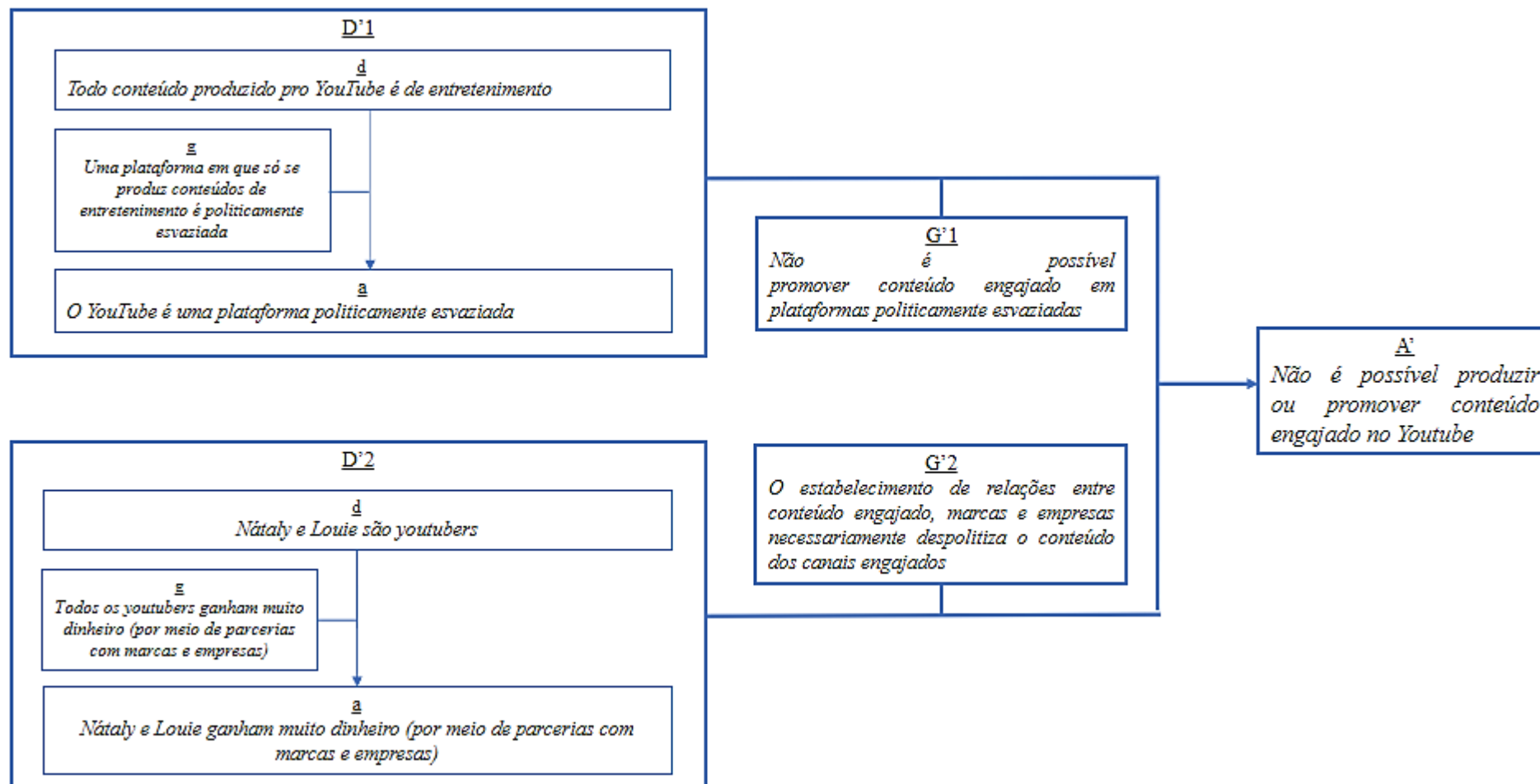
Conforme veremos a seguir, isso se reflete numa argumentação epistêmica que, mesmo quando se dispõe a demarcar as fronteiras entre os campos, está baseada em Valores comuns e privilegia a diminuição das distâncias epistêmico-axiológicas.

A delimitação do campo epistêmico-axiológico das entidades discursivas está sistematizada nas figuras das próximas páginas. Nesta subseção, os movimentos argumentativos realizados pelo Eu-Nós estão em rosa, e os movimentos atribuídos ao Outro estão em azul. Os elementos projetados como comuns entre ambas as entidades pelas youtubers estão em roxo. Como mais uma forma de diferenciação, adicionaremos um apóstrofo (') aos elementos argumentativos atribuídos ao Outro.

A Figura 1 nos mostra a dimensão epistêmica da composição do campo epistêmico-axiológico do Outro. Podemos perceber dois movimentos argumentativos que contribuem para a defesa da mesma Contra-Alegação A'¹³. O primeiro movimento (D'1, G'1) concebe o YouTube como uma plataforma politicamente esvaziada, uma vez que nele só se produziria e promoveria conteúdo de entretenimento. Já o segundo (D'2, G'2) diz respeito às youtubers em específico, denunciando a despolitização de seu conteúdo devido às parcerias estabelecidas com marcas e empresas privadas. Em suma, trata-se de uma argumentação que, para defender o seu ponto de vista, não só deslegitima as práticas discursivas e as estratégias políticas adotadas pelas youtubers, como coloca em xeque sua idoneidade.

¹³ Estamos denominando "Contra-Alegação" porque se trata da Alegação que será refutada pelas vozes autorais.

Figura 1. Limitações da plataforma YouTube e do ativismo digital: o ponto de vista do Outro

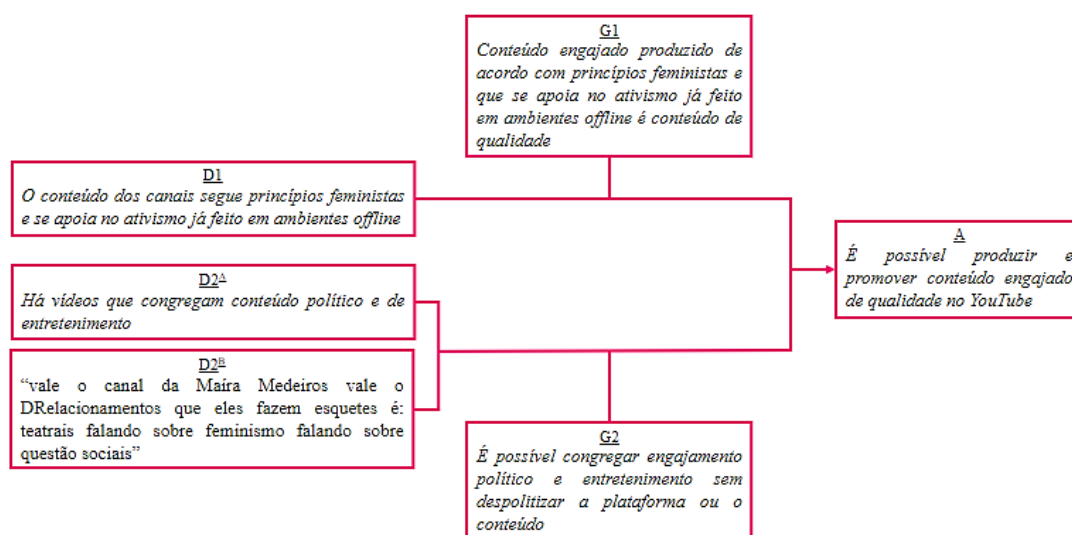


Fonte: elaboração própria.

Vejam os abaixo como se configura a faceta epistêmica do campo epistêmico-axiológico do Eu-Nós. Na Figura 2, podemos compreender os dois movimentos argumentativos efetuados pelas youtubers para refutar as críticas a elas direcionadas, por meio dos quais elas também apresentam uma outra perspectiva a respeito da plataforma em que atuam. Para a defesa da Alegação A, elas afirmam o engajamento feminista de seus canais (D1), tanto no que se refere aos seus princípios enquanto ativistas quanto no que se refere à ligação com o ativismo realizado fora do ambiente digital. Ademais, defendem a possibilidade de criar conteúdo de entretenimento que discuta questões sociais a partir de perspectivas feministas e engajadas politicamente.

A origem do dissenso que mobiliza este vídeo está localizada, portanto, no ponto de vista assumido frente à potencialidade da plataforma YouTube e do próprio ativismo digital. A seguir, apresentaremos como essas diferentes visões acerca do ativismo digital embasam diferentes movimentos argumentativos práticos, que também compõem o campo epistêmico-axiológico de cada entidade discursiva.

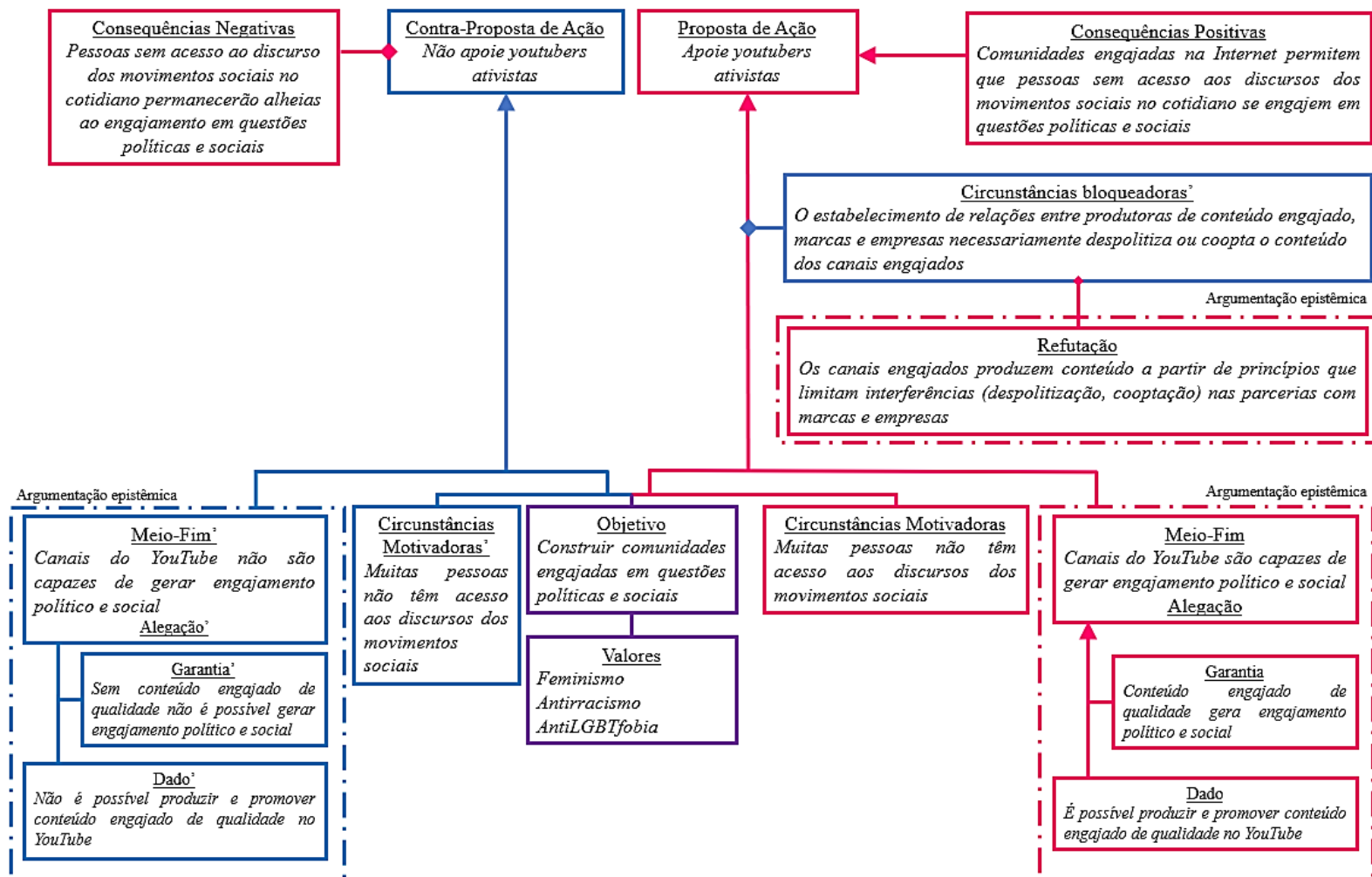
Figura 2. Potenciais da plataforma YouTube e do ativismo digital: a visão do Eu-Nós



Fonte: elaboração própria.

Do ponto de vista da Argumentação Prática, veremos que mesmo os elementos que estão intimamente relacionados à resposta ao problema epistêmico da qualidade/eficácia do conteúdo engajado de plataformas online participam da dimensão prática do desacordo.

Figura 3. Layout da Configuração Funcional Prática do vídeo "YOUTUBER SÓ FALA MERDA NA INTERNET? Feat. Louie Ponto"



Fonte: elaboração própria.

Na Figura 3, vemos que as youtubers projetam dois elementos comuns entre as entidades discursivas: o Objetivo e os Valores. Desse modo, elas elaboram uma região de proximidade epistêmico-axiológica essencial para a geração do efeito discursivo de Solidariedade, uma vez que, conforme veremos nas análises de nível micro, elas constantemente recorrem aos valores progressistas, sobretudo os feministas, para asseverar seu compromisso político e a possibilidade de produzir conteúdo engajado na plataforma.

Além disso, podemos perceber que as Circunstâncias Motivadoras são semelhantes. Aqui, o dissenso já desvelado na dimensão epistêmica se traduz, em termos da Argumentação Prática, como desacordo entre o Meio-Fim de cada entidade discursiva. O que está em jogo é a capacidade do conteúdo engajado produzido para o YouTube gerar engajamento político e social. O ceticismo em relação ao potencial dessa produção aparece também como Circunstância bloqueadora' em relação à defesa da Proposta de Ação defendida pelas youtubers, o que é refutado por meio de outro movimento já analisado na perspectiva epistêmica, que se refere às limitações impostas às parcerias com marcas e empresas pelos princípios feministas defendidos por Nátaly e Louie.

Por fim, destacamos as Consequências Positivas (decorrentes da Proposta de Ação) e as Consequências Negativas (decorrentes da Contra-Proposta de Ação) apresentadas. O potencial de promover o acesso ao discurso dos movimentos para pessoas alheias a questões sociais e políticas é, para Nátaly e Louie, um fator importante na legitimação do ativismo digital, uma vez que permitiria expandir a audiência potencial de pessoas interessadas em participar de comunidades engajadas em questões sociais e políticas. Veremos, na seção seguinte, que é, sobretudo, com base nessa compreensão que está assentada o efeito de Solidariedade entre as entidades discursivas proposto no vídeo.

3.1 Propondo alianças: movimentos epistêmico-axiológicos e o efeito discursivo de solidariedade

Nesta seção, vamos analisar, no nível micro, de que modo as youtubers se posicionam em relação à polêmica, refutando as críticas e apresentando seu

próprio ponto de vista. No trecho abaixo¹⁴, as youtubers apresentam sua concepção em relação ao papel de seus canais dentro da esfera de práticas ativistas, o que participa da defesa de sua Alegação (*É possível produzir e promover conteúdo engajado de qualidade no Youtube*) e de sua Proposta de Ação (*Apoie youtubers ativistas*). Nesse contexto, elas reforçam a permeabilidade das fronteiras epistêmico-axiológicas entre o Eu-Nós e o Outro, ambas entidades projetadas no campo mais amplo do endogrupo. Assim, ao mesmo tempo em que refutam a posição contrária (*Meio-Fim' e Circunstâncias bloqueadoras'*, que demonstram o ceticismo em relação ao ativismo digital), o esforço argumentativo está voltado para a sugestão de regiões de proximidade epistêmico-axiológica entre o Eu-Nós e o Outro a respeito do papel do ativismo digital e de sua relação com os movimentos sociais progressistas (*Consequências Positivas*). Vejamos.

- N o nosso conteúdo ele tá muito ligado nas coisas que a gente acredita então ele não é TÃO flexível asSIM claro que existem várias marcas que a gente consegue se identificar e que é muito importante pra gente conseguir parceria pra conseguir conseguir continuar com um trabalho consistente e de qualidade... mas é muito complicado o nosso tipo de conteúdo tamBÉM... especificamente porque a gente fala sobre feminismo né... a gente tá falando publicamente a gente tá falando sobre algo que não é meu e que não é da Louie a gente tá falando sobre questões que são de movimento obviamente que a gente não consegue abarcar tudo isso... por conta dos nossos limites enquanto pessoas
- L sim eu não vou poder falar sobre e POR nenhuma outra lésbica na verdade eu falo sobre a minha experiência mas é claro que com minha experiência eu acabo falando sobre outras pessoas porque é uma questão não é individual é uma questão poLítica só que eu tenho certeza que existe um limite também...
- L [...] ¹⁵ sabe o que eu penso antes de produzir um conteúdo? antes de gravar um vídeo? eu penso assim se eu fosse adolescente como eu me sentiria?
- N eu penso a mesma coisa eu penso a mesma coisa
- L porque eu não tive isso eu não tive representatividade é uma coisa muito importante e quando eu era criança quando eu era adolescente foi muito difícil pra mim porque eu não via representatividade [...]
- L existe toda uma vida fora da internet existe um ativismo fora da internet que é MUlto importante e que já tem uma história então de maneira nenhuma a gente pode desmerecer esse tipo de ativismo
- N muito pelo contrário a gente só está aqui porque esse ativismo foi feito
- L e nos trouxe até aqui
- N Exatamente

¹⁴ Essa análise terá como foco um excerto do vídeo que corresponde às linhas 52-83 da transcrição.

¹⁵ Suprimimos este trecho porque consiste em uma digressão que não colabora para os movimentos argumentativos analisados neste capítulo.

- L foi muita leitura da minha parte foi muita:... é foi uma conscientização pessoal primeiro que me trouxe até aqui... e/e o meu objetivo e a minha vontade é justamente de compartilhar este conhecimento
- N eXatamente é muito importante também as pessoas verem a gente não como criadoras de um conhecimento muitas vezes mas como PONte pra que esse conhecimento flua
- L e [[O ATIVISMO DIGITAL É MUITO IMPORTANTE]] o ativismo digital é muito importante porque às vezes é a única porta de entrada que algumas pessoas têm

Aqui, encontramos dois movimentos epistêmico-axiológicos.

O primeiro consiste em um *movimento de afastamento epistêmico-axiológico* que refuta as críticas atribuídas ao Outro, que seriam denúncias de uma suposta despolitização do conteúdo do ativismo digital, promovida em função das parcerias com marcas privadas estabelecidas pelas youtubers. Para refutar essa visão, elas mobilizam recursos de **Engajamento** que permitem delimitar as fronteiras epistêmico-axiológicas entre os campos.

Em primeiro lugar, reforçam seus compromissos políticos com os valores feministas ("**não é TÃO flexível asSIM**"), muito embora admitam um relacionamento com marcas – o que é feito por meio da *contração dialógica: declaração: expectativa confirmada* ("**claro que** existem várias marcas que a gente consegue se identificar"). Elas o justificam pela necessidade de fundos para garantir a continuidade de seus canais e a qualidade do conteúdo produzido ("**conseguir continuar com um trabalho consistente e de qualidade**").

Por outro lado, após reconhecer e conceder ao ponto de vista do outro, refutam, em específico, o potencial desse relacionamento de despolitizar seu conteúdo por meio da *contração dialógica: refutação: contraexpectativa* ("**mas** é muito complicado o nosso tipo de conteúdo tamBÉM"). O conteúdo dos canais e o estabelecimento de parcerias seria, portanto, orientado pelos princípios feministas, antirracistas e/ou pró-LGBTQIAPN+ das ativistas, o que *invoca* um *julgamento positivo de veracidade*, reforçando sua credibilidade como ativistas, que, ao colocarem seus princípios acima das necessidades ou oportunidades financeiras, geram uma em relação aos agentes do mercado. Ademais, apontam para uma relação entre o discurso feminista exposto em seus canais com estudos, debates e, em certa medida, a consideração de uma espécie de "posicionamento coletivo" ("**questões que são de movimento**"), que leva em conta as perspectivas do movimento feminista de forma ampla.

Por meio desse jogo de concessão ao discurso do Outro (realizado por meio da expectativa confirmada) e de refutação do mesmo (promovido pela contraexpectativa), as youtubers realizam um movimento de afastamento epistêmico-axiológico. A expectativa confirmada enfatiza a similaridade político-ideológica entre as entidades por meio da referência aos princípios progressistas (sobretudo feministas). Com as refutações, por outro lado, delimitam as distâncias entre os campos epistêmico-axiológicos em disputa: as diferentes visões a respeito das potencialidades do ativismo digital.

Isso é importante, pois, apesar de salientar que há diferenças nas estratégias e nas leituras do estado de coisas, as ressalvas do Outro (conforme atribuídas pelas youtubers) são reconhecidas e levadas em consideração, sugerindo uma aliança política e, portanto, uma relação de **Solidariedade**. Assim, vemos que mesmo um **movimento de afastamento epistêmico-axiológico**¹⁶ pode se mostrar relevante para a construção desse tipo de relação.

Em outro movimento argumentativo presente no mesmo trecho, as youtubers exploram o propósito do ativismo digital. Neste momento, efetuam um **movimento de aproximação epistêmico-axiológica**. Essa delimitação das funções do ativismo digital é realizada em dois momentos. Primeiramente, discute-se a relevância da representatividade para o público jovem e adolescente¹⁷. Em um segundo momento, as youtubers exploram a metáfora da ponte/porta de entrada para salientar o caráter de comunicação e propaganda do seu ativismo, potencializado por plataformas digitais como o YouTube.

A questão da representatividade é introduzida por meio da pergunta semirretórica "[...] sabe o que eu penso antes de produzir um conteúdo? antes de gravar um vídeo?". Nesse momento, Louie indica não apenas o público-alvo de seu ativismo, como também outros princípios que regem a sua produção de conteúdo: "eu penso assim se eu fosse adolescente como eu me sentiria?".

¹⁶ O motivo para considerarmos esse trecho um caso de afastamento e não de aproximação epistêmico-axiológica, mais especificamente, se dá pelo entendimento de que, embora saliente pontos de comunhão, em última instância, a concessão não leva ao efeito de complementariedade das Alegações em disputa. Pelo contrário, é fundamental refutar a crítica ao ativismo no YouTube para garantir a legitimidade das suas práticas.

¹⁷ Segundo pesquisa do Think With Google (2017), pessoas nascidas a partir dos anos 2000 representam uma parte importante da audiência do YouTube. Além disso, em 2016, metade das personalidades mais influentes entre os adolescentes eram youtubers de acordo com levantamento da consultoria Provokers (Think With Google, 2016).

Por um lado, o compartilhamento de experiências pessoais ("eu não tive isso eu não tive representatividade¹⁸") denota que as youtubers conhecem, em primeira mão, as consequências da falta de representatividade nas mídias e, também, da falta de acesso aos discursos afirmativos dos movimentos sociais. Com isso, mostram ter conhecimento partilhado suficiente com os alvos de seus processos empáticos para de fato entender "como elas se sentem". Assim, *invocam julgamentos positivos de capacidade: competência* que as legitimam enquanto ativistas capazes de produzir conteúdo engajado de qualidade, tendo em vista sua capacidade empática de se importar com sua audiência, considerar suas especificidades e agir para amenizar seu sofrimento, num movimento de conscientização e, possivelmente, de empoderamento.

Por outro lado, também destacam que sua formação política se deve ao ativismo "fora da internet" ("a gente só está aqui porque esse ativismo foi feito"). Isso, aliado aos seus processos de conscientização pessoal ("foi muita leitura da minha parte foi muita:... é foi uma conscientização pessoal primeiro que me trouxe até aqui..."), demonstra que não ignoram essa forma de atuação, interagindo e participando dessas dinâmicas.

A afirmação monoglóssica sobre a importância do ativismo não digital ("existe toda uma vida fora da internet existe um ativismo fora da internet que é MUITO importante e que já tem uma história") e a *contração dialógica: refutação: negação* ("então **de maneira nenhuma** a gente pode desmerecer esse tipo de ativismo") localizam as youtubers na defesa desse formato de ativismo, contribuindo para a atenuação do conflito entre as duas formas. Dessa forma, projetam uma região epistêmico-axiológica que congrega valores do ativismo de dentro e de fora da internet ("a gente só está aqui porque esse ativismo foi feito").

A partir disso, localizam um propósito bastante específico para o ativismo digital, com um público-alvo e princípios bem delimitados com vistas a amenizar a tensão entre as Propostas de Ação em "o meu objetivo e a minha vontade é justamente de compartilhar este conhecimento". Em outras palavras,

¹⁸ A discussão sobre representatividade, muito ligadas aos feminismos, movimentos negros e LGBTQIAPN+, demanda políticas de inclusão de certos grupos sociais historicamente marginalizados e excluídos socialmente, o que envolve desde reivindicações relacionadas ao mercado de trabalho, a criação de obras literárias e audiovisuais diversas, até resgates de figuras históricas por meio de pesquisas ou trabalhos de ficção.

as youtubers não sugerem que todo ativismo precise de uma faceta digital, tampouco que o ativismo deva ser realizado unicamente por meio da Internet. Antes, elas defendem a legitimidade de suas práticas enquanto um dos modos de ação dos movimentos feministas, negros e LGBTQIAPN+.

Esse objetivo é construído também como metáfora situada¹⁹ (Vereza, 2013): "é muito importante também as pessoas verem a gente não como criadoras de um conhecimento muitas vezes mas como **PONte** pra que esse conhecimento flua"; "o ativismo digital é muito importante porque às vezes é a única **porta de entrada** que algumas pessoas têm").

No quadro abaixo, detalhamos as projeções do domínio-fonte (PONTE/PORTA DE ENTRADA) para o domínio-alvo (ATIVISMO DIGITAL) autorizadas pela metáfora que se mostraram relevantes para nossas análises.

Quadro 1. A metáfora Ativismo digital é ponte/porta de entrada

DOMÍNIO-FONTE: PONTE/PORTA DE ENTRADA		DOMÍNIO-ALVO: ATIVISMO DIGITAL
Está presente em dois ambientes (A e B) simultaneamente	→	Dialoga tanto com os movimentos sociais quanto com o público mais geral
É construída para permitir que um agente se desloque de um ambiente A (origem) a um ambiente B (destino)	→	É feito para que uma pessoa alheia aos movimentos sociais possa ter contato com esses discursos
Agente que se desloca do ambiente A para o ambiente B	→	Jovens alheias aos discursos dos movimentos sociais - sobretudo mulheres negras e/ou LGBTQIAPN+
Passagem pela porta/Travessia pela ponte	→	Contato com os conteúdos produzidos pelo ativismo digital
Ambiente A: onde se encontra o Agente antes do deslocamento (origem)	→	Discursividades conservadoras hegemônicas
Ambiente B: onde se encontra o Agente após o deslocamento (destino)	→	Discursividades progressistas contra-hegemônicas

Fonte: Weiss (2020, p. 243).

O principal aspecto do domínio-fonte é a sua capacidade de prover uma estrutura por meio da qual um agente se desloca de um ambiente A (origem) para um ambiente B (destino). Isso é projetado no domínio-alvo para salientar o entendimento de que o ativismo digital seria capaz de prover uma estrutura

¹⁹ Mais especificamente, trata-se de metáfora situada mista, que consiste na combinação de uma ou mais metáforas no discurso (Gibbs, 2016, p. IX).

(comunidade engajada na internet) por meio da qual jovens alheias aos movimentos sociais poderiam ter um primeiro contato com esses discursos. O ativismo digital seria, portanto, capaz de promover processos de conscientização pessoais e coletivos a partir do compartilhamento de saberes dos movimentos sociais, o que auxiliaria essas jovens, originalmente filiadas às discursividades hegemônicas (racistas, machistas, heteronormativas), a engajarem-se em processos de revisão de crenças e a efetuar mudanças em seu comportamento discursivo e prático – possivelmente participando de comunidades engajadas posteriormente.

Nessa visão, o ativismo digital assumiria uma posição de intermediação entre os movimentos sociais progressistas e as pessoas alheias a esses discursos. Dessa forma, as youtubers seriam responsáveis por interagir com adolescentes e jovens sem acesso a ou com um contato limitado com os discursos antiopressão em outros espaços, colaborando para que “o conhecimento flua”, isto é, divulgando as visões de mundo, pautas e agendas envolvidas nesses movimentos. Lembramos que foi justamente com essa metáfora que iniciamos a seção de análises. Também com ela as youtubers iniciaram o vídeo. Acreditamos que seja, ao fim e ao cabo, este o propósito dos movimentos argumentativos de caráter epistêmico e prático elaborados pelas youtubers: legitimar o ativismo digital como uma estratégia de comunicação dos movimentos sociais, no sentido de divulgar pautas e visões de mundo para um público mais amplo, sobretudo de gerações mais jovens e alheios a questões sociais e políticas.

Em resumo, vimos que, por meio do movimento de afastamento epistêmico-axiológico, as youtubers refutam as críticas a respeito da plataforma e a sua atuação, reafirmando seu compromisso com princípios feministas. No movimento de aproximação epistêmico-axiológica, destacaram sua relação com o ativismo “fora da internet” e propuseram uma aliança política com os atores envolvidos.

Considerações finais

Ao longo deste capítulo, procuramos demonstrar que a tensão argumentativa do vídeo está relacionada a divergências que se processam

tanto na dimensão epistêmica quanto na prática. Para diminuir essa tensão, as youtubers enfatizam as premissas compartilhadas entre as comunidades, nomeadamente os Valores e Objetivos, e também concedem estrategicamente à Alegação de que produzir ou promover conteúdo politicamente engajado no YouTube seria inviável.

Nesse contexto, são mobilizados tanto movimentos de afastamento quanto de aproximação epistêmico-axiológica: elas refutam as críticas que deslegitimam a sua atuação, mas simultaneamente salientam pontos de acordo e projetam uma forma de entender os ativismos digitais que os torna intimamente ligados à atuação offline dos movimentos sociais: seriam "pontes" ou "portas de entrada", divulgando para audiências maiores suas pautas e visões de mundo. Trata-se da metáfora: ATIVISMO DIGITAL É PONTE/PORTA DE ENTRADA, a qual embasa o entendimento de que o ativismo digital se localiza no intermédio entre o movimento social e audiências não engajadas. Dessa forma, afirmam que o seu conteúdo é não só didático, crítico e de qualidade, mas o mais importante: acessível.

O detalhamento dessa suposta "acessibilidade" é parte fundamental do movimento argumentativo de Refutação da posição do Outro. Em sua defesa, as youtubers argumentam que a natureza e os objetivos comerciais do YouTube não exercem coerção suficiente sobre suas práticas a ponto de influenciar os princípios políticos da sua produção de conteúdo. Seu movimento argumentativo age, portanto, no sentido de defender as próprias práticas, e também é produtivo para defender as potencialidades desse espaço de sociabilidade online (na perspectiva da comunidade de produção de conteúdo). Para as youtubers, trata-se de um aproveitamento estratégico da plataforma como espaço para produzir conteúdo engajado.

Assim, os canais engajados no YouTube (e o ativismo digital como um todo) como espaços de "ponte" ou "porta de entrada" teriam como propósito oferecer uma espécie de formação política básica, preocupada em didatizar e divulgar questões dos ativismos feministas, negros e LGBTQIAPN+, sobretudo para o público adolescente. Isso se justificaria pela baixa capilaridade desses debates em determinados territórios e espaços institucionais, como as escolas e a mídia hegemônica (que elas exemplificam por meio das próprias experiências).

Em resumo, elas reafirmam o compromisso com os Valores (Feminismo, Antirracismo, AntiLGBTQIAPN+fobia) e os Objetivos em comum com o Outro (*Construir comunidades engajadas em questões políticas e sociais*). Dessa forma, mesmo com uma relação de **Oposição** entre Alegações e Propostas de Ação, procuram legitimar sua atuação no campo progressista por meio de uma relação de **Solidariedade** com o Outro.

Referências

ALVAREZ, Sonia. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 13-56, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645074>.

BARROS, Thiane Neves. Estamos em marcha! Escrevendo, agindo e quebrando códigos. In: SILVA, Tarcízio. **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais**: olhares afrodiaspóricos. São Paulo: Editora LiteraRUA, 2020, p. 184-199. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339954112_Comunidades_Algoritmos_e_Ativismos_Digitais_olhares_afrodiasporicos. Acesso em: 31 out. 2020.

BARROS, Zelinda. **Feminismo Negro e Internet**. Disponível em: https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet. Acesso em: 28 ago. 2020.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos Sociais na Era da Internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAMERON, Lynne. **Living with Uncertainty**: A dynamic model of empathy and dyspathy, 2013. Disponível em: <https://www5.open.ac.uk/research-projects/living-with-uncertainty/sites/www.open.ac.uk/research-projects/living-with-uncertainty/files/files/6%20Empathy%20model.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2017.

CAP, Piotr. **Proximity**: The pragmatics of symbolic distance crossing. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013.

CAP, Piotr. Expanding CDS Methodology by Cognitive-Pragmatic Tools: Proximity Theory and Public Space Discourses. In: CAP, Piotr; HART, Christopher. **Contemporary Critical Discourse Studies**. London/New York: Bloomsbury Academic, 2014a, p. 189-210.

CAP, Piotr. Applying cognitive pragmatics to Critical Discourse Studies: A proximity analysis of three public space discourses. **Journal of Pragmatics**, v. 70, p. 16-30, 2014b. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2014.05.008>.

CAP, Piotr. Crossing symbolic distances in political discourse space. **Critical Discourse Studies**, v. 3, n. 12, p. 313-329, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/17405904.2015.1013481>.

CESTARI, Mariana Jafet. **Vozes-mulheres negras ou feministas e antirracistas graças às Yabás**. 264f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

CESTARI, Mariana Jafet. Por uma tomada de posição feminista e antirracista na Análise do Discurso. In: ZOPPI FONTANA, Mônica G.; FERRARI, Ana Josefina. **Mulheres em Discurso**: identificações de gênero e práticas de resistência. Volume 2. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 183-203.

CHILTON, Paul. Discourse Space Theory: Geometry, Brain and Shifting Viewpoints. **Annual Review of Cognitive Linguistics**, v. 3, p. 78-116, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Isabela; FAIRCLOUGH, Norman. **Political Discourse Analysis**. Londres/Nova York: Routledge, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. Semiosis, ideology and mediation: A dialectical view. In: LASSEN, Inger; STRUNCK, Jeanne; VESTERGAARD, Torben. (Eds.). **Mediating Ideology in Text and Image**: Ten critical studies. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006, p. 19-36.

FAIRCLOUGH, Norman. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. Tradução: Iran Ferreira de Melo. **Linha D'água**, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.

GIBBS, Raymond W. **Mixing metaphor**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2016.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A relevância da noção de perspectivação conceptual (*construal*) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise. **Letras**, Santa Maria, v. 27, n. 54, p. 69-100, 2017.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e Prática Social. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tomaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (Orgs.). **Análise do Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018, p. 79-103.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A configuração funcional da argumentação prática: uma releitura do layout de Fairclough & Fairclough (2012). **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 19, v. 2, p. 109-137, 2019.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A configuração funcional da argumentação epistêmica: uma releitura do layout de Toulmin em perspectiva multidisciplinar. **BAKHTINIANA - REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO**, v. 15, p. 236-266, 2020.

HALLIDAY, Michael A. K. **Introduction to Functional Grammar**. London/New York: Routledge, 2014.

HART, Christopher. **Discourse, Grammar and Ideology**: functional and cognitive perspectives. London/New York, Bloomsbury, 2014.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução: O grifo é meu. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.) **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 11-19.

KOCH, Ingedore Villça. **As tramas do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MARTIN, James; WHITE, Peter. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 56, p. 1-34, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201900560012>.

SARMET, Érica. Feminismo lésbico. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 379-399.

THINK WITH GOOGLE. **Youtubers fazem a cabeça dos jovens**. 2016. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/youtube-teens/>. Acesso em: 17 set. 2020.

THINK WITH GOOGLE; ORBERG, Clarissa. **YouTube Kids**: um ano de diversão para os pequenos, tranquilidade para os pais e oportunidade para as marcas. 2017. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/youtube-kids-um-ano-de-divers%C3%A3o-para-os-pequenos/>. Acesso em: 17 set. 2020.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

VEREZA, Solange. "Metáfora é que nem...": cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**, Santa Cruz do Sul, n. 65, v. 38, p. 2-21, 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/4543>. Acesso em: 01 abr. 2019.

WEISS, Winola. **Movimentação Epistêmico-Axiológica em canais de ativismo digital feminista: uma perspectiva multidisciplinar.** 308f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2020.tde-21052021-182819>.

Fontes

YOUTUBER SÓ FALA MERDA NA INTERNET? Feat. Louie Ponto. Publicado pelo canal Nátaly Neri. 2017a, 8 min. 1 s., son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCMzbWdEZn4>. Acesso em: 01 abr. 2019.

Anexos

Anexo 1 – "YOUTUBER SÓ FALA MERDA NA INTERNET? Feat. Louie Ponto"



Canal: Nátaly Neri (à época, Afros e Afins por Nátaly Neri)

Postado em: 15 de abril de 2017

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCMzbWdEZn4>

Acesso em: 23 de janeiro de 2020, às 11:45

Número de visualizações na data do acesso: 85.646 visualizações

Número de curtidas na data do acesso: 15 mil curtidas

Número de dislikes na data do acesso: 81 dislikes

Número de comentários na data do acesso: 464 comentários

- 1 L ativismo digital é muito importante porque algumas pessoas só tem essa porta de entrada
2 N pode mandar essa ((risos)) manda... manda agora...
3 [[INTRO]]
4 N meu nome é Nátaly Neri e esse é meu canal Afro e Afins sejam muito bem vindos... hoje estamos
5 aqui com mais uma convidada muito especial Louie PonTO
6 L eu
7 N eu descobri que não é esse o nome dela
8 L ai polêmicas
9 N polêmicas hoje... fiquei chocada... mas não vou dizer pra você saber... um pouco mais sobre Louie
10 você tem que ir no canal dela e se inscrever... fala um pouco sobre o seu canal... rapidão
11 L nossa eu não tava preparada pra isso ((risos))
12 N aqui é assim tchutchutchutchu é rápido ela fala sobre vivências da mulher lésbica ela fala sobre
13 feminismo ela fala sobre atualidades ela fala sobre vegetarianismo... e: sempre tomando chazinho
14 de uma forma muito querida
15 L é verdade não tô tomando chá hoje será que vai sair o vídeo? ((risos))
16 N ah meu deus eu dei um café pra ela antes só deus sabe o que vai acontecer ((risos)) hoje a gente
17 vai falar basicamente sobre nós ((risos)) sobre o trabalho que a gente faz no YouTube... eu já fiz
18 um vídeo sobre isso um vídeo que eu vou deixar aqui que é muito importante
19 #suporteyoutubersnegros só que nele eu falei sobre as dificuldades sobre as potencialidades dos
20 canais negros voltados pros criadores de conteúdo engajado que falam sobre negritude sobre
21 questões raciais... só que essas dificuldades não moram só nos canais negros mas moram nos
22 canais que falam sobre questões sociais de um modo geral
23 L por exemplo existe uma ideia de que todo conteúdo produzido pro YouTube é um conteúdo de
24 entretenimento e soMENTte de entretenimento... e não tem problema tem um monte de canais
25 que tem realmente esse objetivo... mas não são todos os youtubers que estão aqui na plataforma
26 com o objetivo de fazer vídeo... de entretenimento... vídeo engraçado... apesar de que a gente
27 pode também fazer esse tipo de vídeo só que a gente tá aqui no YouTube com outro objetivo além
28 desse
29 N exatamente... e essa é uma coisa que me pegou muito principalmente agora: depois que meu canal
30 cresceu que as pessoas principalmente nos ambientes acadêmicos me julgam MUlto ironizam o
31 fato de eu ser Youtuber... tipo isso também acontece com você
32 L aham
33 N porque você também tá no ambiente acadêmico né? Louie está no mestrado indo para o
34 doutorado estamos conversando aqui com uma mulher muito inteligente mas é uma coisa que
35 acontece muito comigo na universidade de ironizarem o fato de eu estar me formando em Ciências
36 Sociais e ser youtuber como se o YouTube fosse uma plataforma esvaziada e que você não
37 consegue desenvolver absolutamente nada com seriedade
38 L sabe uma coisa engraçada? eu já vi pessoas que tem canal no YouTube e não se dizem youtubers
39 e tem... certo receio tipo ah eu tenho um canal mas eu não sou youtuber eu sou produTOR de
40 conteúdo digiTAL mas cara você tá no YouTube qual o problema de dizer que você é um youtuber?
41 não tem problema... eu sempre fiquei muito nervosa com o número de inscritos eu sempre fiquei
42 nossa nossa eu preciso ter um milhão eu preciso ter dois milhões três milhões porque era isso que
43 eu VIA de outros canais só que eu preciso entender que a relevância do meu canal não é
44 exatamente um NÚmero que eu alcanço mas é a diferença que eu FAço na vida das pessoas que
45 me acompanham e é por isso que eu estou aqui

- 46 N exataMente realmente existe essa ideia que nossos canais são riQUÍssimos porque youtubers são
47 riQUÍssimos... só que a gente entra no tipo de conteúdo que a gente produz e principalmente nos
48 nossos posicionamentos
- 49 L na verdade eu gasto mais dinheiro no YouTube do que recebo e essa é uma coisa muito curiosa
50 porque o meu canal cresceu e as pessoas acham que por ter crescido eu tô rica ou eu tô ganhando
51 muito dinheiro
- 52 N o nosso conteúdo ele tá muito ligado nas coisas que a gente acredita então ele não é TÃO flexível
53 asSIM claro que existem várias marcas que a gente consegue se identificar e que é muito
54 importante pra gente conseguir parceria pra conseguir continuar com um trabalho
55 consistente e de qualidade... mas é muito complicado o nosso tipo de conteúdo tamBÉM...
56 especificamente porque a gente fala sobre feminismo né... a gente tá falando publicamente a
57 gente tá falando sobre algo que não é meu e que não é da Louie a gente tá falando sobre questões
58 que são de movimento obviamente que a gente não consegue abarcar tudo isso... por conta dos
59 nossos limites enquanto pessoas
- 60 L sim eu não vou poder falar sobre e POR nenhuma outra lésbica na verdade eu falo sobre a minha
61 experiência mas é claro que com minha experiência eu acabo falando sobre outras pessoas porque
62 é uma questão não é individual é uma questão poLítica só que eu tenho certeza que existe um
63 limite também... sabe o que eu penso antes de produzir um conteúdo? antes de gravar um vídeo?
64 eu penso assim se eu fosse adolescente como eu me sentiria?
- 65 N eu penso a mesma coisa eu penso a mesma coisa
- 66 [
- 67 L porque eu não tive isso eu não tive representatividade é uma coisa muito importante e quando eu
68 era criança quando eu era adolescente foi muito difícil pra mim porque eu não via
69 representatividade existe toda uma (buzina de caminhão) que ódio... será que eu posso?
- 70 N agora vai
- 71 L existe toda uma vida fora da internet existe um ativismo fora da internet que é MUItto importante
72 e que já tem uma história então de maneira nenhuma a gente pode desmerecer esse tipo de
73 ativismo
- 74 N muito pelo contrário a gente só está aqui porque esse ativismo foi feito
- 75 L e nos trouxe até aqui
- 76 N exatamente
- 77 L foi muita leitura da minha parte foi muita:... é foi uma conscientização pessoal primeiro que me
78 trouxe até aqui... e/e o meu objetivo e a minha vontade é justamente de compartilhar este
79 conhecimento
- 80 N eXAtamente é muito importante também as pessoas verem a gente não como criadoras de um
81 conhecimento muitas vezes mas como PONte pra que esse conhecimento flua
- 82 L e [[O ATIVISMO DIGITAL É MUITO IMPORTANTE]] o ativismo digital é muito importante porque às
83 vezes é a única porta de entrada que algumas pessoas têm
- 84 N eXAtamente ((risos)) é exatamente isso gente é basicamente isso mesmo é que uma coisa que
85 também sempre acontece comigo é que como eu falo também de beleza as pessoas tentam reduzir
86 o meu conteúdo em absoluto a beleza... e não que seja um problema falar sobre beleza de forma
87 alguma se eu não ti/se não tivesse os vídeos sobre beleza sobre cabelo na internet eu estaria
88 alisada até hoje muito provavelmente só que como as pessoas estão desacostumadas com o
89 conteúdo que a gente FAZ realmente não enxergam que eu possa falar de beleza e posso também
90 falar de política e de questões sociais

- 91 L mas você falou um negócio que eu achei muito interessante que como as vezes um conteúdo de
92 beleza pode ser um conteúdo de beleza engajado porque você disse.... ((buzina do trem)) porque
93 você disse... ((buzina do trem novamente)) o/eu to com um ódio desse trem agora você estão
94 entendendo o que que eu passo ser youtuber não é fácil não ainda mais morando do lado do trem
95 aqui ((buzina do trem)) ((risos)) porque você disse que se não fosse esse tipo de conteúdo você
96 ainda estaria alisando o cabelo por exemplo
- 97 N eXAtaMente então todos os conteúdos são extremamente importantes
- 98 L a gente não precisa separar conteúdo de entretenimento... conteúdo engajado cara você pode
99 fazer um conteúdo engajado de uma forma engraçada por exemplo.
- 100 N vale o canal da Maíra Medeiros vale o DRelacionamentos que eles fazem esquetes é: teatrais
101 falando sobre feminismo falando sobre questão sociais isso é... nossa eu acho isso poderosíssimo
102 L então eu acho que resumindo tudo o que a gente falou agora foi pra passar passar uma mensagem
103 MULto imporTANte apoiem os produtores de conteúdo que vocês gostem
104 N (uhum)
- 105 L e porque eu acho também que as vezes as pessoas não tem muita noção do que tá por trás do
106 nosso trabalho
- 107 N eXAtamente e aí a gente vem aqui abrir as portas da nossa casa pra vocês contar dos nossos
108 processos... eu peço pra você que se você também produz conteúdo na internet que você comece
109 abrir essas discussões
- 110 L e se você não produz conteúdo mas tem vontade de produzir conteúdo por faVOR comece aGOra
111 N exatamente o YouTube nunca vai tá cheio demais é muito legal a gente conseguir engajar cada vez
112 mais uma comunidade interessada em questões políticas e sociais... pra mostrar que o YouTube é
113 um lugar foda e eu não tenho vergonha de de dizer que sou youtuber
- 114 L arrasou... e não se esqueçam de passar no meu canal e ver o vídeo que gravei com Nátaly porque
115 ficou um amorzinho adorei
- 116 N ficou mesmo ficou legal demais
- 117 [
- 118 L adorei me dá um abraço aqui.
- 119 N muito obrigada por ter vindo no meu canal gente espero que vocês tenham gostado da Louie
120 conheça o canal dela o trabalho dela é muito muito importante muito gostoso de assistir também
121 é isso grande beijo e até o próximo vídeo tchau ah e deixa o like e se inscreve também aqui vai
122 gente eu sei que um monte de gente assiste e não é inscrito mancada heim
- 123 L tem gente que assiste e não dá like gente por favor né ajudamos aí no entretenimento aquelas
124 ((risos))

Sobre os/as organizadores/as

Paulo Roberto GONÇALVES-SEGUNDO

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), é professor associado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, na qual lidera o grupo de pesquisa NEAC, desenvolve investigações sobre gramática, cognição e discurso, orienta dissertações e teses, ministra aulas na graduação e pós-graduação. Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP e atuou como professor visitante na Universidade do Porto (Portugal). É coeditor da Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação e editor-chefe da Revista Linha D'Água e coordena a Licenciatura em Letras da USP.

E-mail: paulosegundo@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6353387449595467>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5592-8098>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Paulo-Goncalves-Segundo>

Célia Regina ARAES

Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Realizou pesquisa sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade, investigando o discurso de mídias impressas sobre acidentes que envolvem a destruição do meio ambiente. Obteve financiamento CAPES. É mestra em Letras pela mesma Instituição tendo realizado pesquisa sobre gêneros discursivos no ensino de Língua Portuguesa. Integra o grupo de pesquisa "Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC)" (USP/CNPq). Atuou como professora na educação básica e no ensino superior por mais de 25 anos.

E-mail: celia.araes@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3898749425633827>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2613-646X>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Celia-Araes>

Gabriel ISOLA-LANZONI

Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP). A pesquisa de doutorado objetiva investigar a prática de Divulgação Científica Politizada (DCP), definida por três eixos que articulam estudos sobre Filosofia da Ciência, Natureza da Ciência, Argumentação, Explicação, Divulgação Científica e Redes Sociais. Integra os Grupos de Pesquisa ELAD (UESC/CNPq), SAL (UFMS/CNPq) e NEAC (USP/CNPq). É membro do "Grupo de Investigadores em Ciências da Linguagem - GICIL", vinculado à Universidade do Porto (Portugal). Atuou como orientador de TCCs do curso de Pedagogia na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). Atualmente é Editor Associado do periódico Linha D'Água (USP) e integra a Comissão Editorial do periódico REDIS (Universidade do Porto, Portugal).

E-mail: gabriel.lanzoni@usp.br | isolalanzoni@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3183119565418168>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2066-1298>

ResearchGate: <http://researchgate.net/profile/Gabriel-Isola-Lanzoni>

Larissa Vieira de CERQUEIRA

Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP), sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro, linha de pesquisa Linguística Textual e Teorias do Discurso no Português, com pesquisa intitulada "Dia Internacional da mulher em discursos presidenciais: três tempos em diálogo (2014/2017/2022)", apoio CAPES. Bacharela e Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela mesma instituição (2021), com pesquisa de Iniciação Científica intitulada "Interfaces da contra-argumentação em livros didáticos das décadas de 1990 e de 2010", apoio FAPESP. Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagens, discurso e ensino (USP/CNPq).

E-mail: larissa.cerqueira@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3859083902850545>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0474-2602>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Larissa-Cerqueira-3>

Lucas Pereira DA SILVA

Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP). É mestre pelo mesmo Programa (2022). A pesquisa de doutorado tem se voltado, a partir de um olhar intercultural, ao estudo de práticas de aconselhamentos em mídias digitais. Integra os grupos de pesquisa "Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso (ELAD)" (UESC/CNPq) e "Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC)" (USP/CNPq). É membro do "Projeto DIA - Discurso, Interação e Argumentação em Mídias Digitais" (USP).

E-mail: lucas.pereira.silva@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4328775321079431>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1670-8129>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Lucas-Da-Silva-33>

Nathalia Akemi Sato MITSUNARI

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP), com período de estágio na Université Lumière Lyon 2 (unité de recherche Lettres et Civilisations Étrangères). É mestre pelo mesmo programa de pós-graduação, com extensão universitária na Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica. Integra o Grupo de Pesquisa USP/CNPq Linguagens, Discurso e Ensino. É editora de texto do periódico Linha D'Água (USP).

E-mail: nathalia.mitsunari@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3304249052164313>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1389-9337>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Nathalia-Mitsunari>

Sandra Gomes RASQUEL

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP). É mestre pelo mesmo Programa (2021). A pesquisa de doutorado objetiva investigar a formação e a dinâmica de funcionamento das alianças argumentativas em interações polilógicas em comunidades virtuais. Integra o Projeto "Discurso, Interação e Argumentação em Mídias Digitais (Projeto DIA)" e o Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC)" (USP, CNPq).

E-mail: sangr@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6702365076587316>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9204-7209>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Sandra-Rasquel-2>

Sobre os/as autores/as

Adelmo Cordeiro GALINDO

Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (Brasil), orientado pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo. Participa dos grupos de pesquisa: Grupo de Estudos do Discurso, da USP (GEDUSP) e Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC), da USP. Atualmente é coordenador editorial na Editora Cidade Nova. Foi professor adjunto ligado ao Curso de Jornalismo da Universidade Paulista. Tem experiência como professor de italiano, francês e Língua Portuguesa.

E-mail: adelmo.galindo@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6103401985522385>

André de Oliveira MATUMOTO

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPGFLP/USP), sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves-Segundo. É graduado em Letras (Linguística/Português) pela mesma instituição. Realizou iniciação científica, com financiamento da FAPESP, sobre a representação multimodal do Brasil nos videogames. Atualmente pesquisa questões relacionadas à multimodalidade, game studies e JRPGs (Japanese role-playing games, ou jogos japoneses de interpretação de papéis), com financiamento da CAPES. É membro do projeto de pesquisa "Discurso, Interação e Argumentação em Mídias Digitais" (FFLCH-USP), e dos grupos de pesquisa "Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso da USP" (NEAC-USP) e "Sistêmica, Ambientes e Linguagens" (SAL). Integra também a equipe técnica da revista Linha D'Água (USP).

E-mail: andrematumoto@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2928488072881498>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3544-3576>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Andre-De-Oliveira-Matamoto>

Camille GUICHARD-LIBERSAC

Doutoranda em cotutela internacional, no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto, e no Departamento de Linguística da Universidade de Bordeaux Montaigne na França, sob a orientação do Prof. Dr. Giovanni Agresti. Possui mestrado na área de "Plurilinguismo e contacto de línguas" pela Université Bordeaux Montaigne e realizou uma pesquisa sobre o analfabetismo dos adultos no Nordeste do Brasil. Atualmente, desenvolve uma pesquisa sobre as estratégias discursivas usadas na construção do ethos de pessoas trans na França e no Brasil. É membro do laboratório IKER (UMR 5478) na França, bem como do GEPPEP (Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise) na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

E-mail: camille.libersac@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8999096259520209>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1507-5892>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Camille-Guichard-Libersac>

Deize Crespim PEREIRA

Professora do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, desde 2006. É orientadora no PPG-LETRA (Letras Estrangeiras e Tradução), na área de concentração de Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Práticas discursivas, linguísticas e processos indenitários. Possui graduação em Letras (Armênio e Português) pela Universidade de São Paulo (1998), Mestrado em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2004), Doutorado em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2007) e Livre-Docência em Letras (Literatura Armênia) pela Universidade de São Paulo (2021).

E-mail: deize.pereira@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3704111845177465>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8157-3000>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Deize-Crespim-Pereira>

Denise DURANTE

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPGFLP/USP). É mestre em Língua e Literatura Italiana (DLM/USP) e bacharel em Letras (FFLCH-USP). Possui certificado de Pós-Doutorado em Letras (PPGFLP/USP). É docente titular da Faculdade de Tecnologia (FATEC) do Estado de São Paulo. Realiza pesquisas sobre argumentação, linguagem publicitária e as relações entre oralidade e escrita no discurso. Integra o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC-USP).

E-mail: denise.durante@fatec.sp.gov.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4045482145479186>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3850-1049>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Denise-Durante-2>

Gabriel ISOLA-LANZONI

Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP). A pesquisa de doutorado objetiva investigar a prática de Divulgação Científica Politizada, definida por três eixos que articulam estudos sobre Filosofia da Ciência, Natureza da Ciência, Argumentação, Explicação, Divulgação Científica e Redes Sociais. Integra os Grupos de Pesquisa ELAD (UESC/CNPq) e SAL (UFMS/CNPq). É membro do "Grupo de Investigadores em Ciências da Linguagem - GICIL", vinculado à Universidade do Porto (Portugal). Atuou como orientador de TCCs do curso de Pedagogia na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). Atualmente é Editor Associado do periódico Linha D'Água (USP) e integra a Comissão Editorial do periódico REDIS (Universidade do Porto, Portugal).

E-mail: gabriel.lanzoni@usp.br | isolalanzoni@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3183119565418168>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2066-1298>

ResearchGate: <http://researchgate.net/profile/Gabriel-Isola-Lanzoni>

Iran Ferreira de MELO

Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (Progel-UFRPE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPE). É pesquisador do Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC-USP). Professor de Linguística Queer, Análise Crítica do Discurso e Educação em Direitos Humanos (UFRPE/UFPE), além de coordenador do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais (NuQueer) e Presidente da Comissão para Elaboração de Políticas Dirigidas à População LGBTQIAPN+ da UFRPE.

E-mail: iranmelo@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4517549119922498>

ORCID: <http://lattes.cnpq.br/4517549119922498>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Iran-Melo>

Jackelin Wertheimer CAVALCANTE

Publicitária graduada e pós-graduada pela Universidade Mackenzie, começou sua trilha acadêmica, após quase uma década de trabalho com Marketing Digital, no curso de extensão Análise do Discurso: O que é, como se faz?, do COGEAE, instituição da PUC-SP. Em seguida, com a ajuda da CAPES, fez seu mestrado com foco em Análise do Discurso Enunciativa e Ergologia no LAEL, da PUC-SP, sob a orientação da professora doutora Maria Cecília Perez Souza-e-Silva. Agora está cursando doutorado na PPGL-UFSCar, sob a orientação do professor doutor Roberto Leiser Baronas, no LEEDIM e está pesquisando o papel das Inteligências Artificiais na neutralização de sentidos relacionados ao desenvolvimento econômico face à emergência climática.

E-mail: jackelinwertheimer@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2357866043854630>

ORCID: <http://lattes.cnpq.br/2357866043854630>

Juliana Chaves Farias FERREIRA

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagem e Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP). Mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH- USP). Bacharel e Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela mesma instituição. A pesquisa de doutorado objetivou investigar a manifestação da autoria no ambiente acadêmico, mais especificamente em trabalhos de conclusão de curso (TCC) feitos por alunos de graduação e sua relação com a função-autor, Foucault (1969). Atualmente, é professora do ensino fundamental da rede pública e professora universitária da rede privada de ensino.

E-mail: juliana.souza@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0463213583748565>

Kelly Cristina RUFINO

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPGFLP/USP), sob orientação da Profa. Dra. Vanessa Martins do Monte. Atualmente, realiza pesquisa sobre crítica textual, na qual analisa, sob a ótica filológica, a obra *A Cascata* de Paulo-Afonso, do poeta romântico Castro Alves. É professora de Língua Portuguesa e Orientadora Pedagógica no ensino fundamental.

E-mail: kelly.rufino@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3155850609741398>

Larissa Vieira de CERQUEIRA

Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP), sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro, linha de pesquisa Linguística Textual e Teorias do Discurso no Português, com pesquisa intitulada "Dia Internacional da mulher em discursos presidenciais: três tempos em diálogo (2014/2017/2022)", apoio CAPES. Bacharela e Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela mesma instituição (2021), com pesquisa de Iniciação Científica intitulada "Interfaces da contra-argumentação em livros didáticos das décadas de 1990 e de 2010", apoio FAPESP. Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagens, discurso e ensino (USP/CNPq).

E-mail: larissa.cerqueira@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3859083902850545>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0474-2602>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Larissa-Cerqueira-3>

Leonardo Gonçalves de LIMA

Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP). Bacharel e Licenciado em Letras (Português) pela mesma instituição (2016 e 2017). A pesquisa de mestrado busca investigar, a partir de uma ótica discursiva, qual a concepção de "pessoa" presente no Museu da Pessoa. É integrante do Grupo de Pesquisa "Práticas de leitura e escrita em português língua materna" (USP/CNPq) coordenado pelo prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa. Também é professor de Língua Portuguesa no Ensino Médio da rede privada de ensino na cidade de São Paulo.

E-mail: leonardogdelima@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3088132181056336>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2757-4170>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Leonardo-Lima-32>

Letícia MORAES

Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Geral e Semiótica da Universidade de São Paulo (DL/FFLCH/USP). Realizou estágio doutoral na Université de Liège (Bélgica). Professora adjunta no Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Paraíba (DLPL/CCHLA/UFPB), em João Pessoa-PB. A pesquisa de doutorado objetivou a investigar a(s) noção(ões) de texto e de objeto semiótico no quadro da teoria da semiótica discursiva.

E-mail: lesemiotica@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7524306126988722>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4642-5974>

ResearchGate: <http://researchgate.net/profile/Leticia-Moraes-Lima>

Lilian Barros de Abreu SILVA

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP), sob orientação do Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida. É bacharela e licenciada em Letras com habilitação em Português e Espanhol pela mesma instituição. Atualmente, realiza pesquisa sobre a transmissão do texto literário Quincas Borba, de Machado de Assis, em material didático, com financiamento da CAPES (Processo 88887.808069/2023-00).

E-mail: lilian.barros.silva@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3275513480009317>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1601-4488>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Lilian-Silva-24>

Lucas Pereira DA SILVA

Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP). É mestre pelo mesmo Programa (2022). A pesquisa de doutorado tem se voltado, a partir de um olhar intercultural, ao estudo de práticas de aconselhamentos em mídias digitais. Integra os grupos de pesquisa "Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso (ELAD)" (UESC/CNPq) e "Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC)" (USP/CNPq). É membro do "Projeto DIA - Discurso, Interação e Argumentação em Mídias Digitais" (USP).

E-mail: lucas.pereira.silva@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4328775321079431>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1670-8129>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Lucas-Da-Silva-33>

Marcos Luis Gomes MACIEL

Mestrando no PPG-LETRA (Letras Estrangeiras e Tradução), na área de concentração de Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Práticas discursivas, linguísticas e processos indenitários. A pesquisa de mestrado visa analisar notícias sobre o Brasil na Copa do Mundo de 2022 em veículos da imprensa de língua inglesa à luz da Análise do Discurso Crítica na perspectiva de Fairclough em intersecção com o pensamento do Círculo de Bakhtin. Possui graduação em Letras (Português - Inglês) pela UFRJ (2004), é professor de inglês e tradutor *free-lancer*.

E-mail: marcos.maciell@usp.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0923782836667412>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4227-0451>

Marilena Inácio de SOUZA

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2012). Realizou estágio pós-doutoral em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Campinas (2016). Professora adjunta junto à Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Tecnológicas (FALECT) da Universidade do Estado de Mato Grosso. Atualmente, ocupa a função de coordenadora do Curso de Letras - UNEMAT- Campus de Alto Araguaia, além de atuar como professora colaboradora no Programa de Mestrado em Letras- PPGLETRAS- UNEMAT-SINOP. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teorias e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa; Formação de professores; Análise de discursos midiáticos; Enunciados destacados/destacáveis; Aforização.

E-mail: marilena@unemat.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1289693953261899>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5380-0963>

Nathalia Akemi Sato MITSUNARI

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP), com período de estágio na Université Lumière Lyon 2 (unité de recherche Lettres et Civilisations Étrangères). É mestre pelo mesmo programa de pós-graduação, com extensão universitária na Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica. Integra o Grupo de Pesquisa USP/CNPq Linguagens, Discurso e Ensino. É editora de texto do periódico Linha D'Água (USP).

E-mail: nathalia.mitsunari@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3304249052164313>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1389-9337>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Nathalia-Mitsunari>

Paulo Roberto GONÇALVES-SEGUNDO

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), é professor associado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, na qual lidera o grupo de pesquisa NEAC, desenvolve investigações sobre gramática, cognição e discurso, orienta dissertações e teses, ministra aulas na graduação e pós-graduação. Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP e atuou como professor visitante na Universidade do Porto (Portugal). É coeditor da Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação e editor-chefe da Revista Linha D'Água e coordena a Licenciatura em Letras da USP.

E-mail: paulosegundo@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6353387449595467>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5592-8098>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Paulo-Goncalves-Segundo>

Raquel Lima Silva COSTA

Professora de língua portuguesa e espanhola no Instituto Federal de São Paulo (IFSP-campus Suzano). Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP), sob orientação da Profa. Dra. Claudia Rosa Riolfi. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise.

E-mail: rlsilva@ifsp.edu.br; rlsilva@usp.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7609301720405965>;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9419-8323>.

Renata de Oliveira CARREON

Pós-doutoranda em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (Labeurb/Unicamp - FAPESP processo 2021/07055-1) sob a supervisão da Profa. Dra. Cristiane Dias. É professora permanente do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) - LABJOR. É doutora (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL - CAPES) da UFSCar sob orientação do Prof. Dr. Roberto Baronas, com estágio doutoral em Buenos Aires (UBA - Argentina) com o Prof. Dr. Mariano Dagatti (CAPES/PDSE). Membro participante do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM/UFSCar) e do e-Urbano: da constitutividade do espaço urbano pelo digital (Unicamp). Desenvolve pesquisa na área de Análise do discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso político, discurso digital, fake news, populismo, campanha eleitoral e ethos.

E-mail: renatacarreon@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3874251351469772>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1945-1904>

Roberto Leiser BARONAS

Professor Titular no Departamento de Letras Universidade Federal de São Carlos. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1C. Tem experiência na área de Linguística com ênfase nos domínios da Linguística popular/Folk linguistics, da Análise do Discurso e da Filosofia da Linguística e do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística popular, análise do discurso, discurso político, discurso digital e epistemologia e história da linguística brasileira. Em 2021, juntamente com Julia Lourenço Costa, recebeu da Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN, o Prêmio Joaquim Mattoso Camara Jr. pela organização da tradução do livro Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas de autoria de Marie-Anne Paveau.

E-mail: baronas@ufscar.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4613001301744682>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>

Sandra Gomes RASQUEL

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP). É mestre pelo mesmo Programa (2021). A pesquisa de doutorado objetiva investigar a formação e a dinâmica de funcionamento das alianças argumentativas em interações polilogais em comunidades virtuais. Integra o Projeto “Discurso, Interação e Argumentação em Mídias Digitais (Projeto DIA)” e o Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (NEAC)” (USP, CNPq).

E-mail: sangr@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6702365076587316>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9204-7209>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Sandra-Rasquel-2>

Sinara BERTHOLDO

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora Efetiva da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELIS/UnB) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/UnB).

E-mail: sinarabertholdo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6186490080937166>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2742-5645>

Thais Rosa VIVEIROS

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPGFLP/USP), sob orientação do Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa. É mestre pelo mesmo programa, tendo realizado pesquisa sobre autoria em redações escolares à luz da Linguística Aplicada, em uma perspectiva discursiva. Atualmente, realiza pesquisa com discursos sobre educação publicados em blogs. Também atua como professora de Língua Portuguesa no ensino básico. Integra o grupo de pesquisa "Práticas de leitura e escrita em português língua materna".

E-mail: thais.vive@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5180999703363041>

ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-1303-2816>

Viviane de Melo RESENDE

Professora associada da Universidade de Brasília. Coordenadora do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/ UnB). Presidenta da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED). Coordenadora do INCT Caleidoscópio: Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e suas Múltiplas Insurgências.

E-mail: resende.v.melo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7571778261390094>

ORCID: resende.v.melo@gmail.com

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Viviane-Resende>

Viviane Mendes LEITE

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPG-FLP/USP), na linha de pesquisa Linguística Textual e Teorias do Discurso no Português, com apoio CAPES. Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletas/USP). Integrante do GP/CNPq/USP Linguagens, discurso e ensino. Pesquisa narrativas juvenis contemporâneas sobre migrantes e refugiados, na perspectiva dialógica. Professora efetiva na Escola Municipal "Professor Cid Chiarelli", da Fundação Educacional Guaçuana.

E-mail: mendesviviane82@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6858320997853849>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5073-6743>

Winola WEISS

Professora da rede pública da cidade de São Paulo e doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (PPGFLP/USP), sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves-Segundo. Defendeu a dissertação de mestrado no mesmo programa, com a proposição da Movimentação Epistêmico-Axiológica enquanto construto teórico-metodológico para a análise discursivo-argumentativa da gestão do dissenso. Atualmente, realiza pesquisa a respeito do ensino de Argumentação no âmbito da Educação Popular.

E-mail: winola.weiss@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1250871284544883>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1356-1515>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Winola-Weiss>